

UNIVERSIDADE DE LISBOA
FACULDADE DE LETRAS



A GUERRA SERTORIANA
(80 – 72 a.C.)

Pedro Miguel Boto Ferreira Pinto

Orientador: Professor Doutor Amílcar Manuel Ribeiro Guerra

Tese especialmente elaborada para obtenção do grau de Doutor em História, no ramo de História, especialidade de História Antiga.

2017

UNIVERSIDADE DE LISBOA
FACULDADE DE LETRAS



A GUERRA SERTORIANA
(80 – 72 a.C.)

Pedro Miguel Boto Ferreira Pinto

Orientador: Professor Doutor Amílcar Manuel Ribeiro Guerra

Tese especialmente elaborada para obtenção do grau de Doutor em História, no ramo de História, especialidade de História Antiga.

Júri:

Presidente: Doutor António Adriano de Ascensão Pires Ventura, Professor Catedrático e Director da Área de História, da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.

Vogais:

Doutor José Luís Lopes Brandão, Professor Associado da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra;

Doutor Rui Manuel Lopes de Sousa Morais, Professor Auxiliar com Agregação da Faculdade de Letras da Universidade do Porto;

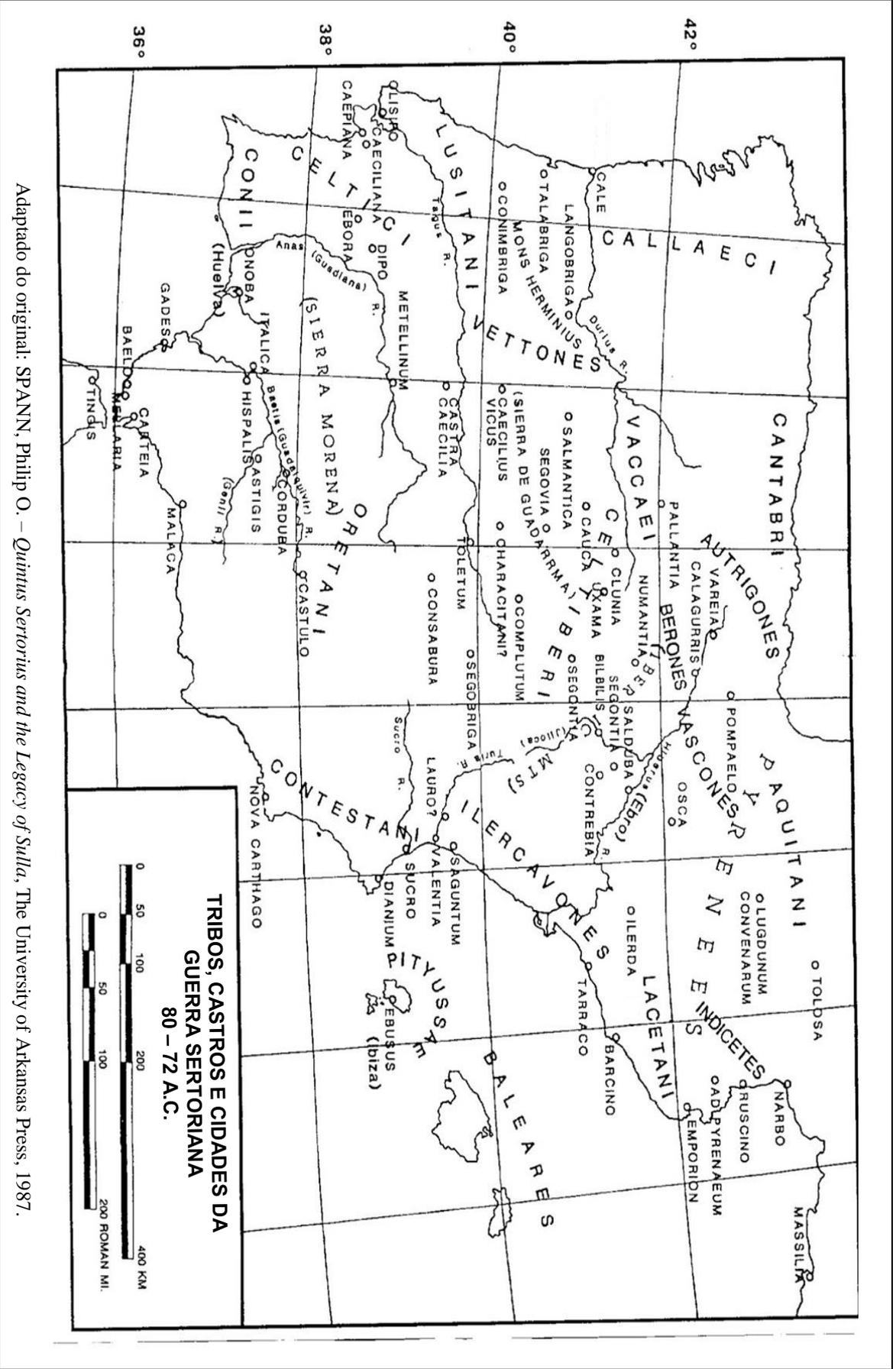
Doutor Carlos Jorge Gonçalves Soares Fabião, Professor Associado da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa;

Doutor Amílcar Manuel Ribeiro Guerra, Professor Associado da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, orientador;

Doutor Rodrigo Miguel Correia Furtado, Professor Auxiliar com Agregação da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa;

Doutor José Manuel Henriques Varandas, Professor Auxiliar da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa;

Doutor Nuno Manuel Simões Rodrigues, Professor Auxiliar da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.



Adaptado do original: SPANN, Philip O. — *Quintus Sertorius and the Legacy of Sulla*, The University of Arkansas Press, 1987.

Legenda Cartográfica.

-  Área de reunião/base operacional/centro logístico *popular*.
-  Área de reunião/base operacional/centro logístico *conservador*.
-  Área conjurada de influência *popular*.
-  Área conjurada de influência *conservadora*.
-  Assédio a praça.
-  Local de Batalha.
-  Ligação logística *popular*.
-  Ligação logística *conservadora*.
-  Avanço de forças *populares*.
-  Avanço de forças *conservadoras*.
-  Retirada de forças *populares*.
-  Retirada de forças *conservadoras*.
-  Hipotético vector de deslocação de forças *populares*.
-  Hipotético vector de deslocação de forças *conservadoras*.
-  Área operacional *popular*.
-  Área operacional *conservadora*.



Área de confrontação.



Vector de deslocação de forças navais *populares*.



Vector de deslocação de forças navais *conservadoras*.

RESUMO:

A presente tese de doutoramento propõe-se abordar o conflito militar conhecido por Guerra Sertoriana, decorrido entre os anos de 80 a.C. e 72 a.C.¹. Partindo da reanálise das fontes literárias e sua conjugação com a recolha de alguns dos mais recentes avanços arqueológicos, este trabalho procurará contribuir para esclarecer as múltiplas questões deixadas em aberto sobre o domínio em estudo. Dando continuidade às variadas perspectivas historiográficas que se têm sucedido e debatido no exame do conflito sertoriano, esta tese constitui uma interpretação especialmente focalizada nos aspectos relacionados com a História Militar, Política e Institucional.

A integração do leitor na temática abordada solicita um levantamento sintético da ambiência da civilização romana durante as lutas civis do século final da República aristocrática, combinada com a análise do modelo e estágio evolutivo do regime provincial estabelecido na Península Ibérica. A contextualização do assunto em estudo antes da imersão no seu conteúdo finaliza-se com o resumo do percurso biográfico do protagonista que o denomeia (Quinto Sertório), personagem histórica de importância singular pela dimensão dos seus talentos e obra, no zénite dos quais se pode reconhecer o de pioneiro da guerra de guerrilha em larga escala, enunciando os princípios hodiernos deste ramo marcial.

O domínio selecto de análise neste trabalho consiste nas tácticas, estratégias e tipologia das forças militares empregues pelos contendores. Singular destaque será conferido à criação, por Quinto Sertório, de um exército representando uma síntese entre a guerrilha indígena² e a convencional marcialidade romana. O escrutínio dos métodos utilizados para legitimar uma liderança estrangeira entre os povos hispânicos, assim como a discriminação dos motivos de cada uma das facções envolvidas no conflito, integram o complexo feixe de questões que se almeja clarificar na temática abordada. Aferir a significância da Guerra Sertoriana para a evolução histórica da Península Ibérica, do Estado Romano e do mundo Mediterrânico no seu conjunto, constitui o objectivo derradeiro da investigação desenvolvida.

¹ A precisão da cronologia do conflito envolve problemática. O ano de 72 a.C. é usualmente considerado como o término da Guerra Sertoriana por virtude do assassinio do seu protagonista e destruição da restante chefia *popular*. Contudo, a resistência obstinada de algumas praças celtíberas ao domínio da facção *conservadora*, prolonga as operações militares na Península Ibérica pelo ano subsequente.

² BOOT, Max – *Invisible Armies: An Epic History of Guerrilla Warfare from Ancient Times to the Present*, Liveright Publishing Corporation, New York, 2013, página 15.

SUMMARY:

The present doctoral thesis propounds to approach the military conflict known as Sertorian War, happened during the years of 80 BC and 72 BC. Beginning from the reanalysis of the literary sources and his conjunction with the survey of some of the more recent archeological advances, this work will try to contribute to the clearing of the multiple questions leaved in open about the domain in study. Giving continuity to the various historiography perspectives that have succeed and debated in the appreciation of the events related with the sertorian conflict, this thesis constitutes an interpretation specially focused in the aspects related with Military, Political and Institutional History.

The integration of the reader in the subject area request a synthetic survey of the roman civilization ambience during the civil struggles of the final century of the aristocratic Republic, combined with the analysis of the model and evolutionary stage of the provincial regime established in the Iberian Peninsula. The contextualization of the subject in study before the immersion in his substance his finished with the summary of the biographic course of the protagonist that name it, Quintus Sertorius, historical personality of singular importance by the dimension of his talents and *oeuvre*, in the zenith of which can be recognize the one of pioneer of the guerrilla warfare in large scale, enunciating the today principles of this martial branch.

The select domain of analysis in this work consists in the tactics, strategies and typology of the military forces employed by the contenders. Singular highlight will be conferred to the creation (by Quintus Sertorius), of an army representing a synthesis between the indigenous guerrillas with the conventional roman martial way. The scrutiny of the methods used to the legitimation of a foreign leadership between the peninsular peoples, as also the discrimination of the motives of each one of the factions involved in the conflict, integrate the complex bunch of questions that its aspired to clarify in the approached thematic. To survey the significance of the sertorian conflict to the historical evolution of the Iberian Peninsula, of the Roman State and of the Mediterranean world in his ensemble, constitutes the ultimate objective of the developed investigation.

Palavras Chave:

- Guerra Sertoriana
- Hispânia
- Roma; Lusitânia
- I a.C.
- História Militar
- História Antiga

Keywords:

- Sertorian War
- Spain
- Rome; Lusitania
- I BC.
- Military History
- Ancient History

Índice

1 – Introdução.....	13
2 – Fontes.....	17-48
2.1 – Fontes Literárias.....	17-35
2.1 - A objectividade na historiografia. As fontes escritas na História Antiga.....	17
2.1.1 – As fontes da Guerra Sertoriana.....	22-35
2.1.1.1 – Os principais autores.....	23-30
2.1.1.1.1- Salústio.....	23
2.1.1.1.2 – Tito Lívio.....	25
2.1.1.1.3 – Sexto Júlio Frontino.....	26
2.1.1.1.4 – Plutarco.....	28
2.1.1.1.5 – Apiano.....	29
2.1.1.2 – A restante tradição escrita.....	31
2.2 – Fontes Materiais.....	35-48
2.2.1 – As fontes arqueológicas.....	35
2.2.1.1 – A arqueologia do campo de batalha.....	39
2.2.2 – As fontes epigráficas e numismáticas.....	46
3 – Enquadramento.....	49-60
3.1 Síntese do evoluir histórico da civilização romana desde meados do século II a.C. até à Guerra Sertoriana.....	49-63
3.1.1 – Os factores de crise da segunda metade do século II a.C.....	49
3.1.2 - A reforma agrária dos irmãos Gracos. A cisão dentro da aristocracia dirigente romana. A constituição do movimento <i>popular</i> e <i>conservador</i>	52
3.1.3 – Os vícios da prática política do regime. A corrupção do sistema eleitoral no acesso às magistraturas. O clientelismo e outras fórmulas de vinculação pessoal e grupal.....	57
3.1.4 – Uma nova fractura dentro da elite dirigente romana: o patrício e o <i>homo novus</i>	60
3.1.5 – A ascensão de Gaio Mário. O perigo germânico. As reformas marianas. A constituição de exércitos privados.....	61
3.1.6 - A Guerra Civil em Roma entre <i>populares</i> e <i>optimates</i> . A situação na Península Ibérica aquando a chegada de Sertório com um mandato proconsular.....	64
3.2 – Hispânia: espaço de confronto. O modelo de domínio provincial romano.	
3.3 – Quinto Sertório.....	77-115
3.3.1 – A apreciação do homem e da obra.....	78-82
3.3.1.1 – Sertório e a historiografia.....	78
3.3.1.2 – As características e aptidões pessoais. O guerreiro, oficial e estadista.	
3.3.2 - O percurso biográfico de Quinto Sertório.....	89-115

4 - A Guerra Sertoriana.....	121
4.1 – O ano de 80 a.C.....	121-179
4.1.1 – Os Lusitanos convidam Sertório para liderar a resistência contra Roma. O começo da Guerra Sertoriana.....	121
4.1.2 – A travessia do Estreito de Gibraltar. Batalha naval de Mellaria.....	127
4.1.3 – O desembarque de Sertório na Península. O apoio inicial dos Lusitanos.	
4.1.4 – Sertório derrota Fufídio no rio Guadalquivir.....	132
4.1.5 – A Lusitânia.....	136
4.1.5.1 – A geografia da Lusitânia.....	145
4.1.5.2 – O guerreiro lusitano: o armamento, a guerra de guerrilha.....	150
4.1.6 – O apoio nativo à causa sertoriana. A legitimação de Sertório diante dos Lusitanos. O líder carismático e guerrilheiro.....	161
4.1.7 – O uso da religião: a corça branca, a associação com a deusa Diana, a adivinhação.....	165
4.2 – A campanha de 79-78 a.C.....	185-232
4.2.1 – A reacção oligárquica. Quinto Cecílio Metelo Pio.....	185
4.2.2 – As operações iniciais de Metelo Pio. O avanço até ao Guadiana.....	188
4.2.3 – A destruição das legiões de Domício e Tório Balbo no rio Guadiana..	192
4.2.4 – O avanço de Metelo Pio pela Lusitânia.....	200
4.2.5 – A reacção lusitana. A guerra de guerrilha.....	212
4.2.6 – O assédio de Langobriga. Aquino é emboscado e derrotado por Sertório. A retirada de Metelo Pio para a Turdetânia.....	224
4.2.7 – A iniciativa de Hirtuleio na Hispânia central e oriental. A chegada de Lúcio Mânlio. A batalha de Ilerda.....	227
4.3 - O ano de 77 a.C.....	231-280
4.3.1 – A expansão do domínio sertoriano na Celtibéria e Província Citerior. Da guerra de guerrilha para a guerra convencional.....	231
4.3.2 – A doutrinação da juventude hispânica.....	238
4.3.3 – A guarda pessoal sertoriana.....	241
4.3.4 – A marcha de Sertório até ao nordeste hispânico.....	243-272
4.3.4.1 – A geografia da Meseta. O modelo do governo romano no centro peninsular.....	243
4.3.4.2 – A sujeição dos povos celtiberos à causa sertoriana.....	249
4.3.4.3 - A conquista da Província Citerior.....	254
4.3.5.1 – Os acontecimentos na Itália entre os anos de 80 a.C. e 77 a.C.....	262
4.3.5.2 - A reunião das forças <i>populares</i> na Hispânia. O Estado de Osca.....	269
4.3.5.3 – O comando extraordinário de Gneu Pompeio. A chegada de um novo exército <i>conservador</i> à Península Ibérica.....	277
4.4 – O ano de 76 a.C.....	284-315
4.4.1 – A distribuição das forças <i>populares</i>	284
4.4.2 – A campanha de Sertório contra os Berones e Autrigones.....	293
4.4.3 – A luta entre as facções romanas pelo apoio nativo. O avanço de Pompeio entre os rios Ebro e Túria.....	295
4.4.4 – A emboscada da legião proquestor Décimo Lélvio. A batalha de Lauro...	

4.4.5 – A frente Andaluza. A batalha de Itálica.....	316
4.4.6 – A frente marítima. A ocupação de Cartago Nova por Mémio, questor De Pompeio. O restabelecimento das comunicações entre os procônsules romanos. Metelo Pio recebe provisões da Gália.....	320
4.5 – O ano de 75 a.C.	325-373
4.5.1 – A ofensiva de Metelo Pio contra Lúcio Hirtuleio. A batalha de Segóvia.	
4.5.2 – A frente levantina. A ofensiva de Pompeio Magno sobre o vale do Túria. A batalha de <i>Valentia</i> . A batalha do rio Sucro.....	333
4.5.3 – A batalha de Segôncia.....	347
4.5.4 – Operações na Celtibéria. O assédio de Clúnia. O retorno à guerra de guerrilha.....	358
4.5.5 - Contactos diplomáticos entre Sertório e Mitridates VI Eupator, rei do Ponto.....	363
4.5.6 – A mutação do regime sulano.....	369
4.6 – O ano de 74 a.C.	374-383
4.6.1 – A estratégia sertoriana durante os anos conclusivos da guerra. O disseminar da deserção e as divergências entre os elementos compondo o colectivo sertoriano.....	374
4.6.2 - A mudança do centro de gravidade da guerra para o norte da Hispânia. O assédio de <i>Palentia</i> e de <i>Calagurris</i>	377
4.7 – O ano de 73 a.C.	384-383
4.7.1 – A consolidação dos ganhos <i>conservadores</i> . A expulsão do poder sertoriano da Celtibéria.....	384
4.7.2 – O colapso da aliança em torno da causa sertoriana. Os conflitos na cúpula decisória <i>popular</i> . O massacre dos reféns em Osca.....	389
4.8 - Os anos de 72-71 a.C.	391-397
4.8.1 – As últimas operações militares de Sertório no vale do Ebro. A conspiração dos oficiais <i>populares</i> e o assassinio de Sertório.....	391
4.8.2 – A elevação de Perpenna Veientão ao comando das forças militares do Estado de Osca. A derrota frente a Pompeio e o colapso da causa <i>popular</i> na Hispânia.....	396
4.8.3 – A submissão das últimas praças insurgentes. A conquista definitiva da Celtibéria por Pompeio e constituição do seu domínio clientelar na Hispânia.	
5 - Considerações Finais	407-411
Fontes	413-415
Bibliografia Seleccionada	417-433

1 – Introdução.

A presente tese de doutoramento propõe-se abordar o conflito militar conhecido por Guerra Sertoriana, episódio integrante das crises civis do último século da República aristocrática romana, que decorre na Península Ibérica entre os anos de 80 a.C. e 72 a.C.. Não obstante a mencionada incidência geográfica, a apreciação das suas causas, evoluir e consequências, extravasa o estrito domínio da história da Hispânia Antiga, para se conectar com a definição do destino da própria Cidade Eterna. No decurso do período cronológico referido, o ocidente ibérico abandona uma condição geográfica periférica, para adquirir o estatuto de centro de gravidade do processo histórico da bacia do Mediterrâneo, motivo porque se pode atribuir singular importância ao tema em estudo.

Convergindo, na Península Ibérica, a disputa pelo poder sobre a romanidade entre as facções políticas que ocasionam o ciclo de conflagração interna, o formato do governo colonial, assim como a descrição da geografia física e humana do espaço hispânico, serão objecto de especial enfoque no enquadramento planeado. Entre o escrutínio das perspectivas e projectos dos múltiplos intervenientes no supracitado conflito, um destaque será conferido ao seu protagonista (Quinto Sertório), principiando com uma aproximação de índole biográfica.

No ponto capitular consagrado à análise da Guerra Sertoriana, uma orientação de base diacrónica colige os principais episódios militares com temáticas que suplantam a história do tempo breve pelo seu conteúdo estruturante. O resultado em perspectiva consiste num estudo onde o singelo encadeamento factual se enriquece com planos de enfoque reunindo diversos domínios do saber, menos definidos pela cronologia do que o clássico modelo político-militar.

O investimento historiográfico especializado sobre Sertório e a guerra que denomina inicia-se com a magna obra biográfica³ de Adolf Schulten⁴, emérito professor da Universidade de Erlangen-Núremberg. Produto de uma devoção apaixonada à figura do grande sabino, o autor percorreu os espaços da Península Ibérica onde terão ocorrido os principais episódios do conflito que abordamos nesta tese. A reconstrução histórica empreendida por Schulten, distingue-se tanto pelo afinco na pesquisa das fontes literárias e materiais, como pelo voluntarismo em preencher as lacunas com dados que

³ SCHULTEN, Adolf – *Sertorio*, Casa Editorial Estudio, Barcelona, 1914.

⁴ 1870-1960.

nos merecem menor confiança na autenticidade. Escorreita na escrita e admirável na grandeza do seu conteúdo, a obra consagrada a Sertório consiste no clássico que inspirou os futuros estudos.

Contudo, o trabalho pioneiro de Schulten destaca-se de um unívoco propósito escolástico, pela forma apologética com que nos apresenta a personalidade biografada, fruto conjunto do fascínio do próprio autor e seu desejo de a divulgar por um público ainda relativamente absorto da vida e obra de Sertório. A tradição historiográfica que se sucedeu a esta primeira análise tem vindo a corrigir algumas das ilações que claramente se atribuem à intencionalidade de enaltecer o valor do caudilho *popular*, a par da reconstrução de eventos militares suportados por atribuições de registos arqueológicos e topográficos sem consistência comprovada. Na quase centúria que separa a publicação do professor de Erlangen até à hodierna data, têm-se avolumado trabalhos especializados sobre temáticas integradas na Guerra Sertoriana, em adição a obras maiores cuja identificação e características cumpre enunciar.

No ano de 1987, Philip Spann publicou: *Quintus Sertorius and the Legacy of Sulla*⁵, comumente considerada como a referência historiográfica sobre a temática desta tese. Notável estudo na qualidade da sua redacção e compreensão dos eventos para além do que transmitem as fontes primárias, consagra especial enfoque ao domínio institucional e militar, aproximação que também se favorece na presente análise.

No voltar da década de oitenta, García Morá, professor de Alicante, agradeceu o universo académico peninsular com uma tese de doutoramento dedicada a Quinto Sertório⁶, pouco tempo após editada para o grande público. Uma sucessão de trabalhos de investigação sobre temáticas integrando o âmbito da sua obra magna, foram sendo regularmente apresentados por este autor ao longo dos anos. A dissertação doutoral avalia com minúcia cada etapa da vida do sabino, tentando preencher as omissões nas fontes primárias. Em particular nos anos que precedem a guerra na Península Ibérica, sobre a qual os dados biográficos que possuímos são escassos, um levantamento de base etnográfica é o meio elegido de exame. O resultado alcançado consiste na mais completa apreensão que possuímos sobre o percurso histórico que se escrutina ou admite sobre o protagonista do conflito abordado.

Fruto de uma análise conscienciosa das fontes primárias conjugada com uma extensiva recolha da produção bibliográfica, a obra *Plutarch's Sertorius. A Historical*

⁵ SPANN, Philip O. – *Quintus Sertorius and the Legacy of Sulla*, The University of Arkansas Press, 1987.

⁶ GARCÍA MORÁ, Félix – *Quinto Sertorio*, Tesis doctorales, Universidade de Granada, Granada, 1990.

*Commentary*⁷ de Cristoph Konrad, complementa, pela sua solidez escolástica, a criatividade das hipóteses avançadas no título enunciado de Spann que, neste estudo sucedâneo, é sujeito a frequente apreciação crítica. Menos apta a agradar a um público externo aos círculos académicos devido ao decalque puramente analítico, o contributo de Konrad representa o paradigma da rigorosa pesquisa das fontes disponíveis e averiguação da consistência das ilações propostas pela autoria moderna sobre o que nos chegou do substrato histórico.

No seu conjunto, representam estes títulos enunciados uma sólida base de apoio para a presente tese, tanto pela sua qualidade intrínseca como pelo complemento na diversidade de aproximações. Cumpre, por conseguinte, à realização deste trabalho, honrar o legado que transformou o conhecimento sobre a Guerra Sertoriana e seu protagonista, num ponto luminoso para a História da Hispânia Antiga, difundindo-o, conforme tencionado propósito, para o público português, infelizmente ainda bastante negligenciado pela produção nacional.

Para a elaboração desta tese de doutoramento contribuíram num domínio académico assim como pessoal, numerosas pessoas amigas por quem sinto profunda gratidão. Tendo coincidido no tempo com os anos de crise que, felizmente no momento em que escrevo, parece lícito antevermos que se irá atenuar até em data vindoura nela sobretudo se vislumbrar a dignidade com que um povo se bateu pelas suas vidas e destino, este trabalho constituiu, para mim, uma luz faroleira num túnel longo e penoso. Integrando o contributo para a colectividade da geração a que tenho a honra de pertencer, particularmente flagelada pelo desemprego apesar de qualificada nas diferentes áreas do saber, representa a opção pela continuidade dos estudos de forma a não se perder o rumo do seu investimento, na universidade reconhecendo já não apenas um mundo de exigência avaliativa mas de genuíno solevar do espírito.

A realização pessoal que sinto com a conclusão desta tese consiste na dávida mais preciosa das pessoas que me concederam ânimo e confiança desde que a iniciei há cerca de quatro anos. O efeito dos seus conselhos e apoio está impresso em cada uma das palavras que são apresentadas ao leitor, desejando quem escreveu apenas que possam merecer a atenção deste assim como o amparo de quem as inspirou.

Neste período suscitou-se a questão sobre se valeu a pena uma aposta geracional em estudos superiores, em particular no que concerne às Humanidades, cujo benefício

⁷ KONRAD, C. F. – *Plutarch's Sertorius. A Historical Commentary*. The University of North Carolina Press. Chapel Hill and London, 1994.

para a sociedade é por vezes menos apreendido por uma percepção exclusivamente materialista. A simples observância do mapa-mundo é esclarecedora quanto à importância da educação e do conhecimento, constituindo factores indissociáveis da qualidade de vida dos povos. O nível de literacia correlaciona-se não somente com a capacidade técnica no explorar de recursos, como garante uma mais justa distribuição da riqueza, contrariando o privilégio e abuso do poder por parte de indivíduos e grupos de interesses, através da consciencialização pública. Modelos sociais invariavelmente perniciosos mesmo quando no contexto de regimes democráticos, consistem directa consequência da falta de expressividade das ciências humanas na difusão do saber. Consiste esperança acarinhada, assim, que o êxtase que o escritor sente quando, ao fim de anos de dúvidas e magros avanços na redacção quotidiana, lega algo que transcende a importância da sua singular existência, motivo de resto para uma longa e apaixonada entrega, coincida em breve com um novo ciclo neste país, de forma que a realização pessoal encontre reciprocidade no bem-estar colectivo.

Entre as muitas pessoas que possibilitaram a realização deste trabalho, gostaria de agradecer:

- Ao meu pai e à Conceição, pelo apoio que a todos os níveis me deram.
- À minha mãe, sempre presente mesmo na ausência. A tristeza da notícia do seu falecimento dias antes da entrega desta tese é mitigada pelo reencontro com pessoas queridas, muitos anos passados.
- À querida Mónica e demais funcionárias dos Serviços Sociais, cujo amor e carinho foram preciosos.
- Ao meu estimado orientador, Professor Amílcar Guerra, por todos reconhecido como referência pelos seus valores humanos e académicos.
- Aos demais docentes da Faculdade de Letras que se envolveram na realização desta tese, concedendo-me amparo, ensino, valorização e confiança.
- Aos professores de anteriores ciclos que reconheceram na presente etapa do longo percurso realizado numa área de difícil saída profissional, uma referência para o conselho dado aos seus alunos da escolha acertada que consiste perseguirmos com afinco os nossos sonhos.
- À Carla, amiga preciosa que com amor, intuição e palavras simples clarifica o muito que desconheço.
- À minha família, amigos e colegas

2 – Fontes.

2.1 – Fontes Literárias.

2.1 - A objectividade na historiografia. As fontes escritas na História Antiga.

O estado hodierno da historiografia é assinalado pelo estilhaçar das grandes correntes doutrinárias em favor de uma abertura à universalidade de métodos de trabalho, áreas temáticas selectas e apreço intrínseco de cada estudo⁸. Corresponde este entendimento amadurecido aos axiomas de um sistema democrático assente nos benefícios da colaboração em sintonia com o valor inato de toda e cada pessoa, da importância da diversidade e unicidade individuais para a construção de uma sociedade equilibrada e harmoniosa, de uma contínua melhoria mediante uma interacção de contributos singulares e esforços colectivos.

Com um estatuto inferior ao do cientista dos factos pretéritos⁹ reivindicado por Leopold van Ranke, mas com legítimas pretensões a destacar-se da mera ficção literária a que o reduziu o relativismo pós-moderno¹⁰, o historiador é comumente perspectivado como um agente de uma disciplina científica que procura contribuir para o acréscimo da sapiência sobre o passado humano. Através de uma rigorosa aplicação do método histórico, abertura do campo de análise à multidisciplinaridade, compreensão das causas e consequências de acontecimentos, destrição dos motivos associados ao agir de colectividades e indivíduos, pode o historiador propor-se a retirar ilações que ajudem a iluminar a informação contida nos vestígios de épocas transactas, chegadas até nós por resistência à erosão do tempo. As capacidades de interpolar e extrapolar dados, reconhecer padrões entre fenómenos, recuperar detalhes do saber adquirido para incidilos sobre um assunto em análise, compreender os eventos na sua dimensão temporal, espacial e contextual, integram a colecta de ferramentas do analista na sua labuta.

Limitado assim como recomendado pelos seus ideais, experiências, talento, inteligência, conhecimento, tempo disponível e acesso à informação, a perspectiva de

⁸ TORGAL, Luís Reis – “Nota de Apresentação”, in *História de Portugal em Datas*, Círculo de Leitores, Coimbra, 1994, página 5.

⁹ MARROU, H. I. – *Do Conhecimento Histórico*, 3ª Edição, Editorial Aster, Lisboa, 1974, página 46.

¹⁰ Na senda do célebre e polémica obra epistemológica de Paul Veyne, renomeado classicista: VEYNE, Paul - *Como se escreve a História*, Edições 70, Lisboa, 1971.

Ver: MUNSLOW, Alan – *Deconstructing History*, Routledge, London, 2006 ; JENKINS, Keith – *Re-thinking History*, Routledge, London and New York, 1991.

um historiador dissocia-se da objectividade científica, para sobretudo consistir num contributo para a armazenagem de conhecimento colectivo sobre cada tema. Entre os pólos da especulação e da certeza, discrimina-se a hipótese fundamentada como o produto que constitui o sereno propósito da investigação dos acontecimentos transactos.

Ao invés de reduzir a História na sua significância, a ausência de uma sólida perspectiva de resolução dos enigmas que o passado nos coloca, garante a democrática abertura a novas perspectivas de estudo e o conseqüente enriquecimento da nossa sapiência. A contínua adição de pontos de vista produz não somente uma expansão horizontal da abrangência do saber, como nos aproxima de uma mais apurada precisão na avaliação histórica. Como Jacques Le Goff o coloca, “a objectividade histórica – objectivo ambicioso – constrói-se pouco a pouco através de revisões incessantes do trabalho histórico, laboriosas verificações sucessivas e acumulação de verdades parciais.”¹¹

Os livros escritos por historiadores não reproduzem os eventos volvidos, limitando-se a interpretar o passado a partir de juízos contestáveis. A apreciação humana é sempre uma perspectiva dependente do ponto de onde se observa. Apesar do exame do analista histórico pressupor uma destreza relativamente ao simples especular, o produto do seu labor nunca constitui o reflexo fidedigno dos factos transactos. O critério pragmático para a mensura social do valor de um determinado estudo discorre da capacidade do autor em persuadir um público alargado ou particularmente qualificado, a compartilhar dos seus argumentos¹².

A avaliação cognitiva da realidade compreende uma complexa interacção entre a percepção do meio, as capacidades de raciocínio e as memórias de experiências passadas, de forma que as interrogações que o historiador coloca ao documento e o contexto em que o insere, subentendem um forte grau de subjectividade de análise. O sujeito da produção historiográfica não é, assim, imune às sensações que as fontes lhe transmitem, inevitavelmente variando consoante a natureza e as referências de cada um e de cada qual. O enriquecimento da produção historiográfica estabelece-se a partir do multiplicar de perspectivas, na medida em que a contribuição de cada historiador acrescenta, à sapiência colectiva, o seu próprio universo de juízos de valor.

¹¹ LE GOFF, Jacques, *História e Memória*, Edições 70, Lisboa, 2000, página 26.

¹² ANKERSMIT, F. R. – *Narrative logic. A Semantic Analysis of the Historian's Language*, Martinus Nijhoff Publishers. The Hague/Boston/London, 1983, páginas 13-14.

Podemos considerar, portanto, que o derradeiro provento da História consiste na sua abertura a novos ângulos de observância através da agremiação de hipóteses fundamentadas, defunta que está a ambição historicista-positivista de atingirmos a verdade analítica, quando esta irremediavelmente se contradiz com a imperfeição do ser humano e peculiaridade de todo o modo de pensamento.

A imersão no mundo antigo faz-se por via indirecta e sempre em íntima relação com o que o relator nos diz. O produto da nossa investigação é influenciado pelos preconceitos subjacentes ao documento escrito que avaliamos, à mundividência do autor clássico, às necessidades práticas que o conectam com a comunidade a que se dirige. Não apenas o agente histórico está condicionado pelas limitações humanas que maculam a pureza do registo de cada acontecimento, como os seus propósitos nem sempre são íntegros, por vezes manipulando a informação para induzir em erro a posteridade.

Contudo, independentemente do debate teórico que pode envolver a apreciação da validade das fontes primárias, a prática quotidiana do analista do passado tem de, fatalmente, escorar-se na informação legada pela autoria ancestral, sob a penalização de trocarmos uma realização limitada e defeituosa de historiografia¹³, por um vazio conseqüente da rasura da fracção de dados que nos chega sobre o passado. Frente ao hipercriticismo que concebe a tradição literária como inerentemente fictícia ou enganosa, poderemos reconhecer maior proveito para a História, num acolhimento apreciador do legado que nos é transmitido, capaz de fazer incidir um exame ajustado a cada caso de estudo concreto, discriminando os elementos dubitáveis daqueles que nos merecem maior crédito. A ciente argúcia do analista mensura-se melhor no esforço para averiguar o grau de validade da informação em bruto que nos chega a partir da fonte, do que numa liminar refutação do seu conteúdo, por regra da expansão das dúvidas legítimas que nos merecem as crónicas, até ao cepticismo doutrinário.

Uma hierarquia de graus de fidedignidade deve, portanto, ser atribuída às diferentes passagens compondo o registo literário antigo, desaconselhando rasuras draconianas ou anuências lineares. No que à História Militar diz respeito, o princípio teórico que nos é permitido instituir antes da lide com cada fragmento de informação em concreto detalhe, consiste na reincidência da distorção hiperbólica ou redudente nos elementos de natureza quantitativa¹⁴. Com frequência, contudo, não dispomos de

¹³ VEYNE, Paul - *Como se escreve a História*, Edições 70, Lisboa, 1971, página 24.

¹⁴ Oros., 4, 1 ; 4, 20.

mecanismos para uma correcção criteriosa das cifras mencionadas pelas fontes que nos suscitam maior cepticismo.

O percurso de dois milénios de aprendizagem a todos os níveis consumado pela prática historiográfica, coloca em confronto a elementaridade e os defeitos do depoimento antigo com os méritos da produção hodierna, comumente sujeita ao debate, revisão e crítica atenta por parte do universo académico. Não obstante, o respeito devido aos autores clássicos emana do reconhecimento de que a sua narrativa constitui um elemento essencial para a nossa investigação.

Um dos aspectos que devemos ter sempre em mente quando procedemos à tentativa de apurar a autenticidade dos testemunhos de que dispomos para o estudo da História Antiga, consiste no facto de estes provirem, exclusivamente, da lavra de historiadores romanos ou afectos à romanidade não tendo legado, os povos em contenda com a Cidade Eterna, a sua própria versão dos acontecimentos¹⁵. O protagonismo que Roma assume na historiografia antiga e o rotineiro beneplácito com que é avaliada a sua actuação, constitui a consequência natural da estima que lhe guarda a sua prol. A admiração pela civilização romana, o reconhecimento que as suas conquistas e a regência que exerce sobre o Mediterrâneo lhes foram facultadas pelo engenho em erigir sólidas instituições políticas e marciais, é transversal à autoria coeva¹⁶.

As limitações das fontes primárias não deixam, por conseguinte, de constituir um elemento sensível para o apuramento da validade das ilações retiradas a partir da sua lide. Os paradigmas que presidem à formulação da metodologia historicista que constituem ainda o fio-de-prumo para o nosso labor, no contexto dos quais se define a função objectiva da História como rigorosamente escrutinadora dos eventos passados, estão ausentes da tomada de consciência da esmagadora maioria dos intérpretes clássicos. Apenas Políbio, na senda de Tucídides, se empenha na demonstração das superiores virtudes de uma explanação assente na documentação autenticada, análise racional, crítica imparcial da conduta humana e criterioso cômputo da causalidade histórica.

Vários elementos acentuam a discrepância entre a tradição escrita antiga e a que intentamos produzir nos nossos dias: por via dos princípios e procedimentos da metodologia histórica, almeja o investigador hodierno esbater a ficção, generalização,

¹⁵ OGILVIE, R. M. ; DRUMMOND, A. – “Sources for Early Roman History” in *The Cambridge Ancient History. VII. Part 2. The Rise of Rome to 220 BC*, WALBANK, F.W.; ASTIN, A.E.; FREDERIKSEN, M.W (Eds.), Cambridge, 1990, página 1.

¹⁶ ALBERTINI, Eugene - *L'empire Romain*, Presses universitaires de France, Paris, 1970, página 13.

mistificação, efabulação¹⁷ e contexto ético-trágico¹⁸ que predominam no depoimento de época. Um ensaio moralista no contexto do qual as acções individuais e colectivas são avaliadas como lições que devem doutrinar o comportamento do leitor, consiste numa vulgaridade no concebimento redaccional da Era clássica. Das grandes contribuições para o dilatar do espectro do estudo do passado que atribuímos ao surgimento da Escola dos *Annales*, encontra-se a autoria da Antiguidade naturalmente alheada, focalizando a sua análise na cúpula do exercício do poder, habitáculo das grandes individualidades cujos empreendimentos afectam de forma determinante a vida das massas mais incógnitas e indiferenciadas do tecido social. A História deste período assim como, de resto, aquela que continua a ser produzida até ao ocaso do domínio da tradição positivista-historicista consiste, sobretudo, na narrativa da actuação das elites.

O trâmite entre o redactor e as forças vivas de uma colectividade é sobretudo património dos tratados da geografia humana, comumente sujeitos a equívocos e vícios, entre os quais se destacam os estereótipos atribuídos ao estrangeiro na perspectiva greco-latina¹⁹. Na caracterização do hispânico, em particular, merece-nos considerável cepticismo o exagero pictórico com que, no relato da autoria antiga, se acentuam os traços de bandoleirismo, ferocidade congénita e anarquia regimental do inimigo incivilizado da romanidade²⁰.

A importância do relato ancestral contrapõe-se à legítima renitência a anuirmos de forma automática ao conteúdo da informação transmitida. Não obstante, dificilmente se pode justificar a atribuição de um anátoma de falsidade à crónica antiga sem uma caída em perniciosas generalizações e juízos de valor. Um encadeamento de elementos narrativos dubitáveis com outros de credibilidade histórica mais sólida, constitui a regra no testemunho literário, demovendo-nos de uma aceitação acrítica assim como de uma censura sem fundamento da fonte primária. Parte essencial do trabalho do analista consiste na intrincada demanda de separar estas tonalidades mescladas de informação de diferente crédito.

Nenhuma sistematização teórica pode ser utilizada para distinguir o núcleo duro compreendendo o facto do inerente juízo sobre o mesmo por parte do autor de época. A subjectividade intrínseca dessa análise condimenta-se com a frequente consciência

¹⁷ OGILVIE, R. M. ; DRUMMOND, A., *op. cit.*, pagina 25.

¹⁸ VAN SETERS, John - *In Search of History. Historiography in the Ancient World and the Origins of Biblical History*, Eisenbrauns, Winona Lake (IN), 1997, página 5.

¹⁹ CLARKE, Katherine – *Between Geography and History. Hellenistic Constructions of the Roman World*, Clarendon Press, Oxford, 2000.

²⁰ RIVIÈRE, Claude – *Introdução à Antropologia*, Edições 70, Lisboa, 1995, páginas 13-14.

prática de que o reconhecimento social, pelo seu trabalho, provém mais expressamente do agrado pela informação prestada do que no seu rigor escolástico. Não obstante, subsistem crónicas que constituem exemplos paradigmáticos de vigência dos preceitos estruturantes da metodologia contemporânea.

Podem-se, desta forma, discriminar duas tradições, apesar da sua polaridade não dever ser excessivamente acentuada: autores como Tito Lívio que visam claramente dirigir-se ao encontro da simpatia das suas respectivas audiências com uma narrativa de carácter patriótico e heróico, contrapõem-se a verdadeiros analistas como Tucídides e Políbio, que se empenham em escrutinar os motivos profundos dos acontecimentos históricos.

Um dos usuais critérios para a mensura da validade de uma informação legada pela autoria antiga consiste na credibilidade do narrador. Contudo, a generalização preconceituosa de uma atitude anuente ou céptica com que abordamos uma determinada fonte pode, igualmente, induzir-nos ao erro pelas excepções que se intercalam na linearidade das normativas.

A segunda convenção para o aceitar de uma determinada ocorrência histórica, consiste na pluralidade das suas menções. Apesar do carácter aparentemente razoável deste critério, convém não olvidar que os autores antigos se apoiam, com frequência, nos escritos passados a que tiveram acesso, consistindo o seu trabalho numa glosa entre informações recolhidas a partir de várias proveniências e o produto da sua própria avaliação.

A simples crítica textual é, com frequência, insuficiente para nos esclarecer quanto à validade histórica da informação presente nas fontes primárias, variando apreciavelmente entre analistas, de forma a concretizar-se sobretudo numa interpretação. Subentendem as dubiedades inerentes ao registo escrito que a Arqueologia deva constituir parte integrante de um processo metodológico capaz de inferir no apuramento dos factos. Consideram mesmo alguns autores que qualquer anuência à informação contida na literatura antiga exija o suporte do testemunho material. Contudo, os próprios limites subjacentes às “ciências auxiliares” da História, acarretam que este requerimento confine, de forma significativa, o âmbito da aceitabilidade do registo presente nas crónicas.

Não obstante o benefício que pode advir da expansão dos métodos de trabalho do analista do nosso tempo, as fontes narrativas continuam a estabelecer-se como um substrato indispensável para nos facultar a construção de um determinado enredo

histórico. A interiorização das insuficiências da História Antiga resulta, em larga medida, da nossa considerável dependência relativamente ao legado escrito, providenciando as interrogações que lhes possamos colocar, maior contribuição para a problemática do que uma resolução para as dúvidas que a crónica nos suscita.

2.1.1 – As fontes da Guerra Sertoriana.

A elaboração da presente tese de doutoramento coloca-nos na obrigatoriedade de reunir uma amálgama de referências epocais sobre a Guerra Sertoriana. Mais intrincada ainda do que a simples colecta de menções dispersas por parte de uma multiplicidade de autores e obras de variável dimensão e distinto tema, consiste a tarefa de conferir um sentido lógico integrado nesta assembleia de informações. Para este efeito, o critério cronológico consiste no usual método de organização de dados; contudo, a frequente inexistência de datação específica, força-nos a distribuir as referências presentes nas fontes primárias por balizas temporais de acordo com estimativas. O estudo que se apresenta tem derradeiramente, como objectivo, desenvolver uma narrativa capaz de oferecer harmonia e coerência a uma matéria-prima imersa na fragmentação e descontinuidade. Neste capítulo, salientaremos o contexto da produção literária por parte dos autores de época de maior importância para o nosso conhecimento sobre o tema em análise, acrescido de uma enunciação de outros contributos.

2.1.1.1 – Os principais autores.

2.1.1.1.1 – Salústio.

Gaio Salústio Crispo (86 a.C. - 35 a.C.)²¹ é o primeiro historiador romano com monografias²² que chegaram até nós. O seu percurso biográfico consiste num elemento inseparável da forma como explana os acontecimentos do conflito em estudo nesta tese e avalia as personalidades que nele participaram. Tal como Sertório, um *homo novus*

²¹ Sobre as *Histórias* de Salústio Crispo ver:

- a dissertação de doutoramento de Jennifer Gerrish, disponível *online*: GERRISH, Jennifer - *Sallust's Histories and Triumviral Historiography*, University of Pennsylvania, 2012. Passagens concretas referentes à narrativa salustiana sobre Sertório e conflitos em que é protagonista situam-se no capítulo segundo da tese, entre as páginas 65-115.

- a tese de mestrado de Michael Dybic: DYBICZ, Michael Joshua – *Character in Sallust's Historiae: Sertorius, Spartacus, and Mithridates*, (Master Thesis), Cornell University, 2009.

²² *A Conjuração de Catilina e a Guerra de Jugurta*.

natural da Sabina, Salústio adere à facção *popular* e assume um comando militar em defesa da causa cesariana no decurso da guerra civil de 49-45 a.C.. A estima das informações que nos presta sobre o conflito sertoriano não pode, por isso, ignorar a simpatia do autor por um dos contendores. As afinidades com a proveniência, percurso de vida e militância política de Sertório, estão subjacentes nas várias passagens onde se enaltecem os seus méritos²³.

Em contrapartida, o antagonismo pessoal e político em relação aos representantes do movimento *conservador* evidencia-se, em particular, no retrato que nos esboça de Pompeio Magno, nomeadamente na carta por este enviada ao Senado em 75 a.C.²⁴, na qual patenteia grande desrespeito pela soberania desta entidade, deixando a suspeita de uma importante adulteração, por parte do historiador, do conteúdo do documento que poderá, de facto, ter existido.

Tomando consciência do ambiente político em Roma nos seus anos de mocidade, que coincidem com a resistência dos resquícios dos partidários *marianos* ao regime erigido e legado por Sula, a perspectiva de Salústio é manifestamente influenciada pela proximidade com o substrato histórico abordado neste estudo. Dos principais autores da Guerra Sertoriana, é o único contemporâneo dos acontecimentos e com possibilidade prática de ter recolhido informações a partir de testemunhos directos de participantes no conflito armado.

Num plano estritamente literário, a escrita de Salústio reproduz a transmutação de valores da alta sociedade romana do seu tempo, mesclando as estruturas mentais latinas arcaicas com a adopção de elementos da cultura grega²⁵. Tal como com Tácito, a fluência da oratória atribuída a personagens históricas deixa sob suspeição um arranjo ou mesmo invento por parte do autor, ainda que uma genuína ocorrência se possa ocultar sob o invólucro retórico²⁶.

Da extensa narrativa que Salústio terá dedicado à Guerra Sertoriana, chegaram até nós apenas fragmentos, preciosos na forma como complementam a biografia plutarquiana com uma aproximação de índole historiográfica. A autoria crítica tem-se empenhado em apurar a cronologia e o contexto das passagens avulsas da obra do autor,

²³ Sall., *Hist.*, 1,77.

²⁴ Sall., *Hist.*, 2, 82.

²⁵ SYME, Sir Ronald – *Sallust*, University of California Press, Berkeley and Los Angeles, California, 2002, página 1.

²⁶ DAWSON, Doyné - *The Origins of Western Warfare. Militarism and morality in the ancient world*, Westview press, Phoenix, 1996, página 149.

fonte de prima importância para a reconstrução dos eventos que preenchem o conflito militar abordado nesta tese.

2.1.1.1.2 – Tito Lívio.

Tito Lívio (59 a.C. – 17 d.C.) é um dos mais importantes vultos da historiografia antiga, criador de uma obra monumental que permaneceu como referência paradigmática e objecto de veneração inspiradora para futuros desenvolvimentos. Produzida no momento em que a luz irradiadora do Império atinge já as fronteiras naturais do mundo mediterrâneo, a *Ab Vrbe Condita* de Tito Lívio pode ser precisada como a narrativa oficiosa da epopeia vivida pela Cidade Eterna, desde as suas míticas origens até aos alvares do Principado, pela mão de um dos seus apologistas. Contudo, se o nosso autor desenvolve grandes esforços no sentido de enfatizar a soberania dos puros valores romanos como o factor justificativo da expansão, a sofisticação estilística do seu discurso constitui o testemunho eloquente de que parte do arquétipo do rústico obstinado se dissolvera em proveito de um novo Homem, agraciado pelas perspectivas culturais e mentais consonantes com o sábio governo do mundo. Uma superior qualidade de escrita distingue, com efeito, a produção de Lívio, da rudeza da autoria latina predecessora, assinalando o momento em que a tradição historiográfica da sociedade imperial definitivamente incorpora a erudição do helenismo²⁷.

Uma das componentes angulares da historiografia romana consiste no partidarismo com que é estimado o fenómeno histórico²⁸. Favorecer o seu Estado, sobretudo numa época em que a abnegação escolástica se via tão trivialmente superada por anseios mundanos, era uma prática natural, compreensível e laureada, sendo por via dela que Tito Lívio se faz reconhecer como o *pater* da História romana. Mais do que qualquer outra coisa, apraz-lhe associar à edificação do império universal a supremacia dos preceitos civilizacionais da romanidade, firme sustentáculo para a eficiência com que, na sua reverente explanação patriótica, quase sempre opera o seu braço armado.

Outro dos elementos caracterizadores da *Ab Vrbe Condita* consiste na preocupação manifesta do autor latino em oferecer, à sua audiência, uma narrativa robustecida por uma empolgante ambiência dramática em contraponto à esterilidade do

²⁷ DAWSON, *op. cit.*, página 148.

²⁸ Roma é a heroína da epopeia liviana.

simples recitar factual²⁹. Uma ostensiva valorização dos feitos do povo romano ou, em alternativa, das ingentes dificuldades que justificam os seus temporários revezes, parece ser entendida como um condimento qualitativo da realidade subjacente, mesclando-se a ficção e a História no mesmo domínio³⁰.

Representando o ponto de vista intrinsecamente romano do conflito que fez coincidir um choque entre facções políticas com uma revolta provincial, Tito Lívio tem sido conotado como a inspiração da tradição anti-sertoriana. A aliança estabelecida por Sertório com populações bárbaras hispânicas e Mitridates VI do Ponto, são aditivos para a conclusão de que terá sido censurado pela historiografia mais patriota. Contudo, apesar de desconhecermos a maior parte do conteúdo da narrativa dedicada por Lívio à Guerra Sertoriana, o balanço do autor sobre o mérito da vida e obra do caudilho, parece mais equilibrado do que vulgarmente se lhe atribui. O seguinte passo expressa, com efeito, o reconhecimento do ulterior mérito militar de Sertório, em contraponto aos actos sanguinários que maculam o ocaso da sua vida, não diferindo, em substância, do juízo que lhe presta o próprio Plutarco³¹, pelos mesmos motivos: “*He had been a great leader and against two commanders, Pompey and Metellus, he had often been successful, although in the end, he changed into a savage and prodigal man.*”³²

Um excerto do livro XCI descoberto na Biblioteca do Vaticano em 1772 enuncia-nos a extensão da redacção dedicada por Tito Lívio à Guerra Sertoriana que, infelizmente, se perdeu. Para além deste, restam-nos apenas as referências nos seus *Periochoi*.

2.1.1.1.3 – Sexto Júlio Frontino.

Conjuntamente com Onasandro³³, Polieno³⁴ e Flávio Vegécio³⁵, Sexto Frontino (35-104 d.C.) é um dos tratadistas militares da época imperial romana cujos escritos sobreviveram à passagem do tempo. Oriundo de uma prestigiada família patrícia da ordem senatorial, a carreira de Frontino é notável pela importância dos cargos públicos que desempenhou: pretor urbano, governador da Britânia, procônsul na Ásia, membro

²⁹ DOWSON, *op. cit.*, página 148.

³⁰ DAWSON, *op. cit.*, página 148.

³¹ Plut., *Vit., Sert.*, 10, 3-4.

³² Livy, *Epit., Per.*, 96, Jona Lendering (trans.), *Livius Articles on Ancient History*, Livius.org, 2009.

³³ Filósofo grego que viveu durante o século I d.C., autor da obra *Strategikos*.

³⁴ Autor nascido na Macedónia, autor da obra *Strategemata*, escrita no século II d.C..

³⁵ Tratadista militar que viveu durante o século IV d.C., autor da obra *De Re Militari*.

do Colégio dos Áugures, cônsul por três ocasiões, *curator aquarum* (comissário das águas) de Roma³⁶. Terá escrito os seus *Estratagemas* entre os anos de 84 e 96 d.C.³⁷, obra que selecciona episódios históricos da guerra no mundo greco-romano cujo emprego de procedimentos arditos por parte de um comandante implicou consequências notáveis para uma evolução ou desenlace operativo. Com estes exemplos paradigmáticos, intenta Frontino doutrinar a sua audiência com a gnose que lhe poderá ser útil em circunstâncias análogas às das ocorrências passadas.

De formato distinto do *Compêndio da Arte Militar* de Flávio Vegécio, verdadeiro manual de instrução sobre múltiplos domínios da ciência bélica, como a equipagem, treino, estrutura e doutrina de comando, logística, engenharia, disposição de forças, tácticas de batalha, entre vários outros, os *Estratagemas* de Frontino ocupam-se, justamente, do âmbito da guerra concernendo ao uso prático do embuste. Configura uma sucessão de casos concretos em que um comandante obteve um benefício, seja na montagem ou atracção de um inimigo para uma emboscada, no assegurar de uma fuga, em desmoralizar ou galvanizar tropas, manipular percepções e intuítos, usar o meio ambiente em seu favor, prevenir-se de um perigo, em suma, alterar as circunstâncias da luta através do uso de métodos astuciosos.

Não surpreende, por conseguinte, que o conflito sertoriano consista numa rica fonte para estes exemplos devido à predominância da guerra de guerrilha, ao impacto do âmbito geográfico sobre o belicismo, ao talento de alguns dos seus intervenientes na aplicação de artifícios³⁸. Entre as anuências de Frontino, destaca-se a extensa narrativa dedicada à batalha de Lauro, por motivo da sucessão de estratagemas que, no seu decurso, utiliza Sertório de forma a vencer o jovem Pompeio com a arte de um ilusionista sobre um público atónito.

O valor desta fonte escrita para o conhecimento e compreensão da Guerra Sertoriana é, todavia, restringido pela grande dificuldade em atribuir datação precisa a alguns dos episódios descritos, devido à inexistência de menções cronológicas, circunstância agravada pela descontinuidade e desarranjo temporal que acarreta uma organização puramente temática³⁹.

³⁶ FRONTINO, Sexto Júlio, *Estratagemas*, Miguel Mata (trad., introdução e notas), Sílabo, Lisboa, 2005.

³⁷ *Ibidem*.

³⁸ GONZÁLEZ-CONDE PUENTE, María Pilar – “Los *Domitii* de *Consabura* y una noticia de Frontino”, in *LVCENTVM*, XXXº, Universidade de Alicante, 2011, páginas 143-149, página 144.

³⁹ GONZÁLEZ-CONDE PUENTE, *op. cit.*, páginas 144-145.

2.1.1.1.4 – Plutarco.

Conjuntamente com os *Historiarum Fragmenta* de Salústio Crispo, *A Vida de Sertório* e *A Vida de Pompeio* de Plutarco (45 d.C. – 120 d.C.) são as mais importantes referências de época para a matéria em análise. Proveniente de uma abastada e distinta família residente na cidade de Queroneia na região da Beócia, pôde este autor dotar-se com uma esmerada educação na célebre Academia de Atenas sob o ensinamento do sábio filósofo neoplatónico Amónio.

A riqueza fundiária da sua família permitiu-lhe complementar a aprendizagem teórica com a experiência sobre o funcionamento da vida real mediante viagens pelo mundo mediterrânico, incluindo as principais urbanizações da Grécia e da Ásia Menor, assim como as metrópoles de Alexandria e Roma. Obtido o patrocínio para a cidadania romana por via dos seus contactos com influentes homens de Estado, Plutarco fixou-se definitivamente na sua cidade de origem para se dedicar à escrita. Entre as várias obras que escreveu, as *Vidas Paralelas* consistem em vinte e três pares de biografias comparando dois grandes homens em função das suas virtudes ou vícios morais, feitos, talentos e destinos.

Sertório é emparelhado com Êumenes de Cardia, general de Alexandre Magno e oponente de Antígono durante as guerras dos Sucessores, com quem partilha a exibição de grandes faculdades no comando, mas cujos desígnios são frustrados por erros e, por fim, traição dos seus subalternos. Configuram o arquétipo do herói trágico que embora virtuoso e defensor de uma causa justa, acaba vítima da crueldade da vida, contexto literário fortemente apelativo à simpatia do leitor pela personagem retratada. Apesar do contributo valioso que representam as biografias de Plutarco para iluminar o nosso conhecimento sobre algumas das mais importantes figuras da Antiguidade, a destriça da verdadeira importância histórica das suas realizações subalterniza-se, na intencionalidade do autor, em as avaliar segundo preceitos morais e decalque de carácter.

O concebimento de Sertório, em particular, parece-nos afeiçoado a valores de filosofia de que Plutarco seria um expoente, pelo que os traços de heroísmo, sobriedade, sentido de dever, justiça, bonomia, amor filial, coragem física e resistência perante a adversidade, entre vários outros, podem corresponder a um propósito de idealização no contexto do qual se sublinham os seus preceitos positivos, em detrimento de uma

equilibrada e rigorosa avaliação historiográfica⁴⁰. Enquanto material para usufruto do historiador, as *Vidas Paralelas* pecam pela frequente ausência de clara demarcação cronológica dos episódios narrados, pelo assíduo recurso a contos anedóticos não devidamente discriminados da matéria factual e pela fixação em valiar personalidades de acordo com os princípios éticos do próprio biógrafo.

Os conhecimentos adquiridos de filosofia colocam, não obstante, Plutarco numa posição de vantagem para nos oferecer uma interessante apreciação sobre a índole de alguns das mais importantes vultos da História Clássica, enunciando-nos os traços de carácter e reacções emocionais que, por vezes, enformam uma acção humana difícil de atribuir a qualquer desígnio prático ou cálculo ponderado. Independentemente da complexa interacção das forças sociais, o curso dos eventos históricos depende, com frequência, das simples acções e estados de espírito dos indivíduos singulares com capacidade para ocasionar grandes efeitos⁴¹. A história de Roma neste período de guerra civil consiste, sobretudo, num interlúdio de ascensões, zénites e quedas das insignes carreiras dos seus protagonistas.

2.1.1.1.5 – Apiano.

Apiano de Alexandria (95-165 d.C.) escreve durante a Idade de Ouro do Império romano sob a égide da dinastia dos Antoninos. Filho de cidadãos romanos residindo na grande metrópole egípcia, o nosso autor dirigiu-se aos seus vinte e cinco anos, para Roma, onde terá tido acesso priviligiado à figura imperial através da sua actividade de advocacia. As suas posses e esmerada educação permitiram-lhe dedicar grande parte do seu tempo à elaboração dos trabalhos que o afamaram pela posteridade. De entre estes, interessam, em particular, os que dedicou aos conflitos internos que assolaram o mundo romano durante o século I a.C. e ao processo de conquista da Península Ibérica.

A sua obra *As Guerras Civis*⁴² é consagrada ao período mais turbulento da história romana, acompanhando as querelas internas que se sucedem desde o assassínio de Tibério Semprónio Graco, até à pacificação social com a queda da República e o advento do Principado. O tom fúnebre e deprimente que emana da escrita do autor no

⁴⁰ ROLDÁN, J., “La guerra civil entre Sertorio, Metelo e Pompeyo (82-72 a.C.), 113-20, *Historia de España Antigua, II. Hispania Romana*, J. M. Blázquez (Ed.), Cátedra, Madrid, 1978, página 114.

⁴¹ CAMPBELL, Brian – *War and Society in Imperial Rome 31 BC-AD 284*, Routledge, London, 2002, página 1.

⁴² APPIAN, *Roman History*, Volume 4, Horace White (trans.), Harvard University Press, Massachusetts, 1968.

retrato que nos deixa de um período de violência quase contínua, em que o colectivo romano parece consumir-se no ódio recíproco entre facções antagonizadas e indivíduos arrastando massas em egocêntricos projectos de realização pessoal, pode fazer singular justiça ao ambiente opressivo deste tempo.

A avaliação das grandes personalidades do ocaso da República é, em Apiano, realizada a partir do critério dos grandes crimes contra o ser humano que lhe estão associadas, de forma que o seu registo se destaca de qualquer favorecimento prestado a uma das facções em conflito. A sua perspectiva historiográfica empenha-se em realçar o contraste entre o disfrute de paz e prosperidade durante o Principado⁴³ e o período tormentoso das guerras civis. Numerosas são as passagens em que o autor revela a sua preferência pelos valimentos de um governo sedimentado no poder de uma figura singular, capaz de utilizar as suas superiores capacidades para garantir a ordem e a harmonia a um colectivo que, decapitado de uma semelhante liderança nos tempos republicanos, tendia a consumir-se em querelas fratricidas⁴⁴.

Algumas menções de Apiano sobre a Guerra Sertoriana compreendem discrepâncias com as referências disponibilizadas por Plutarco. Na sua narrativa sobre a batalha do Sucro⁴⁵, por exemplo, parece provável o seu erro quando atribui a Metelo Pio o papel desempenhado, de acordo com o biógrafo helenístico, por Afrânio, legado de Pompeio. Maior incerteza no apurar do equívoco suscita a iniciativa do tratado entre o chefe *popular* e Mitridates do Ponto, assim como a extensão das cedências territoriais negociadas pelo caudilho⁴⁶. Segundo Apiano, foi Sertório quem, através de dois membros da facção *mariana* (Lúcio Mágio e Lúcio Fânio), propôs ao rei do Ponto um entendimento diplomático. Por seu turno, refere Plutarco que Mitridates enviou uma embaixada ao procônsul *democrático*, oferecendo-lhe aliança contra o poder *conservador*. As duas narrativas podem, ainda assim, conciliar-se, mas parece manifesta a intenção de Apiano em oferecer de Sertório a imagem de um oportunista que sacrifica gratuitamente o interesse de Roma, enquanto o biógrafo das *Vidas Paralelas* salienta os escrúpulos do caudilho em negociar com o soberano oriental.

⁴³ DAWSON, *op. cit.*, página 119.

⁴⁴ App. *B Civ.*, 1, 5, 1.

⁴⁵ App. *B Civ.*, 1, 13, 110.

⁴⁶ Segundo Apiano (App. *Mith.*, 76-75), o tratado assinado com Mitridates envolveu a cedência da Ásia, Bitínia, Paflagóna, Capadócia e Galácia. Já Plutarco (Sertório-Eumenes, 24, 2) menciona apenas a Bitínia e a Capadócia como compondo os territórios que Sertório se dispõe a negociar, preservando tudo o que de facto integra o império romano.

Deste autor provêm, portanto, as menções mais críticas de que dispomos relativamente à conduta pessoal de Sertório⁴⁷. A acrimónia de Apiano não é, contudo, dirigida de forma específica contra o chefe *popular*, antes constituindo uma perspectiva de análise abrangendo a acção das principais figuras políticas responsáveis pelas lutas civis do período precedendo a *Pax octaviana*.

2.1.1.2 – A restante tradição escrita.

A perda quase completa da narrativa de Tito Lívio, redução do contributo de Salústio a alguns fragmentos e as especificidades da avaliação biográfica de Plutarco, impõem grandes constrangimentos à tentativa de reconstruir e analisar a Guerra Sertoriana. Felizmente, a importância marcante deste conflito na história de Roma, determinou que alguns dos aspectos fulcrais da massa de dados presentes nas grandes obras que se perderam no tempo, sejam transmitidos por uma multiplicidade de autores que se sucedem à sua produção. O resultado final da colecta desta amálgama de registos consiste num enredo sem incongruências ou descontinuidade de maior grau entre contributos e uma perspectiva geral que parece integrar os mais relevantes eventos do conflito, malgrado as numerosas gralhas que se detectam ou presumimos existirem.

Num encadeamento estritamente cronológico, o primeiro autor que nos lega informações relevantes para o tema em abordagem é Marco Túlio Cícero⁴⁸. Entre as décadas de sessenta e quarenta antes de Cristo produziu, este eminente representante da intelectualidade latina, um conjunto de obras com passagens adstritas ao conflito civil entre *optimates* e *populares* na Hispânia ou, num plano mais lato, sobre a ambiência política, institucional, cultural, económica e mental da sociedade romana desse tempo.

Provavelmente concluída durante o principado de Tibério⁴⁹, a *Geografia* de Estrabão de Apameia consiste num dos mais importantes trabalhos de descrição física e do elemento humano do mundo antigo. Sobre a Península Ibérica, oferece-nos informações preciosas quanto à paisagem, clima, fauna, flora, riquezas, produções e comércio, em adição às características etnológicas e espaços de ocupação dos vários povos nelas residentes. A proximidade temporal relativamente à Guerra Sertoriana,

⁴⁷ DYBICZ, Michael Joshua – *Character in Sallust's Historiae: Sertorius, Spartacus, and Mithridates*, (Master Thesis), Cornell University, 2009, página 10.

⁴⁸ COWELL, F. R. - *Cícero e a República Romana*, Editora *Elisseia* Limitada, Lisboa, 1948.

⁴⁹ Strabo, 3, 3, 8.

DUECK, Daniela – *Strabo of Amasia: A Greek Man of Letters in Augustan Rome*, Routledge, New York, 2000.

determina um risco minuído de anacronismos com a realidade geográfica no tempo do autor. Referências directas aos acontecimentos integrando o tema desta tese consistem na disputa pela posse da Celtibéria entre Sertório e Metelo Pio nos recontros de Segóvia e Bílbilis⁵⁰, descrição da praça-forte de *Denia* usada pelo chefe *popular* como base naval⁵¹ e alusão às cidades integrando o Estado de Osca onde foram travadas as derradeiras contendas do conflito⁵². A bibliografia crítica tem-se empenhado em precisar a fidelidade dos dados fornecidos pelo autor, através de métodos que possam reconhecer e diluir os vícios comuns aos tratados geográficos da Antiguidade, entre os quais podemos destacar o exagero quantitativo e qualitativo, a selecção e generalização de particularismos, a perspectiva frequentemente preconceituosa do homem civilizado sobre a barbárie.

Produto da Idade de Prata da literatura latina, período que se estende entre o principado de Tibério e o de Trajano, caracterizado pela sujeição da autoria ao patrocínio e censura por parte do poder imperial, *O Compêndio da História Romana* de Marco Veleio Patérculo (19 a.C. – 31 d.C.) comporta um estilo panegírico, centrado no louvor dos grandes homens responsáveis pelo erigir do domínio de Roma. A retórica grandiloquente encontra-se bem distanciada da perspectiva crítica de um historiador, apropriando-se aos desígnios práticos de um cortesão que almeja, acima de tudo, agradar a quem serve. Sobre as personagens afectas à Guerra Sertoriana, Veleio Patérculo oferece-nos um retrato particularmente laudativo de Pompeio Magno e compartilha da crítica generalizada a Perperna Veientão.

A obra *Feitos e Ditos Memoráveis*⁵³ de Valério Máximo, autor sobre o qual pouco se sabe para além da indicação cronológica que nos oferece a dedicatória a Tibério (14-37 d.C.) no seu prefácio, integra uma tradição paralela ao registo historiográfico, mas contendo algumas passagens alusivas à Guerra Sertoriana. O propósito da sua labuta consiste na selecção de frases e de comportamentos atribuídos a romanos e estrangeiros ao longo do tempo, que contenham valores educativos pelo mérito ou perniciosidade. Nesse espírito se insere o louvor ao suicídio de um legionário de Pompeio Magno por ter morto um soldado sertoriano que reconheceria como seu

⁵⁰ Strabo, 3, 4, 13.

⁵¹ Strabo, 3, 4, 6.

⁵² Strabo, 3, 4, 6.

⁵³ VALERIUS MAXIMUS - *Memorable Deeds and Sayings*, Harvard University Press, Cambridge, Massachusetts, 2000.

irmão⁵⁴, a alegoria dos dois cavalos utilizada por Sertório⁵⁵, a corrupção de Metelo Pio⁵⁶ e o repúdio pelo recurso ao canibalismo por parte dos obstinados defensores de *Calagurris*⁵⁷.

Na sua enciclopédia *História Natural*, Plínio, *o Velho*, homem de conhecimento eclético e amigo pessoal do Imperador Vespasiano⁵⁸, dedica três capítulos do seu livro terceiro à descrição da geografia física e humana da Hispânia. Relativamente à Guerra Sertoriana, menciona os troféus erigidos por Pompeio nos Pirinéus⁵⁹, celebrando a sua vitória sobre a insurgência *popular* e restauração da ordem romana sobre o território.

Lúcio Aneu Floro (74 d.C. – 130 d.C.) é autor de um epítome compreendendo o percurso histórico da Cidade Eterna, desde as origens à consumação do domínio universal. A obra de Floro integra-se no espírito triunfante e auto congratulatório da literatura produzida no ápice da civilização romana. O seu trabalho compreende apreciações sintéticas sobre os mais importantes conflitos militares e civis da história de Roma, nomeadamente a Guerra Sertoriana, que o autor caracteriza como longa, árdua e de resultado duvidoso até ao traiçoeiro assassinio de Sertório⁶⁰.

Na sua obra intitulada *Noites Áticas*, compêndio de notas avulsas sobre uma variedade de temas, Aulo Gélio⁶¹ oferece-nos a mais clarificadora descrição dos métodos manipulatórios empregues por Sertório para atrair o hispânico para a sua chefia e projectos⁶². Detalhes da lenda da corça sagrada são acrescentados às menções na biografia de Plutarco, para tornar precioso o seu contributo para a caracterização do culto urdido em torno da figura do caudilho.

Sobre o uso do animal totémico como elemento galvanizador das populações tribais, escreve também Polieno, instrutor de retórica durante o principado de Marco Aurélio, a quem dedica a sua obra *Estratagemas na Guerra*, compreendendo exemplos históricos do uso de ardis por parte de comandantes militares.

Autor de uma história de Roma em oitenta volumes escritos ao longo de mais de duas décadas, Cássio Dio⁶³, renomeado historiador e importante funcionário público,

⁵⁴ Val. Max., 5, 5.

⁵⁵ Val. Max, 7, 3.

⁵⁶ Val. Max, 9, 1, 5.

⁵⁷ Val. Max, 7, 7.

⁵⁸ Plin., *HN*, 1.

⁵⁹ Plin., *HN*, 7, 26.

⁶⁰ Flor., 2, 10.

⁶¹ Nascido em 125 a.C. e falecido após 180 a.C..

⁶² Gell., *NA*, 15, 22.

⁶³ 155-235 a.C..

oferece-nos algumas informações de interesse para o tema em estudo nesta tese, nomeadamente a apreciação da conduta de Metelo Pio durante o seu consulado de 80 a.C.⁶⁴ e o contexto da atribuição do mandato extraordinário de Pompeio em 77 a.C. segundo um discurso atribuído ao próprio⁶⁵.

Um vazio na produção literária relativamente à Guerra Sertoriana estende-se desde a dinastia dos Severos até à segunda década do século IV d.C.. Na sua obra *Breviário da História Romana*, Eutrópio, historiador e alto cortesão⁶⁶, anui de forma sucinta ao tema desta tese, oferecendo informações claramente compaginadas de Tito Lívio que pouco acrescentam aos seus *Periochae*.

Derivados dos trabalhos de Salústio que chegaram até nós apenas em fragmentos, as menções de Júlio Exuperânncio, autor dos finais do século IV d.C., comportam um grande interesse para tracejarmos o percurso biográfico de Sertório na antecâmara da guerra hispânica, assim como as ocorrências preenchendo o levantamento lepidano de 77 a.C..

Por fim, Paulo Orósio⁶⁷ é o último dos grandes escritores da Antiguidade que nos providencia informações de relevo para o tema da presente tese na obra de pretensão universal, *História contra os Pagãos*. O seu contributo para a historiografia vincula-se estreitamente à naturalidade e acção do próprio autor como presbítero na Galícia, conjugada com uma perspectiva teológica providencialista e apologética, segundo a doutrina de Santo Agostinho⁶⁸. Entre outros elementos estruturantes, a narrativa de Orósio é pautada pela avaliação moral das condutas de indivíduos e povos de acordo com os preceitos do humanismo cristão. Adicionalmente, evidencia-se uma afeição regionalista na forma como enaltece o virtuosismo dos povos e da história da Hispânia⁶⁹.

A despeito da aliança estabelecida entre Sertório e o autóctone, não se discerne um passo concreto na narrativa de Orósio agraciando a causa *popular*, que deixe implícita a sua identificação com a Península Ibérica, pelo que a autenticidade do relato não deve suscitar dúvidas acrescidas por motivo da proveniência do autor. Contudo, é manifesta a elevada consideração, eventualmente laudatória, pelo valor militar e espírito

⁶⁴ Num dos fragmentos do seu livro 33.

⁶⁵ No livro 36.

⁶⁶ BURGESS, R. W. - "Eutropius V.C. "Magister Memoriae?", in *Classical Philology*, Vol. 96, No. 1 (Jan., 2001), pp. 76-81, University Chicago Press, 2001, página 81.

⁶⁷ A data de nascimento é desconhecida, sendo comumente aceite a baliza de 375 a 385.

⁶⁸ Com quem privou durante no decurso de uma viagem ao Norte de África.

⁶⁹ Oros., 5, 23, 16.

independente dos guerreiros hispânicos, denotando-se também a defesa do nativo na ênfase conferida à apreciação ética dos métodos dos agentes da conquista romana. Paulo Orósio fornece-nos alguns dados inéditos em relação ao restante legado escrito sobre o conflito em estudo nesta tese, nomeadamente, as baixas sofridas por Hirtuleio na batalha de Itálica e por ambos os contendores na do Sucro.

2.2 – Fontes Materiais.

2.2.1. – As fontes arqueológicas.

O advento da Arqueologia, Epigrafia e Numismática como disciplinas científicas autónomas, com metodologias próprias dedicadas ao estudo das fontes materiais, consistiu uma verdadeira revolução nas potencialidades do entendimento da História Antiga, até aí confinada à reinterpretação dos factos a partir dos mesmos testemunhos literários. Representando as informações legadas pelos geógrafos e historiadores sobre a Península Ibérica no período a que nos reportamos, sobretudo o olhar do estrangeiro civilizado, a autoria clássica peca pelo frequente desconhecimento sobre a realidade autóctone durante a conquista ou susceptibilidade de interpretações anacrónicas após a integração no Império Romano. Os achados da produção humana e sua inserção no ambiente de época, constituem na melhor via para estendermos a nossa perspectiva aos povos desprovidos de registos escritos próprios⁷⁰.

No que concerne, em particular, ao estudo das culturas tribais que se sucedem no espaço europeu desde o Neolítico até à sua descrição pela literatura das civilizações evolucionadas do Mediterrâneo, a Arqueologia tem garantido um fluxo contínuo de informações acerca do seu movimento, modelos de ocupação, concepções ideológicas, práticas de subsistência, organização social, desenvolvimento tecnológico, etc. Em conjugação com os dados facultados pela Linguística, abrem hipóteses para interpretarmos a natureza do contacto estabelecido entre os diferentes ramos de populações indo-europeias advindas das estepes orientais e o elemento neolítico pré-existente, prosseguindo com o exame dos caracteres distintivos das várias fases evolutivas ao longo das Idades do Bronze e do Ferro. A análise das fontes materiais contém, por isso, uma significância inestimável para o acréscimo da nossa base de

⁷⁰ JAMES, Simon – “The Archaeology of War”, in *The Oxford Handbook of Warfare in the Classical World*, Brian Campbell ; Lawrence A. Tritle (Eds.), Oxford University Press, Oxford, 2013, páginas 109-111.

conhecimento sobre este passado distante, introduzindo-nos de forma directa na ambiência epocal.

Facultando, ao investigador, um conjunto de técnicas e saberes teóricos destinados a auxiliá-lo na sua tarefa de reconstituição do contexto histórico das civilizações predecessoras, a Arqueologia consiste num ramo disciplinar fulcral para o conhecimento sobre a Hispânia Antiga. Em particular, os trabalhos desenvolvidos nas urbanizações e castros peninsulares⁷¹, constituem algumas das mais objectivas referências de que dispomos para o estudo da cultura indígena e o impulso para a sua evolução providenciado pelo contacto com elementos exógenos. Potencialmente inesgotável nos dados que nos pode providenciar, a análise das fontes materiais confere uma renovação e adição contínua de elementos ao saber histórico.

Os testemunhos arqueológicos constituem um meio de reconstrução do passado muito mais fidedigno do que aquele que deriva de uma narrativa intencionalmente produzida⁷². Ao invés de transmitirem um discurso, providenciam uma fonte de natureza involuntária a partir da qual se podem colocar indagações que resultam do processo analítico do próprio historiador.

A importância histórica de um artefacto ou edificação reside, sobretudo, nos elementos que ele nos transmite quanto ao contexto antropológico da sua produção e função. Em consequência, o detalhado exame dos seus aspectos técnicos constitui o nexa para o que verdadeiramente interessa na Arqueologia: o pensamento humano expresso na cultura material. Inserir o item em estudo na cronologia da sua produção e/ou utilização consiste num processo fundamental para reconstruirmos o ambiente histórico em que se insere. A interacção entre o método tipológico e estratigráfico constitui a linha mestra para a datação relativa de vestígios arqueológicos.

O princípio básico do método tipológico consiste no pressuposto de que as sociedades possuem elementos normativos estruturantes que se manifestam no fabrico dos seus objectos. Raramente o produto da confecção humana contém apenas características singulares, antes inserindo-se num modelo padronizado. A datação tipológica consiste na identificação da categoria pré-definida de produção do objecto em estudo. A seriação dos artefactos permite-nos estabelecer nexos espaço/temporais de

⁷¹ ARIÑO GIL, Enrique ; Gurt Esparraguera, Josep ; Palet Martínez, Josep - *El pasado presente : arqueología de los paisajes en la Hispania romana. III. Catastros Romanos Y ocupación del territorio en Hispania. Un balance crítico.*, Ediciones Universidad Salamanca, Salamanca, 2004.

⁷² BARRETT, John C. – “Historical Archaeology and Text”, in *Archaeology. The Key Concepts*, Colin Renfrew & Paul Bahn (Eds), Routledge, Lond & New York, 2005, páginas 103-105.

acordo com critérios de identidade baseadas na homologia (o que é igual) ou analogia (o que é parecido). A partir da análise dos vestígios materiais, podemos esboçar um encadeamento histórico discriminando as diferentes fases evolutivas de uma cultura, assim como a ocorrência de contactos entre populações. Uma vez definida a cronologia tipológica, a datação de um item colectado pode ser estimada em função de objectos portadores dos mesmos ou de semelhantes traços constitutivos.

Adaptando o quadro de referência do modelo taxonómico de ordenação das espécies, tem sido possível identificar as diferentes fases de desenvolvimento de comunidades mediante a análise do fabrico e recepção de objectos. As instituições políticas, modelos militares, cultos e práticas religiosas, estruturas socioeconómicas, entre muitos outros domínios da complexidade humana, manifestam-se, com frequência, na fisionomia ou em caracteres impressos nas próprias fontes materiais, assim como na relação entre estas estabelecida e o meio ambiente envolvendo o seu local de depósito. De forma a recuperar a realidade histórica expressa no registo arqueológico, a conexão estabelecida com a Etnologia compreende um paradigma para o estudo da Antiguidade, em particular no que concerne ao nosso conhecimento sobre o mundo tribal de cultura mais arcaica, frequentemente retratado de forma estereotipada e preconceituosa pelo produtor da literacia greco-latina.

O segundo método de datação na Arqueologia consiste no estratigráfico⁷³, ou seja, na associação temporal entre os vestígios arqueológicos encontrados no subsolo e a respectiva camada geológica. O encadeamento cronológico na estratigrafia baseia-se em quatro princípios: 1 - No princípio da sobreposição, subentende-se que o que se encontra por cima foi depositado em data mais recente do que o que está por baixo, estabelecendo uma sequência temporal. 2 - De acordo com o princípio da horizontalidade original, os artefactos sedimentados no mesmo estrato geológico são coincidentes no tempo. 3 - No princípio da continuidade lateral, as camadas sedimentares originalmente contíguas que foram separadas por um determinado agente, correspondem à mesma periodização cronológica. 4 - Por fim, o princípio da sucessão estratigráfica, considera que todo o achado deve ser avaliado em função do que se encontra na camada imediatamente acima e imediatamente abaixo, atribuindo-se uma importância secundária a todas as outras relações estratigráficas.

⁷³ SHANKS, Michael – “Principles of Stratigraphic Succession”, in *Archaeology. The Key Concepts*, Colin Renfrew & Paul Bahn (Eds.), Routledge, London & New York, 2005, páginas 181-185.

A erosão do solo por via de fenómenos naturais conjugada com a prática humana de remoção de terra, enterro de objectos, entulho ou edificação, consiste num factor de corrupção inerente ao estabelecimento de uma datação relativa apenas por critérios estratigráficos de sobreposição de camadas. Uma das grandes limitações deste método consiste na probabilidade de um artefacto se encontrar albergado num estrato geográfico horizontal incoerente com a cronologia da sua produção ou momento de depósito. Para efeitos de datação dos achados recolhidos no subsolo o analista deve, por isso, reunir os diversos contextos estratigráficos e conectá-los com outros métodos ao seu dispor de forma a ultrapassar as incompatibilidades de uma aplicação directa de conceitos geológicos para o domínio da Arqueologia. A matriz de Harris⁷⁴ é a ferramenta mais empregue para mapear a estratigrafia dos vários contextos arqueológicos associados às diferentes camadas geológicas.

Se a apreciação dos vestígios deixados pelos povos antigos nos pode elucidar sobre aspectos fundamentais da essência da sua vida, os limites das “ciências auxiliares” não deixam de ser importantes. A passagem do tempo deixa-nos apenas um restício desgastado da produção humana e habitats naturais mais ou menos transfigurados⁷⁵. Mesmo se recuperados num perfeito estado de conservação, os vestígios materiais constituem apenas um testemunho residual da complexa interacção humana. Parte fundamental da realidade encontra-se ausente do registo arqueológico, de forma que o plano de incidência das fontes materiais é muito restrito. Os indícios que nos chegam sobre o passado a partir da cultura material, conferem à reconstrução arqueológica um carácter lacunar e hipotético, variando de forma significativa as interpretações de acordo com o critério de cada investigador⁷⁶.

Os registos arqueológicos são frequentemente insuficientes para nos elucidar sobre o que de facto ocorreu, enquanto os patamares de observação e análise comportam grande volubilidade⁷⁷. Uma escavação é sempre destrutiva, no sentido em que parte da informação arqueológica se perde com o levantamento⁷⁸, diminuindo a praticabilidade ou valor de subsequentes análises. Acarreta, tal circunstância, que o resultado da

⁷⁴ HARRIS, Edward C. – *Principles of archaeological stratigraphy*, Academic Press Limited, 2ª Edition, London, 1989.

⁷⁵ FABIÃO, Carlos - *O Mundo Indígena e a sua Romanização na área Céltica do território hoje Português*. Dissertação de Doutoramento em Arqueologia apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, Lisboa, 1998, página 122.

⁷⁶ FABIÃO, *op. cit.*, página 123.

⁷⁷ FABIÃO, *op. cit.*, página 123.

⁷⁸ DREWETT, Peter - *Field Archaeology*, Routledge, London, 2003, página 5.

intervenção dependa mormente do mérito do trabalho do agente operativo, enquanto o legado escrito pode ser reinterpretado a partir do mesmo ponto de origem.

O debate mantém-se aceso entre a comunidade científica sobre a legitimidade de se extrair ilações gerais a partir da colecta de objectos singulares ou fragmentos dispersos. Apesar dos trabalhos de recolha e interacção com o espólio material nos oferecerem dados de grande relevância para o estudo do passado, eles não se sobrepõem por completo ao legado escrito. Circunscrita ao seu próprio âmbito e faculdades, o cruzamento pontual entre a Arqueologia e as fontes escritas não parece capaz de incrementar-se até uma plena concordância de campos. Independentemente do conhecimento que nos podem providenciar no futuro, as demarcações específicas da análise a partir das fontes materiais conferem-lhes apenas capacidade para diminuir a nossa dependência em relação à literatura epocal.

A interdisciplinaridade estabelece-se, assim, como a melhor metodologia para ultrapassar as limitações que se reconhecem em cada uma das distintas formas de avaliação histórica. Um dos maiores proventos da Arqueologia e disciplinas relacionadas consiste, com efeito, no seu contributo para a confirmação, correcção e complemento das crónicas antigas.

Para além das valências adstritas à reinterpretação das fontes literárias, a coleta e análise do espólio material enforma o maior potencial para de facto inovar em relação às ilações vigentes. O nexos estabelecido entre a História e Arqueologia com todos os outros domínios do saber que possam contribuir para nos esclarecer sobre o nosso passado distante, constitui uma base de investigação potencialmente inesgotável. A integração das informações escritas com os dados de natureza arqueológica, cada vez mais abundantes e sugestivos, permite-nos, assim, um contínuo desbravar de rumos ignotos da História.

2.2.1.1 – A arqueologia do campo de batalha.

Em antonímia com o que ocorre na lide com as fontes escritas, no contexto da qual apenas dispomos de uma ilustração mais ou menos fidedigna, a análise topográfica e dos resíduos materiais/orgânicos recuperados num campo de batalha, permite-nos reconstruir o próprio evento. Os restos de seres humanos encontrados no campo de batalha ou em locais de enterro nas suas proximidades, podem providenciar profícuas informações tanto sobre a luta travada como a respeito dos seus intervenientes. No que

concerne à Guerra Sertoriana, a análise osteológica nas escavações em *Valentia* permite confirmar a chacina da população civil apoiante da facção *popular* pelas legiões de Pompeio Magno⁷⁹.

O tipo de indagação colocado pela Arqueologia difere substancialmente das crónicas, no sentido em que nos faz chegar de forma directa à realidade epocal, eximindo-se da *bias* que é comum à literatura⁸⁰. Reconstruir o que de facto ocorreu no local particular do conflito consiste no derradeiro objectivo deste ramo de investigação integrando a História Militar. Os valimentos que se podiam antever na capacidade de obtermos informações originais a partir da análise do campo de batalha encontram, contudo, um sério embaraço na sua potencialidade, quando sujeitos aos condicionalismos específicos da Antiguidade.

A erosão paisagística e do espólio é, em teoria, incrementada em concomitância com a passagem do tempo, de forma que a probabilidade de efectivamente recuperarmos dados concordantes com eventos documentados nas fontes literárias greco-latinas, consiste num acaso. A herança de uma grande batalha no mundo antigo onde milhares de combatentes podem ter sido deixados insepultos no solo reduz-se, com frequência, apenas a um resíduo de armamento ou ossadas. Por motivo da precaridade da informação que a Arqueologia pode granjear, a ausência de vestígios nos locais de conflito assinalados pela fonte escrita não subjaz para fundamentar uma rejeição da sua autenticidade.

Os mais tangíveis registos arqueológicos de natureza marcial para a Hispânia do século I a.C. consistem em espaços urbanos, acampamentos⁸¹, fortificações e depósitos funerários⁸². A rareza com que se obtêm dados materiais respeitantes a batalhas travadas em campo aberto na Antiguidade, circunscreve a reconstrução da arqueologia militar sobretudo ao que pode ser deduzido a partir da análise de estruturas, ocasionalmente acompanhada pela descoberta de equipagem. De forma a afigurar um cenário hipotético

⁷⁹ RIBERA I LACOMBA, Albert ; CALVO GALVEZ, Matías – “La primera evidencia arqueológica de la destrucción de Valentia por Pompeyo”, in *Journal of Roman Archaeology*, volume 8, Valencia, 1995.

⁸⁰ BARRETT, John C. – “Historical Archaeology and Text”, in *Archaeology. The Key Concepts*, Colin Renfrew & Paul Bahn (Eds.), Routledge, Lond & Newy York, 2005, páginas 103-105.

⁸¹ Ver: ESPINOSA RUIZ, Antonio ; RUIZ ALCALDE, Diego ; MARCOS GONZÁLEZ, Amanda ; PEÑA DOMÍNGUEZ, Pedro ; MARTÍNEZ SÁNCHEZ, Ana M.^a – “El campamento militar das las guerras sertorianas de Villajoyosa”, in *Las Guerras Civiles Romanas en Hispania. Una Revisión Histórica desde la Contestania*, Feliciano Sala Sellés y Jesús Moratalla Jávega (eds.), Universidad de Alicante, 2004, pp. 115-125. Ver: MORILLO CERDÁN, Ángel – “Criterios arqueológicos de identificación de los campamentos romanos en Hispania”, in *Saldvie*, n.º 8, 2008, pp. 73-93.

⁸² SCHOFIELD, John – *Combat Archaeology. Material Culture and Modern Conflict*, Duckworth, 2005, páginas 51-52.

do evento bélico, uma conjugação interdisciplinar dos dados materiais com o relato de época constitui o método mais usual.

Sobre as questões de natureza arqueológica que os acampamentos colocam escreveu, recentemente, Morillo Cerdán um importante artigo⁸³ integrando a ilustração cartográfica dos amplos vestígios que se poderão relacionar com as estruturas militares da época sertoriana⁸⁴. Nas últimas décadas tem-se registado um progresso assinalável nesse domínio, malgradadas as carências inerentes à investigação de fortificações na Península Ibérica. Métodos sofisticados de prospecção permitiram discriminar com elevado potencial de rigor na cronologia, acampamentos construídos durante o século II a.C. dos que, seguindo a padronização de *Cáceres el Viejo* (Cáceres), correspondem a uma fase de intensificação da presença militar romana a partir da Guerra Sertoriana até ao primeiro triunvirato⁸⁵. Apesar de ser ainda impossível apurar a cronologia sequencial dos fortificados durante o século dos conflitos civis⁸⁶, a ampla difusão geográfica destes recintos defensivos confirma o avanço e consolidação do grau de romanização na Hispânia, o incremento do contacto com o autóctone e integração deste no sistema de domínio imperial.

⁸³ MORILLO CERDÁN, Angel – “Campamentos y fortificaciones tardorepublicanas en Hispania. “Calibrando” a Sertorio”, in *Las Guerras Civiles Romanas en Hispania. Una revisión histórica desde la contestania*, Feliciano Sala Sellés ; Jesús Moratalla Jávega (eds.), Universidad de Alicante, 2014, pp. 35-49.

⁸⁴ Ver página seguinte.

⁸⁵ MORILLO CERDÁN, *op. cit.*, página 43.

⁸⁶ Separando de forma adequada os conflitos de 80-72 a.C. e 49-45 a.C. Ver: MORILLO CERDÁN, *op. cit.*, página 49.

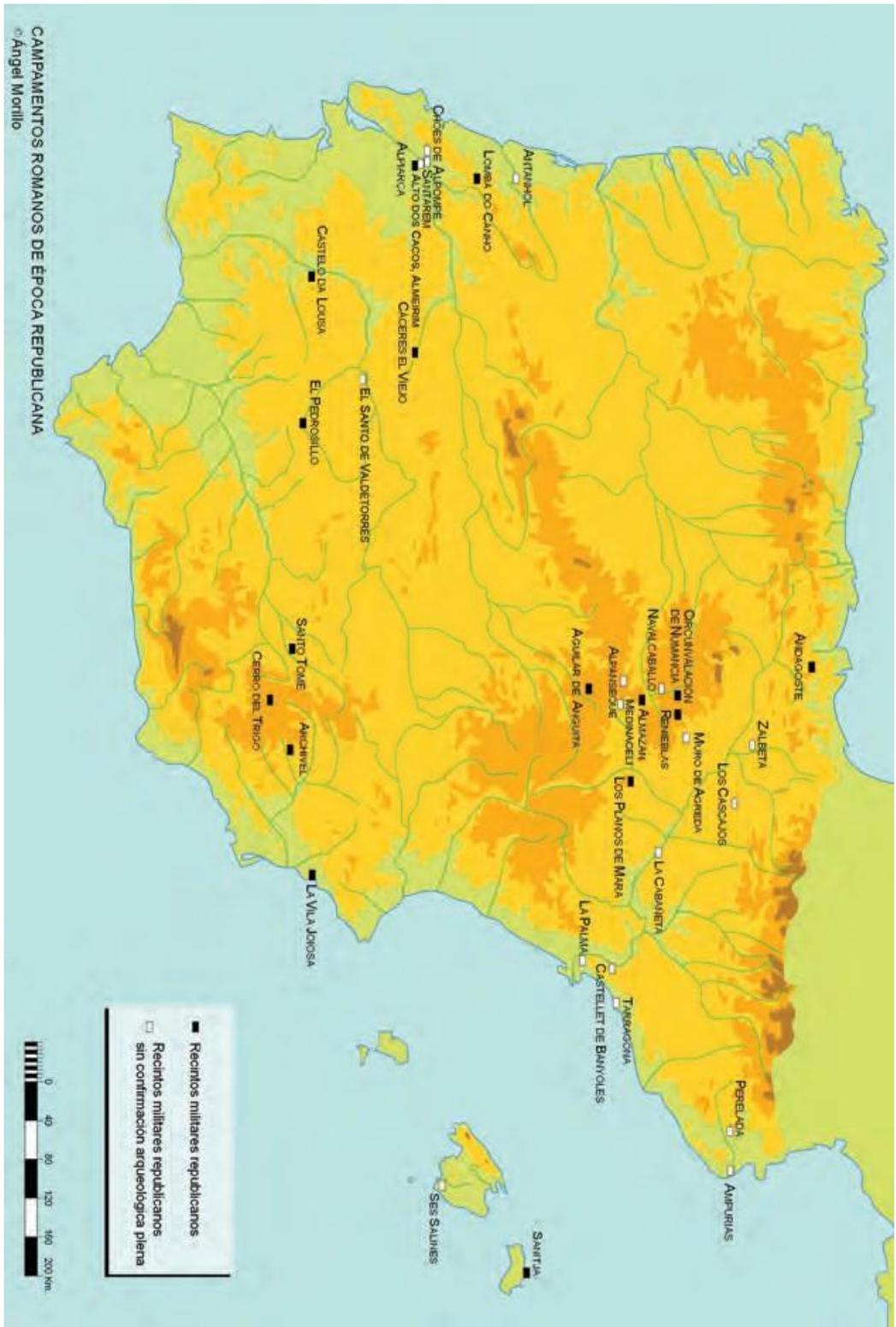


Fig. 1. Campamentos republicanos en Hispania (Morillo 2003).
 MORILLO CERDÁN, Angel – “Campamentos y fortificaciones tardorepublicanas en Hispania. “Calibrando” a Sertorio”, in *Las Guerras Civiles Romanas en Hispania. Una revisión histórica desde la contestania*, Felicitana Sala Salés ; Jesús Moratalla Jávega (eds.), Universidad de Alicante, 2014, página 35.

Para a História Antiga, os artefactos de índole militar que chegam até nós consistem, sobretudo, em peças de armaduras e armas⁸⁷, circunstância que confere utilidade ao Detector de Levantamento de Metal para uma prospecção capaz de identificar vestígios soterrados. Fragmentos e projecteis de máquinas de guerra contêm, também, o potencial para resistir à erosão do tempo e chegarem até aos nossos dias⁸⁸. Nas escavações em *Calagurris Nassica* (La Rioja), foram recolhidas diversas balas de catapulta que podem estar relacionadas com os assédios a que foi sujeita a cidade durante a Guerra Sertoriana. Uma delas contém inscrições que, segundo Díaz Ariño⁸⁹, constituem clara alusão⁹⁰ ao cônsul Emílio Lépidio⁹¹, antigo comandante do contingente *popular* que serve sob as ordens de Sertório a partir de 77 a.C..

Para o conhecimento sobre o conflito em estudo nesta tese contribuem, também, os projecteis para funda (*glandes plumbeae*)⁹² com registos epigráficos concernentes ao caudilho. Eles patenteiam as suas reivindicações políticas, a tentativa de ressaltar a justeza da causa defendida contra a usurpação sulana, a condição de legítimo magistrado com o emprego da expressão *proconsul*, frequentemente acompanhada com o epíteto de *fides*, decerto para com a República romana. Através desta propaganda que cumpre o primado propósito de se opor à condição de rebelde e foragido que lhe atribuem os seus adversários⁹³, podemos constatar que a natureza da aliança entre o chefe *popular* e o hispânico se inscreve no propósito de preservação do domínio provincial romano. O Estado de Osca seria, em consequência, uma estrutura temporária que se dissolveria no poder emanado a partir da Cidade Eterna após o pretendido restauro do legítimo governo *democrático*.

⁸⁷ Cobre, bronze (liga que tem como base sobretudo o cobre e estanho), ferro e chumbo são os elementos químicos metálicos mais usuais.

⁸⁸ O que diz respeito ao armamento militar usado, são muito conhecidos alguns vestígios característicos deste período.

⁸⁹ DÍAZ ARIÑO, Borja – *Epigrafía latina republicana de Hispania (ELRH)*, Publicacions Universitat de Barcelona, 2008, página 257.

⁹⁰ Um estudo precedente da autoria de uma equipa de historiadores aventa uma correspondência com o triúviro Marco Lépidio, que foi enviado por Júlio César para a Hispânia Citerior no ano de 48 a.C.. Contudo, nenhuma referência existe de um assédio a *Calagurris* e Cássio Dio nega qualquer actividade militar exercida por este comandante (Cass. Dio, 43, 1). Estes dados poderiam resolver a problemática em favor do chefe *mariano* de 78 a.C. não fosse a circunstância do depósito do projectil sugerir o seu arremesso por parte de uma catapulta pertencente ao assediador.

Ver: CINCA, José Luis ; RAMÍREZ SÁDABA, José Luis ; VELAZA, Javier – “Un depósito de proyectiles de catapulta hallado en Calahorra (La Rioja)”, in *AespA*, 76, 2003, pp. 263-271.

⁹¹ Nelas se encontra o texto: *Formidine - Fuga - M(arco) - Lep(i)do - exerceto - EEIV*.

⁹² CHIC GARCÍA, G. – “Q. Sertorius, proconsul”, in *Actas de la reunión sobre Epigrafía hispánica de época romano-republicana*, Zaragoza, pp. 171-176.

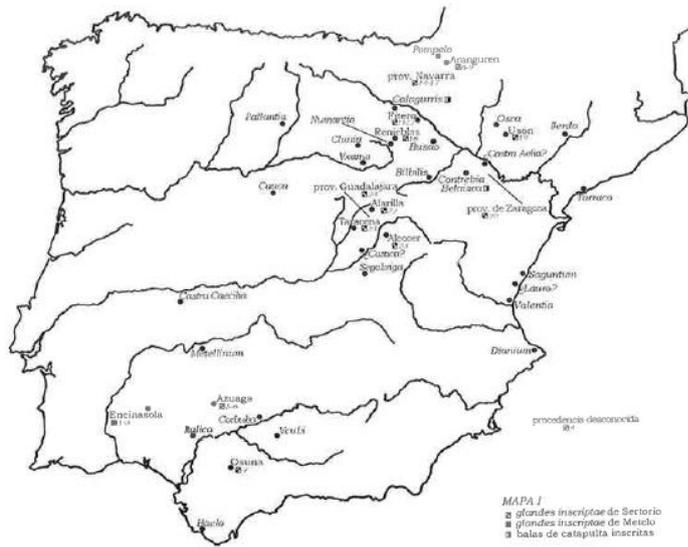
DÍAZ ARIÑO, Borja – “Glandes inscriptae de la Península Ibérica”, in *Zeitschrift Fur Papyrologie und Epigraphik*, Band 153, Bonn, 2005, pp. 219-236.

⁹³ Plut., *Vit., Sert.*, 22, 3.

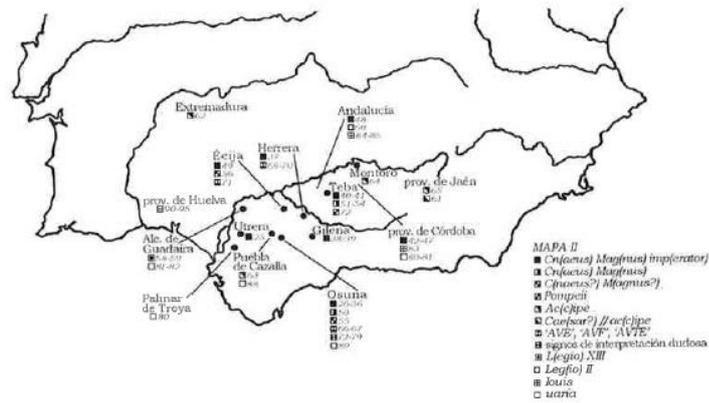
Para além das glandes claramente associáveis com as guerras sertorianas, têm-se considerado pertinentes os conjuntos de projecteis de funda em chumbo que não contêm inscrição devido ao pressuposto de que o local da sua colecta coincide com as zonas onde se registaram os conflitos dos finais da República romana. Existe, de uma forma geral, boa probabilidade de as movimentações militares desse período terem passado por essas regiões, ideia que pode ser consolidada com a associação das glandes com outros vestígios de natureza arqueológica.

Díaz Ariño oferece um mapa de distribuição pela Península Ibérica dos conjuntos das glandes inscritas que, claramente, ilustra a sua correlação espacial com os vales dos principais cursos hídricos, centros urbanos e fortificações, ou seja, espaços naturais de trânsito, estacionamento e confronto de exércitos. Por conseguinte, afigura-se legítimo que, mesmo em locais em que os projecteis de funda recolhidos não contêm uma inscrição inequívoca, se considere a eventualidade de as contextualizar com a Guerra Sertoriana, tal como fez R. Mataloto no caso dos achados do Castelo das Juntas⁹⁴.

⁹⁴ MATALOTO, Rui – “A propósito de um conjunto de glandes plumbeae: o Castelo das Juntas (Moura) no contexto do episódio Sertoriano das Guerras Civis na margem esquerda do Guadiana”, in *Cira-Arqueologia III – Atas – Congresso conquista e romanização do vale do Tejo*, pp. 343-383.



Mapa 1: ubicación de los hallazgos de proyectiles inscritos vinculados a las guerras sertorianas.



Mapa 2: glandes inscriptae procedentes del sur peninsular, se excluyen los relacionados con las guerras sertorianas.

2.2.2 – As fontes epigráficas e numismáticas.

Integrando o conjunto das disciplinas dedicadas ao estudo das fontes materiais, mas com um campo de análise e um conjunto de técnicas específicas autonomizadas da estrita prática arqueológica, a Epigrafia e Numismática contribuem para aflorar o fenómeno histórico com faculdades que podemos sucintamente anuir quanto à incidência do domínio e potencialidade de aferição.

A Epigrafia abrange o estudo das inscrições em materiais não perecíveis que, pela sua própria natureza, podem sobreviver à passagem do tempo com uma erosão reduzida no que concerne à praticabilidade de uma leitura hodierna. O carácter original desta tipologia de registos conjuga-se com a possibilidade da informação neles contida poder largamente ultrapassar, na sua significância, o mero contexto da produção e depósito de artefactos a que com frequência se resume o legado material. A riqueza da mensagem que nos pode transmitir converte a epígrafe num documento que subjaz os limites específicos da Arqueologia, motivo porque se lhe tem atribuído uma singular potencialidade instrutiva sem balizas intrínsecas⁹⁵ para além da própria grafia.

Consiste, contudo, este último requisito elemento estruturante para a abordagem do tema da presente tese no que concerne aos proventos cativáveis a partir desta disciplina científica. Com efeito, a esmagadora maioria das epígrafes descobertas na Hispânia Antiga, sucedem o período temporal da Guerra Sertoriana, sendo concomitantes com a romanização do território. Por esse motivo, os já enunciados registos em relevo dos projecteis das fundas empregues pelos adeptos de Quinto Sertório são fonte de prima importância. De acordo com o inventário de Díaz Ariño⁹⁶ foram recolhidos exemplares num amplo espaço geográfico, compreendendo alguns dos teatros operacionais mencionados pelos textos literários.

Apesar do âmbito cronológico mais tardio, as dedicatórias votivas⁹⁷ e as indicações toponímicas que abundam no espólio epigráfico consistem, com frequência, elementos preciosos para uma reconstrução histórica. Por este motivo, a descoberta em Longroiva, no concelho de Mêda, de um epíteto teonímico referenciando o lugar como

⁹⁵ ENCARNAÇÃO, José de – “Epigrafia e História de Roma”, in *Máthesis* 6, Universidade Católica Portuguesa, Departamento de Letras, Viseu, 1997, página 33.

⁹⁶ DÍAZ ARIÑO, Borja – “Glandes inscriptae de la Península Ibérica”, in *Zeitschrift Fur Papyrologie und Epigraphik*, Band 153, Bonn, 2005, pp. 219-236.

⁹⁷ MONEO, Teresa – *Religio iberica: santuarios, ritos y divinidades (siglos VII-I A.C.)*, Real Academia de la Historia, Madrid, 2003, página 42.

Langóbriga⁹⁸, compõe um dos mais importantes contributos da Epigrafia para o estudo da campanha empreendida por Metelo Pio na Lusitânia entre os anos de 79-78 a.C.

A Numismática⁹⁹ tem como campo de estudo a moeda enquanto documento histórico, incidindo desde os aspectos puramente técnicos de fabrico e cunhagem até aos complexos domínios decorrentes do seu uso como meio de troca, referência numerária de riqueza e símbolo ostensivo de soberania. Tal como o artefacto, a moeda consiste numa fonte directa testemunhando a própria vivência epocal. Produto de uma sociedade organizada e estruturada, pode conter marcas explícitas ou simbólicas do contexto da sua criação e funções, assim como indícios para significados históricos mais subtis cuja descodificação sobretudo depende do próprio saber no inquérito desenvolvido pelo especialista na disciplina científica.

A moeda constitui um trâmite para nos inteirarmos das realidades sociais, políticas, administrativas, mentais, tecnológicas e económicas das civilizações que a produziram ou por ela foram afectadas. A sua difusão exprime as relações entre povos, permite identificar circuitos comerciais, precisar a incidência e longitude da emanção de poder.

Na Península Ibérica descrita por Estrabão¹⁰⁰, coexistem três formas de comércio correspondendo aos diferentes graus de predominância na dicotomia que se pode estabelecer entre o tribalismo indígena e a romanização: a troca¹⁰¹, o uso de metais preciosos¹⁰² e a moeda cunhada. A introdução do sistema monetário romano acompanha e testemunha o fenómeno de contacto e assimilação progressiva das populações locais pela civilização colonizadora¹⁰³.

O principal meio de difusão da moeda no período histórico a que nos reportamos consiste nas legiões que, enquanto agente de conquista de novos territórios e subsequente povoamento, protagonizam a primeira fase da romanização. A quantidade do espólio colectado relaciona-se, assim, com a intensificação da presença militar colonial em determinado espaço-tempo.

⁹⁸ GUERRA, Amílcar - “*Caepiana*: uma reavaliação crítica do problema da sua localização e enquadramento histórico”, in *Revista Portuguesa de Arqueologia*, volume 7, número 2., 2004, página 219.

⁹⁹ BABELON, Jean – *La Numismatique Antique*, Presses Universitaires de France, Paris, 1948 ; CHAMBERLAIN, C. C. – *The Teach Yourself Guide to Numismatics*. The English Universities Press LTD, London, 1965.

¹⁰⁰ Strabo, 3, 3, 7.

¹⁰¹ FRÈRE, Hubert – *Numismática. Uma introdução aos métodos e à classificação*, Alain Costilhes & Maria Beatriz B. Florenzano (trad.), Sociedade Numismática Brasileira, São Paulo, 1984, página 16.

¹⁰² FRÈRE, *op. cit.*, páginas 17-18.

¹⁰³ FRÈRE, *op. cit.*, página 19.

As marcas gravadas nas moedas incrementam a sua importância histórica ao frequentemente incluírem a indicação do local e data da cunhagem, para além de retratos, iconografias e denominações que extravasam o estrito domínio financeiro para incidirem na esfera política, ideológica e propagandística. De particular relevo para a História Militar consiste o enterro voluntário de tesouros monetários, deixando subentendido que não foram recuperados por quem se viu forçado a abandoná-los no local por motivo da dificuldade do seu transporte. A relativa fiabilidade da sua datação permite inventariar alguns correspondentes ao período sertoriano.

3. Enquadramento.

3.1 Síntese do evoluir histórico da civilização romana desde meados do século II a.C. até à Guerra Sertoriana.

A Guerra Sertoriana pode ser contextualizada como um dos episódios integrando o ciclo de conflitos civis que assolam o mundo romano ao longo do período de mais de um século balizado pela ascensão dos Gracos e a transição da República aristocrática senatorial censitária para o Principado¹⁰⁴. Uma adicional complexidade é-lhe conferida quando cruzamos o fenómeno de lutas internas entre facções políticas com a revolta provincial dos Lusitanos contra o jugo dos *optimates* na Península Ibérica. O expandir do antagonismo para o distante anfiteatro do Mediterrâneo oriental, com a aliança firmada entre o Estado de Osca e o reino do Ponto, consiste noutro elemento de problematização que devemos ter em conta no apurar da sua significância.

Sumarizarmos os contornos de uma guerra com esta multiplicidade de intervenientes, cada qual com os seus respectivos motivos e interesses, envolve uma explanação inevitavelmente redutora. Uma viagem retrospectiva pelos acontecimentos preenchendo as décadas que antecedem o seu eclodir, consiste no melhor método para nos inteirmos das suas causas.

3.1.1 – Os factores de crise da segunda metade do século II a.C..

Segundo Políbio, a criação do império romano resulta, essencialmente, dos proventos adstritos a um sistema de governo de Estado¹⁰⁵, firmado numa constituição mista onde se harmonizam princípios monárquicos¹⁰⁶, aristocráticos¹⁰⁷ e democráticos¹⁰⁸. Na orgânica da *Res publica*¹⁰⁹, o exercício da soberania ramifica-se por três precípuos polos de emanação: os funcionários executivos, o Senado e as assembleias do povo. Até à Segunda Guerra Púnica, o elemento aristocrático fora

¹⁰⁴ LANÇON, Bertrand – *O Estado Romano – Catorze Séculos de Modelos Políticos*, Publicações Europa-América, Lisboa, 2003.

¹⁰⁵ Polyb., 6, 18, 1.

¹⁰⁶ Polyb., 6, 11, 12.

¹⁰⁷ Polyb., 6, 11, 12.

¹⁰⁸ Polyb., 6, 11, 12.

¹⁰⁹ LANÇON, *op. cit.*, página 23.

preponderante na estrutura da República romana¹¹⁰, na medida em que o voto popular se encontrava condicionado pelas prerrogativas das classes cimeiras do *census* e os magistrados electivos anuiam à vontade do corpo senatorial.

A aristocracia regente era constituída pelo núcleo de cidadãos com assento no Senado colectivo que, na prática, exercia o poder num sistema republicano estruturado pelo sobrepujar da importância dos critérios de distinção social sobre a igualdade de direitos cívicos e políticos. Uma acentuada estratificação comunitária havia originado um costume de atritos limitados entre patrícios e plebeus sem que, contudo, uma beligerância declarada rompesse os vínculos de concerto que elevam Roma à senhoria do Mediterrâneo¹¹¹. A gestão desse imenso espaço coloca, por fim, em evidência o arcaísmo das instituições tradicionais, concebidas séculos passados para uma realidade geográfica que tinha o Lácio por referência, doravante incapazes de harmonizar a iniciativa privada individual e de grupos de interesse com o bem colectivo.

O prenúncio do tempo de conflagração civil até uma solução política capaz de providenciar ordem e prosperidade, consiste no assassinio de Tibério Semprônio Graco¹¹², defensor de um programa de reformas visando adaptar as características do regime republicano às profundas mudanças que acompanham a evolução de um federalismo itálico para um império ultramarino. Eleito tribuno da plebe no ano de 133 a.C. empenha-se, sobretudo, contra o que considera a origem dos outros males que acometem a romanidade, consistindo na concentração de poder e riqueza nas classes favorecidas, à custa do empobrecimento das demais. Por via da aquisição massificada de mão-de-obra escrava composta pelas populações submetidas no decurso do crescimento territorial do império, os aristocratas garantem o sucesso produtivo do latifúndio, condenando à ruína o pequeno proprietário, o agricultor-soldado que constituía a espinha dorsal dos exércitos milicianos durante o século III a.C..¹¹³

Acompanhando os crescentes privilégios da nata da sociedade romana representada pela ordem senatorial, os equestres obtêm as suas próprias fontes de receitas através de uma multiplicidade de práticas monopolistas ou corporativas de controlo dos florescentes negócios estabelecidos com as províncias conquistadas pelas

¹¹⁰ Polyb., 6, 13.

¹¹¹ App. *B Civ.*, 1, 1-2.

GARCÍA MORÁ, Felix – *Quinto Sertorio*, Tesis doctorales, Universidade de Granada, Granada, 1990, página 49.

¹¹² App. *B Civ.*, 1, 1-2.

¹¹³ App. *B Civ.*, 1, 7, 1.

armas legionárias¹¹⁴. Com a terra e o tráfico mercantil sob o firme domínio das duas primeiras ordens do *census*, um fosso entre a classe cimeira e o restante colectivo incrementa-se com o decorrer do tempo¹¹⁵, na estratigrafia social.

Regressado da guerra no Ultramar à pequena propriedade que havia deixado entregue à gestão da família, o antigo combatente vê-se esmagado pela concorrência com a força humana escravagista ao dispor dos grandes terratenentes na própria Itália e com o fluxo de novos produtos advindos das colónias¹¹⁶. Perdida a sua fonte de rendimento e independência que constitui o património agrícola, tipicamente adquirido pelo latifundiário vizinho que, desta forma, aumenta o seu domínio por parcelas sucessivas, o comum romano abandona a ruralidade para tentar sobreviver na cidade¹¹⁷.

A integração nos mesteres urbanos fá-lo engrossar a lista dos *proletarii*, cidadãos detentores de propriedade apreciável no valor de 11,000 *asses*, cuja função no contexto social romano consiste, para além do produto da sua própria força laboral, na de gerar a prole que colonizará os novos territórios do império, onde esperam encontrar a oportunidade para deter a terra que constitui o fundamento para a riqueza e *status* no mundo antigo. Numa categoria inferior a esta encontram-se ainda os *capite censi*, ou seja, cidadãos abaixo do critério mínimo de riqueza para figurar no *census* para além de uma simples conta de cabeças¹¹⁸, tipicamente sujeitos a uma vida de indignidade e mendicância, perspectivados pelo resto da sociedade romana como compondo o submundo da urbanidade, um antro de miséria, doença, crime e prostituição¹¹⁹.

O acréscimo da importância do mercantilismo na economia romana que, até às Guerras Púnicas, se compusera a partir de uma essência agrícola num perímetro itálico, tem por efeito o crescimento das cidades litorais, para além de uma planificação. A migração dos antigos agricultores desapossados da sua terra resulta no grémio de proletários nas imediações dos centros de poder, elemento fulcral para compreendermos o contexto do antagonismo fracturante na direcção aristocrática do regime. Assegurar o fornecimento de cereais a baixo preço à plebe carenciada de Roma, torna-se numa preocupação transversal às várias tendências políticas do período: para os líderes da facção *popular*, visa cativar o apoio das massas que constitui a principal plataforma para

¹¹⁴ ROSS-TAYLOR, Lily – *La politique et les partis à Rome au temps de César*, Elizabeth & Jean-Claude Morin (trad.), François Maspero, Paris, 1977, página 41.

¹¹⁵ ROSS-TAYLOR, Lily, *op. cit.*, página 42.

¹¹⁶ *Ibidem*.

¹¹⁷ Plut. *Vit., Ti. Gracch.*, 8, 1-3.

¹¹⁸ Gell., *NA*, 16, 10.

¹¹⁹ ROSS-TAYLOR, *op. cit.*, página 43.

a sua ascensão pessoal enquanto, para os *optimates*, consiste num artifício necessário para reduzir a contestação ao poder vigente¹²⁰.

A vulnerabilidade para o Estado romano que representa o alienar de uma vida cívica produtiva de parte significativa da sua população, regista-se no domínio mais caro para uma civilização orientada por uma política expansionista: no decurso do século II a.C., as legiões começam a sofrer com a falta de poder humano por motivo do empobrecimento dos cidadãos para níveis abaixo do requerido para o serviço militar¹²¹. Antes pertença de trabalhadores rurais, o solo da Itália encontra-se entregue ao trabalho de escravos estrangeiros que asseguram as fontes de rendimento ao latifundiário¹²², cada vez mais propenso a distanciar-se dos tradicionais valores de integridade romanos e a favorecer uma existência hedonista¹²³.

Afectando, por fim, o domínio que exterioriza o poder e a superioridade de Roma, o valor marcial das legiões declina nos campos de batalha do Mediterrâneo e a expansão nitidamente abranda por motivo das carências de fornecimento humano para a máquina de guerra. Com efeito, uma antinomia relativamente ao desenvolvimento impulso militar da primeira metade do século II a.C. constitui o período de cerca de trinta anos intercalando a travessia do rio Minho por Décimo Júnio Bruto Calaico (137 a.C.)¹²⁴ e a conquista de parte da Numídia na conclusão vitoriosa da guerra Jugurtina (112-106 a.C.). A inércia das forças armadas constitui o registo mais evidente da consequência no domínio da política externa do compêndio de vulnerabilidades com que se debate o regime aristocrático na própria Itália.

3.1.2 - A reforma agrária dos irmãos Gracos. A cisão dentro da aristocracia dirigente romana. A constituição do movimento *popular e conservador*.

Dotado com o dom da palavra numa Roma que se familiariza com as técnicas helenísticas do discurso eloquente, difundidas pelos círculos da alta cultura em continuidade com o patrocínio inaugural de Cipião¹²⁵, *o Africano*, o tribuno Tibério Semprônio Graco empenha-se no combate à desigualdade na distribuição da riqueza

¹²⁰ Plut. *Vit., C. Gracch.*, 5, 1.

¹²¹ LIGT, Luuk de – “Roman Manpower and Recruitment”, in *A Companion to the Roman Army*, Paul Erdkamp (Ed.), Blackwell Publishing, Oxford, 2007, página 128.

¹²² *Ibidem*.

¹²³ Diod. Sic., 37, 3 ; Sall., *Iug.*, 4, 7.

¹²⁴ Strabo, 3, 3, 1.

¹²⁵ Tibério Semprônio Graco é neto, por via materna, de Cipião, *o Africano*.

fundiária. Em defesa de um programa de concertação social, propõe uma legislação agrária determinando uma redistribuição mais equitativa do *ager publicus*, elevando o estatuto às classes pobres que haviam perdido a sua propriedade por cúmulo de dívidas, enquanto impondo limites à concentração de terra por indivíduos singulares. Apesar do tom cordato da sua oratória visar um compromisso entre as distintas representações de interesses em torno de reformas que considera impreteríveis para a resolução das debilidades internas responsáveis pela atrofia do poder militar de Roma, a influência que exerce sobre a multidão que assiste aos seus discursos, representa uma ameaça para os grandes terratenentes, decididos a defender os seus privilégios¹²⁶. Por fim, o brutal assassinio do tribuno às mãos dos senadores e seus apoiantes que falsamente o acusam de almejar a coroa monárquia, contribui para modelar a postura combativa¹²⁷ do seu irmão, Gaio Semprônio Graco¹²⁸, que, quando empossado do cargo de tribuno da plebe, faz derivar o discurso a partir do *rostra* que domina com a sua presença exibicionista e intimidante, o seu estilo agressivo e injurioso¹²⁹, para uma radical demagogia¹³⁰.

Em antinomia com a forma gentil e serena com que o seu irmão cativava o seu público, visa o tom incendiado da poderosa eloquência do mais novo dos Gracos, introduzir uma ousada legislação capaz de forçar uma maior igualdade. Os métodos de confrontação de Gaio resultam no acentuar da fractura na empatia entre os aristocratas e a plebe¹³¹, assim como no âmagio da própria nomenclatura dirigente¹³².

Com efeito, as medidas propostas na qualidade de tribuno visam diluir as assimetrias na sociedade romana, mediante o amparo dos desfavorecidos e a retracção dos privilégios das classes cimeiras: uma lei agrária divide a terra pública entre os cidadãos pobres, enquanto outra procura reabrir-lhes as portas do serviço militar através do fornecimento do vestuário aos soldados às despesas do Estado. Para além do reconhecimento, aos aliados itálicos, de iguais direitos de sufrágio com os cidadãos romanos, a mais ousada legislação de Gaio Graco concerne à extensão do exercício da jurisprudência em casos criminais também aos *cavaleiros*, até aí prerrogativa dos integrantes da ordem senatorial. A sua acção tribunícia faz acrescentar aos trezentos

¹²⁶ ROSS-TAYLOR, *op. cit.*, páginas 38-39.

¹²⁷ Plut. *Vit., Ti. Gracch.*, 2, 2.

¹²⁸ Plut. *Vit., C. Gracch.*, 3, 3.

¹²⁹ Plut. *Vit., C. Gracch.*, 4, 3-4.

¹³⁰ App. *B Civ.*, 21, 1.

¹³¹ Plut. *Vit., C. Gracch.*, 3, 2.

¹³² Plut. *Vit., C. Gracch.*, 1, 5-6.

membros do Senado, outros trezentos homens provenientes da ordem equestre, e torna o serviço como juizes atributo da totalidade dos seiscentos¹³³.

Exibindo através do gesto a sua intenção de servir o interesse do povo transformando o formato constitucional romano de aristocrático em democrático¹³⁴, Gaio Graco passa a proceder à sua oratória no Fórum com as costas voltadas para o Senado, quando sempre até aí os tribunos da plebe haviam dirigido o seu semblante para a Cúria¹³⁵. A feroz contestação ao abuso de poder por parte daqueles que, no seu entendimento, representam uma oligarquia corrompida pelo luxo e vício, soçobra com o seu assassínio, mas as suas ideias frutificam numa facção organizada de tendência popular e reformista, que disputa o poder com os aristocratas *conservadores*.

Para fazer frente aos factores de crise que enunciam as piores consequências para a viabilidade do regime republicano, debatem-se entre a classe dirigente, dois modelos de atendimento, um que propõe adaptar o sistema vigente aos novos tempos mediante urgentes mudanças legislativas¹³⁶, outro que procura preservar a integridade das regalias das classes superiores, cerrando fileiras diante das adversidades. Os membros da primeira facção, apelidados de *populares* ou *democráticos* pela pretensa luta que empreendem em favor da plebe, abraçam o legado dos Gracos e representam a cisão do corpo aristocrático que a outra parte da elite procura evitar. Conhecidos estes últimos pelo termo de *optimates* ou *conservadores*, opõem-se à mudança pelos riscos evidentes que reconhecem para os seus interesses com a promoção de uma maior igualdade social, reagindo ao perigo da insatisfação dos desfavorecidos, através do incremento dos meios de controlo de multidão, tanto repressivos como apaziguadores, procurando adiar mudanças significativas pelo espaço das suas vidas e apoiar-se nos símbolos e instrumentos de poder. O prestígio associado à linhagem de sangue nobiliárquico, reforçado pelo superior conhecimento que lhes advém de uma educação providenciada por pedagogos privados, compõem os apetrechos basilares para legitimarem a sua superioridade na hierarquia social.

A denúncia por parte dos chefes *populares* dos males de um sistema que destrói a vitalidade da civilização romana ao sujeitar o povo à exploração de um grupo de privilegiados, é acompanhada por um programa de medidas reformistas destinado a uma resolução de maior equidade social. A parte aristocrática do regime cimentar-se-ia na

¹³³ Plut. *Vit.*, *C. Gracch.*, 5, 1-2.

¹³⁴ Diod. Sic., 34-35, 25, 1.

¹³⁵ Plut. *Vit.*, *C. Gracch.*, 5, 3.

¹³⁶ App. *B Civ.*, 1, 11, 1.

virtus pessoal, abrindo espaço para a ascensão do *homo novus*, integrando-o entre a elite de linhagem. O cidadão romano seria restabelecido na sua propriedade e prestígio através da contenção do crescimento do latifúndio na Itália e distribuição de terra nas colónias¹³⁷.

Contra este projecto aparentemente razoável de saneamento das chagas que debilitam o tecido social romano, opõem os *conservadores* o argumento da necessidade de estabilidade, investivando o radicalismo dos tribunos da plebe que destrutura as tradições ancestrais romanas em proveito da sua ascensão pessoal. O discurso demagógico revolvendo as massas plebeias residentes no epicentro do império ameaça, nesta lógica, a ordem interna de que depende Roma para o sucesso das lutas contra a miríade de inimigos que se opõem aos seus desígnios de conquista.

No concebimento dos *optimates*, a ineptidão das gentes comuns para conscientemente determinar o seu destino, recomenda a continuidade de um sistema que, apesar de tudo, concede a Roma o exercício do poder sobre todo o mundo mediterrâneo¹³⁸. O estreitamento do colectivo em torno das tradições romanas representa a melhor conduta frente às exigências que se colocam a uma sociedade aspirante ao domínio universal. Para a facção *conservadora*, os problemas que atingem Roma advêm, justamente, da permeabilidade dos *mos maiorum* a ingerências nocivas de conceitos exógenos, motivo porque se recomenda o preservar da ancestral tecedura de ordenação¹³⁹ em detrimento do salto no desconhecido que representam as reformas postuladas pelos *populares*.

Escorando-se nos atributos que ostensivamente definem a sua superioridade na estratigrafia do regime, os oligarcas zelam sobretudo pelos seus interesses, enquanto classe favorecida. A resposta para o ambiente de clivagem social que enuncia as grandes contendas civis do século I a.C., consiste no distanciamento físico da nata da República em relação à populaça, resumindo o seu quotidiano a actividades no habitáculo senatorial e ao conforto nas *villae*, os seus estados latifundiários privados, onde olvidam a noção dos problemas do tempo no conforto luxuoso.

Para os *optimates*, a conduta dos seus pares no cume do *census* integrando a facção *democrática*, representa uma fractura no estrato liderante que põe justamente em causa as suas condições de vida privilegiadas, motivo porque uma aversão pessoal

¹³⁷ Ver: BROADHEAD, Will – “Colonization, Land Distribution, and Veteran Settlement”, in *A Companion to the Roman Army*, Paul Erdkamp (Ed.), Blackwell Publishing, 2007.

¹³⁸ Sall., *Hist.*, 2, 44, 13-14.

¹³⁹ Polyb., 6, 18.

depressa se desenvolve entre os membros das respectivas militâncias. Acusam, também, os seus rivais de pretenderem usar a sua influência sobre as massas com o emprego do discurso demagógico e outros métodos de manipulação de multidões, para as conduzirem a uma desordem que ocasione o derrube da República aristocrática e sua substituição por uma tirania ou monarquia¹⁴⁰.

No seguimento do perigoso precedente que constitui a sucessão ilegal de consulados de Gaio Mário, os passos dados por Júlio César consubstanciam, justamente, as várias fases do assalto ao poder através da preliminar cativação de popularidade, distinção na arena marcial contra inimigos externos, guerra civil e apresentação de uma solução para devolver a tranquilidade ao todo social. Por conseguinte, a manutenção do *status quo* alicerçado na autoridade do Senado constitui, nos selectivos argumentos usados pelos *optimates*, na melhor blindagem do regime republicano contra a usurpação intencionada dos pretensos arautos dos desfavorecidos¹⁴¹.

A inexistência de verdadeiras ideologias estruturando e distinguindo as facções romanas no ocaso da República, claramente as desprova de parte da essência dos contemporâneos partidos políticos¹⁴², motivo porque o emprego deste termo suscita dúvidas de autenticidade em face dos particularismos do fenómeno epocal¹⁴³. Esta indefinição ideológica favorece o surgimento de nichos mais ou menos exclusivistas no seio das latas agremiações, determinando uma multiplicidade de vias políticas para objectivos pouco esclarecidos. Tal como na facção *popular* se distinguem tendências reformistas dispostas ao compromisso entre as partes e revolucionários apelando à acção violenta da plebe contra a oligarquia regente, entre os *optimates* uma ala moderada propõe uma contenção do processo de mudanças através de cedências calculadas, enquanto um sector ultra-montano visa um simples aniquilamento dos focos de discórdia.

O antagonismo entre as elites evolui para uma verdadeira confrontação armada algumas décadas após os irmãos Graco terem sido assassinados perante a inacção da plebe pela qual se bateram, em os defender. Com o primeiro sangue derramado, o sistema político romano caminha para a crise que o sentenciará no século subsequente.

¹⁴⁰ Diod. Sic., 34-35, 25.

¹⁴¹ App. *B Civ.*, 1, 23, 1.

¹⁴² ASTIN, A. E – “Sources”, in *The Cambridge Ancient History. Volume 8: Rome and the Mediterranean to 133 BC*, Second Edition, Astin, A.E. ; Walbank, F.W. ; Frederiksen, M.W. ; Ogilvie, R.M. (Eds.), Cambridge University Press, 2008, página 67.

¹⁴³ ASTIN, A. E – “Sources”, in *The Cambridge Ancient History. Volume 8: Rome and the Mediterranean to 133 BC*, Second Edition, Astin, A.E. ; Walbank, F.W. ; Frederiksen, M.W. ; Ogilvie, R.M. (Eds.), Cambridge University Press, 2008, página 67.

Episódios de inaudita violência civil na História de Roma registam-se quando Gaio Mário e Lúcio Cornélio Sula, antigos companheiros de armas transformados em inimigos fúteis, tomam à vez o poder na Cidade Eterna, implementando regimes de terror que, embora de curta duração, se caracterizam pelo desabrido revanchismo contra os seus adversários ou suspeitos de menor fidelidade.

3.1.3 – Os vícios da prática política do regime. A corrupção do sistema eleitoral no acesso às magistraturas. O clientelismo e outras fórmulas de vinculação pessoal e grupal.

Apesar de ter constituído a estirpe para a divergência de projectos entre *populares* e *conservadores*, a reforma agrária é apenas um dos fundamentos do complexo fenómeno de confrontação civil entre facções políticas que enunciam a crise do regime¹⁴⁴. Num modelo de organização social altamente estratificado, no contexto do qual as pessoas estão organizadas em categorias de acordo com um *census*, o ambiente entre a escol que constituem as classes superiores liderando a política romana, caracteriza-se por uma feroz competição¹⁴⁵. Cada membro singular que integra este corpo exclusivista é avaliado com uma profunda atenção e frio cálculo pelos seus pares, que escrutinam elementos positivos e negativos a partir de uma miríade de critérios de destriça, incluindo a linhagem, riqueza, cumprimento do *cursus honorum*, serviços públicos, condecorações, homenagens, idade, influência, ideias, ambições e talentos, entre muitos outros.

Ditando esta categorização uma considerável heterogeneidade das características dos membros integrando as estruturas dirigentes do regime, as duas grandes agremiações que protagonizam os conflitos do período, integram uma multiplicidade de sub-agrupamentos compostos a partir de indivíduos procurando alianças com quem partilham determinados atributos e objectivos. Na complexa teia de relações dentro e, por vezes, extrapolando a própria circunscrição formal entre *conservadores* e *populares*, os agentes políticos do período encontram-se tipicamente imersos em lutas fratricidas,

¹⁴⁴ ROLDÁN, J., “La guerra civil entre Sertorio, Metelo e Pompeyo (82-72 a.C.)”, *Historia de España Antigua, II. Hispania Romana*, J. M. Blázquez (Ed.), Cátedra, Madrid, 1978, página 115.

¹⁴⁵ ASTIN, A. E. – “Roman Government and Politics, 200-134 BC.”, in *The Cambridge Ancient History. Volume 8: Rome and the Mediterranean to 133 BC*, Second Edition, Astin, A.E. ; Walbank, F.W. ; Frederiksen, M.W. ; Ogilvie, R.M. (Eds.), Cambridge University Press, 2008, página 169.

intrigas palacianas e jogos de interesses¹⁴⁶. Mais do que envolvida numa troca de ideias e apresentação de propostas produtivas visando o interesse público¹⁴⁷, a elite romana dedica-se, nestes tempos de decadência da instituição senatorial, a uma guerrilha sem termo de ódios e fulanização de conflitos, travada assiduamente nas arenas da política e da jurisprudência, por vezes escalando até assassinatos de rua¹⁴⁸. O combate assíduo pelas ambicionadas magistraturas, induz ao estabelecimento de acordos de circunstância, amiguismos e formação de clientelas¹⁴⁹.

A crise da República romana expressa-se com clareza na perda dos predicados aristocráticos por parte de uma elite dirigente, que evolui para um grupo de oligarcas desprovidos de valor social conexo com as condições de vida priverligiadas. A firme resistência de Horácio Cocles, a mutilação auto-infligida de Gaio Múcio Cévola, a abnegação e simplicidade de Lúcio Quincio Cincinato, valores tradicionais romanos que, no seu conjunto, simbolizam o subordinar do interesse individual ao bem comum, diluem-se num ambiente de pugna pela obtenção de poder, fama, riqueza e influência por quaisquer meios. A notabilidade da maior parte dos homens que modelam um tempo marcado pelas nefastas consequências da ambição, faz-se em consonância com a eficiência com que galgam graus na escadaria social, se necessário ou para o efeito pisando com impiedade os rivais, tornando-se rarefeitos os casos daqueles que evitam uma morte violenta às mãos dos seus conterrâneos, na penumbra da fortuna acompanhando uma vida urdida pela perseguição de desígnios egocêntricos.

A Justiça, tornada numa das principais arenas de confronto e aviltamento de carácter adjacente às rixas políticas, é cada vez mais dominada pela corrupção, pela intriga, pelo voto corporativo, pela *amiticia*, pelas conexões clientelares, sobretudo após as reformas de Gaio Graco terem aberto as listas de jurados ao ingresso de equestres, menos contidos por preceitos de honra e decoro do que membros da ordem senatorial¹⁵⁰. No domínio da jurisprudência exteriorizam-se os múltiplos antagonismos do período, seja de natureza pessoal ou entre grupos de interesses, sujeitando-se com assiduidade a aplicação da lei às influências de quem detém poder. O tecido social romano encontra-se desunido pelos conflitos que opõem cavaleiros a senadores, *populares* a

¹⁴⁶ ROSS-TAYLOR, *op. cit.*, página 46 ; GARCÍA MORÁ, *op. cit.*, página 34.

¹⁴⁷ ROSS-TAYLOR, *op. cit.*, página 47.

¹⁴⁸ App. B Civ., 1, 5, 1.

¹⁴⁹ ROSS-TAYLOR, *op. cit.*, página 45.

¹⁵⁰ App. B Civ., 1, 5, 35 ; 1, 2, 1.

conservadores, romanos a itálicos, plebeus a patrícios, aristocratas a arrivistas, terratenentes a mercantis.

O prestígio da linhagem e a riqueza que permite financiar campanha, constituem os atributos de maior significância para o acesso às magistraturas, de forma que os cargos são monopolizados pelas famílias nobiliárquicas e pelos equestres detentores de elevado património. Grupos de apaniguados cativam o apoio das massas para o seu patrono através de promessas de protecção e favorecimento, assim como expedientes negativos como a difusão de dúvidas e receios, transformando o acto eleitoral num sistema muito viciado que, frequentemente, concede a vitória a quem melhor prevarica no domínio ético. A parte meritocrática que contextualiza uma civilização vocacionada para o expansionismo militar, confere às honras adquiridas na guerra, o estatuto de principal veículo de promoção social até à cúpula do poder, a quem provém de estratos menos favorecidos¹⁵¹. Talento para a oratória no hemiciclo político ou no da jurisprudência, configura outro meio de notabilidade na sociedade romana do século I a.C..

Técnicas cada vez mais sofisticadas de discurso, comentadas e apreciadas pelos agentes políticos como se de uma arte ou ciência se tratasse¹⁵², manipulam a percepção e comportamento das audiências, com particular efeito sobre a sugestionável mocidade e massas incultas da plebe urbana. Tão conseqüente pode ser a faculdade de bem falar em público que éditos dos censores são dirigidos para eliminar a sua aprendizagem da educação¹⁵³ dos jovens romanos¹⁵⁴, assim como para proibir a presença de filósofos e retóricos no centro do poder em Roma¹⁵⁵. Nesta legislação vemos expressos o temor e a desconfiança em relação às novidades culturais helenísticas corrompendo os *mos maiorum* romanos que se atribui às potencialidades do artifício oral. Não obstante, o ingresso da retórica no domínio da jurisprudência eleva-a progressivamente à condição de arte refinada da intelectualidade¹⁵⁶, um recurso necessário nas lides sociais¹⁵⁷.

¹⁵¹ DAWSON, *op. cit.*, página 113 ; PATTERSON, John – “Military organization and social change”, in *War and Society in the Roman World*, John Rich & Graham Shipley (Ed.), Routledge, London and New York, 1993, páginas 92-112.

¹⁵² CICÉRON, Marcus Tullius, *Brutus*, texte établi et traduit par Jules Martha, 5^a tiragé, Les Belles Lettres, Paris, 1973.

¹⁵³ Suet., *Gram. Et rhet.*, 4.

¹⁵⁴ Suet., *Gram. Et rhet.*, 1.

¹⁵⁵ Suet., *Gram. Et rhet.*, 1.

¹⁵⁶ Strabo, 1, 2, 5.

¹⁵⁷ Suet., *Gram. Et rhet.*, 1.

O ancestral edifício aristocrático assente na liderança dos “melhores” em prol da comunidade deriva, assim, para um complexo sistema, no contexto do qual o poder se encontra espargido por uma multiplicidade de pólos de emanção. A acção demagógica do tribunato da plebe é sobretudo bem-sucedida em contribuir para a denúncia dos vícios da oligarquia regente. A elite senatorial cede lugar, enquanto referência de prestígio perante as classes populares, aos grandes comandantes militares, que ascendem através da mobilização de exércitos privados, para com eles ameaçarem o próprio ordenamento republicano¹⁵⁸.

3.1.4 – Uma nova fractura dentro da elite dirigente romana: o patrício e o *homo novus*.

Distinto símbolo do arrivismo que ganha fôlego no ocaso da República por motivo do descrédito das instituições tradicionais, Gaio Mário representa o homem de proveniência obscura que sobe a pulso na vida. O seu exemplo será reproduzido por outros itálico-romanos cunhados pelo termo de *homo novus*, entre os quais se incluem os futuros rivais do conflito em estudo nesta tese de doutoramento: Quinto Sertório e Gneu Pompeio. Uma segunda fractura dentro da elite dirigente romana que complexifica ainda mais a malha de agrupamentos do período, cruza-se com a que opõe *populares* a *conservadores*: as renomeadas famílias patrícias romanas vêem o seu estatuto vacilar na apreciação do colectivo com a entrada em cena de uma estirpe de homens de origem menos distinta, mas agraciados pelo seu valor nos domínios cívicos e marciais frequentemente também enriquecidos pela apurada gestão de um património adquirido no seu tempo de vida ou no espaço de poucas gerações.

Não devemos, contudo, considerar o fenómeno do advento do *homo novus* como em permanente desacordo com o interesse do poder instituído. O sistema social romano contém uma flexibilidade razoável para permitir saltos de classe, ainda que a linhagem continue a constituir importante elemento de discriminação¹⁵⁹. O reconhecimento, por parte do colectivo, do mérito dos arrivistas consubstancia-se, nos casos mais distintos, em laços matrimoniais com a mesma elite que, por princípio, se opõe aos seus desígnios. A ambiência de competição entre os aristocratas dispõe algumas das mais ilustres *gens* a absorverem no seu seio os grandes homens que forcem o seu caminho

¹⁵⁸ CAMPBELL, *op. cit.*, página 4.

¹⁵⁹ ROSS-TAYLOR, *op. cit.*, página 30.

por entre os obstáculos das convenções tradicionais. Neste contexto se compreende a ligação estabelecida entre Gaio Mário e a família dos *Iulii*¹⁶⁰ ou entre Gneu Pompeio e os *Cornelii*, visando Sula dispor dos talentos do prodigioso jovem do Piceno¹⁶¹.

3.1.5 – A ascensão de Gaio Mário. O perigo germano. As reformas marianas. A constituição de exércitos privados.

A mobilidade social do período permite, portanto, a ascensão de homens ambiciosos e desenvoltos, para quem os mecanismos de controlo do poder singular dispostos na legislação romana, apenas constituem uma forma de cercear os proventos devidos ao seu mérito. Antes de Pompeio acumular comandos extraordinários sem sequer ter ainda atingido a idade para o ingresso no *cursus honorum*, Gaio Mário protagoniza a primeira grande adulteração do sistema romano de exercício de magistraturas. As medidas implementadas sob a égide de Catão, o *Censor*, haviam assegurado a blindagem do poder colectivo sobre o indivíduo, após os tempos de crise da Segunda Guerra Púnica terem ocasionado a fulgurante carreira de Cipião, o *Africano*. Contudo, a continuidade do *status quo* estava naturalmente dependente da referência simbólica de prestígio que constitui a aristocracia senatorial, motivo porque a degradação da sua imagem pública abre fendas por onde irrompe o brilho dos grandes homens do século I a.C., que irão usurpar parte do poder do colectivo, desferindo golpes sucessivos no regime republicano, até à sua queda.

Proveniente de uma família da fidalguia equestre rural cujo estatuto se limitaria à comuna de Arpino¹⁶², a vida de Gaio Mário consiste numa obstinada luta contra os preceitos linhagísticos que condicionam o seu acesso aos mais elevados cargos da República. Rude de modos, com uma fisionomia intimidante e temperamento colérico, Mário abre o seu caminho por via de uma brutal força de vontade, perseverança no contratempo e espírito pragmático diante de cada desafio, pisando com particular gosto os representantes de uma nobiliarquia romana que considera incapaz, pedante e ociosa.

A sua ascensão é feita a partir dos estratos do exército, onde cedo capta o respeito das tropas e a atenção dos oficiais superiores pela exibição da sua bravura,

¹⁶⁰ Plut. *Vit., Mar.*, 6, 2.

¹⁶¹ Plut. *Vit., Pomp.*, 9.

¹⁶² A referência biográfica em que Plutarco atribui ao pai de Mário a condição de trabalhador rural é quase com certeza falaciosa.

Ver: HILDINGER, Erik – “Chapter 5: The Jugurthine War”, in *Swords Against the Senate: The Rise of the Roman Army*, Da Capo Press, Rome, 2002, página 59).

presença, competência e fortaleza perante a provação. Compartilhando das condições de vida de quem se encontra sob o seu comando, Mário inspira através do exemplo de sujeição às maiores durezas, alimentando-se das rações de campanha, exercitando-se com vigor e empunhando as ferramentas de trabalho como um vulgar legionário¹⁶³. As qualidades que fazem dele um superior guerreiro e condutor de homens, conduzem-no até à tenência sob os mais importantes comandantes militares do seu tempo¹⁶⁴.

O trâmite para a liderança de exércitos através de magistraturas políticas numa sociedade onde os dois elementos não verdadeiramente se discriminam, revela-se mais tortuoso por motivo da oposição que lhe move a fidalguia cobiçosa dos mesmos cargos¹⁶⁵. Um ódio visceral cada vez mais intenso contra a elite dirigente romana, impele Mário a incitar o povo contra os bem-nascidos da República¹⁶⁶ que desdenham das suas origens, do seu desconhecimento sobre a cultura erudita grega, da grosseria do vocabulário e maneiras de um homem nascido no meio rural e educado nas casernas legionárias¹⁶⁷.

O talento de generalato que constitui o corolário da colecta de uma longa experiência na escola da vida militar, tornam o seu comando imprescindível quando uma migração de povos germanos para sul, ameaça a própria existência da civilização romana. Após a imensa vaga de gigantes do Norte ter aniquilado, durante o seu trânsito pela Gália, um numeroso exército romano na batalha de Aráusio (105 a.C.), Gaio Mário é incumbido com a tarefa de constituir a última linha de defesa antes da fronteira alpina ser transposta e a população itálica sujeita à devastação da horda bárbara. Investido com um mandato consular que, numa flagrante violação do requerido tempo de intervalo entre o exercício da mesma magistratura, será renovado, sob pressão popular, pelos dois anos seguintes, a nossa personagem recebe aval dos seus antigos inimigos no Senado, para recorrer aos meios que achar necessários para travar o terror vindo das gélidas e sombrias florestas boreais¹⁶⁸.

Frente a este adversário, Roma precisa de um comandante provido com a inquebrantável confiança pessoal de Gaio Mário, que reúne na sua emanção de dureza disciplinadora, a sabedoria prática do ruralismo com o calejado espírito de um guerreiro consumado. Abrindo os critérios para a recruta de forma a incluírem os *capite censi*, ou

¹⁶³ Plut. *Vit., Mar.*, 6-7.

¹⁶⁴ Exsu., 1.

¹⁶⁵ Exsu., 3-4.

¹⁶⁶ Exsu., 6.

¹⁶⁷ Plut. *Vit., Mar.*, 6-7.

¹⁶⁸ Plut. *Vit., Mar.*, 11-13.

seja, cidadãos romanos que nas mensuras censitárias eram “contados por cabeça” visto possuírem pouca ou nenhuma propriedade, o cônsul romano constitui um corpo de tropas que lhe é devedor e dependente¹⁶⁹.

De forma a reduzir o tamanho do comboio de carga e aumentar a autonomia logística do exército relativamente aos depósitos de abastecimento, o legionário é treinado para transportar consigo o fundamental da bagagem de que tem necessidade, razão porque recebe a alcunha de “mula de Mário”¹⁷⁰. Terminam os alinhamentos por critérios etários em *hastati, princeps e triarii*, uniformizando-se também a equipagem dos soldados. Finalmente, a coorte passa a constituir a unidade táctica base da legião, doravante melhor dotada com a possibilidade de destacamento de células operativas para missões independentes requerendo um poder humano superior ao do manípulo.

As reformas de Gaio Mário incrementam a eficiência geral das legiões romanas que atingem um pico de desempenho durante o Principado, sobretudo devido ao consolidar da paulatina profissionalização¹⁷¹ que se iniciara no século I a.C.. A tropa miliciana é substituída por militares de carreira cuja experiência acumulada confere uma superior capacidade aos exércitos que integram, com particular ênfase nas perícias requerendo maior tempo de aprendizagem e mestria. Especialistas no erigir de fortificações, condução de assédios, emprego de artilharia, construção de pontes e outras tarefas exigindo conhecimento de engenharia, incrementam a versatilidade e eficiência desta máquina de guerra. O elemento contraproducente consiste no facto de o novo sistema desprover a República da facilidade de conscrição de cidadãos que compusera parte fundamental do sucesso das suas armas, definindo-se uma fractura entre o elemento guerreiro e civil na sociedade romana. A marcialidade passa a ser compreendida como um ofício mais do que o cumprimento de serviço público por parte de um cidadão, contribuindo para o reforço da proficiência do exército romano, enquanto restringindo a sua representação relativa na estrutura demográfica imperial.

A Segunda Guerra Púnica expusera o arcaísmo de algumas das instituições republicanas, motivo porque soluções *ad hoc* como o comando autónomo dos generais enviados para a Península Ibérica tiveram de ser implementadas. Um regime estruturado pelo princípio de garantir a supremacia do colectivo sobre o indivíduo, deixa de ser

¹⁶⁹ Plut., *Vit., Mar.*, 8 ; Plut., *Vit., Mar.*, 10.

¹⁷⁰ Plut. *Vit., Mar.*, 13, 1. ; Frontin. *Str.*, 4, 7.

WRIGHT, Mary – *Marius' Mules: Paving the Path to Power*, Western Oregon University, 2009.

¹⁷¹ BLOIS, Lukas de – “Army and General in the Late Roman Republic”, in *A Companion to the Roman Army*, Paul Erdkamp (Ed.), Blackwell Publishing, Oxford, 2007.

capaz de assegurar a vitória nas guerras travadas no Ultramar, de forma que alguns dos mecanismos de defesa da estabilidade da República têm de ser retirados, para que esta se compatibilize com as exigências do expansionismo militar.

Um sistema compósito é modelado a partir de 197 a.C. quando as magistraturas itálicas de duração anual são acrescidas com um análogo serviço nas províncias hispânicas, prorrogável por tempo indefinido através de deliberação do Senado. Um hábil comandante pode, assim, ser mantido em funções de forma a garantir eficiência marcial nos conflitos inerentes às zonas de fronteira. O colectivo senatorial governando Roma já não tem margem para abdicar dos serviços de um indivíduo especialmente dotado para a liderança na guerra sem que isso coloque em perigo a política de conquista, eventualmente a própria sobrevivência da civilização. O desastre de Aráusio confirma as falências persistentes do sistema miliciano e permite que Gaio Mário apresente a solução de optimização dos recursos militares que definitivamente destaca o legionário do interesse do Senado, quando o serviço nas forças armadas passa a ser sobretudo atractivo para as populações marginalizadas pelo resto da sociedade romana.

A estrutura de comando do exército sofre as alterações resultantes do processo de profissionalização¹⁷²: legados são escolhidos discricionariamente pelo general para comandar cada legião, veteranos centuriões dirigem soldados cujo tempo contractualizado de serviço pode atingir décadas antes do licenciamento. As forças militares do período compreendido entre o século I a.C. e o II d.C. são as mais eficientes na história desta civilização, mas o custo da sua modelagem está intimamente conectado com a queda da República aristocrática em proveito de uma centralização de poder político que imponha limites às ambições dos generais com meios para recrutar exércitos privados e usá-los contra o próprio Estado¹⁷³. De forma talvez inconsciente no que concerne às consequências de longo prazo¹⁷⁴, as reformas introduzidas por Gaio Mário coadjuvam ao derrube do edifício republicano pela substituição do cidadão-soldado por um grupo social bem definido que, consagrado de forma duradoura ao ofício de armas, se desafecta do conceito de serviço público para defender o interesse específico de um experto artífice.

¹⁷² VERLIC, Robert – *From Citizen Militia to Professional Military: Transformation of the Roman Army*, (Master Thesis), Fort Laevenworth, Kansas, 2007.

¹⁷³ POLLARD, Nigel – “The Roman Army”, in *A Companion to the Roman Empire*, David S. Potter (Ed.), Blackwell Publishing, 2006, Oxford, página 207 ; FIELDS, Nick - *The Roman Army of the Principate 27 BC-AD 117*, Osprey Publishing Ltd, 2009, página 4.

¹⁷⁴ KEAVENEY, Arthur – *The Army in the Roman Revolution*, Routledge, London, 2007, página 25.

3.1.6 - A Guerra Civil em Roma entre *populares* e *optimates*. A situação na Península Ibérica aquando a chegada de Sertório com um mandato proconsular.

A completa vitória alcançada pelas legiões de Mário sobre os Cimbros e os Teutões determina que os futuros exércitos romanos sejam modelados de acordo com os métodos introduzidos pelo cônsul. Tão grande é o seu prestígio¹⁷⁵ que continua a acumular magistraturas pelos anos subsequentes ao degolar do perigo bárbaro, desenvolvendo em breve uma rivalidade com outro comandante militar de valor, de seu nome Lúcio Cornélio Sula. Assumindo as lideranças da facção *popular* e *conservadora*, o relacionamento entre os antigos camaradas de armas das guerras Jugurtina e Social (91-88 a.C.), deterioriza-se até à quizília na disputa acérrima pelo comando do exército que deveria ser enviado para travar campanha contra Mitridates, rei do Ponto, no ano de 88 a.C..

As décadas de antagonismo entre grupos políticos conjugadas com as cobiças inconciliáveis dos grandes homens do período, desemboca finalmente numa verdadeira guerra civil. Tendo Sula obtido o ambicionado encargo da guerra no Oriente, Mário orchestra uma forma de reverter, através do uso de aliados entre o tribunato da plebe, a decisão do Senado de entrega da chefia do exército já estacionado no sul da Itália e preparado para passar para a Grécia, ao seu rival *conservador*. Em resposta, Sula comete a imprecedented violação das mais sagradas leis e tradições da República, de dirigir as suas legiões sobre Roma e apoderar-se da cidade, forçando Mário a empreender uma fuga atribulada até encontrar refúgio em África¹⁷⁶. Após ter declarado os cabecilhas da facção *popular* como inimigos públicos e robustecido os poderes da oligarquia senatorial, Sula parte de novo com os seus exércitos para enfrentar as hostes do rei do Ponto.

A ausência do rival permite o regresso de Mário que une os seus esforços com os *marianos* permanecidos na Itália sob a liderança de Cina, para garantir a eleição de ambos para o consulado do ano de 86 a.C.. O exílio de Sula é oficialmente decretado durante o mandato em que o conflito civil decorrente das querelas entre facções políticas assume trágica dimensão. As provações sofridas por Mário quando fora forçado a evadir-se de Roma diante do perigo de captura pelos soldados de Sula, haviam agravado terrivelmente os traços coléricos e impiedosos do seu carácter, de forma que

¹⁷⁵ Plut. *Vit., Mar.*, 27, 4-6. ; Livy, *Epit., Per*, 68, 6. ; Eutr., 5, 2.

¹⁷⁶ Exsu., 19-21.

uma vez regressado ao poder, implementa um regime sanguinário de perseguição e assassínio dos partidários da facção *conservadora*¹⁷⁷. Reunido à liderança *popular*, Quinto Sertório, referência de heroísmo para a sociedade romana, pela fama que lhe advém do relato das suas sucessivas façanhas, procura manter-se à margem destas crueldades.

Após a morte de Mário, o seu filho sucede-lhe como principal figura do movimento *democrático*. A derradeira confrontação com os *optimates* ocorre aquando o regresso das legiões de Sula do oriente, após ter forçado Mitridates a assinar a paz. Em 83 a.C., o exilado desembarca com os seus veteranos em Brundísio, decidido a marchar de novo sobre Roma. Com as suas forças reforçadas pelos contingentes que lhe fazem chegar Gneu Pompeio e Quinto Cecílio Metelo Pio, ambos futuros oponentes de Sertório na Hispânia, o líder *conservador* dispõe dos meios para enfrentar os grandes números reunidos pela facção rival numa conflagração que devasta a Itália.

Incapaz de persuadir a restante liderança *popular* a adoptar os seus planos contra o temível adversário que é Lúcio Cornélio Sula, Sertório requer com sucesso o destacamento para o exercício de um comando autónomo na Península Ibérica, com o cargo de procônsul. O seu retiro da principal frente de hostilidades justifica-se pela importância atribuída ao mobilizar de adicionais meios militares para o esforço de guerra, através de uma administração que cativa o apoio do nativo hispânico, assim como o dos colonos itálico-romanos¹⁷⁸ que parecem compor o fundamental das forças que futuramente o irão acompanhar no seu desterro no Norte de África. Garantir a remessa regular da prata hispânica e outras fontes de riqueza para financiar a causa *democrática* na Itália¹⁷⁹, pode ter constituído um dos motivos para conferir a Sertório o almejado comando independente.

Nos finais de 82 a.C., Sula vence a batalha decisiva da Porta Colina e toma o poder em Roma, fazendo-se reconhecer como ditador. Decidido a extirpar a raiz da facção rival, ordena que uma vaga de perseguições e execuções subjuguem os suspeitos de se oporem ao novo mando, sentenciando à morte ou ao exílio vários milhares de

¹⁷⁷ App. *B Civ.*, 1, 71-75.

¹⁷⁸ BELTRÁN LLORIS, Francisco – “Les colonies latines d’Hispanie (II siècle av. N. È.): emigration italique et integration politique”, in *Les gouverneurs et les provinciaux sous la République romaine*, Nathalie Barrandon & François Kirbihler (Dir.), Presses Universitaires de Rennes, 2011, pp. 131-144.

¹⁷⁹ HARRIS, William V. – “Roman Expansion in the West”, in *The Cambridge Ancient History. Rome and the Mediterranean to 133 B.C.*, Volume 8, 2ª Edition, A.E. Astin (edited), Cambridge University Press, 2008, página 129.

cidadãos romanos, muitos deles inocentes de partidarismo anti-sulano¹⁸⁰. Enquanto o terror atinge quem é definido como oposição, Sula dedica-se às reformas constitucionais que visam garantir a futura estabilidade do regime por via do acentuar da proeminência do corpo dirigente. Uma legislação ultra-conservadora firma a autoridade dos senadores retirando as funções de jurisprudência aos equestres¹⁸¹, reduz parte fundamental da importância do tribunato da plebe e incrementa balizas temporais específicas quanto ao acesso às magistraturas, de forma a evitar que uma personalidade singular possa adquirir demasiado prestígio ou poder.

A vitória sobre as forças *populares* na Itália não representa o fim da resistência armada ao governo ditatorial de Sula. Nas províncias ocidentais do império, comandantes *marianos* exploram os recursos indígenas para incrementar os seus meios bélicos. A Sicília, a Numídia e a Hispânia são domínios dos oponentes do detentor de poder em Roma, assumindo a Gália um estatuto de neutralidade sob a administração do procônsul Gaio Valério Flaco¹⁸². Pelo tempo em que se modela o novo regime no centro do império, Gneu Pompeio é enviado para a Sicília e depois para África em perseguição das forças reunidas pelos foragidos *democráticos*, incumbência que cumpre com completo e impressionante sucesso.

Em 81 a.C., um exército dirigido por Gaio Ânio Lusco abandona a Itália com a tarefa de subtrair a Península Ibérica da administração exercida por Sertório, último representante da resistência assumida e organizada à ditadura de Sula. Sobre o resultado desta campanha que consiste na antecâmara da Guerra Sertoriana, falaremos no capítulo subsequente, no contexto do qual se procurará cruzar a descrição dos conflitos civis entre *optimates* e *marianos*, com a ambiência hispânica no mesmo período e o percurso biográfico do protagonista do tema em estudo.

3.2 – Hispânia: espaço de confronto. O modelo de domínio provincial romano.

O ano de 218 a.C. assinala o alvorecer da presença romana na Hispânia por via do desembarque na cidade de Ampúrias do exército conduzido por Gneu Cornélio Cipião, tio do *Africano*, com a missão de levar a guerra até à radicação do poder cartaginês nesse território, organizado numa formação estatal sob a égide da dinastia dos Bárcidas.

¹⁸⁰ Plut. *Vit., Sull.*, 31.

¹⁸¹ Medida implementada por Gaio Graco.

¹⁸² KONRAD, C. F. – *Plutarch's Sertorius: A Historical Commentary*, University of North Carolina Press, 1994, página 86.

Considerando a expansão para a Sícia, Sardenha e Córsega¹⁸³ como um prolongamento geográfico da própria Itália, a política colonial romana é inaugurada com a presença das suas legiões na Península Ibérica. As linhas gerais com que os exércitos legionários procedem às subseqüentes conquistas são, em larga medida, definidas na guerra na Hispânia, constituindo os anos de hostilidades decorridos entre 218 a.C. e 206 a.C., num marco fundamental da evolução da força devastadora que será arremessada, pouco tempo depois, contra os povos do Mediterrâneo Oriental.

As campanhas empreendidas por Cipião, *o Africano*, no decurso da Segunda Guerra Púnica, assinalam a quebra do poder cartaginês na Hispânia e a ascensão do romano. Dois séculos de subseqüentes conquistas e a concomitante implantação das estruturas provinciais afectas ao processo de romanização, colocam termo à autonomia autóctone¹⁸⁴. A inusitada demora do processo¹⁸⁵, se comparado com a aglutinação de outros territórios no império, justifica-se pela vastidão espacial da Península Ibérica¹⁸⁶, conjugada com a indocilidade da sua geografia física e humana¹⁸⁷.

O domínio romano estabelece-se, em primeiro lugar, nos territórios adjacentes ao Mediterrâneo do este e sul hispânicos, organizados a partir de 197 a.C., em duas províncias: a Citerior e a Ulterior¹⁸⁸. Magistrados são destacados pelo Senado com a função de assegurar o governo local de acordo com os interesses da República e o licenciamento de antigos combatentes no Ultramar principia a ocupação colonial do território. As riquezas da Hispânia, designadamente as minerais, são exploradas pelos agentes da civilização intrusiva e conectadas no sistema de trocas que a Cidade Eterna polariza com o urdir do império. Com as suas bases sediadas nas proximidades dos núcleos urbanos das zonas costeiras, as legiões são dirigidas numa longa sequênciade campanhas contra os povos autóctones de localização mais interior. Aparte o espaço mais urbanizado do litoral andaluz, o regime colonial é caracterizado pela volatilidade do hispânico a anuir aos ditames do domínio estrangeiro, causa e consequência da administração repressora prossecutada de forma usual pelos seus oficiais.

¹⁸³ Na sequênciade da Primeira Guerra Púnica.

¹⁸⁴ BLÁZQUEZ, José María – *Las relaciones entre Hispania y el norte de África durante el gobierno bárquida y la conquista romana (237-19 a.J.C.)*, Biblioteca Virtual Miguel de Cervantes, Alicante, 2005, página 1.

¹⁸⁵ CURCHIN, Leonard A. – *Roman Spain. Conquest and Assimilation*, Routledge, London, 1991, página 7.

¹⁸⁶ App. *Hisp*, 1, 1.

¹⁸⁷ Strabo, 3, 1, 2 ;

Ver: CURCHIN, *op. cit.*, páginas 7-8.

¹⁸⁸ Liv., 38.

A sólida implementação de um modelo de ordenamento do território cristaliza-se com o fim da uma política expansionista que subordinara as necessidades do governo local ao transvio de recursos humanos e financeiros para as forças armadas. Apenas com o Principado de Octaviano podemos considerar a Península Ibérica como uma unidade geográfica pacificada, ainda que a intensidade da romanização varie de forma significativa de região para região, sendo sobretudo desenvolvida nos territórios já ocupado nos inícios do século II a.C..

Uma convergência entre critérios de pura geografia física com os padrões etnológicos dos povos residentes nos diferentes espaços que a constituem, transforma a Península Ibérica num mundo complexo dividido em diversas sub-áreas. Como resultado da variedade dos seus elementos naturais, o mais distinto atributo do território peninsular é o da dissemelhança entre o tipo de organização e comportamento das populações que o habitam¹⁸⁹. Esse carácter identitário encontra-se particularmente explicitado na diferenciação que reconhecemos entre uma faixa costeira mediterrânica onde se concentra o fundamental do desenvolvimento urbano e a progressiva dispersão populacional nas regiões mais interiores até ao Atlântico.

No período subsequente às migrações célticas da Idade do Ferro, o produto resultante da interacção e mescla de povos define uma estruturação em três grandes conjuntos etnológicos. Na faixa entre o vale do Douro e a costa cantábrica, residem os hispânicos mais resistentes às influências da civilidade mediterrânica, distribuídos por diversas tribos de forte espírito autonomista, afectas a uma cultura castreja de ocupação do espaço. A inospitalidade climática coadjuvada com pronunciada orografia, determina que um isolamento geográfico incentive as populações do norte da Península, a preservarem até à última etapa da conquista romana, uma organização sócio-política arcaica assente numa multiplicidade de pequenas comunidades tribais com incipiente consciência colectiva¹⁹⁰.

No território separando o norte ásture-galaico profundamente influenciado pelo Atlântico e a orla costeira mediterrânica¹⁹¹, residem populações cuja identidade étnica e costumes resultam da osmose entre as culturas célticas e ibéricas¹⁹². A zona central da

¹⁸⁹ KEAY, Simon J. – “La romanización en el sur y el levante de España hasta la época de Augusto” in *La Romanización en Occidente*, José M^a Blázquez y Jaime Alvar (Eds.). Actas Editorial, Madrid, 1996, página 149.

¹⁹⁰ Strabo, 3, 3, 7-8.

¹⁹¹ MONTENEGRO DUQUE, Angel – *Historia de Espana, Edad Antigua, I Espana Prerromana*, Editorial Gredos, S. A. Madrid, 1972, página 20.

¹⁹² Diod. Sic., 5, 33, 1.

Península Ibérica adquiriu a sua identidade própria através da emanção em grau moderado de expressividade dos elementos especialmente distintivos das regiões mais periféricas. O complexo celtibérico¹⁹³ constitui, portanto, uma zona de transição sistémica entre os povos montanheses do noroeste e as populações mais sujeitas aos colonizadores advindos do Mediterrâneo.

A extensão e variedade geográfica do território entre os rios Douro e Guadiana determinaram que cada tribo nele residente adquirisse os seus próprios particularismos. Diferenças etnológicas evidenciam-se também nos povos residentes nos extremos latitudinais do espaço compreendido entre os Montes Ibéricos e o Atlântico. Contudo, precedendo a ampla aliança sob Sertório, Viriato almejava integrar Lusitanos, Vetões e Celtiberos numa luta comum contra o inimigo romano. O traço identitário mais claramente compartilhado entre estas populações de forte tradição céltica consiste na indómita resistência à conquista romana, desde as zonas mais remotas dos *Mons Herminius* às paragens adjacentes ao mundo ibérico.

Em resultado da sua considerável distância em relação ao Mediterrâneo assim como da indocilidade da sua geografia, a Meseta manteve-se, em larga medida, inacessível à difusão das ideias afectas ao complexo desenvolvimento das sociedades estatizadas. Contudo, se o bando e a tribo constituem, tal como na zona de radicação indo-europeia, as unidades sociais dominantes, uma capacidade de agregação humana mais alargada pode reconhecer-se nos movimentos de resistência que opuseram as forças armadas de diversas comunidades celtiberas às legiões de Roma.

Um dos traços distintivos dos povos da Meseta relativamente à ocupação castreja da faixa atlântica, consiste na importância estruturante da sua cidade capital, polo da obstinada resistência do indígena à conquista de Roma. Contudo, ainda que a proto-urbanidade seja, em numerosos exemplos históricos, a antecâmara para o erigir de uma organização confederada de âmbito regional, não existiam neste espaço medular da Península, instituições supra-tribais articulando uma aliança de armas permanente. Podemos, por conseguinte, avaliá-lo como um núcleo acolhedor de distintas influências periféricas, situação que deu origem a uma cultura onde sobressaem os caracteres de miscigenação.

No principiar do conflito sertoriano, as fronteiras do domínio provincial romano coincidem, de uma forma geral, com a área de radicação da cultura ibera,

¹⁹³ Em sentido lato.

compreendendo populações autóctones evolucionadas pelo contacto secular com os povos colonizadores da bacia do Mediterrâneo. Aproveitando as estruturas já colocadas no terreno pela ocupação púnica, a regência romana solidifica-se rapidamente nos territórios banhados pelo Guadalquivir, providos com os férteis solos para a prática da agricultura que permitem o desenvolvimento de três importantes núcleos citadinos: Córdoba¹⁹⁴, Hispalis¹⁹⁵ e Itálica¹⁹⁶.

Na costa atlântica, encontra-se sediada a cidade de Gades¹⁹⁷, principal metrópole hispânica do período, que mantém estreita ligação marítima com a Itália, para onde escoam os produtos do ocidente peninsular¹⁹⁸. As jazidas minerais situadas na Sierra Morena e proximidades de Castulão, constituem uma importante fonte de financiamento não somente para o governo local mas para a própria Roma¹⁹⁹, assim como um dos principais apelos à imigração de itálicos. O espólio numismático testemunha a profusa cunhagem de moeda a partir da prata recolhida nas cordilheiras a norte do vale do Guadalquivir. A histórica extorsão dos magistrados da República incide em particular sobre este sector da economia local, oferecendo o exercício do poder nas províncias hispânicas, a hipótese de um fácil enriquecimento²⁰⁰. Por esse motivo, o alto ofício na Península Ibérica é muito cobiçado, não obstante a dificuldade na lide com o autóctone. Entre os principais factores para a demora na conquista, discrimina-se a opção de um número apreciável de governadores romanos, em dedicarem o seu mandato ao saque da prata e outras riquezas hispânicas, negligenciando a árdua tarefa de dilatar o domínio provincial. Períodos de obscuridade quanto a notícias de progressos militares alternam com as campanhas empreendidas por comandantes mais zelosos no cumprimento do seu dever, indiciando não apenas falta de intrepidez na chefia das legiões, como atracção pelo benefício pessoal em prejuízo do interesse da República.

As comodidades domiciliárias do vale do Guadalquivir transformam a Província Ulterior no território afeiçoado pela romanização de forma mais precoce e sobre o qual

¹⁹⁴ Strabo, 3, 2, 1.

¹⁹⁵ Strabo, 3, 2, 1.

¹⁹⁶ Sobre o levantamento arqueológico da cidade ver: MIERSE, William E. – *Temples and Towns in Roman Iberia: The Social and Architectural Dynamics of Sanctuary Designs from the Third Century B.C. to the Third Century A.D.*, University of California Press, London, 1999.

¹⁹⁷ Strabo, 3, 2, 1.

¹⁹⁸ Strabo, 3, 2, 5.

¹⁹⁹ RICKARD, T.A. – “The Mining of the Romans in Spain”, in *The Journal of Roman Studies*, Society for the Promotion of Roman Studies, Vol. 18, (1928), pp. 129-143.

²⁰⁰ Diod. Sic., 5, 35, 1 ; Diod. Sic., 5, 36, 4.

o modelo de soberania da Cidade Eterna se implementa sem atritos de maior relevo²⁰¹. Apesar de geograficamente mais próxima da Itália, a organização da Província Citerior implicou um importante esforço para esmorecer a pertinácia das belicosas tribos da Catalunha²⁰². No início da Guerra Sertoriana, a fronteira da administração romana firma-se na cordilheira dos Montes Ibéricos, mas fora das zonas urbanizadas do litoral levantino, o mundo campesino revela a latência da sua propensão para a revolta, quando se vincula ao projecto *popular* no Verão-Outono de 77 a.C..

O domínio provincial de Roma corresponde à faixa de terra bordejando a costa oriental e meridional da Hispânia, desde a Catalunha até à foz do rio Guadiana²⁰³ com uma penetração para o interior, não excedendo os trezentos quilómetros²⁰⁴. As suas legiões haviam desenvolvido, ao longo do século II a.C., uma sucessão de duras campanhas contra os povos da Meseta Ibérica e da Lusitânia sobre os quais passam a exercer um controlo à distância, firmado por tratados diplomáticos²⁰⁵ e ameaça do uso da força. O ponto mais distante das suas incursões em território nativo define-se no ano de 137 a.C., quando Décimo Júnio Bruto cruza o rio Minho e inflige uma severa derrota aos Calaicos²⁰⁶.

Dispomos de poucos elementos para precisarmos o tipo de ocupação romana a norte do Tejo no período compreendido entre a expedição de Décimo Bruto e a Guerra Sertoriana. Toda a faixa litoral lusitana constitui, de acordo com as fontes antigas, espaço sujeito ao mando da Cidade Eterna, mas é incerto se este foi exercido a partir dos núcleos urbanos andaluzes ou o resultado de uma presença local. A referência de Estrabão à fortificação de Olisipo pelo supracitado comandante romano²⁰⁷, conjuga-se com a colecta de cerâmica campaniense e moedas de cunhagem itálica no *oppidum* localizado no espaço onde mais tarde se irá edificar o Castelo de São Jorge.

²⁰¹ MIERSE, William E. – *Temples and Towns in Roman Iberia: The Social and Architectural Dynamics of Sanctuary Designs from the Third Century B.C. to the Third Century A.D.*, University of California Press, London, 1999, página 1.

²⁰² QUESADA SANZ, Fernando – *Armas de la antigua Iberia. De Tartesos a Numancia*, La Esfera de los Libros, Madrid, 2010, página 24.

²⁰³ Plin., *HN*, 3, 2.

²⁰⁴ QUESADA SANZ, *op. cit.*, página 60.

²⁰⁵ CADIOU, François – *Hibera in Terra Miles. Les armées romaines et la conquête de l'Hispanie sous la République (218-45 av. J.-C.)*, Casa de Velázquez, Madrid, 2008, página 59.

²⁰⁶ Oros., 5, 4.

²⁰⁷ Strabo, 1, 3, 4.

O ajuste tipológico da cultura material com uma cronologia adstrita ao terceiro quartel do século II a.C.²⁰⁸ favorece a suposição de que a mais importante cidade lusitana²⁰⁹ foi guarnecida com um destacamento militar permanente sob a ordenança de um oficial mandatado pelo magistrado da Província Ulterior. Contudo, parece lícito considerar que, até à definitiva submissão dos Lusitanos por Gaio Júlio César durante a campanha de 61-60 a.C.²¹⁰, a essência do poder exercido pela civilização tutelar, radica nos recursos que podem ser canalizados a partir das suas bases na Andaluzia, de forma a punir um distúrbio indígena lesando os seus interesses. A ameaça de retaliação impõe na vida prática do autóctone, uma menor frequência das clássicas expedições de pilhagem dos bandoleiros Lusitanos ao sul peninsular, assegurando Roma a defesa do mundo urbanizado onde sediara as legiões, assim como das populações hispânicas colocadas sob a sua protecção²¹¹.

Na interacção entre a potência colonizadora e o indígena firma-se a grande novidade relativamente ao sistema erigido por Cartago. Sob a égide dos Bárcidas, a antiga techedura talassocrática dera origem a um sistema compósito no contexto do qual o resqúcio do mercantilismo se organiza com a dilatação territorial do domínio ultramarino. A partir do eixo Gades-Cartagena, os colonizadores exercem um controlo efectivo sobre as regiões sujeitas a uma longa ingerência fenício-púnica. Todavia, distinguindo-se da zona meridional onde os Cartagineses se apropriam com maior firmeza da intendência directa do campesinato, nos recintos limítrofes do seu potentado, o diálogo com o substrato autóctone requer frequentemente o intermédio das elites tradicionais.

Através do complemento entre o poder militar e uma hábil diplomacia²¹², os Bárcidas estabelecem um sistema de alianças com as chefias tribais hispânicas, no contexto do qual a civilização intrusiva exerce um poder de matiz suserânico que se estende sobre espaços sucessivos. Contudo, as limitações dos meios humanos e do tempo de que dispõe a liderança púnica para erigir um edifício coeso na antecâmara de um novo conflito com Roma, determina que esta nunca almeje ultrapassar a necessidade

²⁰⁸ PIMENTA, João – *As Ânforas Romanas do Castelo de São Jorge (Lisboa)*, Instituto Português de Arqueologia, 2005, página 35.

²⁰⁹ Strabo, 3, 3, 1.

²¹⁰ Cass. Dio, 52-53 ; Plut. *Vit., Caes.*, 12, 1.

²¹¹ CADIOU, François ; MORET, Pierre – “Rome et la Frontière Hispanique à L’*époque Républicaine (II-I S. AV. J.-C.)*”, in *Empires et Etats nationaux en Méditerranée: la frontière entre risque et protection*. Chr. Velud (Ed.), Actes du colloque international (Le Caire, 6-8 juin 2004), Le Caire, Presses de l’IFAO, páginas 9-10.

²¹² Diod. Sic., 25, 10, 1.

de intérpretes extraídos das elites locais. O contacto com a massa campesina só se estreita quando representantes da mesma se disponibilizam – ou são coagidos – a servir nos seus exércitos. No domínio das forças armadas reside o maior pólo de diferenciação entre o modelo cartaginês e o romano, na medida em que os exércitos púnicos são constituídos em função do profuso recrutamento do nativo.

Vencedora da disputa com Cartago pelo território da Hispânia que passa a integrar as províncias da Citerior e Ulterior, Roma expande progressivamente²¹³ a sua autoridade sobre espaços mais destacados da costa mediterrânica. Antes da colonização efectiva do interior e ocidente peninsulares, a estratégia política definida pelos magistrados da República concerne em subjugar uma oposição assumida do indígena situado para além da fronteira, de forma a garantir a estabilidade da vivência das populações já integradas no império. Contra eventuais raides e incursões dos povos de tradição bandoleira, as legiões assumem o fundamental do fardo da defesa e assistência às tribos aliadas, requerendo destas apenas um contributo fraccionário de tropas auxiliares para a composição nominal das suas forças armadas²¹⁴. Este sistema permite, a Roma, assegurar a submissão do nativo por via do seu despojo das armas²¹⁵ que podem conceder-lhe os meios e a confiança para eventuais revoltas contra o poder da civilização tutelar²¹⁶.

Durante a Segunda Guerra Púnica, são numerosos os casos mencionados de sublevações autóctones à retaguarda das linhas de oposição entre os exércitos romanos e cartagineses, constituindo num importante elemento de complexificação da luta. Do ponto de vista do colonizador, desarmar o hispânico permite assegurar a estabilidade do domínio, pelo preço do abdicar da dilatação dos números dos seus exércitos mediante recrutamentos locais, com a conseqüente necessidade de destacar, com regularidade, tropas da Itália para a Península. Após a vitória sobre Cartago, a inexistência de uma competição exercida sobre o mesmo espaço por outra potência colonial, permite a aplicação paulatina do modelo de romanização²¹⁷. De implemento mais demorado e

²¹³ CADIOU, François – *Hibera in Terra Miles. Les armées romaines et la conquête de l’Hispanie sous la République (218-45 av. J.-C.)*, Casa de Velázquez, Madrid, 2008, página 27.

²¹⁴ ERDKAMP, Paul – “War and State Formation in The Roman Republic”, in *A Companion to the Roman Army*, Paul Erdkamp (Ed.), Blackwell Publishing, Oxford, 2007, página 111.

²¹⁵ QUESADA SANZ, *op. cit.*, páginas 22-23.

²¹⁶ ERDKAMP, *op. cit.*, página 111.

²¹⁷ BLÁZQUEZ, José María – *Ciclos y temas de la Historia de España: la Romanización*, Ediciones ISTMO, Madrid, 1974-1975 ; CADIOU, François ; MORET, Pierre – “Rome et la Frontière Hispanique à L’époque Républicaine (II-I S. AV. J.-C.)”, in *Empires et Etats nationaux en Méditerranée: la frontière entre risque et protection*, Chr. Velud (Ed.), Actes du colloque international (Le Caire, 6-8 juin 2004), Le Caire, Presses de l’IFAO, página 2.

custoso do que o sistema de alianças púnico facultava, em contrapartida, o exercício de uma verdadeira soberania sobre o demos profundo, diminuindo a importância da intercedência das chefias tribais²¹⁸.

Garantindo pelos mencionados meios a docilidade das populações já integradas no regime provincial²¹⁹, as preocupações defensivas da governação romana concernem à actividade dos povos mais turbulentos do espaço medular e atlântico da Península Ibérica. Associada à política expansionista desenvolvida pela Cidade Eterna neste período histórico, a protecção da fronteira com o mundo celtibero e lusitano não está firmada num *limes* composto por fortificações militares²²⁰, mas na capacidade de reacção das legiões sediadas nas proximidades dos principais centros urbanos.

A estratégia marcial romana fundamenta-se numa concentração de recursos numa zona interior, em detrimento de uma fragmentação de tropas ao longo de um perímetro defensivo. A disposição das forças legionárias baseia-se na ideia de uma resposta agressiva a uma incursão indígena no domínio romano. De forma a tornar mais rarefeitas futuras iniciativas do hispânico, vigorosas represálias seriam tipicamente dirigidas contra a radicação dos povos insurrectos.

A dureza da guerra na Península manifesta-se na pluralidade de triunfos e ovações granjeados a magistrados por motivo de operações bem-sucedidas contra o mesmo povo autóctone ou sobre territórios já formalmente submetidos²²¹. O lento ritmo da expansão na Hispânia é determinado pela conspiração entre a capacidade de resistência das tribos autóctones e uma geografia particularmente inóspita para as exigências logísticas da máquina de guerra romana²²². Por motivo destas dificuldades, qualquer sucesso marcial oferece um bom motivo para alacridade, disputando as legiões palmo a palmo o espaço com o indígena²²³.

A ineptidão do hispânico em constituir grandes coligações permite que uma reunião de meios por parte do invasor romano contra cada povo em separado, lhe conceda amiúde superioridade numérica local. Contudo, a submissão das unidades tribais implica um processo de conquista abrangendo cerca de duzentos anos, lentidão

²¹⁸ ERDKAMP, *op. cit.*, página 111.

²¹⁹ Strabo, 3, 2, 15.

Ver: ANDO, Clifford – “The Administration of the Provinces”, in *A Companion to the Roman Empire*, David S. Potter (Ed.), Blackwell Publishing, Oxford, 2006.

²²⁰ CADIOU, François ; MORET, Pierre, *op. cit.*, páginas 10-11.

²²¹ Nos *Fasti Triumphalis* publicados em 12 a.C., registam-se 4 ovações e 16 triunfos concernentes à guerra na Hispânia.

²²² Strabo, 3, 1, 2.

²²³ Diod. Sic., 5, 33, 1.

inusitada se o compararmos com qualquer outro território integrado no império romano²²⁴.

A luta contra um poder centralizado envolve, tipicamente, a tarefa de derrotar uma concentração de recursos bélicos numa ou mais batalhas campais. Compensando a dificuldade que representa o derrube de uma liderança inimiga firmada sobre uma grande amplitude territorial e demográfica, o conquistador anexa em consequência da vitória, parte fundamental destes pertences. O avanço das legiões romanas sobre as potências helenísticas do oriente mediterrânico, patenteia as vastas parcelas de espaço que podem ser obtidas com uma vitória singular²²⁵.

Na Hispânia, a demora da conquista pode em primeira instância atribuir-se aos diminutos ganhos resultantes da sujeição de cada tribo nativa²²⁶. A resistência ao mando colonial por via da quebra dos pactos firmados, implica o risco de sublevações até uma fase maturada de romanização²²⁷. A estabilidade do domínio é alcançada na sequência de uma significativa passagem de tempo desde a vitória militar, razão porque investe a política romana na solidez da sua regência antes de novos avanços. O processo compreendendo o desarmamento e aculturação de sucessivos povos indígenas, constitui um dos principais factores para a morosidade da conquista da Hispânia.

No alvor da Guerra Sertoriana, a fisionomia do regime provincial de Roma, na Península Ibérica, caracteriza-se pela sua segmentação em duas grandes áreas: uma orla mediterrânica compreendendo as Províncias Ulterior e Citerior, território já sujeito a um grau evolucionado de romanização, contrasta com o domínio exercido à distância por via de acordos diplomáticos e ameaça intimidatória do uso da força sobre os povos da Meseta e Lusitânia. No momento do desembarque de Sertório na Península Ibérica em 80 a.C., os aliados que nela espera encontrar consistem nos residentes deste anel externo relativamente ao núcleo da presença romana, já sujeitos ao ordenamento do invasor mas ainda perseverantes num tácito desígnio autonomista²²⁸.

3.3 – Quinto Sertório.

²²⁴ Strabo, 3, 4, 5 ; Strabo, 4, 4, 2.

QUESADA SANZ, Fernando – *Armas de la antigua Iberia. De Tartesos a Numancia*, La Esfera de los Libros, Madrid, 2010, página 60.

²²⁵ GRUNEWALD, Thomas – *Bandits in the Roman Empire: Myth and Reality*, Routledge, New York, 2004, página 33.

²²⁶ PAYNE, *op. cit.*, página 4-5.

²²⁷ GRUNEWALD, *op. cit.*, página 33.

²²⁸ CURCHIN, *op. cit.*, página 7 ; CADIOU, François ; MORET, Pierre, *op. cit.*, página 8.

3.3.1 – A apreciação do homem e da obra.

3.3.1.1 – Sertório e a historiografia.

Exceptuando a crítica mais severa por parte de Apiano, as fontes de época comungam a respeito de Quinto Sertório uma ilustração muito positiva, salientando a excepcional coragem, a abnegação nas perdas pessoais, o agraciamento comunitário por feitos heróicos, a capacidade para o comando militar, a natureza benevolente, os dotes selectos na guerra de guerrilha, o rasgo de um estadista, a habilidade e determinação nas lides diplomáticas. O objectivo da luta que Sertório empreende na Península Ibérica consiste em usá-la como base antes de prosseguir para a Itália, visando derrubar o regime ditatorial sulano que rege Roma. Apesar dos actos de crueza tirânica no tempo de declínio da sua vida e causa, o projecto original do sabino não visaria o exercício de um poder personalizado, apenas o restauro do regular ordenamento republicano ao abrigo do projecto reformista protelado pela ala moderada da facção *popular*. Ainda que, circunstancialmente, o Estado de Osca represente o cerceio do domínio exercido a partir do centro do império, Sertório não contemplava uma autonomia para a Hispânia, apenas o compromisso com um modelo de romanização mais em linha de conta com a defesa do interesse específico do espaço e seus residentes²²⁹. O relacionamento empático estabelecido com o autóctone representa uma inovação que sem dúvida terá contribuído para acelerar o processo civilizador da província que vemos consumir-se com a estabilidade conferida pelo Principado.

As atribuições da vida Sertório que o transformaram de um notável e íntegro patriota romano em proscrito coligado com povos estrangeiros à Cidade Eterna, inibiram as nações constituídas nos espaços conectados com o seu nascimento ou percurso, de o reclamar como seu lídimo património histórico. O maior vínculo estabelecido entre esta personagem e as populações de tempos vindouros, advém da identificação do Estado de Osca como origem do regionalismo autonomista catalão. A lealdade e abnegação de algumas das cidades hispânicas do nordeste peninsular mesmo após a morte do caudilho, constitui um móbil para o merecimento do seu legado, assim como poderoso apelo à continuidade da luta pela auto-afirmação.

²²⁹ Liv., Frag, 91.

Em Portugal, a figura de Sertório continua a ser largamente ensombrada pela importância atribuída a Viriato, emblema da resistência lusitana ao domínio de Roma. As primeiras reivindicações do caudilho *popular* como símbolo nacional datam do século XVI e pertencem a dois dos maiores vultos da cultura Renascentista: Luís Vaz de Camões e André de Resende. Na obra poética *Os Lusíadas*, o general romano que se alia com os Lusitanos é mencionado por diversas ocasiões, enaltecendo-se os seus valimentos assim como enunciando a complexidade dos termos da aliança firmada entre o “peregrino” e o povo compreendendo o legado histórico português²³⁰. Alude o épico à elevação de Sertório a condutor dos Lusitanos por grandeza do seu nome, condição de estrangeiro escolhido entre o inimigo romano para, com o seu conhecimento, melhor o combater. As vitórias alcançadas sobre as valorosas e imperantes legiões são efeito da astúcia com que adquire a confiança dos autóctones na revelação profética da corça que, fingindo ser emanção de espírito divino, confere a quem avisa singular insígnia estatutária:

*“Deixo, Deuses, atrás a fama antiga,
Que coa gente de Rómulo alcançaram,
Quando com Viriato, na inimiga
Guerra romana tanto se afamaram;
Também deixo a memória, que os obriga
A grande nome, quando alevantaram
Um por seu capitão, que peregrino
Fingiu na cervá espírito divino.”
(CAMÕES, Lusíadas, Canto I, 26).*

*“Vês, connosco também vence as bandeiras
Dessas aves de Júpiter validas;
Que já naquele tempo as mais guerreiras
Gentes de nós souberam ser vencidas.
Olha tão sotis artes e maneiras
Pera adquirir os povos, tão fingidas:
A fatídica cervá que o avisa.
Ele é Sertório, e ela a sua divisa.”
(CAMÕES, Lusíadas, Canto VIII, 8).*

O motivo da integração de Sertório no património das nações que se irão formar na Península Ibérica, consiste na luta conjunta contra um poder colonial abusivo, protelado pela facção *conservadora* com presente sediação na Cidade Eterna. Por um

²³⁰ RODRIGUES, Nuno Simões – “Camões e a História da Roma Antiga”, in *Raízes Greco-Latinas da Cultura Portuguesa. Actas do I Congresso da Apec*, Associação Portuguesa de Estudos Clássicos – APEC, Coimbra, 1999, página 196.

momento singular na História Antiga, a Hispânia assume o estatuto de centro de decisão dos destinos da bacia mediterrânica regimentando-se, as suas populações, numa larga coligação sob um chefe de aptidões ímpares, apenas vencido pelo infortúnio e perfídia. O epílogo dramático da vida de Sertório confere-lhe o romantismo dos grandes heróis que seduzem, em particular, os povos orgulhosos da sua resistência contra um poder estrangeiro. Contudo, a condição de peregrino entre os naturais cujas mentes supersticiosas manipulou para melhor deles se servir nos seus propósitos dirigidos para a disputa do poder em Roma, dissuade uma empatia mais estreita entre o chefe *mariano* e os descendentes milenares dos seus adeptos.

É, justamente, a problemática em derredo da relação estabelecida entre o sabino e o hispânico que inibe a singeleza de o reivindicar como património cultural do povo português, sobretudo quando envolve a partilha ou disputa com o espanhol, para além dos respectivos direitos catalães e aragoneses. As fracturas entre as comunidades e nações que se constituíram no espaço peninsular, determinam que nenhuma delas tenha reconhecido Sertório como seu ancestral. Segundo as fontes narrativas, o próprio sempre se terá perspectivado a si mesmo como cidadão romano, de forma que apenas a Itália deveria poder reclamar a sua pertença com justa causa. Contudo, a grandeza de muitos outros vultos históricos da Antiguidade cujo afiançar da fidelidade é bem menos complexa, parece demover os residentes da sua terra natal de participarem com tenacidade nesta querela, inclusive ao nível da importância da produção historiográfica. Por conseguinte, talvez Sertório mereça ser sobretudo considerado como espólio do universalismo escolástico, com uma obra que é em particular relevante para o domínio da História Militar, na arte da guerra de guerrilha onde é prógono em várias concepções, tradicionalmente associadas com a contemporaneidade.

Na tentativa de conectar Sertório com o passado português, André de Resende²³¹, pioneiro da arqueologia nacional e grande espírito renascentista eborense, expôs estelas com inscrições que associam o sabino à construção do aqueducto da cidade, estância cardinal para os seus exércitos. Com o tempo, foi também atribuída ao chefe *popular* a edificação da primeira cintura muralhada de Évora, assim como o templo romano à deusa Diana, sua protectora e espírito animista²³² da corça domesticada. Tais convicções foram sujeitas à crítica do método histórico do século

²³¹ RESENDE, André de – *As Antiguidades da Lusitânia*, Imprensa da Universidade de Coimbra, 2009, III, 120-124 ; RESENDE, André de – *História da Antiguidade da Cidade de Évora*, Edições Vercial, 2014.

²³² ADRIANI, Maurilio – *História das Religiões*, Edições 70, Lisboa, 1988, páginas 17-18.

XIX e decisivamente arredadas pela investigação académica do pós-25 de Abril. A análise pericial de José de Encarnação²³³ demonstrou o carácter forjado das estelas epigráficas com menções a Sertório, sendo hoje do conhecimento público que o templo de Diana consistia antes num espaço consagrado ao culto imperial.

Em Portugal, a noção do nome e âmbito histórico do protagonista desta tese costuma integrar o saber de pessoas com interesses culturais, apesar de entre a faixa etária escolarizada pelo Estado Novo, o heroísmo lusitano associar-se sobretudo à figura de Viriato. O enaltecimento patriótico propalado pelo regime ditatorial conectava-se estreitamente com a sobriedade, resiliência e bravura atribuída ao ancestral autóctone frente à voraz conquista romana, paradigma histórico para o progressivo isolamento português em relação à Europa. Segundo o enredo officioso, apenas recorrendo à traição puderam os ávidos e traiçoeiros generais de Roma, afastar o apascentador da resistência lusa. Viriato constitui, assim, com grande naturalidade, um símbolo da insubmissão da pequena mas indómita “nação” atlântica ao poder estrangeiro, projecção do próprio ideário salazarista²³⁴.

Até à implantação da democracia e mesmo durante algum tempo após esta data, o sistema educativo português preteriu personalidades cujo percurso estivesse envolto em controvérsia quanto à defesa dos interesses nacionais, inclusive aquelas cuja obra foi de significância universal, como Fernão de Magalhães. Nos nossos dias, Sertório constitui ponto de matéria tanto no ensino secundário como superior, apesar do contributo da produção académica portuguesa ser ainda muito escasso. Em antinomia, na vizinha Espanha, têm-se avolumado trabalhos especializados sobre temáticas integradas na Guerra Sertoriana, em adição à confectura de uma tese de doutoramento de índole biográfico por García Morá, editada para o grande público. Conjuntamente com as obras maiores de Adolf Schulten²³⁵, Philip Spann²³⁶, Christoph Konrad²³⁷ e Philip Matyszak²³⁸, constituem os títulos fundamentais para a abordagem a Quinto

²³³ ENCARNÇÃO, José de – “Da Invenção de Incrições Romanas pelo Humanista André de Resende”, in *Biblos* 67, Coimbra, páginas 193-221.

²³⁴ GUERRA, Amílcar – “Os Soldados na Lusitânia Romana, na Guerra e na Paz. Uma perspectiva histórico-epigráfica”, in *A Guerra na Antiguidade III*, António Ramos dos Santos e José Varandas (Coord.), Editora Caleidoscópio/Centro de História da Universidade de Lisboa, 2009, páginas 297-298.

²³⁵ SCHULTEN, Adolf – *Sertorio*, Casa Editorial Estudio, Barcelona, 1914.

²³⁶ SPANN, Philip O. – *Quintus Sertorius and the Legacy of Sulla*, The University of Arkansas Press, 1987.

²³⁷ KONRAD, C. F. – *Plutarch's Sertorius. A Historical Commentary*. The University of North Carolina Press. Chapel Hill and London, 1994.

²³⁸ MATYSZAK, Philip – *Sertorius and the Struggle for Spain*, Pen & Sword Military, South Yorkshire, 2013.

Sertório, à guerra em que foi protagonista na Península Ibérica e fontes históricas disponíveis.

3.1.1.2 – As características e aptidões pessoais. O guerreiro, oficial e estadista.

De acordo com o retrato transmitido pelas fontes literárias²³⁹, Quinto Sertório é a personificação do valor do guerreiro, um cidadão devotado ao cumprimento dos seus deveres no campo da glória, um estrénuo paladino com uma existência consagrada à defesa de Roma, um modelo de deferência pelo *ethos* integrando a cultura militarista da sua comunidade. Embuído de um desejo genuíno de prestar serviço, Sertório exhibe uma profunda conexão com os ideais patriotas e republicanos, assumindo as missões que lhe são atribuídas como testes ao seu valor pessoal, propondo-se para as que solicitam a exposição aos maiores riscos. A intrepidez do sabino conduz-lo à chefia nas linhas dianteiras da refrega, expondo o seu corpo aos golpes cujas marcas ostenta como símbolos de estóico sacrifício.

Para Sertório, as numerosas cicatrizes colectadas numa vida preenchida por pelejas, em particular o olho vazado desfigurando a sua face, são motivo de deleitado orgulho, dado comprovarem o heroísmo que distingue a sua acção. Segundo o relato de época, o inabalável guerreiro afirmava de nenhuma delas se lamentar, contando que lhe fosse preservado o resto do corpo para envergar armas em adicionais feitos²⁴⁰.

A sobrevivência ao desastre de Aráusio (105 a.C.) através da travessia a nado do Ródano, o salvamento do exército romano acampado em Castulão, a mutilação ocular sofrida no comando a partir da frente em compartilha do risco com o comum soldado, são os célebres feitos do sabino que o associam aos grandes actos altruísticos dos egrégios ancestrais de Roma²⁴¹, com particular correspondência com o lendário herói Horácio Cocles²⁴². A sua inquebrantável força de vontade, suprema bravura na assumpção das mais arriscadas missões como a espionagem entre os Germanos e disponibilidade ao sacrifício pessoal, identificam-no também com Gaio Múcio Cévola,

²³⁹ Exceptuando Apiano. Ver: DYBICZ, *op. cit.*, página 10.

²⁴⁰ Sall., *Hist.*, 1, 88.

²⁴¹ MORET, Pierre ; PAILLER, Jean-Marie – “Mythes ibériques et mythes romains dans la figure de Sertorius”, in *Pallas*, 60, 2002, pp. 117-131.

²⁴² Plut., *Vit., Pub.*, 17 ; *Liv.*, 2, 10.

intérprete de um dos contos mais paradigmáticos do âmago cultural da civilização romana, doutrinando a básica conduta cívica das suas sucessivas gerações.²⁴³

Regido por um distinto código de conduta modelado pela convergência dos princípios marciais e tradições romanas com a dureza da mundiviência sabina, Sertório retrai-se de usar a fama que lhe advém das suas sucessivas façanhas para obter vantagem indevida ao seu mérito, atentando contra o espírito ou essência da lei conforme o percurso de outras personalidades do tempo. Na primeira década de serviço militar, as suas aspirações parecem coincidir com o interesse do colectivo romano, mas o agudizar dos conflitos sociais determina-o, por fim, a uma militância pela facção *popular*, mais propensa a defender o interesse de um produto do arrivismo provinciano.

Segundo Plutarco, Sertório descende de uma família de distinta linhagem sabina sediada em Núrcia, capaz de lhe providenciar uma sólida educação²⁴⁴. Dotado com excelentes faculdades intelectuais distingue-se, ainda mero jovem, pela capacidade de persuadir uma audiência no contexto da Justiça local. Um mente arguta na captação e exteriorização emocional, permitir-lhe-á adaptar-se, com proficiência, a uma versatilidade de ambiências sociais, desde um domínio civilizado regido pela ordem pública, exercício de funções de Estado sujeito a uma etiqueta formal, sob o olhar de uma concentração de tropas ou integrado nos costumes de povos tribais.

Embuído de grande carisma, Sertório revela, ao longo do seu percurso militar e político, um talento especial para influenciar decisivamente as consciências. Hábil diplomata, consegue estabelecer compromissos com distintos grupos de interesses, diluindo as suas diferenças em proveito de um objectivo comum. Nas negociações com Mitridates VI, rei do Ponto, fica também patente a tenacidade com que luta por um acordo vantajoso. Um sensato equilíbrio entre pragmatismo e princípios patrióticos garante, nessa ocasião, que o reforço dos meios financeiros e militares do Estado de Osca por vínculo diplomático, não compromete em demasia a emanação de justiça da causa *popular*.

Ágil e enérgico comunicador, é capaz de transmitir uma poderosa mensagem em termos singelos adequados à mentalidade da sua audiência, notabilizando-se o uso efectivo de alegorias. A arte de impressionar e convencer através da palavra, gesto e semblante, conquista a adesão do hispânico a um empreendimento que transcende a dimensão das anteriores coligações entre povos zelosos da sua autonomia. A facilidade

²⁴³ Liv., 2, 12-13.

²⁴⁴ Plut., *Vit., Sert.*, 2, 1.

para impor respeito através do exemplo de bravura na guerra e de gerar empatia com um trato benévolo do nativo, convertem-no num chefe natural para os residentes da fronteira do mundo romano, menos susceptíveis a identificarem-se com um formalismo hierárquico conferindo inerente emanção de autoridade por princípio legal.

Enquanto estratega, Sertório sabe como exercer com grande eficiência uma direcção à distância, coordenando diferentes forças dispersas por um anfiteatro de guerra de forma harmonizada, segundo o objectivo de um magno planeamento. No domínio táctico, a sua presença possui a faculdade de incrementar a moral das tropas mediante o exibir de destemor na linha da refrega ou exteriorização de confiança no controlo da situação a partir de um posto de comando geral. No decurso da Guerra Sertoriana mencionam-se diversas ocasiões em que a chefia do sabino se revela decisiva na providência do rumo para a vitória, resgate do exército da borda da derrota após um revés parcial ou evasão de um completo desastre num malogrado recontro.

A respeito de Sertório, refere Salústio: “*although driven off on more than one occasion, he does not lose his confidence...*”²⁴⁵, tenacidade que reluz na façanha pessoal de sobrevivência do desastre de Aráusio (105 a.C.) inspirando, também, as suas tropas a preservar-se mesmo quando rejeitadas da Hispânia no ano de 81 a.C., e reduzidas, por uma série de infortúnios, a um bando de fugitivos sem porto seguro. As realizações marciais que distinguem Sertório, resultam de uma ampla combinação de propriedades físicas e mentais, forjando um resiliente e destemido guerreiro. Sólida constituição muscular e agilidade de reflexos consequentes de disciplinado treino militar e prática prazerosa da caça²⁴⁶, conjugam-se com notável coragem pessoal e abnegada entrega ao sacrifício²⁴⁷. As habilidades para o combate que o distinguem, não radicam apenas na compleição corporal, manuseio de armas e força de vontade, mas no engenho e versatilidade que lhe conferem a capacidade de execução de uma diversidade de incumbências, que incluem estratégias permitindo o assalto a fortificados, furtivas penetrações em território inimigo e a condução de uma guerra de guerrilha num vasto teatro operacional.

Uma universalidade de aptidões nos vários domínios de aplicação da ciência bélica, consagra Sertório como o mais completo cabo-de-guerra produzido por Roma, diminuído, contudo, pelo infortúnio e culpa alheia que frustram os seus planos em

²⁴⁵ Sall., *Hist.*, 1, 111, Patrick McGushin (trans. and comment), Oxford University Press, 1992 & 1994.

²⁴⁶ Plut., *Vit., Sert.*, 13, 2.

²⁴⁷ Plut., *Vit., Sert.*, 13, 1-2.

momentos críticos, por fim ocasionando a derrocada da sua causa e inconseqüência de grande parte da obra urdida. O percurso marcial desta personalidade envolve missões a solo de infiltração no âmago da hoste adversária, recrutamento e conversão de populações a métodos de luta distintos da sua natural proficiência, constituição de uma máquina operativa guerrilheira com comando central e células autonômicas, chefia táctica em grandes batalhas, almirantado sobre frotas de composição híbrida integrando marinha regular e de corso.

Sertório tem sido usualmente considerado como um especialista na guerra assimétrica, pioneiro em algumas das suas concepções que não apenas transcendem a prática comum no ambiente tribal hispânico, como ultrapassam num salto hiperbólico quase dois milénios de espaço temporal para se conectarem com a História Contemporânea. Contudo, seria reducente associá-lo a esta vereda de belicismo, quando a sua aptidão se manifesta com lampejo em muitas outras áreas, nomeadamente nos confrontos campais em grandes números contra as legiões *conservadoras*. A influência que, nessas ocasiões, exerce sobre as suas tropas, revela-se decisiva mesmo frente ao intrépido dinamismo no comando que granjeara, a Gneu Pompeio Magno, uma lista incólume de vitórias até à guerra na Hispânia.

A completa apreensão das vastas incidências da marcialidade por Sertório, evidencia-se na multiplicidade de ocasiões em que aufere de factores aleatórios como o terreno, meio ambiente, disposição, efeito surpresa e abastecimento, para alterar com forte benefício o normal valor relativo atribuível aos recursos militares. O talento universal do sabino resulta de um concerto entre a capacidade para escrutinar com clarividência o resultado lógico das mais subtis nuances estratégicas na miríade de elementos que interagem na guerra, com uma pronta e versátil reacção em virtude de súbitas alterações tácticas.

O exercício de generalato por Sertório é, com esta plenitude de saberes e perícias, excepcionalmente criativo, compreendendo argutas leituras de terreno de forma a garantir vantagem no assumir de uma posição defensiva ou de emboscada, profundo cálculo de possíveis variações operacionais no espaço-tempo e lesta execução prática visando aproveitar no momento uma oportunidade, assim como reagir com presteza a vicissitudes. Precedência na ocupação de posições-chave por meio da aliança entre o seu próprio acúmen e superior mobilidade da tropa que comanda, propiciam, a Sertório, recorrente aplicação de um estrangulamento profiláctico da iniciativa do

inimigo²⁴⁸ ou acometida contra os seus pontos fracos conforme o costume da guerrilha hispânica²⁴⁹.

Um excelente serviço de informação auxilia a siderante perspicácia do sabino para detectar as intenções e debilidades do inimigo de forma a capitalizar em ganhos a mais ligeira aberta. Constante pressão exercida pela guerrilha hispânica conjugada com o atrito afectando a logística²⁵⁰ dos exércitos legionários, permitem-lhe forçar, em várias ocasiões, os comandantes oligárquicos a concederem-lhe a oportunidade para um ataque cirúrgico contra destacamentos.

As características da guerra na Hispânia e a chefia de tropas nativas induzem Sertório a intensificar a diversidade dos seus métodos relativamente à ortodoxia operacional romana, justapondo a arguta aplicação do belicismo assimétrico ao poder de choque frontal das legiões em campo aberto. Os ataques dirigidos contra os exércitos *conservadores* incidem sobre as suas fraquezas, usualmente com o benefício do efeito surpresa. A mobilidade da tropa guerrilheira permite-lhe uma ampla dispersão em torno do inimigo e lesta convergência sobre um sector específico, tornando mais difícil antecipar o seu golpe²⁵¹.

Em particular no decurso da campanha de 79-78 a.C., o método operacional de Sertório consiste no emprego de pequenas unidades guerrilheiras em contínuas acções sobre a perimetria do inimigo. Contrapondo-se ao peso da máquina de guerra romana, almejam os guerrilheiros hispânicos desferir ataques súbitos contra elementos vulneráveis. Emboscar legionários atraídos para uma zona de exposição na sequência de uma retirada simulada, consiste no talento selecto do hispânico.

A capacidade para surpreender, induzir em erro ou antecipar-se ao oponente, permite que Sertório enfrente de forma vitoriosa as legiões romanas em sucessivos recontros tácticos, diluindo o seu poder pela forma como as acomete em situações de embaraço. Combinando artifício, presteza e ecleticismo, o caudilho pôde infligir, durante a campanha de 79-78 a.C., grandes perdas ao inimigo, enquanto garantindo a economia das suas próprias forças.

²⁴⁸ A tentativa de barrar o caminho das legiões de Ânio Lusco na travessia dos Pirinéus (82 a.C.) a vadeação do rio Guadalquivir por Lúcio Fufídio (80 a.C.) e o envolvimento do exército de Pompeio nas operações nas vizinhanças da cidade de Lauro (76 a.C.) são exemplos ilustrativos.

²⁴⁹ Para além das acções de escaramuça típicas da guerrilha, podemos salientar entre os confrontos tácticos de maior importância, a emboscada ao legado Aquino na campanha de *Langobritae* e a acção da força-tarefa de Tarquino Prisco e Octávio Gracino contra o comboio de abastecimento e legião de Décimo Lélío na batalha do Lauro (76 a.C.).

²⁵⁰ CLAUSEWITZ, Carl von – *Princípios da Guerra*, Edições Sílabo, Lisboa, 2003, página 67.

²⁵¹ Plut., *Vit., Pomp.*, 19, 4.

Com as unidades de guerrilha dispostas numa frente alongada, cada sector da coluna legionária encontrava-se sujeito à ameaça de acometidas cirúrgicas, mistificando a previdência do comando romano. A mobilidade do hispânico consistiu num talento proeminente na mortífera aplicação, por parte do sabino e seus melhores oficiais, do método de *manoeuvre sur les arrières*, de forma a atacarem o ponto mais vulnerável do adversário²⁵², evitando o choque com a frontaria das pesadas legiões.

Após a criação do Estado de Osca, o reforço dos meios humanos ao dispor de Sertório permite o confronto com os *conservadores* em batalhas de linha, mas tendo como contrapartida o decréscimo da sua fugacidade guerrilheira. Massas de soldados são empregues, pelos *populares*, na tentativa de aniquilar exércitos romanos em campo aberto, fórmula de belicismo que resulta num exponencial acréscimo das perdas sofridas por ambos os contendores²⁵³. Apesar de taticamente bem planeadas e conduzidas pelo comando do sabino, estas batalhas outorgam maior responsabilidade aos seus subordinados que, de forma assídua, falham em suportar o confronto com as legiões. Na sequência de várias oportunidades para infligir derrotas decisivas aos seus inimigos que se perdem por acasos, a erosão acumulada nestes métodos frontais de luta atinge de forma crítica a máquina de guerra sertoriana. A estratégia *mariana* nos últimos anos do conflito, consiste no retorno à guerra de guerrilha de forma a atenuar as perdas humanas, mas o entusiasmo em torno da chefia providencial de Sertório define com o passar do tempo e a deserção em larga escala sentença, por fim, a sua causa.

Um dos aspectos mais interessantes do paradigma de liderança do caudilho, consiste na forma como parte fundamental do carácter moralmente censurável do astuto uso de métodos manipulatórios no domínio político e de estratagemas na guerra, é solvida com a distinta emanção de valores²⁵⁴. Ao anátema de proscrito capitaneando bárbaros que procuram vincular-lhe os seus inimigos²⁵⁵, contrapõe-se a firmeza com que exige virtuosismo no comportamento das suas tropas e corpo de oficiais, tanto no convívio interno como na lide com as comunidades locais²⁵⁶.

O carácter disciplinador do comando de Sertório havia-o já diferenciado dos excessos atribuídos às forças conduzidas por outros líderes *populares* no decurso da

²⁵² CLAUSEWITZ, *op. cit.*, página 37.

²⁵³ BARRENTO, António - *Da Estratégia*, Tribuna da História, Lisboa, 2010, página 128.

²⁵⁴ DAWSON, *op. cit.*, página 153.

²⁵⁵ Plut., *Vit., Sert.*, 22, 3.

²⁵⁶ Plut., *Vit., Sert.*, 26, 4.

guerra civil²⁵⁷. Os gestos de agraciamento social aos que sob ele servem são conjugados com a imposição de um código de conduta que castiga de forma modelar, abusos cometidos sobre a população autóctone²⁵⁸. Os benefícios decursivos de um relacionamento protector e deferente para com o elemento indígena, permitem a mobilização de sucessivas vagas de milhares de hispânicos para a causa que os une à facção *mariana*, tanto pelo interesse de um domínio mais justo por parte de Roma, como por vínculos afectivos.

A tolerância para com o autóctone consiste tanto um traço do carácter de Sertório como numa visão acurada quanto à melhor forma de cativar em seu favor uma massa de população reactiva aos agravos infligidos pela administração romana. O ostensivo zelo do caudilho na defesa dos direitos do hispânico, cumpre o propósito de o transformar num vulto adorado pelos seus adeptos locais, não obstante as assimetrias entre as específicas demandas. Esta capacidade de reunir o mosaico de tribos peninsulares numa causa que transcende as suas lides domésticas para decidir o destino do mundo, leva o nativo a apelidá-lo de Aníbal, outro estrangeiro que o liderou de forma emérita contra as legiões romanas²⁵⁹. Fortaleza física e mental diante da provação, concepções bélicas inovadoras, improváveis triunfos frente a portentosa oposição e estropiamento ocular como marca de entrega na guerra, compreendem alguns dos caracteres que associam o sabino à efígie do púnico.

Dotado de grande perspicácia e conhecimento sobre o mundo tribal, Sertório modela os fundamentos de um tipo de guerra assimétrica sem paralelo nos anais da História Antiga. Estadista de visão e táctil diplomata, promoveu a metamorfose de uma simples insurgência sob o comando de um caudilho, num verdadeiro Estado provido com sofisticadas instituições e uma agenda política assente na cooperação entre uma miríade de grupos sociais. Afamou-se também pela acessibilidade e afecto no trato, dispensando apoio e confiança aos seus tenentes, aplicando-se na garantia do bem-estar e prestígio social do comum soldado, contando que este cumprisse as suas elevadas exigências na disciplina, sobretudo na lide com a população autóctone, cuja defesa se arrogava.

Para além do grau de genuinidade que se possa atribuir à postura captadora de empatia adoptada por Sertório, deliberado calculismo escrutina-se nestes

²⁵⁷ Plut., *Vit., Sert.*, 5, 4-5.

²⁵⁸ App. *B Civ.*, 1, 109.

²⁵⁹ App. *B Civ.*, 1, 112, 1.

procedimentos, dado consistirem nos indigitados aos chefes de guerrilha, de acordo com os cânones dos manuais contemporâneos²⁶⁰. A boa disposição geral e o humor zombeteiro de Sertório dirigido contra os rivais *conservadores*, a importância da dinâmica de grupo nas sessões públicas de esclarecimento com recurso a divertidas alegorias, a moralização das tropas através da convicta crença na justeza de uma unificadora causa, integram uma parafernália de técnicas destinadas a solidificar laços sob uma carismática liderança de índole política tanto quanto marcial. Paralelamente, a interacção positiva e respeitadora com o indígena, garante uma identificação da luta entre a facção *democrática* e os elementos locais de quem se pretende extrair hospitalidade, apoio logístico, informação e actividade disruptiva contra o inimigo, representado como um poder colonizador repressivo.

Por fim, Sertório distinguiu-se pelas excepcionais capacidades administrativas, integrando complexas tarefas como a recruta, equipagem, doutrinação e suprimento de forças militares. Corolário de um adestramento assente no reforço da auto-estima, arranjo disciplinado e execução de tácticas numa batalha campal, a tropa que molda no quartel de *Castra Alia* configura uma das mais notáveis conversões da História Militar. A descrição de Tito Lívio²⁶¹ explicita a forma como um concerto acurado entre o trabalho de artificies, provisão de materiais e montagem de infra-estruturas de artesanato, permite que um equipamento de ponta se disponha ao uso da soldadesca quando esta finaliza o treino que modela um exército de síntese entre o tribalismo autóctone e a mecânica das legiões romanas.

3.3.2 - O percurso biográfico de Quinto Sertório.

A biografia de personagens históricas tem sido um género de literacia privilegiado pelo universo editorial devido à sua potencialidade na cativação do interesse do grande público. No mundo académico, contudo, é ainda objecto de alguma apreensão a escolha de um tema que possa resvalar para uma circunscrição do campo de estudo a um simples encadeamento narrativo cronológico, sem substrato para uma verdadeira análise problematizante. Durante a vigência doutrinária do estruturalismo, uma abordagem centrada em figuras singulares consistia na versão mais desconsiderada

²⁶⁰ CLARRIDGE, Duane Ramsdell – *CIA Manual for Psychological Operations in Guerrilla Warfare*, Kindle Edition, Ancient Wisdom Publications, 2011.

²⁶¹ Liv., Frag., 91.

da *petite histoire*, termo pelo qual se rotulou a produção historiográfica privilegiando o domínio do político e institucional, mesmo a que integrava já o método historicista-positivista, postulando por uma análise científica rigorosa e fundamentada dos factos pretéritos.

A Nova História introduzida pela revista dos *Annales*, representava uma ruptura conceptual em particular com o enfoque da prática tradicional na acção das grandes personalidades. Para uma formatação historiográfica contendo princípios marxistas de imposição do social sobre o indivíduo, a biografia era um género particularmente redutor, subjectivo, egotista, pouco credível. Noções muito mais amplas como conjuntura, estrutura, sincronismo, dinâmicas, multidisciplinaridade, entre várias outras, alargaram o âmbito da História a uma dimensão que se pretendia, como Fernand Braudel a colocou, *totalizante*. Contudo, a ideologia que impregnava o estruturalismo de desconsideração pela liberdade individual tende, no zénite da vigência desta escola, a reduzir o ser humano, em princípio objecto da análise histórica, a uma abstracção submetida às disposições mentais, sociais e económicas que abrangem e delimitam a sua actividade.

Os dados quantitativos, as relações de poder, as configurações de pensamento e comportamento das massas anónimas, surgem como normativas que parecem não dar espaço ao livre arbítrio. O indivíduo consistiria num receptor passivo relativamente ao meio, respondendo aos estímulos externos de maneira mais ou menos padronizada. As mutações nas estruturas ao longo do tempo são consequentes das clivagens entre os diversos grupos sociais, reajustando-se o ser humano aos parâmetros do novo universo colectivo.

Nos anos oitenta do século passado, o desencanto crescente por este modelo historiográfico que parecia ter adquirido os seus próprios dogmas, induz ao surgimento de propostas de concertação entre o indivíduo e a sociedade em que se insere, encabeçadas por Pierre Bourdieu na sua definição de *habitus*. Acompanhando o colapso das grandes teorias da História em proveito do acolhimento de todas as formas de análise susceptíveis de contribuir para compreender o passado, a biografia é reabilitada na sua importância. Reconhece-se como uma evidência que o estudo dos casos singulares consiste numa via para melhor se compreender a mecânica da própria estrutura, em particular porque a ruptura desta tipicamente ocorre pela acção de indivíduos selectos, catalisadores das grandes mudanças. As duas realidades antes sobrepostas por motivo do antagonismo entre escolas historiográficas que se sucederam

no tempo, encontram-se conciliadas no hodierno estágio sinalizado pela liberdade de escolha do campo de estudo e inexistência de uma doutrina dominante.

As novas biografias surgiram integrando estratégias para corrigir ou delimitar os vícios que haviam posto em causa a sua valência no passado tendendo a estabelecer um relacionamento de honestidade intelectual com o leitor, chamando a atenção para as lacunas que lhes são inerentes e convidando a considerar perspectivas mais do que impondo uma visão. Encontra-se subentendido o reconhecimento de que as mesmas vidas podem ser narradas de várias formas, cada uma delas contendo a sua verdade, que uma perspectiva histórica expressa também e por vezes mais a natureza do próprio biógrafo, mesclando os seus conflitos internos, as suas experiências, os seus interesses mundanos, com a essência do objecto do seu trabalho.

Quinto Sertório, protagonista do conflito que constitui o tema desta tese, tem sido objecto de uma variedade de estudos destinados a aflorar a verdadeira dimensão da sua obra e atributos como estadista e homem de guerra. Esta tarefa deve presumir que, atendendo à natureza da informação de que dispomos, sobretudo elementos narrativos legados por Plutarco, dificilmente cristalizará na arrojada capacidade de desprover a personalidade em questão do seu carácter enigmático.

Escrutinar o verdadeiro homem por detrás da imagem extremamente positiva que dele nos é transmitida pelo biógrafo helenístico, consiste numa demanda intrincada devido à escassez de referências alternativas. Contudo, a renitência a anuírmos sem crítica ao enredo do texto plutarquiano não deve escalar para um cepticismo sistémico, cumprindo numa análise ponderada salientar os elementos dubitáveis com dados sólidos e interpelações fundamentadas.

A brevidade das menções de Plutarco sobre Sertório incumbe-nos com a tarefa de complementarmos ou preenchermos as lacunas biográficas com informações extraíveis da sua mundividência. A psicanálise não é creditada pela comunidade científica com o estatuto de método legítimo para mensurar o impacto que as raízes familiares, as influências sociais e as actividades desenvolvidas tiveram na modelagem de uma personalidade histórica²⁶². A antropologia constitui um domínio de maior aquiescência para o estabelecimento de uma conexão entre as complexidades do meio ambiente com as vidas singulares²⁶³.

²⁶² GARCÍA MORÁ, *op. cit.*, página 1.

²⁶³ RIVIÈRE, *op. cit.*, páginas 16-18 ; TITIEV, Mischa – *Introdução à Antropologia Cultural*, Fundação Calouste Gulbenkian, 9ª edição, Lisboa, 1979, página 14.

A data de nascimento de Sertório permanece indeterminada. Contudo, o cruzamento entre a sua participação na batalha de Aráusio (105 a.C.)²⁶⁴ com a legislação de Gaio Graco impedindo o recrutamento de jovens de idade inferior a dezassete anos²⁶⁵, permite situá-la numa cronologia não posterior a 122 a.C. Natural da cidade provinciana de Núrsia²⁶⁶, localizada no sudeste da região da Úmbria, disfrutaria de plenos direitos de cidadania romana com direito de sufrágio²⁶⁷. Erigida num amplo planalto bordejado por alguns dos mais elevados picos dos Apeninos²⁶⁸, a terra natal do protagonista desta tese oferecia uma vida de montanha²⁶⁹ aos seus residentes, organizados numa estrutura sócio-económica que elege a pastorícia como principal fonte de subsistência²⁷⁰. Território dos antigos Sabinos, esta parte da Itália central famigerara-se pela tradição de gerar gentes vocacionadas para a beligerância²⁷¹ com hábitos tipicamente frugais²⁷². Duros, rígidos, sóbrios, fortes, rústicos, modestos, sérios, austeros e disciplinados, são alguns dos adjetivos²⁷³ atribuídos aos Sabinos pela autoria antiga, sustentando a crença que seriam descendentes dos Espartanos²⁷⁴.

Na selecção que impera no mundo natural, a sabedoria campesina centraliza-se no axioma de que os fortes de mente e corpo sobrevivem onde os fracos perecem²⁷⁵. A anuência de Estrabão²⁷⁶ às contínuas guerras que haviam impedido o erigir de grandes cidades na Sabinia, subentende um contexto etnológico de forte autonomia e rivalidades tribais. A ambiência na terra natal de Sertório parece, assim, compreender variados elementos de similitude com a belicosidade e desunião do hispânico, propiciando, ao grande comandante, a sagacidade sobre como melhor atrair o elemento autóctone para a causa *popular*.

Antes de se ter familiarizado com os aspectos mais complexos e sofisticados da vida na cúpula da sociedade romana²⁷⁷, Sertório deve ter tido a oportunidade para

²⁶⁴ Plut., *Vit., Sert.*, 3, 1.

²⁶⁵ Plut., *Vit., C. Gracch.*, 5, 1.

²⁶⁶ A moderna Nórícia.

²⁶⁷ Vell. Pat., 1, 14, 6-7.

²⁶⁸ Os *Monti Sibillini*.

²⁶⁹ Strabo, 5, 2, 10.

²⁷⁰ Strabo, 5, 3, 1 ; Varro, *Rust.*, 3, 2, 6, 1; 2, 8, 3-5.

²⁷¹ Cic. *Lig.*, 11, 32 ; Cic. *Vat.*, 15, 36 ; Strabo, 5, 3, 1.

²⁷² Cic. *Fam.*, 15, 20.

²⁷³ Prop., 2, 32 ; Hor., *Ars P.*, 2, 1, 25.

²⁷⁴ Dion. Hal., *Ant. Rom.*, 49, 5.

²⁷⁵ Dion. Hal., *Ant. Rom.*, 49, 5.

²⁷⁶ Strabo, 5, 3, 1.

²⁷⁷ Strabo, 5, 3, 1.

reconhecer a fome como o custo natural da indolência²⁷⁸, interiorizando a ideia que o destino de um homem se faz em função da capacidade prática para garantir a sua própria subsistência. Complementando os recursos do indivíduo, o entrosamento grupal garante na tradição preserverante²⁷⁹ entre os descendentes dos Sabinos, o direito à digna existência, exigindo a recepção/emanação de solidariedade entre os membros de uma comunidade interior de montanha, o cumprimento de um tácito código de conduta em torno de usos e costumes, em adição à referência mais ou menos consciente que constitui a lei romana em contexto rústico.

Na lide com o registo plutarquiano, torna-se uma tarefa premente separar o conteúdo histórico dos preceitos moralistas que constituem o fio condutor da apreciação do objecto biografado. O arquétipo do herói, um dos *topos* literários favorecido pelo autor, reluz nos sucessivos sacrifícios e feitos que assinalam a dedicação de Sertório às grandes causas. O filho devotado, estóico guerreiro, foragido da tirania sulana, brilhante general, benevolente estadista e atraçoada vítima, constituem algumas das diferentes etapas compondo o conto sobre o valoroso mas desafortunado sabino.

Tema recorrente em várias *Vidas* de Plutarco (Ágis, os irmãos Graco e Coriolano), Sertório ficou orfão de pai desde tenra idade e foi criado pela mãe enviuvada, por quem nutriu uma extrema afeição²⁸⁰. A fazer fé na autoria, o interesse de Sertório pelo universo feminino parece focalizar-se na referência materna, não sendo mencionadas outras ligações de significado. Um modelo de chefia sedimentado na disciplina e sacrifício pessoais, a par da associação com a deusa virgem Diana no culto que se irá desenvolver em torno da capacidade profética de Sertório, constituem factores aferíveis no desencorajamento de exhibições públicas de afeição pelo sexo oposto. A consagração da nossa personagem a uma existência de aparente recato no domínio amoroso²⁸¹ malogra, contudo, no momento de desespero da sua causa, registando Apiano a decadência do seu comportamento no consolo que procura encontrar numa entrega aos excessos da libidinagem²⁸².

Segundo Plutarco, Sertório provém de uma família de considerável notabilidade em Núrcia²⁸³, provavelmente associada a uma das tribos rurais sabinas, a Quirina ou a

²⁷⁸ Liv., 1, 18.

²⁷⁹ Strabo, 5, 3, 1.

²⁸⁰ Plut., *Vit., Sert.*, 2, 1.

²⁸¹ Plut., *Vit., Sert.*, 1, 4.

²⁸² App. *B Civ.*, 1, 113.

²⁸³ Plut., *Vit., Sert.*, 2, 1.

Velina, integradas em 241 a.C. nos distritos com direito de voto nos *comitia tributa*²⁸⁴. Acrescenta o biógrafo helenístico que o acompanhamento dedicado da sua mãe²⁸⁵ dota a nossa personagem com aprimorada educação, registo que deixa subentendido a gestão de um património familiar capaz de suportar os gastos envolvidos no processo. Uma riqueza de base rural no contexto de uma economia de predominância pastoril em território sabino, o estatuto detido a nível local por via da sua linhagem, o serviço como tribuno militar²⁸⁶ e o posterior cumprimento do *cursus honorum* com o exercício de magistraturas²⁸⁷, são poderosos indicadores para atribuímos a Sertório a pertença à ordem equestre.

Menciona Plutarco que antes do ingresso na carreira de armas, adquire Sertório formação em procedimento judicial e algum prestígio, apesar de um mero jovem, devido à sua eloquência²⁸⁸. Contrariamente ao eficiente sistema de educação pública na Grécia antiga, em Roma a aprendizagem era sobretudo doméstica e/ou privada. Usualmente, a tarefa de ensino da leitura, da escrita, da conta, da compreensão e da doutrinação em valores morais, recaía no *paterfamilias* ou, na ausência deste, em quem detinha a autoridade ou o conhecimento no lar. No caso das famílias com mais posses, era frequente a contratação de tutores, sobretudo para o ensino da gramática, estágio educativo de refinação da literacia adstrito a uma mocidade situada entre os nove e os doze anos de idade.

Apenas uns poucos privilegiados atingiam a fase final de ensino que constituía a retórica²⁸⁹, destinada a dotá-los com a arte e as regras para falar em público com persuasão. O uso prático desta aprendizagem devia revelar-se nas lides políticas ou nos espaços da jurisprudência²⁹⁰, principais arenas de confrontação nas lutas cívicas em Roma. Atendendo ao facto da maioria ser reconhecida, na sociedade coeva, a partir dos catorze anos de idade, celebrada com o abandono da *toga praetexta* e o envergo da *toga uirilis*, Sertório pode ter, com efeito, adquirido prática na barra do tribunal antes do início da sua vida militar²⁹¹, possivelmente sob orientação sénior.

Parte do enredo de Plutarco é corroborada numa alusão de Marco Túlio Cícero na sua obra *Bruto*, apesar da anuência do eminente jurista conter também elementos que

²⁸⁴ Liv., *Epit., Per.*, 19, 15.

²⁸⁵ Plut., *Vit., Sert.*, 2, 1.

²⁸⁶ GARCÍA MORÁ, *op. cit.*, página 75.

²⁸⁷ ROTH, *op. cit.*, página 13.

²⁸⁸ Plut., *Vit., Sert.*, 2, 1.

²⁸⁹ Suet., *Gram. Et rhet.*, 1.

²⁹⁰ Suet., *Gram. Et rhet.*, 1.

²⁹¹ Sall., *Hist.*, 1, 87.

se contrapõem ao registo biográfico do primeiro autor: “*But of all the orators, or rather ranters, I ever knew, who were totally illiterate and unpolished, and (I might have added) absolutely coarse and rustic, the readiest and keenest, were Q. Sertorius, and C. Gorgonius, the one of consular, and the other of equestrian rank.*”²⁹²

Este passo de Cícero deixa subentendida a capacidade inata de Sertório para uma comunicação adequada ao contexto marcial onde a projecção de voz e veemência do gesticular são elementos que se sobrepõem à importância do requinte retórico. Um discurso claro, enérgico e versátil parece bastar para a tarefa de persuadir ou inspirar uma audiência composta por soldados tipicamente desprovidos do saber para apreciar a arte de um elegante e refinado uso da palavra. Contudo, a referência à incultura de Sertório é contraditória com uma educação integrando treino em procedimento jurídico mencionado por Plutarco. Talvez neste ponto se deva favorecer este último registo, por motivo do desdém snobista que se distingue nalguma terminologia empregue por Cícero, indiciando um forte exagero prejudativo. Em todo o caso, os dons para a oratória de Sertório cimentar-se-iam na liderança marcial, através do vigor do comando, postura dominante e mensagens singelas.

O meio social de origem conjugado com a aprendizagem providenciada por pedagogos, dotam o jovem sabino com uma natural aptidão para o exercício do oficialato, quando ingressa na vida militar para cumprir o serviço requerido aos cidadãos romanos. A sociedade coetânea de Sertório preserva uma vocação expansionista que a incentivava a responder aos desafios inerentes a um estado de beligerância assíduo, com uma cultura de premeio de valor e coragem no campo de batalha. O erigir do império romano constitui o produto da dirigência de uma aristocracia censitária ávida de distinções e agraciamentos comunitários por virtude de méritos na guerra. Um poderoso *ethos*²⁹³ armífero transversal a uma civilização, mobiliza em particular uma ambiciosa juventude nobiliárquica, para uma exarcebada disputa pela obtenção de prestígio no serviço tribunicio, que lhe abra o caminho para candidaturas vitoriosas às magistraturas definindo o valor de um romano perante os seus concidadãos²⁹⁴.

²⁹² Cic. *Brutus*, 180, E. Jones (trans.), London, 1776.

²⁹³ Sall., *Cat.*, 7, 3-6.

²⁹⁴ ROSENSTEIN, Nathan – “Military Command, Political Power, and the Republican Elite”, in *A Companion to the Roman Army*, Paul Erdkamp (Ed.), Blackwell Publishing, Oxford, 2007, páginas 133-134.

O ingresso de Sertório na carreira militar coincide com a sujeição de Roma a um dos mais terríveis perigos da sua história: a migração para sul de dois povos germânicos provavelmente oriundos da Península da Jutlândia, os Cimbro e os Teutões, compreendendo uma imensa horda²⁹⁵ em busca de terra e das riquezas dos povos mediterrânicos. Entre os anos de 113 a.C. e 105 a.C., sucessivos exércitos legionários são destroçados por esta torrente humana na marcha inexorável que empreende até à foz do Ródano, última etapa antes da transposição dos Alpes e invasão da Itália. Ameaçado na sua própria existência, o Estado romano decide-se a mobilizar todos os seus recursos disponíveis e envia uma força sob o comando do cônsul Gneu Mânlio Máximo para se reunir com as tropas do governador da Gália Transalpina, Quinto Servílio Cepião. Segundo Plutarco, é sob as ordens deste comandante que Quinto Sertório cumpre a sua primeira campanha como tribuno militar, conforme a sua condição de aristocrata integrando a ordem equestre.

Apesar da possibilidade de existência de uma ligação de natureza clientelar ou qualquer outra forma de *amiticia* entre o jovem sabino e o alto magistrado²⁹⁶, nenhum comprovativo empírico foi, até ao momento, acrescentado pela bibliografia crítica a um simples destacamento para a região onde se concentram os recursos militares incumbidos da defesa de Roma frente à ameaça germana. Servílio Cepião notabilizara-se pela sua conduta como procônsul na Hispânia Ulterior no decurso da qual vencera os Lusitanos²⁹⁷, feito que lhe vale um triunfo em Roma, celebrado em Outubro de 107 a.C.²⁹⁸. O prestígio marcial adquirido deverá ter coadjuvado a sua linhagem distinta para o sucesso da candidatura ao exercício do consulado na Itália, após o qual foi incumbido do governo da Gália Transalpina, onde enfrenta a ameaça composta pelos Cimbro e Teutões. Quinto Servílio Cepião torna-se o principal responsável por uma das maiores derrotas sofridas por Roma quando rejeita unir as suas forças às conduzidas pelo cônsul Gneu Máximo, um *homo novus*, de forma a melhor enfrentarem a horda de germanos.

As naturais aptidões de Sertório para a vida militar exibem-se quando, com uma idade compreendida entre os dezassete²⁹⁹ e os vinte anos, enfrenta o seu baptismo de guerra servindo no exército destroçado na batalha de Aráusio em 105 a.C. Segundo o

²⁹⁵ Plut., *Vit., Mar.*, 11, 2-3.

²⁹⁶ GARCÍA MORÁ, Félix – “Quintus Sertorius: Propuesta para sus primeros años de actividad”, in *Studia Histórica. Historia Antigua*, Universidade de Granada, 1989, páginas 85-96, página 89.

²⁹⁷ Eutr., 4, 27. Provavelmente tribos insurrectas contra o jugo romano.

²⁹⁸ *Fasti Triumphales*, página 107.

²⁹⁹ Liv., 25, 5, 8.

relato plutarquiano³⁰⁰, a primeira de uma longa série de notáveis façanhas marciais que o transformam num venerado herói para a comunidade romana, realiza-se quando Sertório consegue escapar do massacre fazendo, apesar de ferido, a sua travessia a nado do Ródano contra uma forte corrente contrária, completamente equipado com escudo e couraça³⁰¹.

A autenticidade deste episódio merece, contudo, reflexão. Aráusio, moderna Orange, situa-se na margem do Ródano que, nesta parte do seu curso, atinge sensivelmente 1.000 metros de largura. Estrabão descreve o rio como a principal artéria de deslocação e transporte na Gália, percorrido por navios com grande capacidade de carga³⁰², mas bastante perigoso para a navegação³⁰³, por causa da velocidade de fluxo que, segundo o registo hodierno, pode ultrapassar os 10 kms/h.

A travessia a nado da considerável distância entre as margens de um obstáculo fluvial distinto pelo impetuoso movimento de água³⁰⁴ consiste, assim, num prodigioso feito de força muscular, resistência e coragem. O acréscimo de peso que representa o transporte de uma couraça, parece tornar esta tarefa em algo impossível para a capacidade humana. Por que motivo não largou, Sertório, o seu escudo quando o objectivo imediato seria escapar dos triunfantes germanos, consiste noutra legítima interpelação por parte da análise crítica ao enredo literário.

Esta referência do autor das *Vidas Paralelas*, cumpre o propósito de atestar a grande impressão que, anos mais tarde, causaria entre os Lusitanos, o reconhecimento das mesmas aptidões físicas e psicológicas para enfrentar as maiores durezas que haviam distinguido o lendário chefe nativo, Viriato³⁰⁵. Enaltece também o registo do biógrafo, as qualidades morais de ousadia e perseverança do herói no contratempo que consiste num usual tópico laudativo da autoria antiga, nomeadamente, na lenda de Clélia, a virgem vestal que atravessara a nado o Tibre³⁰⁶.

A notável coragem de Sertório evidencia-se de forma ainda mais reluzente no acto sucedâneo ao desastre de Aráusio. Tendo ingressado no exército que Gaio Mário fortifica nas margens do Ródano de forma a proteger-se de um ataque da hoste bárbara

³⁰⁰ Plut., *Vit., Sert.*, 3, 1.

³⁰¹ Ver: BISHOP, M.C. ; COULSTON, J.C.N. - *Roman military equipment. From the Punic Wars to the Fall of Rome*, Society for the Promotion of Roman Studies, London, 1993.

³⁰² Strabo, 4, 1, 14.

³⁰³ Strabo, 4, 1, 14.

³⁰⁴ Strabo, 4, 1, 8.

³⁰⁵ App. *Hisp.*, 60; 74-75 ; Diod. Sic., 33, 1, 1-3 ; 7, 14 ; 21.

³⁰⁶ Liv., 2, 13 ; Val. Max., 3, 2, 2.

em trânsito para a Itália³⁰⁷, o jovem sabino tem a oportunidade para assistir à arte de disciplinar e treinar homens com um dos maiores intérpretes do ofício militar produzidos por Roma³⁰⁸. Em futuros comandos, Sertório exibirá uma proficiência insigne no domínio da recruta e adestramento de tropas por virtude das lições que recebera de Mário, assimiladas nos seus próprios métodos de comando.

Coadjuvando as iniciativas desenvolvidas pelo cônsul para elevar o ânimo dos seus homens, o jovem sabino oferece-se para espiar de perto o inimigo, abandonando a segurança do acampamento. A sua conduta constitui um exemplo para os legionários que, perante os aterrorizadores gritos e ameaças proferidas pelos gigantes do norte, precisam de grande coragem para manter o seu posto e obedecer às ordens do cônsul³⁰⁹.

Apesar de consciente que poderia ficar exposto aos piores suplícios caso fosse identificado, Sertório familiariza-se com algumas expressões simples do idioma celta³¹⁰ que lhe permitem a gestão de uma conversa³¹¹ e, fazendo-se passar por um natural da Provença, insere-se na horda invasora³¹², colectando informações úteis para o seu comandante³¹³. Frontino menciona o auxílio prestado ao exército romano por tropas gaulesas e lígures³¹⁴, de forma que Sertório poderia, através delas, adquirir os conhecimentos sobre a linguagem celta necessários para a arriscada missão a que se prontifica. A habilidade para se infiltrar entre populações tribais, copiando os seus gestos, instruindo-se na sua fala³¹⁵ e compreendendo a sua forma de pensar, ajuda a explicar o ascendente psicológico que rapidamente adquire sobre os Lusitanos na guerra contra a facção *conservadora*. O sucesso desta iniciativa vale, a Sertório, um prémio por valor, enunciando o percurso que, pelos subsequentes anos, incentiva os seus generais a promovê-lo até posições de honra e confiança³¹⁶, por virtude do reconhecimento do seu senso e bravura.

Em 97 a.C., o prestígio adquirido pela nossa personagem induz o procônsul da Hispânia Citerior, Tito Dídio, a convocá-lo para o serviço sob o seu comando, com as

³⁰⁷ 102 a.C..

³⁰⁸ Veg., *Mil.*, 3, 9.

³⁰⁹ Plut., *Vit., Sert.*, 3, 2 ; Veg., *Mil.*, 3, 12.

³¹⁰ GARCÍA MORÁ, Felix – *Quinto Sertorio*, Tesis doctorales, Universidade de Granada, Granada, 1990, página 65.

³¹¹ O serviço na Gália entre os anos de 105 a.C. e 102 a.C. torna verosímil a aprendizagem por parte de Sertório de formas básicas do dialecto celta, assim como do modo e reprodução do comportamento da população local.

³¹² GARCÍA MORÁ, *op. cit.*, página 65.

³¹³ Plut., *Vit., Sert.*, 3, 2.

³¹⁴ Frontin. *Str.*, 1, 2, 6 ; Strabo, 4, 1, 8.

³¹⁵ Plin., *HN*, 3, 4 ; Strabo, 4, 1, 1.

³¹⁶ Plut., *Vit., Sert.*, 3, 3.

funções de tribuno militar³¹⁷, possivelmente enquadrando-se na categoria de *Tribunus Rufulus*, ou seja, um oficial escolhido pelo comandante³¹⁸. A origem da ligação de Sertório ao magistrado provincial pode conjecturar-se no episódio do veto por este movido na qualidade de tribuno da plebe (103 a.C.) à proposta de Gaio Norbano (seu colega tribunício) de acusação contra Quinto Servílio Caépio³¹⁹, pelo crime de saque e desvio do ouro de Tolosa³²⁰, aquando o exercício de funções de procônsul na Gália Transalpina (106 a.C.). O assumir do risco de defesa do aristocrata por parte de Dídio, um *homo novus*³²¹, indicia a existência de uma base clientelar ou alguma forma de *amiticia*; com efeito, o tribuno é expulso do local de votação para que não possa impedir a passagem da resolução punitiva através do veto presencial³²². Apesar do exílio de Servílio Cepião se ter por esta via consumado, a continuidade da associação entre as personagens pode ter contribuído para o sucesso da candidatura às magistraturas futuramente exercidas por Tito Dídio e o posterior destacamento de Quinto Sertório para o seu corpo de tribunos militares na Península Ibérica, porventura por recomendação do seu antigo comandante.

A aprendizagem sob o procônsul para a Hispânia parece ter sido instrumental para que o jovem sabino adquira algumas das faculdades que mais tarde o irão tornar num extraordinário líder de tropas tribais. No decurso do ano de 100 a.C., Dídio enfrentara uma incursão dos Escordiscos em território macedónio³²³, poderoso povo céltico-trácio³²⁴ retratado pelas fontes literárias como um dos mais cruéis, ferinos e astutos inimigos³²⁵ que Roma teve de enfrentar na sua história³²⁶. A habilidade com que bate este adversário no seu próprio jogo de ciladas, surpreendendo-o quando disperso no decurso de um saque e repelindo-o de regresso ao seu lar na Trácia³²⁷, valer-lhe-á um triunfo em Roma³²⁸. Nos embates que se sucedem até Lúcio Cornélio Cipião Asiático destruir a maior parte dos Escordiscos no ano de 85 a.C., os romanos procuram quebrar o seu espírito sanguinário da forma explicitada por Floro: “*These savage enemies could*

³¹⁷ Sall., *Hist.*, 1, 77.

³¹⁸ GARCÍA MORÁ, *op. cit.*, página 76.

³¹⁹ Responsável pelo desastre de Aráusio.

³²⁰ Cic. *De natura deorum*, 3, 74 ; Strabo, 4, 1, 13 ; Oros., 5, 15, 25.

³²¹ GARCÍA MORÁ, *op. cit.*, página 76.

³²² Cic. *De oratore.*, 2, 46.

³²³ Cic. *Pis.*, 61.

³²⁴ Strabo, 7, 3, 2.

³²⁵ Amm. Marc., 27, 4, 4 ; Diod. Sic., 34-45, 30 ; Flor., 3, 4 ; Oros., 5, 23.

³²⁶ Cic. *Pis.*, 61.

³²⁷ MÓCSY, András – *Pannonia and Upper Moesia: A History of the Middle Danube Provinces of the Roman Empire*, Routledge, New York, 1974.

³²⁸ Cic. *Pis.*, 61.

only be reduced by the employment of their own methods against them; severe cruelties were inflicted upon the captives by fire and the sword, but nothing was regarded by the barbarians as more horrible than that they should be left with their hands cut off and be forced to survive their punishment.”³²⁹

O prestígio adquirido por Tito Dídio abre-lhe as portas para o consulado do ano de 98 a.C., com o subsequente exercício do governo da Hispânia Citerior. Porventura em resultado da sua experiência contra os bárbaros dos Balcãs, o comandante militar que solicita o destacamento de Sertório para o serviço sob a sua ordenança na Península Ibérica, aparenta ser um homem familiarizado com a face mais brutal da guerra, disposto ao uso dos expedientes necessários para atingir os seus objectivos. Entre os anos de 96 a.C. e 93 a.C., Tito Dídio empreende várias campanhas vitoriosas contra os Celtiberos que lhe valerão no termo do ofício, a honra de novo triunfo em Roma. Para o efeito, os seus métodos haviam-se celebrizado pelo carácter impiedoso³³⁰ e traiçoeiro³³¹, mas sem dúvida eficazes para lidar com povos reduzidos, pela ideologia imperial romana³³², ao esteriótipo de salteadores, com aparência imunda, instintos bestiais e costumes selváticos³³³. Contudo, os efeitos contraproducentes do regime de repressão a que sujeita o autóctone, ter-lhe-iam numa determinada ocasião custado caro³³⁴, não fosse a intrepidez do tribuno Quinto Sertório que, talvez em resultado deste particular evento, irá eleger aquando posterior oportunidade de governo, uma proveitosa política assente na cativação do afecto do hispânico.

O episódio que eleva o jovem sabino ao estatuto de herói para a romanidade ocorre no interregno da campanha movida pelo procônsul contra elementos sublevados dos *Oretani*, povo residindo no espaço entre o curso superior do Guadiana e a costa mediterrânica a oeste de Nova Cartago³³⁵. Para a invernagem, as legiões romanas haviam-se fixado nos aquartelamentos de Castulão, importante cidade estabelecida nas proximidades da nascente do Guadalquivir³³⁶. A falta de disciplina da soldadesca

³²⁹ Flor., 39, 3, 4, 7. E.S. Forster (trans.), Loeb Classical Library edition, 1929.

³³⁰ App. *Hisp.*, 99-100.

³³¹ Frontin. *Str.*, 1, 8, 5 ; 2, 10, 1.

³³² FERRIS, Iain – *Enemies of Rome: Barbarians through Roman Eyes*, Sutton Publishing Limited, 2000. ; MATTERN, Susan P. – *Rome and the Enemy: Imperial Strategy in the Principate*, University of California Press, Berkeley and Los Angeles, California, 1999.

³³³ Strabo, 3, 4, 16.

³³⁴ Desconhecemos o número das tropas romanas acantonadas em Castulão, assim como das perdas que a inclusão dos Oretanos lhes infligiu. Considera García Morá que o contingente sob o comando de Quinto Sertório corresponderia a uma coorte. Ver: GARCÍA MORÁ, *op. cit.*, página 77.

³³⁵ Strabo, 3, 3, 2.

³³⁶ Strab, 3, 3, 2.

estrangeira durante o período de inatividade³³⁷, expressa na entrega à bebedice e aos abusos sobre o autóctone³³⁸, induz os residentes da povoação a traírem os seus hóspedes, convocando os sublevados Oretanos para uma sortida nocturna. Tendo estes últimos surpreendido a maior parte dos legionários nas suas casernas, iniciam a matança que teria sido completa se Sertório e alguns outros não tivessem preservado a sua aplicação na vigília, logrando escapar-se para o exterior das muralhas da cidade. Reunindo os sobreviventes, o jovem oficial destaca tropas para a guarda de todas as saídas da urbanização e inicia o assalto retaliador quarteirão a quarteirão, não poupando ninguém que tenha idade para pegar em armas.

Após a mostra de previdência e rápida reacção sob pressão, Sertório concebe um astuto ardid para exercer imediata vingança sobre a cidade dos Oretanos (Plutarco não a identifica, mas Iiturgos consiste na melhor hipótese pelos motivos invocados por García Morá³³⁹) de onde haviam provindo os assassinos dos seus camaradas. Dando instruções às suas tropas para que se equipem com os despojosos dos guerreiros hispânicos vencidos, o jovem tribuno militar percorre com estas durante a noite toda a distância que os separa do castro. Fazendo-se passar pelo partido que regressa em triunfo da expedição a Castulão, penetra no interior das fortificações inimigas, massacrando a maior parte dos seus surpresos habitantes e reduzindo os sobreviventes à escravidão³⁴⁰.

Em consequência deste notável feito de armas, o nome de Sertório ecoa pela romanidade, sendo galardoado com a mais alta condecoração individual, a coroa de ervas, símbolo do salvamento de um exército³⁴¹. O respeito devido a um herói da guerra numa sociedade de poderosa tradição militarista e expansionista, constitui um dos segredos para as vitórias das legiões no campo de batalha. Distinções como aquela que agracia Sertório, são imediatamente reconhecidas por quem com ele se cruza,

³³⁷ Veg., *Mil.*, 3, 4.

³³⁸ O apuramento da credibilidade do texto de Plutarco deve levar em consideração que o episódio narrado contém alguns elementos de conexão com o *topos* literário do “festim aziago” (ver Rodrigues, Nuno Simões - “Festins de Sangue. A tradição do banquete aziago em Plutarco”, in *Symposion and Philanthropia in Plutarch*, José Ribeiro Ferreira, Delfim Leão, Manuel Troster & Paula Barata Dias (Eds), Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos da Universidade de Coimbra, Classica Digitalia/CECH, Coimbra, 2009). Contudo, Tito Dídio é referenciado por Apiano (*App. Hisp.*, 99-100) como um general particularmente implacável nas suas medidas repressivas, responsável pelo desterro, massacre e escravização de populações inteiras, não poupando nem mulheres nem crianças. Uma sublevação dos habitantes de Castulão é coerente com o registo de frequentes revoltas nativas contra o proverbial abuso do domínio romano na Península Ibérica.

³³⁹ GARCÍA MORÁ, *op. cit.*, página 82-83.

³⁴⁰ *Plut., Vit., Sert.*, 3, 5.

³⁴¹ *Plut., Vit., Sert.*, 3-4.

transformando-o numa celebridade merecedora da maior deferência. A atribuição da coroa de ervas não levava em consideração a idade ou o cumprimento curricular, consistindo numa pura recompensa meritocrática por acto de extremo valor³⁴². Na sequência de uma aparição pública de Sertório nos espaços de sociabilização, todos os que o viam, independentemente da sua linhagem ou funções, estavam obrigados por lei a interromper as suas actividades e a aclamar o jovem sabino³⁴³.

Sertório deve ter completado o seu serviço como tribuno militar na Hispânia até à conclusão das campanhas de Tito Dídio contra os Celtiberos que merecem, ao procônsul para a Hispânia, a honra de um triunfo em Roma no ano de 93 a.C.³⁴⁴. Subsequentemente, Sertório inicia o seu *cursus honorum* com o exercício do questorado, encontrando-se em exercício funções como proquestor na Gália Cisalpina no ano de 91 a.C., quando irrompe a Guerra Social³⁴⁵. A diligência com que procede a recrutamentos entre a população local³⁴⁶ para enfrentar o crítico desafio da revolta dos aliados itálicos contra Roma³⁴⁷, constitui exemplo paradigmático para a arte militar e enuncia um dos seus talentos insignes para vindouras lutas.

Apesar da condição de magistrado o agraciar com a possibilidade de exercer o comando à distância, conforme a tradição romana, Sertório continua a exhibir a sua proverbial ousadia³⁴⁸ liderando pelo exemplo a partir da frente como um comum legionário e distinguindo-se continuamente em múltiplas façanhas³⁴⁹. A exposição a que se sujeita em batalha vale-lhe um golpe que lhe vaza um olho, marcando o seu rosto com o testemunho permanente da coragem e entrega na guerra. Sem lamentar a perda pessoal que representa esta terrível ferida, para Sertório constitui a sua mais preciosa condecoração, o símbolo ostensivo dos sacrifícios que está disposto a suportar pela causa de Roma, o desfiguramento para a vida que torna inquestionável a sua integridade e bravura³⁵⁰.

Na sequência da Guerra Social, a fama adquirida pelo herói sabino parecia capaz de impulsioná-lo para uma carreira política emulando o brilhantismo dos seus feitos marciais. Contudo, as rivalidades entre facções e individualidades acentuam-se neste

³⁴² Plin., *HN*, 22, 4.

³⁴³ Plut., *Vit., Sert.*, 4, 2.

³⁴⁴ *Fasti Triumphales*, página 107.

³⁴⁵ Plut., *Vit., Sert.*, 4, 1.

³⁴⁶ Veg., *Mil.*, 1, 7.

³⁴⁷ Plut., *Vit., Sert.*, 4,1.

³⁴⁸ Oros., 5, 20.

³⁴⁹ Plut., *Vit., Sert.*, 4, 1-2.

³⁵⁰ Gell., *NA*, 2, 27, 1-2 ; Plut., *Vit., Sert.*, 4, 2.

período em que o Estado romano deixa de estar sujeito a um perigo mortal que obrigue a uma congregação de forças. A proveniência rústica de Sertório coloca-o em oposição aos preceitos de linhagem e de senioridade que integram os valores de selecção defendidos pela facção *conservadora*, presentemente liderada por Lúcio Cornélio Sula.

Segundo o enredo de Plutarco, o chefe dos *optimates*, reconhecendo que o prestígio já acumulado por Sertório numa precoce idade podiam transformá-lo a prazo num rival temível³⁵¹, decide-se a obstaculizar imediatamente a sua ascensão, organizando um lóbi contra a candidatura deste ao tribunato da plebe³⁵², cargo que se adequa a converter o talento oratório do sabino num acréscimo de popularidade útil para um futuro acesso ao pretório³⁵³. Considera, contudo, García Morá que Sertório foi apenas vítima conjuntural da tentativa de Sula em reforçar o seu poder no âmago do tribunato da plebe³⁵⁴.

O prestígio e notabilidade pública associados à ostentação da coroa de ervas destacam todavia, Sertório dos outros candidatos ao cargo. Independentemente do arrivista sabino poder não ter sido alvo singular ou específico da dinâmica de conquista de posições pelos *optimates*, parece lícito considerar que um hábil político e arguto avaliador de personalidades³⁵⁵ como Sula, reconheceria que acabava de criar um inimigo com o presente estatuto de herói da guerra e uma inestimável potencialidade de reforço da sua importância na estratigrafia social. Neste contexto, é provável que, da parte de Sertório, a derrota sofrida tenha ocasionado uma animosidade pessoal contra o dirigente oligárquico³⁵⁶. A consciência de que precisava de robustecer o seu mérito com apoios grupais, conduz o arrivista sabino até às fileiras do movimento *mariano*, onde militam outros ambiciosos de cargos públicos diminuídos por origens menos distintas³⁵⁷.

O ano de 88 a.C. assinala a derradeira fractura entre *populares* e *conservadores*, quando Sula dirige as suas legiões sobre a capital, forçando Gaio Mário a evadir-se da Itália. Quando, por fim, o chefe dos *optimates* parte para oriente para enfrentar as hordas de Mitridates do Ponto, o exercício do poder no centro do império passa para as

³⁵¹ GARCÍA MORÁ, *op. cit.*, página 141.

³⁵² Plut., *Vit., Sert.*, 4, 3.

³⁵³ Legalmente, apenas acessível a um cidadão com pelo menos trinta e nove anos de idade.

³⁵⁴ GARCÍA MORÁ, *op. cit.*, página 141.

³⁵⁵ Suet., *Iul.*, 1, 3.

³⁵⁶ Plut., *Vit., Sert.*, 4, 3.

³⁵⁷ Plut., *Vit., Sert.*, 4, 4.

mãos dos cônsules do ano de 87 a.C., Gneu Octaviano, membro da facção *conservadora*, e Lúcio Cornélio Cina, defensor de um programa populista.

A oposição política entre os principais magistrados da República escala em breve para um conflito armado. Reunindo-se à actual liderança do movimento *democrático*, Sertório participa numa batalha que é travada no *forum* de Roma contra o cônsul inimigo. A derrota que sofre força-o a evadir-se da capital, mas a cativação do apoio das massas itálicas permite a reconstrução das forças que comanda conjuntamente com Cina, para uma investida agora decisiva contra Octaviano.

Após a tomada do poder em Roma, Cina decide reunir todos os recursos que possam contribuir para impulsionar o novo regime, convocando Mário do exílio, apesar das advertências e oposição de Sertório, temeroso dos instintos vingativos deste último. O exercício da liderança *popular* fica dividido entre estas três personagens opondo-se, a moderação do sabino, ao revanchismo desabrido de Gaio Mário que, secundado pelo espírito revolucionário de Cina, exerce a mais crua e resoluta violência sobre os *conservadores*³⁵⁸. A morte de Gaio Mário em 86 a.C., permite um período de maior estabilidade da vida política em Roma que dura até ao assassínio de Cina em 84 a.C.. Uma clique de novos chefes da facção *democrática*³⁵⁹ ascende, em consequência, compartilhando entre si o exibir de mediocridade no domínio marcial aquando o regresso de Sula do Oriente com as suas legiões veteranas.

A antecipação de que o confronto entre as duas facções rivais em solo itálico poderá resultar numa carnificina inaudita, prontifica Sertório a fazer jus à sua reputação de honrado servidor do povo e da República romana, propondo e conseguindo aprovar uma resolução senatorial em que se determina os cônsules a garantirem o resguardo dos bens públicos³⁶⁰. Um grande exército³⁶¹ é organizado pelos *populares*, que se dirigem ao encontro de Sula, no seguimento desembarque deste em Brundísio.

Apesar da força humana impressionante da hoste *democrática*, a vontade³⁶² da tropa parece contrária a enfrentar concidadãos numa efusão de sangue, facto de que está ao corrente a chefia *conservadora*. Sula persuade, assim, os cônsules rivais a encetarem negociações, apesar das advertências de Sertório quanto ao perigo de aceder a tréguas perante um tão temível e astuto rival. Contudo, resumido a uma posição de tenência na

³⁵⁸ Oros., 5, 20.

³⁵⁹ Lúcio Cornélio Cipião Asiático e Gaio Norbano (cônsules para o ano de 83 a.C.) ; Gaio Mário e Gneu Papírio Carbão (cônsules para o ano de 82 a.C.).

³⁶⁰ Esxu., 43.

³⁶¹ App. *B Civ.*, 1, 82, 1.

³⁶² App. *B Civ.*, 1, 85, 1.

presente organização de forças, o sabino vê-se incapaz de influenciar as decisões do alto comando. Em consequência, grande parte dos soldados sob a direcção *popular* passam-se para o campo oligárquico antes dos cônsules se consciencializarem da luta sem compromisso que tem de ser empreendida³⁶³.

De forma a garantir adicionais recursos à sua causa após a deserção em massa do exército dirigido pelos magistrados da República, Sertório dirige-se para a Etrúria onde os *marianos* dispõem de forte apoio devido à anterior concessão de cidadania aos naturais. Segundo os estudos de Emílio Gabba, a predominância da onomástica etrusca entre os oficiais conduzidos pelo sabino no conflito posteriormente travado na Península Ibérica permite-nos considerá-lo como em continuidade, com a afirmação itálica contextualizando a Guerra Social contra a elite regente de Roma³⁶⁴. Apesar dos direitos já obtidos, estas populações mobilizam-se com denodo contra a facção dos *optimates*. A enérgica actividade de Sertório combinada com a predisposição dos Etruscos, permite-lhe recrutar um exército de quarenta coortes num curto espaço de tempo e enviá-lo ao encontro das forças reunidas pelos cônsules³⁶⁵.

O exaspero brotado do reconhecimento dos sucessivos erros cometidos pela chefia *popular* a quem cumpre coadjuvar, acaba por levar Sertório a solicitar um comando independente na Península Ibérica³⁶⁶, que é oficializado pelo Senado com a concessão de um mandato proconsular. O conflito que decorre na Itália durante os dois subsequentes anos, é definido pela incapacidade da facção *democrática* em fazer frente ao hábil generalato exibido por Lúcio Sula. Secundado por um conjunto de notáveis comandantes militares³⁶⁷ que inclui o audaz e cativante Gneu Pompeio, o ilustre e experto Quinto Cecílio Metelo Pio, o cúvido e inexorável Marco Licínio Crasso³⁶⁸ e o douto e refinado Lúcio Licínio Lúculo³⁶⁹, o líder *conservador* toma posse de Roma no decurso de 82 a.C..

Sobrepujando um carácter geograficamente marginal no contexto de uma contenda que se desenrola no coração do império romano, o firme estabelecimento do

³⁶³ Exsu., 44-45.

³⁶⁴ GABBA, Emilio – *Republican Rome, the Army and the Allies*, P. J. Cuff (trans.), University of California Press, Berkeley and Los Angeles, 1976, página2 102-103.

³⁶⁵ Exsu., 46-48.

³⁶⁶ Plut., *Vit., Sert.*, 6, 2.

³⁶⁷ Plut., *Vit., Sull.*, 28, 8.

³⁶⁸ PLUTARCH, *The Parallel Lives. The Life of Crassus*, John Morgan (trans.), Loeb Classical Library edition, 1916.

³⁶⁹ PLUTARCH, *The Parallel Lives. The Life of Lucullus*, Bernadotte Perrin (trans.), Loeb Classical Library edition, 1914.

poder *popular* na Hispânia, garantiria o controlo da emissão da riqueza mineral³⁷⁰ contributiva para financiar o esforço de guerra. Na sequência de uma eventual derrota dos aliados de Sertório na Itália, o espaço peninsular disponibilizaria refúgio. Recrutamentos locais de *hispanienses*³⁷¹ e autóctones representam um acréscimo de poder humano para a causa *democrática*, em adição aos meios navais que podem ser dispostos a partir da detenção dos portos da costa levantina e andaluza.

Uma multiplicidade de razões estratégicas reconhecidas como relevantes pela restante direcção *popular*, combina-se com a vontade expressa de Sertório em exercer um comando independente, para ocasionar a sua partida para a Península Ibérica. A acrimónia brotada das críticas públicas que faz à ociosidade e negligência dos cônsules em oposição à energia e valor de Sula, incitam-nos a visar o duplo objectivo de remover de vista um rival e colocar um governador capaz à frente de uma província indócil. As instruções que Sertório recebe por parte dos magistrados da República são a de fazer a sua jornada até à Hispânia por via terrestre, de forma a assegurar o domínio democrático na Gália Transalpina³⁷².

Tendo-se deslocado até à fronteira com a Península Ibérica, o carácter pragmático do tipo de liderança que irá exercer é pela primeira vez exibido quando Sertório, com a marcha pelos Pirenéus dificultada por mau tempo³⁷³, aceita submeter-se às exigências dos hispânicos residentes e comprar uma passagem segura pela cordilheira. Perante os seus indignados partidários que o recriminam por, enquanto procônsul da República aceitar prestar tributo a populações bárbaras, retorque que o dinheiro devia ser sacrificado em favor da rapidez na perseguição de grandes desígnios³⁷⁴. Os acontecimentos subsequentes parecem dar-lhe razão quando, após transposto o maciço pirenaico, toma facilmente posse de todo o espaço sob regência romana, expulsando os antigos proprietores das Províncias Citerior e Ulterior que, favorecendo Sula, se haviam recusado a entregar-lhe o governo³⁷⁵.

³⁷⁰ Ver: BLÁZQUEZ, José María – “Las explotaciones mineras y la romanización de Hispania” in *La Romanización en Occidente*, José María Blázquez y Jaime Alvar (Eds.), Actas Editorial, Madrid, 1996.

³⁷¹ WILSON, Alan John Nisbet – *Emigration from Italy in the Republican Age of Rome*, Manchester University Press, New York, 1966, página 28.

³⁷² Exsu., 49.

³⁷³ Provavelmente no Outono de 83 a.C.. Ver: SCHULTEN, Adolf ; BOSCH GIMPERA, P. – PERICOT, L. – *Fontes Hispaniae Antiquae*, Fascículo IV. Las guerras de 154-72 a. de J.C., Barcelona, 1937, página 161.

³⁷⁴ Plut., *Vit., Sert.*, 6, 3.

³⁷⁵ App. *B Civ.* 1, 108, 1.

A política do novo procônsul para a Hispânia, visa cativar o apoio do nativo através de um trato benevolente e respeitoso, que constitui flagrante contraste com a proverbial altivez romana na lide com povos submetidos. Em particular na Península Ibérica, o jugo de sucessivos governadores provinciais caracterizara-se pela rapacidade e opressão, de forma que o hispânico da fronteira havia-se tornado profundamente hostil ao império, apenas contido no desígnio de insurgência pela ameaça do poder armado da civilização intrusiva. Compreendendo o potencial que constitui a aliança com uma população indígena forte em homens de guerra, Sertório combina uma hábil diplomacia de proximidade pessoal e deferência para com os chefes tribais, com uma governança promotora de empatia com as massas por meio de uma remissão de taxas tributárias³⁷⁶.

A sua mais apreciada medida consiste na do aquartelamento das suas tropas no exterior dos subúrbios das cidades, garantindo a diminuição do perigo predatório que as legiões constituem para o indígena quando sediadas no seu espaço residencial³⁷⁷. Assegurando, por esta via, princípios de relacionamento mais fraterno entre as forças coloniais e a população local, Sertório aumenta os números da unidade que o seguira desde a Itália, com a chamada às armas de contingentes hispânicos, aos quais se passa a atribuir o estatuto de verdadeiros aliados em detrimento de mera tropa auxiliar. De forma a não depender por inteiro da boa vontade de indígenas com uma longa tradição de deslealdade nos pactos firmados com o estrangeiro³⁷⁸, o procônsul equilibra as forças sociais integrando os seus exércitos, com a equipagem dos *hispanienses* em idade de pegar em armas, ou seja, emigrados itálicos sediados na Península Ibérica.

O reforço dos recursos humanos de que dispõe Sertório é complementado com o investimento na engenharia militar, construindo uma variedade de máquinas de guerra, úteis, em particular, num contexto de assédio de fortificações urbanas. O amplo conjunto fisionómico que pode assumir um vindouro conflito com os seus inimigos *conservadores* na Península Ibérica, induz o magistrado *popular* a incrementar o poder dos seus meios navais, organizando uma frota de trirremes, navios de menor envergadura e apetrechamento para o combate do que os típicos vasos romanos do período, mas de superior velocidade e capacidade de manobra.

³⁷⁶ ERDKAMP, Paul – “War and Sate Formation in The Roman Republic”, in *A Companion to the Roman Army*, Paul Erdkamp (Ed.), Blackwell Publishing, Oxford, 2007, página 106.

³⁷⁷ ERDKAMP, Paul - “The corn supply of the roman armies during the third and second centuries B.C.”, in *Historia, Band XLIV/2*, Stuggard, 1995, página 174.

³⁷⁸ A confiança depositada no contingente de auxiliares hispânicos havia resultado na derrota dos exércitos de Gneu Cornélio Cipião e Públio Cornélio Cipião em 211 a.C.. Em 206 a.C., os romanos têm de sufocar revoltas nativas dirigidas por Indibilis e Mandônio, seus antigos partidários.

Quando o regime de Sula se sedimenta sobre as ruínas da destruição e sangue espargido no decurso de uma década de confrontos fraticidas na Itália³⁷⁹, o proconsulado exercido por Sertório na Península Ibérica representa a principal oposição ao ditador. Os tempos negros das proscricções sulanas abatem-se sobre os opositores declarados ou suspeitos de resistirem ao mando do novo senhor de Roma. Na Hispânia, as medidas profiláticas tomadas por Sertório, granjeiam-lhe esperança de poder resistir ao exército que Sula contra ele envia sob o comando de Gaio Ânio Lusco³⁸⁰, experiente general que servira na Guerra Jugurtina sob as ordens de Quinto Cecílio Metelo Numídico³⁸¹. A ligação ao patriarca da *gens* dos *Caecilli Metelli* desse tempo sugere um activismo dedicado pela facção dos *optimates*, premissa concordante com a importância do comando que lhe atribui Lúcio Cornélio Sula, com a missão de eliminar o mais perigoso dos inimigos do seu regime³⁸².

Apesar de desconhecermos com exactidão o poder humano de que dispõe Gaio Ânio, uma confluência de dados indirectos pode auxiliar-nos numa estimativa. Refere Plutarco³⁸³ que a frota que mais tarde seria empregue contra Sertório ao largo de Ibiza, era tripulada por cinco mil homens de armas, compreendendo apenas um destacamento das forças que permanecem em terra, solidificando a conquista *conservadora* da Província Citerior e estendendo o seu controlo até à Andaluzia ocidental. A estabilização da ordem na Península Ibérica no decurso do ano de 80 a.C., com o regular exercício de funções dos proprettores, provavelmente comandando as duas legiões correspondentes à magistratura, implica um efectivo legionário na Hispânia de pelo menos 20.000 homens. Os extensos meios que são confiados a Gneu Pompeio para a tarefa de destruir as forças *populares* que se refugiaram na Sicília e no Norte de África, constituem adicional contributo para reconhecer na política desenvolvida por Sula, a atribuição de um carácter prioritário ao aniquilamento das remniscências da facção rival nas franjas do império.

Consciente da sua incapacidade para enfrentar o general oligárquico em campo aberto, a estratégia congeminada por Sertório consiste no bloqueio da passagem pelos Pirinéus, onde os superiores números do seu inimigo podem melhor ser anulados. Para

³⁷⁹ Oros., 5, 22.

³⁸⁰ A *gens Annia* era de origem plebeia e de considerável antiguidade. Um dos cognomens desta *gens* durante a República era *Luscus*: Ver A.A.V.V. - *A Dictionary of Greek and Roman biography and mythology*, William Smith (Ed.), University of Michigan Library, 2005, página 180.

³⁸¹ Sall., *Iug.*, 77, 4.

³⁸² Oros., 5, 21, 2.

³⁸³ Plut., *Vit., Sert.*, 7, 3.

esse efeito, destaca uma guarda-avançada de seis mil homens sob o comando do seu legado Lúcio Lívio Salinator³⁸⁴, que se fortifica na grande barreira montanhosa enquanto Sertório superintende a administração do domínio provincial a partir de uma posição mais centralizada, provavelmente Tarragona, capital da Hispânia Citerior³⁸⁵.

Separados entre si somente por uma colina, os principais eixos de transposição dos Pirinéus pela vertente oriental, consistem o Col du Perthus³⁸⁶, local de passagem do exército de Aníbal em 218 a.C., e o Col de Panissars³⁸⁷, onde Pompeio irá erigir em 71 a.C., o seu troféu, celebrando a vitória sobre a insurgência *popular* na Hispânia. A bibliografia crítica tem favorecido a primeira das elevações como o local de barricada das forças de Salinator³⁸⁸.

Tendo chegado ao sopé dos Pirinéus, Ânio vê-se incapaz de escrutinar uma forma de assaltar a posição judiciosamente escolhida pelo tenente de Sertório, motivo pelo qual as legiões *conservadoras* se imobilizam. A situação poderia ter-se arrastado indefinidamente, se o assassinio de Salinator³⁸⁹ não provocasse a quebra do ânimo das forças *marianas*, que abandonam as elevações pirinaicas, permitindo a passagem do exército oligárquico. O comandante sulano pode agora usar livremente a superioridade numérica das suas legiões para assumir completo controlo sobre o espaço, destroçando toda a oposição que lhe é disposta.

Com o seu plano fracassado, Sertório retira-se para sul, resguardando-se com uma magra tropa de 3.000 homens em Cartagena, onde aporta a sua frota de trirremes³⁹⁰. O procônsul *popular* abandona a Hispânia por via marítima, dirigindo-se para o território dos *Maurusii*³⁹¹, povo berbere residindo na antiga Mauritânia, espaço geográfico compreendendo, sensivelmente, as áreas costeiras do moderno estado de Marrocos e o ocidente algeriano, a norte da cordilheira dos Atlas.

A fuga empreendida por Sertório em breve se transforma numa verdadeira odisseia. A primeira de uma longa série de peripécias ocorre quando a frota ancorada na costa africana e a tripulação se dispersa por terra com o desígnio de encontrar uma fonte

³⁸⁴ KONRAD, C. F., “Quintus Sertorius and the Legacy of Sulla”, in *The Classical Journal*, Vol. 86, No. 1 (Oct. – Nov., 1990, pp. 83-85), University of Colorado, 1990, página 84.

³⁸⁵ MACIAS, Josep M. ; RODÁ, Isabel – “Tarraco, the first capital”, in *Catalan Historical Review*, 8, Institut d’Estudis Catalans, Barcelona, 2015, páginas 9-28.

³⁸⁶ Localizado a 290 metros de altitude.

³⁸⁷ Localizado a 325 metros de altitude.

³⁸⁸ SPANN, *op. cit.*, página 47 ; SCHULTEN, Adolf ; BOSCH GIMPERA, P. ; PERICOT, L., *op. cit.*, página 163.

³⁸⁹ Plut., *Vit., Sert.*, 7, 2.

³⁹⁰ Plut., *Vit., Sert.*, 7, 2.

³⁹¹ Strabo, 17, 3, 2.

para o reabastecimento hídrico³⁹². Apanhados de surpresa pelos indígenas, os soldados *marianos* sofrem pesadas perdas antes de se refugiarem nas suas embarcações, navegando de regresso à Península Ibérica. O apoio da população andaluza revertera-se já em favor da vitoriosa facção *conservadora*, de forma que os desterrados são também repelidos da costa hispânica³⁹³.

O objectivo imediato de Sertório passa por garantir um poiso terrestre seguro para os seus homens. Tendo estabelecido uma aliança com alguns piratas cilícios³⁹⁴ que se encontram sediados no arquipélago balear, o chefe democrático rumo em direcção à ilha de Ibiza e subjugando a guarda que Gaio Ânio aí estabelecera, efectua com sucesso o desembarque. As necessidades de abastecimento da sua tropa encontram-se agora asseguradas, mas a acção de Sertório revela a sua localização ao comandante *conservador* que, passado pouco tempo, faz a sua aparição com uma frota composta por numerosos navios de guerra e cinco mil homens de armas³⁹⁵, poder que supera com grande latitude os recursos do seu adversário³⁹⁶.

As fontes não precisam a origem dos meios navais de que presentemente dispõe o enviado de Sula. O bloqueio estratégico a que o sujeitara Salinator aquando a passagem dos Pirinéus, indicia que Ânio não possuía, nessa ocasião, navios que lhe permitiriam franquear, através de uma operação anfíbia, a grande barreira montanhosa, prosseguindo a sua marcha ao longo da rota litoral da Província Citerior. A hipótese da sua frota ser composta a partir da captura de algumas das trirremes anteriormente construídas por Sertório³⁹⁷ e fundeadas noutros portos para além do de Cartagena onde se refugiara o procônsul *popular* antes de abandonar a Hispânia é contraditada pela

³⁹² Laurent Callegarin considera a possibilidade deste primeiro desembarque de Sertório no Norte de África poder inserir-se num propósito estratégico de maior envergadura do que uma simples colecta de provisões. Ver: CALLEGARIN, Laurent – “Considérations sur le périple sertorie dans la zone du détroit de Gibraltar (81-78 av. J.-C.)”, in *Sertorius, Libanios, Iconographie, pallas*, 60, Presses Universitaires du Mirail, 2002, pp. 11-43, página 15 ; PEREIRA DE SOUZA, Marcos Alvito – *A Guerra na Grécia Antiga*, Editora Ática S.A., São Paulo, 1988, página 60).

³⁹³ Plut., *Vit., Sert.*, 7, 3.

³⁹⁴ ORMEROD, Henry - *Piracy in the Ancient World. An Essay in Mediterranean History*, John Hopkins University Press, 1996, páginas 17, 22, 190.

³⁹⁵ A típica quinquirreme romana do período da Primeira Guerra Púnica dispunha de um contingente de tropas pesadas compreendendo 120 homens (Polyb., 1, 26, 7). Apesar das fontes não mencionarem o tipo de vasos de guerra de que dispõe Gaio Ânio, a quinquirreme permaneceu em actividade até ao século I d.C.. Em 81 a.C. poderia ainda constituir o típico navio de linha romano. Podemos situar, assim, a frota *conservadora* em perto de 40 navios de guerra.

³⁹⁶ Plut., *Vit., Sert.*, 7, 3.

³⁹⁷ Plut., *Vit., Sert.*, 6, 5.

anuência de Plutarco à maior ligeireza das embarcações deste último, ao largo de Ibiza, frente aos vasos de guerra do seu rival³⁹⁸.

O cenário mais crível consiste, portanto, o do envio a partir da Itália de uma frota de quinquiremes para a Península Ibérica, visando encalçar Sertório que, perdido o confronto em terra, utilizara os seus meios navais para se evadir das legiões *conservadoras*. Este contexto ajuda também a explicar a guarnição destacada por Ânio para a ilha de Ibiza, de forma a dificultar o acesso do fugitivo a um dos principais portos baleares, restringindo, progressivamente, as suas opções de desembarque. Com a tripulação bem provisionada³⁹⁹ e ciente da dificuldade em garantir a continuidade de semelhante condição de combate por motivo da techedura, por parte do inimigo, de uma rede de controlo marítimo, Sertório toma a ousada decisão de assumir a luta com as suas ligeiras trirremes e embarcações cilícias⁴⁰⁰.

Contudo, após a frota do sabino ter zarpado, um forte vento de oeste⁴⁰¹ encapela o mar, projectando a maior parte das alígeras embarcações contra a costa rochosa da ilha que haviam abandonado. Impossibilitado de travar uma batalha naval com esperança de vitória por virtude das condições meteorológicas desfavoráveis aos seus navios⁴⁰² e renunciando a enfrentar os superiores números do inimigo em solo firme, o procônsul *popular* opta pela fuga pelo mar alto, empreendida contra as ferozes vagas que a tormenta ocasiona durante os dez dias que perdura.

Após o vento ter amainado, os restos da frota de Sertório aportam, conforme narra Plutarco, numa ilha dispersa sem água potável⁴⁰³. Uma noite de descanso em terra, permite-lhes restabelecer as suas forças antes de rumarem para ocidente de forma a evadirem-se de qualquer tentativa de perseguição por parte de Ânio. Atravessando o Estreito de Gibraltar, os foragidos prosseguem com a costa da Hispânia a estibordo até desembarcarem um pouco a norte da foz do Guadalquivir⁴⁰⁴.

Repelido para a extremidade do mundo provincial romano na Hispânia, Sertório parece numa posição desesperada. Dos cerca de 3.000 homens com que havia zarpado de Cartagena, devem restar apenas uma fracção por motivo das perdas sofridas durante

³⁹⁸ Plut., *Vit., Sert.*, 7, 3.

³⁹⁹ Strabo, 3, 5.

⁴⁰⁰ Provavelmente a típica *hemíolia* usada pela pirataria cilícia.

Ver: Plut., *Vit., Sert.*, 7, 3.

⁴⁰¹ Provavelmente o *mistral*.

⁴⁰² PEREIRA DE SOUZA, *op. cit.*, página 60.

⁴⁰³ Plut., *Vit., Sert.*, 8, 1 ; SCHULTEN, Adolf ; BOSCH GIMPERA, P. ; PERICOT, L., *op. cit.*, página 164.

⁴⁰⁴ Plut., *Vit., Sert.*, 8, 1.

a odisseia marítima. Os piratas cilícios que entretanto se lhe haviam juntado são atraídos pelo saque, não por uma militância pela causa *democrática*. A população hispano-romana do ocidente andaluz parece já posicionada em favor das armas *conservadoras*, de forma que o foragido não pode esperar um incremento dos seus magros recursos com recrutamentos locais.

Segundo Salústio, a falta de perspectivas de sucesso do chefe *mariano* na prossecução da luta contra um rival dispendo de um poder agora incomparavelmente superior, leva-o a contemplar o exílio para um destino longínquo: “*It is said that he contemplated escaping into the distante Ocean, where there are known to be two islands (the “Blessed Isles”), close by each other and about 10,000 stades away from Gades, which of their own accord provide food to nourish men.*”⁴⁰⁵

No mesmo sentido, refere Plutarco que Sertório travou contacto com alguns marinheiros que tinham recentemente regressado das “Ilhas do Atlântico”⁴⁰⁶. A ocasião deste episódio no conto do autor das *Vidas Paralelas*, combinada com a descrição geográfica que nos é oferecida, tem suscitado uma pluralidade de interpretações historiográficas. As tomadas de posição variam entre identificarmos este espaço insular com as ilhas da Madeira e Porto Santo⁴⁰⁷, algumas das pertencentes ao arquipélago das Canária⁴⁰⁸, ou uma simples fantasia escapista das misérias e guerras do mundo conhecido, por um refúgio utópico de tranquilidade, clima temperado e harmonia com a fauna e flora.

A referência a lugares exóticos, contendo fenómenos extraordinários da natureza, são uma trivialidade na autoria antiga. Na sua *Biblioteca Histórica*, Diodoro Sículo descreve a viagem de Jâmbulo⁴⁰⁹ até uma ilha situada para além do Mar Vermelho, onde residia um povo organizado sem estratificação política, social ou laboral, compartilhando o mesmo modo de vida. As ideias utópicas intercruzam-se, nesta ocasião, com a descrição geográfica, oferecendo-nos uma variedade de ingredientes sedutores para o pensamento humano, como a igualdade, paz, simplicidade e regresso às origens. As anuências de Salústio⁴¹⁰ e Plutarco às Ilhas Afortunadas⁴¹¹ do

⁴⁰⁵ Sall., *Hist.*, 1, 90.

⁴⁰⁶ Plut., *Vit., Sert.*, 8, 2.

⁴⁰⁷ Defendida como a mais provável por Paul Keyser: KEYSER, P. T. – “From Myth to Map: The Blessed Isles in the First Century B.C.,” in *Ancient World* 24, 1993, pp. 149-168.

⁴⁰⁸ DELGADO DELGADO, José – “De Posidonio a Floro”: Las *Insulae Fortunatae* de Sertorio”, in *Revista de Historia Canaria* 177, pp 61-74; SPANN, Philip O. - “Sallust, Plutarch, and the “Isles of the Blest”, in *Terrae Incognitae*, Volume 9, Issue 1, 1977, pp. 75-80.

⁴⁰⁹ Diod. Sic., 2, 55-60.

⁴¹⁰ Sall., *Hist.*, 1, 102.

Atlântico poderão, por conseguinte, não mais constituir do que um episódio inventado, um esteriótipo literário radicado no desejo de fuga dos males da civilização por um chefe derrotado. Articula-se este episódio com a ideia de herói trágico que se associa a Sertório, um homem justo desejando afastar-se de um mundo cruel, um excelso guerreiro a quem é negada a paz, um romano combatendo contra uma pátria sob o domínio da tirania, um luzente comandante batido pelo infortúnio, um militante por causas vítima da traição de quem o invejou.

A descrição do clima sub-tropical concorda com a realidade geográfica da Madeira, mas consiste num tema comum aos locais paradisíacos idealizados pelo Homem. A menção de Plutarco que as duas ilhas se encontravam separadas entre si por um pequeno canal⁴¹², consiste numa imprecisão relativamente aos cerca de 50 quilómetros que distam entre a Madeira e Porto Santo. Por seu turno, Salústio limita-se a referir a proximidade das ilhas sem precisar a lonjura⁴¹³.

O risco que significa a navegação para Ocidente por mar alto, ao longo dos 685 quilómetros que separam a Madeira do ponto mais próximo da costa africana (actual cidade de Essaouira), não é impeditiva para uma pilotagem conhecedora da rota a seguir, mas confere cepticismo quanto à hipótese de corresponder ao destino considerado que a autoria antiga atribui a Sertório.

A possibilidade das Ilhas Afortunadas se associarem com o arquipélago das Canárias, fundamenta-se, por um lado, na articulação do texto de Plutarco com o *Périplo de Hanão*⁴¹⁴, narrativa das viagens de exploração do navegador cartaginês do século V a.C.. Segundo a tradição, sobreviveu através de uma transcrição feita por visitantes gregos ao templo de Melqart em Cartago, onde se encontrava gravada, antes do santuário ter sido destruído, conjuntamente com a cidade, no decurso da Terceira Guerra Púnica. Permanecem, ainda nos nossos dias, os historiadores divididos no reconhecimento da credibilidade histórica de uma viagem marítima que, caso tenha efectivamente ocorrido, poderá ter ultrapassado o litoral marroquino, indo mesmo até ao

⁴¹¹ DELGADO DELGADO, José – “De Posidonio a Floro”: Las *Insulae Fortunatae* de Sertorio”, in *Revista de Historia Canaria* 177, pp 61-74.

⁴¹² Plut., *Vit., Sert.*, 8, 2.

⁴¹³ “It is said that he contemplated escaping into the distant Ocean, where there are known to be two islands {the “Blessed Isles”}, close by each other and about 10,000 stades away from Gades, which of their own accord provide food to nourish men.” (Sall., *Hist.*, 1, 90).

⁴¹⁴ Arr. *Anab.*, VIII, 43, 11-12. ; Plin., *HN*, 2, 169a.; Hdt., 4, 196 ;
ROLLER, Duane W. – *Through the Pillars of Herakles: Greco-Roman Exploration of the Atlantic*, Routledge, New York, 2006 ; LIPINSKI, Edward – *Itineraria Phoenicia*, Peeters Publishers, Leuven, 2003.

arquipélago de São Tomé e Príncipe. A passagem pelas Canárias constituiria, assim, uma etapa natural no trânsito de marinheiros ousados que, pelos séculos seguintes, pudessem seguir a rota de Hanão.

Na *Geografia* de Estrabão, as Ilhas Afortunadas são localizadas a oeste do território da Maurúsia⁴¹⁵. Acrescenta noutro passo o autor que viagens haviam sido realizadas para sul ao longo das costas banhadas pelos Oceanos Atlântico e Índico, com o objectivo de realizarem uma travessia até ao lado oposto. Apesar de nunca concretizadas devido à solitude que constrangera os navegadores que as empreenderam a regressarem, as informações que transmitiram conferem, segundo o geógrafo helenístico, praticabilidade a uma circum-navegação pelo eixo meridional do continente africano⁴¹⁶. Com efeito, as distâncias paralelas atingidas no decurso das viagens eram inferiores às que separavam a Mauritânia da Etiópia⁴¹⁷, extremidades do mundo conhecido⁴¹⁸. Mediante este conjunto de elementos transmitidos por Estrabão, fica sugerida a ideia de que os exploradores antigos ultrapassaram de facto o rio Senegal, marco geográfico que assinala o início da inflexão da costa africana, permitindo uma navegação para oriente até ao Golfo da Guiné, tal como propõem as interpretações mais afoitas do *Périplo de Hanão*.

Na *História Natural* de Plínio, *o Velho*, a descrição das “Ilhas Afortunadas” é praticamente conclusiva quanto à sua concordância com as Canárias, termo que o próprio autor utiliza no singular para designar uma das ilhas integrando o arquipélago⁴¹⁹. O topónimo pode justamente advir destes residentes caninos. Apesar de nas narrativas de Salústio e Plutarco serem mencionadas apenas duas ilhas, as anuências de Estrabão e Plínio atribuem ao arquipélago das Canárias a condição de mais verosímil hipótese de identificação do refúgio considerado pelo chefe *popular*.

Segundo o autor das *Vidas Paralelas*, um desterro nos meandros edíficos do Atlântico não era, contudo, um destino que cativasse os corsários cilícios que integram a indigente tropa que resta a Sertório⁴²⁰. Com o domínio *conservador* a consolidar-se na Península Ibérica, os alvos mais convidativos para o saque das riquezas de que cobiçam os companheiros de circunstância do caudilho, consistem nas cidades do noroeste africano, presentemente desprovidas de unidade por motivo da indefinição quanto ao

⁴¹⁵ Strabo, 1, 1, 5.

⁴¹⁶ Strabo, 1, 1, 8.

⁴¹⁷ Strabo, 1, 1, 5.

⁴¹⁸ Strabo, 1, 1, 8.

⁴¹⁹ Plin., *HN*, 6, 202 ; 6, 205.

⁴²⁰ Plut., *Vit.*, *Sert.*, 9, 1.

exercício do poder régio, capaz de se contrapor ao costume de autonomia tribal no território da antiga Mauritânia⁴²¹. A necessidade de conservar consigo esta tropa mercenária, induz Sertório a aliciá-la ou simplesmente anuir à manifestação do seu desejo de tomar proveito da instabilidade política na faixa litoral do mundo berbere. Impossibilitado de permanecer na Península Ibérica por muito mais tempo, a passagem para a África parece, efectivamente, consistir no único destino viável para o vencido⁴²²

Situada no exterior da periferia do domínio imperial romano, a Mauritânia podia transformar-se num adequado local de exílio para a tropa sertoriana se nela fosse possível firmar pé e converter o domínio adquirido num reduto defensável⁴²³. A distância geográfica relativamente ao centro do poder sulano em Roma consistiria no melhor recurso para os desterrados, providenciando algum tempo antes do governo *conservador* poder reunir os recursos necessários para uma expedição destinada a extinguir o último foco organizado de resistência *mariana*.

Os dados de que dispomos são insuficientes para compreendermos o contexto político da antiga Mauritânia quando esta região se transforma no destino de Sertório⁴²⁴. Com efeito, a narrativa dedicada por Salústio à guerra Jugurtina, elucida-nos sobre os acontecimentos no norte de África somente até ao ano de 106 a.C.. No ocaso do conflito, os préstimos de Boco I a Gaio Mário e Lúcio Sula, decisivos para a derrota e captura de Jugurta, haviam sido recompensados com a extensão da soberania dos Maurusios para oriente, incorporando parte da Numídia.

Orósio menciona que Gneu Pompeio, na conclusão da sua campanha vitoriosa no Norte de África (81 a.C.) contra o líder *popular* Domício Aenobarbo e o seu aliado Hiarbas, soberano da Numídia, forçou Bogudes, filho do rei Boco, a privar Hiarbas de todas as suas tropas⁴²⁵. Uma nebulosa no que concerne a menções históricas, estende-se até ao apoio recebido por Júlio César, no ano de 49 a.C., por parte dos dois governantes da Mauritânia, os irmãos Bogudes e Boco II, que haviam dividido entre si o antigo

⁴²¹ NICOLLE, David ; McBRIDE, Angus – *Rome's Enemies 5. The Desert Frontier*, Osprey Publishing Ltd, 1998, página 6.

⁴²² ANTELA-BERNÁRDEZ, Borja – “The Coinage of C. Annius Luscus”, in *The City and the Coin in the Ancient and Early Medieval Worlds*, López Sánchez, Fernando (Ed.), BAR Internation Series 2402, Oxford, 2012, página 38 ; GARCÍA MORÁ, *op. cit.*, página 222.

⁴²³ MATYSZAK, *op. cit.*, página 60.

⁴²⁴ SPANN, *op. cit.*, página 51.

⁴²⁵ “idemque Pompeius Hiertam Numidiae regem persecutus, fugientemque a Bogude Bocchi Maurorum regis filio spoliari omnibus copiis fecit: quem continuo Bullam reuersum tradito sibi oppido interfecit.” (Oros., 5, 21, 14).

reino. Contudo, trinta anos antes deste entendimento, o exercício do poder régio parece encontrar-se bem mais indefinido, sendo disputado por outros pretendentes dinásticos.

Narra-nos Plutarco que um certo Ascális, filho de Ipta, acalentava pretensões de recuperar o seu lugar como rei dos Maurusios⁴²⁶ e que Sertório, quando desembarca em África, decide coligar-se com os inimigos deste. Apesar de dominar o mais importante centro urbano mauritano que consiste a cidade de *Tingis*⁴²⁷, a posição de Ascális parece longe de consolidada. Com efeito, o procônsul *democrático*, doravante tornado num verdadeiro *condottiere*, é recebido com grande entusiasmo por parte da população nativa, que não oferece oposição ao avanço imediato do forasteiro sobre o pretense soberano. O débil contingente de tropas que Sertório comanda é, assim, meio suficiente para forçar Ascális a retirar diante de si e refugiar-se, com os seus irmãos⁴²⁸, no bastião de *Tingis*, colocado sob assédio⁴²⁹.

Situada na extremidade do mundo mediterrâneo, fora da órbita do império romano até ao ano de 33 a.C. quando se torna seu reino cliente, o semblante antropológico da antiga Mauritânia molda-se em função de uma pronunciada dicotomia entre o espaço campestre estruturado pelo tribalismo e os pólos de urbanidade na faixa litoral. A resistência, por parte das populações destacadas das cidades⁴³⁰, a converterem-se a um modo de vida sedentário, reflecte a dificuldade de propalar um poder unificador a um domínio territorial de maior extensão. Neste contexto se compreende o motivo do reino da Mauritânia não ter evoluído para uma unidade proto-estatal antes da sua integração no império romano: a monarquia conviveu com fórmulas enraizadas de organização tribal. Num momento de disputa dinástica pelo exercício de um governo com potencialidade centralizadora, estas divisões etnográficas primordiais acentuam-se, assumindo o fundamental da regência das sociedades berberes.

A autoridade de um soberano de direito contestado como Ascális circunscreve-se, portanto, ao enclave de *Tingis* onde se encerrou⁴³¹. Nenhuma acção armada pode desenvolver-se, espontaneamente, a partir dos locais onde já não chega o seu mando, para o socorrer do cerco a que o sujeita Sertório. Contudo, as suas opções diplomáticas representam a possibilidade de abrir uma outra frente de guerra, trazendo para a luta os

⁴²⁶ Que, segundo se depreende da narrativa de Plutarco, exercera durante um curto espaço de tempo após o falecimento de Boco I, anterior soberano. Ver: CALLEGARIN, *op. cit.*, 16.

⁴²⁷ Actual Tânger.

⁴²⁸ Presumivelmente, os mais leais partidários da dinastia.

⁴²⁹ Plut., *Vit., Sert.*, 9, 2.

⁴³⁰ Strabo, 17, 3, 7.

⁴³¹ GARCÍA MORÁ, *op. cit.*, páginas 222-223.

vencedores do aventureiro que procura encontrar um ponto de ancoragem para a sobrevivência do braço armado da causa *popular*, resumido ao molestado bando que o segue.

O empreendimento de Sertório no norte de África coloca-o, de momento, fora do raio de acção das legiões de Ânio Lusco. O rastro histórico desta personagem desaparece das fontes escritas após a sua vitória sobre o comandante *mariano*, mas parece razoável considerar que dedicou o fundamental das suas diligências a solidificar a autoridade *conservadora* na Hispânia romana. Com efeito, no ano seguinte, 80 a.C., o regular exercício das magistraturas provinciais encontra-se já restabelecido com a presença de dois propretors enviados da Itália. A numismática oferece-nos uma indicação do prestígio que recaiu sobre o general sulano, com a recuperação de um *denarius* de prata cunhado em sua honra, aludindo à vitória sobre Sertório⁴³².

Com Ânio Lusco ocupado com a administração da Hispânia, a tarefa de responder aos apelos por auxílio de Ascális e liquidar os foragidos *democráticos* é atribuída, segundo Plutarco⁴³³, a um certo Paciano, identificado por J.S. Hernández Fernández⁴³⁴ como Vibío Pacieco, um *Hispaniensis* detentor de considerável propriedade fundiária na Bética, com capacidade financeira para recrutar um exército privado. A mescla depauperada de fadigados partidários itálicos e corsários cilícios que acompanham Sertório, concede a uma força militar provavelmente pouco numerosa, o potencial humano para que o seu comandante se lance em perseguição do desterrado no norte de África. Desejo de notabilidade social com o reconhecimento por parte do governo sulano dos seus préstimos, constitui o motivo mais evidente para que o *privatus* Paciano assumia a empresa.

O texto de Plutarco não pormenoriza a evolução das operações militares. Narra apenas que Sertório enfrenta o enviado de Sula⁴³⁵ após o seu desembarque em solo africano, e na sequência da morte de Paciano na batalha que se trava, o seu exército passa-se para o lado do chefe *mariano*, robustecendo os seus números para a conclusão do assédio de *Tingis*⁴³⁶. Uma vez consumada a tomada de poder sobre a capital mauritana, Sertório estende o seu domínio ao longo da costa mauritana, atingindo a

⁴³² Antela-Bernárdez, *op. cit.*, página 38.

⁴³³ Plut., *Vit., Sert.*, 9, 3.

⁴³⁴ HERNÁNDEZ FERNÁNDEZ, J. S. – *Los Vivii Pac(c)ciaeci de la Bética: una familia de hispanienses mal conocida en Faventia* 20/2, 1998, páginas 163-176.

⁴³⁵ Plutarco refere que Pacieco é enviado por Sula (Plut., *Vit., Sert.*, 9, 3), mas é possível que a entrega da tarefa de destruir Sertório tenha provindo do Gaio Ânio Lusco.

⁴³⁶ O autor helenístico não faz referência ao destino de Ascális.

cidade de *Lixus*⁴³⁷, hoje Larache, situada a cerca de setenta e cinco quilómetros a sudoeste. Segundo Plutarco⁴³⁸, Plínio⁴³⁹ e Estrabão⁴⁴⁰, o refugiado *mariano* visita o túmulo do gigante Anteu⁴⁴¹ e procede a sacrifícios em sua honra. De acordo com a mitologia, após a morte de Anteu a sua esposa uniu-se com Hércules de quem teve um filho, Sófax, que mais tarde se tornou soberano de toda a Mauritânia.

De forma a incorporar princípios teocráticos na sua fórmula de chefia, Sertório tira partido das crenças religiosas e dos ritos locais destas populações organizadas segundo um sistema tribal, com uma mentalidade naturalmente propensa à superstição. A dávida sacrificial e o culto prestado aos antepassados da realeza mauritana, destinam-se a estabelecer uma conexão contributiva para o reconhecimento do carácter sagrado e linhagístico à sua própria soberania⁴⁴². Em concordância com o que fizera na Hispânia, Sertório implementa um regime *popular* assente na brandura, restituindo os bens, o governo das cidades e a liberdade aos locais⁴⁴³.

Através destes procedimentos cativantes garante por fim, o chefe *mariano*, um local de sólido refúgio. Coloca-se, contudo, a questão de qual o caminho a percorrer a partir daqui. O apoio dos autóctones é insuficiente para considerar uma iniciativa na Hispânia, onde o regime *conservador* firma o seu mando. Uma expedição à Numídia, território leal a Sula após a campanha vitoriosa de Pompeio no ano 81 a.C.⁴⁴⁴, afigura-se como uma possibilidade, mas colocaria em perigo a posição acabada de conquistar na Mauritânia, sobretudo na eventualidade de uma firme directiva do ditador aos seus governadores provinciais, para que tomem posse do território. A frota oligárquica vigiando o Estreito de Gibraltar na estação de campanha de 80 a.C., confirma os meios navais disponíveis para uma operação anfíbia, ainda que nenhuma fonte mencione intencionalidade por parte do propretor da Província Ulterior, Lúcio Fufídio, de dirigir um exército legionário para o norte de África.

Neste enquadramento, a chegada de emissários lusitanos com a proposta de colocar as tribos que representam sob a ordenança do comandante *democrático* numa

⁴³⁷ ARBULO BAYONA, Joaquín Ruiz de – “Santuarios y comercio marítimo en la península Ibérica durante la época arcaica”, in *Quaderns de prehistòria i arqueologia de Castelló*, N° 18, 1997, página 519.

⁴³⁸ Plutarco atribui a localização do túmulo à cidade de *Tingi*, contrariando as informações dadas por Plínio e Estrabão.

⁴³⁹ Plin., *HN*, 5, 1-2

⁴⁴⁰ Strabo, 17, 3, 8.

⁴⁴¹ Plut., *Vit.*, *Sert.*, 9, 3.

⁴⁴² MATYSZAK, *op. cit.*, página 62 ; RIVIÈRE, *op. cit.*, páginas 148, 158 ; MALINOWSKI, Bronislaw – *Magia, Ciência e Religião*, Edições 70, Lisboa, 1984, página 19.

⁴⁴³ Plut., *Vit.*, *Sert.*, 9, 5.

⁴⁴⁴ Plut., *Vit.*, *Pomp.*, 11-13 ; Oros., 5, 21, 4.

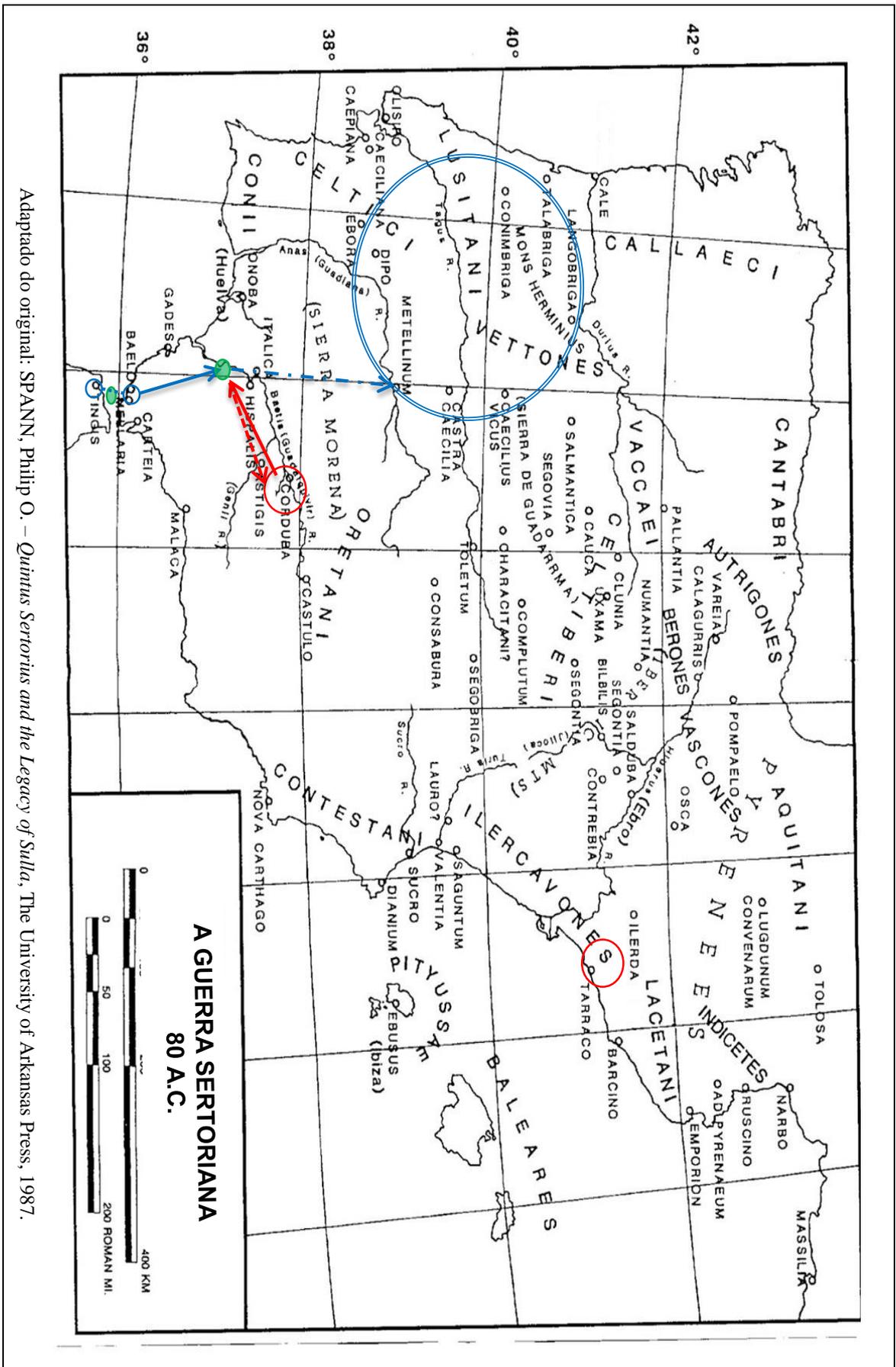
campanha contra o comum adversário, abre a Sertório a perspectiva de multiplicar os seus meios militares com os indómitos guerrilheiros hispânicos do ocidente peninsular, e após a tomada de posse da Península Ibérica, fazer dela uma base para uma campanha na própria Itália.

Os riscos do abandono da Mauritânia para enfrentar as legiões sulanas são necessariamente enormes, mas representam o único rumo viável para derrubar a ditadura que se solidifica em Roma. Para Sertório, conferir novo propósito aos seus seguidores refugiados em *Tingis*, consiste no provento imediato em acordar-se com os indígenas hispânicos. A aliança com as tribos lusitanas representa a possibilidade de sediação na periferia do domínio *conservador* na Hispânia, território onde vastos recursos podem ser obtidos através de uma articulação entre vitórias militares e princípios aplicados de ciência política.

Conforme narra Plutarco, notícias do talento marcial e moderação no trato dispensado ao nativo durante o governo proconsular exercido durante os anos de 82-81 a.C., haviam chegado à Lusitânia⁴⁴⁵. O robustecimento do poder sulano durante e após a tomada de posse do território por acção de Ânio Lusco, atemorizara os habitantes do ocidente peninsular com a iminência de novas expedições que pudessem colocar termo à autonomia de que ainda disfrutam. Consiste este o principal móbil para considerarem o recurso a uma aliança com Sertório, de quem almejam a exibição da intrepidez, justiça, astúcia e habilidade que o afamaram⁴⁴⁶.

⁴⁴⁵ Plut., *Vit., Sert.*, 10, 1-4.

⁴⁴⁶ Plut., *Vit., Sert.*, 10, 1-11, 1.



Adaptado do original: SPANN, Philip O. — *Quintus Sertorius and the Legacy of Sulla*, The University of Arkansas Press, 1987.

4 - A Guerra Sertoriana.

4.1. - 80 a.C.

4.1.1 – Os Lusitanos convidam Sertório para liderar a resistência contra Roma. O início da Guerra Sertoriana.

No momento em que Sertório se lança na sua aventura na Península Ibérica, o poder ditatorial de Lúcio Cornélio Sula havia-se consolidado em todo o domínio romano⁴⁴⁷. A campanha de medo e violência decorrente das proscricções e acção armada dos exércitos governamentais⁴⁴⁸, fora concluída com a submissão das vontades à nova ordem. No prelúdio da Guerra Sertoriana, o regime sulano define-se como uma estrutura monolítica⁴⁴⁹ com uma política de opressão⁴⁵⁰ omnipresente no quotidiano das populações itálicas colocadas sob lei marcial, cerceando a sua liberdade através de uma vigilância em massa e aplicação disseminada do terrorismo de Estado.

No centro do poder em Roma, uma idolatria desenvolvera-se em torno da figura de Sula⁴⁵¹, oferecendo um molde para a prática do culto imperial instituído com o Principado. Poucos são os que ousam desafiar abertamente a emanção da autoridade quando esta se instituíra com implacável eficiência através do temor e genocídio. A distribuição do poder militar compreendendo vinte e três legiões pelo território itálico, assegura que o autocrata mantém os seus habitantes num constante estado de ameaça⁴⁵². Nas províncias, uma desapiadada taxaçaõ imposta por governadores escolhidos sobretudo entre os mais acérrimos partidários de Sula, procura compensar o défice público decorrente da sucessão de vicissitudes preenchendo um tempo negro na história de Roma⁴⁵³.

A prepotência, crueldade, elitismo e gosto pela vida de deboche que distinguem o complexo carácter de Sula, formatam um regime insólito, sedimentado na coerção das legiões sobre a população civil, controlo social por meio de denunciadores e agentes do governo, centralização de poderes, culto de personalidade e atentado aos valores

⁴⁴⁷ App. *B Civ.*, 1, 102, 1.

⁴⁴⁸ App. *B Civ.*, 1, 100, 1.

⁴⁴⁹ App. *B Civ.*, 2, 1, 1.

⁴⁵⁰ App. *B Civ.*, 1, 97, 1.

⁴⁵¹ App. *B Civ.*, 1, 97, 1 ; Plut., *Vit.*, *Sull.*, 34, 1-2.

⁴⁵² App. *B Civ.*, 1, 101, 1.

⁴⁵³ App. *B Civ.*, 1, 102, 1.

tradicionais em espectáculos públicos degradantes sob o patrocínio do próprio ditador. Os prémios colocados pela cabeça dos *marianos* sobreviventes ao dismantelar da sua oposição marcial organizada, forçam-nos ao exílio para o exterior do domínio imperial ou a nele assumir uma existência clandestina. Sequazes do regime podem fazer a sua aparição após uma denúncia os ter colocado no rastro de um foragido solitário e um grémio de proscritos incrementa a hipótese de atraírem a atenção das autoridades. Ainda que focos comunitários de resistência à ditadura sulana sejam mencionados pelas fontes⁴⁵⁴, a associação da população local a uma chefia *democrática* equivale a uma escalada da reacção das forças governamentais.

Apesar do movimento lepidano de 77 a.C. evidenciar a dimensão da subtérrea impopularidade do regime *conservador*, na fase inaugural da Guerra Sertoriana ele exterioriza sobretudo poder. As legiões distribuídas pela Itália ameaçam espezinhar qualquer desobediência ao governo radicado em Roma. A máquina de guerra faz sentir a proximidade da sua presença em cada canto do império, conferindo aos governadores provinciais os meios ostensivos para forçarem uma política de expoliação de recursos.

Sertório não pode, assim, contar com nenhum apoio para além do que lhe prometera o indígena do ocidente peninsular, dependendo sobretudo do seu talento militar e político para desferir os primeiros golpes à administração sulana para que quem vive sob a sua égide possa consciencializar-se de que existe esperança na resistência ao arbítrio do tirano. A circunstância das extraordinárias vitórias alcançadas pelo caudilho na primeira metade da Guerra Sertoriana não terem bastado para transpor a barreira dos Pirinéus, evidencia a dificuldade hercúlea do cumprimento da missão a que se propõe no início do conflito.

Com os recursos da Itália e das várias províncias romanas ao dispor do seu inimigo, a intenção de Sertório de desembarcar na Península Ibérica expõe-no a perigos acrescidos se comparados com os que incorreria se permanecesse no enclave mauritano. Contudo, a renúncia à proposta lusitana de aliança determinava uma completa cedência de iniciativa aos agentes do governo sulano pela estagnação da própria actividade do caudilho. A tentativa de reforçar em significância os seus recursos militares depara-se com os empecilhos inerentes à chamada às armas de um substracto humano berbere de forte tradição nómada, tribal e autonomista, conjugados com o risco para a vigência do tipo de governo popular que fora implementado com a anuência autóctone,

⁴⁵⁴ Strabo, 5, 2, 6.

precisamente porque o estrangeiro renunciara a requerer contributos locais⁴⁵⁵. Apenas factores extrínsecos aos que resultavam da acção de Sertório no Norte de África, poderiam implicar a perda do controlo de Sula sobre a Itália e territórios provinciais, para condicionar a forte probabilidade de organização a prazo de uma empresa mobilizando vastos meios contra os exilados *marianos*.

O carácter temerário do enfrentamento directo das forças *conservadoras* em território peninsular, pode converter-se numa expansão de possibilidades se sucessos inaugurais almejem persuadir os desafectos da doutrina do regime de que uma transcendência da importância das suas vidas singulares acompanha o ingresso na causa de libertação do seu opressor. Entre as fórmulas de atracção de adeptos que terá empregue Sertório, a atribuição de um carácter épico à mesma luta que, no início, parecera desesperada⁴⁵⁶, condiz com o carácter inspirador da sua liderança, articulando-se com os augúrios de triunfo que faz creditar entre os supersticiosos nativos⁴⁵⁷.

A deslocação até à Lusitânia onde Sertório espera encontrar o apoio que lhe é prometido, confronta-o com a dificuldade imediata de transpor o Estreito de Gibraltar, mediante uma operação de transporte e desembarque naval. A segunda intrincada tarefa consiste em percorrer o espaço andaluz já solidamente em mãos *optimates*, defendido pelas legiões romanas do magistrado da Província Ulterior. Contra o exército governamental, o magro corpo de tropas de que o chefe *popular* dispõe consigo na Mauritânia não representa um desafio, motivo porque se presta o indígena a auxiliá-lo, aplicando os métodos tradicionais das expedições de saque à Turdetânia⁴⁵⁸.

O sistema de defesa provincial romano estava fundamentado na coerção, ou seja, na ameaça intimidatória do uso das legiões contra os insurrectos da regência colonial⁴⁵⁹. A prontidão operativa destas forças regulares parece ser relativamente lenta se comparada com o dinamismo das guerrilhas lusitanas, implicando a possibilidade de incursões bandoleiras até ao coração da Província Ulterior e regresso incólume⁴⁶⁰. A eficiência do mando romano antes radicava na aspereza da retaliação contra as

⁴⁵⁵ Plut., *Vit., Sert.*, 9, 5.

NICOLLE, David ; McBRIDE, Angus, *op. cit.*, páginas 3, 6.

⁴⁵⁶ Plut., *Vit., Sert.*, 12, 2-3.

⁴⁵⁷ Sall., *Hist.*, 1, 109.

⁴⁵⁸ CALLEGARIN, *op. cit.*, página 23.

⁴⁵⁹ ERDKAMP, *op. cit.*, página 111.

⁴⁶⁰ CADIOU, François ; MORET, Pierre – “Rome et la Frontière Hispanique à L’*époque Républicaine* (II-I S. AV. J.-C.)”, in *Empires et Etats nationaux en Méditerranée: la frontière entre risque et protection*, Chr. Velud (Ed.), Actes du colloque international (Le Caire, 6-8 juin 2004), Le Caire, Presses de l’IFAO, à paraître, páginas 10-11.

comunidades indígenas prevaricadoras, após uma demora decorrente da mobilização dos meios operacionais requeridos⁴⁶¹. Neste contexto se compreende a praticabilidade do envio de tropas autóctones a Sertório, contando com uma considerável demora na reacção das forças *conservadoras* sediadas, como parece coerente com o enredo dos acontecimentos, na cidade capital de Córdova⁴⁶².

Desconhecemos se o mencionado reforço foi requerido, pelo caudilho, como condição para se lançar na aventura hispânica, ofertado pelos emissários lusitanos que o contactaram no Norte de África ou o produto de um acerto subsequente ao pacto firmado. Em todo o caso, resulta de uma cônica leitura estratégica que facilita, de forma objectiva, a reunião da chefia *popular* aos insurgentes do ocidente hispânico.

Para garantir, a Sertório, o auxílio necessário para a arriscada travessia de território inimigo entre o extremo sul peninsular e a fronteira representada pelo Guadiana, quatro mil infantes e setecentos cavaleiros⁴⁶³ lusitanos infiltram-se pela Província Ulterior e atingem o litoral gaditano⁴⁶⁴. Para as ligeiras tropas nativas, a passagem do rio Guadalquivir poderá ter dispensado a obtenção de embarcações, sendo realizada a nado⁴⁶⁵. Salústio⁴⁶⁶ denomina a posição em que se fortificam de *Mons Belleia*, toponímia que sugere uma relação com a cidade de *Baelo*. Considerando a geografia local, Schulten identificou o monte Silla del Papa como o local adequado de refúgio para os incursores devido à sua elevada altitude, amplo planalto e vertentes de abrupta inclinação⁴⁶⁷.

A chegada deste contingente tem o inconveniente de alertar as autoridades *optimates* para a aliança estabelecida entre Sertório e os Lusitanos⁴⁶⁸, pelo que uma força naval⁴⁶⁹ é destacada para vigiar o Estreito de Gibraltar, ponto de estrangulamento entre o Mediterrâneo e o Oceano Atlântico, chave do domínio económico, político e

⁴⁶¹ Ibidem.

⁴⁶² BELTRÁN LLORIS, Francisco – “Les colonies latines d’Hispanie (II siècle av. N. È.): emigration italique et integration politique”, in *Les gouverneurs et les provinciaux sous la République romaine*, Nathalie Barrandon & François Kirbihler (Dir.), Presses Universitaires de Rennes, 2011, pp. 131-144, página 138.

⁴⁶³ Plut., *Vit., Sert.*, 12, 2.

⁴⁶⁴ SPANN, *op. cit.*, página 56.

⁴⁶⁵ Esta faculdade do guerreiro peninsular é mencionada por Tito Lívio (Liv., 21, 27) no episódio da travessia do rio Ródano, curso de águas rápidas, pelo destacamento de Hanão, filho de Bomilcar, oficial de Aníbal Barca no ano de 218 a.C..

⁴⁶⁶ Sall., *Hist.*, 1, 105.

⁴⁶⁷ SCHULTEN, *op. cit.*, página 76 ; GARCÍA MORÁ, *op. cit.*, página 230 ; CALLEGARIN, *op. cit.*, notas da página 33.

⁴⁶⁸ SCHULTEN, *op. cit.*, página 76 ; KONRAD, *op. cit.*, página 129 ; SPANN, *op. cit.*, página 57.

⁴⁶⁹ Possivelmente, composta a partir dos navios de que dispusera Ânio Lusco.

militar de vastas áreas marítimas e continentais ao longo da História⁴⁷⁰. Uma eficiente vigília exercida a partir desta posição de ulterior importância estratégica assegurava, praticamente, o controlo do mar bloqueando o acesso de Sertório à Península Ibérica.

Plutarco menciona o comandante da frota *conservadora* simplesmente pelo *cognomen* de *Cota*⁴⁷¹, circunstância que tem impedido uma elucidação quanto à sua identidade⁴⁷². Após décadas de debate irresoluto, a autoria especializada continua dividida entre três possíveis candidatos: os irmãos Gaio, Marco e Lúcio Aurélio Cota⁴⁷³. Num estudo publicado em 1989⁴⁷⁴ e na sua obra maior de 1994⁴⁷⁵, C. F. Konrad incutiu adicional complexidade a esta problemática, ao considerar a possibilidade da proveniência de uma outra *gens* que não a *Aurelia*. Um enredo pode ser construído para esclarecer o hipotético contexto do exercício do comando almirante para cada um dos casos mencionados.

Gaio Aurélio Cota, o mais velho dos irmãos, contaria, em 80 a.C., com cinquenta e quatro anos de idade. Referenciado nas obras de Cícero *De Oratore*⁴⁷⁶ e *Brutus*⁴⁷⁷ como um dos maiores oradores do seu tempo⁴⁷⁸, sabia compensar as limitações ao nível da elevação de voz decorrente da delicadeza da sua constituição, com um discurso preciso, correcto e versátil⁴⁷⁹. Começou por se notabilizar na barra da jurisprudência quando defendeu, ainda que sem sucesso, o seu tio Públio Rútílio Rufo da acusação infundada que lhe moveram os publicanos, de extorsão durante o governo exercido na Ásia. Este caso vale, a Gaio, a hostilidade da classe equestre⁴⁸⁰, que aproveitou a sua ligação ao tribuno Marco Lívio Druso, para o acusar de tomar partido em favor dos Itálicos nas atribuições que conduziram à Guerra Social de 91-88 a.C.. Perdida a eleição para o tribunato da plebe e culpabilizado, ao abrigo da *lex Varia*, pela

⁴⁷⁰ Sobre a história e geografia do Estreito de Gibraltar ver: TRUVER, C. Scott – *The Straits of Gibraltar and the Mediterranean*, Sijthoff & Noordhoff International Publishers, 1980.

⁴⁷¹ Plut., *Vit., Sert.*, 12, 3.

⁴⁷² SPANN, Philip O. – “C., L. or M. Cotta and the “Unspeakable” Fufidius: A Note on Sulla’s ResPublica Restitua”, in *The Classical Journal*, Vol. 82, No. 4 (Apr. – May, 1987), pp. 306-309, página 306.

⁴⁷³ *Ibidem*.

⁴⁷⁴ KONRAD, C. F. - “Cotta off Mellaria and the Identities of Fufidius”, in *Classical Philology*, Vol. 84, No. 2 (Apr., 1989), University of Chicago Press, página 121.

⁴⁷⁵ KONRAD, C. F., *op. cit.*, páginas 128-129.

⁴⁷⁶ Cic. *De Oratore*, 3, 3.

⁴⁷⁷ Cic. *Brutus*, 49, 55, 90, 92.

⁴⁷⁸ Cic. *De or.*, 1, 7, 29 ; Cic. *Brut.*, 182 ; Sall., *Hist.*, 2, 44 ; App. *B Civ.*, 1, 5, 37.

⁴⁷⁹ Cic. *Brut.*, 201-202.

⁴⁸⁰ Integrada pelos *publicani*.

associação com os antigos aliados, presentemente convertidos em inimigos de Roma, opta pelo exílio,⁴⁸¹ do qual só regressará em 80 a.C., com a tomada de poder por Sula.

Conservador moderado, Gaio insere-se sem dificuldade na direcção do regime ditatorial. Apesar da mencionada fragilidade física, a ambição política e o oportunismo⁴⁸² que lhe são atribuídos pelas fontes, podem tê-lo encaminhado para o ingresso na carreira de armas por via de um comando militar na campanha contra os restícios do movimento *popular*. A participação activa na destruição da ameaça que constitui Sertório contém o potencial para reabilitar o seu prestígio de uma mácula que o persegue ainda no ano de 75 a.C., quando profere o discurso ao povo romano de que Salústio nos oferece o testemunho⁴⁸³.

Marco Aurélio Cota configura uma hipótese menos sugestiva para o exercício do comando naval da frota que se opõe a Sertório em 80 a.C.. Menções indubitáveis das fontes a esta personagem datam de 76 a.C., ano em que exerce as funções de pretor. Em 74 a.C., é nomeado governador da Bitínia, recente aquisição do Estado romano por doação testamentária do defunto rei Nicomedes. No decurso da guerra contra Mitridates, Apiano⁴⁸⁴ refere a sua inexperiência assim como inaptidão para o comando militar, com a consequente necessidade de confiar o comando a subordinados. Aceitar Marco como o Cota de *Mellaria* envolve, assim, ignorar este desmentido.

Lúcio Aurélio Cota, o mais novo dos irmãos, entra para os anais da História em 70 a.C., ano em que exerce o cargo de pretor. Considerando que a idade mínima para a candidatura à pretoria é de trinta e nove anos, esta figura histórica deveria estar perto dos trinta por altura da batalha de Mellaria. Neste contexto, exerceria o comando do destacamento naval na qualidade de tribuno militar do pessoal de apoio a Lúcio Fufídio, governador da Província Ulterior. As subsequentes menções que lhe são dirigidas distinguem a acção de um estadista envolvido nas lutas internas da Cúria do seu tempo, pelo que o comando militar teria constituído apenas um degrau ascendente no seu percurso político. A sua actuação, enquanto pretor, é marcada pela aprovação da *lex Aureliae de tribunis aerarii* que estende o ingresso nas listas dos jurados aos *equites* e *tribuni aerarii*, para além dos membros da ordem senatorial. O prosseguimento do *cursus honorum* realizar-se-á com o consulado em 65 a.C. e a censura em 64 a.C..

⁴⁸¹ App. *B Civ.*, 1, 36-37.

⁴⁸² Sall., *Hist.*, 2, 40.

⁴⁸³ Sall., *Hist.*, 2, 44.

⁴⁸⁴ App. *Mith.*, 71.

Tanto no caso de Gaio como Lúcio estamos a considerar personagens cujas capacidades parecem sobretudo incidir nas lides políticas, mais do que no belicismo. Nenhum deles teria a capacidade para rivalizar com a liderança de Sertório, consistindo na provável superioridade de meios a principal vantagem de que dispõe o Cota de Mellaria.

Apesar da importância geo-estratégica da missão confiada ao almirante vigiando o Estreito de Gibraltar, os comandantes navais romanos não tinham de ser magistrados detentores de *imperium*, pelo que a atribuição do cargo de legado a Gaio Aurélio Cota ou de tribuno militar a Lúcio Aurélio Cota, corresponde a uma lógica verosímil de subordinação da liderança no elemento aquoso ao propretor Lúcio Fufídio. Em adição, o amadorismo e inexperiência do oficialato na condução de uma frota era um fenómeno recorrente na marcialidade romana devedor da ulterior importância atribuída ao ramo do exército, no contexto das forças armadas⁴⁸⁵.

A sociedade coeva vinculava um prestígio muito maior à habilidade de um general em travar batalha em terra, repousando as lides navais numa categoria claramente subalterna. A profissionalização e especialização do comando militar é um fenómeno gradual ao longo deste século I a.C.⁴⁸⁶, permanecendo durante bastante tempo uma forte conexão entre as legiões e a marinha de forma que o exercício da liderança provisória no mar por um oficial treinado no regime estandardizado de combate em solo firme, parece constituir tradição.

4.1.2 – A travessia do Estreito de Gibraltar. Batalha naval de Mellaria.

Deixando uma guarnição em *Tingis* para manter o controlo sobre a sua base mauritana, Sertório opta, segundo Salústio⁴⁸⁷, por tentar evitar o confronto com a frota inimiga, procedendo a uma travessia nocturna, sob o impulso de uma corrente favorável⁴⁸⁸. A navegação celestial era uma prática corrente na Antiguidade, pelo que é crível que uma frota pouco numerosa, como aquela que comandaria Sertório, pudesse

⁴⁸⁵ CAMPBELL, *op. cit.*, página 1.

⁴⁸⁶ KAMM, Antony – *Julius Caesar. A life*, Routledge, London and New York, 2006, página 65.

⁴⁸⁷ Sall., *Hist.*, 1, 93.

⁴⁸⁸ As correntes do Estreito podem com frequência alcançar mais de 3 nós (5.5. km/hora). Foram, contudo, registadas correntes tão poderosas quanto 7 nós (perto de 14 km/s) durante as marés primaveris. O Estreito de Gibraltar está sujeito a uma grande variação de direcção de correntes ao longo de uma jornada diária, perserverando, tipicamente, as mesmas condições durante vários dias.

fazer o percurso náutico entre o Norte de África e a costa da Península Ibérica⁴⁸⁹. Um confronto com as forças navais *conservadoras* poderá ter implicado o uso, por parte dos intervenientes, de material incendiário a bordo dos navios, de forma a gerar luminosidade artificial, com o conseqüente assumir do risco de conflagração da madeira que os constitui.

Refere Estrabão que o transporte de pessoas e mercadorias, entre as quais se ressalva a importância do pescado das salinas de *Mellaria*, era tipicamente realizado a partir do porto de *Baelo* até *Tingis* na *Maurusia*⁴⁹⁰, de forma que a pilotagem que Sertório poderia recrutar na cidade mercantil do Norte de África, estaria bem familiarizada com o trajecto a percorrer. A distância de 30 milhas⁴⁹¹ que Plínio precisa separar a rota entre os dois ancoradouros⁴⁹² poderia ser, sem percalços durante o curso, percorrida integralmente sob a cobertura das trevas⁴⁹³. Estes dados contribuem para aligeirar o cepticismo que nos merece a menção, por parte de Salústio, de uma travessia nocturna do Estreito de Gibraltar, com as dificuldades de navegação que lhe estão subjacentes.

A tentativa de ultrapassagem da frota *conservadora* sugere o superior poder desta, em concomitância com a prioridade que Sertório parece atribuir à preservação da integridade do seu magro contingente militar para a vindoura campanha na Hispânia. Deixar este adversário na sua retaguarda representa o sacrifício da comunicação com a base mauritana, aspecto potencialmente desastroso na eventualidade de um malogro dos projectos peninsulares e consentânea necessidade de retorno ao Norte de África.

Secundarizar a solidez estratégica dos seus passos por via da furtiva transposição do Estreito de Gibraltar vigiado pela força naval oligárquica, parece justificar-se pelo carácter crítico que assumiria uma derrota neste confronto singular. Se um magno encontro em terra se associa à possibilidade de grandes baixas no mar, onde os perigos naturais são muito maiores, travar batalha significa expor-se ao risco de completa

⁴⁸⁹ Ver: Morrison, J. S. ; Coates, J. F. ; Rankov, N. B. - *The Athenian Trireme. The History and Reconstruction of an Ancient Greek Warship*, 2ª edição, Cambridge University Press, 2000.

⁴⁹⁰ Strabo, 3, 1, 8.

⁴⁹¹ Uma milha romana variava entre 1401 e 1580 metros, equivalente a 1.000 passos ou 5.000 pés, medidas variáveis dado dependerem do tamanho da passada. As trinta milhas referidas por Plínio podem ser, assim, sensivelmente estimadas entre 42 e 47 quilómetros.

⁴⁹² Plin., *HN*, 5, 1.

⁴⁹³ A trirreme *Olímpia*, reconstrução contemporânea do navio da Antiguidade atingiu, em 1988, com 170 remadores voluntários inexperientes, 9 nós (17 kms/hora). A velocidade de cruzeiro tem sido situada em 7.5 nós.

A *hemíolia*, típica embarcação utilizada pela pirataria cilícia, é reputada como a mais veloz galera de guerra da marinha helenística. Se adicionarmos a esta velocidade de deslocação a corrente favorável referida por Salústio, as 30 milhas referidas por Plínio podiam ser percorridas em poucas horas.

destruição. Compreendem-se, neste contexto, os motivos de Sertório para declinar o choque e libertar-se desta situação de particular constrangimento pelo firmar de arraiais na Hispânia, onde espera obter o amplo espaço de manobra e os recursos humanos de que depende para a expansão das suas opções militares. Ainda no seu estágio larval, sujeita-se o projecto sertoriano para a Península Ibérica ao seu momento de maior exposição e vulnerabilidade razão porque se constringe, o caudilho, a ignorar todas as demais considerações de forma a otimizar as suas hipóteses de atingir abrigo seguro na costa gaditana.

Contudo, o uso dos elementos não logra iludir a vigilância de Cota, ocorrendo a interceptação ao largo de *Mellaria*⁴⁹⁴, povoado cuja localização suscita controvérsia. A autoria especializada na Guerra Sertoriana atribui-lhe a correspondência com a moderna Tarifa, cidade situada na Enseñada de Valdevaqueros⁴⁹⁵, local natural de abrigo para a navegação na costa gaditana e provável escala da via Tânger-*Baelo*. Publicações mais recentes de Enrique Gozalbes Cravioto⁴⁹⁶ e Joaquín Pascual Barea⁴⁹⁷ deslocam, contudo, a estância piscatória para a Punta de Tarifa, extremo meridional do continente europeu, seguindo a indicação de Plínio, *o Velho*.⁴⁹⁸ Um confronto entre uma frota situada de forma estática na posição ideal de estrangulamento do Estreito de Gibraltar e outra procurando passar ao largo das forças inimigas sob a coberta das trevas parece, efectivamente, sugerir, segundo Pascual Barea, um cenário como a ilha de Tarifa mais que o de uma enseada⁴⁹⁹.

A frota sertoriana deveria ser constituída predominantemente por embarcações usadas pela pirataria⁵⁰⁰ proveniente do Mediterrâneo oriental (sobretudo a *hemiolia*) e talvez por algumas trirremes sobreviventes desde a partida de Cartagena em 81 a.C.. Para além da referência à vitória de Sertório sobre o comandante *conservador*⁵⁰¹ no subsequente embate, nenhuma informação adicional nos é facultada pelas fontes, de forma que dispomos de escasso substrato para uma reconstrução ilustrada deste episódio

⁴⁹⁴ SPANN, *Quintus Sertorius and the Legacy of Sulla*, notas da página 56.

⁴⁹⁵ SHULTEN, *op. cit.*, página 76 ; KONRAD, *Plutarch's Sertorius*, página 128.

⁴⁹⁶ GONZALBES CRAVIOTO, Enrique - "La ubicación de la Mellaria romana", in *Aljaranda: revista de estudios tarifeños*, N.º. 23, 1996, páginas 7-9.

⁴⁹⁷ PASCUAL BAREA, Joaquín - "Cetaria, Barbatus y otros nombres latinos referidos a las antiguas conservas de pescado y Getares, Barbate y otros topónimos de la costa gaditana", in *L. Lagóstena*, D. Bernal y A. Arévalo (eds), *Actas del Congreso International Cetariae 2005. Salsas y salazones de pescado en Occidente durante la Antigüedad*, Cádiz, 2005, páginas 511-518.

⁴⁹⁸ Plin., *HN*, 3, 3.

⁴⁹⁹ PASCUAL BAREA, *op. cit.*, página 515.

⁵⁰⁰ Ver: SOUZA, Philippe Charles de - *Piracy in the Ancient World: from Minos to Mohammed*, *Doctoral thesis*, University of London, 1992.

⁵⁰¹ Plut., *Vit., Sert.*, 12, 3.

naval. A combinação dos factores que constituem o ímpeto dos lesto navios de guerra cilícios sob uma corrente propícia⁵⁰² com o distinto valor das respectivas lideranças, pode ter tido um papel decisivo para a definição do resultado da luta. Um eventual efeito surpresa gerado pela travessia nocturna⁵⁰³ ainda que insuficiente para evitar, conforme tencionara Sertório, o contacto com o inimigo, talvez tenha implicado uma acrescida desorganização nas urgentes tarefas de aparelhamento, disposição e intercepção por parte da frota oligárquica, sobretudo se considerarmos o cenário de obscuridade⁵⁰⁴.

Não dispomos de nenhuma referência sobre os números das forças em confronto. Contudo, a magra cifra de tropas terrestres às ordens de Sertório mencionada por Plutarco⁵⁰⁵, induz Christoph F. Konrad a calcular, por extrapolação, a grandeza da frota correspondente em cerca de três dezenas de embarcações⁵⁰⁶. Atendendo ao resultado do choque, subentende-se que a sua oposição não deveria ser de valor muito superior⁵⁰⁷. Inflacionarmos o poder de Cota representa reconhecer no talento da liderança sertoriana e no uso por parte desta dos elementos de complexificação da luta, uma proporcional importância na sua decisão.

Não obstante, a desvantagem numérica das embarcações de que dispõe o chefe *popular* parece ser um dado a assumir. Ainda que nos seja impossível avaliar a destreza táctica do almirante a partir da contraposição entre uma aplicada vigília e a derrota no recontro naval, não deverá ter escapado à leitura estratégica das autoridades *conservadoras* o reconhecimento de que o controlo da separação geográfica entre a Hispânia e o Norte de África consistia na melhor defesa contra uma ameaça de invasão. Somos, assim, tentados a considerar os efectivos da frota destacada para o Estreito como concordantes com a importância vital da sua missão, ultrapassando as cifras atribuíveis ao seu adversário. Tal estimativa vai ao encontro dos motivos que levam Sertório a submeter as suas embarcações ao risco acrescido de naufrágio, fazendo-as navegar ao longo da costa hispânica com uma luminosidade diminuta.

Uma confusa peleja nocturna com a mesma corrente que impulsiona a frota sertoriana a reduzir de forma considerável a mobilidade de quem se desloca em sentido

⁵⁰² TRUVER, C. Scott – *The Straits of Gibraltar and the Mediterranean*”, Sijthoff & Noordhoff International Publishers, 1980, página 30.

⁵⁰³ SOUZA, *op. cit.*, página 17.

⁵⁰⁴ Veg., *Mil.*, 4, 45.

⁵⁰⁵ Plut., *Vit.*, *Sert.*, 12, 2.

⁵⁰⁶ KONRAD, C.F. - “Cotta off Mellaria and the Identities of Fufidius”, in *Classical Philology*, Vo. 84, No. 2 (Apr., 1989), University of Chicago Press, páginas 120-121.

⁵⁰⁷ KONRAD, *Plutarch’s Sertorius*, páginas 121, 129).

contrário pode, eventualmente, contextualizar uma luta em que a superioridade dos meios de Cota é anulada pelas condições especiais em que ela é travada⁵⁰⁸. As referências de que dispomos para um cômputo da dimensão da derrota *conservadora* consistem na sobrevivência do seu comandante (caso seja um *Aurelius Cotta*)⁵⁰⁹ e na subsequente incapacidade das suas forças navais em lidar de forma eficaz com as acções de pirataria dos aliados de Sertório. Se o cenário de um completo aniquilamento dos vencidos parece improvável, as perdas por estes sofridas terão implicado um severo prejuízo para a sua capacidade operacional.

Considerando o contexto de uma década em que as convulsões internas e a multiplicação das frentes de combate com adversários estrangeiros representaram uma contínua drenagem dos recursos da comunidade romana⁵¹⁰, as dificuldades por esta sentida para cobrir as baixas dos exércitos são decerto reproduzidas e provavelmente ultrapassadas, pelas da substituição dos dispendiosos navios de guerra⁵¹¹.

De facto, a actividade da pirataria cilícia na costa hispânica só será debelada em 67 a.C. pela mão de Pompeio Magno⁵¹². Na sequência da queda de Cartago, enfraquecimento do império Selêucida e restrição do âmbito da política naval do reino Lágida⁵¹³, desde o século II a.C. que a marinha romana constitui o único obstáculo à livre circulação destes flibusteiros da Antiguidade em toda a amplitude do Mediterrâneo⁵¹⁴. A aliança firmada com Mitridates VI confere-lhes a garantia de segurança dos seus portos de abrigo na costa meridional da Ásia Menor⁵¹⁵, passando os empreendimentos dos piratas a representar uma extensão do raio de actuação dos poderosos meios navais de que dispõe o rei pontino. Um passo de Apiano enfatiza o profundo incómodo que representam para a segurança das ligações marítimas do império romano⁵¹⁶.

A partir do ano de 77 a.C., o porto de *Denia*⁵¹⁷ irá garantir, à pirataria cilícia, uma base permanente com apoio administrativo, logístico e de reparação organizado⁵¹⁸.

⁵⁰⁸ Veg., *Mil.*, 4, 46.

⁵⁰⁹ A possibilidade avançada por Christoph Konrad de um “Cota” pertencente a um outro conjunto familiar retira-nos essa certeza.

⁵¹⁰ Sall., *Hist.*, 1, 48.

⁵¹¹ SOUZA, Philip de – “War at Sea”, in *The Oxford Handbook of Warfare In the Classical World*, Brian Campbell ; Lawrence A. Trittle, (Eds.), Oxford University Press, Oxford, 2013, páginas 369-394.

⁵¹² ORMEROD, *op. cit.*, página 190.

⁵¹³ SOUZA, *op. cit.*, página 99.

⁵¹⁴ SOUZA, *op. cit.*, página 227.

⁵¹⁵ Strabo, 14, 3, 2.

⁵¹⁶ App. *Mith.*, 118-119.

⁵¹⁷ Sall., *Hist.*, 1, 124.

As suas acções de depredação ao longo da costa levantina contarão com uma referência centralizadora, transformando-se num exercício menos arriscado. Por sua vez, a liderança sertoriana terá um conhecimento mais exacto e maior interferência sobre essas actividades. O refúgio que constitui este ancoradouro preservará mesmo quando os exércitos *populares* abandonam o litoral levantino e o domínio espacial do Estado de Osca se circunscreve ao vale do Ebro⁵¹⁹, constituindo *Denia* a via de escape para alguns dos sobreviventes da derrota de Perperna às mãos de Pompeio, após o assassinio de Sertório⁵²⁰.

4.1.3 – O desembarque de Sertório na Península. O apoio inicial dos Lusitanos.

No seguimento do desembarque na costa gaditana, Sertório reúne-se aos lusitanos que se haviam fortificado numa elevação, nas vizinhanças de *Baelo*. A tropa multifacetada que agora chefia é composta por 2.600 soldados itálico-romanos⁵²¹ integrando os companheiros do procônsul desde a deslocação para a Península Ibérica em 83 a.C., colonos residentes na Hispânia recrutados antes da derrota frente às legiões de Gaio Ânio Lusco e os sobreviventes da força privada reunida por Vibio Pacieco que se passaram para a bandeira *popular*⁵²². Este núcleo com um poder humano equivalente a meia legião provido de menor mobilidade do que o nativo, mas superior poder de choque servirá, provavelmente, sob o directo comando de Sertório na campanha lusitana contra Metelo Pio, uma reserva pesada para um emprego cirúrgico nos embates tácticos contra um destacamento *conservador* exposto a uma destruição em detalhe.

Menciona Plutarco⁵²³ que um colectivo de setecentos líbios acompanha o caudilho na sua aventura hispânica, força composta, seguramente, por tropas ligeiras⁵²⁴ conforme indicia o cruzamento entre o característico produto marcial berbere e a acção de socorro à praça de *Langobritae* em 78 a.C., que mobilizara os mais lesto, resistentes e intrépidos guerreiros hispânicos e mauritanos⁵²⁵. A referência do biógrafo ao generoso prémio oferecido por Sertório aos voluntários que protagonizam este último episódio e a atracção pelo saque que desorganiza o ferino contra-ataque contra a ala avançada de

⁵¹⁸ SOUZA, *op. cit.*, página 17.

⁵¹⁹ Strabo, 3, 4, 6.

⁵²⁰ Cic. *Verr.*, 2, 5, 146.

⁵²¹ Plut., *Vit., Sert.*, 12, 2.

⁵²² Plut., *Vit., Sert.*, 9, 3.

⁵²³ Plut., *Vit., Sert.*, 12, 2.

⁵²⁴ NICOLLE, David ; McBRIDE, Angus, *op. cit.*, páginas 8-9.

⁵²⁵ Plut., *Vit., Sert.*, 13, 4-5.

Pompeio Magno na batalha do Sucro (75 a.C.)⁵²⁶, indiciam a condição mercenária dos participantes norte-africanos na campanha peninsular⁵²⁷.

O governo empático estabelecido pelo caudilho a partir do centro do seu poder em Tânger com a população local⁵²⁸ e o conjecturado desaparego desta para com a causa que lança Sertório na aventura hispânica⁵²⁹, contribui para considerarmos que o arrolar da tropa líbia resulta de um contrato estipendiário e/ou da promessa por riquezas⁵³⁰. A sua integração na reserva que se constitui atrás da linha de batalha⁵³¹ no supradito confronto campal do rio Sucro⁵³², provavelmente também composta pela guarda pessoal do chefe *popular*⁵³³, revela que os setecentos mercenários mauritanos que o seguem estão dotados de um superno valor marcial que pode ser incrementado através de um aliciamento remuneratório⁵³⁴.

Os 4.700 Lusitanos que arriscam a travessia da Província Ulterior até atingirem o extremo meridional da Península Ibérica, devem representar os mais ousados guerreiros nativos colocados sob o comando de Sertório durante os primeiros anos de campanha, aqueles que se adiantam na insurgência contra o regime *conservador*, mobilizando-se com maior convicção para a aliança com o general romano. Estes seguidores primevos do caudilho constituem, conjuntamente com os outros hispânicos que se irão consagrar à sua vida, a nata das tropas insurgentes sob o comando *mariano* até às reformas de 77 a.C. e recruta em massa de novos partidários.

A força operacional que presentemente chefia Sertório parece insignificante face aos extensos meios militares que o regime sulano preserva na Itália⁵³⁵, alguns dos quais podem, a seu devido tempo, deslocar-se para a Hispânia⁵³⁶. Contudo, se retirando

⁵²⁶ Plut., *Vit., Sert.*, 19, 3-4.

⁵²⁷ NICOLLE, David ; McBRIDE, Angus, *op. cit.*, página 7.

⁵²⁸ Plut., *Vit., Sert.*, 9, 5.

⁵²⁹ NICOLLE, David ; McBRIDE, Angus, *op. cit.*, página 3.

⁵³⁰ NICOLLE, David ; McBRIDE, Angus, *op. cit.*, página 7.

⁵³¹ NICOLLE, David ; McBRIDE, Angus, *op. cit.*, página 8.

⁵³² Plut., *Vit., Sert.*, 19, 3-4.

⁵³³ NICOLLE, David ; McBRIDE, Angus, *op. cit.*, página 7.

⁵³⁴ NICOLLE, David ; McBRIDE, Angus, *op. cit.*, página 7.

⁵³⁵ App. *B Civ.*, 1, 100, 1.

⁵³⁶ Plut., *Vit., Sert.*, 12, 2. A respeito desta passagem do biógrafo helenístico, anota com acuidade o tradutor Rui Valente: “Para dar mais ênfase às capacidades militar de Sertório, Plutarco compara as forças à disposição de Sertório quando este começou a sua campanha na Hispânia, no Verão ou Outono de 80 a.C. com o total das forças empregues pelos romanos na região durante toda a guerra” (N.T, página 29). As cifras fornecidas pela fonte de época correlacionam-se, efectivamente, com a soma aproximada que podemos atribuir aos vários contingentes legionários operando na Hispânia no decurso do conflito sertoriano:

- Exército propretorial de Lúcio Fufídio em 80 a.C. (12,000 homens) ; Exército propretorial de Lúcio Domício em 80-79 a.C. (12,000 homens) ; Reforços sob a ordenança proconsular de Metelo Pio em 79 a.C. (pelo menos duas legiões, cerca de 12,000 homens) ; Exército proconsular de Lúcio Mânlio em 78

benefício de factores circunstanciais mas de crítico impacto no domínio marcial, os efectivos de que agora dispõe o sabino tornam praticável um confronto directo com os contingentes *conservadores* que defendem a Província Ulterior.

Colocado ao comando de um exército integrado sobretudo por infantaria ligeira, parte substancial do talento de liderança de Sertório passa por garantir que esta tropa usufruirá de condições de combate que confirmam às peculiares características da sua forma de luta, uma vantagem sobre as pesadas legiões. Com um corpo militar composto, de forma maioritária, por elementos nativos flexível na sua disposição táctica e adaptado ao meio, o caudilho *popular* disfruta de superior mobilidade frente ao poder mais estático de uma força inimiga especialmente dextra no belicismo convencional. Antes do surgimento da oportunidade para que novos métodos de combate sedimentados na síntese simbiótica entre as armas hispânicas e itálico-romanas ao dispor de Sertório sejam testados e implementados, o uso de um terreno favorável é uma condição indispensável para compensar os predicados subjacentes ao emprego das legiões numa batalha aberta⁵³⁷.

A superfície topográfica plana que se estende entre a serra a norte da enseada de Bolonia e o vale do Guadalquivir é, claramente, desadequada a uma confrontação táctica com as forças *conservadoras*⁵³⁸. De forma a evitar ser interceptado numa plataforma que constitui uma verdadeira armadilha para a fisionomia das tropas de que dispõe, Sertório deve antecipar-se à reacção do inimigo e transpor com presteza a fronteira representada pelo grande rio.

O espaço situado entre o Guadiana e o Estreito de Gibraltar é descrito pelo geógrafo Estrabão como o mais fértil de toda a Península Ibérica, providenciando as condições naturais para a implantação de uma densa malha urbana⁵³⁹. Desde os tempos da colonização fenício-cartaginesa que o hispânico da Turdetânia se manifestara como o mais acolhedor de uma regência estrangeira tendo sido, em concomitância, transformado pelo contacto de proximidade com os agentes de civilizações mais

a.C. (três legiões e mil e quinhentos cavaleiros, ou seja, em redor de 18,000 homens); Exército de Gneu Pompeio Magno em 77 a.C. (31,000 homens) ; recrutamentos realizados por Metelo Pio durante o governo da Província Ulterior entre 78 a.C. e 76 a.C. (pelo menos 15,000 homens) ; reforços enviados pelo Senado a Pompeio Magno no ano de 74 a.C. (duas legiões, cerca de 12,000 homens). O total desta leitura com medida dos recursos disponíveis pelos *conservadores* durante a guerra sertoriana ascende a 112.000 homens, valor não muito distante dos cento e vinte mil infantes, seis mil cavaleiros, dois mil archeiros e fundibulários referidos por Plutarco.

⁵³⁷ Veg., *Mil.*, 3, 10.

⁵³⁸ Strabo, 3, 2, 4.

⁵³⁹ Strabo, 3, 1-2.

evolucionadas. Os recursos do colonizador traduziram-se no incremento da sua prosperidade agro-pecuária, inserção no tráfico mercantil mediterrânico, exploração das riquezas minerais e maior segurança contra as incursões bandoleiras dos autóctones das áreas de radicação céltica.

Em contrapartida pela perda da autonomia, fora nesta área meridional da Hispânia que mais precocemente se estabelecera e incrementara o mercado monetarizado, a divisão estratificada do trabalho, a constituição de complexas estruturas de hierarquia social e um princípio de organização regional do espaço⁵⁴⁰. Sendo o urbanismo a expressão mais eloquente dos diferentes níveis de desenvolvimento dos povos que habitam a Península Ibérica desde o protectorado bárcida que o território andaluz, centro de gravidade do poder cartaginês, havia passado por um processo de conglomeração humana até se integrar num Estado⁵⁴¹.

Nos inícios do século I a.C. a romanização atinge já territórios do interior peninsular consideravelmente destacados da antiga ingerência fenício-púnica. Contudo, tal como esta, o fundamental da presença do novo colono convergira sobre os territórios adjacentes ao Mediterrâneo⁵⁴². Constituindo a Província Ulterior, a região peninsular mais docilizada e favorecida pela presença colonizadora de Roma⁵⁴³, Sertório não pode esperar qualquer voluntarismo insurgente contra o poder oligárquico. De forma a solidificar a sua posição na Hispânia e robustecer os seus magros meios com o apoio nativo, o líder *popular* deve deslocar-se para fora da principal zona de influência do seu inimigo nesta guerra civil. A bem-sucedida travessia da região ocidental da Andaluzia requer, por conseguinte, celeridade.

Não existe, assim, motivo para a perda de tempo que significa uma investida contra qualquer núcleo urbano da Turdetânia, nomeadamente a insular Gades⁵⁴⁴, próspero empório mercantil com um legado de sujeição a um poder externo. A inserção no regime provincial romano data desde o ano de 206 a.C. quando, voluntariamente, se entregara às legiões de Públio Cornélio Cipião. A defesa dos seus interesses

⁵⁴⁰ Strabo, 3, 1, 6.

⁵⁴¹ BARRETT, John C. – “Historical Archaeology and Text”, in *Archaeology. The Key Concepts*, Colin Renfrew & Paul Bahn (Eds.), Routledge, London & New York, 2005, páginas 144.

⁵⁴² CABO, Angel ; VIGIL, Marcelo – *Condicionamientos geográficos. Edad antigua*. Alianza Editorial Alfaguara, Madrid, 1979, página 242.

⁵⁴³ Strabo, 3, 2, 4.

⁵⁴⁴ Necessariamente através de uma operação anfíbia, dado a cidade se situar numa ilha oposta à costa continental. Estrabão (Strabo, 3, 5, 3) menciona a fisionomia talassocrática do regime gaditano, a riqueza da sua elite mercantil, a dedicação à marinagem por grande parte da população e o enorme tamanho e capacidade de transporte dos navios de carga conectando a praça com outros destinos portuários, nomeadamente Roma.

comerciais⁵⁴⁵ constitui a prioridade das suas preocupações políticas, razão porque perspectivaria o presente conflito entre facções romanas como um flagelo⁵⁴⁶.

A força sob o comando de Sertório deve ter marchado prontamente para norte em direcção a *Hispalis*, actual Sevilha, encruzilhada entre a Hispânia Ulterior e o Oeste peninsular, passando ao largo dos baixios das *Marismas del Guadalquivir*, até transpor o curso fluvial por altura ou a montante da actual Coría del Río⁵⁴⁷. Todo o hodierno espaço integrando a área protegida do parque nacional de Doñana até aos extensos arrozais situados a sul da embocadura do Guadalquivir assumia a forma, há dois milénios atrás, de um lago interior denominado *Lacus Ligustinus*⁵⁴⁸. Na sua *História Natural*, Plínio, o Velho, menciona que as cidades de Nebrissa (actual Lebrija) e de Colobona, se localizavam entre os estuários do *Baetis* (HN, 3, 3), provavelmente numa ilha. Conforme se pôde apurar num estudo geomorfológico realizado em 2002⁵⁴⁹, a área correspondente às *Marismas* foi ganha ao mar ao longo do tempo, através do acumular de sedimentos.

4.1.4 – Sertório derrota Fufídio no rio Guadalquivir.

A superstição firmemente radicada na mentalidade autóctone, brota com a notícia do avanço da força sertoriana. Como explicita o seguinte passo de Salústio, a transmissão de testemunhos indirectos no espaço distorce de forma hiperbólica a potência do perigo, propagando o pânico pelo território: “*Throughout the province there were great and terrible rumours, as everyone in their fright imagined that there were fifty thousand or more of the enemy, monsters of immense size brought in from the edges of the ocean, who fed on human flesh.*”⁵⁵⁰

⁵⁴⁵ Strabo, 3, 2, 6.

⁵⁴⁶ CALLEGARIN, *op. cit.*, página 26.

⁵⁴⁷ CHIC GARCÍA, Genaro – “Roma e el Guadalquivir”, in *El Río Guadalquivir*, J. Rubiales Torrejón (ed.), Junta de Andalucía, Sevilla, 2008, pp. 197-201.

FERRER ALBELDA, Eduardo – *Confusiones contemporáneas sobre Geografía Antigua. A propósito del Sinus Tartesii y del Lacus Ligustinus*, in *La construcción y evolución de las entidades étnicas en Andalucía en la Antigüedad (siglos VII a.C.-II d.C.)*, Universidad de Sevilla, 2012, página 59.

⁵⁴⁸ AVIENO, *Ora Marítima*, vv. 283-303, F.J. González Ponce (trad.), 1995.

⁵⁴⁹ Ruiz, F. ; Rodríguez-Ramírez, A. ; Cáceres, L. M. ; Rodríguez Vidal, J. ; Yañez, C. ; Clemente, L. ; González-Regalado, M. L. ; Abad, M. ; De Andrés, J. R. – *Cambios paleoambientales en la desembocadura del río Guadalquivir durante el Holoceno reciente*, *Geogacete*, (Sociedad Geológica de España), 32, 2002, páginas 167-170.

⁵⁵⁰ Sall., *Hist.*, 1, 98.

A interpretação do simbolismo estruturando o pensamento colectivo⁵⁵¹ da população hispano-romana da Andaluzia, conduzir-nos-ia a uma problemática albergando noções de História Cultural e das Mentalidades, Sociologia, Antropologia⁵⁵² e, eventualmente, o produto de uma imersão nas sinuosidades⁵⁵³ da psicanálise junguiana⁵⁵⁴. Relacionados com o carácter alienígena e destruidor da civilização atribuído às forças de Sertório, convergem a proveniência do oceano nas margens do mundo conhecido e a prática do canibalismo. Até aos Descobrimentos⁵⁵⁵, o universo aquoso a ocidente das Colunas de Hércules associa-se, no imaginário popular, à ideia de firmamento do espaço habitado⁵⁵⁶, povoado por elementos maravilhosos como ilhas de pureza ou riqueza, assim como covil do teratismo primordial⁵⁵⁷. O exagero dos números e dimensões físicas das forças de Sertório é o resultado de um temor supersticioso que radica num sentimento de impotência manifestado por uma população autóctone sujeita a uma tutela colonizadora que a desprovera de meios militares próprios, tornando-a dependente das legiões para efeitos de protecção e segurança.

Contrariamente ao precedente modelo de constituição das forças armadas púnicas, os romanos extraem das gentes locais apenas elementos auxiliares às forças provenientes da Itália, requerendo a manutenção da ordem pública, o desarmamento do nativo. Por conseguinte, a componente marcial na sociedade romanizada da Hispânia é constituída por uma elite estrangeira que assume a parte leonina das despesas da condução da guerra.

O controlo sobre as armas permite a criação de um sistema de poder auto-sustentável mesmo quando a importância demográfica da civilização intrusiva é residual relativamente à autóctone. A partir de uma posição centralizante na geografia da Província Ulterior, as legiões dissuadem eventuais expressões de indisciplina da população andaluza por via da ameaça punitiva, assim como asseguram a sua defesa

⁵⁵¹ BOURDIEU, Pierre – *O Poder Simbólico*, Edições 70, Lisboa, 2011.

⁵⁵² RIVIÈRE, *op. cit.*, página 42-43.

⁵⁵³ RIVIÈRE, *op. cit.*, páginas 23-24.

⁵⁵⁴ JUNG, Carl G. - *O Homem e os seus Símbolos*, Editora Nova Fronteira, Rio de Janeiro, 2000.

⁵⁵⁵ Ver BARRETO, Luís Filipe – *Descobrimentos e Renascimento*, Formas de Ser e de Pensar nos Séculos XV e XVI, Lisboa, Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 1983 ; BARRETO, Luís Filipe – *Portugal Mensageiro do Mundo Renascentista*, Quetzal, Lisboa, 1988.

⁵⁵⁶ Strabo, 3, 2, 4.

⁵⁵⁷ CEBALLOS, María Cruz Marín – *La Religión del Mar. Dioses y Ritos de Navegación en el Mediterráneo Antiguo*, SPAL MONOGRAFIAS nº XVI, Eduardo Ferrer Albelda ; M^a Cruz Marín Ceballos ; Álvaro Pereira Delgado (Coord.), Sevilla, 2012, página 9 ; IGLESIAS GIL, José Manuel – “La inseguridad en la navegación: de los fenómenos naturales a las supersticiones y creencias religiosas”, in *La Religión del Mar. Dioses y Ritos de Navegación en el Mediterráneo Antiguo*, SPAL MONOGRAFIAS nº XVI, Eduardo Ferrer Albelda ; M^a Cruz Marín Ceballos ; Álvaro Pereira Delgado (Coord.), Sevilla, 2012, páginas 119-128.

frente a um perigo externo. Durante as décadas de domínio romano, a prosperidade da Turdetânia fora assegurada pela vigília exercida pelo colono sobre as incursões lusitanas ao sul peninsular, tendo-se estas tornado mais rarefeitas com o passar do tempo. A chegada de Sertório ao comando de tropas provenientes do Norte de África na sequência da transposição da barreira atlântica, constitui uma ameaça de natureza extraordinária para os locais, motivo porque lhe são atribuídos os caracteres rocambolescos mencionados por Salústio⁵⁵⁸.

No momento do desembarque de Sertório, as principais forças militares oligárquicas encontram-se sob o comando de Fufídio, antigo *primipilus* que havia ascendido com o favor de Sula até ao presente exercício do governo da “Bética”⁵⁵⁹, provavelmente com o cargo de propretor. Referência do nepotismo agraciando os ultras do regime ditatorial, o arrivista é creditado com a autoria da lista de proscuições⁵⁶⁰. Por seu turno, Salústio qualifica indirectamente esta personagem no discurso proferido por Emílio Lépidio ao povo romano: “*Or is it those who in seeking office were thought less worthy than Fufidius, a vile wench, the degradation of all honours?*”⁵⁶¹

A apreciação extremamente pejorativa deste partidário sulano é corroborada por Plutarco na obra dedicada à biografia do ditador, identificando-o como um bajulador sem carácter, responsável por instigar as atrocidades persecutórias do regime⁵⁶². O estabelecimento do domínio de Sula compreendia a distribuição de cargos públicos e bens confiscados aos proscritos, pelos seus mais fiéis partidários e algozes do tempo da guerra civil na Itália⁵⁶³. O compadrio do ditador constitui um requerimento base para que a pretoria se torne acessível a um ex-centurião⁵⁶⁴. Em que medida resulta também, a sua ascensão, do reconhecimento da competência militar de um homem oriundo das fileiras do exército, constitui uma incógnita. Sobre a proveniência de Fufídio e explicações para o notável exemplo de mobilidade social que protagoniza, ver os aprofundados estudos de Philip O. Spann⁵⁶⁵ e C. F. Konrad⁵⁶⁶.

⁵⁵⁸ Sall., *Hist.*, 1, 98.

⁵⁵⁹ Plut., *Vit., Sert.*, 12, 3.

⁵⁶⁰ Oros., 5, 21, 3.

⁵⁶¹ Sall., *Hist.*, 1, 48, 22.

⁵⁶² Plut., *Vit., Sull.*, 31, 3.

⁵⁶³ Exsu., 34.

⁵⁶⁴ SANTANGELO, Frederico – *Sulla, the Elites and the Empire: A Study of Roman Policies in Italy and the Greek East*, Brill, Leiden, 2007, página 98.

⁵⁶⁵ SPANN, Philip O., “C., L. or M. Cotta and the “Unspeakable” Fufidius: A Note on Sulla’s ResPublica Restitua” in *The Classical Journal*, Vol. 82, No. 4 (Apr. – May, 1987), pp. 306-309.

⁵⁶⁶ KONRAD, C. F., - “Cotta off Mellaria and the Identities of Fufidius”, in *Classical Philology*, Vol. 84, No. 2 (Apr., 1989), University of Chicago Press, 1989.

O emprego, por parte de Salústio, do termo *legionibus* indicia que o exército oligárquico é composto por mais do que uma legião. A típica força da legião pós-mariana situa-se entre 5.000 e 6.000 homens de armas, acompanhados por um grande número de seguidores, escravos e pajens. Considerando uma provável adição ao núcleo itálico-romano de um destacamento de tropas auxiliares hispânicas, Fufídio dispõe de um colectivo que não deve ser inferior a 12.000 homens. Concentrando-se o urbanismo no vale do Guadalquivir e provisionando as riquezas rurais das suas margens⁵⁶⁷ o abastecimento necessário para as grandes reuniões de forças militares, a provável localização do exército de Fufídio consiste na cidade de Córdova⁵⁶⁸.

A velocidade da deslocação da ligeira tropa do caudilho parece apanhar desprevenido o comandante das legiões defendendo a Província Ulterior. Antes que Lúcio Fufídio possa mobilizar as suas forças e deslocar-se ao longo do vale do Guadalquivir de forma a cortar a trajectória ou interceptar em marcha o inimigo, Sertório transpõe, em segurança, a barreira hídrica⁵⁶⁹. A travessia em primeiro lugar para a margem direita do Guadalquivir abre, ao caudilho, o caminho para a Lusitânia⁵⁷⁰. Contudo, porque beneficia agora de uma posição de singular força⁵⁷¹, Sertório decide permanecer no local e aguardar pela chegada atrasada do exército *conservador*.

A vantagem estratégica obtida pela hoste invasora oferece-lhe a possibilidade de cativar uma multiplicidade de benefícios em cada uma das opções que se apresentam ao inimigo. Se Fufídio for compelido pelo atendimento ao clamor público a travar batalha, o terreno favorável concede ao caudilho razoável esperança de obter uma fácil vitória mesmo contra o poder das legiões. O peso do armamento que as torna formidáveis numa batalha campal, pode ocasionar a sua derrocada na difícil operação que consiste transpor um magno curso fluvial em presença e contra a força consolidada do inimigo na margem oposta, definida como objectivo. Se o propretor oligárquico levar em consideração critérios estritamente militares e renunciar a enfrentar a hoste *popular* em condições desvantajosas, o caudilho terá exposto a inércia do seu adversário, intimidado impunemente a população andaluza e acrescido a confiança dos seus próprios homens. O prosseguir do curso sem sofrer dano pelo epicentro do poder *conservador* até à

⁵⁶⁷ Strabo, 3, 2, 3.

⁵⁶⁸ Strabo, 3, 2, 1.

⁵⁶⁹ SPANN, *op. cit.*, página 57 ; SCHULTEN, *op. cit.*, página 76.

⁵⁷⁰ SCHULTEN, A. ; BOSCH GIMPERA, P. ; PERICOT, L. – *Fontes Hispaniae Antiquae*, Fascículo IV. Las guerras de 154-72 a. de J. C., Barcelona, 1937, página 171.

⁵⁷¹ Veg., *Mil.*, 3, 13.

Lusitânia, seria enunciado pela notícia da façanha comprovando o mérito da chefia democrática pelas tribos que almeja estabelecer como suas partidárias⁵⁷².

Deslocando-se pela vertente sul do Guadalquivir a partir de Córdoba, Fufídio vê-se, assim, confrontado com as consequências de ter sido batido na manobra pelo seu rival⁵⁷³. Conforme narra Salústio: “*When Fufidius arrived soon afterwards with his legions, he found that the banks were steep, the ford could not easily be crossed if they had to fight, and everything was more suitable to the enemy than to his men.*”⁵⁷⁴

Neste contexto, a decisão do general sulano em provocar o embate apesar da sua própria leitura táctica intuir fortemente contra a exequibilidade de uma operação anfíbia, deve ser pelo menos em parte atribuída a condicionantes de índole política⁵⁷⁵. Uma das ideias centrais do modelo de domínio romano na Hispânia consiste em utilizar os seus recursos bélicos para demonstrações de poder que possam inibir futuras insurgências contra a autoridade imperial. Preconiza esta doutrina que as populações autóctones se manteriam pacificadas sob a regência provincial, contando que o colonizador assumisse a sua defesa. Eliminar a ameaça que consiste a hoste de Sertório disposta em ostensivo desafio às legiões, pode pôr termo à nascença da rebelião que ameaça expandir-se entre as tribos lusitanas, reconhecimento que intima Fufídio a agir em conformidade mesmo que com a relutância aludida por Salústio⁵⁷⁶.

A necessidade de atender ao temor popular e o desprestígio que representaria, para o governo oligárquico, resumir-se à passividade perante o invasor, constituem sensíveis factores de pressão para que o magistrado provincial assumia o risco da travessia do Guadalquivir. Referenciado como um sicofanta de Sula carecido de apreço no meio social romano⁵⁷⁷, presume-se que Lúcio Fufídio tenta evitar sofrer o ónus público que o comandante inimigo nulificara o poder das superiores forças que comanda, por via da simples primazia na manobra e escolha do terreno. O prepetor sulano sujeita-se, assim, à obrigação de mostrar serviço sem demais perda de estatuto, com a empresa de alto risco que lhe impõem as circunstâncias tácticas adversas⁵⁷⁸. A força de choque das legiões será usada para abrir caminho até à margem oposta onde

⁵⁷² MATYSZAK, *op. cit.*, páginas 64-65.

⁵⁷³ Veg., *Mil.*, 3, 19.

⁵⁷⁴ Sall., *Hist.*, 1, 95.

⁵⁷⁵ SPANN, *op. cit.*, página 57.

⁵⁷⁶ Sall., *Hist.*, 1, 95.

⁵⁷⁷ Oros., 5, 21, 3 ; Plut., *Vit.*, *Sull.*, 31, 3 ; Sall., *Hist.*, 1, 55, 2.

⁵⁷⁸ CLAUSEWITZ, *op. cit.*, página 38.

Sertório situa as suas tropas no ponto de resistência natural que constitui uma encosta pronunciada por detrás de uma linha de água⁵⁷⁹.

A anuência a uma travessia a vau do rio Guadalquivir constitui, muito provavelmente, uma imprecisão de Salústio, dado implicar uma profundidade de leito inferior à estatura de um infante⁵⁸⁰. Desprovidas do apoio de uma obra de engenharia disposta em toda a largura do leito fluvial, as legiões teriam de proceder à travessia num ponto do seu percurso cuja profundidade permitisse a passagem a uma formação de tropas pesadas em ordem de batalha. Apesar de, atendendo à fisionomia desconhecida do grande rio na Antiguidade, não ser possível eliminar a possibilidade de existência de um vau mesmo no seu troço baixo, parece inverossímil essa possibilidade para um exército compreendendo milhares de homens em presença do inimigo.

O registo de Estrabão sobre a navegabilidade do Guadalquivir até Córdoba⁵⁸¹, concorda com o considerável volume de caudal do rio, provido com o fluxo hídrico de uma multiplicidade de afluentes. O intenso tráfico mercantil desenvolvido por embarcações ao longo desta via de comunicação induz-nos a considerar que a tropa de Sertório terá atravessado a linha de água por meio do aluguer ou confisco de embarcações locais.

Apesar de a fisionomia do rio Guadalquivir poder ter variado de forma significativa no decurso de dois milénios⁵⁸², dificilmente podemos reconhecer na conjugação entre uma seca estival e um hipotético assoreamento do leito⁵⁸³, factores capazes de reduzir a profundidade do troço entre Hispalis e Coria del Río⁵⁸⁴, até o tornar transponível para um exército desdobrado para combate. Pelo contrário, tudo indica que o *Baetis* seria bastante mais caudaloso na Antiguidade do que nos nossos dias⁵⁸⁵,

⁵⁷⁹ SCHULTEN, *op. cit.*, página 78.

⁵⁸⁰ Realizado através da avaliação da estrutura óssea de 927 esqueletos recolhidos na Itália, datados entre 500 a.C. e 500 d.C., um estudo da autoria de Geoffrey Kron atribui um metro e sessenta e oito centímetros, como o valor ponderado do comum representante da população itálica adulta masculina para o período da Antiguidade Clássica.” (KRON, Geoffrey – “Anthropometry, Physical Anthropology, and the reconstruction of Ancient Health, Nutrition and Living Standards”, in *Historia: Zeitschrift für Alte Geschichte. Bd. 54. H. 1*, 2005, páginas 68-83, página 72.

Ver: SCHEIDEL, Walter – *Roman population size: the logic of the debate*, Princeton/Stanford University, 2007, página 20).

⁵⁸¹ Strabo, 3, 2, 3.

⁵⁸² FORNELL MUÑOZ, Alejandro – “La navegabilidad del curso alto del Guadalquivir en época romana”, in *Florentina Iliberritana*, n. 8, Granada, 1999, pp. 125-148.

⁵⁸³ FORNELL MUÑOZ, *op. cit.*, 1999, pp. 125-148.

⁵⁸⁴ FORNELL MUÑOZ, *op. cit.*, pp. 125-148.

⁵⁸⁵ Na sua *História Natural*, Plínio (Plin., *HN*, 3, 3) menciona que as cidades de Nebrissa (actual Ecija), apelidada de Veneria, e de Colobona, se situavam entre os estuários do *Baetis* (Guadalquivir).

Ver: CHIC GARCÍA, Genaro – “Roma e el Guadalquivir”, in *El Río Guadalquivir*, J. Rubiales Torrejón (ed.), Junta de Andalucía, Sevilla, 2008, página 4.

constituindo uma grande artéria de transporte de mercadorias e pessoas desde os seus estuários até Córdoba, capital da sediação romana⁵⁸⁶.

Na obra *De Bello Hispaniense*, menciona-se que o rio Guadalquivir era demasiado profundo para ser vadeado pelas legiões de Gaio Júlio César, de forma que o comandante romano recorre à sua transposição por meio de uma ponte formada a partir do afundamento de cestos atulhados com pedras⁵⁸⁷. A operação tem lugar antes da chegada das tropas de Gneu Pompeio, *o Jovem*, que, reconhecendo a importância estratégica desta passagem sobre o curso fluvial, disputa tenazmente com o inimigo o seu controlo. Estes eventos integrando a campanha de 46-45 a.C. ocorrem no segmento do rio adjacente à cidade de Córdoba que, segundo Estrabão⁵⁸⁸, apenas pode ser navegável por barcas, sendo mais estreito e raso do que no local a jusante onde se terão confrontado as hostes de Sertório e Fufídio.

O *Compêndio da Arte Militar* de Flávio Vegécio detalha a forma como os exércitos romanos procediam à travessia de rios. A persecução de um paradigma de adaptabilidade às variadas circunstâncias da guerra, urdira a legião na mais bem sucedida formação militar da Antiguidade. O extremo perigo em que pode incorrer um corpo de tropas incapaz de transpor uma barreira hídrica aquando uma situação de necessidade, determinara que uma parte selecta do adestramento assim como dos métodos de engenharia, seja devotada à resolução dos problemas implicados nesta intrincada manobra.

Tanto os legionários como os cavaleiros, serventes e montadas são exercitados na natação, de forma a estarem aptos a transpor cursos fluviais sem o uso de pontes⁵⁸⁹. O peso do equipamento e bagagem constitui, contudo, um embaraço perante um rio com uma forte corrente ou leito de maior largueza⁵⁹⁰. Nessas circunstâncias, o ímpeto das águas pode ser travado através do emprego de colunas de ginetes como paredões⁵⁹¹, facilitando a passagem aos infantess⁵⁹². Se a profundidade do curso fluvial impedir uma travessia a vau, é ainda possível, caso as margens sejam planas, baixar a linha de água mediante a escavação de fossos de escoamento⁵⁹³.

⁵⁸⁶ Strabo, 3, 2, 1.

⁵⁸⁷ Ps.-Caes., *BHisp.*, 4.

⁵⁸⁸ Strabo, 3, 2, 3.

⁵⁸⁹ Veg., *Mil.*, 3, 7.

⁵⁹⁰ Veg., *Mil.*, 3, 7.

⁵⁹¹ Veg., *Mil.*, 3, 7.

⁵⁹² Caes. *Bellum Civile*, 1, 62.

⁵⁹³ Caes. *Bellum Civile.*, 1, 61.

A travessia de cursos fluviais navegáveis é tipicamente realizada através da construção de pontões composta por embarcações acopladas⁵⁹⁴. No caso de rios de menor caudal, pode ser improvisada uma passarela a partir de pranchas suportadas pela fixação de estacas ou pipas interligadas e cobertas por traves⁵⁹⁵. O método mais comum para a engenharia romana consiste na utilização de *monoxyli*, canoas fabricadas a partir de um único tronco de madeira muito leve, sobre as quais podem ser pregadas tábuas⁵⁹⁶.

Nenhuns destes procedimentos parecem praticáveis no cenário de confrontação no Guadalquivir, no contexto do qual o exército *conservador* de Lúcio Fufídio enfrenta um inimigo já posicionado na margem contrária. Qualquer construção disposta ao longo de toda a largura do caudaloso rio, determina que um fogo de projecteis se irá primeiro concentrar nos sapadores e depois na própria coluna de assalto, incumbida com a tarefa de estabelecer uma testa-de-ponte através do ganho de terreno frente à união das forças defensoras.

Neste enquadramento, apenas uma operação anfíbia de transporte de tropas em embarcações deve ser considerada como concordante com a natureza e exigência do desafio que enfrentam as tropas do propretor da Citerior. Os navios mercantes que cruzam as águas do Guadalquivir⁵⁹⁷ podem ser para esse fim requisitados, prática comum nas deslocções marítimas e fluviais dos exércitos romanos⁵⁹⁸. Este recurso decide Lúcio Fufídio a lançar as suas forças ao encontro do inimigo, mas a influência disruptiva do obstáculo aquoso sobre a dinâmica e organização da compacta hoste oligárquica, parece consistir um elemento decisivo para o resultado da batalha.

A coordenação de movimentos que confere às legiões o poder de uma diversidade de opções tácticas, terá sido vigorosamente embaraçada pelas circunstâncias adversas impostas pelo terreno, determinando a futilidade das suas tentativas para forçar a linha defensiva que o caudilho *popular* sedimentara na vertente setentrional do Guadalquivir.

Os pormenores da luta são desconhecidos, apesar das 2,000 perdas sofridas pelos *conservadores* na tentativa fracassada de transposição do Guadalquivir serem precisadas

⁵⁹⁴ Caesar, *B Civ.*, 1, 61 ; Polyb., *op. cit.*, 3, 66.

⁵⁹⁵ Veg., *Mil.*, 3, 7.

⁵⁹⁶ Polyb., 3, 63 ; 3, 66 ; Veg., *Mil.*, 3, 7.

⁵⁹⁷ CHIC GARCÍA, Genaro – “El tráfico por el Guadalquivir y el transporte de las ánforas”, in *Anales de la Universidad de Cadiz*, Servicio de Publicaciones de la Universidad de Cadiz, 1984, pp. 33-44.

CHIC GARCÍA, Genaro – “Roma e el Guadalquivir”, in *El Río Guadalquivir*, J. Rubiales Torrejón (ed.), Junta de Andalucía, Sevilla, 2008, pp. 197-201.

⁵⁹⁸ Liv., 29, 24, 9.

por Plutarco⁵⁹⁹. Os elementos literários e a topografia do local sugerem que a tentativa das legiões em transpor o rio e conquistarem através da imposição do peso das suas armas a margem oposta à mais ligeira tropa hispânica, resulta numa multiplicação de perdas sem sensível réplica. O hipotético cenário do recontro parece genericamente corresponder à consequência salientada por Vegécio de se atacar um inimigo escorado numa íngreme encosta⁶⁰⁰.

As forças oligárquicas soçobram de forma lastimosa na tentativa de realização de um conjunto de dificultosas tarefas que, podemos conjecturar, incluem: a travessia de toda a largura do rio em embarcações concebidas para transporte de mercadorias; exposição aos projecteis lançados pelo inimigo na aproximação à margem oposta; desembarque fragmentário de legionários a partir de diversos navios; formação das tropas concentradas nos pontos de saída; alinhamento das unidades numa frente conexas; ganho de espaço através de uma marcha em diante para que adicionais contingentes possam apoiar a vanguarda; subida de uma encosta⁶⁰¹ sob pressão do tiro e contra a resistência firme ou revezada dos seus defensores.

Fruto de uma conformidade ao risco de embate tático na sequência da exibição de completa superioridade no exercício de generalato por parte de Sertório, a batalha do Guadalquivir resulta num vexame para a convicção da superioridade marcial romana, que despedaça o espírito, mais ainda do que diminui os efectivos, do exército de Fufídio, incapacitando-o para o empreendimento de adicionais combates. A vitória retumbante do caudilho sobre um inimigo mais poderoso em número e melhor armado, sinaliza a forma como o astuto uso das condições ambientais pode praticamente garantir a vitória na antecâmara do confronto.

O fracasso da hoste romana motiva um pedido de urgente auxílio⁶⁰² a Lúcio Domício, propretor⁶⁰³ da Província Citerior⁶⁰⁴. Desconhecemos, contudo, qual o efectivo préstimo deste magistrado. O abandono do espaço campesino por motivo do

⁵⁹⁹ Plut., *Vit., Sert.*, 12, 3.

⁶⁰⁰ Veg., *Mil.*, 3, 13.

⁶⁰¹ Sall., *Hist.*, 1, 108.

⁶⁰² Sall., *Hist.*, 1, 96.

⁶⁰³ Plutarco (Plut., *Vit., Sert.*, 12, 3) identifica-o como procônsul da Província Citerior, mas parece constituir um equívoco do biógrafo. Com efeito, os cônsules nominais (o poder de facto era detido por Sula) no ano de 81 a.C. (que poderiam ter sido destacados para a Península Ibérica no ano seguinte) são Marco Túlio Décula e Gneu Cornélio Dolabela.

⁶⁰⁴ CADIOU, François ; MORET, Pierre – “Rome et la Frontière Hispanique à L’*époque Républicaine* (II-I S. AV. J.-C.)”, in Chr. Velud (Ed.), *Empires et Etats nationaux en Méditerranée: la frontière entre risque et protection*. Actes du colloque international (Le Caire, 6-8 juin 2004), Le Caire, Presses de l’IFAO, página 7.

encerramento das legiões vencidas nos seus baluartes urbanos tem, por resultado imediato, a fuga em massa de população. A acção das autoridades *optimates* parece delongar-se no atenuar do terror que se apodera dos habitantes do sudoeste andaluz, há muito acomodados ao sedentarismo da rotina agrícola⁶⁰⁵.

A notícia destas nefastas ocorrências, consciencializa o poder central do regime sulano da necessidade de destacar uma liderança proconsular para atender à crise⁶⁰⁶. Em poucos meses, a Hispânia transmutara radicalmente de importância: de uma plataforma provincial acolhendo as forças que haviam forçado o resquício do movimento *popular* a procurar refúgio na periferia do mundo conhecido assume, doravante, a condição de anfiteatro de guerra onde se decidirá o destino da colectividade romana e, por inerência, da geopolítica mediterrânica⁶⁰⁷.

Enquanto as autoridades *conservadoras* se debatem com os efeitos resultantes do completo e inesperado êxito obtido pelo seu rival no primeiro choque contra as legiões, Sertório procede a sua marcha em direcção à Lusitânia. A ligação ao território que constituirá a base para a expansão do seu poder pela Península Ibérica, deve realizar-se através da travessia da Serra Morena, tomando a direcção do noroeste pelo actual Alentejo ou subindo pelo ocidente mesetano, até atingir o âmago do estabelecimento lusitano nas Beiras. A fama de justeza do governo exercido no ano prévio, a continuidade do cargo de procônsul de que reclama a legitimidade contra a usurpação sulana, a chefia carismática e mestria nas artes bélicas, as lesões corporais testemunhando tarimba na guerra, compõem a mística de que depende o comandante *popular* para se fazer aceitar entre os autóctones.

4.1.5 – A Lusitânia.

Finisterra do mundo romano até ao principado de Octaviano, a Lusitânia⁶⁰⁸ consiste numa superfície geográfica de delimitação imprecisa devido ao facto de as suas fronteiras não coincidirem, antes do governo provincial, com uma zona administrativa, correspondendo ao espaço ocupado por um povo de raiz céltica com uma forte tradição

⁶⁰⁵ Sall., *Hist.*, 1, 97.

⁶⁰⁶ Veg., *Mil.*, 3, 1.

⁶⁰⁷ ROLDÁN, J., “La guerra civil entre Sertorio, Metelo e Pompeyo (82-72 a.C.)”, in *Historia de España Antigua, II. Hispania Romana*, J. M. Blázquez (Ed.), Cátedra, Madrid, 1978, páginas 113-120.

⁶⁰⁸ CONSIGLIERI, Carlos ; ABEL, Marília – *Os Lusitanos no Contexto Peninsular*, Editorial Caminho, Lisboa, 1989.

pastoril transumante⁶⁰⁹. Não obstante, a região referente tem sido balizada entre os rios Douro e Tejo, desde o Oceano Atlântico até à actual comunidade autónoma da Extremadura⁶¹⁰ e parte da província de Salamanca⁶¹¹. As populações que a habitam distinguem-se pela defesa indómita do seu arcaico modo de vida tribal e campestre relativamente às novidades trazidas pelas civilizações mais evolucionadas do oriente⁶¹². De entre o conjunto dos autóctones peninsulares cuja submissão significou, para as legiões romanas, cerca de dois séculos de investimentos sucessivos no contexto dos quais os progressos se intercalaram com copiosas perdas e inusitadas humilhações⁶¹³, os Lusitanos haviam oposto a mais tenaz resistência⁶¹⁴.

Sob a chefia de Viriato, o êxito das armas indígenas permitira-lhes dar prosseguimento à defesa do seu solo natal com a aplicação de um belicismo guerrilheiro de cariz ofensivo que os conduziu a decididas incursões em territórios já integrados no império romano⁶¹⁵. O malogro de sucessivas empresas contra este adversário temível, forçou os oficiais romanos que o enfrentaram a recorrer aos mais ímpios procedimentos na esperança de o eliminar. A traição e assassínio de Viriato deixou um vazio⁶¹⁶ na liderança supra-tribal lusitana⁶¹⁷ que permitiu a Roma exercer um controlo à distância sobre o distúrbio indígena por via da ameaça pendente de expedições punitivas⁶¹⁸.

Na campanha empreendida em 138-136 a.C., Décimo Júnio Bruto Calaico subjogou toda a Lusitânia numa expedição que atingiu o rio Minho, situado já em território dos Calaicos, feito que lhe mereceu o seu *cognomen*⁶¹⁹. Apesar das fontes literárias não mencionarem a constituição de uma nova aliança de armas alargada entre as tribos lusitanas no decurso de mais de meio século compreendendo a morte de

⁶⁰⁹ GUERRA, Amílcar ; FABIÃO, Carlos – “Viriato: Genealogia de um Mito”, in *Penélope. Fazer e desfazer a História*, HESPANHA, A. M. (Dir.), nº 8, Edições Cosmos, Lisboa, 1992. página 12.

⁶¹⁰ Compreendendo as províncias de Cáceres e Badajoz.

⁶¹¹ GUERRA, Amílcar – “A propósito dos conceitos de “Lusitano” e “Lusitânia”, in *Palaeohispica 10*, 2010, pp. 81-98, página 84 ; MARTÍN, Julián de Francisco – *Conquista e Romanización de Lusitania*, Ediciones Universidad Salamanca, 2ª edición, 1996, página 57.

⁶¹² RODRIGUES, Adriano Vasco – *Os Lusitanos. Mito e Realidade*, Academia Internacional da Cultural Portuguesa, Lisboa, 1998, página 31.

⁶¹³ CAGNIART, Pierre – “The Late Republican Army (146-30 BC)”, in *A Companion to the Roman Army*, (Paul Edkamp Ed.), Blackwell Publishing Ltd, 2007, página 81.

⁶¹⁴ Strabo, 3, 152, 3.

⁶¹⁵ MARTÍN, *op. cit.*, página 66.

⁶¹⁶ Segundo Apiano (App., *Hisp.*, 75), após a morte de Viriato, o seu exército escolhe Tântalo como chefe. O comando é, contudo, de curta duração. No seguimento de uma expedição fracassada dirigida contra Sagunto, os Lusitanos são forçados a renderem-se e aceitar a condição de súbditos de Roma.

⁶¹⁷ Plut., *Vit.*, Sert., 10, 1.

⁶¹⁸ MATTERN, Susan P. – “Counterinsurgency and the Enemies of Rome”, in *Makers of Ancient Strategy. From the Persian Wars to the Fall of Rome*, Victor Davis Hanson (Ed.), Princeton University Press, Princeton and Oxford, 2010, página 167.

⁶¹⁹ Strabo, 3, 152,1-4.

Viriato e o início da Guerra Sertoriana, vários indícios contribuem para favorecermos a ideia de que, apesar de formalmente sob o domínio de Roma, o ocidente peninsular encontra-se longe de pacificado⁶²⁰. Em conjugação com o carácter absentista do exercício do poder por parte dos magistrados romanos sediados em Córdova, as décadas que antecedem o conflito em estudo nesta tese são caracterizadas por um “clima de instabilidade”⁶²¹ num território de fronteira. Júlio Obsequens menciona, inclusive, o massacre de um exército romano pelos Lusitanos no ano de 105 a.C.⁶²², deixando implícita a ocorrência de incursões dos sublevados autóctones para aquém da linha do Guadiana, até à sua derrota em 101 a.C. e restauração da ordem na Província Ulterior.

Os *Fasti Triumphales*, publicados em 12 a.C., contendo a lista dos triunfos desde a fundação de Roma até ao principado de Octaviano, comprovam a necessidade do envio para o ocidente hispânico de magistrados com mandatos proconsulares. Em função de acções militares decorridas neste território é celebrado, em Roma, no ano de 107 a.C., o triunfo de Quinto Servílio Cepião, o filho⁶²³, provável fundador da cidade de Caepiana⁶²⁴, localizada na península de Setúbal⁶²⁵. Vitórias alcançadas, especificamente, sobre os Lusitanos, em iniciativas que, podemos presumir, conduziram as legiões até ao seu território residente a norte do rio Tejo, granjeiam a Lúcio Cornélio Dolabela⁶²⁶ (98 a.C.) e a Públio Licínio Crasso⁶²⁷ (93 a.C.), direito às honras do triunfo na Cidade Eterna.

⁶²⁰ MARTÍN, *op. cit.*, páginas 71-72.

⁶²¹ GUERRA, Amílcar - “*Caepiana*: uma reavaliação crítica do problema da sua localização e enquadramento histórico”, in *Revista Portuguesa de Arqueologia*, volume 7, número 2., 2004, p. 222-223.

⁶²² OBSEQUENS, *Book of Prodigies*, Loeb Classical Library, 1980, 42.

⁶²³ (*Q. Servilius Cn.f.Cn.n.*) Cepião, pro(consul, da Hispânia Ulterior).

⁶²⁴ A toponímia de *Caepiana* deixa-nos na incerteza sobre se o seu fundador foi o procônsul de 109 a.C., ou o seu pai e homónimo, vencedor de Viriato por via de assassínio. Amílcar Guerra favorece a primeira das hipóteses com base nos seguintes argumentos: “É provavelmente neste contexto de instabilidade que decorrem as acções de Q. Servílio Cepião, o filho, nos anos de 109 e seguintes, que lhe valeram o direito de celebrar o triunfo em Roma.

A incursão que explica a existência de uma Caepiana no extremo Ocidente peninsular justificar-se-ia bem nesta situação e, ao contrário, poderia parecer demasiado aventureira para um general romano cerca de 30 anos antes.” (GUERRA, *op. cit.*, páginas 222-223).

⁶²⁵ “Na tabela ptolemaica, *Caepiana* apresenta-se como a que possui, no quadro das suas congéneres, uma posição mais ocidental, a par de *Mirobriga*, e é, ao mesmo tempo, uma das mais setentrionais, apresentando-se acima dela apenas a cidade de *Langobriga*. Quando se toma o conjunto da informação geográfica do autor alexandrino, pode constatar-se que a localidade em análise se apresenta um pouco mais a norte do *Barbarium promontorium* e ligeiramente mais a sul que *Olisipo* e a foz do Tejo.

Nestas circunstâncias, percebe-se facilmente porque razão as atribuições tradicionais se inclinaram preferencialmente para a “península de Setúbal.” (Ibidem).

⁶²⁶ *L. Cornelius P.f.L.n. Dolabella*, procônsul, da Hispânia Ulterior sobre os *Lusitani*.

⁶²⁷ *P. Licinius M.f.P.n. Crassus*, procônsul, sobre os *Lusitani*.

A guerra civil grassando na Itália para depois se alastrar pela Hispânia ocasiona um interregno no processo de submissão gradativa das tribos lusitanas, razão porque se decidem estas a concertar os seus desígnios e recursos sob uma chefia estrangeira de forma a poderem usufruir do conflito entre as facções romanas, antes da clara vantagem sulana se converter numa vitória completa sobre os restos do movimento *popular*⁶²⁸. Um acordo com Sertório enforma o táctil benefício de facultar, aos contingentes nativos de que carece para a almejada revolta contra o regime sulano, a liderança inspirada que os Lusitanos desconhecem desde Viriato.

O caudilho rapidamente sobrepuja as expectativas de quem o convocara, contando que o seu carisma e conhecimento pudessem fomentar uma união de armas acima das rivalidades fraticidas, convertendo os pequenos *raides* fronteiriços na ofensiva de um verdadeiro exército contra o poder *conservador*. Esta convergência de interesses mantém-se em vigor mesmo quando as vitórias do chefe *popular* o impulsionam para territórios da Hispânia central e oriental. Ao invés de se ver forçado a perseguir um projecto de âmbito mediterrânico alheio ao seu imediato ganho, o núcleo de forças lusitanas integrando os exércitos sertorianos permanecerá, sob o comando de Lúcio Hirtuleio, tenente de Sertório, em campanha contra as legiões defendendo a Província Ulterior.

Difícilmente se poderá considerar que os vários povos hispânicos que participam na Guerra Sertoriana se deixaram equivocar com o papel que lhes é consagrado nos verdadeiros motivos da luta do *condottiere*. Não desconheciam, os embaixadores lusitanos que contactam Sertório no seu desterro norte-africano, que o abrandamento do ritmo da conquista romana se deve, sobretudo, a uma miríade de factores de fraqueza conjuntural. Uma vez sedimentado o regime *conservador*, o resquício da sua autonomia conhecerá um provável término, conforme de facto ocorre duas décadas após o início da Guerra Sertoriana⁶²⁹. Apoiar a facção *mariana* consiste, por conseguinte, no meio mais eficaz de contribuir para o conflito no seio do inimigo romano e, dessa forma, prolongar o *status quo* na Lusitânia. Na eventualidade de uma vitória *popular*, as aspirações autóctones resumem-se à expectativa de um governo mais justo e benevolente do que o proverbial abuso romano na Península Ibérica, semelhante àquele que exercera Sertório durante os anos de 83 a.C. a 81 a.C.⁶³⁰.

⁶²⁸ App. B Civ., 1, 101.

⁶²⁹ Plut., Vit., Sert., 10, 1.

⁶³⁰ MATYSZAK, op. cit., página 63.

4.1.5.1 - Geografia da Lusitânia.

Uma rigorosa aferição dos traços distintivos das diferentes tribos e clãs que ocuparam o espaço lusitano constitui, devido às generalizações e imprecisão das referências escritas que integram o labor clássico do historiador⁶³¹, uma tarefa conjunta com as metodologias reconstrutivas da arqueologia, da etnologia⁶³² e da linguística⁶³³. A influência do meio configura a base das assimetrias que se reconhecem no *modus vivendi* entre os agrupamentos aglutinados na denominação comum de Lusitanos. O cruzamento entre a geografia física e humana permite subdividir o território da Lusitânia em três parcelas distintas, a partir do tracejar de linhas longitudinais:

1 - uma orla costeira, de ameno clima mediterrânico, caracterizada pela facilidade de comunicações e sediação da escassa urbanidade num universo tribal⁶³⁴. Através deste território desenvolve-se parte fundamental do trânsito humano e de produtos entre o sudoeste e noroeste peninsulares. Estrabão salienta a importância dos numerosos cursos fluviais que, sucedendo-se em paralelos de oriente para ocidente, irrigam os campos adjacentes e permitem a navegação entre o interior e o mar⁶³⁵. Os recursos oferecidos por estes rios estabelecem uma ligação íntima com a subsistência das principais comunidades castrenses assentes nas suas margens⁶³⁶. Contudo, a fertilidade da região atlântica aludida pelo autor helenístico, poderá constituir um anacronismo para épocas anteriores à romanização⁶³⁷, dada a importância da pastorícia no modelo produtivo lusitano.

2 - uma área nuclear coincidindo com o interior beirão e o nordeste alentejano, no contexto da qual a Serra da Estrela representa o bastião emblemático da resistência a Roma. A sociedade de base aristocrática que reconhece no valor exibido em combate,

⁶³¹ RIVIÈRE, *op. cit.*, página 121.

⁶³² RIVIÈRE, *op. cit.*, página 19.

⁶³³ “No estado actual dos nossos conhecimentos, ainda que se possa aceitar, por comodidade e tradição, a designação de “lusitano” para a língua de uma região e ao mesmo tempo para os seus vestígios epigráficos, há que ter a consciência que essa realidade linguística deve ser autónoma das designações de natureza étnica que os textos clássicos e a historiografia actual utilizam.” (GUERRA, Amílcar – “A propósito dos conceitos de “Lusitano” e “Lusitânia”, in *Palaeohispica 10*, 2010, pp. 81-98, página 96).

⁶³⁴ Strabo, 3, 3, 3.

⁶³⁵ Strabo, 3, 3, 4.

⁶³⁶ ALONSO SÁNCHEZ, Angela ; CÁCERES, Enrique Cerrillo m. ; FERNÁNDEZ CORRAES, José M. - “Tres ejemplos de poblamiento rural romano em torno a ciudades de la vía de la plata: *Augusa Emerita, Norba Caesarina Y Capara*”, in *Les Campagnes de Lusitanie Romaine. Occupation du sol et habitats*, Casa de Velázquez, Ed. Universidad Salamanca, Madrid-Salamanque, 1994, página 70.

⁶³⁷ RODRIGUES, *op. cit.*, página 165.

um dos principais critérios de destrição hierárquica contém, no modo de vida nestas paragens medulares, os traços que se associam ao arquétipo do guerrilheiro lusitano⁶³⁸. O seu relevo montanhoso constitui um poderoso obstáculo para o método operativo das legiões romanas, devido às dificuldades que lhes coloca a nível logístico, de reconhecimento e mobilidade. A partir das encostas acompanhando os vales dos rios por onde melhor se penetra no âmago deste território, os autóctones disfrutaram de abundantes oportunidades para as emboscadas⁶³⁹ de que são expertos.

3 – o planalto mesetano da actual Extremadura espanhola, com um clima continental peninsular caracterizado por elevadas temperaturas estivais e uma considerável amplitude térmica entre estações. Da ocupação humana do espaço, destaca-se a miscinização entre os Lusitanos e os seus aliados Vetões, povo cuja presença se estende até à Meseta central, zona de fronteira com os Celtiberos. Com uma paisagem caracterizada por extensas áreas de sequeiro favorecendo uma actividade económica assente na pecuária, a baixa pluviosidade dificulta o acesso de um exército invasor numeroso a adequado abastecimento hídrico⁶⁴⁰.

A caracterização da ambiência lusitana é comumente reduzida, nas fontes helenísticas e latinas de que dispomos, a estereótipos no contexto dos quais sobressaem os rituais e crenças primitivas, a intrepidez do guerreiro e a prática endémica da rapina⁶⁴¹. A importância da pastorícia na economia desta sociedade sugere a deslocação frequente entre terrenos de pastagem, de acordo com a prática de um regime de migração estacional. Os castros beirões testemunham, contudo, um certo grau de fixação à terra e um tipo de povoamento de alguma densidade devido às necessidades de defesa numa ambiência de rivalidades inter-tribais⁶⁴².

Um dualismo estabelece-se, por conseguinte, na mesma comunidade, entre uma componente sedentarizada, praticando uma agricultura de importância complementar à criação animal, e outra que se desloca com o gado, fonte de alimentação primordial neste sistema⁶⁴³. Os membros mais válidos da sociedade lusitana são, todavia, canalizados para um terceiro nível de actividade: o bandoleirismo⁶⁴⁴.

⁶³⁸ Strabo, 3, 3, 2 ; 3, 3, 5 ; 3, 3, 8.

⁶³⁹ Cass. Dio, 52-53.

⁶⁴⁰ SCHULTEN, *op. cit.*, página 84.

⁶⁴¹ QUESADA SANZ, *op. cit.*, página 26.

⁶⁴² RODRIGUES, *op. cit.*, página 43.

⁶⁴³ RODRIGUES, *op. cit.*, página 36.

⁶⁴⁴ RODRIGUES, *op. cit.*, página 36 ; BARRETT, John C. – “Historical Archaeology and Text”, in *Archaeology. The Key Concepts*, Colin Renfrew & Paul Bahn (Eds), Routledge, Lond & Newy York, 2005, páginas 143.

O prestígio adquirido pela participação na defesa do castro ou na protecção das manadas, empalideceria com a distinção atribuída ao audaz aventureiro deslocando-se em expedições de longa distância até ao coração das comunidades meridionais, para lhes saquear as riquezas que ostentará diante dos seus por ocasião do regresso ao lar⁶⁴⁵. Na sociedade guerreira lusitana, a fórmula básica para a estima do mérito pessoal, discorre do binómio entre a capacidade para defender a própria vida⁶⁴⁶, com o exemplo de arrojo, sabedoria e carisma que agremie outros em torno de uma liderança⁶⁴⁷.

O enaltecimento da identidade étnica, a exibição de masculinidade, os laços de camaradagem em contexto grupal, a afirmação do estado de adulto através da prova de coragem em combate, integram alguns dos caracteres da ambiência hispânica que transformam a guerra numa actividade endémica⁶⁴⁸. A cultura lusitana⁶⁴⁹ deixa bem expresso o valor militar que dela pode ser extraído por um condutor de homens que seja capaz converter o elemento tribal num soldado disciplinado⁶⁵⁰. As possibilidades oferecidas por este guerrilheiro do ocidente peninsular aos excelsos talentos de comando de Sertório, transforma-o num recurso que supera os melhores anseios de um exilado no Norte de África.

4.1.5.2 - O guerreiro lusitano: o armamento, a guerra de guerrilha.

O temível oponente das legiões romanas que se coloca sob a chefia de Sertório, pode melhor ser descrito como o somatório das perícias e talentos de um batedor, escaramuçador e duelista. O ágil guerrilheiro hispânico opera com um máximo de proficiência em paragens de difícil acessibilidade para as hostes legionárias, revelando-se adepto de um belicismo assente em emboscadas realizadas a partir de esconderijos capazes de lhe garantir um condigno campo de tiro ou impulso para uma súbita carga⁶⁵¹.

Dotado com a aptidão para seguir a bom ritmo no trilho de uma presa, o batedor lusitano reconhece com facilidade o paradeiro das unidades romanas e frequentemente antecipa os seus movimentos. A sua capacidade para encontrar e armazenar⁶⁵² os

⁶⁴⁵ Diod. Sic., 5, 34, 4-7.

⁶⁴⁶ SHULTEN, *op. cit.*, página 81.

⁶⁴⁷ QUESADA SANZ, *op. cit.*, página 28.

⁶⁴⁸ SILVA, Luís – *Viriathus : and the Lusitanian Resistance to Rome 155-139 BC*, Pen & Sword Military, South Yorkshire, 2013, página 11.

⁶⁴⁹ Strabo, 3, 3, 7.

⁶⁵⁰ Diod. Sic., 5, 34, 3.

⁶⁵¹ Strabo, 3, 3, 6.

⁶⁵² Strabo, 3, 3, 7.

elementos básicos para a sobrevivência mesmo nas mais selvagens e inóspitas estâncias, permite-lhe uma autonomia prolongada longe das suas bases castrenses, sobretudo quando a guerrilha se subdivide em pequenas unidades fraccionárias. A tradição de rapina e o desejo aventureiro de realizar expedições até locais distantes das suas zonas de ocupação tribal, confere a estas tropas o conhecimento experimentado sobre uma extensa cartografia. Os bandoleiros lusitanos sabem como garantir o usufruto dos recursos proporcionados pela fauna e flora⁶⁵³, assim como quais os locais onde se pode provocar a luta em condições vantajosas.

O pelejador indígena distingue-se pela velocidade de deslocação em terreno difícil, leitura dos sinais do ambiente e acção humana nele impressos, assim como habilidade para subsistir por longos períodos distante dos grémios populacionais a partir do que colecta da natureza⁶⁵⁴. A estas faculdades, une o da camuflagem que lhe permite movimentar-se nas sombras para além dos sentidos de percepção do inimigo e ocultar-se onde melhor lhe convém⁶⁵⁵.

Acostumado à fustigação dos elementos naturais pelo hábito de uma vida passada sobretudo ao ar livre⁶⁵⁶, possui o beligerante hispânico um sentido agudo para prever e reagir ao perigo com uma versatilidade de soluções práticas e sagazes. Movimentando-se com celeridade e dissimulação por terreno de difícil acessibilidade para tropas pesadas, pode resguardar-se nos lugares mais alcantilados, surpreender o inimigo quando este menos espera e escapar após ter desferido o seu golpe⁶⁵⁷.

Conhecedor do espaço, capaz de usar com proficiência a natureza para nela se dissimular e dotado com grande fugacidade de movimentos, o batedor indígena é exímio em espiar a operância convencional das legiões romanas em busca por pontos de fraqueza. A proverbial coragem do lusitano não se revela na precipitação do furioso assalto frontal como na cultura gálica, mas nas durezas a que sujeita o seu corpo e mente de forma a garantir o desfrute de uma posição táctica de vantagem, quando chegado o momento para acometer sobre a presa.

A forma de luta e o tipo de equipagem que enverga um combatente são, comumente, a directa correspondência dos aspectos mais salutareis da sociedade que o produz. O afeiçoamento da marcialidade a uma geografia de solos pobres e de relevo

⁶⁵³ Strabo, 3, 3, 7.

⁶⁵⁴ Strabo, 3, 3, 7.

⁶⁵⁵ Diod. Sic., 5, 34, 7.

⁶⁵⁶ Strabo, 3, 3, 7.

⁶⁵⁷ Diod. Sic., 5, 34, 5.

acentuado, determinou que o valor da guerrilha lusitana se decompsesse mais em função dos atributos típicos de um batedor e escaramuçador⁶⁵⁸, do que dos de um soldado de linha integrando uma compacta formação militar⁶⁵⁹.

As fontes salientam a ampla mobilidade dos grupos de bandoleiros que, provenientes das regiões montanhosas da Lusitânia, se lançam sobre as zonas mais ricas da Hispânia. Reflectindo esse espírito de rapina, a sua equipagem é ligeira, compreendendo couraça de linho⁶⁶⁰ e um elmo fabricado a partir de tendões de couro endurecido. Segundo Estrabão⁶⁶¹, os Lusitanos envergam espessos mantos sobre vestes escuras, indumentária que providenciaria adicional protecção corporal, abrigo contra os elementos naturais e eficiência na camuflagem.

Dependendo sobretudo dos seus apurados reflexos para se desviar de um golpe, a panóplia defensiva do guerrilheiro limita-se a um pequeno escudo circular, côncavo na frente de forma a melhor fazer resvalar um projectil ou golpe de *melee*, podendo também ser usado como uma arma⁶⁶². O broquel é empunhado através de uma pega de metal e tipicamente suspenso durante a marcha por duas correias presas ao ombro, ou atado ao antebraço de forma a minuir o risco de perda durante o combate⁶⁶³.

Apesar de provido com a mobilidade e ligeireza de um peltasta⁶⁶⁴, o guerrilheiro lusitano transcende os atributos de um comum escaramuçador na letalidade do emprego das suas armas ofensivas, tanto para a luta à distância como quando em contacto com o inimigo. É seu costume transportar vários dardos barbados feitos inteiramente de ferro – *soliferrum*⁶⁶⁵ - cujo alcance e poder de perfuração deviam assemelhar-se aos do temível *pilum*⁶⁶⁶. O uso adequado do terreno a partir de uma posição de emboscada, permite minorar a exposição do guerrilheiro a um contra-golpe, de forma que no duelo de projecteis, a dispersão e ocultação da tropa hispânica confere-lhe a possibilidade de inflingir danos sensíveis a uma concentração de soldados romanos, com um mínimo de perdas.

Neste contexto, o rápido estreitamento da distância em relação aos escaramuçadores de forma a provocar o contacto corporal consiste no melhor

⁶⁵⁸ Strabo, 3, 3, 6.

⁶⁵⁹ SCHULTEN, *op. cit.*, páginas 81-82.

⁶⁶⁰ Strabo, 3, 3, 6.

⁶⁶¹ Strabo, 3, 3, 7.

⁶⁶² FIELDS, Nic - *Carthaginian Warrior 264-146 BC*, Osprey Publishing Ltd, 2010, página 20.

⁶⁶³ Strabo, 3, 3, 6.

⁶⁶⁴ Strabo, 3, 4, 15.

⁶⁶⁵ Diod. Sic., 5, 34, 5.

⁶⁶⁶ QUESADA SAINZ, *op. cit.*, página 114-116.

mecanismo de defesa para o legionário. No domínio da *melee* reside a fraqueza do lusitano em relação ao seu vizinho celtibero: a vantagem no tipo de luta de toca-e-foge que constitui a sua especialidade, é contrabalançada pela dificuldade em suportar um embate duro e prolongado⁶⁶⁷. Por conseguinte, o pelejador do ocidente peninsular permaneceria no seu poiso alvejando os romanos com dardos enquanto o pudesse fazer de forma vantajosa, retirando diante de um avanço legionário.

Os textos antigos⁶⁶⁸ descrevem-nos a execução da típica emboscada⁶⁶⁹ lusitana: o método mais simples consiste em seleccionar um local de passagem na marcha das legiões que lhes imponha particular dificuldade na manobra e desdobramento da frente de batalha⁶⁷⁰. O uso de armas de arremesso com uma combinação de ataques em formação irregular mais apta a adaptar-se ao terreno, pode provocar perdas severas às pesadas tropas romanas, embaraçadas pelo número, arsenal e apego às tácticas formais que as tornam portentosas em campo aberto.

Outra prática usual da guerrilha hispânica consiste em provocar o destacamento fraccionário de forças romanas do seu corpo principal, visando uma oportunidade para acometida debilitante ou mesmo a sua destruição em detalhe. Afligir a logística das legiões pode bastar para coagir o seu comando a uma dispersão de forças facilitando o mencionado objectivo. Os Lusitanos são particularmente expertos em voluntariar o inimigo a lançar-se numa perseguição imprevidente, atraindo a presa através do emprego de uma tropa como engodo, seja pela sua aparente debilidade, exposição, ostensivo desafio ou capacidade para infligir dano à distância. Após um simulacro de resistência, este contingente diversionário bate em retirada até um local selecto para a iniciativa de uma reunião de guerrilheiros que, ocultos em esconderijos, aguardam a oportunidade para se lançarem sobre um adversário apanhado desprevenido e desorganizado pela tentativa de explorar a aparente vitória⁶⁷¹.

No momento oportuno, a revelação dos assaltantes é feita pelo arremesso de projecteis de forma a provocar baixas e difundir o pânico pelas surpresas fileiras legionárias, com a conseqüente carga a proceder-se sob a inspiração dos tradicionais cânticos de batalha nativos. O momento para pôr cobro à chacina chega se o inimigo recuperar a sua compostura e puder adicionar o peso da sua equipagem e método

⁶⁶⁷ Diod. Sic., 5, 34, 5.

⁶⁶⁸ Diod. Sic., 5, 34 ; Frontin. *Str.*, 2, 7.

⁶⁶⁹ Veg., *Mil.*, 3, 22.

⁶⁷⁰ Frontin. *Str.*, 2, 5, 7.

⁶⁷¹ Strabo, 3, 3, 6.

organizado à refrega, visando a retirada dos Lusitanos salvaguardar os seus recursos na perspectiva de reiniciar este ciclo de procedimentos⁶⁷².

A conduta bélica do hispânico distingue-se da exibição de valentia e proeza marcial⁶⁷³ que instiga o guerreiro celta⁶⁷⁴ a carregar em massa sobre os exércitos romanos bem organizados em formação cerrada, tentando extrair troféus individuais de um inimigo perito em coordenar as suas forças em função do interesse grupal. Os desafios intimidatórios e a frontalidade da actuação bélica que conferem estatuto entre os Célticos, transformam o seu confronto sobretudo num teste à resolução romana⁶⁷⁵. Porque o comedimento exterioriza pejo numa cultura tribal em que se almeja reconhecimento por ostensivas façanhas na guerra, a avalanche bárbara sobre as legiões não considera tácticas nem subtilezas que doseiem a bravata⁶⁷⁶.

A disposição em *triplex acies* parece consistir num sistema concebido para fazer esgotar a ferocidade céltica numa sucessão de embates frontais contra o sólido equipamento defensivo legionário, antes da oportuna entrada em luta de tropas frescas mantidas em reserva, garantir um reforço de meios nos pontos nevrálgicos da linha de batalha⁶⁷⁷. O massacre de exércitos constitui um resultado nominal neste tipo de combate opondo o anseio por glória do bárbaro contra a mecânica organizada dos exércitos romanos.

A repetida execução de operações de guerrilha tem por objectivo, para além de infligir efectivas baixas, extenuar física e psicologicamente o legionário romano. A arteira forma de luta do hispânico assente na falsa retirada, no uso do terreno, na acometida sobre destacamentos e na perturbação da logística, resulta num sério desafio para legiões formatadas para obter valência num embate em grandes números. A mobilidade do nativo num amplo espaço operacional carecido de recursos alimentícios, contrapõe-se ao peso formal dos exércitos da civilização intrusiva de forma a conceder-lhe benefício mesmo nas pausas da escaramuça⁶⁷⁸. Complementando estas faculdades, o hispânico está provisionado com algumas das mais mortíferas armas de *melee* do mundo antigo, enquanto sacrificando robustez na protecção corporal por uma defesa confiada ao uso da argúcia e ágeis reflexos de que depende um bandoleiro.

⁶⁷² Diod. Sic., 5, 34.

⁶⁷³ Diod. Sic., 5, 29, 2-4.

⁶⁷⁴ ALLEN, Stephen ; REYNOLDS, Wayne – *Celtic Warrior 300 BC-AD 100*, Osprey, Oxford, 2001.

⁶⁷⁵ Diod. Sic., 5, 30-31.

⁶⁷⁶ Strabo, 4, 4, 2.

⁶⁷⁷ Veg., *Mil.*, 3, 18.

⁶⁷⁸ Strabo, 4, 4, 2.

Para a luta a curta distância, o lusitano dispõe do célebre *gladius hispaniensis*⁶⁷⁹, espada de dois gumes de alta qualidade adoptada como arma standardizada pelo soldado romano em data incerta, provavelmente precedendo as guerras púnicas⁶⁸⁰. O uso da mesma espada curta de estoque⁶⁸¹, sinaliza o fim das similaridades na peleja entre os dois tipos de guerreiro, por motivo da importância atribuída ao outro elemento de manuseio. Peça de importância fulcral para a defesa da vida do legionário, o *scutum* cobre a maior parte do seu corpo⁶⁸² e condiciona fortemente a mobilidade e gestos do seu portador. Uma sequência de movimentos reproduzida até à obsessão no severo regime de adestramento romano⁶⁸³, permite sustentar a acometida de um adversário com o escudo, para de seguida desferir um golpe frontal directo ao seu abdómen, peito ou face com a ponta da lâmina⁶⁸⁴.

Esta cadência procedimental constitui a prática rotineira do legionário em batalha diante dos adversários de mais elevada estatura e corpulência do mundo gálico e germânico. Contra as falanges do oriente helenístico, o gládio provou ser também mortífero quando empregue como uma arma de talhe. A comum tática de abrir brechas entre os infantes em formação cerrada por via da infiltração individual do legionário, converte a lâmina de dois gumes num instrumento temível contra os homens que, empunhando piques com as duas mãos⁶⁸⁵, se veem reduzidos a uma situação de grande desvantagem num combate corporal.

O treino regular recebido pelo legionário vocacionado para enfrentar inimigos mais possantes ou comprimidos nas fileiras de uma falange revela-se, contudo, desadequado contra o guerrilheiro peninsular, por motivo da sua invulgar agilidade. O transporte do pesado *scutum* e armadura corporal, constituem embaraços para a tentativa de forçar o contacto com o evasivo nativo⁶⁸⁶ que, munido da ligeira *caetra*⁶⁸⁷,

⁶⁷⁹ Diod. Sic., 5, 33, 3.

“A diferença entre modelos de La Tène e modelos romanos republicanos denominados *gladius hispaniensis*, bem como a origem dos mesmos, é um tema ainda em debate. Quesada Sanz (1997, pp. 260-270) e Gustavo Jimenez (2006 pp. 164-168) defendem a *gladius hispaniensis* como protótipo de espada celtibérica, modelo de La Tène ou espadas de antenas mais tardias, tipo VI (Arcóbriga). (...) Classificar e diferenciar uma espada La Tène de uma *gladius hispaniensis* é em alguns casos quase impossível. Para Gustavo Jimenez (2006, p. 165) o seu tipo VII, tanto pode representar uma como a outra, dadas as semelhanças morfológicas.” (TRISTÃO, *op. cit.*, página 93).

⁶⁸⁰ QUESADA SAINZ, *op. cit.*, página 94.

⁶⁸¹ QUESADA SAINZ, *op. cit.*, página 99.

⁶⁸² Polyb., 2, 30.

⁶⁸³ Veg., *Mil.*, 1, 4 ; 1, 13.

⁶⁸⁴ Polyb., 2, 33.

⁶⁸⁵ Liv., 31, 34.

⁶⁸⁶ Plut. *Vit., Sert.*, 12, 5.

escudo de madeira forrado com tensas fitas de couro, é perito em mudá-lo rapidamente de posição para repelir ameaças oriundas de diferentes direcções, enquanto preservando a liberdade de movimentos para uma acometida⁶⁸⁸.

Para incrementar a possibilidade de desferir um golpe lacinante mesmo contra um inimigo bem apetrechado, o hispânico dispõe, como alternativa ao curto gládio, da emblemática falcata. Espada de lâmina larga e irregular, a sua confectura e emprego ajustam-se a alguns dos predicados mais valiosos no método do guerrilheiro, nomeadamente: a arguta busca por pontos de fraqueza, a finta para confundir e desviar as defesas do inimigo, a acometida por ângulos inesperados.

Em comparação com o gládio, o acréscimo de peso exige no manuseio da falcata maior força física de braço e pulso, circunstância que torna também menos preciso e fluído o estoque. Para além do requerimento de uma proficiência especializada, outro dos custos do emprego desta espada consiste na dificuldade de utilização ofensiva do seu gume superior, comumente rombo, exceptuando a zona da ponta⁶⁸⁹.

O recorte côncavo do fio inferior deste singular instrumento de combate confere-lhe a capacidade de talhe de uma foice, pelo que a grande vantagem da utilização da falcata resulta do devastador dano infligido pela cutilada⁶⁹⁰, enquanto retendo uma mortífera capacidade perfurante⁶⁹¹. Esta combinação entre modos de emprego tornaria extremamente difícil de prever o tipo de golpe que seria desferido, multiplicando as opções de luta no jogo de enganos e improvisação de que o hispânico é especialista.

Contrariamente ao ocorrido com o legionário, a excelência da esgrima do nativo peninsular não constitui o resultado de um treino de orientação marcial implementado num quartel⁶⁹², mas da presença assídua da companheira na vida doméstica que constitui a falcata. O punho em forma de gancho que envolve toda a mão do portador da arma é, com frequência, trabalhado com representações zoomórficas de equídeos ou aves de rapina, fauna dotada de atributos paradigmáticos para um guerreiro⁶⁹³. Para além do seu carácter funcional, a falcata constitui um objecto de prestígio numa ambiência comunitária urdida por uma estratificação meritocrática com base no sucesso

⁶⁸⁷ WILCOX, Peter ; TREVIÑO, Rafael - *Barbarians against Rome. Rome's celtic, germanic, spanish and gallic enemies*, Osprey Publishing Limited, 2000, página 131.

⁶⁸⁸ Diod. Sic., 5, 34, 4.

⁶⁸⁹ QUESADA SAINZ, *op. cit.*, página 64.

⁶⁹⁰ Sen., *Ben.*, 5, 24.

⁶⁹¹ Diod. Sic., 5, 33, 4 ; QUESADA SAINZ, *op. cit.*, página 64.

⁶⁹² Strabo, 3, 4, 16.

⁶⁹³ ALLEN, Stephen ; REYNOLDS, Wayne - *Celtic Warrior 300 BC-AD 100*, Osprey, Oxford, 2001, páginas 18-19, 24.

na peleja e no saque. Atendendo à notável qualidade do produto do artesanato peninsular, o verdadeiro combatente seria também versado em conhecimentos de metalurgia⁶⁹⁴ que garantissem a manutenção e reparação de uma arma em que sente extremo orgulho e deposita muito do seu valor enquanto ser humano⁶⁹⁵. Refere Quesada Sainz que as falcatas encontradas em depósitos funerários apresentam, frequentemente, sinais de destruição ritualizada, simbolizando a extinção da vida do seu portador e a importância do vínculo estabelecido com as suas armas⁶⁹⁶.

A prática endêmica da rapina e a perícia na guerrilha definiram na Península Ibérica, em particular no espaço serrano da Lusitânia, um modo de luta singular consonante com as táticas de toque-e-fuga desenvolvidas em contexto grupal. Unindo os predicados de um batedor e escaramuçador aos de um duelista, o típico combatente hispânico é um mestre do movimento, utilizando os seus agudos reflexos para se esquivar de golpes e acometer com rapidez, precisão e manha. O seu método baseia-se em ágeis manobras evasivas de forma a evitar um contacto contra o qual a sua equipagem defensiva ligeira lhe oferece diminuta protecção.

Numa passagem da *Biblioteca Histórica*, Diodoro Sículo deixa sugestionada a forma como a proverbial destreza do lusitano resulta de uma extensão ingénita da sua cultura folclórica, no contexto da qual a actividade recreativa predilecta consiste num tipo de dança rápida e acrobática requerendo grande agilidade de movimentos⁶⁹⁷. Através do fluído concerto entre moções corporais e o uso de armas, visa o guerreiro do ocidente peninsular frustrar as tentativas de subjugação por parte de um oponente mais pesado como o infante romano. A mobilidade e perícia são os atributos de que depende o escaramuçador para, num combate a curta distância, provocar uma abertura da guarda do inimigo por onde possa estocar com acuidade com a ponta da arma, ou desferir uma cutilada com a lâmina côncava. O uso da falcata permite a execução de uma diversidade de golpes, pelo que qualquer acometida dilacerante pode surgir do nada por parte deste pelejador imprevisível. Temível num duelo singular pelas qualidades que possui de um verdadeiro espadachim, o hispânico soçobra, sobretudo, perante a cadência maquinal do

⁶⁹⁴ Diod. Sic., 5, 33, 3.

HARRIS, W. V. – “Roman Expansion in the West”, in *The Cambridge Ancient History. Rome and the Mediterranean to 133 B.C.*, Volume 8, 2ª Edition, A.E. Astin (edited), Cambridge University Press, 2008, página 119.

⁶⁹⁵ WILCOX, Peter ; TREVIÑO, Rafael , *op. cit.*, página 134.

⁶⁹⁶ QUESADA SAINZ, *op. cit.*, página 69-70.

⁶⁹⁷ Diod. Sic., 5, 34, 5.

avanço coordenado de um grupo de legionários, capaz de encurralá-lo num espaço restrito⁶⁹⁸.

Uma acentuada diferença se evidencia, portanto, entre o método do escaramuçador lusitano e a crua agressividade com que o possante guerreiro celta⁶⁹⁹ carrega sobre o oponente itálico, visando subjugá-lo pelo impulso da simples força bruta, desferindo golpes poderosos e rudes⁷⁰⁰ com a sua espada longa⁷⁰¹. Se bloqueado o ímpeto desenfreado do selvático agressor pelo robusto *scutum*, um amplo alvo expõe-se⁷⁰² à estocada replicante do gládio⁷⁰³, arma idealizada para a típica compressão de corpos numa grande batalha.

Por sua vez, o hispânico combina na sua forma de luta, ferocidade tribal com argúcia guerrilheira, exibição de coragem física com profuso recurso a ardis, rapidez de movimentos com a retenção de intuitiva clarividência. A perícia no combate singular envolve saber prever a acção do adversário e desviar-se das suas acometidas, medir o passo da luta de forma a aproveitar aberturas por onde investir com ligeireza e acuidade, no momento certo.

O golpe da falcata reúne as opções da precisão do estoque frontal, da arteira finta, do floreado de cortes e do poder de varredura de uma foice. A conexão que se pode estabelecer entre a dança folclórica, tarimba na guerrilha, reduzido apetrecho defensivo, alígera mobilidade e proficiência duelista, sugere que o pelejador lusitano combina os movimentos corporais com o uso das armas, de forma a criar um tipo de luta distinto pela elegante fluidez, equilíbrio corporal, estonteantes reflexos, capacidade de improviso e controlo do espaço. O hispânico utiliza superior agilidade e intuição para desviar-se ou deflectir um ataque, enquanto o golpe que desfere resulta de uma escolha momentânea entre múltiplas possibilidades técnicas, conforme julga ou pressente ser adequado a cada situação. O choque em grandes números consiste num embaraço para a sua mestria no combate pessoal motivo porque evita, o escaramuçador lusitano, enfrentar as legiões numa batalha formal, onde as tácticas de um compacto colectivo se sobrepõem aos apanágios de um destro, móvel e esquivo estilo de combate.

⁶⁹⁸ Plut., *Vit., Sert.*, 12, 5.

⁶⁹⁹ Diod. Sic., 5, 29.

⁷⁰⁰ Polyb., 2, 33.

FIELDS, *op. cit.*, página 20.

⁷⁰¹ Diod. Sic., 5, 30, 4 ; 30, 4 ; Polyb., 2, 30.

⁷⁰² Diod. Sic., 5, 29, 2 ; 5, 30, 2-3.

⁷⁰³ Polyb., 2, 30.

A perícia na execução da guerra de guerrilha contra as forças romanas resulta da prática rotineira do bandoleirismo e da equipagem ligeira do autóctone residente no ocidente peninsular. Uma infiltração bem-sucedida em espaço inimigo envolve, frequentemente, a necessidade de eliminar de forma silenciosa guardas apanhados desprevenidos. A facilidade de transporte do diminuto punhal apropria-o a consumir uma furtiva aproximação com um golpe mortífero dirigido a um ponto vital da vítima, enquanto permitindo que o agressor sufoque a sua fala ou outros barulhos que possam ser produzidos. Quando em situação de combate declarado, a adaga que comumente apetrecha o peltasta hispânico⁷⁰⁴ pode substituir uma arma de maior dimensão na *melee*, ser usada como uma lâmina adicional por um pelejador com capacidade ambidextra ou ainda como projectil num arremesso à distância.

Conforme menciona Estrabão⁷⁰⁵, alguns dos Lusitanos empunham também a lança⁷⁰⁶, instrumento de luta que impõe restrições na movimentação do seu utilizador. Por este motivo, seria preterida por um puro batedor almejando conservar ligeireza e adaptabilidade a todo o tipo de terreno, reservando-se para uma tropa agrupada em maior número e compactação, como os lanceiros consagrados de Sertório⁷⁰⁷. O emprego regular desta arma pelos Celtiberos em conjunto com o apetrechamento corporal mais protector, sugere a acrescida capacidade dos povos da Meseta num embate prolongado, compensando o prejuízo da agilidade guerrilheira com uma superior resistência na defesa de uma posição⁷⁰⁸.

A capacidade marcial do combatente hispânico frente ao opositor romano é melhor precisada se compararmos os respectivos valimentos e métodos. No arquétipo individual, vemos parcialmente expresso o produto diferenciado entre uma sociedade tribal aristocrática guerreira e uma evolucionada civilização devota ao expansionismo militar. O pesado equipamento e forma de luta do legionário visam, em primeiro lugar⁷⁰⁹, diminuir a exposição do seu corpo a um ferimento⁷¹⁰. A sua postura básica consiste numa guarda recolhida por detrás do *scutum*, maximizando a cobertura defensiva. Uma fácil torção corporal e reflexos automatizados de mão e braço,

⁷⁰⁴ Diod. Sic., 5, 33, 3 ; Strabo, 3, 3, 6.

⁷⁰⁵ Strabo, 3, 3, 6.

⁷⁰⁶ Oros., 5, 4.

⁷⁰⁷ APPIAN, *op. cit.*, 1, 114, 1.

⁷⁰⁸ Diod. Sic., 5, 34, 5.

⁷⁰⁹ Veg., *Mil.*, 1, 20.

⁷¹⁰ Veg., *Mil.*, 1, 11.

asseguram, segundo Vegécio, que a estocada é desferida com o corpo protegido e fere o adversário de forma súbita⁷¹¹.

O treino do legionário romano focaliza-se, assim, em garantir que, mesmo no caos da batalha, possa executar uma simples combinação entre o bloqueio da acometida do inimigo com o escudo e a estocada⁷¹² replicante com o gládio. Um estilo de luta assente na economia de gastos de energia por via de uma sequência de movimentos rotinados, visa preservar a vitalidade do legionário, enquanto uma reprodução por parte dos seus congéneres, transforma cada conduta singular numa execução tendencialmente sincronizada.

Uma aprimorada coordenação grupal permite permutar cada soldado combatendo na primeira linha por um dos camaradas mantidos em reserva, assegurando a manutenção de um pico de eficiência na zona de contacto. Num combate prolongado, o robusto apetrecho defensivo do legionário garante uma limitação de baixas, enquanto o desgaste metódico dos seus adversários oferece, a prazo, oportunidades táticas de perfuração ou envolvimento. Nesta simbiose entre o preservar da solidez de frontaria com a flexibilidade necessária para as combinações de ataque que lhe permitem perseguir e aniquilar um inimigo, reside um dos segredos da superioridade da legião nos campos de batalha da Antiguidade.

Excelso nas suas respectivas formas de luta, o resultado da confrontação entre o guerrilheiro hispânico e o legionário romano discorre, fundamentalmente, das circunstâncias operacionais. Travar a guerra no espaço que confeccionara a sua marcialidade consiste, assim, para os partidários autóctones de Sertório, numa vantagem inestimável. Apesar do potencial estratégico⁷¹³ do governo sediado em Roma ser incomparavelmente mais vasto do que os recursos humanos da insurgência lusitana sob o comando do rebelde sabino, apenas uma fracção do poder legionário pode ser de facto destacada para o remoto ocidente peninsular. A conjugação deste factor de ingente relevo com os condicionalismos logísticos impostos a um exército convencional num anfiteatro afeito aos métodos da guerrilha autóctone, confere uma sólida esperança de resistência aos indómitos lusitanos que afluem para a chefia de Sertório.

⁷¹¹ Veg., *Mil.*, 1, 12.

⁷¹² Veg., *Mil.*, 1, 12.

⁷¹³ “Podendo definir-se, de forma breve, o *potencial estratégico* como a força da entidade política, o *poder* é a possibilidade da força, nas circunstâncias daquela situação, para se atingir um dado objectivo.” (BARRENTO, *op. cit.*, página 141).

4.1.6 – O apoio nativo à causa sertoriana. A legitimação de Sertório diante dos Lusitanos. O líder carismático e guerrilheiro.

A expedição dos 4.700 lusitanos referenciados por Plutarco⁷¹⁴ até ao Estreito Gibraltar, de forma a oferecerem a Sertório o apoio de que este necessita para atingir o refúgio que representa o extremo ocidental da Península, constitui uma cifra humana apreciável tendo em consideração o potencial demográfico exibido pelo braço armado deste povo em conflitos precedentes. Uma lata agremiação de tribos e clãs parece ter-se vinculado à liderança do caudilho antes ainda do seu desembarque na Hispânia, de forma que a chegada de Sertório à Lusitânia é agraciada pela prolixa receptividade do indígena em servir sob o seu comando⁷¹⁵. A exibição tangível da justeza e moderação⁷¹⁶ do seu novo chefe não desilude as expectativas de quem o convocara pela fama que lhes havia chegado sobre o contraste dos seus procedimentos relativamente ao regime de violência e extorsão que caracterizara o mando romano ao longo de décadas.

Apresentando-se como o legítimo governador provincial cujo *imperium* do proconsulado que exercera entre 83 e 81 a.C. se mantêm em vigor, apesar dos acontecimentos que se intercalaram entre a fuga da Hispânia e o seu presente regresso, Sertório “começou a organizar de imediato como um exército, agindo como seu comandante supremo, colocando todos os seus territórios vizinhos sob seu domínio.”⁷¹⁷ Plutarco deixa, neste passo, subentendida a expansão da insurgência às regiões dos Célticos e Vetões, exteriores à linha definida pelo rio Guadiana⁷¹⁸. Suscita, contudo, cepticismo que a adesão destas populações de fronteira à insurreição sertoriana, inclua a mais importante praça lusitana, Olisipo, bem fortificada num cume elevado e provavelmente provida com uma guarnição romana.

Mais admissível parece consistir a hipótese de um partidarismo generalizado das populações a sul do Tejo pela causa sertoriana, mas que não exclui casos desviantes em relação à normativa discriminando-se, sobretudo, a existência de uma hierarquia no grau

⁷¹⁴ Plut., *Vit., Sert.*, 12, 2.

⁷¹⁵ Plut., *Vit., Sert.*, 11, 1.

⁷¹⁶ Sall., *Hist.*, 1, 94.

⁷¹⁷ Sall., *Hist.*, 1, 94.

⁷¹⁸ A menção de Salústio (1, 106) ao prolongado assédio da cidade de *Dipo* pelas legiões de Metelo Pio é um complemento à constatação que Sertório estendera a sua base de apoio ao territórios situados entre a Lusitânia e a Turdetânea.

GUERRA, Amílcar – “A propósito dos conceitos de “Lusitano” e “Lusitânia”, in *Palaeohispica* 10, 2010, pp. 81-98, página 90.

do apoio local⁷¹⁹. No período a que nos reportamos a região dos Célticos parece constituir um elo entre distintas culturas periféricas, na medida em que os seus habitantes são reconhecidos pelas fontes antigas como já civilizados, mas ainda sujeitos a uma forte radicação de base tribal e pastoril⁷²⁰. O duelo de influências que recebem por parte dos evoluídos Turdetanos e da sociedade guerreira arcaica a norte do Tejo⁷²¹, consubstancia-se na existência de uma urbanidade de alguma importância, mas ainda com um claro predomínio de uma dispersão populacional por aldeias⁷²².

O poder miscigenador das sucessivas vagas migratórias empreendidas pelas populações do noroeste peninsular para sul⁷²³ em busca de mais espaço⁷²⁴ e o próprio ciclo das expedições de saque dirigidas pelos bandoleiros Lusitanos às riquezas da Turdetânia, parecem superar o sentido das dinâmicas de atracção exercidas pelo mundo andaluz. A aliança entre uma expressiva representação de tribos célticas e a chefia sertoriana⁷²⁵ é confirmada pelo encarniçado investimento de Metelo Pio contra a praça de *Dipo*⁷²⁶, no decurso da campanha de 79 a.C.

Maior incerteza suscita o caso dos Cónios, habitantes do território correspondente ao actual Algarve. Os laços comerciais estabelecidos com as cidades turdetanas integradas na Província Ulterior⁷²⁷, constituem um bom argumento para desaconselhar uma militância pelo projecto sertoriano por parte dos marinheiros sediados nos principais interpostos costeiros do sudoeste peninsular. Apesar da concentração da presença e acção romanas no mundo andaluz, uma forte influência sobre o litoral do sudoeste peninsular é uma realidade efectiva nas primeiras décadas do século I a.C.⁷²⁸, pelo que a perturbação do *status quo* mediante uma conflagração entre facções políticas, representa um incómodo para a sua prosperidade mercantil, mais do que uma oportunidade para se libertar da presença do estrangeiro.

⁷¹⁹ Plut., *Vit., Sert.*, 11, 1.

Transcrição de: PLUTARCO, *Vidas Paralelas. Sertório – Euménio*, Rui Valente (Revisão, Introdução e notas), Évora, 2008, página 27.

⁷²⁰ RIVIÈRE, *op. cit.*, página 44.

⁷²¹ Plin., *HN*, 3, 3.

⁷²² Strabo, 3, 2, 15.

⁷²³ Strabo, 3, 6.

FABIÃO, *op. cit.*, página 239.

⁷²⁴ Plin., *HN*, 3, 3.

⁷²⁵ ALARCÃO, Jorge de – *Portugal Romano*, Edição Verbo, Lisboa, 1973, página 34.

⁷²⁶ Sall., *Hist.*, 1, 106.

⁷²⁷ ARBULO BAYONA, Joaquín Ruiz de – “Santuários y comercio marítimo en la península Ibérica durante la época arcaica”, in *Quaderns de prehistòria i arqueologia de Castelló*, Nº 18, 1997, página 519.

⁷²⁸ VIEGAS, Catarina – *A ocupação romana do Algarve. Estudo do povoamento e economia do Algarve central e oriental no período romano*. Cadernos da Uniarq, Centro de Arqueologia da Universidade de Lisboa, 2011.

A deslocação de Sertório até ao viveiro lusitano, comporta o inconveniente da perda de ligação com os seus aliados navais que haviam assumido o comando da zona do Estreito após a derrota de Cota na batalha de Mellaria. Com efeito, a incidência das subsequentes operações militares em territórios destacados da costa sul atlântica⁷²⁹, parece confirmar a alienação dos seus residentes relativamente à insurreição sertoriana. O fenómeno de dissidência do hispânico perante a autoridade sulana propaga-se, no decurso do presente conflito, da periferia para o centro da implantação governamental romana. Esta expressão geográfica radica no benefício que retira o nativo de cada dado espaço peninsular, dos proventos associados à sua conexão com a civilização avançada, razão porque os territórios mais romanizados continuam afectos ao ordenamento estabelecido, enquanto nos sujeitos a um domínio colonial mais recente e de fisionomia tipicamente exploratório, difunde-se a atracção pelo retorno à autonomia.

Do ponto de vista de Sertório, o lusitano constitui, sobretudo, um utensílio para o prosseguimento dos seus próprios fins de tomada de poder em Roma, avaliando o multiplicar dos meios humanos ao seu dispor pela radicação da sua presença nas franjas do espaço de autoridade *conservadora* na Hispânia, apenas como uma das etapas desse projecto. Nenhuma referência nas fontes de que dispomos enuncia a intenção ou promessa, por parte do caudilho, de autonomia ou independência para o nativo que o segue, pelo que deveremos presumir que a convergência de interesses entre o líder e os seus seguidores se firma no exercício de uma regência romana de maior justeza do que a vigente⁷³⁰.

A dialéctica estabelecida entre os Lusitanos e Sertório resulta num manifesto benefício bilateral sem que, contudo, nenhuma das partes compondendo a aliança provavelmente ignore a existência de necessidades e objectivos privados dos seus correlegionários. O provento do lusitano no apoio à chefia com maior potencial que conhecera desde Viriato é expressa em termos singelos por Floro: “*A brave man easily*

⁷²⁹ Parece algo problemática a associação da cidade de *Lagobritae* com a Lagos algarvia. O debate hodierno consistiu em escrutinar se não é mais ajustado que a sua localização corresponda à Langobriga mencionada no *Itinerário de Antonino* nas proximidades do rio Douro, ou a povoação de Longroiva, na Beira Alta.

Ver: SPANN, Philip O. – “Langobriga expunged: renaissance forgeries and the Sertorian Wars”, in *Transactions of the American Philological Association*. Baltimore, MA. 111. pp. 229-235, 1981 ; GUERRA, Amílcar - “*Caepiana*: uma reavaliação crítica do problema da sua localização e enquadramento histórico”, in *Revista Portuguesa de Arqueologia*, volume 7, número 2., 2004, página 219.

⁷³⁰ Liv., Frag., 91.

unites with other brave men; and the energy of the Spanish soldiers never appeared to better advantage than under a Roman leader.”⁷³¹

Numa guerra civil envolvendo um cisma social por motivo do antagonismo entre projectos governativos, a doutrinação ideológica do soldado consubstancia grande parte do seu valor militar. Considerando que os partidos em confronto disputam a adesão do mesmo substracto humano, o esclarecimento dos motivos da causa e a reunião em torno de símbolos capazes de atrair o maior número de adeptos motivados, constitui uma das preocupações capitais de Sertório.

O carácter largamente voluntário da filiação autóctone à empresa de Sertório exige deste o recurso a expedientes que ofereçam uma contrapartida táctil às durezas e aos riscos assumidos na guerra. Na inexistência de uma obrigação jurídica de prestação de serviços que submeta o nativo a um dever de obediência para com o magistrado da República, a chefia sertoriana sedimenta-se em função do seu carácter carismático. Uma notável capacidade de sincronismo entre múltiplas fórmulas e arquétipos de direito ao comando de um homem sobre um grupo alargado, distingue a mística que Sertório sabe criar e preservar em torno da sua *persona*.

Perfeito conhecedor dos procedimentos militares romanos assim como dos usos e costumes dos povos tribais por via da sua actividade de espionagem nos anos de serviço com Gaio Mário e de tenência no comando com Tito Dídio, Sertório detém o segredo para transformar o elusivo escaramuçador lusitano num soldado de aptidões compósitas, capaz de bater o legionário no seu próprio elemento de guerra convencional. Familiarizado com a ambiência hispânica ao ponto de passar por um nativo⁷³², Sertório legitima a sua liderança pela capacidade de dotar as suas tropas com saberes na arte bélica que ultrapassam a sofisticação de um chefe tribal eleito a partir da suspensão momentânea das rivalidades endógenas.

Na tipologia do relacionamento estabelecido pelo caudilho com as suas tropas, discrimina-se um dualismo entre atributos de proximidade, típicos da convivência entre guerrilheiros e de distanciamento, afeiçoados ao modelo de liderança hierarquizada e de patentes bem definidas da organização militar romana. De entre o grupo destes últimos, distinguem-se os símbolos de poder e de legitimidade jurídico-marcial de um procônsul, que incluem o manto escarlata (*paludamentum*) associado ao exercício de generalato e o

⁷³¹ Flor., 3, 23, E.S. Forster (trans.), Loeb Classical Library edition, 1929.

⁷³² Plut., *Vit., Sert.*, 13, 2.
RIVIÈRE, *op. cit.*, página 25.

corpo de doze lictores que, tradicionalmente, acompanham este representante da República, empunhando bastões compostos por um feixe de varas de bétula branca, amarradas por *fasces* vermelhos. A solenidade dos rituais que caracterizam os modos e apresentações do alto oficialato romano causariam uma intensa impressão entre os rústicos Lusitanos.

A simplicidade espartana dos seus hábitos sabinos⁷³³ destaca-o de qualquer associação aos vícios, luxos e sobranceria que um viril e hirsuto bandoleiro hispânico⁷³⁴ poderia desdenhar num governador estrangeiro. Na sua quarta década de existência, Sertório conserva a vitalidade da alma e do corpo que nenhuma provação física ou psicológica parece, até ao momento, almejar vergar, afeiçoando-o à referência que os Lusitanos mantêm da agilidade, resistência e força muscular de Viriato.

Da infância e juventude na montanhosa e fria Sabina, Sertório adquirira o saber da batida de terreno e da resistência aos elementos de um caçador, de forma que a integração entre os guerrilheiros lusitanos é natural. Embuído de um enérgico espírito de missão que compele os outros ao seguidismo, Sertório cultivava um contacto de proximidade com as suas tropas mediante sessões de esclarecimento e demonstração dos adequados métodos militares a desenvolver. Os preceitos de hierarquia são, contudo, frisados por via do exemplo de primor que projecta na realização das comuns actividades e da selecta sapiência de governança e marcialidade estrangeiras ao autóctone.

4.1.7 – O uso da religião: a corça branca, a associação com a deusa Diana, a adivinação.

A legitimação do poder de Sertório transcende, todavia, a valentia guerreira ou os típicos atributos de *imperium* na forma como um alto magistrado da República se vincula ao domínio sagrado⁷³⁵. A artimanha da corça sagrada⁷³⁶ consiste num dos meios mais expressivos para seduzir os autóctones tirando partido das suas superstições.

Numa altura indeterminada desta fase inicial do conflito em que o caudilho procura solidificar a sua aliança com o autóctone através de uma reciprocidade de

⁷³³ Strabo, 3, 3, 6.

⁷³⁴ Strabo, 3, 3, 7.

⁷³⁵ RIVIÈRE, *op. cit.*, página 119 ; ROSENBERGER, Veit – “Republican *Nobiles*: Controlling the *Res Publica*”, in *A Companion to Roman Religion*, Jorg Rupke (Ed.), Blackwell Publishing Ltd, Oxford, 2011, páginas 292-303.

⁷³⁶ Plut., *Vit., Sert.*, 11, 1.

gestos públicos⁷³⁷, terá recebido no seu acampamento um caçador local que lhe traz, como oferenda, uma corça recém-nascida de pelagem completamente branca, que capturara. Cativado pela beleza do animal, Sertório empenha-se em domesticá-la, suprimindo os instintos solitários comuns a esta espécie, ao ponto de a converter numa fiel companheira disposta a seguir o seu dono para todo o lado. Apercebendo-se que a atípica cor alva e mansidão do comportamento da corça constituem raridades fascinantes aos olhos supersticiosos do nativo, o caudilho, perfeito conhecedor da mentalidade dos povos sobre os quais firma o seu poder⁷³⁸, começa a difundir pelas tropas, que ela consistia numa mensageira totémica⁷³⁹ da deusa Diana, que lhe enuncia em sonhos os acontecimentos vindouros, garantindo-lhe a vantagem na guerra.

A importância das crenças animistas entre os povos tribais do ocidente peninsular, encontra-se bem testemunhada nas esculturas zoomórficas de touros em pedra conhecidas por *verracos*, que podemos encontrar sobretudo em território vetão. O afeiçoamento dos punhos das falcatas de forma a representarem equídeos ou aves de rapina, atesta a associação das capacidades singulares desta fauna com atributos paradigmáticos para o guerreiro hispânico. Fonte de simbolismo desde tempos remotos até aos nossos dias, o animal possui um carácter sagrado em particular para as sociedades tribais mais primitivas, precedendo a divinização dos elementos naturais, os cultos antropomórficos que constituem um estágio mais evoluído do concebimento místico-religioso⁷⁴⁰.

Para a mente do nativo, as propriedades oraculares da corça de Sertório representam uma aliança com o sagrado perfeitamente plausível, atendendo aos surpreendentes êxitos que o chefe *popular* obtém sobre adversários dotados de recursos muito superiores. A escolha de Diana como a divindade protectora do caudilho decorre, em primeiro lugar, da fenomenologia do animal receptor da possessão animista. O creditar de uma afeição por parte de uma deusa aversa aos outros homens, constitui um predicado de relevo para a liderança de Sertório. O carácter sobrenatural que o nativo atribui à valia do seu chefe, seria sem dúvida fortalecido com um estatuto de exclusividade que supera o próprio ordenamento mitológico.

⁷³⁷ RIVIÈRE, *op. cit.*, páginas 101-102.

⁷³⁸ Frontin. *Str.*, 1, 11, 13 ; Polyænus, *Strat.*, 8, 22.

⁷³⁹ ADRIANI, *op. cit.*, página 19.

⁷⁴⁰ TRESIDDER, Jack – *Os Símbolos e o seu Significado*, Editorial Estampa/Círculo de Leitores, 2000.

Correspondência romana de Ártemis, cujo culto se terá difundido pela Península Ibérica a partir da sediação grega no território levantino⁷⁴¹, o contacto dos Lusitanos com a deusa Diana deve preceder a sua aliança com o *condottiere*. Reconhecida como padroeira das cidades marítimas fundadas pela colonização helénica no ocidente mediterrânico⁷⁴² é, segundo Estrabão, a mais importante divindade na Hispânia. A amplitude da sua implantação ultrapassa largamente o espaço confinado às urbanizações levantinas, tendo-se propalado tanto pela Andaluzia fenício-púnica como no interior e ocidente ocupado pelo autóctone⁷⁴³. O culto desta divindade poderá ter sido adoptado pelo próprio colono cartaginês, porventura substituindo o de Astarte, com quem se relaciona nos atributos aparentados da guerra, da caça, na protecção à navegação e movimento pelo céu nocturno⁷⁴⁴.

A coincidência do topónimo do bastião portuário de *Denia*⁷⁴⁵ com a *Artemisium* mencionada na *Geografia*⁷⁴⁶, claramente sugere uma associação com a divindade greco-latina Ártemis/Diana. Acrescenta Estrabão que no topo do promontório de *Hemeroscopeium*, situado nas imediações da cidadela, se encontra o templo de Ártemis Efésia, edificação que podia ser vista a grande distância pelos navegadores, possivelmente funcionando como farol durante as horas de escuridão⁷⁴⁷. O motivo porque é consagrado à deusa da Lua fundamenta-se no auxílio que lhe é solicitado para a navegação nocturna⁷⁴⁸ envolvendo a dobragem dos hodiernos cabos San Antonio e De La Nao⁷⁴⁹.

Estrabão menciona também que, nas margens de uma das embocaduras do Guadalquivir, havia sido edificado o santuário de *Phosphorus*, uma das intitulações de

⁷⁴¹ Strabo, 3, 4, 8.

(...)

AMARANTE, Eduardo - “As origens ocultas dos Lusitanos – Cultos e Tradições – Parte II”, in *Revista Nova Acrópole*, nº 30, 1986.

⁷⁴² Strabo, 4, 1, 4.

⁷⁴³ Strabo, 4, 1, 4.

⁷⁴⁴ Ver: FUMADÓ ORTEGA, Iván – “Aspectos marítimos de las divindades fenicio-púnicas como garantía de la confianza de los mercados”, in *La Religión del Mar. Dioses y Ritos de Navegación en el Mediterráneo Antiguo*, SPAL MONOGRAFIAS nº XVI, Eduardo Ferrer Albelda ; M^a Cruz Marín Ceballos ; Álvaro Pereira Delgado (Coord.), Sevilla, 2012, páginas 11-29.

⁷⁴⁵ Pliny, *HN*, 3, 4, 14.

⁷⁴⁶ Termo helénico pelo qual deveria ser conhecido antes do domínio romano fazer a sua conversão para uma conformidade com a deusa Diana.

⁷⁴⁷ Strabo, 3, 4, 6.

⁷⁴⁸ Ver ARBULO BAYONA, Joaquín Ruiz de – “Santuarios y comercio marítimo en la península Ibérica durante la época arcaica”, *Quaderns de prehistòria i arqueologia de Castelló*, Nº 18, 1997, páginas 518-536 ; CEBALLOS, María Cruz Marín – *La Religión del Mar. Dioses y Ritos de Navegación en el Mediterráneo Antiguo*, SPAL MONOGRAFIAS nº XVI, Eduardo Ferrer Albelda ; M^a Cruz Marín Ceballos ; Álvaro Pereira Delgado (Coord.), Sevilla, 2012, página 9.

⁷⁴⁹ Strabo, 1, 2, 15.

Ártemis (*Ártemis Phosphorus*), que podemos traduzir por: “Fonte de Luz”⁷⁵⁰. Segundo o autor, o templo era também conhecido pelo termo latino de “Lux Dubia”, sugerindo um rebatismo no período de governo romano⁷⁵¹. Tal como no caso de *Denia*, faz todo o sentido que a divindade associada ao luar seja invocada pelos marinheiros que procediam à entrada nocturna no curso fluvial, manobra envolvendo considerável risco devido à existência de numerosos baixios e recifes que se revelam ou ocultam conforme o ciclo das marés⁷⁵². De forma a incrementar a segurança da navegação, fora construído o farol de Cepião, que o geógrafo helenístico compara com a torre de Pharos⁷⁵³.

Podemos, por esta via, concluir que o culto de Ártemis se havia estendido até ao vale do Guadalquivir, provavelmente ainda antes da conquista romana no ano de 206 a.C.. O contacto dos povos da Turdetânia com os Lusitanos é consequente tanto da troca de produtos e de ideias ao longo dos circuitos comerciais terrestres e mercantis, como das tradicionais expedições de saque realizadas por estes últimos ao sul da Hispânia⁷⁵⁴. Estes dados induzem-nos a considerar que os povos do Ocidente peninsular se encontravam, desde há longo tempo, familiarizados com a deusa invocada como protectora por Sertório, entre outros motivos pela importância desta no universo religioso de quem pretende obter adesão e obediência. A expansão do culto de Ártemis/Diana pela Hispânia resulta, portanto, da simultânea correspondência entre as suas propriedades mitológicas sincréticas, com o contexto etnográfico mercantil das urbanizações litorais e o belicismo guerrilheiro regulando a ambiência campesina no interior peninsular⁷⁵⁵.

Estrabão menciona que os montanhese hispânicos sacrificam bodes, cavalos e também os prisioneiros de guerra a Ares, ocasionalmente em grandes números conforme as hecatombes gregas⁷⁵⁶. Acrescenta o geógrafo que os Celtiberos realizam, durante os ciclos de Lua cheia, cerimónias participadas por toda a comunidade em favor de um deus de nome desconhecido, envolvendo sacrifícios, cânticos e dança em coros que se prolongam durante toda a noite⁷⁵⁷. A expectativa de retribuição que motiva este tipo de oferendas e de culto⁷⁵⁸, atesta o poder atribuído pelos povos de radicação

⁷⁵⁰ Callim. *Hymn* 3.

⁷⁵¹ Strabo, 3, 1, 9.

⁷⁵² Strabo, 3, 1, 9.

⁷⁵³ Strabo, 3, 1, 9.

⁷⁵⁴ RODRIGUES, *op. cit.*, página 36.

⁷⁵⁵ RIVIÈRE, *op. cit.*, página 141.

⁷⁵⁶ Strabo, 3, 3, 7.

⁷⁵⁷ Strabo, 3, 4, 16.

⁷⁵⁸ Ver: MAUSS, Marcel – *Ensaio sobre a Dávida*, Edições 70, Lisboa, 2008.

etnográfica celta à influência lunar sobre o mundo natural, em particular no domínio do belicismo⁷⁵⁹, elemento estruturante para a hierarquização social autóctone.

Para o propósito de urdir um comando unificador e galvanizante⁷⁶⁰ interessava, a Sertório, uma associação com uma potestade dotada de considerável significado no concebimento místico-religioso local. O fabrico do credo em torno da condução providencial do caudilho, facilmente canalizaria as propriedades mágicas que os seus seguidores nativos atribuem ao astro cósmico regendo o céu estrelado para a deusa que, no panteão religioso greco-romano, se lhe encontra associada⁷⁶¹.

Arquétipo⁷⁶² da amazona, pura, casta⁷⁶³, bela⁷⁶⁴ e fatal, Diana é reputada pela sua inacessibilidade, mesmo antagonismo com o universo masculino, que frequentemente castiga da forma mais implacável e modelar. Entidade misteriosa, distante da agremiação humana⁷⁶⁵, percorre os lugares recônditos da natureza onde reside a fauna que infatigavelmente caça a tiro de arco⁷⁶⁶ com as flechas de prata que transporta na sua aljava⁷⁶⁷. Serena na sua disposição como o pálido luar⁷⁶⁸ que contrapõe a sua beleza alva à radiante aparência do seu irmão-gémeo, o deus solar Apolo, com quem divide a passagem do dia, Diana parece tão solitária nos seus hábitos quanto as corças⁷⁶⁹ que transportam o carro onde se desloca. No comportamento anómalo do animal que protagoniza um apego contranatural a Sertório reside, portanto, a lógica da conexão com esta deusa⁷⁷⁰. Talismã do culto que se urde em torno da figura venerada do caudilho, a brancura da pelagem da corça⁷⁷¹ pode também compreender valor simbólico alusivo à pureza virginal de Diana.

A domesticação do veado consagrado a Ártemis, animal naturalmente retraído do contacto humano, é um fenómeno fabuloso que figura num passo da *Geografia* de

⁷⁵⁹ BROWN, Dale - *The Celts: Europe's people of Iron (Lost Civilizations)*, Time-Life Books, Alexandria, Virginia, 1994, página 110.

⁷⁶⁰ RIVIÈRE, *op. cit.*, páginas 141-142.

⁷⁶¹ AMARANTE, Eduardo - "As origens ocultas dos Lusitanos – Cultos e Tradições – Parte II", in *Revista Nova Acrópole*, nº 30, 1986.

⁷⁶² Ver: "CAMPBELL, Joseph - *The Hero with a Thousand Faces*, 3ª Edição, New York Library, New York, 2008"; JUNG, Carl Gustav - *The Archetypes and the Collective Unconscious*, Princeton University Press, New York, 1959.

⁷⁶³ Callim. *Hymn* 3.

⁷⁶⁴ Hes., *Theog.*, 918-920.

⁷⁶⁵ Callim. *Hymn* 3.

⁷⁶⁶ Nonnus, *Dion.*, 228.

⁷⁶⁷ Pind., *Ol.*, 3, 2.

⁷⁶⁸ Callim. *Hymn* 3.

⁷⁶⁹ Ap. Rhod. *Argon*, 3, 879 ff.; Strabo, 14, 1, 29); Callim. *Hymn* 3, 98 ff.; 170 ff.; Nonnus, *Dion.*, 11, 344 ff.; 20, 33 ff.; 48. 449 ff.; Strabo, 14, 1, 29).

⁷⁷⁰ Pind., *Ol.*, 3, 2; Ps.-Apollod, *Bibl.*, 2, 81.

⁷⁷¹ Plin., *HN*, 8, 32.

Estrabão⁷⁷². Integrando o tema utópico de harmonia nas *Metamorfoses* de Ovídio, essa aliança é simbolizada pelo vínculo de confiança radicado na beleza inocente de Ciparisso e a tranquila aproximação de um cervo de grande porte que lhe permite a sua monta⁷⁷³.

O poder de controlar e comunicar com a fauna selvagem é um atributo da deusa Diana que se associa ao amansamento da corça alva por Sertório, enquanto a recíproca afeição do animal constitui o vínculo comprovativo do favor da própria divindade. Encorajando os seus seguidores indígenas a louvarem o favor de Diana personificado nesta mensageira totémica⁷⁷⁴, a chefia do caudilho adquire um estatuto de sabedoria sobrenatural inspirando, os naturais, a uma completa credulidade⁷⁷⁵.

A reivindicação de uma descendência ou relação privilegiada com uma divindade por parte de um grande comandante militar romano não constitui nenhuma inovação⁷⁷⁶. Germe do movimento de progressivo despojo do poder colectivo por um general de excepcionais talentos e realizações, Cipião, o *Africano*, disseminara a ideia de uma filiação a Júpiter, tendo sido, em reconhecimento das suas façanhas na Hispânia, aclamado pelo exército de *Imperator*, epíteto da maior potestade do panteão religioso romano, do qual se apropriou⁷⁷⁷.

Sula atribuía de bom grado o carácter extraordinário dos seus êxitos militares e resgate das situações de desespero de que a sua carreira foi pródiga, à protecção da Fortuna, prestando-lhe maior tributo do que ao cuidado deliberativo e penetrante inteligência que lhe eram reconhecidos⁷⁷⁸. Por sua vez, Júlio César reivindicava a herança de Eneias, filho de Vénus. Para além da linhagem e protecção, o intimismo com os deuses pode manifestar-se por via da adivinhação⁷⁷⁹ ou revelação prognóstica, frequentemente antes de uma batalha decisiva. A transferência da mensagem ocorre por dois meios condutores: sonhos ou alterações do mundo natural.

No primeiro dos casos, o conteúdo da revelação divina é salvaguardado na mente do sonhador para que este, em momento propício, proceda à divulgação do seu

⁷⁷² Strabo, 5, 1, 9.

⁷⁷³ Ov., *Met.*, 10, 105-125.

⁷⁷⁴ CHEVALIER, Jean ; GHEERBRANT, Alain – *Dicionário dos Símbolos*, Editorial Teorema, Lisboa, 1994, página 87 ; TRESIDDER, *op. cit.*, páginas 48-49.

⁷⁷⁵ Plut., *Vit., Sert.*, 12, 1.

⁷⁷⁶ ROSENBERGER, Veit – “Republican *Nobiles*: Controlling the *Res Publica*”, in *A Companion to Roman Religion*, Jorg Rupke (Ed.), Blackwell Publishing Ltd, Oxford, 2011, páginas 292-303.

⁷⁷⁷ DAWSON, *op. cit.*, página 207.

⁷⁷⁸ Plut., *Vit., Sull.*, 6, 4-6.

⁷⁷⁹ RIVIÈRE, *op. cit.*, página 161.

significado pela audiência das suas palavras. A adivinhação através da interpretação dos sinais expressos na natureza transcende o universo personalizado entre divindade e receptor, tornando-se sensorialmente acessível ao colectivo. Os serviços de um especialista do sagrado são, contudo, com frequência requeridos para descodificar o carácter alegórico da mensagem. Quando o próprio general não possui o dom da divinização, esse encargo era confiado a alguém que o acompanhava. Na sua campanha contra os Germanos, Gaio Mário obteve a anuência dos seus soldados a métodos de guerra vexatórios para a frontalidade dos seus habituais procedimentos através da intercedência de Marta, uma profetisa síria, reconhecida pela sua capacidade de prever o futuro⁷⁸⁰.

O uso do universo religioso como um atributo adicional de legitimação da sua liderança não distingue, por conseguinte, Sertório, das práticas usuais de outros líderes militares detentores de suficiente reconhecimento por parte das suas tropas para que estas confirmem um carácter sagrado à sua ascendência, protecção ou acções. O constituinte singular consiste na criação de um verdadeiro culto personalizado a partir do credo de agradecimento divino e capacidade profética⁷⁸¹. A forma como o caudilho *popular* tira partido das superstições enraizadas na mentalidade do hispânico assume contornos claramente manipuladores⁷⁸². O emprego da corça branca é a expressão mais manifesta desta apropriação de símbolos sagrados para congregar o autóctone em torno de um comando providencial.

A competência técnica de Sertório na execução dos ritos sagrados que conectam o especialista com a divindade, é reforçado por um atributo físico distintivo - o olho vazado - conforme aos xamãs na maior parte dos contextos antropológicos⁷⁸³. Tão crível para a sua audiência parece ter sido a encenação mágico-religiosa do sabino, que por um período prolongado de tempo, garantiu o maior efeito atribuído ao poder simbólico⁷⁸⁴, que consiste na sua conceptualização como parte intrínseca da realidade e regular

⁷⁸⁰ Plut., *Vit., Mar.*, 16-17.

⁷⁸¹ Strabo, 3, 3, 6.

⁷⁸² Plut., *Vit., Sert.*, 11, 3.

⁷⁸³ RIVIÈRE, *op. cit.*, página 146.

⁷⁸⁴ “Os sistemas simbólicos devem a sua força ao facto de as relações de força que neles se exprimem só se manifestarem neles em forma irreconhecível de relações de sentido (deslocação).

O poder simbólico como poder de constituir o dado pela enunciação, de fazer ver e fazer crer, de confirmar ou de transformar a visão do mundo; poder quase mágico que permite obter o equivalente daquilo que é obtido pela força (física ou económica), graças ao efeito específico de mobilização, só se exerce se for *reconhecido*, quer dizer, ignorado como arbitrário. (...) O poder simbólico, poder subordinado, é uma força transformada, quer dizer, irreconhecível, transfigurada e legitimada, das outras formas de poder (...).” (BOURDIEU, Pierre – *O Poder Simbólico*, DIFEL, Lisboa, 1989, páginas 14-15).

ordenamento social⁷⁸⁵. A exequibilidade do culto criado não está dependente mas é assaz acrescida pela inconsciência dos crentes sobre a mecânica interna do aparato de ícones com que Sertório influencia e controla a sua mentalidade. Estas convicções e o seu impacto prático, tanto na anuência ao comando do caudilho como na superação do valor do adepto na guerra, são sem dúvida maiores se o pensamento crítico não se interpor para questionar a sua legitimidade.

As necessidades da causa *popular* parecem subalternizar as inibições éticas que possam colocar uma eventual interrogação no espírito de Sertório, quanto ao uso de todos os recursos disponíveis para o cumprimento dos seus objectivos. A urgência que sente em agremiar o nativo em torno da sua liderança, não lhe oferece grande margem para questionar a legitimidade dos métodos utilizados, apenas a sua eficácia. O quadro eminentemente político do conflito determina que o uso da religião se transforme num vínculo perfeito para a obtenção das demandas de obediência, união e crença no devir de que depende Sertório para o êxito dos seus projectos⁷⁸⁶. Na deontologia do relacionamento estabelecido com o autóctone, a opressão do regime *conservador* de que o liberta, parece bastar para a justeza de o transformar num utensílio para os seus próprios fins. Em derradeira análise, podia o caudilho considerar que o seu projecto elevava o indígena da Hispânia profunda bem acima da categoria de salteador bárbaro que lhe merece a corriqueira apreciação romana.

O reconhecimento de que Sertório dispõe de poderes sobrenaturais incidentes no domínio do belicismo por via da interacção com o sagrado, consiste numa apreciação congénita para o autóctone hispânico, atendendo à expressividade das suas superstições. A difundida prática de colecta de cabeças decepadas entre os Celtas⁷⁸⁷, a ingestão de sangue dos vencidos a partir dos seus crâneos transformados em cálices pelos Celtas⁷⁸⁸, o rito lusitano de consagrar as mãos dexteras amputadas dos prisioneiros aos deuses⁷⁸⁹ com quem se pretende estabelecer ou honrar um contrato votivo⁷⁹⁰, são manifestações mágico-religiosas comuns ao universo etnográfico das sociedades tribais indo-europeias⁷⁹¹.

⁷⁸⁵ RIVIÈRE, *op. cit.*, página 141.

⁷⁸⁶ RIVIÈRE, *op. cit.*, página 47.

⁷⁸⁷ Diod. Sic., 5, 29 ; Strabo, 4, 4, 4-5.

⁷⁸⁸ Strabo, 7, 3, 6.

⁷⁸⁹ Strabo, 3, 3, 6.

RIVIÈRE, *op. cit.*, páginas 156-157.

⁷⁹⁰ Diod. Sic., 5, 29, 5.

ALLEN, Stephen ; REYNOLDS, Wayne, *op. cit.*, página 53 ; RIVIÈRE, *op. cit.*, páginas 156-157.

⁷⁹¹ Strabo, 3, 4, 17.

Focalizando-se a essência do poder de um guerreiro nos seus membros, espírito e armas, a sua apropriação como troféus por quem o vence em combate, atribui não somente valor social concordante com a dificuldade da conquista, como transfere os próprios atributos bélicos para um novo receptor⁷⁹². A recolha e ostentação da equipagem tomada em batalha ao inimigo, constitui um meio para assinalar o mérito de um combatente, extravazando fronteiras espaciais e temporais para se inserir numa tradição universal na história do belicismo. As sucessivas façanhas de Sertório são, por conseguinte, na perspectiva do hispânico, comprovativos da detenção de atributos situados para além do comum mortal que se robustecem a cada novo triunfo.

A excentricidade geográfica do Noroeste peninsular relativamente aos centros civilizados do Mediterrâneo, não ditou a sua enclausura quanto ao influxo das crenças religiosas daí provenientes. Exemplos de sincretismo⁷⁹³ entre representantes do panteão divino greco-romano e as primitivas adorações locais, assinalam a assimilação progressiva no império romano⁷⁹⁴.

Ignorante das proposições de correntes ideológicas esclarecidas, a mente do substrato popular hispânico é terreno particularmente fértil para a sujeição ao poder simbólico⁷⁹⁵ que traduz o elevado ascendente e influência que o caudilho exerce sobre o seu seguidor⁷⁹⁶. O emprego da convicção animista e totémica indígena através da associação da corça branca com a deusa Diana, constitui uma ferramenta de extrema importância para assegurar, a Sertório, o apoio das suas tropas e a confiança destas no devir. No domínio marcial, um efeito psicológico avassalador discorre da fé de um alargado grupo de homens no favorecimento divino das suas armas⁷⁹⁷. A transferência de poderes sagrados para animais ou a própria assumpção da sua forma pela entidade sobrenatural, consiste num concebimento comum entre os povos hispânicos colocados sob o mando de Sertório. A resistência a anuir ao comando do caudilho contém, por conseguinte, um conteúdo herético e uma expectativa de castigo subjacente⁷⁹⁸. A receptividade do hispânico relativamente ao culto sertoriano mantém-se, contudo, decursivo de realizações práticas no campo de batalha, consistindo num atributo complementar de liderança, mais do que na sua radicação. O vínculo ao caudilho

⁷⁹² WILCOX, Peter ; TREVÍÑO, Rafael, *op. cit.*, 64-65.

⁷⁹³ RIVIÈRE, *op. cit.*, página 158.

⁷⁹⁴ RODRIGUES, *op. cit.*, página 36.

⁷⁹⁵ BOURDIEU, Pierre – *O Poder Simbólico*, Edições 70, Lisboa, 2011.

⁷⁹⁶ Frontin. *Str.*, 1, 11, 13.

⁷⁹⁷ VASCONCELOS, Leite de – *Religiões da Lusitânia*, Vol. 1, Temas portugueses. Imprensa nacional, Casa da Moeda, Lisboa, 1981, prólogo.

⁷⁹⁸ Gell., *NA*, 15, 22.

continua a ser de base militar, sendo a partir da mística criada com excelsos méritos na guerra, que Sertório credita um afeiçoamento por parte da divindade⁷⁹⁹.

A perícia na caça consiste no atributo mais claramente compartilhado pelo caudilho e Diana. A significância da prática desta actividade no domínio marcial expressa-se, em particular, no tipo de belicismo guerrilheiro que reclama uma capacidade aprimorada de leitura do terreno. A inspiração da deusa caçadora articula-se, portanto, com os métodos de luta favorecidos por Sertório nos surpreendentes triunfos alcançados sobre os seus adversários. Os atributos de exímio batedor compensam, com primazia, o poder formal das legiões *conservadoras*, testemunhando o triunfo da rusticidade lusitana⁸⁰⁰ sobre o avanço civilizado de Roma.

A dávida de epifania profética concedida ao caudilho pela corça através de sonhos ou signos expressos na natureza ultrapassa, contudo, o estrito domínio mitológico da deusa Diana, uma vez que nenhuma propriedade oracular lhe é concretamente atribuída. A complexidade do culto urdido em torno de Sertório parece, portanto, vislumbrar-se na transcendência dos proventos obtíveis a partir do apadramento desta divindade. Adicionou a máquina de propaganda do caudilho às perícias e atributos especificamente conotados com a deusa da caça, elementos de entidades paralelas. A ligação consanguínea com Apolo, irmão-gémeo de Diana, titular das aptidões oraculares na mitologia greco-latina, constitui uma via hipotética para o sincretismo, mas desconhecemos o grau de implantação do seu culto na Lusitânia neste período histórico⁸⁰¹.

Os estudos realizados sobre o deus Endovélico, divindade de provável origem pré-romana provida de propriedades oraculares⁸⁰², permitem-nos considerar uma familiaridade do indígena com a capacidade profética creditada a Sertório. Estrabão menciona o aficionado costume, entre os Lusitanos, de extrair presságios a partir do exame minucioso dos corpos de cativos imolados⁸⁰³, prática que constitui indício, pelo

⁷⁹⁹ Frontin. *Str.*, 1, 2, 13.

⁸⁰⁰ DIXON-KENNEDY, Mike - *Encyclopedia of Greco-Roman Mythology*, ABC-CLIO, Inc., Oxford, 1998, página 49.

⁸⁰¹ Juan Carlos Olivares Pedreño sugere a possibilidade do deus lusitano *Arentius* se associar a Apolo. Ver: OLIVARES PEDREÑO, Juan Carlos – *Los dioses de la hispania céltica*, Real Academia de la Historia. Universidad de Alicante, Alicante, 2002, página 219.

⁸⁰² “Contudo, encontra-se há muito estabelecido que a divindade e o seu culto tinham uma componente oracular. A divindade respondia às perguntas que os fiéis lhe faziam. Trata-se de um tipo de santuários raros no ocidente, mas frequentes no oriente – basta recordar, entre os mais célebres, o de Delfos, na Grécia, e o de Dídima na Ásia Menor.” (SCHATTNER, Thomas G. ; FABIÃO, Carlos ; GUERRA, Amílcar, *op. cit.*, página 85).

⁸⁰³ Strabo, 3, 3, 6.

menos vestigial, de uma tradição druídica, conforme a uma sociedade de raiz celta⁸⁰⁴. As artes divinatórias integram-se, assim, no contexto cultural dos povos do Ocidente peninsular.

A comum origem indo-europeia, a secular interacção e o reforço da influência exógena pela presença do colono grego sucedido pelo conquistador romano, configuram suporte sólido para creditarmos uma importante correspondência de alguns dos cultos tribais com as divindades das civilizações clássicas no período a que nos reportamos. A prática da *incubatio*, ou seja, a dormida dos crentes no templo de forma a receberem mensagens oraculares transmitidas pelo deus através dos sonhos, é atribuída ao culto de Endovélico⁸⁰⁵. As transe e visões prescientes das pitonisas de Delfos⁸⁰⁶ a par da interacção do crente com Esculápio⁸⁰⁷, filho de Apolo, durante sonhos⁸⁰⁸, constituem liturgias que se conectam com as descrições de Plutarco⁸⁰⁹ e Aulo Gélio⁸¹⁰ sobre a via de comunicação extra-sensorial reivindicada por Sertório. Encontra-se muito difundida a possibilidade de relação do deus lusitano com Apolo-Esculápio, atendendo à compartilha de características com ambas as divindades.

A circunstância de não ser conhecido nenhum templo dedicado a Endovélico antes da ocupação romana⁸¹¹, mas a sua origem indígena ser defendida pela maioria dos

A.A.V.V. - “presentaciones, notas y comentarios”, in *Estrabón. Geografía de Iberia*, Alianza Editorial, Madrid, 2007, página 218.

⁸⁰⁴ Plin., *HN*, 3, 3 ; Strabo, 3, 3, 5.

ALARCÃO, *op. cit.*, página 20 ; ALMAGRO-GORBEA, Martín – “Medellín-Conisturgis: Reinterpretación Geográfica del Suroeste de Iberia”, in *Boletim da Sociedade de Geografia de Lisboa*, Série 126, Nº, 1-12, 2008, páginas 84-115, página 103.

⁸⁰⁵ “De qualquer modo, seleccionou um conjunto de documentos epigráficos que atesta um culto associado a um oráculo e a processos de *incubatio*, que as expressões *ex imperato averno, ex responsu, ex religione iussu numinis, ex uisu*, todas elas aí documentadas, punham em evidência.” (SCHATTNER, Thomas G. ; FABIÃO, Carlos ; GUERRA, Amílcar, *op. cit.*, páginas 82-83).

⁸⁰⁶ “Contudo, encontra-se há muito estabelecido que a divindade e o seu culto tinham uma componente oracular. A divindade respondia às perguntas que os fiéis lhe faziam. Trata-se de um tipo de santuários raros no ocidente, mas frequentes no oriente – basta recordar, entre os mais célebres, o de Delfos, na Grécia, e o de Dídima na Ásia Menor.” (Ibidem, página 85).

⁸⁰⁷ “Em relação à parte escultórica este monumento, deve rever-se a interpretação da personagem e do significado que o fundador do Museo Etnológico lhe atribuiu (VASCONCELOS, 1905, p. 128-129), no qual alicerçou a hipótese de Endovélico ser em boa parte uma divindade salutífera, eventualmente relacionada com o Esculápio latino, ideia retomada por outros autores.” (Ibidem, página 76).

⁸⁰⁸ GAGARIN, Michael - *The Oxford Encyclopedia of Ancient Greece and Rome*, Oxford University Press, 2010, página 276.

⁸⁰⁹ Plut., *Vit., Sert.*, 11, 4.

⁸¹⁰ Gell., *NA*, 15, 22.

⁸¹¹ “Como se constata pelo abundante espólio recolhido, tanto de natureza arqueológica como epigráfica e numismática, nada do que foi identificado em S. Miguel da Mota pertence cronológica ou culturalmente ao mundo pré-romano. Se tivermos em conta uma interpretação do teónimo como um derivado de base toponímica, e se aceitar que Endovelicus é apenas um epíteto relativo ao lugar onde se presta o culto, então é preferível pensar que nada nos autoriza a integrar este santuário e as suas manifestações numa esfera diferente da romana.” (SCHATTNER, Thomas G. ; FABIÃO, Carlos ; GUERRA, Amílcar, *op. cit.*, página 84).

autores⁸¹², configura um possível contributo para que o chefe *popular* tenha creditado uma capacidade de oniromancia externa a locais sagrados específicos⁸¹³. A importância da divindade pré-romana pode constituir, com efeito, o substracto para a edificação do santuário de São Miguel da Mota no século I d.C.⁸¹⁴ que, por seu turno, afeiçoa o concebimento de Endovélico aos modelos iconográficos greco-latinos, acrescidos de novas formas de culto⁸¹⁵.

Um adicional elemento conectando a lenda sertoriana com a atribuição de propriedades oraculares ao universo sagrado no mundo autóctone, consiste na apresentação diante das tropas da corça sagrada coroada com flores, enunciando uma boa nova⁸¹⁶. Um estudo da autoria de José de Encarnação sobre uma inscrição

⁸¹² “Endovélico figura em todas as obras da especialidade como uma divindade indígena, mas essa classificação tem como único dado a sustentá-la o próprio teónimo. Este aspecto costuma ter, todavia, um peso considerável, apresentando-se com frequência como decisivo quando se analisa a integração cultural das entidades divinas.

Nestes casos costuma aplicar-se a asserção segundo a qual o que não se integra no mundo clássico (grego, latino ou oriental) pertence, por exclusão de partes, ao âmbito indígena. Ora, sendo manifesto que o nome do deus não se encontra no panteão destas áreas culturais, parece natural que se integre no quadro das religiões pré-romanas. Nesse sentido, é compreensível a inclusão de Endovélico na lista dos deuses locais, aspecto que nunca sofreu uma evidente contestação.” (SCHATTNER, Thomas ; FABIÃO, Carlos ; GUERRA, Amílcar, *op. cit.*, página 84).

⁸¹³ “Até ao momento não foram descobertos vestígios da Idade do Ferro, mas apenas materiais da época romana, considerando-se por conseguinte que o local estaria pouco antropizado, sem nenhum recinto especial, sendo todo o cerro sagrado, como defendeu Leite de Vasconcelos.

A romanidade trouxe novas formas de encarar os espaços sagrados, organizando-se a partir do século I d.C. um santuário em moldes absolutamente clássicos que durante três séculos deve ter crescido, acompanhando os afluxos de fiéis e a deposição das usas múltiplas oferendas. Considerou José Cardim Ribeiro que, definindo o espaço sagrado ou *témenos*, nas primeiras décadas do século I, se ergueram templos, onde estão presentes estátuas do deus segundo o paradigma clássico, das principais divindades greco-latinas, como Zeus/Júpiter.” (GONÇALVES, *op. cit.*, página 22).

⁸¹⁴ “Naturalmente, todo esse conjunto, atendendo a todos os elementos conhecidos teria um cariz profundamente romano. Uma das manifestações dessa romanidade evidencia-se na natureza dos materiais usados na elaboração dos monumentos, maioritariamente incluído sob a designação genérica de mármore. (...) Comparando S. Miguel da Mota com as cidades da Lusitânia, facilmente se concluirá que, à excepção de Augusta Emerita, nenhum outro local proporcionou até ao momento um conjunto marmóreo tão abundante. Mesmo quando confrontada com os municípios lusitanos de promoção mais precoce ou as fundações coloniais, o santuário de Endovélico sobreleva consideravelmente.” (SCHATTNER, Thomas G. ; FABIÃO, Carlos ; GUERRA, Amílcar, *op. cit.*, página 76).

⁸¹⁵ “Mesmo quando persiste(?) o culto aos antigos Deuses indígenas – restará saber em que modos e com que conotações -, de que o Santuário de Endovélico, em S. Miguel da Mota, Alandroal, constituirá um dos mais conhecidos exemplos da região, tal parece ter passado, também, pela refundação em novo espaço e local do seu culto, onde, à romana, se manifesta a devoção, provavelmente já sem qualquer eco ou persistência das antigas formas do culto indígena, conhecidas que são as dificuldades sentidas na identificação dos atributos e virtudes da Divindade. Não será de excluir a hipótese, talvez, de se ter verificado uma substancial diluição do carácter da mesma, no âmbito de um complexo fenómeno de sincretismo, que possibilitasse, afinal, diversas interpretações ou distintas devoções.” (FABIÃO, *op. cit.*, página 60).

⁸¹⁶ Plut., *Vit., Sert.*, 11, 4.

epigráfica na Ara votiva da Tapada da Colegiada⁸¹⁷, no concelho de Castelo de Vide, permitiu-lhe desenvolver a teoria de que flores eram presenteadas a divindades com poderes oraculares. Para o efeito, procedeu ao cruzamento entre a dedicatória: “(...), filho de Marco, em consequência de um oráculo, colocou piedosamente a Andaieco”⁸¹⁸, com a etimologia proposta por Maria de Lourdes Albertos Firmat⁸¹⁹, que relaciona a denominação da divindade com o termo indo-europeu *andh* (florescer), ou *andhos* (flor).

Propõe José de Encarnação a possibilidade desse prefixo radical corresponder a “um qualificativo: o deus seria “florido”, o que poderá indiciar também uma divindade ligada, por exemplo, à Primavera ou à vegetação. Hipóteses que o achamento doutros testemunhos poderá vir infirmar ou, ao invés, ratificar.”⁸²⁰ Por seu turno, considera José Leite de Vasconcelos que o antropónimo latino *Endovellicus* tem por origem o termo céltico *Andevellicos*⁸²¹.

Parece, assim, provável a ligação sincrética entre Andieco e Endovélico/Andevellicos, constituindo a distinção no teónimo, o eventual efeito da distância geográfica entre Castelo de Vide e São Miguel da Mota⁸²². Esta hipótese é reforçada se aceitarmos que o importante santuário e área de influência do deus Endovélico em período romano, resulta da expansão de um culto local⁸²³.

Símbolo universal do despontar de um novo, belo e alegre ciclo da vida, a flora desta forma associada ao deus oracular do ocidente peninsular, adornaria a cabeça da corça que Sertório faz desfilar entre os seguidores lusitanos, sobre quem pretende exercer poder e dinamizar na guerra, conjugando estes métodos com a revelação dos seus próprios sonhos proféticos⁸²⁴.

O culto sertoriano enforma, assim, uma complexa interação entre múltiplos itens de significado para a mentalidade do supersticioso seguidor nativo, entre os quais

⁸¹⁷ ENCARNÇÃO, José de – “Ara Votiva da Colegiada (Castelo de Vide) (Conventus Emeritensis)”, in *Ficheiro Epigráfico* 49, 1995, Instituto de Arqueologia, Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, 2004.

⁸¹⁸ Tradução da epígrafe: (...) *Mar[ci filius?]] ex co[ns(ulto?)] / Andaieco / p(ius?) p (osuit?)*.

N.º de registo 22800 ; Ara – Cultural. Encontrado em Santiago, Castelo de Vide, Portalegre, Portugal – Tapada da Colegiada.

⁸¹⁹ ALBERTOS FIRMAT, Maria de Lourdes, *Organizaciones Suprafamiliares en la Hispania Antigua*, Valladolid, 1975, página 62.

⁸²⁰ ENCARNÇÃO, *Ibidem*.

⁸²¹ *Ibidem*.

⁸²² Cerca de 80 km em linha recta.

⁸²³ “Se tivermos em conta uma interpretação de teónimo como um derivado de base toponímica, e se aceitar que Endovellicus é apenas um epíteto relativo ao lugar onde se presta o culto (...)” (SCHATTNER, Thomas G. ; FABIÃO, Carlos ; GUERRA, Amílcar, *op. cit.*, página 84).

⁸²⁴ Plut., *Vit., Sert.*, 20, 2-3.

se distinguem três estratificações: os elementos naturais representando as formas mais primitivas de religiosidade⁸²⁵ como a sacralização da fauna (corça totémica) e flora (flores vatídicas); as propriedades oraculares possivelmente associadas a uma divindade antropomórfica da Lusitânia pré-romana, acessíveis a Sertório por via do domínio da oniromancia; o apadroamento por parte de uma deusa integrando o panteão divino romano (Diana), cujo culto se difundira pelo ocidente peninsular no decurso do fenómeno de aculturação greco-latina.

Converter a força aliada indígena sob o comando de Sertório num acervo humano devoto e crédulo na sua sagrada dirigência, consiste no mais importante provento almejado com o acto profético. A galvanização dos seguidores por via do desejo de ver materializar-se o que fora previsto, é complementada pelo incremento da sua reverência supersticiosa perante o caudilho, após a confirmação do fenómeno⁸²⁶. De forma a garantir a credibilidade da revelação e consequente confiança na chefia de Sertório, o seu conteúdo seria flexível e adaptável a diferentes circunstâncias dependendo, contudo, de um requisito fundamental: o êxito na guerra.

O uso da persuasão em que é perito justificaria reveses menores se fosse capaz de lhes atribuir um carácter temporário num projecto de emanção providencial, mas vacilaria diante de uma sucessão de derrotas. Eventualmente, as expectativas criadas poderiam adquirir, a prazo, uma feição danosa devido à dificuldade de as nutrir com realizações que exteriorizassem o carácter sobrenatural da liderança. A ferramenta de ímpar valor que consiste a deificação do exercício do comando tem, por natural contrapartida, o aprisionamento de Sertório à exigência do estatuto pretendido.

O regime de obediência marcial para com o superior hierárquico que vigora entre o contingente itálico-romano compondo a hoste sertoriana, não encontra uma reciprocidade na relação estabelecida entre o guerrilheiro hispânico e o seu chefe, razão porque métodos alternativos de aliciamento para a recruta e preservação de lealdade são necessários. Aparte o corpo de guarda pessoal vinculado à sua pessoa por juramento de *deuotio*, a dissidência do hispânico é a consequência natural da derrota.

Tradicionalmente, o comando de um homem forte no mundo tribal peninsular dura pelo tempo em que este consegue garantir segurança, saque, alimento e prestígio ao grupo que o segue⁸²⁷. Os sucessivos testes de legitimação a que o aristocrata

⁸²⁵ RIVIÈRE, *op. cit.*, páginas 37-38.

⁸²⁶ Gell., *NA*, 15, 22.

⁸²⁷ BARRETT, *op. cit.*, páginas 143-144.

guerreiro é sujeito numa ambiência de conflito endémico, instituem a precariedade como a característica modelar da sua autoridade. A importância da pertença a uma linhagem nobiliárquica constitui, no entanto, uma salvaguarda relativamente à implacabilidade de um regime assente numa pura e brutal competição meritocrática inter-grupal. Ainda que a distinção na peleja fosse, aparentemente, o elemento decisivo para a escolha da liderança da tribo, esta honra recaía, por tradição, num dos membros das famílias de maior prestígio e riqueza, provisionados com superior capacidade para retribuir, por uma variedade de benesses, a lealdade que lhe jurava um círculo de dependentes. Uma vez adquirida, a preservação do direito de chefia provinha da aptidão em continuamente garantir a segurança do seu povo⁸²⁸.

As lutas pelo poder dificilmente envolveriam um ambiente de hostilidade sanguinária entre os diferentes grupos de interesses associados aos aristocratas com pretensões à liderança. O assegurar da vitalidade da tribo impõe uma lógica de transição do direito de mando que envolva um mínimo de violência congénita. O interesse colectivo é inconciliável com a perda dos seus elementos mais aptos em conflitos fraticidas⁸²⁹, razão porque habitualmente estes se limitariam a jogos de influências ou rixas particulares⁸³⁰. Por esse motivo, o fundamental das hostilidades nativas manifesta-se entre grupos tribais, enquanto dentro da mesma comunidade se unem as vontades sob a regência da solidariedade e feroz sentimento de pertença colectiva⁸³¹. Uma poderosa

⁸²⁸ GOLDSWORTHY, Adrian – *Roman Warfare*, Cassell, London, 2000, páginas 26-27.

⁸²⁹ “Mas é bem de ver que, por outro lado, a vontade de perseverar no seu ser indiviso anima igualmente todos os Nós, todas as comunidades: a posição do Ele de cada uma implica a oposição, a hostilidade para com os outros. Que uma se mostre incapaz disso e será destruída pelas outras. A capacidade de estabelecer a relação estrutural de hostilidade (dissuasão) e a capacidade de resistência efectiva às iniciativas dos outros (repelir um ataque), em suma, capacidade guerreira de cada comunidade é a condição da sua autonomia.” (CLASTRES, Pierre – “Arqueologia da Violência”, in *Guerra, Religião, Poder*, Pierre Clastres, Marcel Gauchet, Alfred Adler, Jacques Lizot, Edições 70, Lisboa, 1977, página 41).

⁸³⁰ “Nenhum direito público regula as relações entre Estados, nem entre o Estado e o indivíduo. Há, na verdade, uma jurisprudência, leis subtis, códigos precisos que constituem aquilo a que hoje chamaríamos um “direito consuetudinário”. Mas a concepção céltica de Estado alarga desmesuradamente o direito privado e tem por corolário a quase inexistência de direito público. (...)”

Mas que a guerra (...) é um estado endémico que, segundo parece, nada tem de desastroso para a demografia.

A guerra é vista como um assunto individual, e o duelo é a sua razão de ser.” (FRANÇOISE LE ROUX ; CHRISTIAN-J. GUYONVARCH – *A Civilização Celta*, Publicações Europa América, Mem Martins, 1993, páginas 65-66).

⁸³¹ “A divisão social, a eventualidade do Estado, são a morte da sociedade primitiva. Para que a comunidade possa afirmar a sua diferença, é mister que seja indivisa; a sua vontade de ser uma totalidade excluída de todas as outras apoia-se na recusa da divisão social: para se pensar de Nós diferente dos Outros, é necessário que o Nós seja corpo social homogéneo. O desmembramento externo, a divisão interna são as duas faces de uma só realidade, os dois aspectos de um mesmo funcionamento sociológico, da mesma lógica social. Para que a comunidade possa afrontar eficazmente o mundo dos inimigos, impõe-se que esteja unida, homogénea, sem divisão. Reciprocamente, ela tem necessidade, para subsistir

tradição de lealdade do servidor para com o aristocrata local, contrapõe-se a uma ideia de discórdia disseminada por todo o tecido social, de forma que o apego nas relações domésticas constituiria a regra na ambiência hispânica. Num enquadramento espacial mais lato, contudo, a prática do bandoleirismo torna decursiva a persistência de um regime de desavenças entre populações de menor vinculação afectiva⁸³².

Um princípio de outorga provisória de poderes por parte do colectivo a um homem que os deteria enquanto os merecesse, manifesta-se no surgimento das chefias de emanação supra-tribal ou regional. Desde a Segunda Guerra Púnica que as fontes referenciam a existência de lideranças hispânicas⁸³³ que parecem possuir autoridade sobre uma vasta reunião populacional. O desenvolvimento das comunidades tribais para o domínio das associações políticas de liderança centralizada ocorre, com frequência, no momento em que estas tomam consciência da necessidade de expandir e congregar os seus recursos diante da chegada de povos estrangeiros com planos de conquista. Acompanhando a reunião humana, o reforço das estruturas hierarquizadas de exercício do poder constitui um padrão evolutivo natural das sociedades⁸³⁴, requerendo maior segurança e estabilidade.

Contra os exércitos das civilizações mais desenvolvidas do Mediterrâneo, parte do substrato hispânico crê como sua melhor forma de defesa suspender por momentos as fratricidas rivalidades inter-tribais e concertar o máximo de forças militares disponíveis sob as ordens de um único homem que as fontes identificam pelo termo de régulo - uma clara derivação de *rex* - mas que, mais exactamente, tem sido qualificado como, no fundamental, um caudilho militar com um poder provisório. No modelo clássico de tribalismo estratificado, a autoridade permanente costumava ser exercida por um

na indivisão, da figura do Inimigo na qual pode ler a imagem unitária do seu ser social. A autonomia socio-política e a indivisão sociológica são condição uma da outra e a lógica centrífuga do desmembramento é uma recusa da lógica unificadora do Um.” (CLASTRES, *op. cit.*, página 43).

⁸³² “O desmembramento externo, a indivisão interna são as duas faces de uma só realidade, os dois aspectos de um mesmo funcionamento sociológico, da mesma lógica social. Para que a comunidade possa afrontar eficazmente o mundo dos inimigos, impõe-se que esteja unida, homogénea, sem divisão. Reciprocamente, ela tem necessidade, para subsistir na indivisão, da figura do Inimigo na qual pode ler a imagem unitária do seu ser social. A autonomia socio-política e a indivisão sociológica são condição uma da outra e a lógica centrífuga do desmembramento é uma recusa da lógica unificadora do Um.” (CLASTRES, *op. cit.*, página 43).

⁸³³ Nomeadamente, as de Indibilis e Mandónio.

⁸³⁴ “A saber, que a representação da sociedade como tal deve incarnar-se numa figura do Um exterior à sociedade, numa disposição hierárquica do espaço político, na função de comando do chefe, do rei ou do déspota: não existe sociedade que escape ao signo da divisão entre Senhores e Súditos. Desta visão do social resulta que se um agregado não apresenta o carácter de divisão não pode ser considerado como uma sociedade.” (CLASTRES, *op. cit.*, página 12).

conselho de chefes de linhagem⁸³⁵. Se o comando do exército era outorgado a quem melhor podia assegurar a defesa da colectividade parece que, em tempos de paz, o conselho regulava e administrava todas as matérias de relevo da vida doméstica da tribo e exercia o seu poder sob termos fundamentalmente jurídicos, isto é, de acordo com a tradição. A tipologia do relacionamento entre a assembleia e o líder das forças armadas supra-tribais é uma questão em aberto⁸³⁶.

A partir da constituição do Estado bárcida, assistimos à expansão do fenómeno bélico na Hispânia, das corriqueiras alterações locais para uma integração nas guerras envolvendo a bacia mediterrânica, conjugada com a presença residente de povos estrangeiros devotados a projectos colonialistas. A defesa dos interesses do autóctone frente aos meios disponíveis por uma máquina de guerra estatal, induz a considerar como recorrente, ou mesmo permanente, a necessidade da comunidade em confiar os seus destinos ao homem mais capaz na arte bélica.

A tradição de cada povo hispânico em subdividir-se por tribos e clãs organizados segundo uma base largamente autonomista, disseminava a chefia por uma pluralidade de régulos, sendo difícil de definir se a concentração de poderes que acompanha as alianças regionais, tendeu a ser exercido por um princípio de sintonia contínua ou usurpação das competências do colégio de aristocratas locais, sob o apelo de um mais célere e unívoco exercício do comando militar. Subentende-se, contudo, que, no contexto peninsular, apenas líderes excepcionais estariam capacitados a dirigir uma coligação de povos durante um período de tempo mais extenso, dado qualquer momento de infortúnio nos acasos da guerra conter o potencial para pôr cobro ao seu poder.

Na senda da tradição da ocupação romana, a regência *conservadora* sediada nas Províncias Ulterior e Citerior vive conforme o hábito das elites governantes coloniais, explorando as riquezas do território sob a ameaça do uso das armas. Em contraponto, a anuência à causa sertoriana resulta sobretudo da cativação do apoio voluntário do substracto popular. Na incipiência dos dispositivos de ordenamento legal na Hispânia profunda que confirmam submissão imediata ao exercício do comando, Sertório sedimenta a sua autoridade entre os naturais por via do misticismo religioso. Entre a população autóctone, dissimina-se a noção de que anuir ao comando de um estrangeiro consiste no respeito pelo próprio domínio sagrado.

⁸³⁵ Strabo, 3, 3.

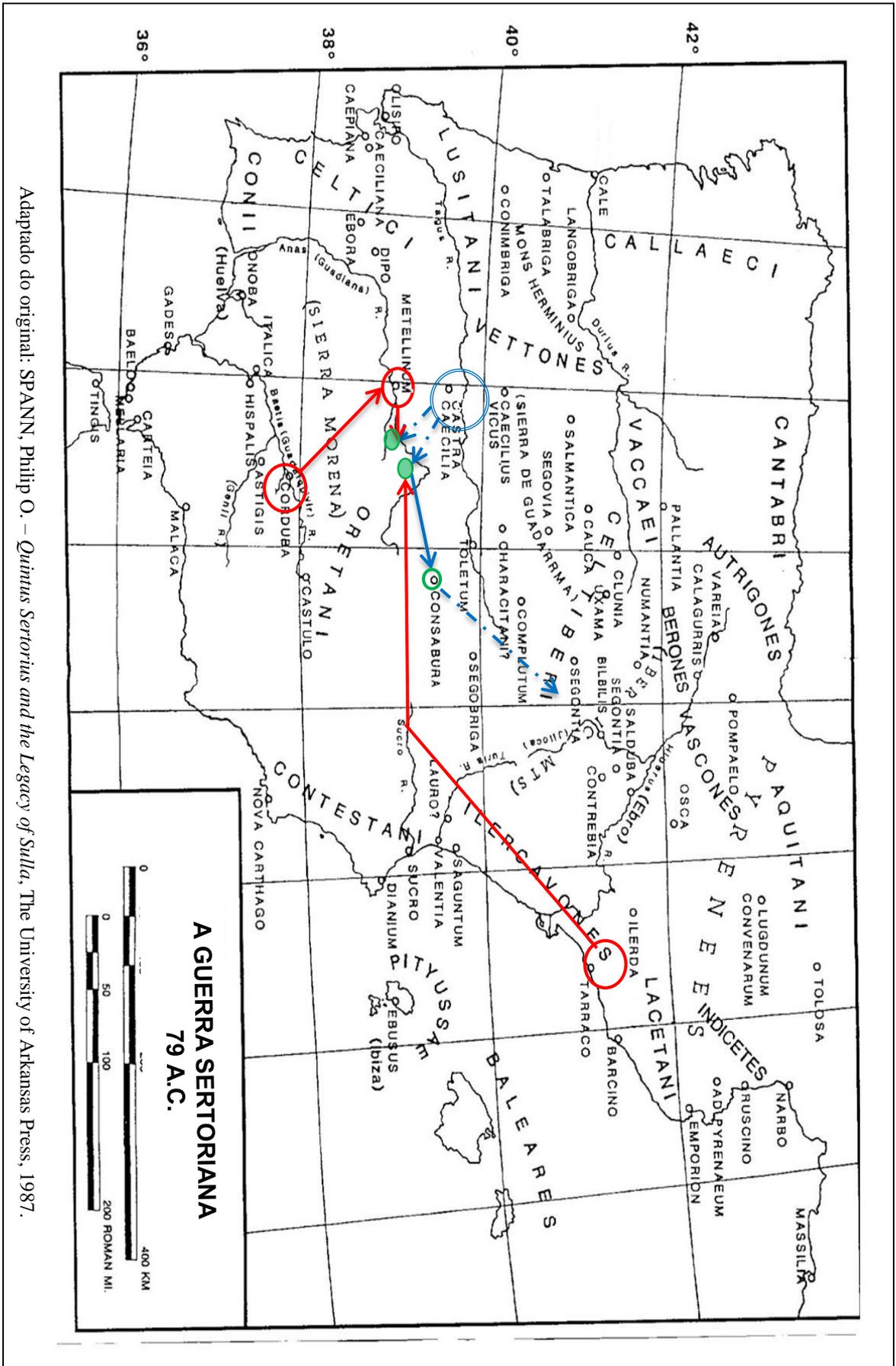
⁸³⁶ WILCOX, Peter ; TREVIÑO, Rafael – *Barbarians Against Rome. Rome's Celtic, Germanic, Spanish and Gallic Enemies*, Osprey Publishing, Oxford, 2002, páginas 101-102).

A irradiação de propriedades mágico-proféticas, o favor dos deuses expresso sob a forma de uma encarnação animal totêmica, são atributos complementares de legitimação de uma liderança que inspira o hispânico pela singular simbiose que nela ocorre. Por um lado, Sertório é conhecedor de técnicas de comando e de combate que o nativo deseja aprender ou delas beneficiar, por outro, patenteia uma adaptação natural aos modos de vida locais e evidencia possuir a consciência da melhor forma de satisfazer as necessidades práticas dos seus partidários.

A diferença de proveniência entre o líder e o indígena é, por conseguinte, diluída com a exibição da partilha, por parte do caudilho, das capacidades mais valiosas do guerrilheiro hispânico. Na Península Ibérica, parte fundamental da legitimidade da chefia incide sobre a detenção de atributos na arte guerreira, desde o combate pessoal à orientação do grupo. A aparência muscular, cicatrizes e coroa de ervas, entre outras exteriorizações, corroboram a lenda de herói da guerra que haviam feito estender a fama de Sertório até à remota Lusitânia. Com as vitórias assombrosas e a mística da corça branca, o belicoso nativo é cativado até à devoção por uma figura que assume estatuto de sagrada, por esta dispendo-se a actos de valor, lealdade e mesmo sacrifício da vida⁸³⁷.

A consolidação do direito a chefiar o hispânico é garantida pela forma como as previsões fantásticas do oráculo sertoriano se materializam com a exibição de talentos tão insignes na arte militar que ultrapassam o que o indígena atribui a um simples mortal. A liderança do caudilho conjuga os seus predicados quando os modos afectados e majestáticos que se podem antever de um deus se dissipam com uma bonomia no trato e proximidade nas condições de vida, que unem com laços fraternos e anuência voluntária, o comum guerrilheiro ao seu ídolo.

⁸³⁷ Sall., *Hist.*, 1, 112 ; Val. Max., 7, 6e`3.



Adaptado do original: SPANN, Philip O. — *Quintus Sertorius and the Legacy of Sulla*, The University of Arkansas Press, 1987.

4.2 – A campanha de 79-78 a.C.

4.2.1 - A reacção oligárquica. Quinto Cecílio Metelo Pio.

Colocado no maior alarme devido aos inesperados feitos de Sertório no decurso do ano de 80 a.C., que incluem a derrota da frota vigiando o Estreito de Gibraltar, o vexame do propretor Lúcio Fufídio⁸³⁸, o disseminar do pânico pelos residentes da Turdetânia e a expansão dos meios do rebelde *mariano* através da aliança com os Lusitanos, o Senado romano decide enviar Quinto Cecílio Metelo Pio, um dos seus maiores generais⁸³⁹, para acudir à crise.⁸⁴⁰ O governo de uma Roma convalescente de uma década sulcada pela conflagração quase ininterrupta de uma sequência de conflitos internos e guerras no exterior, fixa Lúcio Cornélio Sula, obreiro do regime vigente, à capital do império. A aparência de estabilidade que o terror das proscricções havia criado⁸⁴¹, não eliminara uma subtérrea oposição. No alvorecer do livre arbítrio por via da retirada voluntária do ditador, os novos legisladores irão empenhar-se em restaurar parte do antigo ordenamento constitucional ou introduzir modificações originais ao código sulano, enquanto se reedita a antiga fractura entre a militância *popular* e *conservadora*.

Cabeça da mais influente e poderosa *gens* romana que monopoliza, desde o século II a.C., o acesso ao exercício das magistraturas⁸⁴², Metelo Pio, cônsul no ano de 80 a.C. conjuntamente com Sula, é o mais ilustre e respeitado aristocrata do seu tempo⁸⁴³. Parente do ditador pelo casamento deste com Cecília Metela, sua prima, corporiza a anuência da nobiliarquia ao novo regime, motivo porque Sula atribui publicamente a maior parcela do seu cognome de *Felix* à concórdia que logra estabelecer com o colega consular⁸⁴⁴, quando dele temera forte objecção. Em contraste com o egotismo de outras grandes personagens deste período histórico, a devoção que Metelo Pio exhibe no cumprimento dos seus deveres de serviço à República garantem, ao

⁸³⁸ As fontes não mencionam o paradeiro de Lúcio Fufídio após a derrota do rio Guadalquivir. Contudo, o seu nome é citado pelo discurso que Salústio atribui a Emílio Lépidio no decurso do ano de 78 a.C.: “An quibus praelatus in magistratibus capiundis Fufidius, ancilla turpis, honorum omnium dehonestamentum?” (Sall., *Hist.*, 1, 48, 22). Podemos presumir que o antigo *primapilaris*, arrivista adulator de Sula, terá abandonado a Hispânia em descrédito, sujeito ao desdém da aristocracia romana.

⁸³⁹ Plut., *Vit., Sert.*, 12, 4.

⁸⁴⁰ App. *Hisp.*, 101.

MATYSZAK, *op. cit.*, página 68.

⁸⁴¹ App. *B Civ.*, 1, 97, 1.

⁸⁴² GARCÍA MORÁ, *op. cit.*, página 35.

⁸⁴³ Plut., *Vit., Sert.*, 12, 4.

⁸⁴⁴ Plut., *Vit., Sull.*, 6, 6.

ditador, a lealdade institucional que, reunida com a consumada competência no comando militar, o tornam no homem em quem melhor pode confiar para se opôr à irupção do movimento sertoriano na Hispânia⁸⁴⁵.

Produto modelar da alta aristocracia, Quinto Metelo Pio personifica algumas das clássicas virtudes romanas num período de intensa aculturação helenística, corrupção generalizada dos valores republicanos e esmorecimento da referência que constituem os *mos maiorum*. No momento do seu envio para a frente hispânica, a *auctoritas* de quem possui um currículo singularmente extenso e benemérito, elevara o seu prestígio ao ponto de ameaçar ensombrar a figura liderante do regime. A importância que atribui e o tempo investido no cultivo da sua *dignitas* são ilustrados nos excessos que as fontes lhe recriminam na tentativa de a restabelecer após as humilhações a que o sujeitou Sertório, dentro e fora do estrito domínio do campo de batalha.

A *firmitas* com que persegue os seus objectivos e defende as suas causas é-lhe reconhecida desde a mocidade pela luta que travara em favor do seu pai, condenado ao exílio por acção dos seus inimigos da facção *popular*⁸⁴⁶. A *gravitas* de Metelo Pio define-se pela manutenção dos seus princípios éticos republicanos como referência de conduta num momento de inaudita turbulência na história interna de Roma. A *severitas* induzem-no ao retiro voluntário com a tomada de poder por Mário e Cina, a destacar-se das violências e perseguições do regime de Sula e ao cumprimento escrupuloso dos seus deveres no exercício dos ofícios de Estado. A *pietas* manifesta-se no respeito pelo ordenamento social, político e religioso romano, expresso com particular denodo na sua investidura pontífica. Pela síntese entre uma distinta linhagem, integridade pessoal e acções na esfera pública, Metelo Pio personifica a reserva moral da *nobilitas* romana do seu tempo.

O seu baptismo em campanhas militares ocorre entre os anos 109-107 a.C., no contexto dos quais acompanha o seu pai, Quinto Cecílio Metelo Numídico, cônsul e comandante do exército romano enviado para o Norte de África, contra o rei númida Jugurta⁸⁴⁷. Durante esse período, tem oportunidade para se familiarizar com a prática da guerra num ambiente árido dotado de apreciável similitude com o teatro operacional

⁸⁴⁵ Plut., *Vit., Sert.*, 12, 4 ; Cass. Dio., 33, 106.

⁸⁴⁶ Vell. Pat., 2, 15, 3-4.

⁸⁴⁷ Sall., *Iug.*, 64, 4.

hispânico, sobretudo no que concerne à natureza evasiva da oposição e constrangimentos no domínio da logística⁸⁴⁸.

Uma vez regressado à capital, afama-se entre a comunidade romana pelo afincamento com que tenta obter o perdão da sentença que condenara ao exílio o seu pai, devoção filial que lhe merece o epíteto de Pio, doravante associado como *agnomen*⁸⁴⁹. No decurso da década de 90 a.C., a eleição para o Colégio dos Pontífices e o zeloso cumprimento das suas funções religiosas, firmam a apreciação do meio social pelo valor exibido na defesa dos valores romanos tradicionais. Em cada passo da sua vida pública constrói, o grande aristocrata, uma reputação conforme aos fundamentos éticos que lhe valem a sua posição de honra na hierarquia orgânica da comunidade romana.

Com o rebentar da Guerra Social, as necessidades do Estado romano do comando qualificado de que Metelo Pio soube comprovar as aptidões, combinadas com o prestígio e influência da *gens* a que pertence, valem-lhe o acesso à pretoria em 88 a.C., mesmo contra candidaturas de mais avançada faixa etária, numa sociedade reverente perante a precedência dos seniores. A derrota que inflige ao cônsul mársico, Quinto Popédio Silão constituiu um dos acontecimentos de maior significado nas operações do ano de 88 a.C..⁸⁵⁰ Em virtude deste sucesso é enviado, em 87 a.C., para a frente meridional, incumbido pelo Senado de negociar a paz com os Samnitas. O fracasso das suas tentativas⁸⁵¹ que coincidiram no tempo com a tomada do poder em Roma por Cina e Gaio Mário, líderes do movimento *popular*, sucedida por uma vaga de execuções de inaudita crueldade, convencem Metelo Pio, firme aristocrata, a refugiar-se no Norte de África⁸⁵², onde procura recrutar um exército com o auxílio dos seus contactos e recursos clientelares.

O desembarque de Sula em Brundísio no ano de 83 a.C. dá novo alento à nossa personagem, que arrisca a travessia para a Itália onde se reúne com o líder dos *optimates*⁸⁵³. Aceite pelo futuro ditador como um dos seus mais próximos associados, Metelo Pio distingue-se pela competência da sua actuação militar contra as forças *marianas*, permanecendo imaculado das violências que se sucedem à tomada de poder por Sula. O consulado que aceita exercer em 80 a.C. consiste num contributo

⁸⁴⁸ DYSON, Stephen L. - *The Creation of the Roman Frontier*, Princeton University Press, New Jersey, 1985, página 229.

⁸⁴⁹ App. *B Civ.*, 1, 33, 1.

⁸⁵⁰ App. *B Civ.*, 1, 53, 1.

⁸⁵¹ App. *B Civ.*, 1, 68, 1.

⁸⁵² Cass. Dio., 33, 106.

⁸⁵³ App. *B Civ.*, 1, 80, 1.

determinante para vincular a nata da aristocracia à aparência de republicanismo que subsiste num regime tirânico⁸⁵⁴. A experiência marcial e valores de cidadania deste homem distinto transformam-no no sabido escrutínio do ditador, na escolha ideal para a oposição a Sertório. Orgulhoso da sua linhagem e meritória carreira, Metelo Pio atribui à defesa da sua reputação uma questão de princípio. O móbil para aceitar o comando na Hispânia consiste no acérrimo partidarismo *conservador* e no sentido de dever que procura projectar com as suas acções diante da avaliação da sociedade.

4.2.2 – As operações iniciais de Metelo Pio. O avanço até ao Guadiana.

Nos inícios do ano de 79 a.C., um mandato proconsular atribui a Metelo Pio o exercício do comando-em-chefe das forças reunidas pelos *optimates* na Península Ibérica. O grande exército anuido por Apiano⁸⁵⁵ de que irá dispor para a sua campanha contra a insurgência lusitana sob ordenança *democrática*, constitui-se a partir dos contingentes já dispostos no terreno e um reforço de dimensão desconhecida proveniente da Itália⁸⁵⁶, que podemos estimar entre duas a quatro legiões completas. A facção *conservadora* mobiliza, assim, contra os rebeldes do ocidente hispânico, tropas veteranas da sanguinária guerra civil que devastara o solo natal da civilização romana, colocadas sob a chefia do seu mais distinto aristocrata. O desastre que atinge Metelo Pio após o fiasco do seu avanço na Lusitânia e refúgio nos baluartes urbanos andaluzes, elucida-nos quanto à supremacia que era esperada dos meios de que dispõe contra o “bando de salteadores”⁸⁵⁷ arregimentado por Sertório.

Apesar do foco de oposição ao regime *conservador* que se constitui no ocidente hispânico proceder de uma vitória táctica sobre forças romanas, o motivo desta pode sobretudo atribuir-se às falhas no comando exercido por Lúcio Fufídio, homem de mão de Sula, comumente desprezado. A escalada do esforço de guerra pelo envio de um magistrado proconsular para a Península Ibérica, atribui à resistência dos nativos coligados com Sertório, um carácter desesperado frente à concentração de recursos dos *optimates*. O transcendente estatuto que o capitão *popular* irá adquirir mesmo entre os

⁸⁵⁴ App. B Civ., 1, 103, 1.

⁸⁵⁵ App. Hisp., 101.

⁸⁵⁶ ERDKAMP, Paul – “War and State Formation in The Roman Republic”, in *A Companion to the Roman Army*, Paul Erdkamp (Ed.), Blackwell Publishing, Oxford, 2007, página 107).

⁸⁵⁷ Plut., Vit., Sert., 14, 1.

seus inimigos, firma-se com as surpreendentes derrotas que inflige às poderosas legiões incumbidas com a tarefa de irradiar a rebelião lusitana.

As fontes não explicitam de que forma se deslocou Metelo Pio até ao teatro de guerra peninsular, apenas deixam subentendido que a sua campanha contra Sertório principia a partir do núcleo de sedimentação do governo oligárquico nas urbanizações do Guadalquivir⁸⁵⁸. Um percurso integralmente marítimo desde a Itália até Gades enuncia-se como uma das possibilidades, tomando a rota do denso tráfico de mercadorias que Estrabão alude ter-se estabelecido entre esta importante cidade andaluza e a Itália⁸⁵⁹. A facilidade de navegação ao longo da costa mediterrânica é também enfatizada pelo geógrafo helenístico, sujeitando-se somente na zona do Estreito de Gibraltar, uma frota de transporte, a maior perigo.

A dúvida a anuímos de forma liminar a esta deslocação fundamenta-se na actividade da pirataria cilícia que, após ter contribuído para vencer a frota de Cota em 80 a.C. na batalha frente a Mellaria, poderia presentemente operar neste espaço. Um desembarque na costa catalã de forma a evitar expor-se ao raio de actuação destes flibusteiros aliados de Sertório, configura um compromisso em relação à terceira alternativa que consiste num percuso mais moroso por via terrestre, sobretudo quando envolvendo a passagem pelos Pirinéus.

Contabilizando, pelo critério estandardizado de 6.000 efectivos por legião, as duas legiões de que dispõe o propretor da Citerior, Lúcio Domício, mais os sobreviventes do fiasco do rio *Bétis*, a chegada de Metelo Pio eleva a totalidade do poder *conservador* na Hispânia a perto de 40.000 homens⁸⁶⁰, cifra seguramente superior à que comanda Sertório após ter conduzido os seus cerca de 8.000 partidários de Baelo para a Lusitânia, onde procedera a adicionais recrutamentos. Com uma tão expressiva desproporção de meios, as esperanças do caudilho *popular* sedimentam-se na vantagem de poder travar uma luta de cariz estratégico defensivo num amplo espaço territorial. O exíguo urbanismo pontuando a superfície deste teatro de guerra proporciona, a Sertório, uma considerável liberdade para movimentos evasivos, sem que a reincidência da conduta lhe custe a perda do apoio nativo.

⁸⁵⁸ Sall., *Hist.*, 1, 108.

⁸⁵⁹ Strabo, 3, 2.

⁸⁶⁰ ABÁSULO ÁLVAREZ, José António ; GONZÁLEZ FERNÁNDEZ, M^a Luz ; MORA SERRANO, Bartolomé – “Recientes investigaciones en el Campamento de Cáceres el Viejo”, in *Arqueología urbana en Cáceres. Investigaciones e intervenciones recientes en la ciudad de Cáceres y su entorno*, Primitivo Javier Sanabria Marcos (Editor), *memorias 7*, 1^a Edición, Cáceres, 2008, página 115.

A vocação pastoril das populações lusitanas e vetãs contribui de sobremaneira para incrementar a aplicação de uma política militar de recolha e deslocação de víveres, de forma a transformar o abastecimento das legiões num pesadelo de logística. Da dificuldade de desenvolver uma campanha em profundidade nos territórios hispânicos desafectos à romanização, consciencializa-se Metelo Pio desde muito cedo, como se pode avaliar pelo custo de oportunidade que representa a edificação de uma rede de fortificados sinalizando o itinerário da sua morosa marcha em direcção ao coração da Lusitânia.

A base de operações⁸⁶¹ do procônsul parece ter sido a Província Ulterior, onde se terá reunido, com as tropas trazidas da Itália, às legiões vencidas de Lúcio Fufídio. O movimento natural a partir daqui seria para norte, através da Serra Morena, em direcção ao rio Guadiana que, a montante do trajecto em que define a fronteira entre Portugal e a Espanha, reverte para oeste num alinhamento cartográfico horizontal. Nas elevações do Cerro del Castillo, situado na adjacência da margem sul do curso fluvial, ergue-se o *oppidum* que Martín Almagro-Gorbea identificou como correspondendo à antiga Conisturgis, ainda que esta localização continue a suscitar problemática⁸⁶².

Várias menções nas fontes escritas⁸⁶³ confirmam que Conisturgis consistira, ao longo do século II a.C., numa base de aquartelamento e de logística para as legiões, definindo a fronteira entre o mundo provincial romano e o espaço peninsular ainda resistente à organização administrativa do império. A referência de Salústio⁸⁶⁴ subentende uma ocupação pacífica por parte das forças de Metelo Pio, incrementando o reconhecimento da integração da cidade hispânica no espaço controlado pela facção *conservadora*. A importância estratégica e demográfica deste núcleo urbano terá constituído motivo para que Metelo Pio o renomeasse de *Metellinum*⁸⁶⁵, topónimo da moderna Medellín. Efectivamente, a povoação pré-romana que se destaca na paisagem hodierna, confirma que o magistrado romano não procedeu a uma fundação *ex nihilo*,

⁸⁶¹ ROTH, *op. cit.*, página 169.

⁸⁶² ALMAGRO-GORBEA, Martín, “Medellín-Conisturgis: Reinterpretación geográfica del Suroeste de Iberia”, in *Boletim da Sociedade de Geografia de Lisboa*, Série 126, N.º. 1-12, 2008, páginas 84-115.

⁸⁶³ App. *Hisp.*, 58 ; Strabo, 3, 2.

⁸⁶⁴ Sall., *Hist.*, 1, 108.

⁸⁶⁵ Veg., *Mil.*, 4.

GUERRA, Amílcar – “*Caepiana*: uma reavaliação crítica do problema da sua localização e enquadramento histórico” in *Revista Portuguesa de Arqueologia*, volume 7, número 2, 2004, página 218. (...)

ALONSO SÁNCHEZ, Ángela ; CÁCERES, Enrique Cerrillo M. ; FERNÁNDEZ CORRALES, José M. - “Tres ejemplos de poblamiento rural romano em torno a ciudades de la vía de la plata: *Augusta Emerita, Norba Caesarina Y Capara*” in *Les Campagnes de Lusitanie Romaine. Occupation du sol et habitats*, Casa de Velázquez, Ed. Universidad Salamanca, Madrid-Salamanque, 1994, página 80.

antes atribuindo o seu apelido familiar⁸⁶⁶ a uma praça estruturando um vasto território⁸⁶⁷.

Encontra-se concluída a etapa inicial do trajecto de Metelo Pio com o estabelecimento da presença romana no sul da moderna Extremadura espanhola, na fronteira com território vetão, através da ocupação de uma cidade fortificada no topo de um morro, facultando controlo sobre o curso médio do rio Guadiana e armazenagem logística para além das altitudes de difícil travessia da Serra Morena⁸⁶⁸. Antes de investir sobre o espaço insurrecto, o general romano parece ter aguardado pela reunião com o exército de Lúcio Domício, propretor da Província Citerior em 80 a.C., comando que é prolongado pelo ano seguinte. Terá considerado Metelo Pio que a permanência inactiva de duas legiões numa região segura pela sua marginalidade geográfica relativamente à incidência das recentes actividades militares, constitui um desperdício, razão porque se recomenda a convergência de recursos.

O paradeiro de Sertório é, nesta fase, desconhecido, mas podemos estimar a linha do Tejo como a referência geográfica mais provável para a disposição das unidades sobre as quais exerce directo controlo. Células independentes de guerrilha parecem, contudo, operar num vasto espaço à dianteira deste poiso, encarregadas com a tarefa de batida e vigília. A informação obtida através de uma rede de espiões infiltrados dentro da órbita do poder oligárquico em concerto com os serviços de agentes enviados em missões específicas⁸⁶⁹, facultam a Sertório uma vantagem valiosa na conjectura e contrariedade da acção do seu adversário⁸⁷⁰. A perfeita consciência que o caudilho possui sobre o desenrolar do conjunto das operações *conservadoras*⁸⁷¹, é deduzível pela forma como tira partido da deslocação de Domício. Incapaz, pela carência de recursos materiais, de se opôr directamente ao grosso das forças *optimates* sob as ordens de Metelo Pio, Sertório assume o risco de destacar uma parcela do seu exército visando interceptar em marcha o propretor da Citerior. A divisão de forças perante um adversário mais poderoso, constitui um desafio às convenções militares que ilustra a

⁸⁶⁶ Veg., *Mil.*, 4.

⁸⁶⁷ Strabo, 3, 2, 2.

⁸⁶⁸ As glandes de chumbo de Azuaga com o nome de Metelo comprovam o domínio que o magistrado romano exerce, em determinada fase, sobre a rica região mineira da Serra Morena. Ver: DOMERGUE, Claude – “Un temoignage sur l’industrie minière et metallurgique du plomb dans la région d’Azuaga (Badajoz) pendant la guèrre de Sertorius, XI Congreso Nacional de Arqueologia, Zaragoza, pp. 608-626.

⁸⁶⁹ Polyenus, *Strat.*, 8, 23.

⁸⁷⁰ Plut., *Vit., Sert.*, 18, 1.

⁸⁷¹ Frontin. *Str.*, 1, 1, 12.

confiança depositada por Sertório na vantagem que pode extrair da superior mobilidade das suas tropas frente às legiões romanas.

4.2.3 – A destruição das legiões de Domício e Tório Balbo no rio Guadiana.

Para o sucesso da missão que consiste em derrotar em detalhe o exército de Domício antes que este possa reunir-se ao comandante-em-chefe⁸⁷² *conservador* fortificado em *Metellinum*, Sertório dispõe de um subordinado com as justas credenciais: Lúcio Hirtuleio. Nas várias acções independentes que lhe são confiadas no decurso do conflito peninsular, a actuação deste brilhante oficial distinguir-se-á pela enérgica tomada de iniciativa e intrepidez, por vezes temerária, com que se prontifica à luta. O seu criativo e petulante estilo de comando adequa-se de forma primorosa a extrair os principais valimentos ofensivos do guerrilheiro hispânico. Versátil e dinâmico executante, Hirtuleio atribui o estrépito do repentismo às suas acometidas, enquanto o invento com que assegura a escapatória das suas hostes das situações mais críticas, merece menção nos exemplos selectos que compõem a obra *Estratagemas* de Frontino⁸⁷³.

A sua predilecção pelo assumir de elevados riscos em acções incisivas visando a obtenção do efeito surpresa, revela-se recompensadora frente a adversários de menor talento e sangue-frio, mas irá expô-lo a uma vigorosa refutação por parte de um experimentado e hábil tático como Metelo Pio. A longevidade da sua tenência relativamente a Sertório é desconhecida, mas a confiança deste na sua capacidade por meio dos frequentes destacamentos de forças que coloca sob o seu comando, indicia que o serviço conjunto deveria remontar às campanhas travadas na Itália contra as forças *conservadoras*.

Lúcio Domício⁸⁷⁴, membro da prestigiada *gens Domitia*⁸⁷⁵ que, nos últimos dois séculos da República, deteve um apreciável número de magistraturas, exerce o seu

⁸⁷² GARCÍA MORÁ, *op. cit.*, página 256.

⁸⁷³ Frontin. *Str.*, 5, 8.

⁸⁷⁴ Informações contraditórias a respeito do *praenomen* e funções presentemente assumidas por Domício chegam até nós por via dos testemunhos de Lívio, Plutarco e Eutrópio. Denominando o comandante *conservador* por Marco Domício Calvino, Lívio (*Epítome* 90) apresenta-o como o legado do procônsul Lúcio Mânlio. É um dado praticamente adquirido que esta menção consiste num equívoco por parte autor, pela certeza que possuímos que Lúcio Mânlio exercia, à data, as funções de governador na província romana da Gália Transalpina. Mais confiança merece-nos, por isso, o relato de Flávio Eutrópio (*Eutr.*, 6, 1) quando menciona “o pretor Lúcio Domício”. Também em Plutarco, *Sert.*, 12, 3, o general romano é referido por “Lúcio Domício”.

segundo ano de comando na Hispânia, por extensão da propretoria de 80 a.C.. Desconhecem-se as diligências efectuadas após ter recebido o pedido de ajuda que lhe dirige Lúcio Fufídio no seguimento da sua derrota no rio Guadalquivir e do propagar do pânico civil pela Província Ulterior. No entanto, o envio de Metelo Pio para a Hispânia com um mandato proconsular e um exército correspondente à categoria desse comando, induz-nos a considerar que a lide com a gravosa situação se encontrava para além da capacidade da chefia e dos recursos militares que possui Domício. Não temos notícia de nenhuma deslocação das suas forças para oeste em resposta à urgência do socorro de Fufídio, antes do movimento de Sertório para a Lusitânia ter provavelmente contribuído para reduzir a intranquilidade da população do sul peninsular.

No momento em que Metelo Pio desbravava caminho para norte, solidificando a presença romana no extremo meridional do espaço de ocupação vetão, Domício permanece estacionado com as duas legiões correspondentes à propretoria, na Província Citerior. O desejo de obter colaboração mais activa do seu subordinado, constitui o mais patente móbil para que o comandante-em-chefe *conservador* requeira a deslocação deste até ao ponto de reunião nas margens do Guadiana.

Um trajecto enviesado, com uma etapa preliminar dirigida, a partir das suas bases levantinas, até ao vale do Guadalquivir⁸⁷⁶, para daí inflectir em sentido noroeste através da Serra Morena com destino a *Metellinum*, garantiria maior segurança à marcha do exército de Domício, pelo preço da adicional morosidade que esta precaução implicava. O uso do troço viário entre Cartagena e Córdova garantia que o progresso do exército romano se encontrava escudado pela distância assumida em relação ao inimigo, assim como por obstáculos naturais dispostos numa extensa latitude. Opta, contudo, o comandante romano, pela via mais directa, através da Oretania setentrional em direcção à nascente do Guadiana⁸⁷⁷, circunstância que o expõe, porventura sem que o próprio tenha disso consciência, a um movimento de intercepção por parte do inimigo.

Para garantir que uma tentativa de convergência e concentração de tropas marchando em separado seja realizada em segurança, é vital que os seus comandantes possuam uma informação precisa sobre a configuração do teatro de operações e se

⁸⁷⁵ Dividindo-se a família *Domitia* em dois ramos, desconhece-se se o *cognomen* de Lúcio Domicio era Calvino ou Ahenobarbo.

⁸⁷⁶ Percorrendo a via entre as cidades costeiras da Província Citerior e Castulão. Ver: Strabo, 3, 4, 9.

A ligação terrestre entre as Províncias Citerior e Ulterior era usualmente realizada através do desfiladeiro de Despeñaderos, denominado pela autoria antiga por *Saltus Castulunensis*. A depressão do vale, superior a 500 metros, permite a passagem mesmo de um exército numeroso pelo âmago da Serra Morena.

⁸⁷⁷ GARCÍA MORÁ, *op. cit.*, página 257.

mantenham em contacto permanente. Na inexistência ou debilidade dessas comunicações oferece-se, a um inimigo mais móvel ou com domínio estratégico das linhas interiores, a oportunidade para acometer contra uma das colunas em avanço e destruí-la antes da chegada de auxílio.

As legiões comandadas por Lúcio Domício constituiriam uma reminiscência do exército enviado para a Península Ibérica sob o comando de Gaio Ânio Lusco, ou seja, parte integrante da mais eficiente máquina de guerra do mundo antigo, soldados experimentados e vitoriosos na árdua contenda na Itália, sucedida pela repulsa para além das fronteiras imperiais do ramo *popular* chefiado por Sertório. Contudo, mesmo a melhor tropa de choque pode ser colocada numa posição de grande desvantagem se sujeita ao efeito de um ataque surpresa eficientemente executado. Um exército legionário reage de acordo com os fundamentos e constrações associados a uma organização convencional, sobrepondo-se os cânones institucionais estruturantes da romanidade aos particularismos da guerra na Hispânia. Neste contexto se compreende o motivo da derrota de uma força composta por veteranos, com primazia em qualidade de equipagem sobre a guerrilha hispânica e disfrutando de provável ascendente numérico sobre o destacamento confiado a Lúcio Hirtuleio.

A ignorância sobre a exacta localização de Sertório, associada à convicção que, perante o superior poder do adversário, aguardaria em espaço lusitano antes de se prestar à luta, pode constituir o motivo que leva o comando oligárquico a negligenciar os perigos que envolvem esta tentativa de aglutinação dos seus exércitos. A inesperada ousadia do *condottiere* na divisão das suas forças, combinada com a fulgurante e dissimulada aproximação de Hirtuleio, compreendem os elementos contextualizantes para a completa surpresa com que é colhida a hoste do propretor da Citerior, durante o momento delicado que constitui uma marcha por território hostil, com o qual possuiria escassa ou nenhuma familiaridade⁸⁷⁸.

Sobre a batalha que ocorre, segundo Floro⁸⁷⁹, na adjacência do rio Guadiana, dispomos apenas de alguns fragmentos da narrativa de Salústio. Uma reconstrução pode, contudo, ser intentada a partir dessas parcas referências e o seu cruzamento com o

⁸⁷⁸ “Um dos princípios mais importantes da guerra ofensiva consiste em surpreender o inimigo. Quanto maior for o efeito de surpresa do nosso ataque, mais afortunados seremos. O efeito inesperado que o defensor consegue gerar com a ocultação das suas medidas preventivas e das suas tropas só pode ser contrabalançado, pelo que opta pela ofensiva, através do ataque de surpresa. (...) O próprio ataque de surpresa (...) é a melhor via para explorar ao máximo o potencial de um pequeno exército.” (CLAUSEWITZ, *op. cit.*, páginas 48-49).

⁸⁷⁹ Flor., 2, 10, 6-7.

domínio teórico da história militar na Antiguidade. A menção, por parte do autor latino, de que a cavalaria romana consiste no alvo preliminar do ataque de Hirtuleio⁸⁸⁰, indicia que o exército de Domício se deslocava em coluna de marcha, com as tropas montadas tipicamente distribuídas pela vanguarda, flanco(s) e retaguarda⁸⁸¹.

A batalha do Lago Trasimeno constitui exemplo paradigmático das fatalidades que podem recair sobre um exército romano se acometido quando enfileirado e incapaz de rapidamente se dispor em ordem de batalha. Flávio Vegécio detalha com minúcia os cuidados que devem ser preservados durante o curso de um movimento em coluna, de forma a evitar uma exposição a um ataque inesperado ou emboscada⁸⁸². Podemos, por esta via, deduzir que as legiões de Domício foram vítimas da imprecaução em vários dos procedimentos enunciados pelo tratadista. A negligência em complementar a protecção de maior proximidade exercida pelos esquadrões montados, com batedores enviados em missões independentes de busca pelo inimigo, configura o principal motivo para a completa envoltura das legiões romanas.

O ataque de Hirtuleio ter-se-á provavelmente desenvolvido a partir de posições de emboscada previamente escolhidas, situadas fora do alcance da vista das tropas *conservadoras* em marcha pelo vale do Guadiana. O uso de terreno que imponha limites à visibilidade da presa assegurando a ocultação dos assaltantes, parece constituir um requerimento indispensável para o sucesso da manobra orquestrada pelo tenente de Sertório. As elevações precedendo a vertente meridional dos Montes de Toledo e a Serra de Guadalupe configuram a topografia propícia à cilada que resulta na vitória assombrosa de Hirtuleio⁸⁸³.

A conjugação dos mencionados factores contextualiza as condições que concedem, ao comandante *mariano*, uma vantagem inicial capaz de determinar o resultado da luta⁸⁸⁴. Com o seu plano e tarefas previamente definidos, os assaltantes podem agir como unidades independentes sem necessidade de manter comunicação entre si. Desta forma, asseguram os guerrilheiros de Hirtuleio superioridade numérica local nos pontos de decisão. Convergindo sobre as duas legiões que comanda o propretor romano a partir de múltiplos vectores de investimento, os lestos hispânicos

⁸⁸⁰ Sall., *Hist.*, 1, 99.

⁸⁸¹ Veg., *Mil.*, 3, 6.

⁸⁸² Veg., *Mil.*, 3, 6.

⁸⁸³ GARCÍA MORÁ, *op. cit.*, página 257.

⁸⁸⁴ Veg., *Mil.*, 3, 9.

cobrem o terreno que os separa das unidades de cavalaria inimiga, atacando-as antes que possam adoptar uma formação de combate.

Comparativamente ao poder das legiões, as tropas montadas dos exércitos romanos representam uma distinta fraqueza⁸⁸⁵, condição que as define como alvo para o assalto *popular*. Uma das convenções táticas num ataque de surpresa consiste em acometer, sempre que possível, sobre a parte mais débil do inimigo, de forma a propagar o pânico pelo resto do colectivo. Mesmo quando dispondo de um exército menos numeroso, a obtenção de uma vitória completa no ponto de ruptura através de um impulso concentrado, pode decidir a luta em toda a linha⁸⁸⁶.

O ímpeto da carga sobre o alvo surpreso que constitui a cavalaria *conservadora*, subjaz para retirar o valor combativo igualmente aos infantes. Os esquadrões são rapidamente destroçados e na confusão que se segue, as montadas precipitam-se sem controlo sobre os legionários, envolvendo-os numa desordem colectiva⁸⁸⁷.

A marcha em coluna implica que a infantaria romana se encontra desprovida de parte do seu equipamento de combate⁸⁸⁸ no momento em que as tropas de Hirtuleio desferem o seu inesperado e violento ataque. Incapazes de organizar uma resistência e com as vias de escape obstruídas pelo inimigo⁸⁸⁹, os soldados romanos apavorados, decidem-se pela submissão⁸⁹⁰, considerando-a como a melhor hipótese de, num contexto de guerra civil, conseguir a poupança das suas vidas.

Menor expectativa de mercê por parte do vencedor tem o propretor Domício que avança por entre os legionários, implorando àqueles que reconhece que não o entreguem

⁸⁸⁵ “O uso da cavalaria pelos exércitos romanos não tem sido objecto de estudos aprofundados. O papel principal da infantaria legionária, em qualquer das suas formas (alto ou baixo-imperial), tem dominado os estudos como dominou, ao longo de quase toda a História de Roma, os campos de batalha. (...) É aceite, sem contestação, que a parte mais fraca do exército legionário romanos dos primeiros tempos era a cavalaria. (...) As reformas de Mário (c. 107 a.C.), se de importância capital para a construção do novo exército romano, responsável não só pela expansão territorial mas igualmente pela sua manutenção durante séculos, não atribuiu um papel relevante à cavalaria. Aliás, segundo as informações que nos são transmitidas, a sua importância até terá sido menor.” (BARBOSA, Pedro Gomes – “A Cavalaria Romana, entre o Alto e o Baixo-Império”, in *Separata da Revista de História das Ideias*, Vol. 30, Faculdade de Letras, Coimbra, 2009, páginas 67-68).

Ver: DIXON, Karen R. ; SOUTHERN, Pat – *The Roman Cavalry*, Routledge, New York, 1997.

⁸⁸⁶ Veg., *Mil.*, 3, 22.

⁸⁸⁷ Sall., *Hist.*, 1, 99.

⁸⁸⁸ Sall., *Hist.*, 1, 100 ; Veg., *Mil.*, 3, 6.

⁸⁸⁹ Possivelmente também pelo rio Guadiana, ao longo do curso do qual se deveria deslocar o exército romano.

(...)

“Apenas quando conseguimos cortar a linha de retirada do inimigo é que ficamos seguros de obter grande sucesso na vitória. (...) Cercar um exército completo só é possível em pouquíssimas situações e requer uma enorme superioridade física e moral. Mas ao cortarmos a linha de retirada do inimigo num ponto do seu flanco, conseguiremos grande sucesso.” (CLAUSEWITZ, *op. cit.*, página 45).

⁸⁹⁰ Sall., *Hist.*, 1, 100.

às mãos dos *populares*, até ser atingido mortalmente⁸⁹¹. O seu legado, Septímio, assume a chefia das legiões mas ferido pouco tempo após, com gravidade, fica inutilizado para o exercício do comando⁸⁹².

A conjugação entre os subsequentes acontecimentos e o conteúdo de um dos fragmentos de Salústio⁸⁹³, sugere que um mensageiro é enviado a Metelo Pio, informando-o do ataque sertoriano e requerendo reforços com a máxima urgência. Perante a situação crítica do propretor da Citerior, Metelo Pio decide precipitar a remessa de tropas em seu socorro, colocando um destacamento sob as ordens de Lúcio Tório Balbo, enquanto o núcleo do seu exército permanece aquartelado em *Metellinum*, sede estratégica para a campanha planejada. Os números desta força são desconhecidos, mas uma legião consiste no comando corrente de um legado no modelo marcial pós-mariano, circunstância aludida pelas fontes literárias noutras ocasiões durante a Guerra Sertoriana⁸⁹⁴.

A informação que lhe chega sobre o ataque que atinge o exército do propretor da Citerior, induz o comandante-em-chefe oligárquico a considerar que a celeridade, mais do que o poder humano, deve ser o elemento favorecido no apoio prestado. Destaca, assim, apenas uma coluna móvel a partir do conjunto de tropas que comanda, com o propósito de cobrir o mais rapidamente possível a distância que a separa do local do embate. A emergência do socorro solicitado induz Metelo Pio a agir de forma irreflectida com o envio de Tório Balbo à cabeça de uma unidade táctica demasiado reduzida para se sustentar num combate independente.

Podemos conjecturar que a decisão do procônsul romano deverá ter sido influenciada pelo voluntarismo com que o seu legado abraça esta oportunidade para se distinguir. O cruzamento de dados biográficos sobre Lúcio Tório Balbo provenientes das fontes literárias e registo numismático, esboçam-nos o retrato de um abastado e pródigo membro de uma família plebeia natural da cidade de Lavínio. Cícero apresenta-o como uma personalidade *sui generis*, um galhardo hedonista, desdenhoso incréu na religião e superstições coevas, desprovido de temor pela morte na perseguição do brio pelo assumir de ousados riscos em nome da República⁸⁹⁵. A sua popularidade no

⁸⁹¹ Eutr., 6, 1.

⁸⁹² Sall., *Hist.*, 1, 100.

⁸⁹³ Sall., *Hist.*, 1, 101.

⁸⁹⁴ SPANN, *op. cit.*, notas da página 66.

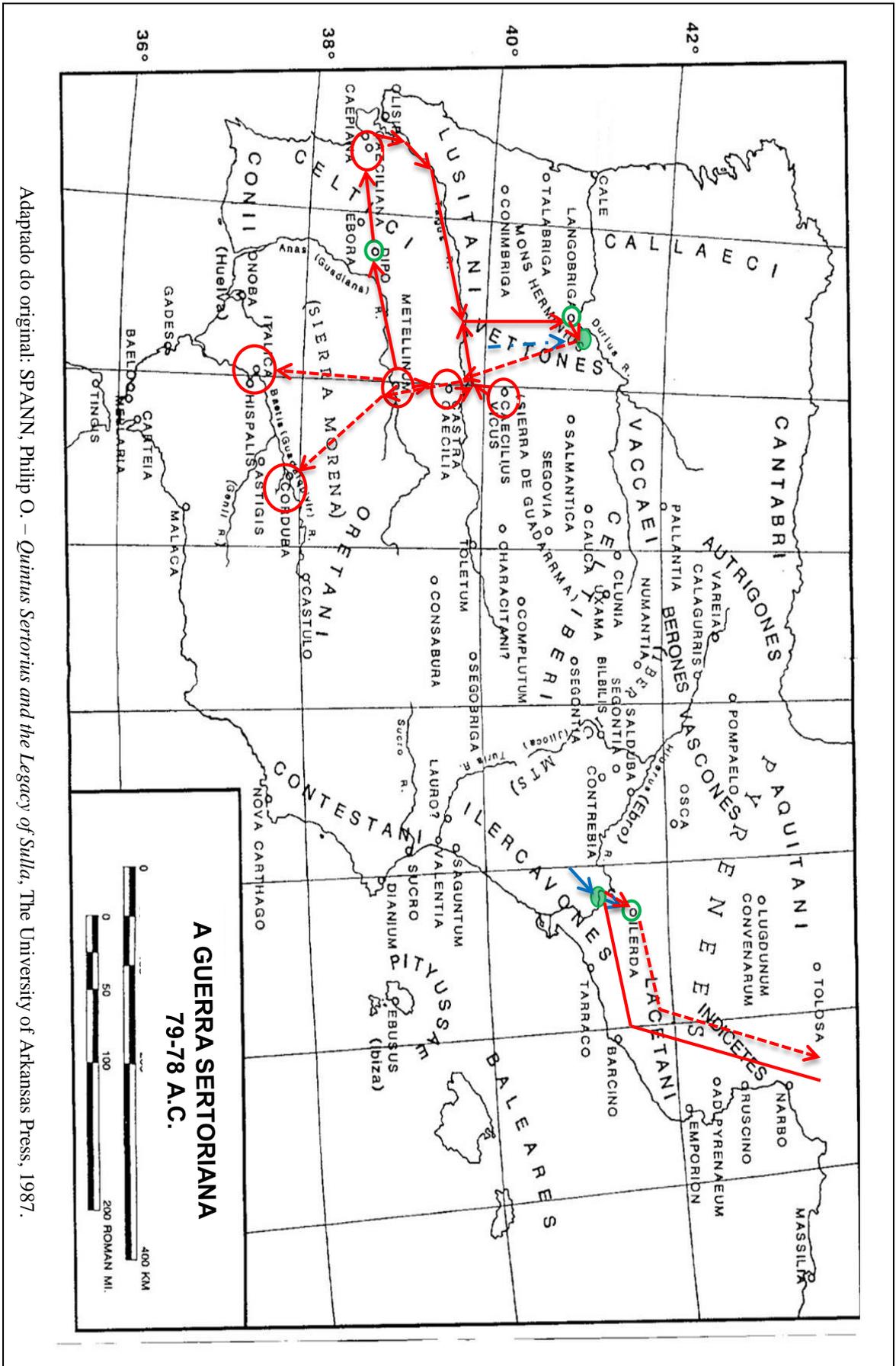
⁸⁹⁵ Cic. *Fin.*, 2, 20, 63-63.

contexto social romano deveriam ser consideráveis, atendendo à recolha de um denário cunhado com a sua efígie na face oposta da representação da deusa Juno.

Quando sobe o curso do Guadiana⁸⁹⁶, o afoito tenente de Metelo Pio é interceptado em trânsito por Sertório que, possuindo conhecimento sobre as operações desenvolvidas pelo inimigo, obtém sobre este vantagem decisiva. Num curto espaço de tempo, ocorre uma segunda catástrofe para as armas *conservadoras* com a destruição desta força militar e a morte do seu líder⁸⁹⁷. Consuma-se o exemplo inspirado de aplicação, por parte de Sertório e seus associados, dos princípios de guerra de movimento, no contexto dos quais a descoordenação na marcha e comunicações entre as unidades inimigas lhes oferece a oportunidade para as derrotar em sequência, com o ponto de investida a consistir na fracção mais fraca e isolada de entre elas.

⁸⁹⁶ Flor., 2, 10, 6-7.

⁸⁹⁷ Plut., Vit., Sert., 1, 12.



Adaptado do original: SPANN, Philip O. — *Quintus Sertorius and the Legacy of Sulla*, The University of Arkansas Press, 1987.

4.2.4 – O avanço de Metelo Pio pela Lusitânia.

As perdas *optimates* resultantes das batalhas do rio Guadiana podem ser estimadas entre 15.000 e 18.000 homens, se considerarmos as duas legiões que comandaria o propretor Lúcio Domício e a legião entregue ao legado Tório Balbo. Como atrás mencionado, no início da campanha de 79 a.C., Metelo Pio contaria com um total de efectivos em redor dos 40.000 homens. A terrível sangria das tropas de que dispõe o comandante-em-chefe romano permite, a Sertório, destacar o corpo de Hirtuleio para uma actuação independente na Hispânia central e oriental, enquanto ele próprio defende a Lusitânia contra o exército invasor.

Os efeitos almejados com a acção disruptiva de Hirtuleio nas fronteiras da Província Citerior, incluem perturbar o regular funcionamento da economia local e acentuar a quebra da confiança autóctone na capacidade militar do governo oligárquico em garantir a sua defesa. Um vento de pânico trespassando estas populações resumidas aos seus próprios meios de defesa após a destruição das legiões de Lúcio Domício, deve preceder num largo espaço e tempo a marcha do tenente sertoriano para oriente.

Apesar da presumível modéstia de cifras e a própria tipologia de luta da guerrilha que comanda dissuadirem Hirtuleio de executar um movimento directo sobre as praças levantinas, a sua simples presença nos espaços de trânsito campestres, gera um sentimento duradouro de insegurança e disseminada dúvida entre os residentes quanto ao benefício da continuidade de uma vinculação à causa *conservadora*. A combinação de coragem e visão estratégica que concedem, a Sertório, o estatuto de notável cabo de guerra, encontra-se bem ilustrada nesta iniciativa autónoma do seu tenente contra as bases oligárquicas na Província Citerior, dado envolver um enfraquecimento deliberado dos seus meios humanos até ao preciso valor que calcula ser necessário preservar para fazer frente às legiões de Metelo Pio.

A cautela impera nos procedimentos da liderança oligárquica após as perdas que se sucederam à tentativa de marchar em separado. A brutal familiarização com a realidade da guerra na Península Ibérica onde, como caracterizou Henrique IV, “os grandes exércitos morrem à fome e os pequenos são batidos” aconselha, ao procônsul romano, maior circunspecção no planeamento de futuras operações. A famigerada expressão do monarca francês aplica-se, em particular, aos dilemas e paradoxos das

opções de comando, com que se confronta um invasor em campanha pelas paragens medulares da Meseta⁸⁹⁸.

O avanço em território inimigo implica o acréscimo da dificuldade de assegurar as linhas de comunicação que permitem abastecer um exército, enquanto uma retirada em direcção às bases logísticas significa o minorar de muitos dos problemas peculiares à guerra no interior hispânico. Tudo o que não pode ser obtido no local e de que dependem as legiões para a sua subsistência, tem de ser transportado a partir dos centros de provisionamento até à frente.

As redes viárias existentes nesta época fora da área romanizada, deveriam ser rudimentares em relação às que se conhecem para o período imperial, de forma que na campanha que cabe a Metelo Pio empreender contra Sertório, um inultrapassável elemento logístico perturba uma clássica concepção estratégica de vitória por meio de ganhos territoriais. Quanto mais as legiões avançam, mais vulneráveis se tornam as suas vias de abastecimento, enquanto as tropas sertorianas que retiram diante delas, encurtam a sua distância em relação ao apoio oferecido pelo elemento castrense local, podendo reabastecer-se com maior facilidade⁸⁹⁹. A própria vocação guerrilheira do indígena permite-lhe sobreviver vivendo exclusivamente do que extrai da natureza, enquanto a hoste romana incorre num perigo acrescido de emboscada se favorecer uma dispersão por colunas de marcha, com o intuito de alargar o espaço de colheita de provisões.

O favorecimento de uma chefia descentralizada, mais apta a adaptar-se às dificuldades logísticas decorrentes das distâncias, pobreza agrícola dos solos, irregularidade orográfica e altas temperaturas estivais, tornam-na presa fácil dos elementos humanos defendendo o território. As penosas lições recebidas consciencializaram Metelo Pio do extremo perigo que implica o destacamento de corpos de exército frente a adversários com a habilidade de Sertório ou Hirtuleio em tirar partido da superior mobilidade da guerrilha hispânica. Por sua vez, a manutenção de um comando unitário envolve a confrontação com as enormes dificuldades que se colocam, ao assegurar de adequado provimento, a um compacto grémio de tropas na Hispânia central⁹⁰⁰.

⁸⁹⁸ CULHAM, Phyllis – “Imperial Rome at War”, in *The Oxford Handbook of Warfare in the Classical World*, Brian Campbell ; Lawrence A. Tritle, Oxford University Press, Oxford, 2013, páginas 236-260, página 246.

⁸⁹⁹ Plut., *Vit., Sert.*, 13, 2.

⁹⁰⁰ ROTH, *op. cit.*, página 3 ; SUTHERLAND, T. L. – *Battlefield Archaeology – A guide to the archaeology of conflict*, University of Bradford, West Yorkshire, 2005, página 33.

A liberdade operativa de um corpo militar pode ser determinada pelo acesso a víveres. A desnutrição⁹⁰¹ e, sobretudo, a desidratação⁹⁰², provocam um rápido deteriorar da condição de combate, culminando na ceifa de vidas se o problema não for solucionado⁹⁰³. O recurso à ingestão de qualquer tipo de alimento colectável no local mesmo quando estranho à típica dieta romana⁹⁰⁴ é citado, pelas fontes, como causa corriqueira de desintéria, moléstia potencialmente mortífera a nível orgânico, assim como ocasionadora de constrictões nos domínios do psicológico e social⁹⁰⁵.

A falta de mantimentos representa um contínuo desgaste dos meios humanos de um exército, uma plácida aceitação de perdas sem sequer se oferecer a oportunidade de as devolver ao inimigo num confronto de armas⁹⁰⁶. A sujeição à fome e sede consiste, por isso, numa das mais cruéis facetas da guerra no interior da Hispânia, onde a geografia humana nativa carece de expressividade demográfica por motivo da dificuldade em encontrar no seu solo alimento natural ou adequado suporte ao cultivo.

O domínio da logística assume uma importância crítica no definir da operacionalidade das legiões na Hispânia⁹⁰⁷, sobretudo quando travando campanha em espaços medulares, afastadas das linhas de abastecimento marítimas por onde melhor transitam os produtos de que dependem para a sua subsistência⁹⁰⁸. Quando a expansão do império envolve a anexação de regiões mais distantes da Itália, a eficiência da máquina de guerra romana estabelece uma relação íntima com a navegabilidade ao longo do Mediterrâneo.

A utilização de meios navais até um ponto de desembarque próximo do destino territorial, constitui no meio preferido tanto para a deslocação de um exército legionário, como no estabelecimento das suas ligações logísticas⁹⁰⁹. Contudo, apesar da mais eficiente circulação de produtos por motivo da velocidade de trânsito e capacidade de

⁹⁰¹ ROTH, *op. cit.*, página 8.

⁹⁰² ROTH, *op. cit.*, página 13 ; App. *Pun.*, 7, 40.

⁹⁰³ ERDKAMP, *op. cit.*, página 101.

⁹⁰⁴ Sobre a típica dieta do legionário roman ver: ROTH, *op. cit.*, páginas 1-69.

⁹⁰⁵ App. *Hisp.*, 54.

⁹⁰⁶ Veg., *Mil.*, 3, 3.

⁹⁰⁷ “O aprovisionamento das tropas, qualquer que seja a modalidade em que for feito, seja com o recurso a armazéns ou a requisições, apresenta sempre uma tal dificuldade que deve ter uma influência decisiva na planificação das operações. Esta está muitas vezes em contradição com a combinação mais eficaz e obriga-nos a procurar alimentos, quando preferiríamos ir atrás da vitória e do sucesso retumbante. É esta a principal razão para a lentidão da máquina de guerra que nos faz ficar muito aquém dos nossos planos mais ambiciosos.” (CLAUSEWITZ, *op. cit.*, página 78).

⁹⁰⁸ ERDKAMP, *op. cit.*, página 103.

⁹⁰⁹ ERDKAMP, *op. cit.*, página 103.

carga das embarcações utilizadas para o transporte⁹¹⁰, o uso de uma rede marítima tem os seus próprios inconvenientes.

Os interesses particulares, por vezes conflitantes, dos vários agentes participando na complexa operação que consiste enviar o abastecimento requerido pelos comandantes dos exércitos operando em distantes territórios, pode implicar demoras, suprimento de itens ou inflação de custos. A afamada extorsão dos *publicani*, taxadores públicos encarregados de assegurar o fornecimento às forças armadas romanas, amplia o seu campo de oportunidades quando a rota logística assume uma feição anfíbia, compreendendo o embarque e desembarque de produtos em ancoradouros.

A sujeição ao risco do confronto com elementos marítimos adversos, envolve a possibilidade da perda de uma parcela significativa da mercadoria, usualmente transportada em grandes quantidades nos comboios navais⁹¹¹. A maior ameaça ao usufruto das vantagens do uso da via mercante, consiste na presença de embarcações inimigas, tanto sob a forma de uma marinha de guerra convencional, como integrando a expandida actividade predatória da pirataria cilícia durante a primeira metade do século I a.C..

A dificuldade de empreender campanha nos diferentes espaços geográficos peninsulares varia consoante a conjuntura da oposição e dos meios disponíveis, mas mantém como referência básica, a distância assumida relativamente ao Mediterrâneo⁹¹². Esta constatação permite-nos atribuir aos aspectos logísticos, um papel preponderante no definir do belicismo na Hispânia, superando mesmo o da importância dos efectivos empenhados, conforme ilustram os sucessos obtidos por Sertório frente aos poderosos recursos militares de Metelo Pio durante a campanha de 79-78 a.C..

De forma a poder alcançar as legiões operando no coração da Península Ibérica, o abastecimento por via ultramarina tem de ser com frequência complementado com uma política de obtenção dos recursos locais, mediante uma variedade de práticas que incluem a colecta⁹¹³, transacções⁹¹⁴, requisições⁹¹⁵ ou razias⁹¹⁶, cada qual com a suas

⁹¹⁰ FORNELL MUÑOZ, Alejandro – “La navegabilidad del curso alto del Guadalquivir en época romana”, in *Florentina Iliberritana*, n. 8, Granada, 1999, pp. 125-148.

⁹¹¹ Típicamente constituídos pelos fretadores conhecidos pelo termo latino de *navis oneraria* (navio de carga). Ver: CASSON, Lionel – *Ships and Seamanhip in the Ancient World*, Princeton University Press, 1995, páginas 171-172.

⁹¹² Strabo, 3, 3, 8.

DAWSON, *op. cit.*, página 119.

⁹¹³ ROTH, *op. cit.*, página 117.

⁹¹⁴ ROTH, *op. cit.*, página 142.

vantagens e constrangimentos⁹¹⁷. Apesar dos afamados méritos do sistema de transporte pós-mariano⁹¹⁸, a constatação empírica que podemos retirar a partir do estudo da Guerra Sertoriana, é a de que a sofisticação dos meios romanos não rivaliza com a capacidade do indígena em viver do terreno, obtendo através da dispersão por unidades táticas de guerrilha, o parco alimento de que necessita para a sua subsistência⁹¹⁹.

A estima da medida adequada para uma divisão de forças no decurso de uma campanha no interior da Hispânia resulta, portanto, de uma complexa função integrando variáveis como a capacidade de assegurar abastecimento a uma determinada concentração de tropas e o poder humano de que é necessário dispor para se empreender operações independentes sem correr o risco de destruição em detalhe⁹²⁰. Dispersar as componentes de um exército por uma vasta superfície geográfica facilita a obtenção de víveres, constituindo aliás um requerimento operativo para efeitos de subsistência⁹²¹. Contudo, os potenciais benefícios retirados pelas legiões romanas com um parcelamento de tropas, são claramente diminutos atendendo à exposição em que incorreriam perante a guerrilha autóctone, sobretudo quando otimizada com a organização estratégica que lhe confere o comando-geral exercido por Sertório⁹²².

A renúncia à expansão de possibilidades ofensivas por meio do avanço de múltiplas colunas de marcha convergindo sobre um alvo a partir de diferentes direcções ou acometendo sobre vários objectivos sincronicamente, justifica-se pela necessidade de evitar os riscos associados à separação de forças. A rapidez de deslocação de um corpo de marcha conexo⁹²³, é estipulado pela mais lenta das unidades que o constitui, motivo porque a concentração humana tipicamente coincide com o decréscimo de mobilidade⁹²⁴. A salvaguarda em relação aos perigos de emboscada no contexto marcial hispânico, circunscreve as opções operacionais de um invasor actuando em bloco a um moroso trânsito de destino previsível.

Perante este conjunto de condicionalismos, as soluções planeadas por Metelo Pio prestam tributo, independentemente do seu resultado final, à sua reputação de grande

⁹¹⁵ ROTH, *op. cit.*, página 117, 141.

⁹¹⁶ ROTH, *op. cit.*, páginas 117-118, 148-149.

⁹¹⁷ ERDKAMP, *op. cit.*, página 103.

⁹¹⁸ ROTH, *op. cit.*, página 5.

⁹¹⁹ Plut., *Vit., Sert.*, 12, 5.

⁹²⁰ ERDKAMP, *op. cit.*, página 103.

⁹²¹ Veg., *Mil.*, 3, 1.

⁹²² Veg., *Mil.*, 3, 4.

⁹²³ No interior hispânico, os retardatários seriam preses fáceis para a lesta guerrilha. Ver: App. *Hisp.*, 86.

⁹²⁴ Veg., *Mil.*, 3, 1.

líder militar⁹²⁵. A partir do posto avançado relativamente às suas bases na Província Ulterior que constitui *Metellinum*, o comandante romano delineia dois vectores de avanço de orientação perpendicular entre si, um para norte, atravessando o território vetão, outro em direcção à costa atlântica. Na impossibilidade de atrair um adversário mais móvel e conhecedor do terreno à luta contra a vontade deliberada deste, o objectivo do comandante *conservador* consiste na ocupação do território lusitano por segmentos sucessivos, até à convergência dos seus investimentos no bastião representado pelo *Mons Herminius*⁹²⁶.

A vastidão da Lusitânia e a opressão que nela se faz sentir quanto à importância do acesso a recursos alimentícios e hídricos, condicionam fortemente a liberdade operacional do invasor e impossibilitam um firme domínio da totalidade do anfiteatro de guerra, razão porque o itinerário de Metelo Pio coincide com a ocupação dos pontos-chave que constituem as zonas castrenses e principais vias de comunicação. Fazer campanha em território da insurgência indígena afecta a Sertório depende do domínio de dois elementos geográficos naturais de suma importância estratégica: os rios Guadiana e Tejo, o primeiro com uma feição periférica, o outro mais profunda no espaço de operações. Para além dos seus vales oferecerem largos trilhos para a deslocação de tropas, garantem o suprimento hídrico indispensável à logística de grandes exércitos.

O plano do procônsul consiste em usar as vias de comunicação de forma a tracejar um domínio de formato triangular sobre grande parte do espaço lusitano, a partir da base operacional estabelecida em *Metellinum*. Nessa conjectura, o segmento orientado de este-oeste do Guadiana prolongando-se por itinerário até Olisipo, constitui

⁹²⁵ “Dois pontos apenas merecem uma menção especial. A primeira é a necessidade da permanente reposição das tropas e do armamento. O defensor pode fazer isto muito mais facilmente uma vez que está próximo das fontes de recrutamento e abastecimento. O agressor, em contrapartida, embora controle na maioria das vezes um Estado mais poderoso, tem de mandar vir as suas tropas de reforço de uma distância maior, logo, com maiores dificuldades. Para não se ver confrontado com falta de efectivos, deve tomar medidas com grande antecedência, visando o recrutamento de tropas e o transporte de armas. As estradas das linhas de operações têm de estar cobertas, sem cessar, com transportes de soldados e abastecimentos. Por outro lado, devem ser estabelecidos postos militares, ao longo das estradas, para assegurar que estes transportes se façam rapidamente.

Mesmo nas circunstâncias mais favoráveis e em situações de grande superioridade moral e física, o atacante deve prevar o maior desastre. Tem, por isso, de estabelecer pontos, nas suas linhas de operações, que possam ser utilizados caso tenha de proceder à retirada com um exército derrotado. Estes pontos são, nomeadamente, fortalezas, com campos fortificados, ou apenas campos fortificados.” (CLAUSEWITZ, *op. cit.*, páginas 72-72).

⁹²⁶ PÉREZ VILATELA, Luciano – *Lusitania. Historia y Etnologia*, Real Academia de la Historia, Madrid, 2000, páginas 177-178.

a haste horizontal, a Via da Prata⁹²⁷ percorrendo território vetão, a vertical, e o curso enviesado do Tejo conecta as extremidades das trajectórias perpendiculares. A partir das margens do maior rio peninsular, as legiões podem dirigir ofensivas sobre o território beirão mais interior ou emprender um avanço pela faixa litoral até à linha do Douro, conforme terá executado Décimo Júnio Bruto Galaico.

O estrangulamento progressivo do espaço de manobra do inimigo por via da malha que seria tecida sobre a Lusitânia, forçá-lo-ia a prestar-se à luta quando as possibilidades de evasão se esgotassem. A demora subjacente à execução deste plano de ocupação progressiva de território justificar-se-ia, na sua fase derradeira, quando os bandoleiros de Sertório fossem acometidos em condições definidas pelos invasores. A convergência entre a estratégia de ocupação espacial e o efectivo contacto com o inimigo, ocorreria no momento em que a metódica compressão da zona de resistência lusitana permitisse, às legiões *conservadoras*, encurralar o ágil e elusivo guerrilheiro no seu covil, antes de proceder ao golpe debelador.

Complementando a conquista dos escassos núcleos urbanos indígenas, Metelo Pio sedimenta o domínio do mundo campesino circundante a partir da construção de acampamentos permanentes fortificados. Para além de oferecerem guarita às suas forças, asseguram as comunicações com a Lusitânia, assim como o depósito para os víveres de que dependem as legiões. O trânsito das tropas romanas por território hostil conta com os benefícios granjeados por essas referências, que oferecem perspectiva de segurança a reduzida distância de marcha, a eventuais destacamentos colocados em situação de perigo pela emboscada em campo aberto por parte da guerrilha inimiga⁹²⁸.

O avanço das legiões é solidificado cerca de 110 quilómetros a norte de *Metellinum* com a ampliação⁹²⁹ de um acampamento militar pré-existente rebaptizado de *Castra Caecilia*⁹³⁰. Situado nas imediações da moderna cidade de Cáceres, a menos

⁹²⁷ ACERO PÉREZ, Jesús ; GÁLVEZ PÉREZ, María Soledad – “Toponimia de la vía de la plata y su entorno en el tramo Mérida-Baños de Montemayor”, in *V Mesa Redonda Internacional sobre LVSITANIA ROMANA: Las comunicaciones*, Jean-Gérard Gorges, Enrique Cerrillo y Trinidad Nogales Basarrate (Eds.), Cáceres, Facultad de Filosofía y Letras, 7, 8 y 9 de noviembre de 2002.

⁹²⁸ Veg., *Mil.*, 3, 8.

(...)

“Temos igualmente que deixar para trás um certo número de tropas para a ocupação desses pontos, assim como para a ocupação de cidades e fortalezas. O número que dedicaremos a esta finalidade dependerá do grau em que temeremos ataques do inimigo ou dos habitantes da região. Estas forças formam novos corpos com os reforços. Em caso de vitória, seguem o exército e, em caso de derrota, protegem os pontos fortificados, para cobrir a retirada.” (CLAUSEWITZ, *op. cit.*, página 73).

⁹²⁹ ROTH, *op. cit.*, página 176.

⁹³⁰ ABÁSOLO ÁLVAREZ, José António ; GONZÁLEZ FERNÁNDEZ, M^o Luz ; MORA SERRANO, Bartolomé – “Recientes investigaciones en el Campamento de Cáceres el Viejo”, in *Arqueología urbana*

de um dia de marcha de distância⁹³¹ do rio Tejo, consiste numa das mais importantes edificações romanas na Península Ibérica⁹³², centro de gravidade da autoridade *conservadora* em espaço vetão⁹³³. O sistema de fortificações parece ter-se distendido até à Sierra de Béjar, mediante a edificação de *Vicus Caecilius*, identificado com Puerto de Béjar ou Baños de Montemayor⁹³⁴, encerrando a composição do eixo de domínio das forças governamentais sobre território extremenho. Suscita ainda controvérsia que o topónimo das mencionadas estâncias militares subjaza para as associar com o procônsul romano, simplesmente por motivo da correspondência com o seu *gentilicum*⁹³⁵. Contudo, enquadra-se na aparente lógica operacional definida por Metelo Pio, que o domínio sobre a insurreição hispânica se estenda até e para além da linha do Tejo⁹³⁶, com o erigir de um reduto avançado na Via da Prata⁹³⁷, entre Cáceres e Salmantica (Salamanca), rota já utilizada por Aníbal Barca em 220 a.C., na sua expedição contra esta última cidade⁹³⁸.

O primeiro troço do vector de investimento *conservador* para ocidente a partir de *Metellinum*, coincide com o acompanhar do curso do rio Guadiana, verdadeira artéria

en Cáceres. Investigaciones e intervenciones recientes en la ciudad de Cáceres y su entorno, Primitivo Javier Sanabria Marcos (Editor), Publicaciones del museo de Cáceres, 1ª Edición, Cáceres, 2008, página 118.

(...)

“Quanto a *Castra Caecilia*, Schulten (1937, p. 173-174, 1926, p. 67-68) postulou uma relação com as guerras sertorianas, atribuindo a criação desse núcleo a Q. Cecílio Metelo Pio, procônsul da Ulterior em 79. Os dados arqueológicos parecem contribuir, de forma bastante consistente, para aceitar esta correlação (Ulbert, 1984, p. 197-201). Todavia, as fontes literárias não contêm nenhuma indicação explícita a respeito da sua ligação com este lugar. O texto de Plutarco, aquele que proporciona dados mais pormenorizados sobre a sua acção no Ocidente, fornece alguns elementos que permitem estabelecer a geografia destes conflitos, mas não muito claros.” (GUERRA, *op. cit.*, 218-219).

⁹³¹ Cerca de 35 quilómetros em linha recta.

⁹³² ABÁSULO ALVAREZ, José Antonio ; GONZÁLEZ FERNÁNDEZ, Mª Luz ; MORA SERRANO, Bartolomé, *op. cit.*, página 115.

⁹³³ *Ibidem*, páginas 132-133.

⁹³⁴ CALLEJO SERRANO, Carlos – “Los denarios de Valdesalor”, in *Zephyrus*, 16, Universidad de Salamanca, 1996, páginas 39-69, página 67 ; ROLDÁN HERVÁS, J. M. – “El Camino de la Plata: *iter o negotium*”, in *Gerión*, Vol. Extra, 2007, páginas 323-340, página 334.

⁹³⁵ CADIOU, François – *Hibera in Terra Miles. Les armées romaines et la conquête de l’Hispanie sous la République (218-45 av. J.-C.)*, Casa de Velázquez, Madrid, 2008, notas da página 289.

(...)

“Para além de *Castra Caecilia*, Schulten (1926, p. 67, 69) vinculava à mesma personagem o *uicus Caecilius*, associação que coloca outro tipo de problemas, uma vez que neste caso subsistem dúvidas sobre a própria forma do NL (Guerra, 1998, p. 359-360). Se, como queria o professor de Erlangen, se deve corrigir o nome daquela estação viária, também aqui se levantam justificadas dúvidas sobre a sua suposta relação com o referido procônsul romano. Para além do nome – um gentílico muito abundante também em contexto peninsular – invoca-se a circunstância de o *uicus* se situar na chamada *via de la Plata*, eixo sobre o qual se desenrolariam muitas das acções que lhe são atribuídas. Na realidade a vinculação do toponímico com esta personagem é muito problemática.” (GUERRA, *op. cit.*, página 219).

⁹³⁶ Sall., *Hist.*, 1, 101.

⁹³⁷ ROLDÁN HERVÁS, *op. cit.*, página 325.

⁹³⁸ Polyb., 3, 14 ; Liv., 21, 5 ; Polyaeus, *Strat.*, 7, 48.

ROLDÁN HERVÁS, *op. cit.*, página 333.

logística para um exército operando no espaço de sediação dos Célticos⁹³⁹. No quadro desta campanha, menciona Salústio que as legiões romanas assediam a praça poderosamente fortificada de *Dipo*, que lhes oferece resistência por muitos dias antes de ser tomada de assalto⁹⁴⁰. A localização desta cidade permanece elusiva, vigorando um debate entre duas possibilidades mais consideradas: a de Evoramonte e um local de depósito numismático nas margens do rio Guadiana.

Na sua tese de doutoramento, Carlos Fabião enunciou de forma clarificadora, os dados que favorecem e denegam a primeira das hipóteses⁹⁴¹. A proximidade ou correspondência com o eixo viário atravessando em paralelo geográfico o território céltico, a par da imponente posição defensiva num dos pontos mais elevados da Serra de Ossa⁹⁴² sobre o qual se ergue o castelo medieval, constituem elementos de forte plausibilidade para a identificação de *Dipo* com Evoramonte⁹⁴³. Contudo, a ausência de vestígios numismáticos denominando a praça quando a mesma foi emissora de moeda cunhada, constitui motivo substancial para renitência quanto a concluirmos em favor do lugar alentejano⁹⁴⁴. Ora, é justamente este o argumento mais válido invocado por Almagro-Gorbea numa publicação do ano de 2009, na qual sugere que *Dipo* se localizava nas proximidades da junção entre o Guadiana e o afluente Guadajira, onde se colectou espólio numismático com indicação onomástica da cidade antiga⁹⁴⁵.

Apesar dos esforços realizados no seu extenso estudo para apresentar a enunciada suposição como comprovativa, o autor castelhano não suporta com registos arqueológicos sólidos uma simples recolha de moedas que podem ter sido transportadas até à margem do rio Guadiana⁹⁴⁶, seguindo um comum itinerário de gentes e produtos.

⁹³⁹ Plin., *HN*, 3, 3 ; Strabo, 3, 1, 6.

⁹⁴⁰ Sall, *op. cit.*, 1, 106.

⁹⁴¹ FABIÃO, *op. cit.*, página 55.

⁹⁴² COSTA, Teresa ; LIBERATO, Marco – “Intervenções arqueológicas no Castelo de Evoramonte. Síntese dos resultados”, in *Arqueologia e História*, n.º 2, 2ª Série, 2007, p. 632-642, página 633.

⁹⁴³ COSTA, Teresa ; LIBERATO, Marco – “Intervenções arqueológicas no Castelo de Evoramonte. Síntese dos resultados”, in *Arqueologia e História*, n.º 2, 2ª Série, 2007, p. 632-642, página 633.)

⁹⁴⁴ “Pode dizer-se, pois, que existe uma convergência de dados que não será desprezível, embora seja manifestamente insuficiente para permitir afirmações categóricas. No entanto, no pequeno lote de moedas de cunhagem hispânica, ali encontrado e entregue a José Leite de Vasconcellos (...), não figura qualquer emissão de *Dipo*, o que não deixa de ser estranho.” (FABIÃO, *op. cit.*, página 55).

⁹⁴⁵ ALMAGRO-GORBEA, Martín ; RIPOLLÉS ALEGRE, Pere Pau ; RODRÍGUES MARTÍN, F. Germán – “*Dipo*. Ciudad “Tartésico-Turdetana” en el valle del Guadiana”, in “*Conimbriga*” XLVIII (2009), Universidad Complutense de Madrid e Real Academia de la Historia ; Universidad de Valencia ; Museo Arqueológico Regional, 2009, p. 93-146.

⁹⁴⁶ “En primer lugar, nos centraremos sobre las monedas de bronce romanorreplicanas (fig. 3). (...)

Su distribución geográfica parece siempre jalonar las antiguas vías prerromanas (fig 3). Si nos detenemos en el recorrido de esos itinerarios, se observa que en la parte meridional del Guadiana en realidad quedan marcados dos caminos: uno, con dirección hacia el Este, el que conectava *Metellinum* y las Vegas Altas com *Sisapo*; el otro es el que vinculava el cauce medio del Guadiana con las tierras hispalenses, hacia el

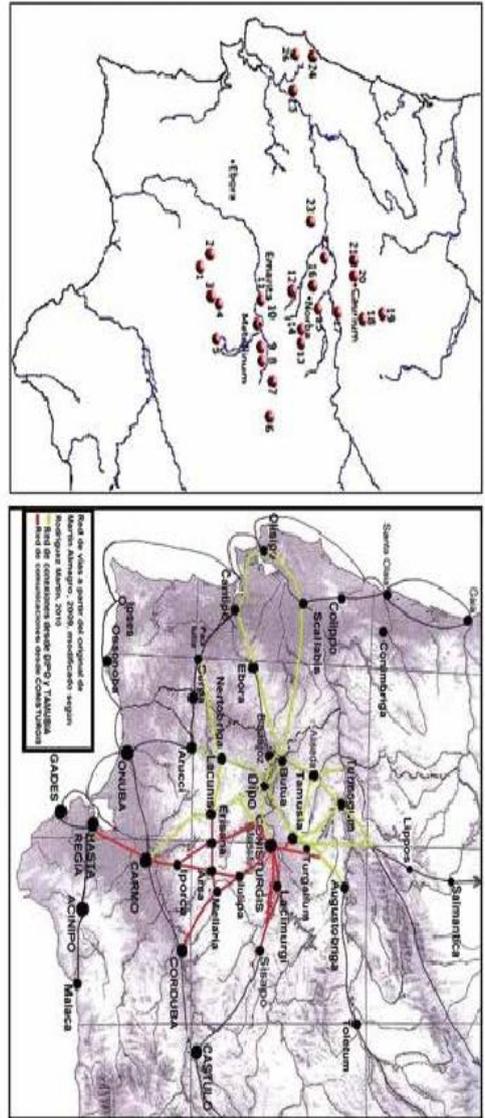


Fig. 3. A: Hallazgos de monedas romano-españolas en la zona occidental hispana: 1. La Merceda (Segura de Lora); 2. Oantrifca de Carpo (Gijón); 3. Los Castillejos (Fuente de Cantob); 4. Hornachados (Ribera del Fresno); 5. El Pedrocillo (Casas de Reina); 6. Pedón del Pez; 7. Cogolludo (Orellana la Vieja); 8. Charra Los Caserones (Villaverde de la Sierra); 9. Arroyo del Campo (Oca Benito); 10. Medalla; 11. Mérida; 12. Barras (Alcázar); 13. Pedón del Tamar; 14. Villaverde del Tamar (Oro); 15. Océros el Viejo; 16. El Junquillo; 17. Santiago del Campo; 18. Santa María; 19. El Berrocalillo (Poniente); 20. Villa del Rey; 21. Castillo de la Orden (Alcázar); 22. Serraneta; 23. San Vicente de Alcázar; 24. Alcobaga; 25. Chobos de Alpoimpe (Serraneta); 26. Oureiro da Asereca (Oleiros). B: Red viaria de esta misma zona.

Adaptado do original: BLÁZQUEZ CERRATO, Cruces – “Huellas militares numismáticas en el Occidente peninsular”, in *La Guerre et ses traces. Conflits et sociétés en Hispanie à l'époque de la conquête romaine (IIIe-Iers. a.C.)*, François Cadiou ; Milagros Navarro Caballero, Ausonius Éditions, Bordeaux, 2014, página 417.

Sudoeste, siguiendo la ruta del Gadajira hacia la Beturia céltica, es decir, la zona em torno a *Dipo*.” (BLÁZQUEZ CERRATO, Cruces. – “Huellas militares numismáticas en el Occidente peninsular”, in *La Guerre et ses traces. Conflits et sociétés en Hispanie à l'époque de la conquête romaine (IIIe-Iers. a.C.)*, François Cadiou ; Milagros Navarro Caballero, Ausonius Éditions, Bordeaux, 2014, pp. 417-418).

Com efeito, constitui paradigma teórico da Numismática que, dada a forma como circula a moeda, a colecta de um conjunto análogo destas apenas possa aventar uma proximidade relativa com a comum oficina de cunhagem, não a sua coincidência espacial, sendo recorrente o achado deste tipo de legado em espaços externos à sua produção.

O segundo argumento relevante para duvidarmos da hipótese defendida por Almagro-Gorbea, consiste na orografia aplainada das margens do Guadiana no local da suposta localização de *Dipo*, dado incongruente com o modelo de assentamento da proto-urbanidade na Hispânia. As cidades autóctones peninsulares são erigidas em lugares naturalmente guarnecidos por elevações do solo, circunstância que condiz com a descrição da resistência delongada de *Dipo*⁹⁴⁷ aos poderosos meios de cerco da máquina de guerra legionária no relato legado por Salústio. Descontando a inexistência de moeda cunhada no próprio local, Evoramonte deve constituir, por estes motivos⁹⁴⁸, a melhor possibilidade para a correspondência com a praça que se opõe ao avanço das forças de Metelo Pio.

Em antinomia com o ocorrido no árido planalto vetão, o exército oligárquico procede a um assédio em regra de um centro urbano, cujo controlo que exerce sobre a via conducente a *Olisipo*, determina o carácter forçoso da sua submissão. O motivo da sua destruição pode ser indiciado por esta resistência indómita que inspira a vontade do vencedor em fazer da cidade insurrecta um exemplo para as populações célticas. As fontes não mencionam adicional embaraço à marcha das legiões pelo interior do Alentejo até à costa atlântica, erguendo Metelo Pio um novo acampamento permanente na península de Setúbal, que baptiza de *Caeciliana*⁹⁴⁹. Apesar da sua localização permanecer indeterminada, a proximidade relativamente a *Caepiana*⁹⁵⁰ constitui uma referência consensual.

⁹⁴⁷ COSTA, Teresa ; LIBERATO, Marco – “Intervenções arqueológicas no Castelo de Evoramonte. Síntese dos resultados”, in *Arqueologia e História*, n.º 2, 2ª Série, 2007, p. 632-642.

⁹⁴⁸ Para adicionais argumentos que sustentam a identificação de *Dipo* com Evoramonte, v. Alarcão, J. (1988); Alarcão, J. – “A localização de *Dipo* e *Evandriana*”, in *Al-madan*. Série II, 10, 2001, p. 39-42 ; Guerra (1988), p. 427-428).

⁹⁴⁹ GUERRA, *op. cit.*, página 219 ; KEAY, *op. cit.*, página 43.

⁹⁵⁰ Fundada por Q. Servílio Cepião. Ver: GUERRA, *op. cit.*, páginas 223-224.

A deslocação até à cidade de Olisipo⁹⁵¹ encontra-se subentendida no itinerário seguido pelas legiões *conservadoras*. Sedimentada no morro onde posteriormente se irá erguer o Castelo de São Jorge, a praça domina a margem direita da zona estuarina do rio Tejo, constituindo a base sustentacular⁹⁵² para as campanhas empreendidas por Décimo Júnio Bruto Calaico (138-136 a.C.) e Gaio Júlio César (61-60 a.C.). A profundidade e largura do curso fluvial, permite a navegação a embarcações dotadas com grande capacidade de carga desde a foz até zonas bem distanciadas a montante⁹⁵³, oferecendo fácil provimento logístico a um exército avançando⁹⁵⁴ ao longo do vale do Tejo.

O percurso em direcção ao extremo ocidental da Península consuma-se, portanto, com uma via de comunicação militar que é tracejada desde *Metellinum* até Olisipo, com as praças de Caeciliana e, eventualmente, Caepiana, a constituírem os pontos de ligação do itinerário. A marcha do exército de Metelo Pio conduzi-lo-á até à cidade de *Langobritae*, palco do episódio decisivo para o definir do resultado desta campanha de 79-78 a.C..

A localização da urbe supracitada tem motivado um profícuo debate que continua hodierno. Parece hoje definitivamente afastada a sua correspondência com Lacóbriga, a moderna Lagos, como defendeu Adolf Schulten⁹⁵⁵. Em 1981, Philip O. Spann publicou um estudo que, partindo das menções no Itinerário de Antonino de uma *Langobriga* localizada a 18 milhas de *Talabriga* e a 10 milhas de Cale (Vila Nova de Gaia), favorece a sua posição nas proximidades da fronteira setentrional da Lusitânia, definida pelo rio Douro⁹⁵⁶. A actual cidade de Fiães, sede de freguesia no concelho de Santa Maria da Feira, constitui a moderna correspondência com Langobriga, praça radicada na área de ocupação dos *Turduli Veteres*⁹⁵⁷. A considerável distância de cerca de trezentos quilómetros que a separam de Olisipo teria sido percorrida pelas legiões de Metelo Pio, com o objectivo de ocuparem toda a faixa costeira lusitana antes de

⁹⁵¹ Sall., *Hist.*, 1, 114.

⁹⁵² Strabo, 3, 3, 1.

Ver: BLOT, Maria Luisa de Brito Henriques Pinheiro – “Circulação aquática e o papel dos portos flúvio-estuarinos nos contactos da Lusitânia romana. O caso do litoral e dos rios de Portugal”, in *V Mesa Redonda Internacional sobre LVSITANIA ROMANA: Las comunicaciones*, Jean-Gérard Gorges, Enrique Cerrillo y Trinidad Nogales Basarrate (Eds), Cáceres, Facultad de Filosofía y Letras, 7, 8 y 9 de noviembre de 2002.

⁹⁵³ Strabo, 3, 3, 1.

⁹⁵⁴ FABIÃO, Carlos – “Por este rio acima: a bacia hidrográfica do Tejo na conquista e implantação romana no ocidente da Península Ibérica”, in *Cira-Arqueologia Iii – Atas – Congresso Conquista e Romanização no Vale do Tejo*, V. F. de Xira, pp. 9-24.

⁹⁵⁵ SCHULTEN, Adolf – *Sertorio*, Casa Editorial Estudio, Barcelona, 1914, página 96.

⁹⁵⁶ SPANN, Philip O. – “Langobriga expunged: renaissance forgeries and the Sertorian Wars”, in *Transactions of the American Philological Association*. Baltimore, MA. 111. pp. 229-235, 1981.

⁹⁵⁷ Pompon., 3, 8 ; Plin., *HN*, 4, 35.

nivelarem um assalto à região montanhosa do interior, último reduto da resistência inimiga. O procônsul romano reproduz, assim, a marcha executada por Décimo Júnio Bruto Galaico na campanha em que submeteu formalmente a Lusitânia, através da deslocação pelo eixo litoral que, ao longo da História, constituiu a principal via de comunicação no ocidente peninsular.

Mais recentemente, Amílcar Guerra sugeriu a possibilidade do povoado de Longroiva, no concelho de Mêda, constituir uma localização alternativa a considerar, em virtude da segura identificação do seu topónimo antigo como Langobriga⁹⁵⁸. Situado na Beira Alta, já perto da linha do Douro, o seu reconhecimento como o local de embate entre Metelo Pio e Sertório, atribuiria ao avanço romano uma penetração decidida até ao próprio coração da Lusitânia. Neste contexto, as legiões ter-se-iam afastado da zona litoral, deslocando-se ao longo do vale do Tejo⁹⁵⁹ até, por fim, dirigirem a sua investida sobre a mencionada urbanização. A campanha empreendida por Júlio César durante o seu governo como propretor da Província Ulterior, testemunha a praticabilidade de operações bem-sucedidas em todo o espaço entre o Tejo e o Douro, mesmo no acentuado relevo do *Mons Herminius*⁹⁶⁰.

A menção de Salústio: “*Now all at once the Tagus was seen to subside*”⁹⁶¹, contextualiza-se com um movimento do procônsul romano no sentido de conectar o domínio do curso do rio desde Olisipo até território vetão, onde fora estabelecida a fortificação de *Vicus Caecilius*. A partir do troço do Tejo onde se situa a moderna Vila Velha de Rodão, a distância em linha recta até Longroiva é sensivelmente de 150 km, percurso que as legiões podiam percorrer em menos de quatro dias a uma velocidade de marcha standardizada⁹⁶², com equipamento completo. Contudo, refere Plutarco que Metelo Pio, pretendendo acelerar a deslocação das suas tropas de forma a surpreender o inimigo, ordena que estas transportem provisões para apenas cinco dias, confiando que o único poço da praça não possui autonomia para mais do que dois dias, caso seja

⁹⁵⁸ GUERRA, *op. cit.*, páginas 218-219.

⁹⁵⁹ CURCHIN, Leonard A. – “Communications fluviales en Lusitanie, in *V Mesa Redonda Internacional sobre Lusitania Romana: Las comunicaciones*, Jean-Gérard Gorges, Enrique Cerrillo y Trinidad Nogales Basarrate (Eds. Cáceres), Facultad de Filosofía y Letras, 7, 8 y 9 de noviembre de 2002, páginas 455, 459 ; MARTÍN, Julián de Francisco – *Conquista y romanización de Lusitania*, 2ª edição, Ediciones Universidad de Salamanca, 1996, página 28.

⁹⁶⁰ Cass. Dio., 52-53 ; Plut., *Vit., Caes.*, 12, 1.

⁹⁶¹ Sall., *Hist.*, 1, 101.

⁹⁶² Em redor de 40 km diários.

cortado o abastecimento hídrico que recebe das fontes situadas fora da zona muralhada⁹⁶³.

Situada num ponto axial relativamente ao domínio *conservador* estabelecido sobre o curso do Tejo, a urbanização localizada no concelho de Mêda constituiria um importante apoio logístico à retaguarda dos guerrilheiros do caudilho, dispostos numa posição de maior proximidade com o inimigo. A evacuação dos residentes vetões, no decurso da anterior etapa da campanha empreendida por Metelo Pio que culmina com a fundação de *Vicus Caecilius*, pode ter tido a zona beirã como principal local de refúgio. A população de Langobriga envolvera-se, assim, no conflito desde muito cedo, oferecendo a Sertório os préstimos referenciados por Plutarco, que a definem como um alvo selectivo para o procônsul *conservador*. Situada numa zona periférica em relação à incidência das prévias acções dos contendores, dificilmente a capital dos *Turduli Veteres* se enquadra neste panorama.

Por fim, o pronunciado recorte orográfico dominando o espaço compreendido entre o Tejo e o concelho de Mêda, concorda com a menção de Plutarco ao auxílio prestado por Sertório à praça de Langobriga através do envio de guerrilheiros por um atalho através das montanhas⁹⁶⁴. O relevo serrano é novamente sugestionado na ocasião em que a retaguarda da coluna de marcha do legado Aquino é assaltada por uma força de guerrilheiros que se haviam ocultado numa ravina sombria⁹⁶⁵. Múltiplos elementos concordam, portanto, para identificarmos a *Langobritae* referenciada por Plutarco com a povoação de Longroiva, deixando para segundo plano de probabilidade a referência no Itinerário de Antonino.

Quanto à moderna Lagos, parece definitivamente colocada de parte atendendo aos mais recentes dados envolvidos nesta problemática. Num plano estratégico, é inverosímil que Sertório tenha optado por encurralar-se no oeste algarvio após uma perda de posição no Alentejo. Pioneiro no estudo especializado da Guerra Sertoriana, Adolf Schulten parece ter favorecido a localização de Lacobriga por motivo de negligência da consulta do Itinerário de Antonino e natural desconhecimento do registo toponímico em Longroiva.

4.2.5 – A reacção lusitana. A guerra de guerrilha.

⁹⁶³ Plut., *Vit., Sert.*, 13, 4.

⁹⁶⁴ Plut., *Vit., Sert.*, 13, 4.

⁹⁶⁵ Plut., *Vit., Sert.*, 13, 5.

Sob a chefia de Sertório, os procedimentos dos insurrectos hispânicos durante a campanha de 79-78 a.C., conectam-se com a metodologia da beligerência assimétrica, tal como a definiu Samuel Huntington: “*Guerrilla warfare is a form of warfare by which the strategically weaker side assumes the tactical offensive in selected forms, times, and places.*”⁹⁶⁶

Desde a aliança supra-tribal sob Viriato que o potencial humano da reunião de tropas nativas do ocidente peninsular, lhe confere a possibilidade de enfrentar um exército legionário em batalha, quando disfrutando de condições vantajosas. Com Sertório, essa capacidade expande-se até permitir que uma execução táctica ameace de destruição em detalhe qualquer força romana destacada de um comando consular. A dimensão das acometidas iniciais contra as legiões de Lúcio Domício e Tório Balbo transcende um tipo de luta de baixa-intensidade. Para se acautelar dessa eventualidade, Metelo Pio maximizara a sua protecção defensiva contra uma magna acometida por parte do inimigo, concentrando os seus recursos numa densa coluna de marcha, preferindo sujeitar-se às inconveniências incidentes sobre o seu movimento e provisão. Perante o congregar das forças do inimigo, as acções da guerrilha assumem a mais módica feição de o enfraquecer antes de uma tentativa de aniquilamento.

A logística torna-se, por conseguinte, o factor determinante para decidir o resultado de uma luta no contexto da qual os ganhos territoriais, destinados a cercear a mobilidade do furtivo autóctone até o encurralar num espaço restrito para o golpe debelador, podem antes constituir uma verdadeira armadilha estratégica, pela forma como drenam os recursos das legiões. Com efeito, os resultados práticos do sistema de fortificações concebido por Metelo Pio, parecem ter sido de menor envergadura do que poderíamos atribuir ao estabelecimento de uma verdadeira vedação, erguida ao longo das fronteiras da Lusitânia. A timidez das actividades de depredação romanas por motivo do temor que lhes inspira a guerrilha⁹⁶⁷, leva-nos a considerar que o arranjo desta *limes* não assegurava uma impermeabilidade ao trânsito de unidades hispânicas entre os acampamentos legionários. Mais do que compondo um sistema de contenção da operacionalidade ou verdadeira enclausura do inimigo, os fortificados concretizam,

⁹⁶⁶ HUNTINGTON, Samuel – “Introduction”, in *Modern Guerrilla Warfare: Fighting Communist Guerrilla Movements, 1941-1961*, Franklin M. Osanka (Ed.), The Free Press, New York, 1962, página 16.

⁹⁶⁷ Sall., *Hist.*, 1, 102.

sobretudo, o desígnio de oferecer poiso seguro e facilitação logística ao exército *conservador*⁹⁶⁸.

A reincidência da transgressão indígena do espaço intercalando estes marcos geográficos, permite deduzir que o complexo não delimitava a sua mobilidade ou inibia, de forma significativa, a sua capacidade bélica. Os acampamentos erguidos pelo procônsul romano constituem plataformas de apoio à ofensiva das suas legiões, mais do que uma barreira à deslocação dos guerrilheiros autóctones⁹⁶⁹.

Devido aos perigos que envolvem o fraccionamento de tropas diante da oposição hispânica, as acções de pilhagem são realizadas pelos invasores com temerosa lentidão e estrita amplitude⁹⁷⁰. A preponderância⁹⁷¹ da pecuária na economia lusitana, permite uma fácil deslocalização do fundamental da sua reserva alimentar para zona segura⁹⁷². No registo arqueológico dos castros pré-romanos da província de Cáceres, destacam-se como características de isonomia, a importância das capacidades defensivas do recinto perimétrico e a diminuta capacidade de suporte populacional⁹⁷³.

Contrariamente à vinculação afectiva dos residentes celtiberos com a sua cidade⁹⁷⁴, o lusitano parece conceptualizar a estância nestes habitats, sobretudo em função do seu imediato interesse, abandonando-os se assim determinar o pragmatismo⁹⁷⁵. Preconiza este hábito de desenraizamento, que a fuga diante do inimigo seja um recurso que não implica dano ingente para a subsistência da comunidade indígena. A fragmentação destas populações lusitanas em pequenos bandos rivais é escrutinável na inexistência de núcleos urbanos de maior dimensão do que os restritos castros que pontuam o espaço, de forma que nenhum alvo significativo se apresenta ao avanço das legiões de Metelo Pio.

Pequenos grémios de soldados destacados da segurança que constitui o acampamento romano com a incumbência de encontrar e recolher provisões, são os alvos predilectos para a guerrilha. Oportunidades para a emboscada surgem com naturalidade quando as patrulhas se expõem ao meio ambiente hispânico e a vigília do

⁹⁶⁸ Veg., *Mil.*, 3, 8.

⁹⁶⁹ CADIOU, François ; MORET, Pierre, *op. cit.*, página 11.

⁹⁷⁰ Sall., *Hist.*, 1, 102.

⁹⁷¹ REDONDO RODRÍGUEZ, José Antonio ; ESTABAN ORTEGA, Julio – “El habitat rural indígena en la provincia de Cáceres: problemática de su estudio”, in *Les Campagnes de Lusitanie Romaine. Occupation dul sol et habitats*, Casa de Velázquez, Ed. Universidad Salamanca, Madrid-Salamanque, 1994, página 172.

⁹⁷² Ibidem, página 171.

⁹⁷³ Ibidem, página 170, 173.

⁹⁷⁴ Strabo, 3, 4, 13 ; Oros., 5, 23.

⁹⁷⁵ REDONDO RODRÍGUEZ, José Antonio ; ESTABAN ORTEGA, Julio, *op. cit.*, página 170-172.

batedor nativo pode sobre elas orientar um grupo mais numeroso de escaramuçadores. A renúncia a estas arriscadas sortidas, determina a dificuldade adicional em nutrir as legiões.

As durezas de travar campanha na Hispânia longe das bases andaluzas ditam, assim, que a decisão operacional de Metelo Pio consista na economia dos seus próprios meios, limitando as iniciativas de devastação dos recursos do adversário⁹⁷⁶. Por motivo dos riscos recaindo sobre destacamentos, as legiões avançam concentradas num passo lento⁹⁷⁷ ao longo de um itinerário definido pelo objectivo de firmar controlo sobre as principais redes viárias, centros urbanos e cursos fluviais.

Em compensação pelas baixas e outros incómodos suportados por via da intensa actividade da guerrilha autóctone, Metelo Pio garante um efectivo progresso das suas forças por espaço lusitano. A terrível debilitação física e moral da máquina de guerra *conservadora* parece ter sido o preço pago pela avançada até ao núcleo da sedição sertoriana. A disposição da malha de domínio sobre território insurrecto extenuara as legiões ao ponto de as tornar vulneráveis a acometidas tácticas ultrapassando o âmbito de simples escaramuças.

A necessidade de defesa do dispositivo de fortificações concebido para apoiar o avanço do principal corpo de exército, absorvera os efectivos de Metelo Pio até o forçar a reincidir no método que previamente lhe havia custado caro: o parcelamento de recursos humanos. Erguidos para o propósito de coadjuvarem o avanço das legiões com adequada logística, os fortificados precisam de ser guarnecidos por unidades cuja utilidade prática se resume à passividade, diminuindo o poder humano da vanguarda do procônsul oligárquico quando atinge o epicentro da insurgência lusitana. Coincidindo com a máxima expansão da sua presença na Península Ibérica, Metelo Pio reconhece-se no seu momento de maior debilidade devido às centenas de quilómetros que cobrem os seus efectivos, polvilhados desde *Metellinum* até ao assédio de Langobriga⁹⁷⁸.

O general romano montara um sistema de logística estirado por um território de difícil travessia, carecido de grandes núcleos urbanos e susceptível de fornecer adequado abastecimento às suas forças móveis apenas se estas se mantivessem na adjacência dos principais cursos fluviais. Acções fustigantes dirigidas à retaguarda do avanço do principal corpo de exército romano, podem tornar impossível a tarefa de o

⁹⁷⁶ Sall., *Hist.*, 1, 102.

⁹⁷⁷ Sall., *Hist.*, 1, 102.

⁹⁷⁸ ERDKAMP, Paul – “War and Sate Formation in The Roman Republic”, in *A Companion to the Roman Army*, Paul Erdkamp (Ed.), Blackwell Publishing, Oxford, 2007.

provisionar. Um profundo avanço em território inimigo por parte das legiões, implica sujeitarem-se ao risco acrescido de destruição se o malogro das suas iniciativas resultar na necessidade de retirar através de uma vasta superfície operacional.

No teatro de guerra hispânico, a conquista de espaço constrange o aparente vencedor às inconveniências da distensão de meios, confrontando-o com escolhas entre procedimentos operacionais que assumem a forma de verdadeiros dilemas. Por um lado, pode conformar-se com a debilitação progressiva do poder humano da sua vanguarda por motivo das guarnições deixadas para trás, com o objectivo de assegurar a logística⁹⁷⁹ ao longo do itinerário percorrido. Em antonomia, um dinâmico avanço em território inimigo tem por prejuízo a fragilidade da ligação às bases de onde provém o abastecimento necessário à sobrevivência prolongada do exército, sobretudo quando, por receio de emboscadas, se restringe o âmbito das acções de depredação e a consequente capacidade de viver da terra.

Numa posição de recolha no âmago do espaço lusitano, Sertório reunira o fundamental dos seus meios para o contra-ataque decidido que pode agora lançar com um máximo de impacto contra um adversário a quem cedera deliberadamente terreno, pela oportunidade de o sujeitar a uma contínua e debilitante acção de guerrilha. A atracção do invasor para o núcleo do seu poder, confronta-o com a fulminante resposta que o chefe *popular* preparara, por via da poupança nas perdas dos seus efectivos, para a derradeira e decisiva etapa desta campanha. Com o ciclo de retiradas estratégicas lusitanas a provocarem o alongamento da cadeia logística romana, o principal corpo de exército de Sertório aguarda apenas pela oportunidade para convergir e aniquilar o inimigo.

A persistente actividade da guerrilha nativa contra as linhas de comunicação *conservadoras*, desaconselha Metelo Pio a atacar a praça de *Langobritae* que, situada a considerável distância do vale do Tejo, resguarda-se do invasor pela ameaça a que o sujeitaria de corte com as suas fontes provisionais. Contudo, as vantagens em assegurar uma guarita na Lusitânia setentrional através da conquista de uma cidade emblemática da resistência autóctone são tentadoras. Uma vez desprovido do auxílio providenciado por esta base urbana situada à retaguarda da actual disposição das suas forças, Sertório teria de abandonar um amplo espaço ao inimigo. Consequentemente, Metelo Pio visa

⁹⁷⁹ ROTH, *op. cit.*, página 115.

obter uma sustentáculo logístico de crítica importância para lhe permitir a prossecução de operações na difícil topografia serrana do interior beirão entre o Tejo e o Douro.

Entrecruzando-se com as vantagens discerníveis no estrito domínio militar, benefícios imponderáveis mas de magnitude no espectro político, integram as consequências do sucesso da tomada do bastião urbano do inimigo, golpe que pode ser lacinante para a moral da causa sertoriana. Nesta etapa decisiva de um jogo em que a estratégia e a logística haviam assumido o papel preponderante na facultação dos meios aos rivais para o duelo que se abeira, o invasor estira as suas linhas até ao limite para conferir poder de choque à vanguarda do seu exército e o escaramuçador prontifica-se à luta antes de se esgotar o seu espaço de manobra.

Durante o século II a.C., a guerrilha lusitana afamara-se pela sua indomável resistência diante das legiões romanas, induzindo, o despeito provocado na reputação dos sucessivos comandantes na Península, o recurso assíduo a métodos repressivos de extrema severidade, assim como a meios mais insidiosos e pouco dignificantes, como o suborno de dissidentes entre os indígenas e a quebra de pactos firmados.

A guerra de manobra integrando sucessivas operações de baixa intensidade táctica⁹⁸⁰, constitui uma poderosa tradição na Lusitânia. A chefia de Viriato concedera uma vocação ofensiva a um tipo de luta que se afeiçoava, de forma natural, à defesa de um solo familiar⁹⁸¹, travando campanha na Andaluzia e na Meseta⁹⁸². O incremento dos efectivos disponíveis por via da aliança supra-tribal dotara o lusitano com capacidade para enfrentar e vencer, por meio de uma pluralidade de estratagemas, exércitos romanos inteiros. A inovação de Sertório consiste em conferir a este tipo de belicismo autóctone um princípio de organização militar estruturado e uma estratégia claramente definida de aplicação num espaço de dimensão regional.

De forma a garantir a capacidade de reunião e coordenação entre unidades nas operações ofensivas e mútua assistência nas situações de adversidade, uma recolha precisa e célere emissão de informação pelas partes compondo o colectivo, constitui um requisito de valor inestimável para o sucesso do empreendimento de acções sincronizadas. O contacto estabelecido entre o vértice da estrutura representado pela

⁹⁸⁰ Ver: “LARANJEIRA, Hugo – *Guerra de Manobra e Operações de Baixa Intensidade*, Relatório Científico Final do Trabalho de Investigação Aplicada, Academia Militar, Lisboa, 2015.

⁹⁸¹ BOOT, *op. cit.*, página 16.

⁹⁸² Dificilmente poderemos reconhecer nas expedições bandoleiras de grupos de Lusitanos à Andaluzia como integrando os parâmetros da guerra de guerrilha, pelos motivos invocados por Max Foot (*op. cit.*, página 15) na sua obra sobre a história desta forma de belicismo.

chefia de Sertório e as suas ramificações por níveis de comando subalternos até ao domínio do pequeno agrupamento, define a fluidez da operacionalidade dos insurgentes.

O sistema de Sertório parece ter sido concebido a partir de uma estrita articulação entre as comunidades locais hispânicas e as iniciativas dos contingentes guerrilheiros sob a sua ordenança. A resistência do habitante nativo intensifica-se nos centros urbanos que constituem o principal objectivo do avanço legionário⁹⁸³, enquanto as unidades móveis se disseminam pelo espaço à retaguarda do exército de Metelo Pio, com o intuito de desgaste da tropa de menor valor tipicamente empenhada na segurança da rede logística⁹⁸⁴. Exercendo a vigília da deslocação do invasor a partir de postos selectos, a guerrilha do caudilho defende o solo com firmeza proporcional à sua importância estratégica e transita pelas zonas livres em busca de pontos de fraqueza do adversário sobre os quais convergir⁹⁸⁵.

O lusitano exhibe um excelso domínio das virtudes da paciência e astúcia de que depende o sucesso na beligerância assimétrica, retardando a sua investida até que se apresente ou seja criada a oportunidade propícia. A disciplina na conduta do guerrilheiro evidencia-se na espera pelo momento de acção adequado. O imperativo colocado na poupança dos seus restritos recursos humanos, exige que as acções armadas contra o invasor apenas devam ocorrer em situações de vantagem optimizada. Felizmente, para o lusitano, a vastidão do território defendido e o escasso provimento que oferece às necessidades básicas das legiões dota-o, amiúde, com a faculdade de seleccionar o local ideal para fustigar o inimigo sem lhe conceder a hipótese de retribuir em escala as perdas sofridas.

Grande parte das chagas infligidas aos exércitos romanos não se atribuem ao resultado do choque entre concentrações de tropas, mas à acção de escaramuça por parte de um elemento nativo que procura diluir a superioridade numérica do invasor por via de uma série de golpes. Em adição às perdas humanas sofridas, a luta contra este adversário elusivo extenua a resistência do legionário por via do contínuo estado de alerta e ansiedade a que o submete esgotando-o física e psicologicamente, mesmo nos momentos de pausa entre o combate.

A associação entre a notícia sobre o paradeiro das forças inimigas, conhecimento nativo do espaço de confronto e autonomia das células de guerrilha permite, a Sertório,

⁹⁸³ Plut., *Vit., Sert.*, 13, 3.

⁹⁸⁴ Plut., *Vit., Sert.*, 13, 3.

⁹⁸⁵ Plut., *Vit., Sert.*, 13, 2-3.

atacar qualquer ponto da linha de comunicações romana sem ter de deslocar-se pessoalmente até ao local. A harmonia entre as acções da guerrilha e o plano estratégico do caudilho é garantida por um fluxo de comunicação capaz de fazer transitar directrizes gerais ou ordens dirigidas a destacamentos específicos, assim como provir o caudilho com dados actualizados sobre as circunstâncias no terreno.

A mobilidade do guerrilheiro lusitano faculta o célere trânsito de informação entre as unidades e o núcleo decisório, de forma que Sertório encontrar-se-ia inteirado sobre a situação de cada parcela do seu exército. Neste sistema, a eficácia do belicismo assimétrico caracteristicamente endógeno é catalizado pelo comando superior exercido pelo caudilho, visando coordenar a actividade das diferentes unidades em toda a extensão de um teatro de guerra. Mediante a capacidade de leitura e interpretação cartográfica do espaço de operações, o oficialato *popular* aproveita a familiaridade indígena com a geografia local, para transformar as iniciativas de baixa intensidade táctica em acções concertadas de acordo com objectivos de longo alcance.

O carácter pioneiro da aplicação metodológica, por parte de Sertório, dos princípios estruturantes da guerra de guerrilha na História Contemporânea, manifesta-se de forma notável em múltiplos domínios. Pelo imprimir de um cunho científico de emprego sistémico em larga escala de um tipo de luta tradicional na Hispânia, o génio militar da nossa personagem encontra-se explicitado no seu máximo expoente, na forma como enuncia e executa na prática os procedimentos capitais que encontramos nos grandes intérpretes do século transacto desta modalidade de belicismo que constituem Mao Tsé-Tung, Fidel Castro, Ché Guevara, Hô Chí Minh e Vo Nguyen Giap.

Na guerra de guerrilha travada entre uma rebelião contra uma autoridade formal, o principal espaço de beligerância consiste na mente do povo⁹⁸⁶. A obtenção de vantagem no domínio político constitui a essência do conflito assimétrico, dado que o duelo entre as forças militares se desloca ou dilui do campo de batalha clássico para as dimensões mais psicológicas e ideológicas do antagonismo. Derivando a magnitude do movimento insurgente da sua capacidade para recrutar entre os sujeitos da regência inimiga, a apreciação popular dos propósitos, atributos, meios e potencialidades dos oponentes consiste no principal compasso para a facultação do seu sucesso marcial.

⁹⁸⁶ CLARRIDGE, Duane Ramsdell – *CIA Manual for Psychological Operations in Guerrilla Warfare*, Kindle Edition, Ancient Wisdom Publications, 2011, página 3.

A atracção do futuro guerrilheiro por via da sua renúncia a uma vida de jugo mas de maior segurança pela conformação com o *status quo*, procede-se a partir de dois elementos cognitivos de importância crítica: a aversão que lhe suscita o poder vigente e as expectativas de êxito no seu enfrentamento. A filiação no movimento rebelde depende, por conseguinte, das compensações subjacentes ao assumir de riscos por uma causa. O vislumbre no presente de possibilidades futuras de triunfo consiste no elemento determinante para definir o destino da insurreição. A distorsão dessa imagem por via da propaganda política enforma um duelo decisivo neste tipo de belicismo em que nenhuma fronteira espacial determina o local de recrutamento das forças em contenda, uma vez que da vontade popular depende a sua transformação de sujeito em inimigo da autoridade instituída.

No decurso da campanha compreendendo os anos de 79-78 a.C., não existe registo nas fontes de qualquer episódio em que os comandantes das forças contendoras se tenham enfrentando directamente. Em particular quando as hostilidades se concentram no anfiteatro lusitano, as acções tácticas são sobretudo de baixa intensidade e os dois chefes coordenam mais do que participam nas escaramuças. Contudo, a rivalidade pessoal não é removida pela natureza das operações e um confronto de personalidades ajusta-se à distinção dos respectivos procedimentos.

Venerado pelas suas tropas guerrilheiras como um deus, a inspiração providenciada pelo carisma de Sertório multiplica a eficiência da execução mesmo das missões independentes. Combinando astúcia e ousadia para criar oportunidades, as suas acometidas incidem tipicamente sobre pontos fracos do inimigo, produzindo-lhe perdas com um mínimo de retaliação. Inserido nas condições locais com a espontaneidade de um nativo e gerindo os assuntos afectos ao alto comando conforme a eficiente organização de gabinete romana, Sertório emana uma osmose de predicados militares incluindo vitalidade e experiência, criatividade e reserva, iniciativa táctica e planeamento estratégico, coragem física e arguta evasão.

Por seu turno, Metelo Pio encarna o poder institucional da Cidade Eterna, um general forjado na escola da clássica metodologia das legiões, um experto táctico na batalha de linha. A lentidão do avanço romano é em parte devedora da dificuldade do procônsul em destacar-se de uma experiência vívida nas convenções marciais romanas, factor que cerceia, às suas armas, capacidade para se ajustarem aos particularismos da árdua empresa que consiste em enfrentar o hispânico no seu solo natal. Complementando as perícias do elemento autóctone, o procônsul romano vê-se a braços

com um inimigo versado na aplicação de uma multiplicidade de técnicas afectas ao belicismo assimétrico que claramente transcendem o conhecimento do seu tempo.

Com similar talento ao que lhe permitira construir a mística associada à sua liderança, Sertório revelou-se um consumado especialista na destruição da imagem dos seus adversários convertendo em caricatura, perante o meio social, os seus comportamentos e acções enquanto homens e comandantes militares. Fragilizado pela dimensão das dificuldades em travar uma guerra que põe em causa grande parte da experiência bélica que acumulara ao longo da sua distinta carreira, Metelo Pio confronta-se com o desafio da sua vida no momento em que o peso da idade cinquentenária se abate sobre a sua força de vontade⁹⁸⁷. Perante as espantosas façanhas de Sertório no zénite das suas capacidades físicas e mentais, o seu antagonista entrega-se, por exaustão ou vício, a uma indolência e gosto pelo luxo que nunca antes se lhe reconhecera, exibindo fraquezas de carácter e de liderança diante das suas tropas que constituem ideal abstracto para uma representação burlesca por parte da propaganda insurrecta.

A perspicácia do caudilho *popular* permite-lhe sintetizar a fútil ostentação, a entrega à languidez, a avançada idade e a demora nas reacções de comando de Metelo Pio, numa sentença destinada a provocar o desdém colectivo pelas suas manifestas debilidades: doravante referir-se-ia ao seu rival por “aquela velhota”⁹⁸⁸. A incapacidade de defender a sua honra diante do ataque vexatório de Sertório, tem um impacto significativo na forma como Metelo Pio passa a ser apreciado socialmente. Antecedendo uma sólida perspectiva de conclusão vitoriosa desta guerra, quando a desproporção das forças entre os antagonistas apenas valoriza a chefia de Sertório até ao domínio do sobrenatural, o procônsul *conservador* vê-se agredido no âmago do seu prestígio por invectivas dirigidas, inclusivamente, à sua virilidade. Apesar de não ser conhecido o voluntarismo com que Metelo Pio acolhera o seu envio para a Hispânia, as fontes deixam subentender que o considerava como o seu último préstimo à República antes da retirada para a sombra dos seus louros, pelo que os oito anos de guerra constituem uma surpresa profundamente frustrante para os seus desígnios de quietude e requinte nesta fase da vida⁹⁸⁹.

⁹⁸⁷ Plut., *Vit., Sert.*, 13, 1.

⁹⁸⁸ Plut., *Vit., Sert.*, 19, 6.

⁹⁸⁹ Plut., *Vit., Sert.*, 13, 1.

A degradação da conduta exibida no exercício do comando por Metelo Pio pode, em parte, atribuir-se ao exaspero que dele se apodera com a tomada de consciência de que a sua longa experiência e considerável talento marciais não bastam para lhe facultar qualquer solução inventiva para contrariar a vantagem que a superior mobilidade confere aos guerrilheiros de Sertório. Actuando de forma compacta, as pesadas legiões vêm-se impossibilitadas de alcançar o inimigo em fuga pelo solo acidentado da Lusitânia, ao passo que o seu fraccionamento torna-as vulneráveis a emboscadas.

Desprovido da oportunidade para se bater na batalha formal que constitui o espaço selecto de exibição do seu valor, o soldado romano vê-se vencido pela natural adaptabilidade do inimigo à ambiência do seu território. A capacidade do autóctone em subsistir por um largo período de tempo com um mínimo de conforto e provisão mesmo nos locais mais inóspitos, contrasta com a necessidade do legionário de disfrutar das comodidades domiciliárias do acampamento⁹⁹⁰. A moral das tropas *conservadoras* desgasta-se com as perdas humanas e demais provações no decurso da sua penosa marcha até ao coração da Lusitânia, derradeira esperança de prontificar à luta a guerrilha de Sertório, num regime diferente daquele que lhe aprovém⁹⁹¹.

Controlando o ritmo das hostilidades num anfiteatro cuja dimensão lhe permite larga folga para proceder a retiradas estratégicas, Sertório frustra as tentativas de Metelo Pio para forçar o contacto em terreno propício à acção coordenada das legiões, enquanto fustiga a sua logística em acometidas cirúrgicas⁹⁹². Por fim, quando o esgotamento da paciência das forças inimigas chega ao conhecimento do caudilho *popular*, os jogos de mente de que conhece o segredo do astuto uso, permitem-lhe acentuar a quebra da confiança destas na capitania rival⁹⁹³.

A extensão das humilhações a que o líder rebelde sujeita os seus dois grandes adversários neste conflito, Metelo Pio e Pompeio Magno, expressa-se de forma elucidativa na subsequente irredutibilidade em aceitarem qualquer princípio de negociação proposto por Sertório⁹⁹⁴ para pôr termo à conflagração civil. Extravazando o domínio faccioso, o embate na Hispânia passa a assumir um conteúdo muito pessoal entre as figuras liderantes. Para o comum legionário, o conflito civil em curso é, antes de mais, o resultado das disputas pelo poder das elites, razão porque lhe apraz a ideia de

⁹⁹⁰ Plut., *Vit., Sert.*, 12, 5.

⁹⁹¹ Plut., *Vit., Sert.*, 13, 2.

⁹⁹² Plut., *Vit., Sert.*, 13, 2-3.

⁹⁹³ Veg., *Mil.*, 3, 10.

⁹⁹⁴ No contexto do qual Sertório apenas pretendia o regresso à Itália com o estatuto e as garantias de cidadão.

por cõbro aos seus tormentos por via do entendimento diplomático ou confronto singular entre quem os ocasiona.

A personalização de contendas afectando muitos milhares de vidas é uma tendência das guerras civis em Roma neste século I a.C., marcado pela ascensão e queda de grandes individualidades. A mais célebre proposta de resolução de um conflito por via de um combate pessoal consiste na que é dirigida por Marco António a Octaviano em 30 a.C.⁹⁹⁵. Metelo Pio não possui, contudo, em 79 a.C., a vantagem decisiva do seu lado, nem a arte argumentativa do fundador do Principado para rejeitar sem perda de honra, muito menos com incisiva réplica, o desafio para um duelo que Sertório lhe dirige⁹⁹⁶.

Em falta de melhor mecanismo de defesa, Metelo Pio ressalva a autoridade da sua magistratura, respondendo à zombaria que as suas tropas lhe dedicam, com a altivez própria de um aristocrata, recordando-lhes que *“a general, as Teophrastus says, should die the death of a general, not that of a common targeteer.”*⁹⁹⁷ Um contraste firma-se, assim, entre a superioridade hierárquica que Metelo Pio pretende ressaltar diante de um colectivo que o avalia com progressiva desconsideração e a forma como o seu rival compartilha o modo de vida dos escaramuçadores lusitanos, gratificando-se com as suas durezas e privações. Por estes meios, propala Sertório a fama da intrepidez da liderança *popular* e enaltece o valor belaz da resistência guerrilheira em contraponto à cobardia física do comandante adversário, escondido atrás de uma poderosa mas inepta e emperrada máquina de guerra legionária.

4.2.6 - O assédio de Langobriga. Aquino é emboscado e derrotado por Sertório. A retirada de Metelo Pio para a Turdetânia.

Incapaz de alvejar directamente a guerrilha sertoriana, Metelo Pio dá prosseguimento às investidas contra as principais urbanizações rebeldes, dirigindo as suas forças contra *Langobritae*, cidade que se havia notabilizado pelos préstimos oferecidos à causa do caudilho. Obtendo a informação de que a cidade dispõe de um único poço com autonomia suficiente para dois dias e que um assediador facilmente dominaria o troço situado fora da zona muralhada do curso dos ribeiros que lhe

⁹⁹⁵ Plut., *Ant.*, 75, 1.

⁹⁹⁶ Plut., *Vit.*, *Sert.*, 13, 3.

⁹⁹⁷ Plut., *Vit.*, *Sert.*, 13, 4.

fornecem abastecimento hídrico, o general *conservador* decide arriscar uma marcha até estas paragens setentrionais da Lusitânia.

Contando com a célere subjugação da praça, Metelo Pio instrui os seus soldados para transportarem rações para apenas cinco dias⁹⁹⁸, quando as “mulas de Mário” podiam suportar individualmente o peso de víveres para pelo menos duas semanas⁹⁹⁹. Subentende-se que a celeridade que o comandante romano pretende conferir a este corpo de tropas reduz o acompanhamento de um comboio composto por animais de carga também a um mínimo¹⁰⁰⁰.

Apesar da marcha do exército romano ser facilitada pela decisão do seu comandante em afastar-se dos centros de provisão com uma limitada autonomia logística, os informadores de Sertório fornecem-lhe dados suficientes acerca da actividade inimiga para que este deduza o seu objectivo¹⁰⁰¹. Deslocando-se com a sua costumeira rapidez até às proximidades de *Langobritae*, o caudilho oferece um prémio generoso aos voluntários da assistência à cidade. Seleccionando os mais robustos e lesto de entre os numerosos hispânicos e mauritanos que se apresentam, Sertório envia-os por atalhos através das montanhas, transportando dois mil odres cheios de água até à povoação, com instruções para abastecerem os homens capazes de contribuir para a sua defesa e evacuar o resto da população¹⁰⁰².

Quando Metelo Pio atinge o seu destino e monta cerco à cidade, rapidamente se apercebe, com profunda irritação, da forma como os seus planos haviam sido frustrados pela prognose do seu adversário. Com as provisões dos seus homens esgotadas e o abastecimento da praça garantido por via do socorro prestado por Sertório, o procônsul *conservador* é forçado a destacar 6.000 homens sob as ordens do legado Aquino, com a missão de obterem forragem para o conjunto do exército¹⁰⁰³. A astuta intuição de Sertório havia garantido que a cuidadosa campanha de conquistas de pontos-chave empreendida por Metelo Pio, degenerasse na necessidade deste em fraccionar forças em terreno aberto, sujeitando-as ao perigo de acometida enquanto em progressão que sentenciara de forma ignominiosa as legiões de Domício e Tório Balbo. No domínio da guerra de movimento, a superioridade em efectivos da hoste romana vê

⁹⁹⁸ ROTH, *op. cit.*, página 94.

⁹⁹⁹ ROTH, *op. cit.*, página 100.

¹⁰⁰⁰ ROTH, *op. cit.*, página 88.

¹⁰⁰¹ CURCHIN, *op. cit.*, página 43.

¹⁰⁰² Plut., *Vit., Sert.*, 13, 5 ; *Veg., Mil.*, 4, 7, 10.

¹⁰⁰³ ROTH, *op. cit.*, página 3.

reduzida a sua importância, quando a móvel guerrilha hispânica canaliza os seus principais recursos para o ponto crítico de contacto¹⁰⁰⁴.

Bem informado sobre a actividade do inimigo, o caudilho *popular* decide montar uma emboscada às tropas romanas, ocultando três mil guerrilheiros no declive de uma ravina sombria que ladeia o trilho percorrendo um vale coberto de mato e arvoredo¹⁰⁰⁵, por onde se desloca o inimigo no regresso da colecta de provisões. No momento mais propício, a tropa lusitana lança-se de surpresa sobre a coluna romana que passa ao largo da sua posição, enquanto o próprio Sertório ataca, com o grosso das suas forças, a vanguarda¹⁰⁰⁶, negando à presa tempo para retirar ou dispor-se para a luta¹⁰⁰⁷.

Alcançada a superioridade táctica local por via da concentração dos seus meios contra um destacamento, Sertório trava o recontro decisivo desta campanha. Com as peças compondo a armadilha pefeitamente colocadas, os Lusitanos podem acometer a tropa *conservadora* a partir de direcções convergentes. A pressão exercida pelo assalto combinado contra a coluna romana, visa comprimir o espaço por esta ocupada até a ameaçar de completo extermínio. A sujeição a ameaças oriundas de múltiplos sentidos é frequentemente ocasionadora de uma quebra ao nível da moral que pode escalar até ao pânico. O arranjo em ordem de batalha parece impossível dada a fisionomia do terreno, de forma que a confusão se apodera do espírito dos soldados romanos, reduzindo a um mínimo o seu valor efectivo de combate.

Sob o comando do caudilho, as forças mais numerosas que assaltam a frente da legião conseguem destroçar a sua formatura, chacinando parte dos vencidos, tomando outros prisioneiros e colocando os restantes em debanda. Quando o avanço lusitano culmina numa ameaça directa à sua vida, opta o legado romano por salvar-se através de uma fuga desesperada. Apresenta-se, subsequentemente, Aquino em estado lamentável diante do seu superior, após ter abandonado as suas armas e cavalo¹⁰⁰⁸, com a funesta notícia de que o provimento de que depende a continuidade do assédio de *Langobritae* não chegará até ao exército romano.

As consequências da emboscada que destrói o destacamento do legado romano correspondem à fase culminante do método de guerra assimétrica. Uma concentração de recursos tácticos é favorecida por uma força nativa contra um ponto fracturante de um

¹⁰⁰⁴ “A teoria da guerra tenta descobrir como podemos ganhar uma preponderância de forças físicas e vantagens materiais no ponto decisivo.” (CLAUSEWITZ, *op. cit.*, página 37).

¹⁰⁰⁵ Sall., *Hist.*, 1, 120.

¹⁰⁰⁶ Veg., *Mil.*, 3, 10.

¹⁰⁰⁷ Sall., *Hist.*, 1, 121.

¹⁰⁰⁸ Plut., *Vit., Sert.*, 13, 5.

exército convencional teoricamente mais poderoso, após o ter sujeito a uma contínua acção de desgaste durante um período prolongado de tempo¹⁰⁰⁹. O golpe desferido por Sertório sentença não somente a ofensiva de Metelo Pio no âmago da Lusitânia, como a própria capacidade das legiões em defenderem o espaço já ganho na morosa marcha desde o centro do seu poder no vale do Guadalquivir.

Tendo atingido o limite das suas capacidades logísticas, incapaz de escrutinar uma via que lhe ofereça perspectivas futuras de sucesso contra os métodos de luta do autóctone e com uma imagem degradada diante das suas tropas, o general romano vê-se constrangido a proceder a uma humilhante retirada de regresso às suas bases urbanas na Província Ulterior, alvejado pelos sarcasmos dos hispânicos¹⁰¹⁰. As perdas humanas sofridas a par do desânimo repartido entre os soldados e o comando *conservador*, determina uma completa cedência de terreno até ao refúgio na base operacional. Renuncia Metelo Pio a tentar limitar as cedências territoriais por via do acantonamento num dos vários fortificados que pontuam a linha de comunicações estendendo-se entre a Andaluzia e o vale do Tejo¹⁰¹¹.

O abandono das conquistas duramente concretizadas é o resultado final de uma empresa em que o grande aristocrata perde as honras que haviam distinguido o seu percurso cívico e militar ao longo de décadas. Durante um longo período de tempo, o procônsul romano, debatendo-se com a falta de meios para iniciar nova ofensiva e vulnerabilizado pela erosão da sua confiança e prestígio, ver-se-á revertido a uma postura de recolhimento no espaço que garante maior apoio à regência oligárquica, deixando as restantes partes da Hispânia completamente entregues ao seu destino diante da acção do adversário.

4.2.7 – A iniciativa de Hirtuleio na Hispânia central e oriental. A chegada de Lúcio Mânlio. A batalha de Ilerda.

No seguimento da destruição das legiões de Domício e Tório Balbo, Sertório havia tomado a ousada decisão de dividir as suas forças, confiando uma parte do seu

¹⁰⁰⁹ “As *acções sucessivas* são utilizadas por quem dispõe de meios limitados, ou não tem uma grande urgência na obtenção dos seus objectivos.” (BARRENTO, *op. cit.*, página 170).

¹⁰¹⁰ Plut., *Vit., Sert.*, 13, 5.

¹⁰¹¹ CALLEJO SERRANO, Carlos – “Los denarios de Valdesalor”, in *Zephyrus*, 16, Universidad de Salamanca, 1996, páginas 39-69, página 67.

(...)

ABÁSOLO ÁLVAREZ, José António ; GONZÁLEZ FERNÁNDEZ, M^a Luz ; MORA SERRANO, Bartolomé, *op. cit.*, página 118, 130.

exército a Lúcio Hirtuleio, enquanto ele próprio enfrentava com as tropas que lhe restavam, o poder unido de Metelo Pio. Pelo tempo em que o caudilho contém e posteriormente repele a invasão *conservadora* no ocidente lusitano, Hirtuleio aproveita o vazio de liderança romana na Província Citerior para estender a presença sertoriana no interior e oriente hispânicos.

Um passo de Frontino de cronologia indeterminada menciona o assédio fracassado do tenente sertoriano contra a cidade de Consabura, actual Consuegra¹⁰¹² que, situada no caminho entre a nascente do Guadiana e Segobriga, constitui natural ponto de passagem para a Celtibéria. García Morá¹⁰¹³ favorece esta ocasião como a que melhor se adequa à anuência do autor dos *Estratagemas*, interpretação a que Muñoz Villarreal¹⁰¹⁴ atribui possível verossimilidade, mas não exclui de problemática¹⁰¹⁵.

Suportando, determinadamente, todas as durezas que envolvem um bloqueio, a população de Consabura resiste por tempo suficiente¹⁰¹⁶ para que Hirtuleio desista da empresa. Favorecendo uma campanha móvel sem adicionais investidas sobre praças inimigas¹⁰¹⁷, o comandante *popular* marcha para nordeste, possivelmente seguindo ou passando ao largo do eixo Consabura-Segobriga-Segôncia, transpõe os Montes Ibéricos e atinge o rio Ebro. Desconhecemos se a sua infiltração pelo espaço celtibero é acompanhada pelo reforço dos efectivos do seu exército, através de recrutamentos locais. A actividade de Sertório no ano subsequente parece indicar que nenhuma acção de envergadura é desenvolvida, nesta fase, para subjugar as tribos residentes na área contígua ao itinerário percorrido pelo seu subordinado¹⁰¹⁸.

Quando a viragem para o ano de 78 a.C. traz Quinto Calídio como novo propretor da Citerior, a permissividade da autoridade oligárquica perante a presença de Hirtuleio persiste. Laços de confiança pessoal, troca de favores e expectativa de leal cooperação relativamente a Metelo Pio, parecem constituir os motivos mais evidentes para o destacamento desta personagem para o teatro de guerra hispânico. A ligação de Quinto Calídio com o procônsul para a Península Ibérica vem de longe tendo sido, em 98 a.C., na qualidade de tribuno da plebe, determinante para que Metelo Numídico, pai

¹⁰¹² Frontin. *Str.*, 4, 5, 19.

¹⁰¹³ GARCÍA MORÁ, *op. cit.*, página 256.

¹⁰¹⁴ MUÑOZ VILLARREAL, José Joaquín - “Consabura, De *Oppidum* a Municipio Romano”, in *Hispania Antigua*, nº 29, 2005, 107-150, página 133.

¹⁰¹⁵ MUÑOZ VILLARREAL, *op. cit.*, página 133.

¹⁰¹⁶ GONZÁLEZ-CONDE PUENTE, *op. cit.*, página 144.

¹⁰¹⁷ Mencionadas pelas fontes.

¹⁰¹⁸ SPANN, *op. cit.*, página 193.

de Metelo Pio, obtivesse permissão da comunidade para regressar do exílio¹⁰¹⁹. Dezoito anos mais tarde, em 80 a.C., o favor é devolvido quando Calídio apresenta a sua candidatura à pretoria, cargo que obtém através da influência do líder da poderosa *gens Caecilii Metelii* ele próprio exercendo, à data, o cargo de cônsul. Considerando a *amiticia* entre as personagens, a propretoria para a Província Citerior no ano de 78 a.C. poderá ter consistido numa anuência do Senado a um pedido expresso de Metelo Pio.

Com as forças romanas concentradas no ocidente peninsular, cabe ao novo magistrado encontrar os recursos para substituir as legiões perdidas do seu antecessor, Domício. Nenhuma diligência da sua parte parece, contudo, ser tomada para atender à situação de crise, distinguindo-se a actuação de Calídio pela rapinagem que lhe valerá a sentença, por extorsão, aquando o seu regresso a Roma, apesar do apoio dispensado por Metelo Pio¹⁰²⁰.

Perante a incúria do governador da Citerior, a actividade de Hirtuleio reclama medidas de emergência. Lúcio Mânlio, procônsul da Gália, transpõe a fronteira pirinaica com três legiões e um contingente de mil e quinhentos cavaleiros¹⁰²¹, somatório de tropas que podemos situar em redor de 18.000 homens. Para o tenente sertoriano, aceitar batalha no coração da actual Catalunha, a centenas de quilómetros de distância da sua base na Lusitânia, representa o assumir de um enorme risco. Contudo, o talento e a fortuna que solidificam a ousadia de Hirtuleio, reduzem probabilidades adversas ao supedâneo para a honra de mais um espantoso feito de armas.

Na sequência de um combate, provavelmente uma emboscada no vale do Ebro, de desfecho infeliz para Lúcio Mânlio¹⁰²², as tropas *conservadoras* postas em derrota, vêm-se impedidas de retirarem para o seu acampamento, caído nas mãos do inimigo. A importância desta fortificação interina no modelo operacional romano e as nefastas consequências de um exército desbaratado numa batalha em campo aberto se ver impedido de encontrar refúgio no interior de um reduto, são enfatizados por Flávio Vegécio¹⁰²³.

O general *popular* parece abster-se da tentativa de cerco da hoste de Lúcio Mânlio, de forma a evitar que o desespero que a leva à debanda se possa transformar numa resistência indómita no local. Ao oferecerem ao inimigo uma trajectória de

¹⁰¹⁹ Cic. *Planc.*, 69 ; Liv., *Epit.*, *Per.*, 69, 6 ; App. *B Civ.*, 1, 33, 1.

¹⁰²⁰ Cic. *Verr.*, 1, 1, 38 ; Cic. *Planc.*, 69.

¹⁰²¹ Oros., 23, 4.

¹⁰²² SCHULTEN, *op. cit.*, página 101.

¹⁰²³ Veg., *Mil.*, 1, 21.

fuga¹⁰²⁴, os perseguidores infligem-lhe perdas cumulativas sem réplica sensível¹⁰²⁵ à medida que os legionários cobrem sob fustigamento a considerável distância entre o rio Ebro e a cidade capital dos Ilergetas. Os restos da hoste romana encontram o almejado refúgio numa colina de ampla elevação nas proximidades de *Ilerda*.

Menciona Salústio que a salvaguarda do reduzido comando do magistrado sulano é garantida através da construção de uma rede de fortificações defensivas circunvalantes do local bem guarnecido pela topografia¹⁰²⁶. Os métodos de luta da tropa guerrilheira de Hirtuleio são desadequados para sustentar um longo assédio frente à aptidão romana nos trabalhos de engenharia¹⁰²⁷. A situação de impasse permite, a Lúcio Mânlio, sobreviver à derrota sofrida e posteriormente retornar à Gália Transalpina, onde o vemos em exercício de funções no ano seguinte, até as suas forças serem aniquiladas por populações insurrectas da Aquitânia¹⁰²⁸.

Este desenlace permite, à causa *popular*, sedimentar a sua presença no sopé dos Pirinéus, alentando a oposição interna ao regime oligárquico, subjugada mas não debelada pelo terror sulano, a revelar-se. O ano de 78 a.C. conclui-se com uma vitória em toda a linha para as armas democráticas: Metelo Pio encerrado com os sobreviventes da sua hoste, na Província Ulterior, o propretor Calídio a ter de prestar contas pela sua administração desastrosa perante a jurisprudência romana e o governador da Gália, Lúcio Mânlio, forçado a regressar à sua província, deixando o campo livre à iniciativa de Hirtuleio no nordeste peninsular. O triunfo da sublevação sertoriana permite-lhe passar, no ano seguinte, para uma nova fase de desenvolvimento do seu projecto: o da institucionalização.

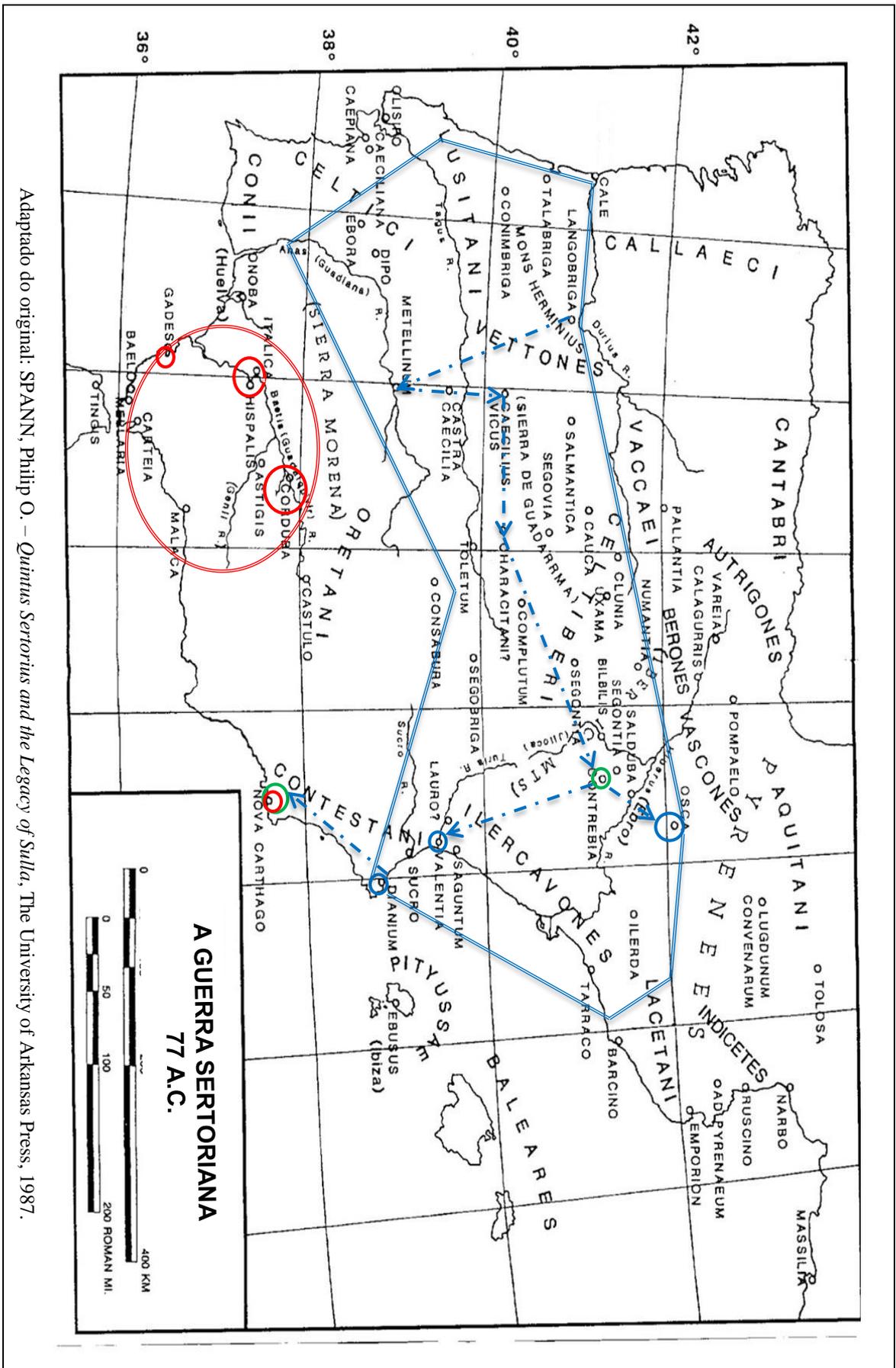
¹⁰²⁴ Veg., *Mil.*, 3, 21.

¹⁰²⁵ “Duma maneira geral, o mais importante é a certeza (a grande probabilidade) da vitória, ou seja, a certeza de expulsar o inimigo do campo de batalha. O plano de batalha deve estar orientado para este objectivo uma vez que é fácil transformar, através da perseguição ao inimigo, uma vitória limitada numa vitória decisiva.” (CLAUSEWITZ, *op. cit.*, página 45).

¹⁰²⁶ Sall., *Hist.*, 1, 113.

¹⁰²⁷ Veg., *Mil.*, 2, 25.

¹⁰²⁸ Estrabão (Strabo, 4, 1, 1) menciona a ligação entre os residentes da Aquitânia e as populações hispânicas.



**A GUERRA SERTORIANA
77 A.C.**

Adaptado do original: SPANN, Philip O. — *Quintus Sertorius and the Legacy of Sulla*, The University of Arkansas Press, 1987.

4.3 - O ano de 77 a.C.

4.3.1 – A expansão do domínio sertoriano na Celtiberia e Província Citerior. Da guerra de guerrilha para a guerra convencional.

No seguimento do fracasso da sua ofensiva contra Sertório, Metelo Pio retirase para as suas bases urbanas na Andaluzia abandonando às mãos do inimigo, as cidades e fortificações que haviam apoiado as suas iniciativas nos dois anos anteriores¹⁰²⁹. A Lusitânia encontra-se livre da presença oligárquica até à fronteira constituída pelo Guadiana¹⁰³⁰. Nenhuma bolsa de forças legionárias resistindo nos flancos ou à retaguarda da posição avançada das hostes sertorianas ameaça as comunicações ou pontua o seu controlo do terreno. A iniciativa pertence à guerrilha do caudilho, cujas acções de infiltração por espaço inimigo atingem mesmo as vizinhanças do núcleo de implantação romana na Província Ulterior, tal como atesta a documentação numismática recolhida na cidade de *Ucubis* (Espejo)¹⁰³¹.

A defesa do vale do Guadalquivir, ponto fundamental de ancoragem para Metelo Pio, parece, contudo, estar assegurada¹⁰³². Segundo o relato em *De Bello Hispaniensi*¹⁰³³, a tradição de incursões lusitanas dirigidas à Turdetânia havia ocasionado a fortificação das várias praças hispânicas da Província Ulterior¹⁰³⁴. A infiltração dos 4.700 Lusitanos que se entricheiram no *Mons Belleia*, a subsequente marcha para norte de Sertório rumo ao território das populações insurgentes contra a facção *conservadora* e o futuro avanço de Hirtuleio até à cidade de Itálica no ano de 76 a.C., confirmam a praticabilidade de deslocação pelo espaço campesino andaluz se renunciando a investidas contra povoados providos de bons meios de defesa. Após o recuo das legiões para o coração da sua presença na Andaluzia ocidental ter ocasionado o abandono dos acampamentos erigidos para além da linha do Guadiana, as forças

¹⁰²⁹ ROLDÁN, J. - “La guerra civil entre Sertorio, Metelo y Pompeyo (82-72 a.C.)”, 113-120, *Historia de España Antigua, II. Hispania Romana*, J.M. Blázquez (Ed.), Madrid, 1978, página 124.

¹⁰³⁰ Das operações das tropas sertorianas nas margens do Guadiana temos também vestígios muito concretos: um conjunto de glandes, uma das quais inscrita, proveniente de San Sixto, Encinasola (Chic García, 1986; Díaz Ariño, 2005, p. 225, 233). Naturalmente, não é possível determinar a que momento preciso das campanhas militares nesta região elas correspondem, mas uma referência alargada a estes materiais é devida em algum ponto (v. Mataloto, 2014, p. 362-363).

¹⁰³¹ ROLDÁN, J., *op. cit.*, página 124.

¹⁰³² É impossível determinar em que grau a condição defensiva destas populações evolucionadas diferia entre o período da guerra sertoriana e da campanha de Munda, mas parece deduzível que as tropas do caudilho popular poderiam percorrer o território mas dificilmente tomar as cidades.

¹⁰³³ Ps.-Caes., *BHis.*, 4.

¹⁰³⁴ Ps.-Caes., *BHis.*, 8.

populares são confrontadas com um novo tipo de desafio se pretenderem tomar os castros erigidos nas elevações da Serra Morena ou as cidades poderosamente muralhadas das zonas mais férteis da Turdetânia¹⁰³⁵.

O assédio em regra das fortificações da Andaluzia confronta Sertório com uma especialidade de belicismo alheia aos predicados típicos de uma guerrilha composta, sobretudo, por contingentes de infantaria ligeira. A defesa das muralhas de importantes praças como Itálica, Hispalis ou Córdova¹⁰³⁶ significa o multiplicar do valor combativo das legiões do procônsul *conservador* e uma garantia de extensas baixas para o atacante. A adjacência do Guadalquivir fornece, a estas cidades, o abastecimento hídrico para uma resistência prolongada a um cerco¹⁰³⁷, o que confronta o oficialato sertoriano com a necessidade de adaptar os métodos de engenharia e de guerra de posição às características peculiares da equipagem e forma de luta da tropa que comanda. Antes do treino a que será sujeito por Sertório o dotar com aptidões compósitas na guerra regular e assimétrica o lusitano reconhece, na manobra e emboscada, o fundamental da sua valência bélica. Confrontar Metelo Pio no espaço operacional que maior poder relativo confere à tipologia dos seus recursos militares, seria uma decisão de manifesta insensatez.

A imobilização das legiões romanas dentro de recintos urbanos muralhados com acesso a provimento fluvial, determina a sua resguarda de uma acção de cerco por parte dos escaramuçadores sertorianos, impasse almejado pelo procônsul *conservador* quando retirara para o coração do seu domínio de forma a poder recuperar as suas forças. Contudo, a concentração dos recursos do inimigo no seu baluarte na Hispânia meridional confere, ao caudilho, a possibilidade de uma arrojada actividade noutros espaços. O sucesso de Hirtuleio na Província Citerior oferece uma alternativa estratégica bem mais atractiva para a liderança *popular* do que o risco de sacrifício dos seus quadros humanos e da mística vitoriosa em torno de si criada pelo imediato investimento contra as praças-fortes andaluzes: a possibilidade de formar uma frente unida desde o ocidente lusitano até à costa levantina e maciço pirinaico. Uma clarividente perspectiva de conjunto sobre a configuração do teatro de guerra hispânico

¹⁰³⁵ Ps.-Caes., *Bhis.*, 8.

¹⁰³⁶ ROTH, *op. cit.*, página 171.

¹⁰³⁷ Ps.-Caes., *BHis.*, 8.

Ver: CHIC GARCÍA, Genaro – “Roma e el Guadalquivir”, in *El Río Guadalquivir*, J. Rubiales Torrejón (ed.), Junta de Andalucía, Sevilla, 2008, pp. 197-201.

permite, a Sertório, aproveitar a iniciativa entretanto ganha com uma agressividade temperada por preceitos de prudência.

A renúncia ao confronto directo com as principais forças do inimigo situadas na Província Ulterior, fundamenta-se no juízo de que a conquista da área de mais firme radicação oligárquica na Península Ibérica constituiria o corolário da subtracção de parcelas sucessivas do seu território a partir das zonas mais expostas da costa levantina. Uma campanha dirigida sobre a periferia do espaço defendido por Metelo Pio, constitui a estratégia de aproximação indirecta¹⁰³⁸ que melhor dotará Sertório com os recursos extraídos do recrutamento nativo ou dissidência itálico-romana de que necessita para atingir os seus objectivos de longo prazo. A enclausura das forças oligárquicas no sul peninsular precipita uma corrida sertoriana pelo controlo do território e população, nas zonas mais susceptíveis à sua causa. A destruição das legiões do procônsul sulano consubstanciará a fase derradeira de um processo de progressivo isolamento e lenta compressão posicional da sua presença na Andaluzia.

A marcha do caudilho pela Meseta é articulada com a colecta de voluntários indígenas que, na sequência do triunfo sobre Metelo Pio, convergem para os seus estandartes na ânsia de participar na epopeia sob o comando de um general que concebem como divinamente agraciado com a infalibilidade do triunfo. Enquanto o exército proconsular se vê confinado ao extremo meridional do espaço peninsular, a facção sertoriana fomenta a insurreição provincial nas regiões medulares e do nordeste hispânico, garantindo um substancial incremento do poder humano das suas forças armadas por via da integração de contingentes autóctones.

O assumir, por parte do comando *conservador*, de uma postura defensiva no seguimento da retirada das suas legiões para a Província Ulterior oferece, a Sertório, o tempo necessário para treinar e construir o seu próprio exército, a partir da matéria-prima hispânica. No decurso deste ano de 77 a.C., o elemento nativo é integrado num programa de doutrinação bélica destinado a dotá-lo com os ensinamentos e práticas comuns às legiões romanas, visando a obtenção de um produto de síntese entre a sua proficiência guerrilheira e o belicismo convencional.

¹⁰³⁸ HART, Liddell B. H. – *Strategy. The Indirect Approach*, Faber and Faber Ltd, London, 1929.

(...)

“A *estratégia indirecta* é aquela em que se faz o esforço sobre o fraco do inimigo, também designada por estratégia “do forte ao fraco”, ou de Liddel Hart, que privilegia o deslocamento do centro da gravidade da força (...). A **Estratégia Indirecta** é aquela em que o esforço é feito nas estratégias gerais, diplomática, económica, psicológica, e na qual a estratégia militar tem apenas uma função auxiliar. (BARRENTO, *op. cit.*, 128).

O objectivo de Sertório consiste em converter o bandoleiro hispânico cujos proventos marciais abrangem sobretudo a liça travada no seu espaço domiciliário, num soldado versátil integrando forças militares capazes de empreender operações em diferentes cenários de guerra. A mobilidade, a autonomia logística e o apoio popular constituem os atributos que haviam bastado, até ao presente momento, para conceder, aos guerrilheiros sertorianos, a possibilidade de evitar o confronto com as legiões numa batalha campal onde o poder de choque é o principal factor de decisão. Contudo, as limitações das suas tropas em teatros de operações com uma forte componente urbana como a Andaluzia e a costa levantina, induzem a liderança *mariana* a investir no treino do hispânico de forma a dotá-lo com a aptidão para se afeiçoar a projectos cuja derreira meta consiste na tomada de poder em Roma.

No decurso da campanha de 79-78 a.C., a defesa da vasta Lusitânia permitira, a Sertório, sacrificar com benefício espaço territorial pela oportunidade para erodir com o tempo os recursos do invasor. A tomada da ofensiva na Hispânia exige que o caudilho encontre resposta para a incapacidade indígena em lutar com similar eficiência fora do seu próprio território, em empreendimentos cuja envergadura transcendam as tradicionais incursões bandoleiras desenvolvidas pelos Lusitanos no espaço meridional peninsular.

A habilidade do chefe *popular* na conversão dos elementos tribais especializados na guerrilha em exércitos compactos de formatura contínua capazes de desafiar as legiões no domínio da luta convencional, constitui um notável exemplo de modernização. A familiaridade do autóctone com a fórmula de belicismo sedimentada no enfrentamento campal entre grandes agremiações humanas decorre de dois elementos capitais: a capacidade demográfica de cada povo e o contacto por este estabelecido com o colono das civilizações avançadas da bacia do Mediterrâneo.

O primeiro dos elementos encontra-se intimamente relacionado com a sustentabilidade da vida em cada meio ecológico. O florescimento da civilização, na Antiguidade, decorre da capacidade do Homem em adaptar ao solo a prática da agricultura, principal fonte de nutrição para o advento do urbanismo. Consistindo o acesso a água potável no condimento basilar para o ciclo da vida, as margens irrigadas pelo leito, afluentes ou canais dos grandes rios, oferecem as riquezas ambientais necessárias à sedentarização e conseqüente mudança da paisagem pela edificação civilizada. Decorrente do mais importante critério para a ocupação do espaço, a presença duradoura do hispânico concentra-se nas proximidades dos cursos fluviais.

A partir do substracto que constitui o afeiçoamento natural dos povos aos ditâmes do meio ambiente, a acção do colono vindo das regiões mais desenvolvidas do Mediterrâneo é determinante no acentuar da heterogeneidade latente dos preceitos autóctones. Podemos, com efeito, reconhecer na difusão das ideias orientalizantes, o factor que promove, com intensidade declinante no sentido da costa andaluza para o noroeste peninsular, a transição de um modelo de exército tipicamente tribal¹⁰³⁹, caracterizado pela rudimentar organização militar e chefia disseminada, para as agremiações federativas das sociedades correlacionáveis com o desenvolvimento urbano e sedimentação proto-estatal.

A diversidade de elementos geográficos e humanos que enformam o mundo hispânico contribui para a dissemelhança do tipo de operações decorridas durante o conflito sertoriano numa multiplicidade de teatros de guerra regionais. Concomitante com as componentes físicas da Península, o discriminado progresso político, social e tecnológico dos vários povos que a habitam, estabelece que diferenciações também se evidenciem na fisionomia das forças militares que são integradas nas hostes *populares*.

Na Meseta, a dureza da vida nos vastos planaltos de solos pobres e escassa vegetação que dominam o cenário paisagístico favorecera, historicamente, o modelo de ocupação dispersa do território e o predomínio da pastorícia sobre a agricultura¹⁰⁴⁰, conjugação de factores que contribuiram para que, no modelo de peleja indígena, a mobilidade, feição para o logro e capacidade de batida de uma eficiente guerrilha, constituíssem atributos da maior importância. Complementando a dinâmica de desgaste e emboscada nos espaços campesinos, a resistência nativa é tipicamente obstinada nos *oppida* edificadas em locais estratégicos granjeando óptimas propriedades defensivas. A fortificação destas urbanizações permite o enfrentamento com exércitos legionários fazendo várias vezes o número dos defensores, conforme sintomatiza a conquista de Numância por Cipião Emiliano em 133 a.C.. Por princípio, um assédio na Meseta exige o emprego de recursos humanos consideravelmente superiores aos que dispõe o residente autóctone.

No decurso de um cerco de uma importante cidade celtibera, é usual que a enclausura estática dentro do recinto muralhado se combine com acções de escaramuça realizadas pelos elementos móveis da guerrilha autóctone actuando no exterior,

¹⁰³⁹ Dominante nas regiões pobres do interior mesetano.

¹⁰⁴⁰ HARRIS, William V. – “Roman Expansion in the West”, in *The Cambridge Ancient History. Rome and the Mediterranean to 133 B.C.*, Volume 8, 2ª Edition, A. E. Astin (edited), Cambridge University Press, 2008, página 124.

directamente contra os sitiados ou focalizados no seu domínio logístico. Com este sistema, o provisionamento pode esgotar-se com maior celeridade entre quem cerca, forçando-o a interromper a operação. O franqueio das defesas da praça torna-se, neste contexto, necessário devido à dificuldade de um sitiado em subsistir no terreno pelo tempo que demora a garantir uma rendição pela fome.

O clima mediterrânico e a rede de cursos de água que o retalham proviam parte do espaço correspondente à actual Andaluzia, com as condições naturais para que extensos cultivos pudessem alimentar as grandes densidades demográficas. O estabelecimento de vínculos pactuantes entre cidades de significativa importância, encontra a sua correspondência marcial na constituição de poderosos exércitos regionais caracterizados, no passado, pela sua fácil incorporação no modelo militar púnico. Consagrando um dos propósitos capitais da romanização, o acréscimo da docilidade nativa para com o jugo estrangeiro fora garantido pelo seu progressivo desarmamento, assumindo as legiões o fundamental do fardo que constituía a defesa da Província Ulterior.

Contingentes de tropas auxiliares continuam, contudo, a representar um contributo regular do autóctone para a composição dos exércitos legionários. A vasta capacidade demográfica andaluza representa um reservatório de poder humano que pode ser canalizado para o robustecimento das forças armadas numa situação de necessidade. As perdas sofridas durante a campanha na Lusitânia, pelo exército de Metelo Pio são provavelmente cobertas no decurso do seu aquartelamento no ano de 77 a.C., pela chamada às armas do nativo¹⁰⁴¹.

Com uma terra adequada à lavra¹⁰⁴², a região da costa levantina parece estar bem preenchida pelo elemento humano, acolhendo povos que, nas suas tradições e formas de organização, mesclam traços tipicamente hispânicos com a forte influência que sobre si é exercida pelo mundo mediterrânico. Integrada sob o domínio romano, na Província Citerior, a sua população havia, desde há muito, estabelecido contactos comerciais tanto com o grego como com o fenício-púnico, que lhes permitira a precoce recepção de algumas das suas tecnologias e concepções.

A constituição de exércitos confederados sob liderança supra-tribal encontra-se bem documentada nas fontes literárias e parece prefigurar um estágio intermediário

¹⁰⁴¹ Durante a campanha de Cipião Emiliano contra Numância (134-133 a.C.), a maior parte do seu exército de 60,000 homens era constituído por nativos. Ver: App. *Hisp.*, 86.

¹⁰⁴² Strabo, 3, 4, 8.

entre a organização descentralizada do tribalismo estratificado celtibero e a desenvolvida capacidade de reunião humana na Hispânia meridional. O ambiente no vale do Ebro explana, com particular nitidez, o equilíbrio que, em numerosos aspectos, se estatui no espaço catalão, entre as características antagónicas da rude vida na Meseta e as comodidades domiciliárias da fertilidade andaluza. Populações habitando cidades de crescente importância na diacronia do domínio romano, distribuem-se ao longo das margens do rio que, na qualidade de seu grande recurso hídrico, oferece estruturação a todo o território. A importância do domínio da orla costeira torna, também, a zona oriental do campo de batalha hispânico particularmente susceptível a acções navais e anfíbias.

A colonização por parte de emigrados itálico-romanos e a inclusão nas rotas mercantis do império incrementara, em particular, a vitalidade do urbanismo sedimentado nos principais cursos fluviais da costa levantina. A recruta efectuada por Sertório em 81 a.C., ilustra uma realidade demográfica de ocupação do espaço integrando o elemento nativo e uma presença já expressiva de *hispanienses*¹⁰⁴³. A continuidade do apoio das tribos ilerconvones ao caudilho mesmo após a perda das cidades situadas na faixa costeira, evidencia que o território correspondente à Província Citerior, se estrutura em função de uma dicotomia entre a raiz autóctone preservando nos espaços campesinos e a vigência mais assertiva do poder de Roma, nos centros urbanos.

Tem-se comumente considerado que a constituição de grandes exércitos com comando centralizado, constitui o reflexo marcial do percurso evolutivo das sociedades desde as suas mais simples formas de ajuntamento até às complexas realizações de um Estado. A infusão do racionalismo como signo característico da forma como os povos mais avançados do Mediterrâneo travam a guerra associa-se, tradicionalmente, à superior eficiência do braço armado da civilização sobre o tribalismo bárbarico. As guerras da Hispânia subsistem, contudo, como a evidência da artificialidade que constitui a generalização destas considerações. Não obstante o mito da superioridade técnica das legiões propalado pela autoria antiga, as circunstâncias que justificam a demora da sua conquista da Península Ibérica dificilmente favorecem a ideia de que o modelo estandardizado de actuação do exército romano se adaptava, com inata

¹⁰⁴³ Plut., *Vit., Sert.*, 6, 5.

GABBA, Emilio – *Republican Rome, the Army and the Allies*, P.J. Cuff (trad.), University of California Press. Berkeley and Los Angeles, 1976.

eficiência, aos condicionalismos locais. Pelo contrário parece, desde muito cedo, entender o comando legionário que, para travar a guerra com sucesso na Hispânia, é necessário adoptar parte das tácticas e estratégias dos seus inimigos, dada a dificuldade em nela aplicar um sistema afeiçoado às campanhas itálicas.

Por conseguinte, o modelo de forças armadas forjado por Sertório visa uma síntese entre os atributos nativos e a organização das hostes legionárias. A chegada de Perperna em 77 a.C. com um exército composto por vários milhares de romanos que o caudilho dota com a capacidade para reproduzir a forma de luta do hispânico, torna particularmente nítido o duplo sentido deste fenómeno transformador. Essa convergência a partir de pólos distintos de fisionomia bélica, permite uma metamorfose entre a elusiva guerrilha e a densa linha de batalha campal, de acordo com as exigências circunstanciais.

Por parte do hispânico, seria expectável uma reacção negativa a partir do momento em que tomasse consciência de que o ensino, que lhe concede o estrangeiro, integra um programa deliberado de sujeição progressiva da sua vontade aos objectivos específicos do comando sertoriano. Contudo, a renitência do indígena em vincular-se a projectos com o potencial para se tornarem estranhos aos seus particulares interesses é eficazmente diluída pelos elementos de atracção psicológica que o caudilho utiliza de forma a inculcar voluntarismo na ordenança do substracto nativo.

A condução desta força para a Itália perspectiva um momento crítico no contexto do qual se decidirá se as partes romanas e hispânicas que integram o Estado de Osca se mantêm coesas ou divergirão nos seus propósitos. A conversão do autóctone às causas da facção *popular* pela consciência dos benefícios que poderá extrair da sua participação numa grande estratégia à escala mediterrânica, constitui o factor determinante para o motivar a deslocar-se para longe do seu solo natal quando chegado o momento de marchar sobre Roma.

4.3.2 – A doutrinação da juventude hispânica.

A participação do nativo no movimento sertoriano é sobretudo expressiva e entusiástica entre a juventude¹⁰⁴⁴, impulsionada pela sede da glória que fantasia acompanhar a marcha do caudilho. A progressiva renúncia aos valores tradicionais

¹⁰⁴⁴ Sall., *Hist.*, 2, 92.

hispânicos por parte dos mancebos mediante a sua iniciação nos modos de vida romanos, constituiu um objectivo fundamental no programa de doutrinação a que são sujeitos no estabelecimento de ensino criado a propósito por Sertório¹⁰⁴⁵. Diminuir a influência da família sobre os futuros líderes autóctones por via da atracção destes para o centro de poder romano na Península Ibérica, constitui a melhor via para solidificar os laços da sua adesão no longo tempo.

Transcendendo uma mera ocupação militar ou exploração dos recursos económicos do espaço, o domínio sertoriano, na Hispânia, almeja a conversão ideológica da população nativa à sua causa. A mente juvenil é um terreno naturalmente propício para a sementeira dos princípios políticos que acompanham a fundação, em 77 a.C., de um Estado “sombra” sediado na cidade de Osca, que se vê dotado com instituições e assembleias homólogas às de Roma¹⁰⁴⁶. Acautelando a eventualidade de uma prolongada estada na Península Ibérica, Sertório empenha-se na cativação da lealdade dos filhos dos principais chefes tribais hispânicos atraídos para a capital do movimento *popular* no exílio, pelo fascínio da integração na sofisticada mundividência romana.

A anuência paterna à separação geográfica com os seus descendentes é alcançada mediante a esperança de os ver ocupar postos de autoridade na administração sertoriana no seguimento da sua formação nas sapiências dos ofícios associados a um Estado complexo¹⁰⁴⁷. A prioridade que é colocada, nas políticas desenvolvidas pelo caudilho, na célere aculturação do hispânico relativamente aos preceitos romanos, encontra o seu testemunho mais expressivo neste investimento nas gerações futuras.

Uma multiplicidade de propósitos de feição menos benévola para com os interesses específicos ou compartilhados com o nativo encobre, contudo, as generosidades de Sertório. É difícil escrutinar em que medida ou a partir de que altura a liderança tribal se terá apercebido de que a estadia dos seus varões em Osca os havia convertido em reféns do poder sertoriano. A subtileza dos procedimentos do sabino parece ter sido bem sucedida em iludir os chefes autóctones durante bastante tempo. Com efeito, o orgulho sentido pela rude e turbulenta geração adulta na Hispânia no decoro civilizado da sua mocidade, trajando de toga bordada a púrpura e frequentando

¹⁰⁴⁵ Plut., *Vit., Sert.*, 14, 2.

¹⁰⁴⁶ BARRADON, Nathalie – “Le Sénat, les gouverneurs et les cités pérégrines d’Hispanie citérieure aux deux derniers siècles de la République”, in *Les gouverneurs et les provinciaux sous la République romaine*, Nathalie Barrandon & François Kirbihler (Dir.), Presses Universitaires de Rennes, 2011, página 101.

¹⁰⁴⁷ *Ibidem*.

os centros de ensino sob a orientação de perceptores latinos e gregos, é uma das garantias para o voluntário assumir do auxílio marcial que o caudilho lhes solicita¹⁰⁴⁸.

A sabedoria da liderança de um guerrilheiro convertido em estadista governando por via do apoio genuíno dos seus seguidores passa, justamente, por conseguir obter o que pretende por via da persuasão, ao invés do uso gratuito da força ou intimidação. A incorporação da descendência das elites locais na sua esfera de poder parece ter integrado o processo de sedução da população autóctone de que Sertório revelou, desde o início, ser um consumado especialista.

O agradecimento paterno pelos cuidados e despesas assumidos pelo comandante romano, no ensino dos seus filhos, é correspondido pelo entusiasmo com que a mocidade hispânica se afeiçoa ao seu novo estatuto de civilizado. A conversão ideológica da juventude indígena passa, necessariamente, pela transferência da lealdade filial em relação à sua progenitura biológica para as figuras de autoridade que corporizavam a simbologia de poder e avanço civilizacional das instituições romanas. O preceptor da sala de aula e, acima dele, a venerada liderança de Sertório, constituem as entidades responsáveis pelo cerceio dos laços de identificação dos jovens com o mundo tradicional hispânico. A captação da sua obediência decorre, em primeiro lugar, do fascínio juvenil pela sofisticação dos costumes do estrangeiro.

Um sistema de recompensas enforma o relacionamento de dependência e submissão estabelecido entre o aprendiz nativo e o poder romano. De forma a garantir a reverência do jovem nobre hispânico Sertório, procede com assiduidade, a revistas e condecoração dos merecedores, seduzindo a nova geração de adeptos por via da sua proximidade e agraciamento. A distribuição de emblemas ostensivos do estatuto de romanizado, entre os quais se notabiliza o ornamento esférico colocado no colar envergado ao pescoço apelidado de *bullae*¹⁰⁴⁹ incentiva a disputa, entre os jovens, pelo reconhecimento social e promessa de exercício de funções de Estado no término da sua formação.

A esmerada e gratuita educação dos seus promissores descendentes parece constituir o fundamento para a permissão, por parte da respectiva família, da perda da proximidade e influência sobre os seus destinos. Por sua parte, obtém Sertório desta oferenda de residência e educação na sua capital na Hispânia, a esperança de forte adesão por parte das futuras gerações nativas aos seus projectos de longo prazo e um

¹⁰⁴⁸ Ibidem.

¹⁰⁴⁹ Amuleto protector usado pelos rapazes até se tornarem cidadãos romanos.

imediate condicionamento da lealdade dos parentes dos seus hóspedes, por via da ameaça mais ou menos velada sobre os seus vínculos afectivos, em caso de dissidência ou insubordinação. A execução destes reféns no momento de desespero da causa sertoriana não deve invalidar a possibilidade de ter existido uma genuína vontade, por parte do caudilho, de recompensar o apoio indígena. A vitória da facção *popular* poderia ter materializado essa promessa, pelo que o propósito de Sertório enuncia, como em diversas outras ocasiões ao longo da sua carreira, uma notável capacidade de adaptar os seus planos a múltiplos possíveis domínios de aplicação, de acordo com as circunstâncias do momento e do provir.

4.3.3 – A guarda pessoal sertoriana.

O estabelecimento de um sólido e duradouro pacto entre Sertório e a população hispânica dando conteúdo a um tipo de governo orientado, pelo menos nesta fase, em função da aprovação nativa, encontra a sua forma mais eloquente de expressividade na importância que no seu contexto adquire a peculiar instituição social de voto de protecção e sacrifício pessoal a um senhor da guerra¹⁰⁵⁰.

A obtenção, por parte de um líder, de leal serviço, exigia uma proporcional retribuição de favores visando a satisfação dos desejos de quem o prestava. O estatuto já adquirido entre os nativos permite, ao caudilho, resumir o fundamental da recompensa outorgada a quem o segue, a uma simples proximidade física. A afluência de guerreiros meritórios dispostos a subordinar a sua existência aos sacrifícios exigidos pelas circunstâncias na protecção de um outro ser humano, seria concomitante com o fascínio interpessoal e distinção social recaindo sobre quem se acercava de um vulto reconhecido como um deus pela superstição autóctone.

A referência de Plutarco¹⁰⁵¹ aos milhares de hispânicos consagrados à vida do chefe *popular* permite-nos deduzir que, para além de formarem um corpo de guardacostas, detêm suficiente poder humano para constituir uma reserva táctica em batalha. Fanática devoção religiosa combina-se com superior proficiência marcial para fazer da guarda sertoriana uma tropa de elite que disfrutava de um tratamento de considerável privilégio e elevado estatuto social. A sustentabilidade deste relacionamento estabelecido entre um guia e um colectivo competindo pela exibição de valor em

¹⁰⁵⁰ Plut., *Vit., Sert.*, 14, 4.

¹⁰⁵¹ Plut., *Vit., Sert.*, 14, 4.

combate e exemplos de sacrifício pessoal exige, por parte do caudilho, o uso de adequados métodos de recompensa. A atracção de uma multiplicidade de seguidores dispostos a uma completa entrega seria providenciada pelo favor dispensado, pelo comandante, no preenchimento das necessidades desta tropa especial.

Conquistar a lealdade do orgulhoso e autónomo nativo, transformando-o num adepto fervoroso, requer métodos de reforço do seu prestígio pessoal que compensem uma existência consagrada ao serviço de outro ser humano. A difusão da certeza da sua superioridade marcial diante do resto do colectivo, a mística do juramento de sangue, a partilha das provações e da glória com os seus camaradas, consistem nos métodos mais usuais na criação das guardas ao longo dos tempos. A composição de um corpo de tropas unidas pelo único objectivo de defesa da vida do caudilho atribui um carácter mortífero ao zelo com que se aplicam na sua missão.

O elemento contraproducente no fabrico deste tipo de devoção, por parte do nativo, consiste no despeito sentido pela tropa de linha itálico-romana que se julga ultrapassada pelo bárbaro na consideração do seu líder. O problema agudiza-se com a multiplicação dos números legionários, aquando a chegada do exército comandado por Perperna Veientão. Na fase derradeira da Guerra Sertoriana, quando a ameaça de traição relativamente a Sertório se dissemina pelo seu acampamento, o caudilho privilegia cada vez mais a proximidade da sua guarda pessoal hispânica. Entre os milhares de autóctones consagrados, menciona Apiano que Sertório valorizava em especial os serviços dos Lusitanos que o seguem até ao derradeiro capítulo da sua vida em Osca¹⁰⁵², deixando subentendido que uma hierarquia interna se estabelecera em função da senioridade dos votos, com uma provável competição pelo favor do caudilho mediante prova de extremo altruísmo na defesa da sua vida, excepcional coragem em combate e patente empenho no serviço quotidiano.

A afeição para com o autóctone tem por natural prejuízo o propagar do ciúme e ressentimento do romano. Os préstimos dos seus escudeiros constituem, contudo, um activo de importância decisiva para a salvaguarda da vida de um líder que se legitima pelo seu exemplo de bravura em acção¹⁰⁵³. Na inexistência de qualquer noção de obediência a uma lei pública, as relações privadas entre um chefe tribal e os seus seguidores encontra a sua forma selecta de vinculação na importância do juramento de fidelidade pessoal. No mundo hispânico, ainda não integrado na organização racional do

¹⁰⁵² App. *B Civ*, 1, 114, 1.

¹⁰⁵³ Plut., *Vit., Sert.*, 14, 5 ; Sall., *Hist.*, 1, 112.

espaço geográfico por parte de uma entidade política, a essência da soberania incide sobre os homens de armas que empreendem a actividade guerreira sob o apanágio de um líder.

A dificuldade das chefias, na Hispânia, em garantirem a perdurante adesão de um vasto número de adeptos no contexto de uma aliança supra-tribal, contrasta com a firme solenidade do nativo no cumprimento do costume de consagração para com o seu régulo. A ligação do corpo de comandos a Sertório mostrou-se inabalável mesmo quando advinda a fase das derrotas, a dissidência das tropas itálico-romanas, a execução dos jovens reféns nativos e as intrigas do alto comando militar. O sucesso do assassinio orquestrado do sabino, deve-se ao facto de os conspiradores terem conseguido separar fisicamente a vítima dos seus seguidores hispânicos.

Uma selecção de autóctones excelsos na arte do duelo pessoal, longa prática nos métodos de guerra de guerrilha, treino intensivo entretanto recebido no universo da beligerência regular, adaptação do corpo e mente às duras condições ambientais do interior hispânico, constituem algumas das perícias que fazem desta tropa de escol uma temível força militar reservada para os momentos críticos em batalha. O voto de consagração e fervor religioso na defesa de um líder que concebem como favorecido pela deusa Diana, ele próprio dotado de capacidades situadas para além do Homem como o dom da visão presciente que lhe garante a perspectiva do trilho para a vitória diante de probabilidades adversas, consubstancia o *esprit de corps* dos guardiões do caudilho, zelotas devotados ao propósito de garantir, mesmo nas situações mais desesperadas, uma protecção pessoal irredutível ao seu adorado condutor.

4.3.4 – A marcha de Sertório até ao nordeste hispânico.

4.3.4.1 – A geografia da Meseta. O modelo do governo romano no centro peninsular.

O ano de 77 a.C. assinala o apogeu do poder sertoriano na Península Ibérica, por via da consolidação do seu domínio na Meseta e no vale do Ebro, transformação da cidade de Osca na sua capital e reforço do núcleo legionário integrando as suas forças armadas pela assimilação do exército trazido pelo propretor *popular*, Perperna Veientão.

Dispomos de escassa documentação literária para o preenchimento dos acontecimentos balizados entre o início da deslocação da principal força sertoriana desde a Lusitânia, onde acabara de enfrentar vitoriosamente as legiões de Metelo Pio,

até Osca, moderna Huesca, sinalizando o extremo geográfico da implantação do poder democrático no nordeste hispânico.

Na terceira década do século II a.C., a Meseta constitui uma zona de transição sistémica entre os povos montanhese do noroeste compondo o complexo céltico-atlântico e a orla costeira mediterrânica¹⁰⁵⁴, habitada por populações sujeitas ao poder de proximidade dos agentes da governação romana. O impacto dos condicionalismos geográficos sobre o padrão de ocupação do território e actividades desenvolvidas é particularmente sensível nesta região mesetana. Os desafios que nela são colocados à subsistência da condição humana atribuem, ao estudo das influências do meio ambiente sobre os caracteres antropológicos, um carácter impreterível¹⁰⁵⁵.

O planalto central peninsular é caracterizado pela preeminente pobreza dos solos, grande amplitude térmica estacional e pronunciado recorte orográfico, determinando que o modelo de sediação nativa se caracterize pela busca dos nichos domiciliários de menor inospitalidade ou simples viabilidade da vida¹⁰⁵⁶. Por via desta convergência em espaços selectos, a Meseta conhece um urbanismo de alguma expressividade acompanhando os vales dos mais importantes rios ou respectivos afluentes¹⁰⁵⁷, capazes de providenciar o indispensável provisionamento hídrico às conglomerações humanas¹⁰⁵⁸. A cartografia da ocupação do território estabelece-se a partir do dualismo entre a densidade populacional junto aos principais cursos fluviais e o ermo urbano nas extensas áreas que os intercalam¹⁰⁵⁹.

A enclausura entre a Serra da Estrela, Sistema Cantábrico, Sistema Central e Montes Ibéricos, resulta no cerceio relativamente ao efeito moderador das influências marítimas, principal contributo para o extremo rigor de um clima continental. Apenas a franja meridional da Meseta se encontra aberta aos ventos trazendo uma amostra metereológica de paragens estrangeiras, provindo do Norte de África as vagas mais tórridas de calor estival. O frio intenso de um Inverno de escassa pluviosidade que frequentemente absorve os meses do Outono e Primavera, contraposto à brasura infernal no Verão, afamam as provações que envolvem o serviço do legionário no âmago da Península Ibérica, mesmo quando no resguardo dos seus aquartelamentos.

¹⁰⁵⁴ MONTENEGRO DUQUE, Angel – *Historia de Espana, Edad Antigua, I Espana Prerromana*, Editorial Gredos, S. A. Madrid, 1972, página 20.

¹⁰⁵⁵ RIVIÈRE, *op. cit.*, páginas 92-93.

¹⁰⁵⁶ Strabo, 3, 4, 13.

DESCOLA, Jean – *História de España*, Editorial Juventude, S.A., Barcelona, 1967, página 15.

¹⁰⁵⁷ Nomeadamente, o Tejo, Douro, Ebro, Jalón e Jiloca.

¹⁰⁵⁸ RIVIÈRE, *op. cit.*, página 93.

¹⁰⁵⁹ Strabo, 3, 4, 12.

A cultura arcaica dos povos da Hispânia central determinou um escasso afeiçoamento do meio natural por via da acção antropológica. Sujeito aos ditâmes da hidrografia peninsular, o elemento humano convergira sobre as linhas de água que garantem os melhores solos para a prática agro-pecuária, em particular os vales do Ebro, do Jiloca e do Túria. Uma subdivisão geográfica pode, assim, ser estabelecida entre esta Meseta oriental e o território intercalando os cursos médios do Guadiana, Tejo e Douro. A aridez destas regiões ocidentais e centrais da Meseta determinava, mesmo nas margens das vias fluviais, uma considerável atrofia urbana, comparativamente ao registado na vertente leste do território celtibero.

A clara demarcação geográfica da área de sediação dos múltiplos grupos tribais, integrando a denominação comum de Celtiberos, é objecto de flagrantes contradições entre os autores de época, continuando hodierna a problemática do seu apuramento¹⁰⁶⁰. Características de aplicação universal atribuídas, pelas fontes, ao conjunto do residente no centro peninsular, auxilia-nos a ultrapassar as complexidades associadas ao discriminar da acção de cada comunidade singular no decurso do conflito em estudo.

Habitando a parte da Hispânia que assumira, durante largos séculos, a condição de charneira entre as vertentes ibera e céltica, os povos da Meseta encontram-se distribuídos por diversas tribos de forte espírito autonomista. Contudo, se o isolamento geográfico incentivara as populações do norte da Península a preservarem, pelos séculos fora, formas de vida social arcaizantes, incipiente consciência colectiva e uma organização política marcada por uma extrema fragmentação e descontinuidade, a sua área central manteve estreito contacto com os povos mais evoluídos da orla mediterrânica.

O factor determinante para a capacidade de resistência oferecida pelas principais tribos celtiberas (Lusones, Belos, Arévacos, Titos)¹⁰⁶¹ ao avanço das legiões, consiste na amplitude da aliança entre estas estabelecida em cada ocasião de confronto no longo processo de conquista¹⁰⁶². Em conformidade, o exercício por parte dos magistrados provinciais de uma hábil diplomacia capaz de aplicar uma política de *divide et impera*, adquire um carácter preponderante no sucesso dos seus empreendimentos militares contra os residentes da Hispânia central¹⁰⁶³.

¹⁰⁶⁰ Strabo, 3, 4, 19.

¹⁰⁶¹ Strabo, 3, 4, 13.

¹⁰⁶² Strabo, 3, 4, 5.

¹⁰⁶³ App. *Hisp.*, 43.

Os Celtiberos são, no seu conjunto, descritos pelos autores greco-latinos como um povo extremamente belicoso¹⁰⁶⁴, com uma latente tendência para a insurreição contra um poder governativo romano¹⁰⁶⁵ que nunca se consolidou nestas paragens medulares, até ao final da década de setenta do século I a.C., por ocasião do triunfo de Pompeio, *o Grande*, sobre os restos do movimento sertoriano. A cultura material típica da Hispânia parece alcançar uma expressão urbanística de maior significância nos principais *oppida* mesetanos, no período correspondente à conquista romana. As fontes mencionam, em particular, a importância das fortificações das cidades celtiberas¹⁰⁶⁶, perspectivadas pela autoridade romana como um desafio a um mando exercido de forma absentista, a partir da Província Citerior¹⁰⁶⁷.

O assédio destas urbanizações prefigura a maior dificuldade colocada aos empreendimentos marciais das hostes legionárias no território mesetano aquando as sublevações autóctones. O refúgio no interior do perímetro das suas muralhas cidadinas, combinada com acções de desgaste por via de surtidas contra os assediadores romanos, parece constituir a forma de resistência selecta dos Celtiberos¹⁰⁶⁸. Caracteristicamente, a revolta de uma tribo é antecedida pela recolha de víveres num espaço protegido da cidade, de forma a garantir uma capacidade prologanda de resistência¹⁰⁶⁹. O obstinado ardor dos povos mesetanos na guarda da sua liberdade leva-os, nalguns casos, a preterir a rendição em proveito do suicídio¹⁰⁷⁰.

O exemplo paradigmático da feroz belicosidade nativa ocorre no derradeiro episódio da Guerra Numantina, quando os escassos defensores da cidade arévaca resistem ao cerco empreendido em 133 a.C. pelos sessenta mil soldados de Cipião Emiliano, apoiados com um extenso material assédio¹⁰⁷¹. Renunciando a intentar um golpe de mão contra uma praça guarnecida por guerreiros tribais cuja proverbial pertinácia se matizara com a energia do desespero, o grande general circunvala-a com um impressionante sistema de fortificações e aguarda que a fome subjogue os residentes¹⁰⁷². Sucessivos assaltos dos numantinos fracassam em rupturar o dispositivo

¹⁰⁶⁴ Diod. Sic., 5, 33, 1.

¹⁰⁶⁵ Diod. Sic., 5, 33, 1.

¹⁰⁶⁶ App. *Hisp.*, 99.

¹⁰⁶⁷ App. *Hisp.*, 44.

¹⁰⁶⁸ App. *Hisp.*, 47 ; Ps.-Caes., *BHis.*, 8.

¹⁰⁶⁹ Veg., *Mil.*, 4, 1.

¹⁰⁷⁰ Just., *Epit.*, 44, 2.

¹⁰⁷¹ Strabo, 3, 4, 13.

¹⁰⁷² CAMPBELL, Duncan B. - *Siege Warfare in the Roman World. 146 BC – AD 378*, Osprey Publishing Ltd, New York, 2005, páginas 6-12.

envolvente romano. Por fim, quando todas as outras formas de ingestão de alimento se esgotam, o autóctone recorre ao canibalismo, aspecto salientado pelos autores greco-romanos quando atribuem a condição de selvajaria animalésca à natureza e costumes dos Celtiberos.

O consumo da carne humana e outras formas de degradação a que se sujeita o indígena na sua tenaz recusa a anuir à conquista romana, contextualiza as medidas de extrema severidade aplicadas pelos magistrados da República¹⁰⁷³ para quebrar o seu espírito, entre as quais se enunciam massacres, escravizações, deportações e castigos exemplares vexatórios como o decepar das mãos¹⁰⁷⁴. A queda de Numância testemunha os extensivos meios que Roma se vê forçada a mobilizar para submeter um adversário singular na história da constituição do império, pela forma como desafia com recursos humanos limitados a supremacia marcial reivindicada pelas legiões, inclusive no ramo selecto de expressividade do seu engenho e organização que consiste o assédio.

A máquina de guerra romana é particularmente penalizada pela erosão sofrida no domínio da logística neste território de solos pobres e variabilidade climática de valores extremos. No planalto central hispânico em que os próprios elementos naturais se revelam, com frequência, como o pior inimigo de um exército, as operações militares nele empreendidas podem implicar consideráveis baixas sem sequer se chegar a travar uma batalha campal.

Uma das circunstâncias particularmente flageladoras para as armas romanas consiste na permanência durante o Inverno na Celtiberia. A descrição de Apiano da campanha do propretor Quinto Fábio Nobilior durante a Segunda Guerra Celtibera é eloquente quanto às fatalidades e sofrimentos que se abatem sobre a tropa legionária, acampando nos gélidos planaltos do centro peninsular¹⁰⁷⁵.

A carência de recursos na Meseta, com a conseqüente propensão para que cada comunidade procure garantir a sua própria sobrevivência através do saque das populações vizinhas, determinou que, até ao período de domínio romano, nenhuma entidade política maturada tivesse surgido neste território. A incipiência do desenvolvimento institucional favorecia a predominância da guerra de pequena escala no quotidiano de violência congénita entre as tribos mesetanas¹⁰⁷⁶. A complexidade das estruturas militares celtiberas acentua-se, contudo, nos momentos em que uma

¹⁰⁷³ Oros., 5, 4.

¹⁰⁷⁴ Oros., 5, 4.

¹⁰⁷⁵ App. *Hisp.*, 47.

¹⁰⁷⁶ Strabo, 3, 4, 5.

importante causa comum impõe a suspensão dos antagonismos domésticos sob a forma de uma aliança de armas.

Os elementos literários de que dispomos não são suficientemente esclarecedores para nos facultar a precisão da amplitude das mutações ocorridas no seio do mundo celtibero desde a sua submissão e integração no império romano. A expansão do urbanismo, no contexto do qual o reforço das estruturas defensivas das principais praças se coadjuva com a probabilidade do seu crescimento demográfico, constitui o indício mais sólido para estimar a influência do povo colonizador sobre o território e integração deste nos circuitos económicos mediterrânicos. A existência de poderosas forças centrífugas à assimilação na romanidade parece, contudo, ser um registo coerente com a excentricidade geográfica da Celtibéria relativamente à fronteira da Província Citerior, território directamente sujeito à administração romana, nesta segunda década do século I a.C.. Não obstante, o arcaísmo da mundivência mesetana antes da presença de Roma torna evidente que qualquer mudança significativa na região se fica a dever à infusão do elemento exógeno no lento padrão evolutivo autóctone.

O investimento na zona medular da Península Ibérica não parece constituir uma prioridade para a política colonial romana. Os factores ambientais conjugados com a feroz e dissuasora resistência indígena¹⁰⁷⁷, são razões que podemos considerar para que, até à irradicação da insurgência sertoriana, os romanos tenham optado por secundarizar os seus esforços de desbravamento da mundivência nativa no espaço periférico que constitui a Meseta, relativamente ao núcleo da sua colonização nas Províncias Ulterior e Citerior.

A acção do colono convergira sobre as partes da Hispânia cujos proventos do domínio justificam os custos que a sua conquista acarretara, razão porque se protelam os projectos de romanização nos espaços onde a obstinação nativa na defesa da sua autonomia e costumes não é compensada pela atracção exercida pelas riquezas minerais. Uma vigília exercida à distância sobre o distúrbio celtibero parece sumarizar, nesta fase, o tipo de regime implantado por Roma.

Na antecâmara do conflito sertoriano, a administração directa do estrangeiro havia-se sedimentado nas regiões litorais e mais produtivas do espaço conquistado pelos seus exércitos, enquanto na periferia da sua zona de influência, o caciquismo principesco indígena sobrevive no seu trono por via do seu acordo ou beneplácito da

¹⁰⁷⁷ Diod. Sic., 5, 33, 2.

República suserana. No seguimento da conquista, a superintendência do mando local por parte dos magistrados provinciais, escora-se na coerção que representa a ameaça do uso dos poderosos meios militares de que dispõe o povo colonizador¹⁰⁷⁸.

Os anos conclusivos da guerra contra Sertório conduziram ao aceleração da eliminação da oposição interna indígena e sua substituição pelas redes clientelares de Pompeio, *o Grande*. As estruturas deixadas no terreno por via da acção deste líder, configuram um reforço expressivo da sujeição autóctone ao governo romano, distinguindo-se do cenário de larga autonomia que se apresenta a Sertório quando atravessa o espaço mesetano no decurso da campanha de 77 a.C..

Os sucessos de Hirtuleio no vale do Ebro no ano precedente, em concomitância com a administração desastrosa do propretor Quinto Calídio, são elementos que nos induzem a considerar uma efectiva perda de controlo dos *optimates* sobre a Celtibéria e grande parte da Província Citerior. Não obstante, alguma da população do oriente mesetano hesita em tomar partido pela sublevação sertoriana. A menção de Tito Lívio: “*Sertorius stormed several cities and subdued several tribes*”¹⁰⁷⁹, parece contextualizar essa resistência nativa à filiação no movimento *popular*.

4.3.4.2 – A sujeição dos povos celtiberos à causa sertoriana.

A estadia prolongada nas paragens medulares da Península Ibérica afastadas dos cursos fluviais era impraticável para os meios logísticos de um exército na Antiguidade, circunstância que nos auxilia a precisar o trajecto seguido por Sertório. A deslocação de um numeroso corpo de tropas ao longo do território hispânico ajusta-se à capacidade de dele extrair os recursos hídricos e alimentícios necessários à preservação da vida. Na sua marcha desde o Guadiana até à costa levantina, o caudilho terá, assim, atravessado as regiões semi-áridas do sul mesetano, até atingir o trilho conectando Consabura e Segobriga. A rota para norte em direcção a Bilbilis¹⁰⁸⁰ por via de Segôncia, leva-o a passar ao largo de Caraca¹⁰⁸¹, povoação cuja toponímia, lógica do itinerário seguido pelo caudilho e similaridade da geografia local com o espaço descrito por Plutarco, nos

¹⁰⁷⁸ App. *Hisp.*, 48.

¹⁰⁷⁹ Liv., *Epit.*, *Per.*, 91.

¹⁰⁸⁰ Provavelmente integrada na causa sertoriana em 77 a.C., conforme indicia a cunhagem de denárias com a tipologia da capital de Sertório. Ver: AMELA VALVERDE, Luis – “Sobre el cuño de A. Hircio encontrado en Extremadura y otros cuños de época sertoriana”, in *Acta Numismática* 41/42, Barcelona, 2011-2012, pp. 97-113.

¹⁰⁸¹ SCHULTEN, *op. cit.*, páginas 101-102.

induz a associar com o povo hispânico que se opõe a Sertório num dos episódios que afama o engenho deste no aproveitamento dos elementos naturais.

Segundo a narrativa do biógrafo helenístico: *“But of all his military exploits that which he performed in dealing with the people called Characitani is admired as much as any. They are a people beyond the river Tagonius, and they do not dwell in cities or villages, but on a large and lofty hill containing caves and hoolows in the cliffs which look towards the north. (...)”*

*At the time of which I speak, when Sertorius had retired before Metellus and encamped at the base of their hill, they though scornfully of him as a vanquished man (...)*¹⁰⁸². De forma a compensar o impacto negativo sobre a moral decorrente de uma redistribuição estratégica que exterioriza a renúncia a confrontar o rival fortificado no seu enclave andaluz, o chefe *mariano* interrompe o seu trajecto em direcção a Segôncia, decidido a fazer dos Caracitanos um exemplo para outros autóctones que o desafiem.

A insolência deste povo hispânico deve-se às singulares condições de defesa do seu *habitat*, uma fortaleza natural que consideram inexpugnável. Menciona Plutarco que, *“These Barbarians, then, whenever they were afraid of war, would hide themselves in their caves, take all their pluder in with them, and keep quiet, for they could not be take by force*¹⁰⁸³.

A habilidade de batedor de Sertório permite-lhe, contudo, escrutinar uma forma de transformar aquele refúgio numa armadilha mortal para os defensores. Apercebendo-se que, ao cair da noite, um vento boreal conhecido por Cécias sopra com violência na direcção da entrada das grutas voltadas a norte, o caudilho ordena aos seus homens que recolham parte do solo poeirento da região e o empilhem no lado oposto à colina. Pensando que Sertório visava construir uma elevação para os atacar, os bárbaros escarnecem da sua tentativa, mas o plano é muito mais engenhoso. Quando a brisa começa a ganhar força, o caudilho ordena que os seus homens se movimentem com as suas montadas de forma a levantarem a terra solta do entulho. Uma nuvem de poeira arenosa formada a partir da fragmentação do solo rico em argila branca é, desta forma, lançada para o interior das cavernas, provocando a asfixia do indígena.

Após três dias de resistência, a capitulação dos Caracitanos granjeia um capítulo adicional para a tecelagem da lenda de um capitão cujo invento jamais parece esgotar-se

¹⁰⁸² Plut., Vit., Sert., 17, 1-2.

¹⁰⁸³ Plut., Vit., Sert., 17, 1-2.

na sua capacidade para enfrentar e erodir os maiores obstáculos¹⁰⁸⁴. A fama do feito do caudilho antecede a chegada dos seus exércitos ao espaço residencial dos outros povos Celtiberos, doravante melhor persuadidos a sujeitarem-se, voluntariamente, à aliança que lhes é oferecida.

Tal como os Lusitanos, os Celtiberos¹⁰⁸⁵ são mencionados pelas fontes antigas como exímios combatentes, ferozmente protectores dos seus modos de vida e autonomia tribal¹⁰⁸⁶, identificando na posse das armas uma emanção da sua própria existência, complemento do corpo, capacidade de auto-defesa, garante de liberdade e atributo viril¹⁰⁸⁷. A tradição bandoleira destes povos residindo nas mais áridas paragens da Península Ibérica, favoreceu o uso do dardo e funda como panóplia ofensiva em cenários de escaramuça de tiro à distância¹⁰⁸⁸. O diminuto punhal de emprego fácil e preciso, consiste na arma branca predilecta em infiltrações dissimuladas até ao contacto físico com um inimigo¹⁰⁸⁹. O guerrilheiro hispânico dissocia-se, contudo, da comum tropa de infantaria ligeira no mundo antigo, pelo dano que pode infligir a um adversário couraçado numa luta de *melee*.

Nas dextas mãos de um ágil e arguto duelista, o gládio e a falcata constituem letais instrumentos de combate que permitem, ao combatente peninsular, acometer sobre uma tropa legionária sem perder a mobilidade de um escaramuçador. A capacidade de gerir um confronto mais duradouro distingue, contudo, o guerreiro celtibero das aptidões evasivas maximizadas do seu vizinho ocidental¹⁰⁹⁰.

As diferenças substanciais na forma de combate entre os supracitados povos, vislumbram-se nos específicos atributos da sua equipagem, ela própria resultado linear da vinculação muito mais atreita do habitante da Meseta à sua cidade, pela qual frequentemente exhibe uma obstinada disposição ao sacrifício, contrastante com o hábito de abandono castrense por excedente demográfico ou pragmatismo bélico no espaço extremenho e beirão¹⁰⁹¹. A defesa posicional do núcleo urbano em que se empenha o

¹⁰⁸⁴ Plut., *Vit. Sert.*, 17, 7.

¹⁰⁸⁵ ALMAGRO-GORBEA, Martín ; LORRIO, J. Alberto – “War and Society in the Celtiberian World, in *The Celts in the Iberian Peninsula*, e-Keltoi: Volume 6, páginas 73-112.

¹⁰⁸⁶ CLASTRES, Pierre – “Arqueologia da Violência”, in *Guerra, Religião, Poder*, Pierre Clasters, Marcel Gauchet, Alfred Adler, Jacques Lizot, Edições 70, Lisboa, 1977, página 41.

¹⁰⁸⁷ Just., *Epit.*, 44, 2 ; Liv., 34, 17.

¹⁰⁸⁸ Strabo, 3, 4, 15.

¹⁰⁸⁹ Diod. Sic., 5, 33, 3 ; Strabo, 3, 4, 15

¹⁰⁹⁰ Diod. Sic., 5, 33, 5.

¹⁰⁹¹ Sall., *Hist.*, 1, 102.

REDONDO RODRÍGUEZ, José Antonio ; ESTABAN ORTEGA, Julio – “El habitat rural indígena en la provincia de Cáceres: problemática de su estudio”, in *Les Campagnes de Lusitanie Romaine. Occupation*

celtibero, determina que distinções nos seus apetrechos marciais favorecendo a sua durabilidade em combate, se combinem com os compartilhados pelos Lusitanos na propensão para a escaramuça.

A especialização na guerra de guerrilha é parcialmente sacrificada pelos povos mesetanos em prol da obtenção de superior resistência num confronto directo. A par do comum uso do gládio¹⁰⁹², falcata e couraça de linho com a generalidade dos peltastas hispânicos, o pelejador celtibero¹⁰⁹³ opta por um acréscimo de robustez na sua protecção, mediante o uso de placas de metal sobre o torso, assim como espartilhos de escamas e malha¹⁰⁹⁴. A infantaria pesada celtibera – os *scutati* - transportaria escudos de origem céltica de maior envergadura¹⁰⁹⁵ que a *caetra*, grevas urdidadas de pêlo e elmos de bronze adornados¹⁰⁹⁶. Um emprego mais generalizado da lança, arma de dificultoso transporte para o puro guerrilheiro, mas de particular usufruto num combate em formatura contígua com tropas mais pesadas como as legionárias, deve corresponder aos métodos de luta favorecidos pelo residente mesetano¹⁰⁹⁷.

O campo selecto de ulterior exibição de poder marcial por parte dos Celtiberos consiste no da cavalaria, sobretudo se considerarmos a usual debilidade da sua contraparte romana, circunstância que confere, ao elemento nativo, uma ampla primazia na colecta dos benefícios das missões realizadas por este braço armado. As ocorrências da Guerra Sertoriana evidenciam a grande vantagem da facção *popular* no domínio do reconhecimento do terreno, assim como na detecção de forças inimigas e recursos logísticos. As consequências da superioridade da cavalaria hispânica sobre as tropas montadas auxiliando as legiões são reiteradamente mencionadas pelas fontes. Entre os múltiplos domínios de aplicabilidade, podemos salientar acções disruptivas contra as linhas de comunicação dos exércitos *conservadores*, raides depredatórios, retiradas simuladas, cobertura de unidades amigáveis, confronto e restrição da actividade da cavalaria oponente, facilitação do contacto entre forças dispostas a longa distância.

A equipagem dos ginetes celtiberos parece ser comum à dos infantes, motivo porque poderiam apear-se e assumir o combate pedestre de forma análoga à dos dragões

dul sol et habitats, Casa de Velázquez, Ed. Universidad Salamanca, Madrid-Salamanque, 1994, página 170.

¹⁰⁹² Diod. Sic., 5, 33, 3.

¹⁰⁹³ Strabo, 3, 4, 15.

¹⁰⁹⁴ WILCOX, Peter ; TREVIÑO, Rafael - *Barbarians against Rome. Rome's celtic, germanic, spanish and gallic enemies*, Osprey Publishing Limited, 2000, páginas 132-133.

¹⁰⁹⁵ WILCOX, Peter ; TREVIÑO, Rafael, *op. cit.*, página 132.

¹⁰⁹⁶ *Ibidem*.

¹⁰⁹⁷ WILCOX, Peter ; TREVIÑO, Rafael, *op. cit.*, página 133.

dos exércitos europeus dos séculos XVII e XVIII¹⁰⁹⁸. Estrabão menciona que era costume dos hispânicos montarem em pares os seus cavalos de forma a optimizarem o benefício retirado do transporte animal. Beneficiando da mobilidade conferida pelos equídeos¹⁰⁹⁹, tropas de infantaria poderiam ser desta forma depositadas num ponto crítico do campo de batalha, nomeadamente à retaguarda das unidades romanas¹¹⁰⁰. A arte de combinar as acções e recursos característicos de diferentes armas conjuga-se com a elevada proporção numérica de cavaleiros na organização bélica autóctone para lhe conferir letal eficiência.

As tácticas de choque de uma cavalaria pesada armada de lança como os *hetairoi* macedónios ou os catafractários asiáticos, capazes de perfurar com uma formação em cunha um sector específico da frontaria do inimigo, parecem não integrar as faculdades específicas das tropas hispânicas. Assaltos frontais aproveitando o impulso e corpulência dos cavalos poderiam ser dirigidos contra uma infantaria inimiga já aluída, mas dificilmente conteriam o potencial para destroçar um conjunto ainda intacto de legionários romanos. Também não eram proficientes, os nativos da Península Ibérica, no uso do arco para vencer as forças da Cidade Eterna através do tiro à distância, conforme apanágio dos cavaleiros-arqueiros partos. Contudo, ágeis manobras evasivas realizadas com uma maior proximidade em relação ao inimigo, constituem a prática rotineira da *concurrere* e o seu emprego durante a Guerra Sertoriana, na batalha de Lauro (76 a.C.), está bem documentada em Frontino¹¹⁰¹.

O círculo cantábrico¹¹⁰² com o arremesso de dardos, consiste num procedimento que as fontes atribuem como característico do povo residente na costa setentrional da Hispânia. Contudo, atendendo à participação dos Autrigones e Berones nos eventos do conflito abordado nesta tese, é provável que uma influência dos métodos bélicos do norte peninsular se compatibilize com as tácticas da cavalaria celtibera. O relato de época e a correspondência da equipagem da tropa montada com a pedestre, permite-nos concluir que a prática usual do hispânico consistia em manobrar com destreza em torno de uma infantaria oponente, crivá-la com dardos em iniciativas de avanço e recuo, por fim carregando sobre a sua retaguarda e flancos expostos.

¹⁰⁹⁸ WILCOX, Peter ; TREVIÑO, Rafael , *op. cit.*, página 138.

¹⁰⁹⁹ Strabo, 4, 4, 17.

¹¹⁰⁰ Diod. Sic., 5, 33, 5 ; Strabo, 4, 4, 17.

¹¹⁰¹ Frontin. *Str.*, 2, 5, 31.

¹¹⁰² Arr. *Tact.*, 40

Apoiando-se nos textos de Posidónio¹¹⁰³, menciona Estrabão que os equídeos da Meseta dispõem de uma rapidez e agilidade similar à dos cavalos partos, assim como resistência para suportar a deslocação pela pronunciada orografia da Hispânia. Ademais, existem em vastos números¹¹⁰⁴, conforme indica a cifra de 12.000 ginetes integrando as forças armadas do Estado de Osca. O rácio de vinte por cento relativamente às forças de infantaria dos *populares* referidas por Tito Lívio¹¹⁰⁵, excede por larga margem o valor da proporção (5%) entre os 6.000 cavaleiros e 120.000 infantas que Plutarco¹¹⁰⁶ atribui ao conjunto dos exércitos *conservadores* reunidos na Península Ibérica. Especialmente digno de nota consiste o valor irrisório de um milhar de tropas montadas acompanhando Pompeio na sua campanha hispânica. A superior mobilidade dos exércitos *marianos* que vão ser constituídos após Sertório se aliar com as tribos celtiberas resulta, entre outros factores, da eficiência da cavalaria autóctone na execução ou auxílio das tarefas de batida, marcha, comunicação, cobertura e transporte de pedestres.

4.3.4.3 - A conquista da Província Citerior.

A ausência de fontes directas que detalhem o itinerário de Sertório, constringe o historiador à tarefa de o subentender com a lógica mais linear da cartografia mesetana. Após a submissão dos Caracitanos, Sertório deve ter prosseguido a sua marcha até Segôncia, para depois se dirigir ao vale do Jalón¹¹⁰⁷, na margem do qual se situa a cidade de Bilbilis¹¹⁰⁸, capital da tribo celtibera dos *Lusones*. O controlo que esta urbe exerce sobre o curso fluvial, a partir do topo da imponente colina de Bámbola, indicia o estabelecimento de uma aliança com o caudilho¹¹⁰⁹. A multiplicação dos recursos humanos ao dispor de Sertório é o resultado da expansão do seu partidatismo na Meseta. Para os estandartes *populares* converge o autóctone em vastos números, concedendo a Sertório os meios militares para uma ofensiva contra as principais cidades da Província Citerior que, desprovidas de apoio por parte do regime *conservador*, contam apenas com os seus próprios recursos para lhe oporem resistência.

¹¹⁰³ Reconhecido pelos autores antigos pelo seu saber eclético, Posidónio (135-51 a.C.) redigiu várias obras que, infelizmente, chegaram até nós apenas por via indirecta. Atribui-se-lhe grande conhecimento sobre o mundo tribal bárbaro, em particular de radicação celta, que visitou em pessoa.

¹¹⁰⁴ WILCOX, Peter ; TREVIÑO, Rafael , *op. cit.*, página 136.

¹¹⁰⁵ Liv., Frag., 91.

¹¹⁰⁶ Plut., *Vit., Sert.*, 12, 2.

¹¹⁰⁷ CADIOU, *op. cit.*, página 52.

¹¹⁰⁸ Actual Calatayud.

¹¹⁰⁹ Strabo, 3, 4, 12.

Transpostos os Montes Ibéricos pela via mais provável, ou seja, seguindo o curso do rio Jalón até atingir o vale do Ebro, Sertório penetra na franja noroeste do espaço hispânico. A extensão do seu domínio até ao sopé dos Pirinéus é assinalada pelo estabelecimento de Osca como capital do estado *popular* na Hispânia. O desembarque do exército comandado por Perperna Veientão na costa levantina confere, ao conjunto das forças às ordens de Sertório, adicional capacidade para operarem, simultaneamente, em várias frentes. Enquanto o caudilho se ocupa com o sedimentar do seu poder no vale do Ebro, atribui a este poderoso contingente itálico-romano de que agora dispõe, a tarefa de submeter o litoral da Província Citerior, residência dos Ilercavones¹¹¹⁰ e Contestanos¹¹¹¹, povos que são convertidos em aliados da causa *mariana*.

Os acontecimentos subsequentes induzem-nos a considerar que grande parte do espaço balizado entre o Ebro e o Sucro fica sujeito à administração sertoriana antes da conclusão deste ano de 77 a.C.. A rapidez desta mudança de campos não deve surpreender se atendermos aos vários elementos que tornam improvável uma resistência indómita, por parte da população da Citerior, em defesa do regime oligárquico: a rapina e desleixo durante a administração de Quinto Calídio, a actividade de Lúcio Hirtuleio, a recolha de Metelo Pio na Província Ulterior. A desenvoltura do avanço sertoriano pode, também, ser atribuída à peculiar acessibilidade desta região. Toda a zona entre o Ebro e Sagunto consiste numa planície litoral sem obstáculos topográficos de relevância à deslocação de exércitos.

Por esta via, Sertório incrementa os seus recursos financeiros, militares e diplomáticos com a obtenção de um poder marítimo, proveniente da sua sediação na costa mediterrânica. A tomada da cidade de *Denia*, bastião provido de um excelente porto¹¹¹² que o caudilho usa como base para a sua frota e também adapta para acolher a pirataria cilícia, permite vigiar a actividade mercante entre as províncias Citerior e Ulterior¹¹¹³. Na ampla região agora dominada, a causa sertoriana pode recolher os dividendos retirados do complemento entre uma soberania de base territorial compreendendo toda a Hispânia central, da costa atlântica à mediterrânica, com uma extensão de meios navais.

A inserção nos circuitos do tráfico percorrendo o Mediterrâneo permite, ao recém-fundado Estado sertoriano, obter as receitas adicionais para suprir as avultadas despesas

¹¹¹⁰ Plin., *HN*, 3, 4.

¹¹¹¹ Plin., *HN*, 3, 4.

¹¹¹² ROQUE, Chabás - *Historia de la ciudad de Denia*, Editorial Maxtor, Valladolid, 2012, página 51.

¹¹¹³ Strabo, 3, 4, 6.

que implicam o recrutamento, equipagem e manutenção da impressionante força armada que é disposta no terreno. Os contactos diplomáticos com o exterior que se desenvolvem por meio da abertura destas vias marítimas, multiplicam as opções de carácter político e militar afectas ao desenvolvimento de uma grande estratégia por parte de um Estado consolidado.

A última acção militar de Sertório durante o ano de 77 a.C. é dirigida contra a cidade de *Contrebia Leucade*, que lhe opõe uma resistência tenaz. Localizado no cume de dois montes, o *oppidum* goza da reputação de quase inexpugnável. A maior parte do recinto encontra-se naturalmente protegido pela adjacência com o acentuado declive de uma falésia sobre o rio Alhama, intransponível para um agrupamento humano. Na outra vertente, ergue-se uma imponente muralha com fosso, de forma que a aproximação de um assediador seria acolhida com o arremesso de projecteis a partir das ameias, a longa distância¹¹¹⁴.

Optar por um simples bloqueio da praça de forma a submetê-la pela fome era um procedimento que implicaria o arrastar das operações por um extenso período de tempo. Conforme se pôde apurar pelas escavações mais recentes, demarcações muralhadas complementares ao perímetro residencial da cidade indicam a existência de espaços reservados ao gado que, em caso de cerco, constituiria uma reserva alimentar para a população. Adicionalmente, as tropas de Sertório enfrentam sérios transtornos quanto ao assegurar do seu próprio abastecimento devido à actividade da cavalaria berone e autricone que, coligada com os defensores, transpusera o espaço intermediando a localização destes povos para acometer as patrulhas de colecta de víveres *populares*. Prolongar o assédio nestas condições de forma a submeter a praça pela fome constitui um desafio tanto para a capacidade logística do exército sertoriano como do nativo¹¹¹⁵.

Durante os quarenta e quatro dias que dura o cerco, a proficiência romana na guerra de assédio¹¹¹⁶ enfrenta a proverbial resistência do celtibero na defesa da sua cidade¹¹¹⁷. Suportando extensivas baixas e um apreciável custo de oportunidade, os sitiados frustram as repetidas tentativas dos defensores para os repelir e fazem, por fim, chegar os seus engenhos até à adjacência de Contrébia. Sob a protecção de uma torre

¹¹¹⁴ HERNÁNDEZ VERA, José Antonio – *Contrebia Leucade y la definición de un nuevo espacio para la segunda guerra púnica*, SALDVIE, N. 3, páginas 61-82, página 63.

¹¹¹⁵ Ps.-Caes., *BHis.*, 8.

¹¹¹⁶ Sobre os engenhos e técnicas de assédio romanos ver: CAMPBELL, Brian - *Greek and Roman Siege Machinery 399 BC – AD 363*, Osprey Publishings Ltd, Oxford, 2003 ; CAMPBELL, Brian - *Ancient Siege Warfare. Persians, Greeks, Carthaginians and Romans 546-146 BC*, Osprey Publishing, Oxford, 2005.

¹¹¹⁷ Liv., Frag., 91.

móvel compreendendo vários níveis que se eleva acima de todas as estruturas defensivas da praça¹¹¹⁸, sapadores *marianos* iniciam trabalhos de minagem. Cientes da fatalidade que representa o derrube ou conquista da sua fortificação perimétrica, os cidadãos realizam um esforço desesperado que logra danificar o aparato de cerco com material incendiário lançado a partir das muralhas¹¹¹⁹. Consumida pelas chamas, a torre móvel desaba no solo com um sonoro estampido, oferecendo nova esperança aos extenuados habitantes.

Contudo, de acordo com o relato de Tito Lívio, a perspicácia de Sertório reconhece neste evento aparentemente funesto, a oportunidade para quebrar de forma decisiva o ânimo alentado do hispânico. Sob o comando do caudilho que permanece desperto durante toda a noite sequente, a aptidão da engenharia romana refulge com o expedito erigir de uma nova torre no mesmo local da que fora destruída¹¹²⁰. Pela madrugada, obtém o caudilho o impacto moral sobre o inimigo que pretendia, quando a visão da poderosa estrutura, em si mesmo simbolizando um dos domínios da superioridade de um povo, atinge o hispânico com temeroso assombro.

O complemento entre técnicas de sítio decide a contenda quando os trabalhos de minagem já iniciados contra os alicerces das fortificações, fazem ruir parte da principal torre da cidade¹¹²¹, posteriormente inflamada por uma tocha arremessada¹¹²². Aterrorizados pelas chamas e derrube da sua mais poderosa proteção, os defensores fogem em alarme das muralhas. Reunida em grande alarido, a população exige que emissários sejam enviados a Sertório, entregando a praça.

Apesar dos custos humanos e do tempo envolvidos no assédio, o vencedor é magnânimo para com o nativo. O controlo de Contrébia é assegurado com a execução dos escravos foragidos, entrega de reféns e simples desarmamento dos residentes livres¹¹²³. Nestas medidas reconhecemos a astúcia política do sabino: em contraponto à cupidez e ao abuso da administração *conservadora*, as notícias da clemência sertoriana constituem um dos melhores argumentos para a sua diplomacia. Pretendendo extrair do indígena voluntarismo para servir nas suas hostes no imediato seguimento da sua submissão, Sertório renuncia a uma política marcial assente no terror. Se, por um lado,

¹¹¹⁸ Liv., Frag., 91 ; Veg., *Mil.*, 4, 17 ; 4, 30.

¹¹¹⁹ Liv., Frag., 91 ; Veg., *Mil.*, 4, 18.

¹¹²⁰ Devemos considerar o eventual exagero no relato do autor quanto à celeridade da construção da torre de assédio, cumprindo o propósito de enaltecer a superior capacidade da engenharia romana.

¹¹²¹ Veg., *Mil.*, 4, 24.

¹¹²² CAMPBELL, Brian - *Ancient Siege Warfare. Persians, Greeks, Carthaginians and Romans 546-146 BC*, Osprey Publishing, Oxford, 2005, página 4-5.

¹¹²³ Liv., Frag., 91.

o disseminar do medo poderia assegurar menor resistência por parte do autóctone ao avanço dos seus exércitos, por outro, o ressentimento duradouro que geraria a prática de um belicismo devastador, inviabilizava o projecto de união simbiótica que o caudilho pretende fomentar entre os interesses romanos e hispânicos.

Deixando, sob a chefia de Lúcio Insteio, uma forte guarnição na praça de Contrébia, encruzilhada das subseqüentes operações *populares* no interior hispânico, Sertório dirige-se para o vale do Ebro, sediando os seus quartéis de Inverno na cidade de *Castra Aelia*¹¹²⁴. Uma intensa actividade diplomática é desenvolvida pelo caudilho no interregno da actividade marcial, sendo convocado um congresso dos representantes das populações aliadas. Obter o apoio dos régulos constitui no método mais eficaz para conectar o poder sediado em Osca com o demos hispânico, incumbindo às elites locais a tarefa de reunirem os recursos que serão integrados na administração estatal¹¹²⁵.

Os extraordinários sucessos registados nos últimos três anos contra forças muito superiores, consistem o melhor argumento para aligeirar os receios relativamente ao devir, que inibem o nativo de afrontar a autoridade governamental *conservadora*¹¹²⁶. A eloquência de Sertório ilustra o benefício que podem retirar os residentes da Península de uma adesão à sua causa, encorajando-os a fornecer recursos humanos e materiais para urdir um modelo de forças armadas reunindo romanos e autóctones¹¹²⁷. Uma vez expresso o apoio da chefia tribal através do envio dos seus conterrâneos para integrar as hostes sertorianas, o estreitamento dos laços entre o representante da civilização colonizadora e o autóctone é facilitado pelo próprio serviço militar.

A colheita do poder humano e das riquezas materiais do território que solicitam as necessidades bélicas do Estado sertoriano oferece, ao indígena, a transferência de uma prática persistente de pilhagens e conflitos intestinos para o do ofício nas forças armadas do novo poder. O mundo peninsular é, com efeito, para a causa *popular*, um fértil provedor de recursos militares, pela facilidade com que largos agrupamentos nele residentes podem ser convertidos em soldados especialmente adestrados para reproduzirem numa escala superior e sob comando organizado, as peijas de baixa intensidade que caracterizara o seu modo de vida e relacionamento inter-tribal.

Para transformar a massa de seguidores estruturada pela organização tribal num profícuo recurso bélico, Sertório desenvolve, no decurso do Inverno de 77-76 a.C., um

¹¹²⁴ SCHULTEN, *op. cit.*, páginas 105-106.

¹¹²⁵ ERDKAMP, *op. cit.*, páginas 107-108.

¹¹²⁶ Liv., Frag., 91.

¹¹²⁷ Liv., Frag., 91.

intensivo programa de fabrico de armas e equipagem por via do apoio ao artesanato local e à criação de novos recintos produtivos no seu próprio acampamento. Acompanhando a mudança nos paradigmas da forma de luta, o fenómeno de transformação das guerrilhas hispânicas numa força armada regular, expressa-se através de uma clarificadora distinção entre o elemento civil e marcial da sociedade indígena, com a padronização da equipagem nas unidades organizadas¹¹²⁸. A semelhança na aparência da tropa acentua o espírito de pertença corpórea, distinguindo os adeptos activos da causa sertoriana do resto da população autóctone. Laços de irmandade são reforçados pela partilha dos mesmos símbolos e o entrosamento regimental acentua-se em torno dos estandartes distinguindo cada subdivisão do colectivo, ao passo que a hierarquia interna se exhibe em insígnias que ornamentam o comum uniforme¹¹²⁹.

De forma a minorar a relevância das fracturas entre os múltiplos agrupamentos da complexa diversidade social constituindo as forças armadas do Estado de Osca, métodos congregantes são implementados e condutas impostas aos seus membros. O poder militar de um exército no decurso de um grande confronto de armas depende, mormente, da capacidade de se restringir os instintos individuais de sobrevivência inatos ao ser humano, através de vários níveis de controlo que destinem cada acção em proveito do interesse colectivo. Numa formatura de infantaria pesada simétrica, a universal equipagem confere maior potencialidade de concerto entre os seus membros, sobrepondo os objectivos da organização ao interesse imediato do elemento singular.

Tanto na falange grega como na legião romana, a supressão do individualismo consiste num condicionamento preliminar da recruta destinado a priorizar o grupo sobre as demandas egotistas. Manter o seu lugar na fileira, respeitar os intervalos, cobrir o camarada com o escudo, ocupar os espaços deixados em vazio pelas baixas, obedecer às ordens dos superiores, são comportamentos que integram o código da conduta visando garantir a estabilidade da linha num recontro campal que se opõe ao tipo de peleja de toca-e-fuga que caracteriza a guerrilha autóctone. Afeiçoar a vontade do nativo aos sacrifícios de uma marcialidade organizada que o reduz ao estatuto de fragmento numa engrenagem, exige que a submissão à disciplina corpórea seja compensada pelo enaltecimento do seu próprio valor dentro do grupo, assim como fora deste perante a apreciação do meio social.

¹¹²⁸ Liv., Frag., 91.

¹¹²⁹ JOSEPH, Nathan ; ALEX, Nicholas – “The Uniform: A Sociological Perspective”, in *American Journal of Sociology*, Vol. 77, No. 4 (Jan., 1972), The University of Chicago Press, 1972, pp. 719-730.

Quando uma equipagem ostenta os símbolos estandardizados de uma organização, o prestígio que se lhe reconhece transfere-se para o próprio indivíduo, ao passo que o modo como este utiliza as suas armas e honra o seu uniforme reciprocamente contribui para definir a sua própria legitimidade de pertença e hierarquia estatutária dentro do grémio regimental. Condutas desonrosas sobretudo quando envergando emblemas distintivos de uma unidade de escol constituem, assim, uma traição aos valores do colectivo e à confiança que fora depositada no elemento singular. O abandono da equipagem envolve não somente o custo da perda da riqueza dos seus ornamentos¹¹³⁰, como acarreta uma penalização pessoal por virtude das complexas dinâmicas sociológicas associadas a estas insígnas.

Compreende-se, neste contexto, porque equipa Sertório os autóctones com ferramentas de combate com decorações ostensivas, sem aparente valor prático. O desígnio por detrás dessa panóplia nobilitante mesmo para o mais humilde dos seus soldados, é o de lhe conferir a sensação que integra um primoroso exército, ligado por laços fraternos ao seu criador. Reforçar a solidez da linha nativa frente ao avanço legionário no decurso de uma batalha formal consiste, por conseguinte, no objectivo almejado pelo caudilho através destes expedientes.

Em paralelo com a disciplinarização dos seus comportamentos por via de um treino regular, os soldados do novo exército de Sertório distinguem-se pelos acessórios dispostos no seu equipamento. Segundo Plutarco¹¹³¹, a riqueza mineral da Hispânia permite decorar os escudos e os elmos com ouro e prata, ainda que esta alusão por parte do autor helenístico, possa consistir num alargamento hiperbólico da referência que constituem os membros mais abastados da aristocracia autóctone¹¹³².

Os tons exuberantes dos mantos e túnicas floridas que integram a parafernália da tropa sertoriana, visam reforçar a sua auto-estima frente às disciplinadas legiões¹¹³³, reputadas de invencíveis no domínio da marcialidade convencional¹¹³⁴. O deleite na exibição da nova equipagem no campo da glória, confronta a intimidação do arranjo

¹¹³⁰ Segundo Polieno e Suetónio, Gaio Júlio César irá recorrer aos mesmos métodos. Ver: Polyenus, *Strat.*, 8, 20); Suet., *Iul.*, 67, 2.

¹¹³¹ Plut., *Vit., Sert.*, 14, 2.

¹¹³² O tema da abundância mineral indígena é comum às descrições dos povos celtas. Ver: FRANÇOISE LE ROUX ; CHRISTIAN-J. GUYONVARCH – *A Civilização Celta*, Publicações Europa América, Mem Martins, 1993, páginas 34, 68.

¹¹³³ App., *B Civ.* 2, 79, 1.

¹¹³⁴ QUESADA SANZ, Fernando – *Armas de la antigua Iberia. De Tartesos a Numancia*, La esfera de los libros, página 24.

simétrico, movimento preciso e imperturbável compostura¹¹³⁵ das hostes romanas¹¹³⁶ com um espectáculo ostensivo de cor e fausto. A transfiguração dos salteadores da Lusitânia e da Celtibéria numa tropa doravante dotada com capacidade para enfrentar as legiões em qualquer superfície teatral por via da familiarização ou adopção das suas formações e armamento¹¹³⁷, sinaliza o êxito do treino consagrado por Sertório durante o ano de 77 a.C..

A integração do mundo urbanizado do nordeste peninsular no domínio de Sertório na Hispânia, oferece as infraestruturas necessárias para o fabrico e tecelagem em larga escala da tecnologia de armas e vestuário afectas à civilização avançada. O reconhecimento social decorrente da exibição dos apetrechos militares na rústica ambiência peninsular, consiste num dos elementos que torna particularmente atractivo o serviço nos exércitos *populares*. Assegurar a fixação do indígena ao comum projecto por via de uma variedade de emblemas de reforço do seu prestígio, constitui a finalidade dos métodos de aliciamento e recompensa por provas de valor e fidelidade no serviço marcial implementados pelo caudilho.

Nos meses de pausa das hostilidades, consagra Sertório parte fundamental do seu tempo ao treino da guerrilha hispânica nos procedimentos afectos ao belicismo romano. As várias fontes de riqueza do Estado bárcida permitem financiar a indústria manufactureira com as matérias-primas, os utensílios e os artífices para o fabrico de uma adequada equipagem. Nos alvares do ano de campanha seguinte, o caudilho convertera, com sucesso, a guerrilha nativa numa temível força militar, capaz de se opor verticalmente à afamada máquina trituradora legionária, que submetera a diversificada resistência que lhe haviam movido uma multiplicidade de povos da bacia do Mediterrâneo.

Diante do olhar atónito da oposição oligárquica, Sertório urde a metamorfose do indómito salteador indígena num soldado de linha, adaptado à disciplinada ordenança e sincronizada actuação das legiões. Com a constituição do Estado de Osca, forja-se um verdadeiro exército a partir do substracto hispânico, até então compondo um colectivo que se subdividia em voluntários e devotados por juramento pessoal ao caudilho, dirigidos para a guerra com as armas que empunham nas lides domésticas sem terem recebido uma instrução ordenada para além da experiência adquirida na tradição de

¹¹³⁵ App., *B Civ.*, 2, 78, 1.

¹¹³⁶ Plut., *Vit., Sert.*, 14, 2.

¹¹³⁷ Plut., *Vit., Sert.*, 14, 1-2.

duelos, competições rituais, bandoleirismo e pejeas intestinas que caracterizam a ambiência tribal.

Uma afluência de recrutas nativos doutrinados nas instâncias da sobrevivência básica do indivíduo e do pequeno grupo são treinados, intensivamente, nas disposições e táticas regimentais para poderem enfrentar as forças romanas numa batalha de linha. Num curto espaço de tempo, Sertório forja uma hoste apta a bater-se em todo o domínio do belicismo no anfiteatro hispânico, mediante o complemento entre a sua natural destreza na guerrilha com a integração no sistema organizado de um exército regular.

4.3.5.1 – Os acontecimentos na Itália entre os anos de 80 a.C. e 77 a.C..

A compreensão dos acontecimentos afectos à Guerra Sertoriana exige, a partir desta fase, uma avaliação retrospectiva da evolução política na Itália, onde a oposição popular interna se revela no próprio âmago do regime *conservador*. O cruzamento entre a fracassada revolta lepidana e as acções de Sertório na Península Ibérica, compõe o enredo desde novo capítulo do conflito em estudo, no contexto do qual Sertório se converte de um *condottiere* travando uma campanha independente na periferia do império romano, em cabeça de um governo no exílio.

No ocaso de uma década de guerra civil no contexto da qual os sucessivos líderes das facções em contenda competiram pela primazia na responsabilidade por actos de inaudita e sanguinária crueza, a sociedade romana encontrava-se exangue no momento em que Sula, após a eliminação física ou intimidação de quem se lhe opunha, implementou as reformas constitucionais que assegurariam a estabilidade da oligarquia por via do reforço do protagonismo da ordem senatorial.

A tácita obediência à nova arquitectura de poderes deveria garantir, com o tempo, na óptica de quem a concebera, a cicatrização das chagas provenientes das lutas civis. A pacificação social constitui o objectivo almejado com a solidez de uma estrutura verticalizada, no contexto da qual se encontravam obstruídas as vias para os saltos entre estamentos assim como restringido o espaço de intervenção dos elementos potencialmente subversivos. Contudo, a permeabilidade de um sistema criado pela aplicação universal de princípios legais era evidente nos casos concretos que constituem Pompeio Magno e Lúcio Fufídio, onde o favor ou anuência do ditador às influências que sobre ele recaem, não conjecturam longevidade à essência do ordenamento.

A edificação do regime sulano não se traduzira num prejuízo inerente a todas as representações de interesses destacadas da nobiliarquia romana a quem compete assumir a liderança da República¹¹³⁸. Com efeito, como refere Frederico Santangelo: “*Already in the Social War Sulla was prepared to interact with, and even reward the Italian elites that did not oppose his plans. During the Civil War, Sulla was keen to build good relations with the communities and the members of the local elites that were prepared to accept his supremacy and not to interfere with his rise to power in Rome.*”¹¹³⁹ As consequências das proscricções haviam mesmo oferecido possibilidades únicas de mobilidade social devido à necessidade de preenchimento dos lugares deixados vazios no Senado.

Contudo, a falência da continuidade do compromisso colectivo relativamente aos ditames da constituição ultra-conservadora, é perspectivada pouco tempo após a retirada de Sula da vida pública no ano de 79 a.C.. Uma vez aligeirado o terror que o mantivera coeso, o edifício erguido abre fissuras por onde irrompem os numerosos grupos de interesses que se consideram prejudicados pelos dispositivos institucionais implementados. Unidos em torno do ditador pelo medo de se lhe oporem, os antigos partidários dissolvem a aliança aparente para reincidirem no antagonismo entre *optimates* e *populares*. A nomenclatura nobiliárquica doravante favorecida pelo *status quo* é um grupo demasiado restrito para manter vigente uma concórdia sobretudo quando dentro do próprio grupo liderante, se precipitam os conflitos.

Os pontos de apoio de um regime distintamente elitista não podiam conter, sem o uso da força, a insatisfação transversal à maior parte da sociedade itálico-romana, sendo dirigidas as massas oprimidas para a revolta armada, por quem Salústio descreve como “os mais viciosos personagens de cada classe social.”¹¹⁴⁰ No próprio seio dos *nobiles* que compõem o círculo do poder, o ideário *popular* mantém-se vivo por detrás da dissimulação que exige a sobrevivência nos tempos de silêncio temeroso, alentado pelas acções de Sertório na Hispânia, contra o qual Sula fracassara em dispor um obstáculo firme.

A retirada voluntária do ditador põe a descoberto esta ebulição fermentada na clandestinidade de um pensamento suficientemente recôndito, para não ser incluído nas

¹¹³⁸ Liv., *Epit., Per.*, 86, 3-4.

¹¹³⁹ SANTANGELO, Frederico – *Sulla, the Elites and the Empire: A Study of Roman Policies in Italy and the Greek East*, Brill, Leiden, 2007, página 73.

¹¹⁴⁰ Sall., *Hist.*, 1, 48.

listas de proscricções¹¹⁴¹. Finalmente, o percurso protagonizado por Sula de tomada do poder pela força e contra a lei, constitui um precedente para que outros indivíduos copiem o gesto e marchem sobre Roma à frente de exércitos. As querelas entre facções resultantes ou combinadas com demandas pessoais por poder, produzem uma contínua desordem civil com picos sanguinários, pondo cobro à conformidade que se almejava, sem sucesso, instituir, dado que os métodos, essencialmente repressivos, que garantiam a anuência aos ditames do regime, não podiam durar para além do tempo de vigência do seu orquestrador.

Marco Emílio Lépido, cônsul para o ano de 78 a.C., assume a liderança do desmantelamento de parte da obra sulana. A sinuosidade do percurso político desta personagem constitui o exemplo ilustrativo do oportunismo e tacticismo que frequentemente garantem a sobrevivência ou ascensão, no ocaso da República romana. A instabilidade das lealdades da época levava Lépido a abandonar o campo *mariano* para se juntar a Sula aquando o desembarque deste na Itália, vindo do Oriente, em 83 a.C.. Dois anos mais tarde obtém o cargo de propretor na Sicília, onde a rapinagem que distingue a sua acção quase rivaliza com a do célebre Verres¹¹⁴².

A riqueza e poder entretanto adquiridos levam Lépido a assumir o risco de antagonizar o ditador, antes ainda da retirada deste da vida pública. A decisão tomada por Sula de libertar o povo romano do seu jugo e entregar-lhe a livre escolha do seu destino por ocasião das eleições consulares de 78 a.C., é prontamente aproveitada por quem lhe ousara erguer a voz. As intrigas do período permitem, a Lépido, estabelecer uma aliança pessoal de conveniência com Pompeio Magno, cuja popularidade lhe garante os votos do povo para ser elevado à mais elevada magistratura¹¹⁴³. Uma vez solidificado no seu posto, inicia um programa de sucessivas medidas contra a constituição sulana, trajecto que o coloca em directo confronto com o seu colega de consulado, Quinto Lutácio Catulo, acérrimo partidário *conservador*. A intensa animosidade pessoal entre os dois homens¹¹⁴⁴ constitui o rastilho para um novo confronto civil.

Tendo recebido, no ano de 77 a.C., a província da Gália Transalpina para o cumprimento do seu mandato proconsular, Lépido concerta os projectos de tomada de poder acarinhados pelos sobreviventes e novos adeptos *marianos* com a sublevação das

¹¹⁴¹ App., *B Civ.*, 1, 105, 1.

¹¹⁴² Cic. *Verr.*, 2, 3, 212.

¹¹⁴³ Plut., *Vit.*, *Sull.*, 34, 3-5.

¹¹⁴⁴ App., *B Civ.*, 1, 105, 1.

forças vivas do povo contra a vastamente abominada autoridade oligárquica¹¹⁴⁵. Um poderoso exército é reunido por via da promessa de restituição das propriedades confiscadas a todos os itálicos despojados pelo regime sulano, assim como aos descendentes dos proscritos¹¹⁴⁶. O caminho até ao Lácio está assegurado pelo apoio que recebe de Marco Bruto, governador da Gália Cisalpina. A reunião entre estas forças e um contingente conduzido ou enviado por Sertório desde a Península Ibérica, poderia sentenciar a guerra civil em favor dos *populares*.

Contudo, falta ainda, ao caudilho, por altura da Primavera de 77 a.C., consolidar o seu poder no noroeste hispânico. É igualmente duvidoso que a lealdade do celtibero conquistada no decurso das campanhas empreendidas durante o ano referente, fosse ao ponto de se disponibilizar ao abandono do anfiteatro peninsular diante da ameaça que representaria, nessa eventualidade, o exército de Metelo Pio, para a segurança dos seus lares.

O carácter que se pode escrutinar a partir do percurso político de Lépido também não sugere nenhum entusiasmo pela ideia de uma partilha de poder com um homem cujo prestígio militar ultrapassa consideravelmente o seu próprio¹¹⁴⁷. A futura renitência de Perperna Veientão em servir sob Sertório, um *homo novus*, traduz um preceito de linhagem muito caro na Roma Antiga, que poderia ser comum a outros *nobiles* liderando a facção *mariana*, nomeadamente, o supracitado procônsul. Aguardar por longo tempo até que o caudilho adquira as condições para se deslocar até à província da Gália Transalpina à frente de um exército numeroso, traduz uma dependência e possível subordinação no comando pouco compatíveis com as ambições e orgulho aristocrático de Emílio Lépido.

A marcha sobre Roma sucede-se, portanto, sem que qualquer entendimento tenha sido estabelecido entre os dois ramos *populares*, empenhados nas suas respectivas lides. O Senado romano reage à ameaça oferecendo o comando das forças leais ao regime a Catulo, principal dirigente *conservador* após a morte de Sula em 78 a.C., conceituado estatista¹¹⁴⁸ mas menos dotado no exercício do comando militar¹¹⁴⁹. Uma batalha é travada na costa da Etrúria resultando no incremento da vantagem estratégica

¹¹⁴⁵ Exsu., 38.

¹¹⁴⁶ Exsu., 35-37.

¹¹⁴⁷ Plut., *Vit., Pomp.*, 17, 1.

¹¹⁴⁸ Oros., 5, 22, 4.

¹¹⁴⁹ Plut., *Vit., Sert.*, 16, 1-2.

de que dispõe Lépidio, devido ao grande número de soldados que chefia¹¹⁵⁰, unidos pela animosidade contra os restícios do regime sulano¹¹⁵¹. Contudo, antes que Roma fique à mercê dos insurgentes, Pompeio Magno decide socorrer o governo oligárquico¹¹⁵², atingindo de forma atempada a capital com as legiões que recrutara no Piceno e na Gália Cisalpina¹¹⁵³.

Segundo Floro¹¹⁵⁴, Catulo e Pompeio ocupam a Ponte Múlvia e a Colina de Janículo, poderosos pontos defensivos cobrindo as vias de acesso a Roma¹¹⁵⁵ pelo norte¹¹⁵⁶ e oeste¹¹⁵⁷, motivo porque intenta Lépidio um rompimento pelo âmago da disposição do inimigo, conforme se depreende a partir da referência de Apiano ao choque que ocorre nas proximidades do Campo de Marte¹¹⁵⁸. Quando a acometida é facilmente rechaçada pelos *conservadores*¹¹⁵⁹, um súbito pânico dissemina-se pelo exército *popular*, conduzindo-o à desordeira fuga do campo-de-batalha. Os sobreviventes da debanda parecem ter-se deslocado de regresso à Etrúria pela Via Aurélia restaurando, por fim, o comando *mariano* a sua ordem quando atingem a cidade litoral de Cosa, dotada com um excelente porto para operações militares¹¹⁶⁰.

A completa vitória alcançada na batalha do Campo de Marte permite uma separação das forças governamentais, prosseguindo Pompeio uma campanha activa contra os insurgentes, enquanto Catulo resguarda a capital. O cúmulo de perdas sofridas com a dissolvência das unidades perante a perseguição do inimigo durante a retirada até Cosa¹¹⁶¹, contribui para que o desfalcado exército de Emílio Lépidio sofra nova derrota às mãos do *adulescens carnifex*. O chefe *popular* é, assim, compelido a embarcar os restos da sua antes imponente hoste na frota que aportara na cidade, abandonando a Itália¹¹⁶² rumo à Sardenha. A partir dessa posição insular no flanco ocidental do Mar Tirreno, a acção dos navios de Emílio Lépidio reduz a população de Roma a grande

¹¹⁵⁰ Exsu., 47.

¹¹⁵¹ Exs., 38.

¹¹⁵² Exsu, 39 ; Plut., *Vit, Sert.*, 16, 1-2.

¹¹⁵³ AMELA VALVERDE, Luis – “La Galia Cisalpina y la Clientela de Pompeyo Magno”, in *Polis. Revista de ideas y formas políticas de la Antigüedad Clásica*, 14, 2002, Barcelona, pp. 51-78, páginas 52-53.

¹¹⁵⁴ Flor., 2, 11, 3, 23, 6.

¹¹⁵⁵ Ver mapa do Lácio em SEAGER, Robin – *Pompey the Great*, Blackwell Publishing, 2002, viii.

¹¹⁵⁶ Pela Via Aurélia.

¹¹⁵⁷ Pela Vila Clódia.

¹¹⁵⁸ App., *B Civ.*, 1, 107, 1.

¹¹⁵⁹ Flor., 2, 11, 3, 23, 7.

¹¹⁶⁰ McCANN, Anna Marguerite ; LEWIS, Colonel John D. – “The Ancient Port of Cosa”, in *Archaeology*, Vol. 23, No. 3, Archaeological Institute of America, 1970, pp. 200-211.

¹¹⁶¹ Exsu., 39.

¹¹⁶² A cidade de Cosa dispõe de um excelente ancoradouro. Ver: Strabo, 5, 2, 8.

necessidade pela perturbação do comércio mercantil que a abastece com produtos alimentícios vindos do estrangeiro¹¹⁶³, de que cada vez mais depende em resultado do crescimento exponencial das massas indigentes. Os recursos humanos e económicos sardos¹¹⁶⁴ permitem, ao comandante *democrático*, reforçar as suas forças e dotá-las de provimento.

O controlo romano sobre a Sardenha foi, historicamente, dificultado pela existência de uma forte tradição de bandoleirismo entre os residentes dos locais montanhosos¹¹⁶⁵ que se lançam com assiduidade em expedições de saque sobre os terrenos agricultados¹¹⁶⁶. Esta preserverante actividade autóctone perturbando a ordem colonial¹¹⁶⁷ motivou o envio de poderosos meios militares para o território¹¹⁶⁸, de forma a sufocar as assíduas insurreições por parte de uma população definida pelo esteriótipo ciceroniano como implante do colono fenício, estruturada pela “fé púnica.”¹¹⁶⁹

Sob o domínio *conservador* desde o ano de 82 a.C.¹¹⁷⁰, a Sardenha é presentemente governada pelo propretor Gaio Valério Triário, mais tarde figura de relevo nas operações dirigidas por Lúcio Licínio Lúculo durante a Terceira Guerra Mitridica. A eficiente defesa da província por parte deste adversário, impede que Emílio Lépido supere as fortificações que o separam da tomada de posse dos centros urbanos¹¹⁷¹, limitando a sua actividade ao espaço campesino. Após ter sofrido uma sucessão de revezes nos recontros travados, Lépido parece vítima de doença, possivelmente ocasionada pelo clima pouco saudável do espaço insular durante o estio, sobretudo nas zonas rurais onde acampara o seu exército¹¹⁷². Sucede-lhe no comando o propretor Marco Perperna Veientão que opta por abandonar a Sardenha, consciente do perigo de uma ancoragem estática na ilha ante a perspectiva de um desembarque de forças inimigas em perseguição dos *populares* foragidos¹¹⁷³. De forma a expandir as

¹¹⁶³ Nomeadamente o milho sardo. Ver: Strabo, 5, 2, 7 ; Cic. *Pro Scauro*, 21 ; Cic. *Pro Scauro*, 39 ; App., *B Civ*, 2, 40, 1.

¹¹⁶⁴ Polyb., 1, 79, 6.

¹¹⁶⁵ Diod. Sic., 5, 15, 3.

¹¹⁶⁶ Strabo, 5, 2, 7 ; Diod. Sic., 5, 15, 5.

¹¹⁶⁷ Strabo, 5, 2, 7.

¹¹⁶⁸ Liv., 41, 8.

¹¹⁶⁹ Cic, *Scaur.*, 42-45a.

¹¹⁷⁰ Liv., *Epit.*, *Per*, 86, 2.

¹¹⁷¹ Strabo, 5, 2, 7.

¹¹⁷² Strabo, 5, 2, 7 ; Strabo, 5, 2, 7.

¹¹⁷³ Exsu., 43.

suas possibilidades operacionais navega até à Península Ibérica, decidido a travar campanha por sua própria conta contra Metelo Pio¹¹⁷⁴.

A comum hostilidade nutrida pelas várias tradições historiográficas por Perperna oferece-nos pouca margem para disputarmos a adjetivação e crítica particularmente verrinosa que lhe é dirigida. Neto e filho de antigos cônsules, Perperna havia servido como propretor e governador da Sícia em 82 a.C., honrando uma longa tradição familiar de serviço público. O seu alto nascimento e riqueza parecem ter modelado um carácter, onde a soberba sobressai como o traço dominante¹¹⁷⁵. Figura capital da facção *popular*, Perperna dirigiu a resistência a Sula a partir da sua província, tornada num refúgio para os escapados das proscricções. O áspero tratamento dispensado aos residentes sicilianos, determinou escasso apoio indígena quando Pompeio é enviado, pelo ditador, para debelar os inimigos do regime exilados nos territórios meridionais do império¹¹⁷⁶. Obrigado a abandonar a ilha pouco tempo após o desembarque das forças *conservadoras*, o paradeiro de Perperna é desconhecido até ao momento em que ingressa como segundo homem na hierarquia da sublevação liderada pelo procônsul Emílio Lépido.

A chefia marcial exercida após o falecimento deste último, deve-se a preceitos curriculares, mais do que à exibição de genuíno talento. O benefício que almeja Sertório retirar da sua anuência aos formalismos institucionais romanos permitem, a Perperna, preservar os seus cargos públicos mesmo quando impressiona pela mediocridade no exercício do comando em sucessivos campos de batalha hispânicos. O extenso património que as fontes lhe atribuem¹¹⁷⁷, integrando parte certamente importante do abastado tesouro de campanha¹¹⁷⁸ que inibira a dissidência dos restos das tropas vencidas que com ele desembarcaram na Península Ibérica, presenteia-se como outro motivo para justificar a sua tenência sob o grande capitão.

Após ter conduzido, durante anos, uma campanha quase autónoma relativamente à sediação *popular* na Itália, Sertório visa uma integração sem atritos do magno reforço que constituem vinte mil legionários itálico-romanos ao dispor do Estado de Osca. No momento da sua chegada à Península Ibérica com um forte contingente de tropas e uma grande soma em dinheiro, Perperna parece decidido a travar uma luta independente das

¹¹⁷⁴ Plut., *Vit., Sert.*, 15, 1.

¹¹⁷⁵ Vell. Pat., 30, 1.

¹¹⁷⁶ Plut., *Vit., Pomp.*, 10, 1-2.

¹¹⁷⁷ Plut., *Vit., Sert.*, 15, 1.

¹¹⁷⁸ Plut., *Vit., Sert.*, 15, 1.

iniciativas sertorianas. Contudo, para seu grande desagrado, no interior do seu acampamento apenas se fala, com admiração, das façanhas de Sertório e um forte desejo de serviço sob o caudilho dissimula-se entre as suas tropas. Por fim, quando lhes chega a notícia de que Pompeio atravessa os Pirinéus, provavelmente no Outono de 77 a.C., os soldados de Perperna insurgem-se contra o seu general e forçam-no a reunir-se às forças de Osca.

A animosidade decorrente da desfeita de ser compelido a uma tenência sob o comando geral de um homem de condição social inferior à sua, parece nunca ter abandonado o espírito de Perperna, circunstância que irá ter profundas consequências no evoluir dos acontecimentos e no desenlace da Guerra Sertoriana. Político experimentado, Perperna continua a revelar-se, na Hispânia, um hábil jogador no elemento de intrigas e maquinações típicas da época, instigando a conspiração que vitimará o grande sabino.

A assimilação dos restos da insurgência lepidana no domínio *mariano* na Península Ibérica, acarreta um novo tipo de relacionamento de Sertório com os seus subordinados. Se a constrição supersticiosa inspira uma natural deferência no hispânico e fortes laços de confiança ligam Sertório a oficiais como Lúcio Hirtuleio que o assessoriam desde longa data, a cobiça e a inveja por quem detém superior estatuto são sentimentos naturais entre os *nobiles* recentemente sujeitos à liderança do caudilho. Em contrapartida, o benefício retirado por Sertório, com a delegação de tarefas administrativas e de comando militar, consiste na poupaça do tempo e do esforço pessoal que lhe exigiria a ocupação com cada detalhe do governo do potentado.

A afirmação da soberania do Estado de Osca por via do exercício de um poder assente na legalidade dissuadia, também, o caudilho de proceder a remoções de envergadura entre o oficialato previamente mandatado pelas instituições romanas. O fomento de adicionais dissidências no seio do regime *conservador*, assim como a atracção das elites romanas para a reunião das forças *populares* na Hispânia, motiva Sertório a albergar os foragidos da Itália no seu domínio sem os destituir dos seus estatutos, funções ou expectativas.

4.3.5.2 - A reunião das forças *populares* na Hispânia. O Estado de Osca.

Os primeiros três anos da Guerra Sertoriana compreenderam, essencialmente, a luta entre uma guerrilha contra um exército mais poderoso nos aspectos convencionais

da marcialidade. Impossibilitados de enfrentar em campo raso o seu adversário, os Lusitanos de Sertório haviam retirado diante de um avanço em força das pesadas legiões e acometido, com oportunismo, contra os seus pontos de fraqueza, conforme se iam relevando aos batedores ou por informação proveniente do próprio campo de apoio público à autoridade *conservadora*.

Os comandantes governamentais são confrontados com a dificuldade em trazer à luta um oponente cuja maior aptidão consiste na mobilidade de que carecem as suas próprias tropas. A estratégia definida por Metelo Pio no ocidente peninsular, consiste em acometer sobre os alvos estáticos como as urbanizações e os castros, antes de almejar atingir a própria guerrilha. Contudo, o atrito incidente sobre as legiões supera o que estas podem infligir à moral dos insurrectos através de uma política de terra queimada exercida sobre o seu território de forma que, no término da campanha lusitana, Sertório incrementara a sua vantagem operacional até poder desferir um golpe táctico lacinante ao seu adversário, forçando-o à retirada.

Uma substancial alteração das condições estratégicas da luta acompanha a génese do Estado de Osca, cuja orgânica estabelece íntima relação com os aspectos militares do movimento *mariano* na Península Ibérica. A estrutura institucional do potentado de Osca ramifica-se com um governo civil representado pelo Senado e comando marcial dirigido por magistrados. O concerto decisório entre senadores e militares encontra-se explícito pelo menos no domínio da grande estratégia, natural encruzilhada entre a esfera política e as forças armadas, conforme atesta o processo conducente à aliança com Mitridates, rei do Ponto.

Entre as competências específicas atribuídas ao corpo senatorial, as fontes discriminam o exercício da jurisprudência e as relações diplomáticas¹¹⁷⁹. As finanças públicas, a relação com o poder local¹¹⁸⁰ e o aconselhamento constituem atribuições inerentes a uma instituição equiparando-se à que se sedia em Roma¹¹⁸¹. O propósito capital da condução da política, pelo Senado, consiste em apoiar o braço armado do Estado de Osca, encarregue da missão de derrotar a facção *conservadora*.

Embuído com o estatuto de chefe de Estado, Sertório dirige e supervisiona a actividade militar do movimento *popular* na Península Ibérica, operando a partir de uma

¹¹⁷⁹ Plut., *Vit., Sert.*, 23.

¹¹⁸⁰ Plut., *Vit., Sert.*, 25, 3.

¹¹⁸¹ PRAG, Jonathan R. W. – “Provincial governors and auxiliary soldiers”, in *Les gouverneurs et les provinciaux sous la République romaine*, Nathalie Barranton & François Kirbihler (Dir.), Presses Universitaires de Rennes, 2011, página 15.

posição centralizada do teatro de guerra, mas podendo deslocar-se em apoio dos exércitos confiados aos seus tenentes, conforme julga necessário. As suas funções de procônsul parecem conferir-lhe a condição de suprema instância no exercício da Justiça e protagonismo na condução das iniciativas diplomáticas, relegando o Senado para um papel sobretudo coadjuvante e conselheiro em ambos os domínios¹¹⁸². A centralização de poderes nas mãos do sabino na última fase da guerra, compreende o fim da compartilha tácita de funções jurídicas com a emanação corpórea de autoridade civil, arrogando-se da sua exclusividade¹¹⁸³.

A escalada do espaço geográfico e meios envolvidos na Guerra Sertoriana com a constituição do Estado de Osca no nordeste hispânico e vinda para a Península Ibérica do exército chefiado por Pompeio Magno, determina o destacamento de importantes forças *democráticas* para diferentes teatros de guerra. Supervisionando a execução dos seus planejos estratégicos, Sertório define princípios operantes e coordena a actividade dos seus tenentes. Um excelso serviço de informações integrando mensageiros, batedores, partidários locais e agentes colocados para além das linhas do inimigo faculta, ao alto comando *popular*, conhecimento preciso sobre a situação das forças militares *optimates*. Conforme deixa implícita a seguinte passagem de Frontino, é receado pela chefia oligárquica que a rede de espionagem *mariana* sobrepuje mesmo as suas barreiras mais sigilosas: “*When Metellus Pius was in Spain and was asked what he was going to do next day, he replied: If my tunic could tell, I would burn it.*”¹¹⁸⁴

O gabinete sertoriano providencia direcção estratégica às unidades guerrilheiras locais¹¹⁸⁵, cuja actividade sobre a rede logística das legiões *conservadoras* pode ter um impacto operacional crítico. O oficialato dos exércitos destacados para os diferentes teatros de guerra subordina-se às directrizes emanadas do procônsul a quem relatam os desenvolvimentos no terreno, apesar de também exercerem um controlo semi-autónomo sobre as suas regiões¹¹⁸⁶. De forma a maximizarem as suas capacidades, cumulariam a chefia das forças regulares com uma ingerência nas iniciativas das células móveis nativas, assim como aptidão para assumir directo comando sobre as guarnições castrenses¹¹⁸⁷, com quem se poderiam reunir.

¹¹⁸² Plut., *Vit., Sert.*, 20, 2.

¹¹⁸³ Diod. Sic., 38-39, 22a.

¹¹⁸⁴ Frontin. *Str.*, 1, 1, 12, Charles E. Bennet (trans.), Loeb edition, 1925.

¹¹⁸⁵ Plut., *Vit., Sert.*, 21, 5.

¹¹⁸⁶ Liv., *Frag.*, 91.

¹¹⁸⁷ Liv., *Frag.*, 91.

O carácter voluntário da filiação do oficialato itálico-romano na insurgência *popular* na Hispânia, sugere uma destrição em relação ao tradicional protocolo de escolha de magistrados, legados e tribunos militares, segundo preceitos electivos e cooptativos. A estrutura das forças armadas do Estado de Osca deveria ser, na sua essência, definida por uma conexão menos formal com o sistema mariano adoptado pelo antagonista *conservador*. A continuidade da recruta com a consequente formação de novas unidades marciais, implica que a atribuição do seu comando seja sobretudo realizada de acordo com as circunstâncias práticas do momento.

As menções das fontes literárias à força-tarefa composta por contingentes mistos na batalha de Lauro (76 a.C.), explicita uma maior variedade na equipagem e forma de luta no modelo marcial sertoriano em comparação com a uniformidade da tropa romana. Contudo, a coorte consiste na unidade base do sistema, tanto para a infantaria ligeira como pesada¹¹⁸⁸. Ademais, a referência aos seis mil homens ocultos no primeiro acampamento erguido pelos *populares* antes de iniciarem o assédio da cidade de Lauro¹¹⁸⁹, coincide com a cifra de uma legião. Conclui-se, assim, que as forças criadas com o erigir do Estado de Osca, em conformidade com a síntese entre o elemento colonial e autóctone, organizam-se segundo uma matriz mariana adaptável a composições e comandos *ad hoc*, integrando contingentes pesados de tipologia romana e infantaria escaramuçadora hispânica, ambos sujeitos ao sistema numeral da coorte¹¹⁹⁰.

As forças militares adestradas nos aquartelamentos de Castra Aelia representam um símbolo da simbiose entre a chefia *popular* e o substracto autóctone, o produto da infusão na mobilidade hispânica do poder convencional do belicismo romano. Contudo, apesar de Sertório ter constituído exércitos capazes de enfrentar sem subterfúgios as legiões *conservadoras*, a puberdade da inserção nativa no modelo de guerra regular aconselha que recontros campais apenas devam ser arriscados com motivo.

A equipagem mais pesada de algumas unidades indígenas e a integração das coortes itálico-romanas chegadas à Península sob o comando de Perperna Veientão sugerem uma inferioridade na capacidade evasiva das forças armadas do Estado de Osca, comparativamente às tropas guerrilheiras que o caudilho comandara na campanha lusitana. Todavia, as múltiplas ocasiões em que as unidades sertorianas superam, na manobra, os exércitos *conservadores*, indiciam que um eventual cerceio da sua

¹¹⁸⁸ Plut., *Vit., Sert.*, 15, 2 ; Frontin. *Str.*, 2, 5, 31.

¹¹⁸⁹ Plut., *Vit., Sert.*, 18, 4.

¹¹⁹⁰ Frontin. *Str.*, 2, 5, 31.

mobilidade é ocasionado, sobretudo, por uma menor disposição do alto comando em sacrificar espaço ao inimigo, devido ao superno valor económico, político, militar e simbólico das urbanizações celtiberas e da Província Citerior. O desapego dos residentes lusitanos em relação aos seus diminutos castros, abandonados de forma desembaraçada se deixarem de constituir um activo na defesa da comunidade, configura a causa capital para a mudança entre o procedimento furtivo de uma guerrilha e a defesa elástica elegida por Sertório com a estatização da insurgência na Hispânia.

Conjuntamente com as tropas provenientes da Itália reúnem-se, ao caudilho, os cabecilhas da facção *popular*, doravante distribuídos pelos principais cargos de liderança marcial nas forças armadas e civil no Senado “sombra” composto por trezentos membros¹¹⁹¹ que é estabelecido em Osca. A capital do governo no exílio passa a representar um farol para os descontentes do regime oligárquico ainda permanecidos em Roma, caso se decidam a abandonar as conspirações internas e partir para a Península Ibérica, onde têm a oportunidade de participar activamente na luta armada que é conduzida contra a facção inimiga.

A escolha de Osca como o epicentro do Estado sertoriano poderá suscitar perplexidade se considerarmos o carácter periférico da sua localização no espaço geográfico por este abrangido. Contudo, a sua exposição cartográfica a forças *conservadoras* vindas da Gália é meramente ilusória. A zona medular do maciço pirinaico constitui uma barreira natural, com alguns dos seus picos a superaram os 3.000 metros. A rota entre Olorón e Jaca é a melhor conhecida das que, atravessando este espaço central da grande cordilheira, permitiriam o trânsito a um exército na Antiguidade¹¹⁹².

Contudo, a barreira dos Pirinéus era tipicamente franqueada pelos seus locais de menor orografia, ou seja, pela vertente ocidental, na adjacência do mar Cantábrico¹¹⁹³ e oriental, junto ao Mediterrâneo. O relevo montanhoso e irregular da região correspondente à actual comunidade autónoma de Aragão, dificultava o acesso a Osca por outra via para além do vale do Ebro. Até à destruição do movimento *popular* em 71 a.C., as fontes não mencionam nenhuma iniciativa *conservadora* dirigida contra a capital do inimigo. A resistência prolongada de *Calagurris* frente aos sucessivos

¹¹⁹¹ App. *B Civ*, 1, 108.

¹¹⁹² GITILITZ, David M. ; DAVIDSON, Linda Kay – *The Pilgrimage Road to Santiago: The complete Cultural Handbook*, St. Martin’s Press, New York, 2000, página 14.

¹¹⁹³ Como o fizera Asdrúbal Barca em 208 a.C..

assédios a que é sujeita e a posição mantida pelos *marianos* em *Tarraco* e *Ilerda*¹¹⁹⁴ parecem resguardar Osca de um assalto directo por parte dos *optimates*, conferindo-lhe uma condição geográfica de enclave.

Todavia, contactos estabelecidos entre a sede do poder sertoriano com os territórios compreendendo o seu domínio hispânico, podiam realizar-se com grande facilidade. Situa-se Osca numa encruzilhada entre o vale do Ebro, os Pirinéus, a costa mediterrânica e a região cantábrica. Ocupando uma posição estratégica nuclear, representa a etapa de centralização política, militar, instucional, económica e cultural consentânea com o erigir de um edifício estatizado. Parece, efectivamente, encontrar-se esta cidade dotada com o que confere grandeza e protecção a uma capital: sede de governo, defesas naturais, entroncamento de vias de comunicação, pujante actividade económica (conferidas pelo espólio numismático¹¹⁹⁵), centro de ensino para as elites. O registo arqueológico é conclusivo quanto à ligação entre a Osca ibero-romana surgida no século I a.C. com a causa sertoriana, devido ao grau de romanização das infra-estruturas que claramente a destacam do *oppidum* ancestral hispânico, do qual não restam praticamente vestígios¹¹⁹⁶.

As instituições romanas que são erigidas em Osca não constituem apenas um pólo de emanção de um poder no exílio legitimado por preceitos formais: visam a reprodução do modo de vida estabelecido no âmbito de um habitáculo civilizado, de forma a providenciarem familiaridade, estatuto e conforto no acolhimento, ao alto dignatário¹¹⁹⁷. O refúgio seguro que sabem poder encontrar na Hispânia constitui um chamamento para a dissidência dos que rejeitam os preceitos do regime *conservador*. A atracção da nata aristocrática da República exige, por parte de Sertório, a continuidade do talento que sempre até ao momento soubera exhibir no trato com os variados grupos sociais organizados sob a sua liderança carismática: a arte de saber convencer ao invés de impor.

A agremiação da elite romana em torno da sua autoridade requer de Sertório atributos de exercício de poder claramente distintos daqueles que o legitimam diante do autóctone. De forma a não se distanciar do comportamento que dele é esperado por cada

¹¹⁹⁴ Strabo, 3, 4, 6.

¹¹⁹⁵ Domínguez Arranz, Almudena ; Aguilera Hernández, Alberto – “Del oppidum de Sertorio al municipium de Augusto: la historia reflejada en el espejo de las monedas”, in *Bolskan*, 25, 2014, pp. 91-109.

¹¹⁹⁶ JUSTE ARRUGA, M. Nieves – “Bolskan-Osca, ciudad iberorromana”, in *La formació d’una societat provincial. La component ibérica a les fundacions romanes del nord-est de la Hispania Citerior*, Nº 52, Empúries, 2000, páginas 87-106.

¹¹⁹⁷ Plut., *Vit., Sert.*, 25, 2.

representação grupal integrando a massa dos seus seguidores, o caudilho necessita de matizar ainda mais a emanação do seu direito ao poder. A fragmentação das forças militares por uma multiplicidade de tenências, em conjunto com a criação de um órgão colegial representando a entrada na fase de institucionalização do movimento *popular* na Hispânia, implicam o término do exercício de um comando autónomo, sucedido por uma simples precedência e superintendência nas decisões colectivas.

No sistema de hierarquias implementado, a cúpula dirigente parece ser constituída exclusivamente por itálicos¹¹⁹⁸. A noção da superioridade do homem civilizado não oferece qualquer margem para a promoção do nativo aos centros de decisão de um Estado formal¹¹⁹⁹. A chefia hispânica circunscrever-se-ia à administração local e ao seu grupo tribal integrado nas hostes sertorianas. Por conseguinte, o Senado sediado em Osca deve ter sido constituído pelos proscritos e outras vítimas do regime sulano, pelos participantes do levantamento lepidano integrando o exército que Perperna Veientão conduziu para a Hispânia e talvez por alguns *hispanienses*.

A inata necessidade sentida pela maioria dos seres humanos de apoiar-se nas fundações de uma autoridade estruturante requer, de Sertório, a criação e adaptação contínua de um sistema congregador. O modelo de liderança e de reunião estabelecido pelo caudilho, revela-se dotado de suficiente elasticidade para se expandir progressivamente tanto no horizonte, em função do espaço abarcado e número de associados, como na vertical, em níveis que se adequem às exigências do estatuto social dos elementos itálico-romanos nesta fase integrados.

A super-estrutura capaz de albergar as reivindicações latentes aos representantes da classe senatorial assumiu, por conseguinte, a forma de uma réplica sediada em Osca das instituições governativas que haviam abandonado na Cidade Eterna. O prestígio de Sertório é suficiente para percorrer o trilho entre a condição de líder guerrilheiro nos confins da Hispânia a comandante-em-chefe dos exércitos *marianos*, sem que até às derrotas derradeiras do percurso empreendido, a sua autoridade seja posta em causa pelos vários interesses e personalidades que a ela se sujeitam ou anuem.

A estatização do domínio sertoriano na Hispânia representa uma alteração fundamental relativamente à fisionomia de guerra privada desenvolvida pelo caudilho durante as fases prévias da insurgência. A criação dos vários órgãos de soberania definindo as diferentes áreas de actuação de um governo de Estado, promove o

¹¹⁹⁸ Plut., *Vit., Sert.*, 22, 3.

¹¹⁹⁹ Plut., *Vit., Sert.*, 22, 3-5.

entrosamento do complexo social englobado no espaço territorial conquistado pelas armas *populares*. A máxima maturação do projecto sertoriano coincide com este ano de 77 a.C. onde se organizam, de acordo com o modelo institucional de Roma, as forças vivas radicadas na área geográfica abrangida por este novo potentado.

Contudo, duas categorias sociais insolúveis sinalizam a reprodução, a nível cívico, da fractura que se verifica no âmago das forças armadas: a do cidadão itálico-romano e do autóctone hispânico. Nas fontes, não se regista um compromisso ou promessa, por parte de Sertório, de elevação do natural à condição de cidadania. Parece um concebimento ordinário para a mentalidade romana, que as exigências em alta cultura requeridas pelo exercício das tarefas de governação estatal façam recair estas funções nos senadores exilados da Itália¹²⁰⁰. As chefias autóctones seriam restringidas aos domínios da defesa do seu espaço de ocupação tribal ou integradas nos exércitos sertorianos.

O poder *popular* sediado na Península Ibérica é composto, assim, por agrupamentos cujos estatutos, concepções e propósitos diferenciados patenteiam um latente conflito. Apesar de todas as suas realizações, o projecto sertoriano fracassa em colmatar os pontos de ruptura congénitos entre associados. Na aparência, todavia, o poder do dispositivo montado pelo partido democrático na Hispânia parece encobrir, no Outono de 77 a.C., estas brechas mais subtis na congregação de diferentes representações sociais.

A dimensão territorial do Estado de Osca engloba mais de metade de toda a Península Ibérica, escapando ao seu controle apenas as regiões cantábricas e o sul andaluz. O potencial humano nele residente permite o recrutamento de múltiplos exércitos actuando em diferentes frentes de guerra, em adição às guarnições das cidades e castros. Economicamente, a conexão entre os recursos minerais, as actividades artesanais do mundo urbano levantino e a abertura às rotas mercantis mediterrânicas, parecem constituir robustas fontes de receita¹²⁰¹.

O domínio sertoriano dispõe de uma organização institucional com elevado grau de complexidade. Uma máquina administrativa centraliza-se em Osca para gerir os aspectos de maior relevo da vida colectiva. O exercício de uma justiça supra-tribal é mencionado pelas fontes e constitui prerrogativa do alto magistrado proconsular¹²⁰².

¹²⁰⁰ MATYSZAK, *op. cit.*, página 66.

¹²⁰¹ CALLEGARIN, *op. cit.*, página 33.

¹²⁰² Plut., *Vit., Sert.*, 20, 2-3 ; Polyaeus, *Strat.*, 8, 22 ; Diod. Sic., 38-39, 22.

Diplomaticamente, contactos podem ser estabelecidos em toda a escala do mar Mediterrâneo com outras entidades soberanas. As negociações em breve encetadas com Mitridates VI, rei do Ponto, diversificam as opções da política de guerra definida pela cúpula dirigente *popular*. O estabelecimento de alianças assim como a dotação com recursos não disponíveis por via endógena, são os proventos da abertura das relações externas.

No início do ano de 76 a.C., a estratégia global definida pelo comando sertoriano consiste na contenção das iniciativas inimigas por via da defesa posicional do seu espaço, em prejuízo de precipitar um magno confronto tático que possa forçar uma decisão. Nesse enquadramento, os aspectos físicos e humanos do meio geográfico onde as futuras acções bélicas se irão desenrolar, assumem particular relevância. A superfície territorial do Estado sertoriano pode subdividir-se, nesta fase, em três grandes áreas: a Lusitânia, a Meseta e a costa levantina. As duas primeiras encontram-se, de momento, relativamente salvaguardadas da agressão *conservadora*, por via da enclausura de Metelo Pio na Andaluzia. Os principais contingentes de tropas sertorianas são, por esse motivo, destacados para o nordeste hispânico. A nova grande ameaça é constituída pelo exército privado conduzido para a Península Ibérica por Gneu Pompeio, a quem a oligarquia é forçada a confiar, por carência de meios próprios, um mandato extraordinário de comando militar.

4.3.5.4 – O comando extraordinário de Gneu Pompeio. A chegada de um novo exército *conservador* à Península Ibérica.

A extraordinária carreira de Pompeio ficou marcada pela derrota sofrida na batalha que travou nas imediações de Farsália, no decurso da qual o fracasso em resistir ao génio militar de Júlio César foi o suficiente para sobre ele fazer pender, no frio juízo clínico do historiador, a suspeita de que nunca passou de um medíocre bafejado pela sorte. As anteriores atribulações sofridas às mãos de Sertório, incrementam as dúvidas sobre se as vitórias obtidas por Pompeio se deveram ao enfrentamento com tropas de inferior qualidade ou comandantes de segunda categoria, expondo-se as lacunas e limitações do seu generalato diante de uma verdadeira oposição¹²⁰³.

¹²⁰³ Plut., *Vit., Pomp.*, 31, 6-7 ; Sall., *Hist.*, 2, 16 ; Sall., *Hist.*, 2, 17.

Até à Guerra Sertoriana, o percurso de Pompeio é, desde a sua mocidade, um compêndio de espantosos feitos¹²⁰⁴ e exibição de insignes talentos¹²⁰⁵. Produto do cruzamento entre uma cultura militarista e o arrivismo da época, o prodígio do Piceno personifica o sucesso individual, uma imagem arrebatadora de ousadia juvenil constantemente em busca de novos desafios¹²⁰⁶. Uma lista expansiva de execuções dos vencidos nos campos de batalha que pontuam o implacável ritmo do seu passo vale-lhe, por parte dos despeitados seniores representando a decadente oligarquia, a alcunha de *adulescens carnifex*¹²⁰⁷. A maior das suas lutas consiste em subtrair-se às leis e tradições romanas que coloquem um freio a uma ambição que não conhecendo limites, absorve os outros aspectos de uma vida¹²⁰⁸ completamente orientada para a colecta de fama e prestígio¹²⁰⁹. Conquistar a admiração dos seus concidadãos¹²¹⁰ por via de uma épica sequência de realizações pessoais, é o móbil que impele Pompeio a ultrapassar todas as barreiras, jurídicas e militares, que lhe neguem ou retardem uma fulgurante ascensão¹²¹¹.

Filho de Gneu Pompeio Estrabão, um *homo novus* famigerado pela ganância, prepotência, insídia política e impiedade na guerra, Pompeio herda, aos dezanove anos de idade, um extenso domínio fundiário na região do Piceno, que lhe concede vastos recursos humanos, administrativos e financeiros¹²¹². Em contraste com o ódio e temor que os soldados devotavam ao seu pai, Pompeio parece ter interiorizado, desde muito cedo, a vantagem de atrair seguidores por via do cultivo de uma personalidade popular e carismática¹²¹³. Dotado com um nobre semblante, segura presença, vigor físico, tenacidade e inspiradora ousadia, Pompeio obtém facilmente a adoração das suas tropas, assim como o apoio daqueles que pretendem beneficiar com o trajecto em direcção às grandes realizações que se lhe antecipam¹²¹⁴. Excepcional gestor¹²¹⁵ pôde recrutar, às

¹²⁰⁴ Vell. Pat., 2, 29, 2.

¹²⁰⁵ Plut., *Vit., Sert.*, 4, 6.

¹²⁰⁶ Cass. Dio., 33, 106.

¹²⁰⁷ O adolescente carnicheiro.

¹²⁰⁸ O casamento com Antistia, filha do juiz que avaliava um caso em que Pompeio era acusado de apropriar-se indevidamente de espólio no decurso da Guerra Mársica, permite-lhe obter uma sentença favorável. Alguns anos mais tarde, divorcia-se de Antistia para se casar com Emília Escaura, filha de Sula, de forma a firmar uma aliança com o ditador que impulsionasse a sua carreira.

¹²⁰⁹ Sall., *Hist.*, 2, 18.

¹²¹⁰ Vell. Pat., 2, 29, 3.

¹²¹¹ Plut., *Vit., Pomp.*, 2, 1.

¹²¹² PINA POLO, Francisco – “Les Cornelii Balbi de Gadès: un exemplo de clientélisme provincial?”, in *Les gouverneurs et les provinciaux sous la République romaine*, Nathalie Barrandon & François Kirbihler (Dir.), Presses Universitaires de Rennes, 2011, pp. 189-203, página 190.

¹²¹³ Plut., *Vit., Sert.*, 2, 1.

¹²¹⁴ Plut., *Vit., Sert.*, 1, 2.

suas próprias custas, sucessivos exércitos privados com os quais travou combates contra inimigos internos e estrangeiros da romanidade. No início da guerra civil contra Júlio César, uma intrincada rede clientelar estende-se pelos espaços conquistados no decurso das suas campanhas, dispondo Pompeio de agentes polvilhados pelo mundo antigo, encarregues de fornecer soldados, embarcações, aprovisionamento e apoio financeiro à causa oligárquica¹²¹⁶.

No universo político, o percurso de Pompeio caracteriza-se pelo oportunismo, militando em favor da facção *conservadora* desde muito novo, mas sem se integrar no âmbito do restrito grupo da velha guarda da aristocracia de linhagem, por motivo da sua condição de nascimento menos distinta e ambição arrivista. A falta de orientação ideológica ou projecto governativo determinam que Pompeio se retraia de usar os amplos meios que adquire para ocasionar o derrube da República em favor de um poder personalizado. O cúmulo de honrarias constitui o seu unívoco objectivo beneficiando, para o efeito, do simultâneo cativar do fascínio das massas e aquiescência da elite regente às suas demandas.

De forma a garantir o contínuo incremento de estatuto e glória pessoal, Pompeio prontifica-se a aceitar os desafios militares mais ariscos do tempo, usando os seus recursos privados para substituir ou complementar o apoio recebido das instituições estatais sobre as quais frequentemente exerce forte pressão coerciva, ainda que nunca consumada num golpe de estado. Uma singular combinação de irreverência juvenil temperada por tacto carismático, inquebrantável convicção no seu destino apoiada num compêndio de sólidos talentos, favorecimento sistemático por parte da Fortuna consumando o produto de disciplinado labor¹²¹⁷, ambição desmedida com perfeito domínio sobre as outras paixões, extremo egoísmo com gregárias perícias sociais, transformam Pompeio numa brilhante e complexa personalidade¹²¹⁸.

Nas lides marciais, o jovem Pompeio distingue-se pela ousadia das suas arremetidas, bravura pessoal exibida no comando e célere resolução das suas campanhas¹²¹⁹. Até à Guerra Sertoriana nunca conhecera o sabor da derrota. Durante o conflito civil entre *optimates* e *populares*, os seus feitos incluem ter presenteado Sula com três legiões completas, recrutadas a partir dos seus laços clientelares na região do

¹²¹⁵ SHEPPARD, Simon – *Pharsalus 48 BC. Caesar and Pompey – Clash of Titans (Campaign)*, Osprey Publishing Ltd, 2006, páginas 25-26.

¹²¹⁶ APP. *B Civ.*, 2, 49, 1. ; App. *B Civ.*, 2, 70-71.

¹²¹⁷ App. *B Civ.*, 2, 70-71.

¹²¹⁸ Plut., *Vit., Pomp.*, 1, 3.

¹²¹⁹ Plut., *Vit., Sert.*, 7.

Piceno (83 a.C.)¹²²⁰, as vitórias sobre Gneu Papírio Carbão na Sicília (82 a.C.), Gneu Domício Aenobarbo na Numídia¹²²¹ (81 a.C.) e Emílio Lépido (77 a.C.). No momento em que a insurgência lepidana é escorraçada para fora da Itália, Pompeio tem já, aos vinte e nove anos, antes ainda de atingir a idade legal para o exercício do questorado (30 anos), um palmarés notável de êxitos atrás de si, alcançados devido à impunidade no desrespeito das leis da República que, se cumpridas, lhe atrasariam o passo na sua focalizada perseguição por uma carreira militar triunfante.

A reunião das forças *populares* na Península Ibérica permitira, ao regime *conservador*, restabelecer a sua soberania na Itália. Em compensação, as 53 coortes legionárias comandadas por Perperna Veientão, constituem um acréscimo considerável da oposição *mariana* nesse espaço provincial. Com os seus meios militares distendidos entre vários teatros de guerra¹²²², o tesouro desprovido do fluxo de minérios e outras riquezas provenientes da Hispânia, as ligações mercantis interrompidas ou perturbadas por acção da pirataria cilícia que infesta toda a extensão do mar Mediterrâneo¹²²³, o Senado tem de apelar aos recursos privados de Gneu Pompeio Magno.

Com efeito, o regime oligárquico havia saído exangue do tumulto lepidano¹²²⁴. A degradação do regular funcionamento das instituições revela-se com nitidez em dois domínios: a incapacidade para recrutar novos exércitos e a de gerar verdadeiras lideranças. Nenhum dos cônsules eleitos para o ano de 77 a.C., Décimo Júnio Bruto e Mamercio Emílio Lépido Viviano, aceita o comando proconsular na Hispânia. A admiração que as façanhas de Sertório suscita entre os seus inimigos parece disseminar o terror de o enfrentar¹²²⁵.

Uma conjura de constrangimentos força a dirigência *conservadora* a conceder o aval de comando extraordinário ao único homem dotado com recursos privados e expressa vontade de se lançar numa empresa temida pelos seniores. Afastar a ameaça velada que representa o exército que Pompeio mantém às portas de Roma consiste no benefício imediato da decisão de enviarem o arrivista para a Hispânia. As dúvidas sobre a legalidade do expediente subalternizam-se às exigências práticas neste tempo de enfermidade das instituições republicanas. Quando Lúcio Márcio Filipo, um aliado de

¹²²⁰ Vell. Pat., 2, 29, 1.

¹²²¹ Feito que lhe mereceu ao direito ao triunfo, apesar de não passar de um *privatus* sem sequer preencher os critérios etários para o ingresso no *cursus maiorum*.

¹²²² Eutr., 6, 1 ; Oros., 5, 23.

¹²²³ App. *Mith.*, 118-119 ; Sall., *Hist.*, 2, 44, 7.

¹²²⁴ Oros., 5, 23, 1.

¹²²⁵ Cass. Dio., 36, 25, 1.

Pompeio no Senado que apresenta a moção defendendo a sua investidura é questionado por um senador sobre se achava necessário enviá-lo como *pro consule*, limita-se a responder, com ironia, ao seu interlocutor, que, na realidade, não era, mas antes como *pro consulibus*, ou seja, em lugar dos cônsules¹²²⁶.

A sede por glória¹²²⁷ prontifica Pompeio a iniciar o seu trajecto para a Península Ibérica pouco tempo após a deliberação senatorial. Uma carreira militar invicta gratificada com uma meteórica ascensão social, parecem ter robustecido, sobejamente, a sua confiança. Os meios que reúne são relativamente modestos se considerarmos a árdua missão que consiste enfrentar uma ampla coligação de povos hispânicos sob a chefia de Sertório: cerca de 30.000 infantas e 1.000 cavaleiros¹²²⁸, sobretudo recrutas¹²²⁹. As penosas lições que irá receber às mãos do temível rival parecem, contudo, estar longe da antevisão de quem se prontifica a perseguir com arrebatamento juvenil a honra de defender o Estado romano da ameaça que acovarda os senadores¹²³⁰.

Desinteressado e desconhecedor dos motivos ideológicos de fundo que opõem *populares* a *optimates*, o *adulescens carnifex* considera a guerra na Hispânia sobretudo como uma oportunidade para reunir à sua colecta de troféus, a cabeça do mais reputado comandante do seu tempo¹²³¹. Integrando uma sociedade de forte tradição militarista¹²³² no contexto da qual os generais triunfadores ascendem à dignidade de deuses, o percurso de vida de Pompeio é regido por uma ambição que não se detém perante nenhum obstáculo, focalizado no propósito de se tornar no maior Homem produzido por Roma. As atribulações que diminuem os recursos e o prestígio do Senado concedem-lhe, justamente, a oportunidade desejada para se apresentar como o paladino salvador da República.

O movimento do exército *conservador* parece ter-se iniciado em meados do Verão de 77 a.C.¹²³³, decidindo-se o seu general a reproduzir, em sentido reverso, a lendária marcha de Aníbal. A passagem dos Alpes durante a boa estação permite-lhe, contudo, evitar as terríveis perdas sofridas pelo capitão cartaginês, cento e quarenta anos

¹²²⁶ Plut., *Vit., Sert.*, 17, 4.

¹²²⁷ Oros., 5, 23.

¹²²⁸ Oros., 5, 23.

¹²²⁹ Sall., *Hist.*, 2, 82, 5.

¹²³⁰ Sall., *Hist.*, 2, 82, 4 ; Oros., 5, 23.

¹²³¹ Sall., *Hist.*, 2, 19.

¹²³² CAMPBELL, Brian – *War and Society in Imperial Rome, 31 BC-AD 284*, Routledge, London, 2002 ; ROSENSTEIN, Nathan – “Political Power, and the Republican Elite”, in *A Companion to the Roman Army*, Paul Erdkamp (editor), Blackwell Publishing, 2007.

¹²³³ Sall., *Hist.*, 2, 82, 4.

SPANN, *op. cit.*, 85.

atrás¹²³⁴. Atendendo ao relato, a generalidade dos autores modernos considera que a estrada militar aberta por Pompeio atravessa a cordilheira por via do Monte Genevre¹²³⁵.

A destruição dos restos das forças de Lúcio Mânlio no seguimento da sua retirada de regresso à Aquitânia após a derrota frente a Hirtuleio ocorrida no ano transacto de 78 a.C., coloca a possibilidade de algum distúrbio indígena no momento da chegada de Pompeio. Contudo, o exercício por parte de Emílio Lépidio do seu mandato proconsular na Gália Transalpina no início de 77 a.C., deverá ter significado a parcial estabilização do governo local. A posterior marcha do comandante *popular* para a Itália implica que quando Pompeio chega à província, ela se encontra desprovida de significativas forças romanas, hostis ou partidárias do regime oligárquico, circunstância que provocara o reacender da insurreição indígena, forçando o comandante romano a abrir o seu caminho até Narbona derrotando um grémio de forças celtas¹²³⁶.

No decurso dos anos subsequentes, o invernar de exércitos *conservadores* no sul da Gália, o envio de provisões a partir desta região às forças operando na Hispânia, assim como o trânsito de tropas legionárias provenientes da Itália enviadas para reforçar as hostes actuando contra Sertório, são elementos contributivos para considerarmos o restabelecimento de uma ligação segura com Roma¹²³⁷. O general romano prossegue a sua marcha para a Península Ibérica, após ter restaurado o sólido domínio do regime sobre a Aquitânia.

A travessia dos Pirinéus ocorre, provavelmente, nos inícios do Outono de 77 a.C.¹²³⁸, de forma que Pompeio atinge o território da actual Catalunha a tempo de providenciar, ao seu exército, uma estadia segura na Hispânia durante o Inverno. Apesar das solicitações dos povos situados na vertente ocidental dos Pirinéus, na adjacência com o mar Cantábrico, Pompeio rejeita seguir esta rota¹²³⁹ e atinge a Hispânia pela via mais usual, junto ao mar Mediterrâneo, onde conta com a assistência da frota.

¹²³⁴ App. *B Civ.*, 1, 109 ; Sall., *Hist.*, 2, 82, 4.

¹²³⁵ HOLMES, Thomas Rice - *The Roman Republic and the founder of the Empire*, The Clarendon Press, Oxford, 1923, página 376 ; WHITAKER, John - *The course of Hannibal over the Alps ascertained*, Volume 1, John Stockdale, London, 1794, páginas 120-124 ; WICKHAM, Henry Lewis ; CRAMER, John Antony - *A Dissertation on the Passage of Hannibal Over the Alps*, University of Oxford, 2ª Edition, London, 1828, página 22.

¹²³⁶ Sall., *Hist.*, 2, 22.

¹²³⁷ Cic. *De imp. Cn. Pomp.*, 30.

¹²³⁸ SPANN, *op. cit.*, página 86.

¹²³⁹ Utilizada, em sentido oposto, por Asdrúbal Barca em 208 a.C.. A escassez de abastecimento alimentício na região cantábrica em conjugação com a dificuldade de estabelecer ligação logística com a Aquitânia através das estradas acidentadas conectando-a com a Hispânia, constituem factores adicionais para que Pompeio opte por proceder à travessia dos Pirinéus pela vertente mediterrânica. Ver: Strabo, 3, 4, 17.

Uma vez firmemente transposta a grande cordilheira, Pompeio usa o poder das suas legiões para abrir caminho até à embocadura do Ebro, cortando os laços que unem os habitantes da orla costeira catalã ao poder sertoriano. A anexação do território dos Indicetes é realizada sem menção nas fontes de resistência por parte dos *populares*. As primeiras hostilidades entre Sertório e Pompeio ocorrem¹²⁴⁰ já no espaço dos Lacetanos, mas ciente da sua desvantagem num confronto convencional com as legiões¹²⁴¹, o caudilho opta por restringir os meios empregues a simples escaramuças que sobretudo cumprem o objectivo de oferecer experiência às tropas nativas recentemente recrutadas¹²⁴².

Na conclusão do ano de 77 a.C., o controlo *democrático* a norte do curso inferior do Ebro parece resumir-se às praças de *Ilerda* e *Tarraco*¹²⁴³, provavelmente defendidas por fortes guarnições. No momento em que Estrabão¹²⁴⁴ produz a sua *Geografia*, durante o principado de Tibério, esta última cidade¹²⁴⁵ é já uma metrópole mais populosa do que Nova Cartago, com uma influência que se estende para além do Ebro¹²⁴⁶. Recentes estudos apuraram tanto a opulência da cidade capital da Província Citerior¹²⁴⁷, como o poderio das suas defesas naturais e estruturas fortificadas, causa presuntiva para que permaneça um bastião *popular* até ao término do conflito sertoriano¹²⁴⁸. Pompeio toma posse de todo o restante litoral catalão, fértil território provido de óptimos portos para usufruto da sua frota¹²⁴⁹.

Durante os meses seguintes, a pausa das iniciativas militares dá lugar a uma intensa actividade diplomática, visando o general oligárquico abduzir o nativo da aliança previamente disposta pelo inimigo. Povos situados fora da órbita da regência sertoriana como os Autrigones, residentes na vertente ocidental dos Pirinéus, junto à

¹²⁴⁰ Strabo, 3, 4, 10.

¹²⁴¹ Plut., *Vit., Sert.*, 18, 1.

¹²⁴² Frontin. *Str.*, 1, 10, 2 ; Plut., *Vit., Sert.*, 16, 1.

¹²⁴³ Ainda em sua posse no início do ano de 72 a.C., como indica Estrabão (Strabo 3, 4, 6).

¹²⁴⁴ 64 a.C. – 24 d.C..

¹²⁴⁵ Ver: MACIAS, Josep M. ; RODÀ, Isabel – “Tarraco, the first capital”, in *Catalan Historical Review*, 8, Institut d’Estudies Catalans, Barcelona, 2015, páginas 9-28.

¹²⁴⁶ Estrabão (Strabo 3, 4, 7) refere-se, de forma imprecisa, aos governadores provinciais. Natural do Ponto, o geógrafo tem por referência o título de Prefeitos, comum designação do administrador do Egipto e outras regiões do Oriente. Contudo, a partir das reformas de Octaviano, a Hispânia Tarraconense seria gerida por um legado imperial propretor. Ver: BOWMAN, Alan K – “The Augustan Empire, 43 BC-AD 69”, in *The Cambridge Ancient History*, Volume 10, Second Edition, Bowman, Alan K. ; Champlin, Edward ; Lintott, Andrew (Ed.), Cambridge University Press, 2008, pg 344-370.

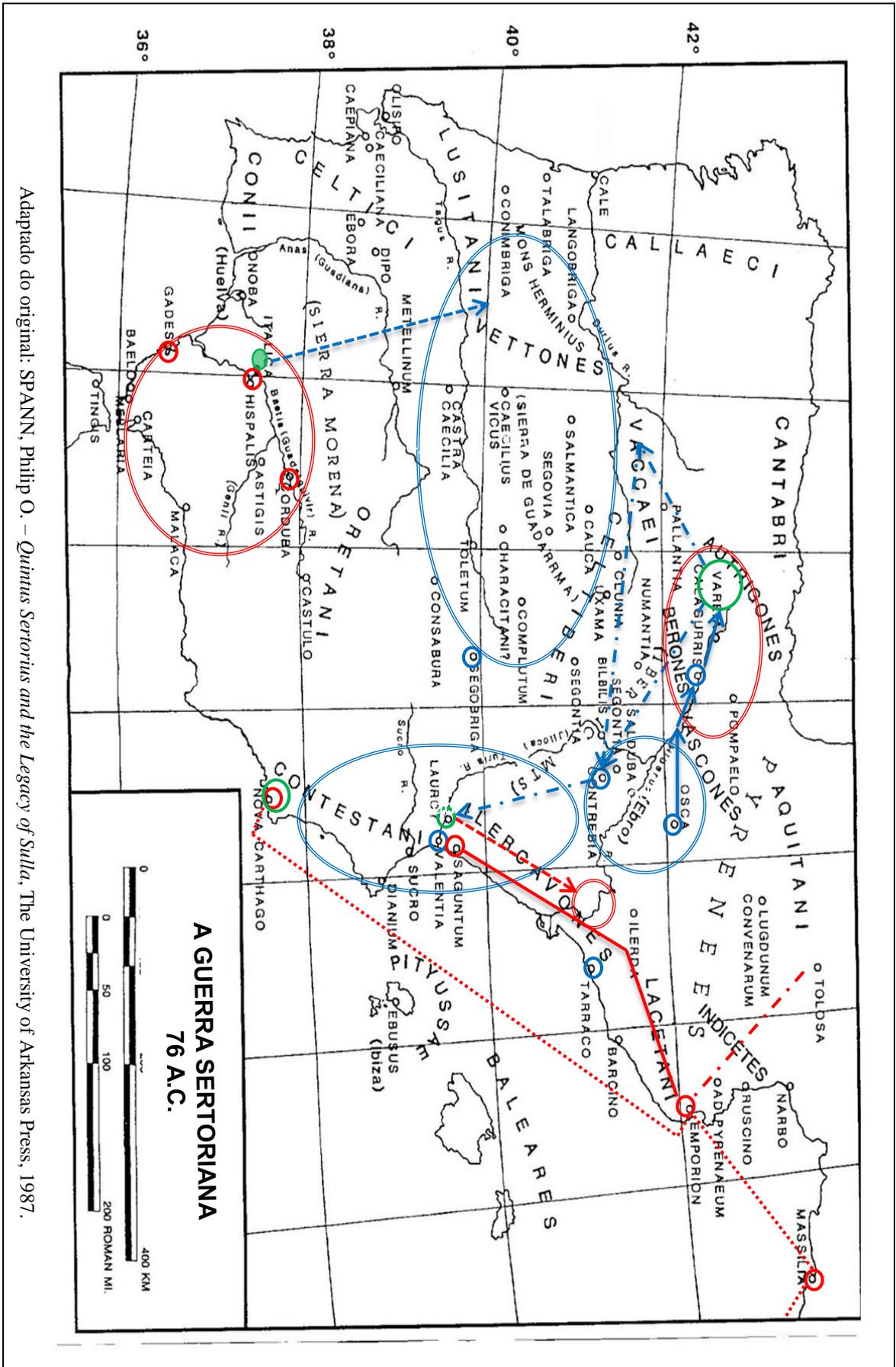
¹²⁴⁷ Incrementada durante a Idade de Ouro augusteana, na qual assume o estatuto de modelo da Cidade Eterna na Hispânia.

¹²⁴⁸ Strabo, 3, 4, 6 ; MACIAS, Josep M. ; RODÀ, Isabel – “Tarraco, the first capital”, in *Catalan Historical Review*, 8, Institut d’Estudies Catalans, Barcelona, 2015, páginas 9-28.

¹²⁴⁹ Strabo, 3, 4, 8.

costa cantábrica, e os Berones, mais a sul, entre os rios Ebro e Douro, tomam a iniciativa de enviar a Pompeio batedores para o guiar pelos caminhos da Hispânia, solicitando o seu auxílio contra o caudilho¹²⁵⁰.

¹²⁵⁰ Liv. Frag., 91.



Adaptado do original: SPANN, Philip O. — *Quintus Sertorius and the Legacy of Sulla*, The University of Arkansas Press, 1987.

4.4 – O ano de 76 a.C..

4.4.1 – A distribuição das forças *populares*.

No alvor da Primavera de 76 a.C.¹²⁵¹, os extensos recursos humanos, financeiros, administrativos, manufactureiros e logísticos afectos ao Estado de Osca permitem, a Sertório, dispor de um poderoso exército de 60.000 infantes e 8.000 cavaleiros¹²⁵², integrando tropas bem treinadas, aparelhadas, leais à liderança do caudilho e extremamente motivadas¹²⁵³. A acção conjunta dos seus partidários infiltrados entre a população nativa e o numeroso corpo de guerreiros montados de que dispõe garante, ao caudilho, um excepcional serviço de informação sobre um amplo espaço operacional. A capacidade de localizar o inimigo e perturbar os seus destacamentos de colecta de víveres compõe uma das aptidões específicas das tropas sertorianas, granjeando-lhes considerável vantagem no domínio estratégico antes da ocorrência de um contacto táctico, onde as legiões concentram os seus valimentos.

Os vastos números que comanda e o corpo de oficiais que o auxilia concedem, a Sertório, a possibilidade de dividir as suas forças de forma a melhor defenderem o espaço territorial correspondente à soberania do Estado de Osca. Uma boa coordenação entre os vários corpos de exército autónomos, operando em distantes anfiteatros, é garantida através de uma eficiente rede de informações. Contra os inimigos que pressionam as fronteiras do seu domínio a partir de diferentes direcções, favorece o chefe *popular* um dispositivo aberto assente em unidades tácticas de comando autónomo, exercendo directo controlo sobre uma reserva interior de tropas de escol, cujo emprego temporizado visa garantir flexibilidade e capacidade de adaptação às ocorrências nas zonas de contacto.

A defesa do nordeste hispânico confronta Sertório com o cerceio da sua liberdade operacional. Em antinomia com o que ocorrera no decurso da campanha de 79-78 a.C., no contexto da qual a retirada estratégica era um recurso natural, conferir um sentimento de segurança à população urbanizada da Península Ibérica, exige a presença ou proximidade das suas forças militares. Os múltiplos benefícios extraídos do apoio prestado pelo mundo citadino hispânico têm, por contrapartida, o compromisso das

¹²⁵¹ ROTH, *op. cit.*, página 178.

¹²⁵² Oros., 5, 23.

¹²⁵³ Oros., 5, 23 ; SPANN, *op. cit.*, página 91.

tropas sertorianas com a sua defesa, requerendo a prática de um tipo de belicismo onde a amplitude do movimento se subordina às demandas posicionais. Contrariando o princípio guerrilheiro de dispersão de forças em busca de pontos de fraqueza do inimigo onde provocar o contacto, a nova doutrina operativa integra o assumir da luta contra um avanço em força por parte do exército de Pompeio.

Para os *populares*, a evasão do confronto com as legiões *conservadoras* representa a renúncia aos ganhos territoriais nesta parte da Hispânia, motivo porque as considerações militares de Sertório contemplam a defesa de centros urbanos e outras áreas de importância estratégica. Optar pelo simples abandono de espaço ao inimigo conforme havia sido feito, com vastos dividendos, no decurso da campanha lusitana de 79-78 a.C., representa um sacrifício pungente no contexto do anfiteatro de guerra levantino.

Com efeito, privar o Estado de Osca de parte substancial das suas infra-estruturas e fonte de poder humano por via da liminar renúncia a enfrentar as forças de Pompeio no seu antevisto trânsito pela costa levantina, constitui uma escolha extremamente custosa. O impacto sobre os recursos económicos e militares da facção *popular*, assim como as imponderáveis implicações no espectro político de um conflito em que as partes disputam o apoio do mesmo substracto, desfavorecem uma aposta exclusiva na mobilidade evasiva dos exércitos sertorianos. Uma defesa em profundidade institui-se, por conseguinte, como a solução de compromisso que melhor acautela a preservação das forças armadas, sem excessivo preço pago pela cedência criteriosa de terreno.

A preservação do controlo *mariano* sobre as praças de *Tarraco* e *Ilerda*¹²⁵⁴, situadas a norte da linha do Ebro, indicia que, na concepção estratégica preterida por Sertório aos seus tenentes na frente oriental, as cidades mais importantes dos seus aliados hispânicos deveriam ser guarnecidas com tropas dispostas para uma defesa estática, enquanto os exércitos constituiriam uma reserva móvel encarregada de delongar o avanço de Pompeio. O poder das legiões num choque frontal justifica que os *populares* renunciem a enfrentá-las perto do ponto de partida da sua marcha, antes aguardando pela perda do seu impulso com o atrito resultante do prolongamento da sua linha de operações. A subsequente reunião das reservas sob a chefia de Sertório com as forças dos seus tenentes estacionadas na costa levantina, colocará o exército *conservador* em risco de ser envolvido pelo contra-ataque planeado.

¹²⁵⁴ Strabo, 3, 4, 103.

O fragmento do livro XCI da *Ab Urbe Condita* de Tito Lívio informa-nos, com grande detalhe e clareza, sobre o contexto estratégico e distribuição dos recursos militares sertorianos no início da campanha deste ano, consistindo numa verdadeira preciosidade para o nosso conhecimento sobre o conflito. Ao comando do contingente de 20.000 infantas e 1.500 cavaleiros itálico-romanos com que se apresentara na Hispânia no Verão precedente, Marco Perperna Veientão é incumbido com a tarefa de assegurar a defesa da costa ilercavone.

Segundo Tito Lívio, Sertório dá instruções ao seu subalterno para proteger as cidades aliadas de assédio e lançar emboscadas a Pompeio quando o exército deste percorresse locais de exposição¹²⁵⁵. No território referente encontra-se já estacionado Gaio Herénio, antigo tribuno da plebe que se notabilizara pela acesa oposição manifestada contra a concessão do direito ao triunfo a Pompeio Magno, aquando o regresso deste da sua campanha vitoriosa na Sicília e em África contra os proscritos *marianos* que se haviam refugiado nestas regiões¹²⁵⁶. Apesar das fontes não o explicitarem, este tenente deveria chefiar o contingente representando a contribuição da Província Citerior para o esforço de guerra, que podemos situar em redor dos 10.000 homens¹²⁵⁷, de forma a dotar a oposição *popular* na costa levantina, com um número equivalente aos 31.000 homens liderados por Pompeio, de quem se espera uma marcha ao longo da rota litoral da Península Ibérica.

Um terceiro exército é confiado a Lúcio Hirtuleio, com a missão de conduzir nova campanha independente, desta vez no teatro de guerra da Província Ulterior. As baixas que Paulo Orósio refere ter sofrido na batalha de Itálica¹²⁵⁸, travada numa fase mais adiantada deste ano, permitem-nos situar os seus números em redor de 25.000 homens, provavelmente lusitanos e celtiberos na sua grande maioria. De acordo com a planificação de Sertório, Hirtuleio deve assumir a defesa dos estados aliados, mas evitando uma batalha campal contra o superior poder militar do procônsul *conservador*¹²⁵⁹. O dinamismo que caracteriza o estilo de comando de Hirtuleio destoa,

¹²⁵⁵ Liv., Frag., 91.

¹²⁵⁶ Gell., NA, 10, 20, 9.

¹²⁵⁷ Número de baixas sofridas por Gaio Herénio na batalha de *Valentia*, correspondendo à destruição do seu exército.

¹²⁵⁸ Oros., 5, 23.

¹²⁵⁹ Liv., Frag., 91.

(...)

“Escolhemos a defensiva estratégica sempre que o inimigo nos for superior. Fortalezas ou campos fortificados, que constituem a preparação principal dum teatro de guerra, oferecem naturalmente grandes vantagens, ao que se poderá juntar o aconhecimento do terreno e a posse de bons mapas. Na posse destas vantagens, um exército mais pequeno, ou um exército aquartelado num país mais pequeno e com recursos

contudo, com a passividade da estratégia que lhe é indicada, factor de enorme implicação para o evoluir do conflito.

Com um exército que, segundo o registo contabilístico que temos seguindo, podemos situar em redor de 12.000 homens, Sertório empreende campanha contra os Berones e Autrigones, dando continuidade à expansão do seu domínio por território hispânico. A presença do seu comandante de cavalaria, Gaio Insteio, indica a importância crítica atribuída pelo caudilho à actividade das suas tropas montadas no enfrentamento com as tribos setentrionais da Península Ibérica, munidas de excelentes recursos nesse ramo marcial. Um poderoso corpo de ginetes havia sido organizado aquando a criação do Estado de Osca e recrutamento em massa do autóctone. Os esquadrões de que dispõe Sertório devem ser constituídos, sobretudo, por equídeos celtiberos, dotados de excepcional rapidez, agilidade e resistência¹²⁶⁰, cuidadosamente treinados para obedecer aos comandos do cavaleiro.

Tendo usado toda a acumulação de abastecimento durante a campanha do Verão anterior, Sertório carece de meios para um confronto directo com Pompeio, bem provisionado pela frota que, ladeando o seu movimento para sul, lhe faz chegar as virtualhas oriundas de todas as províncias com conexão marítima à Hispânia. Por esse motivo, o caudilho não tem intenção de precipitar o choque com este adversário que, dependente da proximidade com a linha costeira para assegurar a sua logística, deverá renunciar ao risco de subir o curso do Ebro e travar batalha no coração do domínio *popular* na Província Citerior¹²⁶¹.

Calculou com exactidão Sertório, que o *adulescens carnifex* optaria por tomar posse do litoral hispânico, desde o espaço catalão onde invernara até Cartago Nova que resiste ainda ao poder da facção democrática. A marcha por território dos Contestanos conduzi-lo-ia até ao fértil vale do Túria onde pode encontrar o abastecimento necessário à permanência prolongada do seu exército e uma base logística para ulteriores operações¹²⁶². Uma adicional investida para sul visando subtrair à pirataria cilícia o seu refúgio naval em *Denia*, permite firmar uma rota mercantil segura até à Andaluzia.

mais limitados, está em melhor situação para enfrentar o inimigo do que se não as tivesse.” (CLAUSEWITZ, *op. cit.*, página 69).

¹²⁶⁰ Strabo, 3, 4, 15.

¹²⁶¹ Liv., Frag., 91.

¹²⁶² “Se não existirem outras razões importantes e decisivas (como, por exemplo, a localização do exército principal do inimigo), devemos escolher as províncias mais férteis para as operações, porque a facilidade de aprovisionamento aumenta a rapidez das acções.” (CLAUSEWITZ, *op. cit.*, página 68).

A disposição dos exércitos de Perpenna e de Herénio ao longo da costa ilercavone em detrimento de uma ancoragem na linha do Ebro, integra-se na estratégia de longo alcance definida por Sertório, sedimentada na poupança dos seus recursos antes de uma reunião de tropas no vale do Túria. Os seus tenentes são, por conseguinte, instruídos a aplicarem uma defesa elástica de forma a estarem aptos a proteger tudo o que o inimigo ainda não tomara, assim como prontos a acometer cirurgicamente se uma oportunidade de emboscada se apresentar¹²⁶³, mas sem correr o risco de perdas por motivo de uma resistência contra um avanço bem sustentado.

Com as suas forças solidamente plantadas no centro do teatro de operações, os *populares* poderiam agir de acordo com o princípio de concentração de recursos contra cada um dos adversários em separado. Contudo, apesar do treino intensivo que permitira familiarizar o guerrilheiro autóctone com os procedimentos de um soldado de linha, Sertório mantém fortes reservas quanto à sua capacidade para resistir a um exército *conservador* numa batalha formal¹²⁶⁴. A reunião em grandes números havia insuflado a confiança do hispânico e acrescentado à sua indisciplina, ao ponto de menosprezar os riscos que envolvem enfrentar as legiões em terreno aberto¹²⁶⁵.

Quando Sertório reconhece que é incapaz de conter a sua impaciência por travar batalha com palavras, permite que as forças nativas travem um recontro calculado para que a sua derrota não implique perdas excessivas. Apesar de nenhuma das fontes de que dispomos¹²⁶⁶ precisar o adversário e o local da derrota pretendida por Sertório, podemos contextualizá-la com a oposição a Pompeio em território dos Lacetanos, povo que havia afluído em grandes números para integrar os exércitos *populares*¹²⁶⁷.

Um esquadrão de cavalaria avança, assim, contra o inimigo, e tal como esperava o caudilho, as suas tropas em breve se encontram numa situação de embaraço, sendo dela resgatadas pelo atempado envio de auxílio que lhes garante um recuo em segurança até ao acampamento¹²⁶⁸. Aproveitando a ocasião para fazer compreender ao hispânico que a

¹²⁶³ Liv., Frag., 91.

¹²⁶⁴ “A seguir a isto, existem ainda duas razões que nos podem obrigar a optar por uma guerra defensiva. (...) Em segundo lugar, quando o inimigo nos for superior na condução da guerra. Num teatro de guerra previamente preparado, que conhecemos, e em que todos os pormenores jogam a nosso favor, é mais fácil conduzir a guerra e cometemos menos erros. Neste caso, se a falta de confiança nas nossas tropas e generais nos forçam a conduzir uma guerra defensiva, gostamos de combinar a defensiva estratégica com a tática – isto é, travamos batalhas nas posições por nós escolhidas, porque dessa forma estaremos expostos a cometer menos erros.” (CLAUSEWITZ, op. c, página 69).

¹²⁶⁵ Plut., Vit., Sert., 16, 1 ; Veg., Mil., 3, 12.

¹²⁶⁶ Frontin. Str., 1, 10, 2 ; Plut., Vit., Sert., 16, 2-4.

¹²⁶⁷ Plut., Vit., Sert., 16, 1 ; Strabo, 3, 4, 10.

¹²⁶⁸ Frontin. Str., 1, 10, 2.

guerra assimétrica continua a ser o melhor método no confronto com as legiões, Sertório recorre a uma alegoria dirigida ao encontro do conhecimento e mentalidade indígena. A consciência e motivação que pretende o caudilho inculcar no espírito das suas abatidas tropas é lograda através de uma arguta dinâmica de interacção de grupo. A análise crítica do malogro ocorrido em conjugação com o exhibir do método adequado para o enfrentamento das legiões romanas, eleva a confiança dos guerreiros hispânicos, enquanto exerce adicional pressão social sobre os membros que haviam pugnado pelo assumir de uma luta convencional¹²⁶⁹.

Frente ao poder das legiões de Pompeio, o método definido de defesa do domínio *democrático* consiste num perserverante fustigamento guerrilheiro e na cedência estratégica de terreno¹²⁷⁰. A manobra deverá ser empregue para frustrar os planos do inimigo, evitando-se o oferecimento de um alvo estático num ponto não fortificado mediante uma tentativa de resistência directa da sua marcha¹²⁷¹. Enquanto os tenentes destacados para a cobertura da frente levantina são instruídos a provocarem o embaraço do estimado avanço do *adulescens carnifex* para sul, uma ofensiva com as tropas que o caudilho mantém sob seu directo comando será antes dirigida sobre os territórios do Ebro superior. A frente activa é, de momento, constituída pela região a norte da Celtibéria onde o caudilho pode assegurar a colecta das provisões necessárias ao seu exército, vivendo da terra num espaço ainda poupado às devastações do conflito.

A resposta de Sertório à ameaça representada pelos exércitos *conservadores* provenientes de localizações fronteiriças extremas no que concerne à geografia do Estado de Osca, consiste em dispor forças comandadas pelos seus tenentes em pontos de bloqueio das antevistas trajectórias do avanço inimigo. Excedidos em número e, sobretudo, qualidade de tropas em ambas as frentes, os oficiais *populares* recebem ordem para responderem a um movimento das legiões com uma prudente retirada em luta pelo domínio sertoriano. A oportunidade para um decidido contra-golpe será determinada pelo usufruto das linhas interiores¹²⁷² que facultam, ao caudilho, o célere movimento de reforços entre posições. Com este sistema, maximiza-se a vantagem do controlo sobre o centro do anfiteatro de guerra frente aos exércitos dos procônules

¹²⁶⁹ Plut., *Vit., Sert.*, 16, 3-5 ; Veg., *Mil.*, 3, 11.

¹²⁷⁰ Veg., *Mil.*, 3, 26.

¹²⁷¹ Liv., *Frag.*, 91 ; Plut., *Vit., Sert.*, 18, 1.

¹²⁷² “Em estratégia, quem estiver cercado pelo inimigo estará em posição mais vantajosa do que aquele que cerca, especialmente se as forças forem iguais ou mesmo inferiores.” (CLAUSEWITZ, *op. cit.*, página 65).

romanos, cuja comunicação é dificultada tanto pelas distâncias assumidas na extensa perimetria de território inimigo, como pela interposição dos destacamentos *populares*.

A estratégia de Sertório consiste em tirar partido de todas as vantagens adstritas à possibilidade de travar uma guerra defensiva numa lata superfície geográfica, se necessário cedendo terreno de forma a atrair a compacta hoste *conservadora* para o âmago do seu domínio, onde os ganhos de uma batalha travada numa posição facultando a manobra em profundidade em torno da presa, sobrepujam os de uma mera repulsa num embate directo. Uma avaliação topográfica do anfiteatro levantino perspectiva os rios Ebro, Túria e Sucro como obstáculos naturais ao avanço de Pompeio, devido à orientação perpendicular dos seus cursos relativamente à sua linha de marcha ao longo da costa. Contudo, o Ebro situa-se numa distância demasiado propínqua em relação às bases do inimigo estabelecidas em território lacetano, para que Sertório decida arriscar uma contestação em força da travessia das legiões nessa latitude. Por seu turno, o rio Sucro, última linha de defesa fluvial na costa levantina, não constitui, devido à escassa profundidade do seu leito¹²⁷³, uma verdadeira barreira geográfica, meramente um virtual embaraço ao progresso de um exército legionário. A localização e fisionomia do Túria define-o, portanto, como o local selecto para a oposição que Sertório decide oferecer ao invasor, tanto mais que uma marcha paralela das suas reservas através dos trilhos da Celtibéria e sob a coberta dos Montes Ibéricos, pode permitir uma convergência sobre o inimigo a partir de diferentes direcções.

O domínio que as forças confiadas aos seus tenentes exercem sobre o amplo território separando o local de invernagem dos exércitos *conservadores*, dota Sertório com uma considerável capacidade de estorvo da sua tentativa de concerto ou união, de forma que nenhuma diligência é pretendida no sentido de precipitar o contacto, quando detém um claro benefício no posicionamento. A submissão de adicionais tribos hispânicas significa, também, o multiplicar dos recursos que podem ser, mais tarde, dirigidos num contra-golpe a uma eventual iniciativa romana. O evoluir da campanha de 76 a.C. confirma a acuidade com que Sertório perspectivara e nulifica o avanço de Pompeio. A vantagem estratégica que usufrui sobre o seu rival nas subsequentes operações será, contudo, desbaratada pela acometida extemporânea de Lúcio Hirtuleio à jugular de Metelo Pio encerrado no vale do Guadalquivir numa posição de

¹²⁷³ Strabo, 3, 4, 6.

inconsequência operacional, mas com os recursos táticos maximizados pela recolha na sua base de operações.

4.4.2 – A campanha de Sertório contra os Berones e Autrigones.

Durante o Inverno, enquanto Sertório consolidava o seu poder sobre as cidades levantinas, os hostis Berones e Autrigones haviam-se desdobrado em iniciativas diplomáticas, requerendo auxílio a Pompeio e procurando aliciar os Arévacos, seus vizinhos, a romperem a sua aliança com os *populares*. Decide-se, por isso, o chefe *mariano*, a garantir a segurança da sua retaguarda através da mobilização das suas reservas numa campanha de castigo contra estas tribos hostis, enquanto aguarda que a evolução dos acontecimentos nas outras frentes de guerra, lhe indique contra qual adversário deverá empenhar as suas forças disponíveis¹²⁷⁴.

Almeja o caudilho garantir a superioridade numérica no momento oportuno contra um dos generais *conservadores*, mediante uma convergência de tropas sobre a costa mediterrânica onde espera encontrar Pompeio, ou através da oposição a um eventual avanço de Metelo Pio sobre a Meseta. Em todo o caso, pretende Sertório manter as suas opções em aberto, de forma a refutar um sucesso oligárquico inaugural sobre os exércitos dos seus tenentes já dispostos no terreno, por via de um poderoso contra-ataque.

Partindo do seu aquartelamento em *Castra Aelia*, o caudilho sobe de forma pacífica o curso do Ebro até atingir a intersecção deste rio com o Jalón, limite do território dos seus aliados hispânicos. Prosseguir a sua marcha para noroeste envolve vencer a oposição que lhe é movida por uma sucessão de povos e urbanizações¹²⁷⁵. Ao penetrar no espaço dos *Bursaones*, tribo celtibera leal ao movimento *conservador* que deve o seu nome à cidade-fortaleza de Bursada¹²⁷⁶, sua capital, Sertório ordena a devastação dos campos e pilhagem das colheitas¹²⁷⁷. O mesmo trato é dado às cidades de *Cascantium* (Cascante) e de *Gracurris* (Alfaro), esta última de radicação romana, fundada por Tibério Semprônio Graco em 179 a.C..

¹²⁷⁴ Liv., Frag., 91.

¹²⁷⁵ BURILLO MOZOTA, Francisco – “Etnias y ciudades estado en el valle medio del Ebro, el caso de *kalakorikos / Calagurris Nassica*”, in *Kalakorikos*, 7, 2002, pp. 9-29, página 9.

¹²⁷⁶ BELTRÁN LLORIS, Miguel – “Sertorio en el valle del Ebro”, in *Sertorius, Libanios, Iconographie*, Pallas, 60, Presses Universitaires du Mirail, 2002, pp. 45-92, página 50.

¹²⁷⁷ Liv., Frag., 91.

Subjugadas estas populações hostis, Sertório atinge a importante praça de *Calagurris Nassica*¹²⁷⁸ com quem havia já estabelecido uma aliança, honrada pela notável lealdade dos seus habitantes ao longo de todo o conflito. Atravessando o rio Cidacos, afluente do Ebro, através de uma ponte que constrói para esse fim, Sertório ergue acampamento a noroeste da mencionada cidade e considera as suas opções.

O êxito das iniciativas empreendidas até ao momento concede, ao caudilho, margem para assumir o risco de dividir as suas forças e expandir a sua acção por múltiplos espaços operativos. Envia, desta forma, o questor Marco Mário ao território dos Arévacos e Cerindones¹²⁷⁹, seus partidários, para recrutar soldados nativos e transportar grão a partir dessas regiões para *Contrebia Leucada*. A salvaguarda dos mantimentos nesta cidade, constituída em ideal armazém devido às suas poderosas fortificações, viabiliza a empresa de futuras campanhas na Província Citerior contra Pompeio, circunstância tornada impossível no início do ano, devido à carência de víveres resultante das razias neste território, no decurso das hostilidades do Verão-Outono de 77 a.C.¹²⁸⁰.

Decidido a obter mais recursos humanos a partir do potencial demográfico nativo, em particular entre os povos que ainda não haviam integrado ou contribuído para a aliança, Sertório envia o seu comandante de cavalaria, Marco Insteio, num amplo movimento até à Hispânia central, com a missão de recrutar tropas montadas no território situado entre a cidade de Segóvia, localizada na Serra de Guadarrama, e a região dos Vaceus, correspondente ao curso central do rio Douro. Uma vez colectado o contingente autóctone pretendido, deverá o tenente sertoriano reunir-se aos outros corpos de exército convergindo sobre *Contrebia*, chave da ligação entre a Celtibéria e o litoral levantino.

Após ter despachado os seus oficiais com as respectivas missões, o líder *popular* conduz as suas próprias tropas através de território Vascão e ergue acampamento na fronteira com os Berones¹²⁸¹. Ao longo do espaço deste povo, desloca-se Sertório com o maior cuidado, batendo o terreno antes de fazer avançar os infantes num passo lento, em formação quadrada, prontos a defenderem-se contra uma súbita aparição da poderosa

¹²⁷⁸ Ver: ESPINOSA, Urbano – *Calagurris y Sertorio*, Biblioteca Virtual Miguel de Cervantes, Alicante, 2005 ; BURILLO MOZOTA, Francisco – “Etnias y ciudades estado en el valle medio del Ebro, el caso de *kalakorikos / Calagurris Nassica*”, in *Kalakorikos*, 7, 2002, pp. 9-29.

¹²⁷⁹ Ocupando a região da nascente do Douro.

¹²⁸⁰ Veg., *Mil.*, 3, 3.

¹²⁸¹ Liv., *Frag.*, 91.

cavalaria nativa, provavelmente um produto miscenizado¹²⁸² dos atributos da celtibera e cantábrica, que já lhe havia dado grandes transtornos no ano transacto, por ocasião do assédio de Contrebia. Por fim atinge Vareia¹²⁸³, situada próxima da nascente do rio Ebro, a mais importante cidade desta região¹²⁸⁴. Apesar da sua chegada se ter procedido durante a noite, as tropas montadas reunidas dos Berones e dos Autrigones vigiam toda a movimentação do caudilho, de forma que a população da urbe está perfeitamente alertada para a sua presença.

Não dispomos de nenhuma descrição do provável assédio desta praça ou do seu desenlace. Contudo, a subsequente campanha travada por Sertório na Província Citerior contra Pompeio, deixa subentendido um resultado favorável para as armas *populares*. Assegurada a submissão ou inoperacionalidade das forças berones, Sertório pode dirigir-se até à encruzilhada de *Contrebia Leucade*¹²⁸⁵, ponto de encontro dos corpos de exército previamente destacados. As iniciativas no vale do Ebro e do Douro tinham providenciado grandes resultados ao caudilho: a recruta de adicionais infantes arévacos, o reforço da sua cavalaria com esquadrões vaceus, o cerceamento do poder ofensivo das tribos hostis a norte da Meseta e a colecta do abastecimento indispensável para a condução de futuras campanhas em espaços despojados da sua produção cerealífera. Este último dividendo é de particular relevância no contexto do belicismo na Hispânia, onde a insuficiência em víveres condiciona todos os aspectos da operacionalidade de um exército.

4.4.3 – A luta entre as facções romanas pelo apoio nativo. O avanço de Pompeio entre os rios Ebro e Túria.

A actividade de Sertório no interior peninsular tem por custo de oportunidade o enfraquecimento da oposição erigida contra o avanço de Pompeio Magno. A reputação de invencibilidade do novo comandante produz os resultados almejados por um Senado romano que, após muitas dúvidas e hesitações, se constranger a razurar os preceitos jurídicos de forma a conceder-lhe o comando proconsular na Hispânia. Enquanto as tribos nativas aliadas a Sertório com menor firmeza dão sinais de intranquilidade ou se passam efectivamente para o lado *conservador*, os soldados de Metelo Pio, encerrados

¹²⁸² Strabo, 3, 4, 12.

¹²⁸³ Strabo, 3, 4, 12.

¹²⁸⁴ Liv., Frag., 91.

¹²⁸⁵ Liv., Frag., 91.

desde há um ano na Andaluzia, sentem o seu ânimo elevar-se com esperanças frescas devido à expectativa de apoio por parte do recém-chegado.

A transformação dos militantes de uma facção oligárquica que desde há quatro anos só havia conhecido derrotas e humilhações, numa força novamente prontificada à luta por via da simples presença de Pompeio, instiga Sertório a desdobrar-se em altivos discursos contra o seu adversário, afirmando, de forma zombeteira, que apenas devia precisar de uma cana e chicote para este rapaz¹²⁸⁶. Na realidade, a ousadia, a energia, a coragem, a disciplina e a confiança¹²⁸⁷ de Pompeio são atributos que merecem grande preocupação por parte do caudilho *democrático* que, apesar de pela primeira vez dispor de superioridade numérica, irá conduzir as suas campanhas com muito maior cautela do que anteriormente¹²⁸⁸. A guerra psicológica que tantas implicações acarreta num conflito civil e sublevação provincial, adquire adicional importância com a entrada em cena de um símbolo de vitalidade e valor marcial¹²⁸⁹.

De facto, Pompeio Magno representa, para Sertório, um novo tipo de desafio no sentido em que enfrenta um jovem destemido e arrebatador, ávido de sucessos que firmem o seu lugar na História como o maior homem produzido por Roma. Os golpes desferidos pelo sabino visam, por conseguinte, destruir a sua imagem, tanto quanto os seus recursos materiais. O carácter de Pompeio revelar-se-á na tenacidade e coragem exibidas no seguimento do desdouro da sua auréola de invencibilidade. A sua maturação pessoal vai realizar-se pelo polimento dos defeitos que o irão penalizar contra um oponente perito em explorar as fraquezas dos seus adversários.

No levantar do pano para o épico duelo entre os dois maiores romanos do seu tempo, o excesso de confiança e o nefasto egoísmo na busca pelos louros da glória, reprimem o explanar das qualidades de genial gestor que constituem o talento selecto de Pompeio. Sob a forja da derrota e da humilhação, o general *conservador* vai encontrar o seu próprio espaço e definir o seu modo de proceder para o resto da carreira, quando a intrepidez juvenil do tático é abandonada para dar lugar ao amadurecido estratega, a rapidez da execução à precisão cartesiana do cálculo, da brilhante golpada na batalha campal ao deliberado e científico controlo posicional do espaço de operações.

O progresso de Pompeio até às margens do Ebro realiza-se sem que este perca tempo com o investimento sobre Tarragona ou *Ilerda*, praças-fortes que mantêm o apoio

¹²⁸⁶ Plut., *Vit., Pomp.*, 18, 1.

¹²⁸⁷ Sall., *Hist.*, 2, 18.

¹²⁸⁸ Plut., *Vit., Pomp.*, 18, 2 ; Vell. Pat., 2, 29, 5.

¹²⁸⁹ Sall., *Hist.*, 2, 20.

à causa *popular* quase até ao término do conflito sertoriano¹²⁹⁰. A ruptura da linha exterior de defesa do Estado de Osca por via da dissidência de algumas tribos catalãs, colocara pressão imediata sobre a lealdade das populações ilerjavones. Desde os tempos da Segunda Guerra Púnica, que a conduta do hispânico perante uma contenda entre poderes estrangeiros coloniais consiste em precaver-se dos piores horrores do belicismo por via do estabelecimento de pactos, com o partido que assume vantagem. As recentes operações determinam, por conseguinte, que o fenómeno de dissociação das unidades tribais autóctones relativamente à causa sertoriana, se propague com a antevisão do avanço de Pompeio para sul.

No decurso do ano de 77 a.C., pela acção enérgica do uso alternante da força e de uma política de tratados diplomáticos, Sertório havia conseguido impor um espírito de comunidade no espaço conquistado pelos seus exércitos, baseado na suserania do Estado de Osca sobre um extenso número de povos hispânicos, fomentando um projecto que visava esbater as diferenças regionais e locais através de uma grande reunião territorial. A rápida expansão do movimento sertoriano pela Província Citerior no decurso do ano de 77 a.C., apenas pode ser explicada pela voluntária aderência por parte de uma extensa representação do elemento indígena. O aproximar da conflagração entre facções estrangeiras seria, em princípio, perspectivado como um grande inconveniente por parte de uma população já integrada na mundivência romana, praticante de actividades sedentarizadas requerendo tranquilidade como a agricultura, artesanato, extracção mineira e comércio mercantil.

O ressentimento decorrente da memória ainda viva da política de repressão e rapinagem pela qual Quinto Calódio se justifica em Roma, parece constituir o principal motivo para a instigação, no espírito do autóctone, de um desejo por mudança de mandos, que o faz conceber a figura de Sertório como um libertador. Todavia, com o arrastar da guerra, as demandas do caudilho em tropas nativas para formar a base das suas forças armadas, contrastam com o sistema tradicional de domínio romano, que exigira do hispânico apenas um auxílio complementar à constituição itálica das legiões. Pompeio Magno encontra, desta forma, um ambiente propício para a cativação de aderentes a partir das massas menos afectas à aliança recentemente estabelecida com o caudilho *democrático*.

¹²⁹⁰ Strabo, 3, 4, 103.

Durante a campanha do Verão-Outono de 77 a.C., Sertório havia aglutinado, no Estado de Osca, a maior parte do território do Levanto hispânico. A chegada de Pompeio Magno à Península Ibérica nos últimos meses desse ano, havia subtraído, ao domínio do caudilho, as regiões dos Indigetes e Lacetanos¹²⁹¹, passando o rio Ebro a definir a fronteira entre *conservadores* e *populares*. A vasta planície costeira que se estende por mais de quatrocentos quilómetros de comprimento entre esse marco geográfico fluvial e a cidade de Nova Cartago, transforma-se no principal anfiteatro de guerra para as operações dos anos de 76 a.C. e 75 a.C..

Dois povos indígenas, os Ilercavones e os Contestanos subdividem, etnicamente, a ocupação do espaço mencionado. A sul de *Tarraco*, ocupada pelo exército de Pompeio Magno, os Ilercavones residem num território distinto pela sua acessibilidade à marcha de exércitos por motivo da ausência de significativas barreiras geográficas. Dependendo, o florescimento do urbanismo, dos recursos naturais granjeados pelos rios, os cerca de duzentos quilómetros intermediando os vales do Ebro e do Túria estão desprovidos de grandes núcleos citadinos que, pontuando o espaço operacional, possam constituir um multiplicador para o poder das forças defensoras. O líder de um exército invasor é, por isso, poupado ao clássico dilema estratégico de ter de optar entre o custo de oportunidade e as baixas que envolvem a sujeição de importantes praças ou preservar a liberdade de movimentos assumindo o perigo da sua ultrapassagem.

Apenas no extremo meridional da radicação ilercavone um obstáculo geográfico o rio Túria, quebra a facilidade de deslocação pelo território ao longo da *uia Heraclea*¹²⁹². Os recursos hídricos e alimentares que providencia permitiram o desenvolvimento da cidade de *Valentia*, localizada na foz do curso fluvial¹²⁹³. Cerca de quinze quilómetros a norte, o rio *Palentia* oferece os mesmos préstimos a Sagunto¹²⁹⁴, primeira urbanização na trajectória de um exército proveniente de Tarragona¹²⁹⁵.

Enquanto as populações campestres levantinas parecem acordadas na adesão à causa sertoriana, as cidades, mais propensas a contrapor à inclemência do jugo colonial o benefício que retiram, para o dinamismo das suas actividades económicas e sofisticação da vida social, da integração no sistema de trocas do império romano,

¹²⁹¹ Sall., *Hist.*, 2, 82, 5.

¹²⁹² CADIOU, *op. cit.*, página 52.

¹²⁹³ Plin., *HN*, III, 3, 19-20.

¹²⁹⁴ Strabo, 3, 4, 6.

¹²⁹⁵ Pompon., 2, 92-94.

divergem nas suas opções políticas¹²⁹⁶. Em antinomia relativamente a *Valentia* que é transformada na base de operações de Gaio Herenio, Sagunto reclama o seu legado de bastião da fidelidade a Roma e preserva a proverbial ligação ao poder emanado da Cidade Eterna¹²⁹⁷.

Os apelos saguntinos e a profusão alimentícia que o território contíguo à cidade oferece às suas legiões¹²⁹⁸, incitam Pompeio a transpor o Ebro e encetar o movimento ao longo da costa ilerlavone, assegurando a linha de comunicação com a sua base logística sediada na Gália, através do curso terrestre e da assistência da frota. A aproximação ao porto de *Denia*¹²⁹⁹, não parece sustentar a actividade dos meios marítimos *conservadores*. Apesar das fontes serem omissas nas menções sobre o duelo náutico travado no Mediterrâneo, o enquadramento que podemos subentender é o do que, se por um lado, a baía de *Denia*¹³⁰⁰ parece garantir um refúgio inexpugnável à pirataria cilícia, por outro, as iniciativas desta apenas provocam a perturbação das comunicações navais do inimigo, não o seu corte ou bloqueio.

Três referências dos autores de época contribuem para esta ilação: a carta que Pompeio dirige, em 75 a.C., ao Senado romano¹³⁰¹, aludindo ao financiamento e provisões recebidos por Metelo Pio no ano anterior (76 a.C.), quase de certeza por via marítima; o domínio exercido pela facção oligárquica sobre as cidades costeiras da Província Citerior, mencionado por Pompeio no mesmo documento¹³⁰²; a ocupação da cidade de Nova Cartago por Gaio Mémio, provavelmente através de uma operação anfíbia¹³⁰³.

Antes do início da sua campanha entre o Douro e o Ebro, Sertório havia instruído os comandantes que destacara para a frente de guerra oriental, a utilizarem a plataforma constituída pela planície ilerlavone como um espaço para aplicação de uma defesa estratégica em profundidade, cedendo terreno diante de um sólido avanço por parte do adversário e reservando a acção dinâmica para um contra-ataque, caso surgisse a oportunidade para o emboscar. A marcha de Pompeio parece proceder-se de acordo com um cuidadoso planeamento, de forma que os tenentes sertorianos apenas são bem sucedidos em tornar mais lento o seu passo, pela zona de fácil transição entre o Ebro e o

¹²⁹⁶ Sall., *Hist.*, 2, 82, 9.

¹²⁹⁷ Liv., 21, 7 ; Strabo, 2, 26.

¹²⁹⁸ Polyb., 3, 17, 1.

¹²⁹⁹ Sall., *Hist.*, 1, 114.

¹³⁰⁰ Strabo, 3, 4, 6.

¹³⁰¹ Sall., *Hist.*, 2, 82, 9.

¹³⁰² Sall., *Hist.*, 2, 82, 9.

¹³⁰³ Cic. *Balb.*, 1.

Túria¹³⁰⁴. A quebra no ritmo do progresso *conservador*¹³⁰⁵ é, contudo, um elemento decisivo para o facultar das operações no interior hispânico, temporizadas com rigor no cálculo de Sertório, que parece consumir a apreensão de toda uma miríade de detalhes que influenciam ou determinam o resultado de uma guerra.

Conjugada com a baixa da moral afectando tropas sujeitas a sucessivas retiradas, o impacto político do avanço do inimigo conforma uma das grandes desvantagens de ceder terreno num sistema de defesa elástica. Podemos presumir que as legiões de Pompeio são acolhidas de forma triunfal pela população saguntina que incentivara o seu progresso para sul. Após erguer acampamento nos arredores do rio *Palentia*¹³⁰⁶, o general romano confronta-se com o novo nível de dificuldade que representa a passagem do Túria. Com o exército de Gaio Herenio firmemente ancorado em *Valentia*, praça localizada perto da embocadura do rio, a deslocação da hoste *conservadora* ao longo da costa encontra-se obstaculizada. A alternativa a uma acometida frontal contra uma posição de força ocupada pelo inimigo consiste no vadeio do curso de água num local mais a montante. A notícia que lhe chega de que a cidade de Lauro havia abandonado a aliança sertoriana e declarado a sua adesão à facção oligárquica compele, o procônsul, a marchar sobre esta urbanização.

Uma orientação estratégica defensiva assente na evasão e artifício fora favorecida pela chefia sertoriana, nesta primeira fase da campanha contra Pompeio. A rejeição peremptória da batalha campal é acrescentada pela parcimónia na condução de operações incisivas típicas de uma guerrilha. Emboscadas, sortidas contra a linha de comunicação e convergência de forças sobre destacamentos, deveriam ser executadas, apenas, se a exposição do inimigo assegurasse o seu sucesso.

O resultado tangível desta retracção procedimental das hostes *marianas* consiste na cedência sucessiva de espaço diante do avanço inexorável de Pompeio. O comandante oligárquico pode congratular-se com um progresso de duzentos quilómetros por território hostil até ao vale do Túria, onde parte do elemento urbano o acolhe favoravelmente, malgrada a presença de forças sertorianas. A lógica subjacente, na concepção do caudilho *popular* a esta importante perda de posição, clarifica-se, contudo, na resposta que dirige contra o exército *conservador*, após o ter atraído para o interior do seu domínio. A hábil orquestração estratégica das peças compond o

¹³⁰⁴ SPANN, *op. cit.*, página 94.

¹³⁰⁵ GARCÍA MORÁ, *op. cit.*, página 309.

¹³⁰⁶ Oros., 5, 23.

colectivo sertoriano evidencia-se quando, no seguimento das missões independentes que lhe foram atribuídas, uma pluralidade de unidades tácticas converge, de forma harmónica, contra as legiões de Pompeio.

Na abertura do corrente ano de guerra, Sertório havia favorecido um sistema de liderança descentralizada, visando dotar as suas forças armadas com a capacidade para exercerem a vigília sobre o conjunto de inimigos pressionando as fronteiras do Estado de Osca. O parcelamento do comando e dos efectivos disponíveis constitui uma estratégia de risco assumido que se justifica pelos condicionalismos logísticos associados à concentração de tropas no teatro de guerra hispânico, a par da necessidade de garantir a defesa do maior espaço possível. Manter aberta a comunicação entre as diferentes divisões operacionais e assegurar uma rápida confluência quando acercado o momento do embate táctico decisivo, são axiomas para o sucesso da execução do plano de campanha que a prognose do caudilho havia delineado.

Compelido a defender um vasto território ameaçado por adversários que podem acometer a partir de diferentes vectores, Sertório concebera um sistema facilmente adaptável a diferentes circunstâncias. A essência do plano consiste na fluída transição entre uma fase preliminar em que as suas forças fronteiriças cedem deliberadamente terreno diante da pressão do inimigo e um agressivo contra-golpe, decorrente do movimento pelas linhas interiores dos contingentes mantidos em reserva até ao ponto de concentração.

A campanha de Sertório na frente setentrional do domínio de Osca havia sido frutuosa: a posição *popular* solidificara-se no vale do Ebro e os seus recursos humanos foram acrescidos com a recruta de infantes arévacos por Marco Mário e cavaleiros vaceus por Marco Insteio. O caudilho pode agora enfrentar o poderoso rival que abriu o seu caminho ao longo da costa levantina, presentemente ameaçando a posição-chave de *Valentia*. Sertório parte da cidade de Vareia ao encontro dos seus tenentes na encruzilhada de Contrebia Leucade. A partir do local de convergência, a marcha é realizada em conjunto para sudeste¹³⁰⁷ em direcção ao rio Túria, onde conta, o sabino, interceptar o avanço do *adulescens carnifex*.

¹³⁰⁷ As fontes não indicam por qual das vertentes dos Montes Ibéricos se desloca o exército *popular*. Parece, contudo, razoável considerar que a superior mobilidade e inteligência das forças de Sertório garantiam a segurança de uma marcha paralela relativamente ao vector de avanço das legiões de Pompeio ao longo da costa levantina. É, assim, crível que o caudilho tenha prescindido de escudar a sua deslocação com a orografia dos Montes Ibéricos, usando uma rota mais directa pelo interior do território ilerconvone até ao vale do Túria.

De forma a se obter superioridade de meios sobre o exército de Pompeio Magno, é fundamental impedir a reunião das suas forças com as de Metelo Pio. Os recursos militares deste último encontram-se restabelecidos após um ano de convalescença nas fortificações urbanas andaluzes, período em que procede à recruta de auxiliares entre a população nativa, provavelmente equipada e treinada a combater segundo o modelo romano¹³⁰⁸.

A intensiva exploração das riquezas naturais e humanas da Andaluzia afecta à causa *conservadora* durante a regência de Metelo Pio, encontra-se subentida no poder atribuído à sua hoste, por Sertório, no início da campanha de 76 a.C..¹³⁰⁹ A concessão da cidadania romana a Lúcio Cornélio Balbo¹³¹⁰, natural de Gades e provável membro da elite mercantil do rico empório¹³¹¹, indicia uma abnegada anuência da população andaluza aos requerimentos do procônsul oligárquico¹³¹². Em adição, vestígios arqueológicos e numismáticos confirmam a actividade ininterrupta das minas de Cartagena e da região de Castulão no sul da Serra Morena, expressas na cunhagem e entesouramento datáveis deste período¹³¹³.

O vínculo entre as referências de Tito Lívio e Paulo Orósio permite-nos estimar o poder do exército *conservador* na Primavera de 76 a.C. em pelo menos 30.000 homens¹³¹⁴, força suficientemente numerosa para travar uma campanha ofensiva tendo como objectivo a deslocação até à Província Citerior. Contudo, a falta de iniciativa do general romano conspira com as ordens que Hirtuleio recebera do caudilho para evitar o contacto com as legiões romanas.

Segundo o relato de Paulo Orósio¹³¹⁵, Metelo Pio parece ainda não ter restabelecido o seu ânimo após o esgotamento das suas capacidades físicas e anímicas

¹³⁰⁸ CADIOU, François – *Hibera in Terra Miles. Les armées romaines et la conquête de l’Hispanie sous la République (218-45 av. J.-C.)*, Casa de Velázquez, Madrid, 2008, página 262 ; PRAG, Jonathan R. W. – “Provincial governors and auxiliary soldiers”, in *Les gouverneurs et les provinciaux sous la République romaine*, Nathalie Barrandon & François Kirbihler (Dir.), Presses Universitaires de Rennes, 2011, páginas 17-18.

¹³⁰⁹ Liv., Frag., 91.

¹³¹⁰ Cic. *Balb.*, 5.

“PINA POLO, Francisco – “Les Cornélii Balbi de Gadès: un exemplo de clientélisme provincial?”, in *Les gouverneurs et les provinciaux sous la République romaine*, Nathalie Barrandon & François Kirbihler (Dir.), Presses Universitaires de Rennes, 2011, pp. 189-203).

¹³¹¹ Strabo, 4, 5, 3.

¹³¹² PINA POLO, Francisco – “Les Cornélii Balbi de Gadès: un exemple de clientélisme provincial?”, in *Les gouverneurs et les provinciaux sous la République romaine*, Nathalie Barrandon & François Kirbihler (Dir.), Presses Universitaires de Rennes, 2011, pp. 189-203, páginas 189-190.

¹³¹³ CALLEGARIN, *op. cit.*, página 34.

¹³¹⁴ Liv., Frag., 91 ; Oros., 5, 23.

¹³¹⁵ Oros., 5, 23.

durante a campanha na Lusitânia. A fadiga decorrente dos combates¹³¹⁶ e, eventualmente, a arteira concessão ao petulante, ambicioso e temerário jovem colega procônsul, da oportunidade para provar o seu valor, assumindo a totalidade do risco de enfrentar Sertório, induz o oponente directo de Hirtuleio a uma conduta de passividade. A transversal perda de respeito que lhe merece a sociedade, desde o inimigo sertoriano às massas populares hispânicas¹³¹⁷, da soldadesca ao oficialato compondendo a sua comitiva¹³¹⁸, parecem ter diminuído de forma sensível a confiança de Metelo Pio. No círculo da elite senatorial, em Roma, onde havia firmado, com distinção, a sua presença, não se lhe credita capacidade suplementar a uma enclausura na Turdetânia, motivo porque se razuram os dispositivos legais e a tradição ancestral para enviar outro exército para a Península Ibérica.

A heróica tarefa almejada por Pompeio de abrir o seu próprio caminho ao longo da costa hispânica e socorrer o representante de uma oligarquia decrépita no seu refúgio, pactua com a indisponibilidade de Metelo Pio em facilitar o labor do seu novo colega, com préstimos da sua parte. Chave para a superioridade numérica dos *populares* sobre *conservadores* no vale do Túria, o idoso comandante renuncia a percorrer a distância que o separa da costa levantina e ter qualquer envolvimento no desenrolar do crítico confronto que nela decorre¹³¹⁹.

Metelo Pio havia partido para a Hispânia em 79 a.C. para exercer uma magistratura provincial na sucessão do consulado na Itália, por vontade expressa de Sula¹³²⁰, que nele reconheceu capacidade para deter a insurgência lusitana chefiada por Sertório. O entusiasmo com que o distinto aristocrata acolhera esta incumbência parece fundamentar-se no cumprimento dos seus deveres de homem de Estado e firme patriota romano tendo-lhe, as humilhações entretanto sofridas, retirado a resolução para assumir de novo a iniciativa da luta.

Em contraponto, Pompeio força o Senado a conceder-lhe um mandato extraordinário para uma campanha que concebe como um passo decisivo para o preenchimento do seu currículo. Desejoso de se cobrir de glória, percorre a distância que o separa da Hispânia num curto espaço de tempo e avança com vivaz confiança até

¹³¹⁶ Oros., 5, 23.

¹³¹⁷ Plut., *Vit., Sert.*, 13, 5.

¹³¹⁸ Plut., *Vit., Sert.*, 22, 3.

¹³¹⁹ Sall., *Hist.*, 1, 31.

¹³²⁰ App. *B Civ.*, 1, 97, 1.

à linha do Ebro¹³²¹. Apenas o Inverno de 77-76 a.C. coloca um freio ao seu desejo de subjugar o inimigo quando este se prestar à luta ou retirar-lhe os seus aliados hispânicos caso se evada da defesa territorial.

No período de tempo em que Sertório conduz a sua empresa contra os Berones e Autrigones, Pompeio repele as forças de Perperna diante de si, até firmar arraiais nas imediações de Sagunto. O seu entusiasmo juvenil, o carisma magnético, a vigorosa actividade, a ambição desmedida, oferecem um reverso notável com as fraquezas humanas que diminuem o valor do comando do seu colega proconsular¹³²².

As desinteligências entre a cupidez por conquistas de Pompeio e a letargia de Metelo Pio retiram, às legiões *conservadoras*, a execução concertada do plano mais objectivo que poderia ser delineado: a reunião dos dois exércitos num local relativamente equidistante dos respectivos pontos de partida da sua deslocação. A confiança que domina o espírito de Pompeio neste momento de aparente triunfo, contrapõe-se à tomada de consciência de que o cúmulo de sucessos registados desde o início da campanha na Hispânia, integra o extenso âmbito de uma armadilha mortífera assente em sucessivas concessões posicionais, por parte de um inimigo dotado com uma notável capacidade de cálculo do advir.

O comandante *conservador* parece orientar-se sob a ilusão de que detém ainda a iniciativa, ignorando que a concentração de tropas do seu adversário lhe confere meios para placar o avanço das suas legiões sobre as praças dissidentes, mesmo capacidade para visar o seu envolvimento. Dadas as circunstâncias, assumir uma atitude defensiva nas margens do rio *Palentia*, defendendo o espaço já conquistado, consiste na mais prudente opção para Pompeio. Contudo, o apelo dos habitantes de Lauro e a subsequente penalização que sofreria a sua imagem na apreciação do indígena, caso abandonasse ao seu destino uma cidade que assumira o risco de passar para o seu lado, são incitamentos irresistíveis para o afoito procônsul romano, que decide prosseguir a ofensiva.

Cristaliza-se, no desenrolar das subseqüentes operações, a profundidade do pensamento estratégico de Sertório, quando definira como imperativo nas ordens enviadas a Perperna, provocar o contacto com Pompeio apenas se numa situação de clara vantagem. Compensando a perda de território e a quebra de prestígio das armas sertorianas, o caudilho poupara os seus recursos humanos na fase em que estes se

¹³²¹ Oros., 5, 23.

¹³²² Plut., *Vit., Sert.*, 18, 1.

encontravam mais dispersos e expostos, até a reunião das suas forças no ponto de decisão, garantir os meios adequados para o sucesso do contra-ataque.

O domínio sobre o centro do espaço de operações dota Sertório com a capacidade para exercer a vigília sobre os movimentos do inimigo e contrariar a aplicação dos seus planos. Os danos infligidos à estrutura defensiva *popular* por via da retracção da sua fronteira até ao rio Túria, são contrabalançados pelo dinamismo da movimentação dos seus exércitos e pelas potencialidades tácticas decorrentes do poder humano entretanto congregado.

No plano de Sertório, a atracção das legiões *conservadoras* para territórios mais meridionais da Hispânia permite-lhe assumir a iniciativa no momento crítico, de forma a colocá-las sob a pressão de terem de enfrentar uma força que supera os seus próprios números. O aríete que parecia constituir o exército de Pompeio, investindo decididamente ao longo da costa levantina, transforma-se numa célula isolada e exposta à concentração de tropas sertorianas.

No momento em que o jovem comandante se estabelece nas margens do rio *Palentia*, a alteração das condições estratégicas da luta em favor da causa *democrática* não constitui, contudo, uma evidência para muitos dos residentes do fértil vale do Túria. Uma prudente tomada de decisão sobre que contendor apoiar com base no cálculo entre os respectivos meios e capacidade de liderança dos comandantes rivais, é dificultada pelo elevado estatuto a ambos atribuído¹³²³.

A constituição do Estado de Osca no seguimento de uma série de notáveis feitos de armas, firma a convicção, mesmo entre os seus inimigos, de que Sertório é o mais hábil general do seu tempo¹³²⁴. Contudo, a chegada de Pompeio suscita novas interrogações quanto ao devir das hostilidades, dada a sua invencibilidade contrapor-se à consolidada carreira do sabino. A grande distância do tempo em que o brilho de Júlio César irá fazer empalidecer a sua estrela, o fascínio colectivo em torno do prodígio do Piceno acumula-se a cada nova façanha conferindo, à sua vontade, a verossimilhança com uma força natural implacável. Nem a própria legalidade reverenciada em Roma e a oposição inicial de Sula haviam impedido que obtivesse o direito a um precoce triunfo, quando o reclamou perante o ditador no auge do poder deste.

Decididamente concentrado na obtenção do sucesso pessoal, Pompeio impressiona a sociedade do seu tempo pela confiança inquebrantável que deposita na sua capacidade

¹³²³ Plut., *Vit., Sert.*, 18, 1-2.

¹³²⁴ Plut., *Vit., Sert.*, 18, 1.

para assumir e concretizar de forma reluzente, as mais críticas missões. A voz máscula, o firme porte, a intrépida coragem diante do perigo, a enérgica actividade, a aparência jovem e garbosa, condimentam o poder emanado pela sua presença. Devido às provas dadas numa multiplicidade de desafios de uma carreira egrégia, a proverbial veneração romana pelos valimentos da experiência é já incapaz de infundir suspeição sobre as suas qualificações. Dividido entre a guerra trazida por Sertório e os perigos para a estabilidade do regime que acarretam a anuência ao comando extraordinário de Pompeio, o colectivo oligárquico, vergado pela falta de recursos e renúncia das chefias consulares formais, decide-se pelo mal menor.

A oportunidade que almejava para se apresentar como um salvador é sofregamente aproveitada pelo jovem general que, em poucos meses, recruta e equipa um exército, transpõe os Alpes como um novo Aníbal e abre caminho pela oposição gaulesa até à Hispânia. Em consequência, “muitas cidades que estavam sujeitas a Sertório sentiram-se inclinadas a mudar a sua lealdade para Pompeio.”¹³²⁵

¹³²⁵ Plut., *Vit., Sert.*, 18, 2.



Fig. 1. Mapa de situación de los enclaves iberos y las referencias históricas de batallas. El trazo blanco grueso señala la ruta de tránsito más probable por el corredor del Vinalopó y de Montesa. Base cartográfica elaborada por M. Olcina.

Adaptado do original: SALA SELLÉS, Feliciano ; ABAD CASAL, Lorenzo ; BAYO FUENTES, Sonia ; DOMÉNECH BELDA, Carolina – “Las huellas de las guerras sertorianas en el Sureste de Hispania: elementos para la revisión histórica, in *La guerre et ses traces. Conflits et sociétés en Hispanie à l’époque de la conquête romaine (IIIe – Iers s. a.C.)*, François Cadiou ; Milagros Navarro Caballero (eds.), Ausonius Éditions, página 181.

4.4.4 - A emboscada da legião do proquestor Décimo Lélío. A batalha de Lauro.

Com Sagunto sob o seu domínio, a ocupação de Lauro¹³²⁶ permitia a Pompeio solificar a sua presença no vale do Túria antes de se lançar sobre *Valentia*, bastião das forças *populares*. Decide-se, por isso, Sertório a antecipar-se ao movimento do general *conservador* em defesa da praça dissidente, ocupando uma colina cujo domínio era essencial para a realização de um ataque à cidade¹³²⁷.

Apesar de ter sido batido pelo seu rival na corrida até Lauro, a apreciação preliminar de Pompeio, quando chega por sua vez ao local, é a de que a posição assumida por Sertório o encurrala entre as defesas da praça e as suas próprias legiões. Embevecido por esta circunstância afortunada¹³²⁸ envia uma mensagem aos habitantes da cidade, encorajando-os a dirigem-se às muralhas para observar Sertório a suportar um cerco¹³²⁹.

Acreditando que apanhara o inimigo numa armadilha da qual não pode escapar, a atuação de Pompeio é metódica. Em primeiro lugar estabelece o seu acampamento nas proximidades das forças *populares*, cortando a sua linha de retirada. A inclinação da colina onde se instalara o caudilho, ainda que possa conceder vantagem aos escaramuçadores hispânicos no arremesso de projecteis a partir de um plano mais elevado que o dos seus oponentes, também deve limitar as vias de escape a um exército massificado no cume, contribuindo para o embaraço dos seus movimentos¹³³⁰.

Uma vez assente no local optimizado para a enclausura do inimigo, o procônsul *conservador* procura assegurar a sua capacidade de permanência duradoura no terreno por via do acesso a adequada fonte de abastecimento. Podemos conjecturar que a fase subsequente do plano de Pompeio passaria por dispor o seu exército numa formatura envolvente com o objectivo de estrangular o campo de actividade das tropas sertorianas. Um adequado manuseio da superior capacidade de choque das legiões garantiria a vitória se o caudilho assumisse o risco de travar um embate táctico campal com a sua tropa mais ligeira, em alternativa a definar paulatina e inexoravelmente na sua posição com a falta de víveres.

¹³²⁶ Cidade cuja localização é desconhecida, provavelmente situada nas margens do rio Túria a montante de *Valentia*.

¹³²⁷ Plut., *Vit., Sert.*, 18, 3.

¹³²⁸ Plut., *Vit., Sert.*, 18, 3.

¹³²⁹ Plut., *Vit., Sert.*, 18, 3.

¹³³⁰ Veg., *Mil.*, 3, 8.

Contudo, em antinomia com a convicção do general oligárquico, quem na realidade controla de forma subtil e astuciosa, o evoluir dos acontecimentos, é o seu adversário. A precedência no local associado ao talento inato do indígena na batida, parecem constituir elementos de grande importância para a vantagem de Sertório na reconhecimento da fisionomia e manejo da actividade no terreno. Apesar do seu exército se encontrar virtualmente manietado pela presença de forças inimigas em pontos reversivos, nenhuma efectiva circunvalação impede o caudilho de destacar pelas vertentes abertas da colina onde se instalara, unidades tácticas de menor expressividade numérica em missões autónomas. Acções podem, assim, ser desenvolvidas pelos *populares* fora da cadeia legionária compondo o bloqueio tencionado por Pompeio, permitindo-lhes actuar com dinamismo num maior espaço.

Ademais, tendo antecipado que o voluntarismo do *adulescens carnifex* o levaria a focalizar-se no alvo constituído pelo rival, desconsiderando uma configuração mais ampla do campo de batalha, a força que Sertório dispusera à vista do inimigo representa uma fachada que não compreende a totalidade dos seus efectivos. Tropas *marianas* ocultas a alguma distância dos antagonistas confrontando-se nas proximidades da praça de Lauro aguardam pelo momento oportuno para tomarem parte activa no duelo que se abeira.

O plano operacional concebido pelo caudilho, fundamenta-se na capacidade de convencer Pompeio a desviar parte significativa das forças que se encontram resguardadas no seu acampamento, para terreno aberto. A disputa pelo assegurar de vitualhas oferece, justamente, a oportunidade para um ardil capaz de cumprir o mencionado objectivo.

Em redor de Lauro existem dois locais de extração de provisão: um situado nas cercanias das muralhas da cidade, o outro um pouco mais afastado. De forma a induzir o seu adversário no movimento que dele pretende, Sertório dá ordens para que o primeiro dos depósitos seja sujeito a contínuas incursões pelas suas tropas ligeiras, enquanto o mais remoto fica livre de qualquer iniciativa. Por esta via, convence o procônsul *conservador* de que o acesso a este último é seguro.

Esta cedência de posição voluntária, por parte do caudilho, de forma a que Pompeio aja conforme a lógica, consiste no gérmen de todas as subsequentes acções. Quando, ao fim de algum tempo, Sertório considera que o inimigo já procede às suas idas ao local de abastecimento com indolente confiança, uma emboscada é disposta visando as tropas encarregues da obtenção e transporte de víveres.

Uma importante força-tarefa integrando dez coortes armadas à romana sob a ordenança de Octávio Gracino, dez coortes de infantaria ligeira hispânica lideradas por Tarquínio Prisco, em adição a dois mil cavaleiros, é expedida, durante a noite, para o local¹³³¹. Conforme evidenciam os eventos sucedâneos, desta combinação de armas resulta a superior eficiência com que a divisão autónoma, destacada por Sertório, cumpre a missão que lhe é atribuída. Executando as suas instruções de forma enérgica, os oficiais *populares* deslocam-se a partir da colina dominando a cidade de Lauro sem serem detectados pelo inimigo e, após um cuidadoso exame do terreno, ocultam as suas tropas numa mata vizinha da zona de provisão, dispondo-as em três linhas¹³³². Os contingentes nativos, excelsos na perícia da camuflagem guerrilheira, constituem a vanguarda do destacamento, os soldados equipados com escudos pesados formam um pouco mais atrás e a cavalaria estabelece-se à retaguarda, para que nenhum som produzido pelos animais esteja a distância audível da presa. A mescla de infantes com tropas montadas numa emboscada era prática usual entre os hispânicos que treinavam os seus cavalos para se manterem em silêncio e ajoelharem com prontidão a uma palavra de comando¹³³³.

A disposição da infantaria em duas linhas, visa garantir a combinação entre um rápido impulso no cobrimento do terreno por parte dos escaramuçadores, com um ataque de poder crescente por via da entrada, na refrega, dos contingentes em formatura compacta. Com esta tropa de choque a operar por detrás dos ligeiros guerrilheiros, a potencialidade atacante da força sertoriana incrementar-se-ia após o contacto ter sido estabelecido e o inimigo preso ao terreno. A coordenação entre as unidades de diferentes aptidões de que dispõem os comandantes *democráticos*, permite a perfeita execução da emboscada¹³³⁴.

Os guerreiros *populares* permanecem em silêncio na sua posição até à manhã do dia seguinte, quando os homens de Pompeio, com nenhuma suspeita da proximidade do inimigo e carregados com provisões, iniciam o caminho de regresso ao acampamento. A falsa sensação de segurança determina que a disciplina da força de cobertura do comboio de logística seja relaxada¹³³⁵, de forma que vários dos legionários encarregues

¹³³¹ Frontin. *Str.*, 2, 5, 31

¹³³² Um dos fragmentos de Salústio (Sall., *Hist.*, 2, 29) descreve o método de emboscada de Sertório, salientando o uso de vários destacamentos. É, contudo, impossível de apurar se se reporta à presente operação em Lauro.

¹³³³ Strabo, 3, 4, 15.

¹³³⁴ Frontin. *Str.*, 2, 3, 10.

¹³³⁵ Polyb., 1, 16.

do dever de vigilância com as armas na mão, abandonam o seu posto para também eles forragearem em pequenos grupos ou por sua própria conta. Quando os hispânicos saíam subitamente do seu esconderijo e, com a sua usual desenvoltura, cobrem o espaço até à presa, lançam-se primeiro sobre as unidades mais isoladas que caíam sob os seus golpes ou são colocadas em fuga.

A pressão do ataque aumenta quando, no encalço dos escaramuçadores, as tropas de Octávio Gracino emergem das matas e acometem sobre o grosso do destacamento legionário, dispersando com o impacto da sua equipagem pesada as fileiras que tentavam organizar-se. A maior parte dos esquadrões de Tarquino Prisco são lançados numa perseguição frontal da infantaria romana quebrada¹³³⁶, enquanto uma unidade compreendendo duzentos e cinquenta cavaleiros, é dirigida por atalhos até um ponto de interposição entre o inimigo e a segurança do seu acampamento. Ultrapassando com facilidade os fugitivos pedestres, executam de seguida meia volta para atacarem os que haviam debandado primeiro, desta forma garantido que ninguém possa escapar¹³³⁷.

Ao ser informado do que ocorre, Pompeio tenta reagir com o máximo de presteza e envia uma legião sob as ordens do legado Décimo Lélío para reforçar os homens alvejados pela surtida. A vantagem que a combinação de armas compreendendo a força-tarefa *popular* rapidamente adquire sobre esta unidade táctica *conservadora*, consiste numa demonstração do puro talento de Sertório na previsão do tipo de movimento forçado que realizaria o inimigo. À chegada dos reforços, os ágeis ginetes hispânicos executam a sua emblemática manobra de falsa retirada, desviando-se para o flanco direito de forma a permitirem que a legião romana se reúna aos sobreviventes da patrulha de provisionamento. Contudo, mal o contacto é estabelecido entre as forças *optimates*, as tropas montadas de Sertório volteiam pelo exterior e tornam a fechar o laço sobre a presa atacando a retaguarda da legião de Lélío, enquanto a infantaria

¹³³⁶ “(...) a cavalaria só deve ser utilizada quando o inimigo já tiver sido fortemente fustigado pela infantaria (...). Daqui resulta que: a) A cavalaria deve ser posicionada atrás da infantaria. ; b) Não nos podemos deixar convencer facilmente a abrir as hostilidades com ela. Só devemos atacar com a cavalaria, nos casos em que a desordem campeia nas hostes do inimigo ou este tenha decidido bater em retirada prematuramente, uma vez que estas situações nos garantem boas possibilidades de sucesso.” (CLAUSEWITZ, *op. cit.*, páginas 49-50).

¹³³⁷ “Quero contudo ressaltar que, se não formos muito fracos em cavalaria, devemos constituir uma reserva especial desta arma que deverá ser mantida naturalmente na retaguarda com a seguinte missão: a) Cair sobre o inimigo quando este bater em retirada, atacando a cavalaria que este usa para se proteger. (...) b) Perseguir o inimigo mais rapidamente quando ele retirar (...). A cavalaria move-se mais rapidamente do que a infantaria e tem um efeito mais demolidor na moral das tropas que batem em retirada.” (CLAUSEWITZ, *op. cit.*, página 53).

mariana pressiona de frente¹³³⁸. Vendo as suas tropas esmagadas entre os contingentes inimigos, Pompeio, de novo condenado a agir em função das circunstâncias, conduz todo o seu exército para fora do acampamento, decidido a socorrer o seu legado.

Apercebendo-se desta iniciativa a partir do alto da colina onde se instalara, Sertório exhibe as suas tropas em ordem de batalha na vertente voltada para a oposição *conservadora*. Como refere Adrian Goldsworthy, “se Pompeio avançasse para auxiliar Lélío, então iria ser exposto a um massivo ataque pela retaguarda e sofreria, muito provavelmente, uma derrota catastrófica.”¹³³⁹ A ameaça profiláctica que o caudilho dispõe à observação de Pompeio, impede-o de prestar o crítico apoio aos legionários cercados, deflectindo o seu exército de regresso à segurança do arraial. Paralisado pelo virtuosismo das acções concertadas do inimigo, o jovem general, até este preciso momento invicto numa longa série de empresas militares, é forçado a assistir, impotente, ao massacre da legião de Décimo Lélío¹³⁴⁰ entre as linhas *populares*, desastre agravado pela captura do comboio de abastecimento do exército *conservador*¹³⁴¹. As 10.000 baixas mencionadas por Frontino¹³⁴² suscitam-nos, contudo, suspeita de um valor inflacionado. Os números que podemos atribuir à destruição de uma legião romana em adição às tropas encarregadas da colecta de víveres, devem oscilar entre 6.000 a 8.000 homens.

A perda de cerca de um quarto dos seus efectivos limita, de forma significativa, o âmbito de viáveis empreendimentos para a liderança oligárquica. O exhibir de recursos de generalato por parte de Sertório não havia, contudo, esgotado ainda o seu compêndio de ardis, materializando em ganhos efectivos uma intuição capaz de antecipar, no tempo e no espaço, as mais complexas evoluções operativas. O derradeiro floreado artístico para cercear a iniciativa do inimigo até uma estrita passividade na sua posição fortificada, é agora desferido.

Ocultos no interior do acampamento que o caudilho havia abandonado antes de ocupar a colina dominando o campo de batalha de Lauro, seis mil infantes aguardam pelo momento ideal para contribuírem para a magistral obra-prima que constitui a batalha “estratégica” planejada pelo chefe *popular*. Segundo Plutarco, Sertório enuncia

¹³³⁸ Quando pretendemos envolver estrategicamente o inimigo e precisamos, para esse envolvimento, duma arma que se mova mais rapidamente, então usamos a cavalaria.” (CLAUSEWITZ, *op. cit.*, página 54).

¹³³⁹ GOLDSWORTHY, Adrian – *Generais Romanos. Os homens que construíram o Império Romano*, Carlos Fabião (trad.), A Esfera dos Livros, 4ª ed., 2011.

¹³⁴⁰ Sall., *Hist.*, 2, 30.

¹³⁴¹ Frontin. *Str.*, 2, 5, 31.

¹³⁴² Frontin. *Str.*, 2, 5, 31.

a aproximação do destacamento à retaguarda da hoste de Pompeio com o comentário escarnercedor de que ele próprio daria a lição ao aluno de Sula que um general tem de olhar para trás de si ainda com mais cuidado do que para a sua frente¹³⁴³.

Desvela-se com esta manobra a extensão da armadilha disposta pelo caudilho: o assédio de Lauro na eminência da chegada do exército *conservador* constituía uma provocação com o objectivo de o atrair para a defesa da cidade, sujeitando-o, de seguida, a uma acção de bloqueio, decorrente da movimentação de unidades ocultas numa zona mais excêntrica do espaço de operações. O procônsul vê anular-se por completo a pressão exercida sobre a força principal sertoriana, devido ao perigo que incorreriam as suas próprias legiões se empreendessem um ataque frontal com tropas inimigas dispostas nas suas costas.

Neste primeiro confronto de titãs, Sertório demonstra quer uma maior apreensão quanto à forma de assumir controlo sobre os elementos de significância estratégica da superfície constituída pela cidade de Lauro e seus arrabaldes, como habilidade para combinar o posicionamento e acção das suas forças que, apesar de dispersas em torno das legiões de Pompeio, se protegem, mutuamente, numa precisa e eficiente harmonia. Numa peculiar disposição de triplo envolvimento, as tropas sob a directa ordenança do caudilho, situadas entre as muralhas de Lauro e a hoste de Pompeio, têm a subsistência assegurada pelo controle dos locais de recolha de provisões.

Situado entre as divisões inimigas, o general *conservador* não se arrisca a abandonar o seu acampamento para atacar qualquer uma delas em detalhe, devido ao perigo de convergência das restantes sobre a sua retaguarda e flancos. Uma saída para terreno aberto por parte das tropas oligárquicas, com a demora inerente ao assalto contra uma fracção das forças *marianas*, iria expô-las à completa destruição. Em opressiva inferioridade numérica após as perdas já sofridas, Pompeio encontra-se confinado ao recinto das suas fortificações, incapaz de provocar uma luta num local distante do seu presente poiso.

A mestria no domínio posicional do campo de batalha facultara, a Sertório, o garantir da completa inactividade do seu adversário enquanto prossegue o seu próprio assédio contra Lauro, sem que Pompeio se arrisque a fazer alguma coisa em defesa dos habitantes que haviam solicitado a sua protecção. Uma completa vantagem na ocupação e controlo espacial, por parte dos *populares*, restringe o comandante oligárquico a uma

¹³⁴³ Plut., *Vit., Sert.*, 18, 4.

postura de passividade. Qualquer iniciativa ofensiva colocá-lo-ia em perigo de acometimento por forças advindas de múltiplos vectores. Cada uma das unidades tácticas sertorianas encontra-se, assim, indirectamente apoiada pela ameaça de acção das suas correligionárias.

No momento da sua chegada às vizinhanças de Lauro, Pompeio iludira-se com a aparente fragilidade do inimigo que, ocupando uma colina situada entre a cidade e as suas legiões, parecia encurralado. Contudo, na presente evolução operativa, a posição escolhida pelo caudilho constitui um forte ponto centralizado no espaço de confronto. Após ter reduzido as tropas *conservadoras* à sua retaguarda, a uma postura estática, Sertório tem todo o tempo ao seu dispor para finalizar, confiadamente, o assédio de Lauro, cidade que se rende quando esgota a esperança de obter socorro por parte de Pompeio, permanecido no local como puro espectador dos acontecimentos, apenas pela vergonha de retirar diante do olhar dos seus partidários nativos. O trato conferido aos vencidos distingue-se de forma relevante da anterior clemência do caudilho: apesar de ser poupada a vida aos habitantes de Lauro, Sertório incendia a praça de forma a gravar a fogo e cinzel na mente do hispânico, a impotência do general oligárquico em lhes providenciar assistência, e na de Pompeio a cruel humilhação da sua primeira e completa derrota.

Por fim, o comandante romano volta as costas às chamas da urbe e retira do campo de batalha, levando com ele a recordação de uma penosa lição que não irá esquecer. A forja do homem amadurecido que Pompeio revela ter-se tornado no ocaso da Guerra Sertoriana é principiada pela terrível experiência do Lauro. A cada nova lição, a impetuosidade do jovem perseguindo um destino alexandrino¹³⁴⁴ numa luta contra a inclemência da passagem do tempo, vai dar lugar ao ponderado gestor de recursos humanos. O general saído do tormento hispânico maculado no corpo e alma por chagas em prélios infelizes mas, derradeiramente, vencedor da guerra, decidirá a sorte das suas futuras empresas por via da execução científica de um planejo estratégico. A temerária intrepidez com que Pompeio se lançara nas lides passadas cede lugar à meticulosa execução de operações militares segundo o princípio de redução do risco através do grémio de extensivos meios.

Não obstante as perdas sofridas, o exército *conservador* preserva suficiente poder para proceder à sua retirada da armadilha do Lauro, sem que Sertório vislumbre

¹³⁴⁴ Sall., *Hist.*, 3, 88.

uma oportunidade para o destruir durante a marcha. A coordenação entre as várias divisões *populares* em torno do acampamento de Pompeio, havia bastado para que este fosse dissuadido de intentar um ataque. Contudo, não contêm estas forças dispersas pelo espaço em diferentes unidades, potencial humano para distenderem as suas linhas num verdadeiro laço circunvalador apto a comprimir o conjunto legionário, sem que um investimento focalizado, por parte deste, facilmente rompa por uma via de escape. Apesar do exército oligárquico ter sofrido uma severa derrota, sobrevive à confrontação com Sertório pela capacidade que preserva de se movimentar sem estorvo para longe do campo de batalha, por via da renúncia a um deliberado contacto com o inimigo.

De forma a salvaguardar a sua hoste de um perigo de aniquilamento, o destino natural da retirada de Pompeio consiste nas cidades do litoral catalão, onde conta ainda com o apoio indígena. Conforma-se esta localização com a referência de Apiano à invernagem de Metelo Pio e Pompeio nos Pirinéus, bem como a de Sertório e Perperna na Lusitânia.¹³⁴⁵ O rigor deste passo do autor helenístico merece-nos, contudo, grande cepticismo. Em primeiro lugar, nada nos dá a entender que Metelo tenha abandonado a Província Ulterior no decurso do ano precedente para se deslocar até ao teatro de guerra oriental. Também a menção de uma estadia dos exércitos *populares* no distante ocidente peninsular, durante o Inverno, nos parece fruto de um equívoco por parte do autor. Mais credível consiste na hipótese de deslocação pessoal de Sertório até à Meseta ou mesmo Lusitânia, de forma a recrutar um novo exército após a destruição, na batalha de Itálica, da maior parte daquele que confiara a Lúcio Hirtuleio. Esta situação justificaria, igualmente, a inactividade frente a Pompeio durante os meses em que este se encontrava ainda a recuperar das perdas sofridas na batalha de Lauro.

Quanto ao paradeiro de Pompeio, elementos adicionais legados pelas fontes consistem nos que retiramos do discurso que, segundo Salústio, o jovem general dirige ao Senado em 75 a.C., onde se vangloriza de ter acampado para a invernagem longe das cidades, entre as mais selvagens das tribos inimigas¹³⁴⁶ Considerando o apoio dos Lacetanos e Indicetes à causa *conservadora*, a hostilidade nativa referida pelo comandante oligárquico tem sido associada às tribos do vale do Ebro¹³⁴⁷, sobre as quais Pompeio não havia firmado ainda, no início da campanha de 76 a.C., o seu poder. A

¹³⁴⁵ App. *B Civ.*, 1, 13, 110.

¹³⁴⁶ “Recepi Galliam, Pyrenaeum, Lacetanium, Indigetis et primum impetum Sertori victoris novis militibus et multo paucioribus sustinui hiememque castris inter saevissimos hostis, non per oppida neque ex ambitione mea egi.” (Sall., *Hist.*, 2, 82, 5).

¹³⁴⁷ SPANN, *op. cit.*, página 106.

partir desta posição, terá marchado novamente para sul na Primavera do ano seguinte, ocasionando as importantes operações em *Valentia* e no rio Sucro.

Não obstante a magnitude da derrota de Lauro, o general romano cede, por conseguinte, terreno apenas no estritamente requerido para a sua imediata sobrevivência. A humilhação sofrida não havia quebrado o seu espírito ambicioso e competitivo, evidenciando-se nas futuras acções, uma resoluta vontade em resgatar o prestígio perdido às mãos do seu rival. Dessa notável obstinação com que preservara frente às cruciantes adversidades que quase o derribam na mais crítica etapa da sua carreira, resultará um triunfo na conflagração hispânica que, apesar de empalecido do brilho de verdadeiras façanhas no campo de batalha, constitui um passo decisivo para os subsequentes ilustres voos.

Contudo, a retoma da ofensiva encontra-se de momento inviabilizada pela conjura entre a terrível sangria sofrida no recontro do Lauro e os efeitos da profunda desilusão que a sua inesperada derrota provoca nas urbanizações da Província Citerior, antes inclinadas a abandonar a facção *democrática*¹³⁴⁸. Por seu lado, o motivo que retrai Sertório de perseguir e aniquilar este inimigo pode atribuir-se, conforme atrás se mencionou, ao seu esforço pessoal na recruta de adicionais forças após a derrota sofrida, por Hirtuleio, na frente andaluza.

O comprometimento da defesa do espaço mesetano exige a presença do caudilho para criar um novo exército a partir das populações Celtiberas e Lusitanas, deslocando-o de uma iniciativa contra Pompeio. A posição isolada que o comandante *conservador* assume no noroeste peninsular torna-se, assim, num factor de menor relevância para a estima da sua vulnerabilidade. O impasse entre os principais antagonistas no teatro de guerra levantino até à Primavera do ano de 75 a.C. é, por conseguinte, decorrente da evolução das operações entre Metelo Pio e Lúcio Hirtuleio, motivo porque a incidência da nossa análise deve deslocar-se nessa direcção.

4.4.5 – A frente Andaluza. A batalha de Itálica.

A notícia da batalha de Lauro deve ter-se difundido com grande rapidez e ressonância por toda a Hispânia afectada pelo presente conflito. Quando duas grandes individualidades colidem num épico duelo, as paixões que inspiram magnificam a

¹³⁴⁸ Plut., *Vit., Sert.*, 18, 2.

reacção do meio social a cada momento de oscilação de forças e mutação das circunstâncias. A importância das perdas materiais envolvendo a derrota de Pompeio é multiplicada pelo poder simbólico associado à quebra da reputação da sua invencibilidade, elemento que havia sido determinante para atribuir um elevado grau de incerteza ao resultado do seu confronto com o caudilho¹³⁴⁹.

As ondas de choque do sucedido propagam-se até à Andaluzia onde Lúcio Hirtuleio e Metelo Pio travam uma insípida campanha, resultante do cumprimento, por parte do tenente *popular*, da cautelosa estratégia de contenção que lhe impusera Sertório e da renúncia do magistrado *conservador* em assumir o risco da iniciativa que lhe é cedida¹³⁵⁰. Ao tomar conhecimento da derrota de Pompeio, Metelo Pio opta mesmo por retirar-se para o interior das suas fortificações andaluzas. Embalado pelo desejo de corresponder à vitória alcançada por Sertório, Hirtuleio decide acompanhar o movimento do seu adversário.

Quando as tropas do comandante sertoriano atingem a praça de Itálica, situada nas margens do Guadalquivir, os seus espíritos devem jubilar com a sucessão de impressionantes êxitos que impulsionam a causa *democrática* desde o desembarque das magras forças do caudilho na Hispânia. O sucessivo envio de generais *conservadores* com novos contingentes de tropas para a frente peninsular, apenas alongara a lista de inimigos ignominiosamente batidos pelos métodos de chefia de Sertório e seus mais versados discípulos. As perdas entretanto sofridas pelos vencedores na multiplicidade de lutas travadas são insignificantes atendendo à dimensão dos resultados alcançados tanto na conquista de espaço como na destruição de forças antagonistas, que incluem exércitos legionários inteiros. Longe da expectativa de Hirtuleio encontra-se, portanto, a capacidade de um rival diminuído pelo desalento, se erguer subitamente das suas cinzas e exibir rasgo no campo de batalha.

Durante os anos de 79-78 a.C., a ineptidão de Metelo Pio em adaptar os usuais procedimentos romanos às especificidades do terreno e do inimigo, havia reduzido a acção das suas forças legionárias a uma genérica inoperância contra a elusiva guerrilha sertoriana. Contra Hirtuleio, o idoso procônsul romano renunciara mesmo a assumir a iniciativa para finalmente se retirar para as suas fortificações urbanas, em consequência da notícia da derrota de Pompeio. O presente desprestígio de Metelo Pio persuade o oficial sertoriano que a refulgente intrepidez com que, nas suas anteriores campanhas,

¹³⁴⁹ Oros., 5, 23.

¹³⁵⁰ Oros., 5, 23.

havia estilhaçado os planeamentos da oposição, se aplicaria com proveito ao presente desafio. Considerou, assim, que bastava um golpe jugular para converter em resultados materiais a retracção posicional do procônsul *conservador*. Falhou, contudo, Hirtuleio, em reconhecer que a longa experiência do seu oponente na guerra convencional, apenas solicitava uma oportunidade para se evidenciar.

Aos 54 anos¹³⁵¹, uma idade que parecia cobrar-lhe parte fundamental das suas aptidões físicas e anímicas, Metelo Pio surpreende o seu inimigo com a erupção de uma acometida táctica, um contra-ataque decidido sucedendo-se à exibição de fraqueza por via da cedência de terreno. Após uma árida campanha de marchas sem propósito e renitência em assumir a luta, a beligerância torna-se subitamente viva. Frente à temeridade do seu rival, Metelo Pio revela que o seu arrojo é tanto maior quanto a pressão e ameaça a que é sujeito numa guerra regular. Sem que, porventura, tenha sido sua intenção deliberada, o procônsul romano havia iludido o adversário com uma falsa sensação de triunfo que permite o seu acometimento na batalha de linha que, no decurso de toda a campanha hispânica, se havia escapado à sua captação. Julgando-se autonomizado da necessidade dos subterfúgios pretéritos, o tenente sertoriano expõe a sua guerrilha à acção directa de um inimigo dispendo de recursos consolidados nas suas bases operacionais¹³⁵².

Hirtuleio cede, assim, ao seu desejo por glória e incita o oponente a aceitar a luta em campo aberto, descurando preocupações básicas de preservação das condições de combate dos seus homens. Ao romper de um abrasivo dia de Verão, o tenente *popular* dispõe as suas tropas defronte aos entricheiramentos romanos¹³⁵³, mas o comandante *conservador* mantém-se na sua posição até ao entardecer¹³⁵⁴, altura escolhida para soltar o pleno poder das suas legiões¹³⁵⁵.

Tendo passado uma jornada inteira sob o sol inclemente do estio andaluz, as tropas de Hirtuleio encontram-se demasiado extenuadas¹³⁵⁶ para oferecerem luta às frescas coortes legionárias que carregam vigorosamente sobre a sua oposição. O épico duelo que se podia antever entre generais com métodos de comando distintos, nem sequer se aproxima desse patamar. O exército *democrático* é incapaz de resistir ao assalto dirigido por um adversário que, após uma sucessão de fiascos, finalmente se

¹³⁵¹ 130-63 a.C..

¹³⁵² Liv., Frag., 91.

¹³⁵³ Frontin. *Str.*, 2, 1, 2.

¹³⁵⁴ Veg., *Mil.*, 3, 11.

¹³⁵⁵ Frontin. *Str.*, 2, 1, 2.

¹³⁵⁶ Veg., *Mil.*, 2, 12.

reconhece no tipo de guerra convencional em que é um especialista. A convicção do tenente sertoriano na debilidade do seu inimigo, conduziu-o a um completo equívoco na guerra psicológica e ao desastre no campo de batalha.

O desânimo que levava Metelo Pio a refugiar-se na sua última linha de resistência, converte-se numa determinação inusitada para bater este rival desafiador e insolente. Um ataque surpreendentemente agressivo por parte do núcleo duro das legiões sobre a fatigada linha de batalha de Hirtuleio, parece ter-se sucedido à disposição do exército romano após a saída das suas fortificações¹³⁵⁷. A aparente letargia do procônsul que induziu o adversário a provocá-lo a travar batalha¹³⁵⁸, esvanece quando as forças pesadas *conservadoras* são lançadas para a vitória com um movimento de varredura que colhe em falso o excesso de confiança que se apossara dos *populares*. O comando sertoriano parece desconcertado pela ferocidade do ataque do seu oponente, incapaz de reagir de forma a evitar o colapso da sua hoste num recontro que as fontes deixam subentendido ter sido de curta duração, com um progresso unilateral e um mínimo de perdas para as legiões¹³⁵⁹. Apenas um fragmento do colectivo *democrático* escapa da matança de Itálica, registando, a tradição literária, o massacre de 20.000 dos seus guerreiros¹³⁶⁰.

As notícias que Hirtuleio pode oferecer ao seu superior hierárquico são as de que o rumo da guerra peninsular sofrera uma inflexão com a perda do exército cobrindo a frente ocidental. Após quatro anos em que os *marianos* nunca haviam conhecido o sabor de uma grande derrota, a importância deste desaire provoca o primeiro abalo da sua causa. A conjuntura estratégica que parecia ter evoluído para uma decidida supremacia da facção sertoriana, é restabelecida num equilíbrio de forças. Indirectamente, o resultado deste choque constitui um préstimo decisivo para granjear, a Pompeio, tempo para sarar as suas feridas no vale do Ebro sem temer a perseguição por parte do seu adversário.

Sertório consagra todo o restante ano de 76 a.C. a colmatar a sangria das suas forças no teatro andaluz, recrutando um novo exército para Hirtuleio a partir do chamamento às armas do nativo. Os anteriores préstimos do seu subalterno merecem-lhe a manutenção da confiança por parte do caudilho. Não obstante o grave revés, o hispânico responde ainda favoravelmente ao apelo às armas de forma que uma nova

¹³⁵⁷ Veg., *Mil.*, 3, 11.

¹³⁵⁸ Oros., 5, 23.

¹³⁵⁹ Frontin. *Str.*, 2, 1, 2.

¹³⁶⁰ Oros., 5, 23.

oposição se ergue diante de Metelo Pio, quando as hostilidades se reiniciam por altura da Primavera de 75 a.C..

4.4.6 – A frente marítima. A ocupação de Cartago Nova por Gaio Mémio. O restabelecimento das comunicações entre os procônsules romanos. Metelo Pio recebe provisões da Gália.

A inesperada vitória de Metelo Pio, em Itálica, representa uma verdadeira lufada de ar fresco para a causa *conservadora*. O garrote que parecia pressionar, inexoravelmente, o pescoço do regime a cada novo revés na guerra hispânica, é de súbito afrouxado. Com ambos os beligerantes indisponíveis para explorarem a fundo a vantagem alcançada numa das frentes de guerra por motivo das perdas sofridas na outra, um impasse gera-se até ao final do ano. Contudo, no domínio marítimo, uma intensa actividade contrapõe-se à pausa das grandes operações em solo firme. O controlo do porto de *Denia* permite, aos *populares*, perturbar as ligações marítimas entre a frota oligárquica operando na costa catalã e as cidades mercantis da Andaluzia¹³⁶¹. Trabalhos arqueológicos recuperaram equipamento militar legionário de uso pessoal, máquinas de guerra e cerâmica de tipologia campaniense em diversas jazigas situadas nas proximidades da base naval sertoriana¹³⁶². Segundo um recente estudo da autoria de uma equipa de investigadores da Universidade de Alicante¹³⁶³, estes depósitos são atribuíveis ao período de aliança da cidade de *Denia* e das tribos contestanas à causa *democrática*.

O acampamento romano de Villajoirosa (ou Vila Joiosa), Alicante, certifica a estância de tropas junto a uma área costeira que poderia talvez corresponder a uma unidade sertoriana (não está, contudo, excluída a possibilidade de pertencer a Pompeio), nomeadamente, contingentes norte-africanos e da Hispânia meridional incluídos nos exércitos em conflito¹³⁶⁴.

¹³⁶¹ SALA SELLÉS, F. ; BAYO FUENTES, S. ; MORATALLA JÁVEGA, J. – “*Dianium*, Sertorio y los piratas cilicios. Conquista y romanización de la Contestania ibérica”, in *Spal Monografías XVII. Piratería y Seguridad Marítima en el Mediterráneo Antiguo*, Alfoso Álvarez-Ossorio Rivas, Eduardo Ferrer Albelda, Enrique García Vargas (coords.), Universiad de Sevilla. Secretariado de Publicaciones, Sevilla, 2013, página 204.

¹³⁶² FRÍAS CASTILLEJO, Carolina – *El poblamiento rural de Dianium, Lucentum, Illici y la ciudad romana de La Ciudad Romana de la Vila Joiosa (siglos II a.C. – VII d. C.). Bases para su estudio*, Publicaciones Universidad de Alicante, 2010, página 48.

¹³⁶³ SALA SELLÉS, F. ; BAYO FUENTES, S. ; MORATALLA JÁVEGA, J., *op. cit.*, páginas 187-209.

¹³⁶⁴ ESPINOSA RUIZ, Antonio ; RUIZ ALCALDER, Diego ; MARCOS GONZÁLEZ, Amanda ; PEÑA DOMINGUEZ, Pedro ; MARTÍNEZ SÁNCHEZ, Ana M^a – “El campamento militar de las guerras

A eminência das falésias compondo este troço da costa levantina permite uma observação a grande distância, de forma que navios transitando por rota de cabotagem poderiam ser facilmente interceptados pelas lestras embarcações corsárias. Visando garantir um completo controlo sobre este espaço de elevado valor estratégico, os sertorianos haviam construído uma rede de guarnições em pontos encastelados da costa a sul do Cap de la Nau.¹³⁶⁵ O sucesso das actividades de predação cilícia sobre o tráfico mercantil cruzando a faixa marítima entre a Península Ibérica e o arquipélago de Ibiza, é confirmada pela presença de espólio de produção itálica nas mencionadas fortificações erigidas a sul do porto de *Denia*. Ânforas campanienses e utensílios de culinária para consumo de vinho¹³⁶⁶ e azeite, constituem alguns dos produtos que devem ter chegado às guarnições costeiras afectas ao Estado de Osca por meio da prática do corso¹³⁶⁷.

Com o interior peninsular sublevado contra o abuso do mando provincial romano, o controlo da costa mediterrânica é essencial para a viabilidade dos empreendimentos dos exércitos *conservadores* na região do Levante. Apesar de todas as vicissitudes sofridas na campanha do Lauro, Pompeio toma a audaz iniciativa de dividir as suas forças, destacando um contingente militar sob as ordens do proquestor Gaio Mémio, visando alcançar Nova Cartago por mar¹³⁶⁸, cidade que havia rejeitado a aliança com Sertório. Apesar das fontes¹³⁶⁹ referirem a adesão dos Contestanos à causa *popular*, Cartagena, situada no extremo meridional da área de implantação deste povo, confia no distanciamento geográfico, no poder das suas fortificações e defesas naturais que envolvem o recinto urbano, para resistir a um eventual assédio sertoriano¹³⁷⁰.

A importância estratégica desta cidade justifica que Pompeio acentue a redução do número dos seus efectivos de forma a nela solidificar a presença oligárquica. Ao comando de uma frota, Mémio desce a costa levantina sem que a pirataria cilícia sediada em *Denia* ouse deter-lhe o rumo. Talhada, sobretudo, para uma veloz convergência em matilha sobre a marinha mercante, a guerra de corso parece ineficaz para obstaculizar uma concentração de forças romanas.

sertorianas de Villajoyosa”, in *Las Guerras Civiles Romanas en Hispania. Una Revisión histórica desde la contestania*, Feliciano Sala Sellés ; Jesús Moratalla Jávega (eds.), Universidad de Alicante, 2014, pp. 115-126.

¹³⁶⁵ Ibidem, página 203.

¹³⁶⁶ Deduz-se que o vinho que circula em rodos no banquete em que Sertório é assassinado foi obtido por via do saque corsário na costa levantina.

¹³⁶⁷ SALA SELLÉS, F. ; BAYO FUENTES, S. ; MORATALLA JÁVEGA, J., *op. cit.*, página 205.

¹³⁶⁸ Cic. *Balb.*, 5.

¹³⁶⁹ Liv., *Frag.*, 91.

¹³⁷⁰ Strabo, 3, 4, 6.

A operação anfíbia de desembarque em Cartagena é concluída com sucesso, instalando-se o comandante oligárquico numa urbe que, situada a média distância entre os exércitos de Pompeio e Metelo Pio, constitui uma verdadeira plataforma de apoio para o restabelecimento do tráfico e das comunicações marítimas ao longo da costa mediterrânica peninsular. Encerrado no ocidente andaluz desde o término da campanha lusitana, o procônsul romano pode receber, ainda neste ano de 76 a.C.¹³⁷¹, provisões da Gália, território onde o regime oligárquico detém firme domínio. A restauração do nexo marítimo entre a Província Ulterior e Roma significa que a actividade disruptiva da pirataria sertoriana fora efectivamente reduzida pela presença da frota *conservadora*.

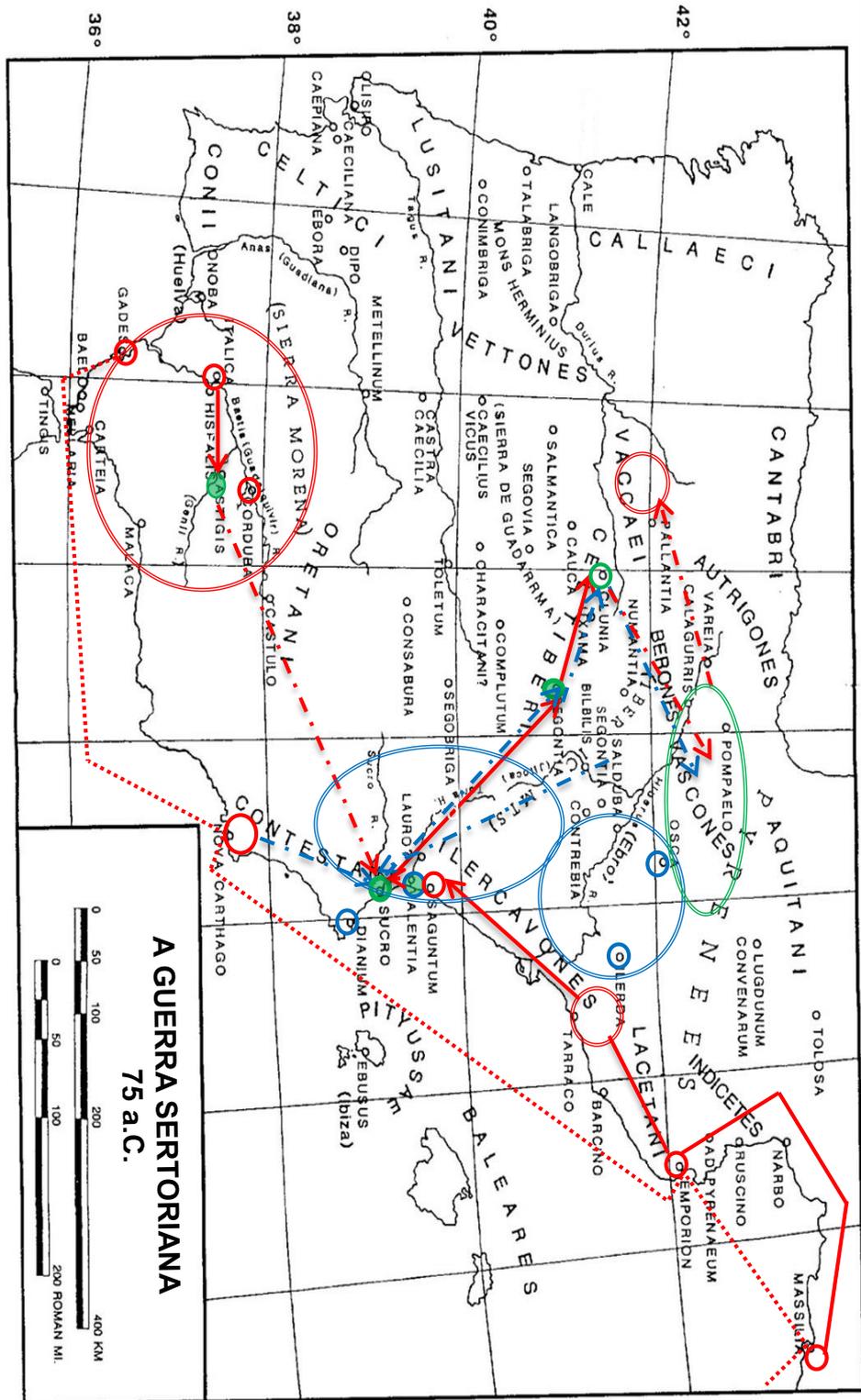
Nova Cartago não se limita, contudo, a assumir o estatuto de escala nas comunicações entre as províncias hispânicas: oferece uma base de operações segura para uma futura deslocação de Metelo Pio até à Citerior caso se decida, o procônsul oligárquico, a colocar entre duas frentes de acometimento, os exércitos sertorianos localizados no vale do Túria. Cícero menciona que Balbo, o aristocrata gaditano que será granjeado com a cidadania romana por distintos préstimos à República, se reúne a Gaio Mémio em Cartagena, acompanhando o questor de Pompeio nas futuras batalhas do Sucro e Segôncia¹³⁷². Confirma-se, desta forma, que uma ligação se estabelece por via marítima entre a metrópole insular de Gades e a cidade situada no extremo meridional do território contestano podendo, também, considerar-se como provável que Balbo tenha trazido com ele uma força auxiliar de proveniência turdetana, visando robustecer as defesas do bastião levantino.

Para Sertório, desalojar o inimigo desta posição fortificada envolve o transvio para uma posição excêntrica no contexto do teatro de operações levantino, de um importante corpo de tropas. Uma força *popular* de poder indeterminado pelas fontes é destacada dos exércitos defendendo a região valenciana, de forma a proceder ao cerco de Cartagena. Contudo, não podendo assegurar a submissão da cidade pela fome devido ao abastecimento que esta recebe por via marítima e incapazes de superar os afamados dispositivos defensivos da antiga capital do Estado bárcida¹³⁷³, os assediadores limitam-se a bloquear a operacionalidade do adversário. Em consequência deste impasse, Cartagena permanecerá como um espinho cravado no flanco da sediação sertoriana na Província Citerior.

¹³⁷¹ Sall., *Hist.*, 2, 82, 9.

¹³⁷² Cic. *Balb.*, 5.

¹³⁷³ Strabo, 4, 4, 6.



Adaptado do original: SPANN, Philip O. – *Quintus Sertorius and the Legacy of Sulla*, The University of Arkansas Press, 1987.

4.5 – O ano de 75 a.C..

O ano de 75 a.C. é pontuado pelos mais importantes recontros campais da Guerra Sertoriana, investindo os beligerantes o fundamental dos seus recursos humanos na tentativa de alcançarem uma solução através do aniquilamento tático do inimigo. Apesar do desgaste que implica o exercício de operações no anfiteatro hispânico determinar ainda momentos de incerteza quanto ao desfecho da luta, uma perspectiva global do conflito permite afigurar que o fiel da balança oscila de forma decisiva, antes do termo deste ano, para o lado da causa oligárquica. No período subsequente, os empreendimentos militares evoluem para uma lenta guerra de disputa de posições em combates de dimensão limitada, conferindo ao atrito que incide sobre a logística e moral das tropas um carácter de importância preponderante.

Vimos que, no decurso da segunda metade de 76 a.C., uma situação de impasse estratégico se havia gerado por via da vantagem alcançada por Sertório sobre Pompeio na frente levantina e de Metelo Pio sobre Hirtuleio na Província Ulterior. Este equilíbrio assimétrico é desfeito quando o procônsul romano converte num triunfo decisivo a sua superioridade sobre o tenente sertoriano e o caudilho *democrático* falha em derrotar conclusivamente Pompeio Magno.

A exibição de uma multiplicidade de recursos inventivos, por parte de Sertório, ditará o arrastar das operações ainda durante três anos até ao seu assassinio, mas com o passar do tempo torna-se perceptível o carácter minguante das expectativas da sua luta. A conquista do poder em Roma constitui, em breve, uma miragem e a disputa pela posse de território na Península Ibérica traduz-se em sucessivos recuos, com o derradeiro retorno aos procedimentos de guerrilha a assinalar a consciência de que apenas o desgaste anímico e material do inimigo pode adiar ou conferir dúvidas ao previsível resultado do conflito.

4.5.1 – A ofensiva de Metelo Pio contra Lúcio Hirtuleio. A batalha de Segóvia.

Durante a estação invernososa, Sertório reunira um novo exército para a frente meridional do teatro de guerra peninsular. Uma longa série de feitos até ao malogro tático em Itálica concede, a Lúcio Hirtuleio, suficiente margem de confiança por parte do seu superior para que permaneça num comando independente.

Composta a partir dos restos do substracto indígena lusitano e celtibero que ainda não havia sido chamado às armas, esta força é de qualidade provavelmente inferior à que tombara no funesto campo de batalha andaluz. As operações que irão decorrer reforçam a ideia de que o imperativo de travar uma campanha defensiva e evasiva frente a Metelo Pio havia sido reforçado nas instruções dadas pelo caudilho a Hirtuleio.

O movimento encetado pelos exércitos *conservadores* sobre os extremos longitudinais do espaço sob controlo *popular* no início da campanha de 75 a.C., constitui a maior ofensiva combinada da Guerra Sertoriana. O contraste entre a temerária avançada de Pompeio e tibieza de Metelo Pio no ano precedente, dá lugar a uma dupla acometida, consonante no seu arrojo. O facto da direcção do progresso dos generais *optimates* não ser centralizada mas definida pelo propósito de alcançar as forças sob os tenentes de Sertório e destruí-las, concede um tempo de reacção ao caudilho antes da reunião das legiões dificultar o seu confronto campal.

As fontes não precisam a localização de Sertório com as suas reservas, mas parece lícito atribuir-lhe o posicionamento numa encruzilhada dentro do domínio do Estado de Osca, de forma a garantir presteza no acudir a qualquer um dos pontos fronteiriços colocados sob ameaça. Tal como no ano precedente, a posição axial assumida pela guarda pessoal e demais tropas sob comando directo do caudilho garante flexibilidade estratégica ao seu dispositivo. A urgência da situação no oriente hispânico diante do fulgurante avanço de Pompeio, determinará Sertório a deslocar-se até essa frente de forma a concentrar as forças *marianas* que, confirmando uma tendência preserverante até ao final do conflito, soçobram na luta contra as legiões sempre que se encontram desprovidas da sua inspiradora liderança.

A dificuldade de reconstruir a campanha travada entre Hirtuleio e Metelo Pio decorre da incerteza historiográfica quanto à localização da praça de Segóvia onde, segundo Plutarco, ocorre o embate decisivo. A proposta de Teresa Gamito¹³⁷⁴ em associar esta povoação com o *oppidum* da moderna Elvas, parece pouco crível. Com efeito, a missão de Hirtuleio priorizaria a vigília dos movimentos de Metelo Pio, opondo-se a um avanço deste sobre espaço mesetano ou tentativa de junção com Pompeio, em operações na costa levantina. Da pertinência de ambos os objectivos

¹³⁷⁴ GAMITO, Teresa Júdice – “O castro de Segóvia (Elvas, Portugal), ponto fulcral na primeira fase das Guerras de Sertório”, in *O Arqueólogo Português*, Série IV, 5, 1987, páginas 149-160.

estratégicos resulta a problemática de favorecer a Segóvia da comunidade autónoma de Castela-Mancha ou a Segóvia andaluza, referenciada no *De Bello Alexandrino* (57, 6).

A primeira das hipóteses atribuiria uma iniciativa intrépida a Metelo Pio que, deslocando-se pela Via da Prata¹³⁷⁵, itinerário vertebral da frente lusitano-celtibera, procede do vale do Guadalquivir até ao coração da Meseta. Atendendo ao considerável distanciamento entre a Segóvia mesetana e a fronteira meridional da Lusitânia, podemos considerar, neste contexto, que Hirtuleio opta por ceder espaço ao adversário quando este se dirige ao seu encontro partindo das suas bases andaluzas.

Contudo, de uma perspectiva estratégica, afigura-se bastante mais lógico que o tenente de Sertório tenha recebido a incumbência de vigiar a rota directa que Metelo Pio poderia utilizar para se reunir a Pompeio, objectivo que será subsequentemente realizado com consideráveis implicações para o desenrolar do conflito. A Segóvia na Andaluzia, localizada nas margens do rio *Singilis* (rio Genil)¹³⁷⁶, cerca de 50 quilómetros a sudoeste de Córdova¹³⁷⁷, configura, por conseguinte, maior probabilidade do que a sua homónima no centro peninsular de corresponder à aludida no relato de época¹³⁷⁸, motivo porque pode ser priorizada no hodierno estágio de debate¹³⁷⁹.

A confiança adquirida após o triunfo em Itálica no qual resgatara parte das divisas de honra e prestígio que os malogros frente a Sertório lhe haviam extorquido, impulsiona Metelo Pio a seguir ao encontro de Hirtuleio. Na batalha que é travada, a preliminar formatura adoptada por parte dos dois generais, parece consistir no elemento decisivo para o resultado da luta. Informado de que Hirtuleio havia alinhado os seus batalhões de forma clássica, com as suas melhores tropas compondo o núcleo da disposição¹³⁸⁰, Metelo Pio volta a exhibir, após o período sombrio de enclausura nas fortificações andaluzes, os dotes de versado tático que o haviam notabilizado. A pretérita dificuldade em forçar o contacto com o lesto bandoleiro lusitano, deixa de ser um factor determinante quando o domínio de belicismo reverte para uma fórmula convencional.

¹³⁷⁵ PASTOR MUÑOZ, Maurício – “Vías de comunicación y relaciones comerciales entre Bética y Lusitania”, in *V Mesa Redonda Internacional sobre LVSITANIA ROMANA: Las comunicaciones*, Jean-Gérard Gorges, Enrique Cerrillo y Trinidad Nogales Basarrate (Eds. Cáceres), Facultad de Filosofía y Letras, 7, 8 y 9 de noviembre de 2002, página 202.

¹³⁷⁶ No *De Bello Alexandrino* (57, 6) menciona-se que a cidade se situa no rio *Singilis*, provavelmente o moderno rio Genil, principal tributário do Guadalquivir.

¹³⁷⁷ KONRAD, C. F. - “Segovia and Segontia”, in *Historia: Zeitschrift für Alte Geschichte*. 43,4, 1994, pp. 440-453.

¹³⁷⁸ Frontin. *Str.*, 2, 3, 5.

¹³⁷⁹ Ver: Roldán, 1985, p. 133 ; Chic García, 1986, p. 174 ; García Morá, 1994, p. 282.

¹³⁸⁰ Veg., *Mil.*, 3, 17.

Podemo-nos questionar sobre qual seria o plano de Hirtuleio quando anui a um embate frontal com as legiões romanas, disputando directamente o domínio da zona medular do campo de batalha. A falta de treino do hispânico em disposições tácticas mais complexas do que uma simples ancoragem das alas a um forte centro, constitui um dos possíveis motivos. Recrutadas no decurso do último Inverno para constituir a nova oposição a Metelo Pio após a destruição da quase totalidade do exército *democrático* em Itálica, as tropas nativas poderiam beneficiar com um arregimento compacto das suas linhas frente às legiões romanas.

O reforço do poder do núcleo da linha sertoriana parece dirigido pelo propósito de assegurar uma maior solidez defensiva, em detrimento de um dinâmico avanço visando a conquista de espaço ao adversário. A escora posicional favorece o preservar da organização de um colectivo numeroso, convidando o adversário romano a assumir o esforço da tomada da iniciativa da luta. A ideia subjacente a esta concessão concerne na maior fragilidade de articulação e controlo exercido sobre as diferentes unidades compondo um exército em movimento.

O objectivo da disposição do colectivo *popular* destina-se, assim, a bloquear o passo legionário, mais do que a perfurar a sua linha. Com o reforço do contingente situado no sector central da topografia do campo de batalha, almeja Hirtuleio garantir adicional protecção contra os demolidores ataques frontais que caracterizam a típica cadência procedimental das legiões. A concentração dos seus melhores meios no âmago da formatura, subentende que o receio do tenente sertoriano consiste na dificuldade da sua tropa em conter um avanço directo em força por parte da infantaria legionária.

Reconhecendo a intencionalidade do tenente de Sertório, Metelo Pio contrapõe ao cerceio das possibilidades tácticas resultante da fixação dos centros, uma ousada manobra de envolvimento pelos flancos, confiando que a firmeza estática da pesada tropa romana lhe assegurava a protecção necessária contra uma acometida frontal por parte do adversário¹³⁸¹. Alongar a frente de combate representa a redução da densidade da linha, expondo-a ao risco de perfuração por parte de uma convergência local de forças inimigas. Por esse motivo, o general *conservador* decide-se a recuar o centro da sua formatura até um delineamento côncavo, visando evitar o contacto ou atrasar uma decisão na zona medular do campo de batalha¹³⁸².

¹³⁸¹ Veg., *Mil.*, 3, 16.

¹³⁸² Frontin. *Str.*, 2, 3, 5.

Metelo Pio oferece-nos, assim, um exemplo comprovativo de que as táticas inovadoras de Aníbal Barca, subsequentemente adaptadas às legiões de Cipião, *o Africano*, haviam sido absorvidas no arsenal das opções de comando de um general romano, constituindo uma alternativa à disposição estandardizada em *triplex acies*. A típica formatura em profundidade do exército romano filia-se na noção de que uma superior disciplina, treino e coordenação entre unidades lhe permite vencer, num confronto directo, a maior parte dos seus adversários.

A doutrina de combate romana passa pelo embate violento contra as principais forças de infantaria inimigas, canalizando as reservas para o ponto crítico da linha de batalha¹³⁸³. Os exércitos legionários procuram, tipicamente, dominar a luta pelo centro, pelas linhas interiores, onde as suas táticas de combate corpo-a-corpo e desbaste sanguíneo são mais eficientes. Evitando as complexidades inerentes à manobra pelos flancos, a essência desta metodologia consiste no assalto frontal contra o adversário, um investimento cujo poder se renova em vagas sucessivas pela repentina entrada em luta de tropas frescas. A capacidade para acometer com um ímpeto prolongado alicerça-se na extraordinária resistência do legionário, corolário de um regime de treino de famigerada severidade.

No sistema de batalha clássico dos exércitos de Roma a ênfase é, assim, colocada no domínio do oponente pelo emprego de uma pressão brutal advinda de uma pluralidade excepcionalmente punitiva de cargas súbitas e revezadas. A tempestade de agressão que se associa ao método de combate das legiões baseia-se na doutrina de que uma dinâmica de investimentos enérgicos ultrapassa a capacidade de resposta de um adversário em acelerada debilitação. No plano puramente tático, a batalha de choque de infantaria continua a ser o mais diligente trâmite para obliterar o âmago das forças inimigas residindo, nessa praticabilidade de procedimentos tão conforme à mentalidade romana, a justificação para que tenha permanecido como o bloco angular da sua forma de fazer a guerra por longo tempo.

A ortodoxia característica do pensamento marcial romano de que a vitória resulta do domínio no âmago do campo de batalha, sofrera uma refutação enérgica durante a Segunda Guerra Púnica, nas batalhas do Trébia e Canas. A “revolução” anibálica pode, no fundamental, ser caracterizada como a confecção de um modelo de

¹³⁸³ CAMPBELL, Brian - *War and Society in Imperial Rome, 31 BC-AD 284*, Routledge, London, 2002, página 51.

desdobramento de exército cimentado no reforço do poder dos flancos em prejuízo do centro. Concebido, especificamente, para evitar que o assalto frontal das legiões decidisse o resultado da batalha, o objectivo do novo sistema era o de conferir, mesmo a um exército inferior em número, a possibilidade de envolver um rival por ambas as alas.

Nas suas linhas gerais, a opção táctica de Metelo Pio parece visar reproduzir o “modelo de Canas” confirmando que, apesar da rareza com que os comandantes romanos divergiam da aplicação do sistema clássico de *triplex acies*, o impacto do método de duplo envolvimento na ciência bélica parece ter sido de longo termo. A perícia que famigerara o comando de Metelo Pio nas suas passadas lides, revela-se de forma pristina nesta ocasião em que assistimos ao renascimento da disponibilidade de um general em provocar uma fraqueza estrutural no âmago da sua linha, de forma a incrementar o poder nos flancos.

A opção de Hirtuleio em colocar os batalhões mais aguerridos de que dispõe no núcleo da formatura do seu exército, induz o comandante *conservador* a promover a complexidade e o carácter decisivo da luta, por via de uma disposição assimétrica. Visa, o plano congeminado por Metelo Pio, restringir a actividade das tropas sob o comando do tenente sertoriano através da sua progressiva compressão, principiando o assalto legionário sobre os contingentes mais débeis situados nas alas. Por fim, o poderoso centro hispânico seria destruído pela convergência de um ataque sincronizado entre as forças romanas.

A eficiente execução deste sistema tem por exigência imperativa manter um certo grau de controlo profiláctico sobre os movimentos do inimigo no âmago do campo de batalha onde dispusera os seus melhores meios, de forma a garantir a absorção do poder de um golpe frontal desferido pelo hispânico, visando cravar uma cunha no dispositivo romano¹³⁸⁴. Na batalha de Ilipa (207 a.C.), o duplo ataque sobre as alas constituídas pelas tropas auxiliares nativas integrando o exército cartaginês, havia bastado para restringir, à distância, o passo das falanges situadas no sector medular da formatura, permanecendo estas numa postura estática até serem, finalmente, rodeadas e acometidas por todos os lados, pelas triunfantes legiões.

Desconhece-se se a disposição de Metelo Pio surpreendeu o seu adversário ao ponto de paralizar a sua reacção, condenando as forças hispânicas a uma defesa passiva, ou se Hirtuleio retirou de alguma forma proveito da sua vantagem de meios no centro

¹³⁸⁴ Veg., *Mil.*, 3, 19.

do campo de batalha para dificultar a coordenação das legiões *conservadoras* antes de estas completarem o seu desenvolvimento. O resultado da contenda, contudo, não deixa dúvidas que a hoste do procônsul oligárquico chegou primeiro a resultados nas zonas de contacto onde haviam sido depositados os seus melhores recursos. A solidez da frontaria romana terá bastado para conter um eventual impulso hispânico em diante, oferecendo tempo para que a movimentação legionária envolva o colectivo de Hirtuleio num abraço mortífero do qual não escapa o próprio general¹³⁸⁵.

Apesar das forças romanas enfrentarem o adversário num terreno de escolha deste e na posição em que se crê mais seguro, o dinamismo das combinações de ataque que constituem o elemento lírico da ciência bélica, transforma a batalha de Segóvia numa ode à mestria táctica. O factor psicológico associado à aplicação, por parte do inimigo, de um plano imprevisto, parece tolher a capacidade do comando *popular* em divergir os seus melhores meios do centro da formatura para acudir às alas. Os grampos que as legiões firmam na tropa hispânica mais ligeira na sequência do seu duplo envolvimento, impedem que esta esboce qualquer reacção tangível ao consumir da sua destruição através de um aperto em tenaz.

A inexistência de menções a grandes baixas romanas em conjugação com as posteriores iniciativas de Metelo Pio contra Sertório, indiciam que a luta se resumiu a um massacre. Um ataque sobre os flancos e retaguarda de um exército tem um ingente impacto psicológico se este for incapaz de o contrariar através de uma mudança de formatura ou transvio de forças. Colocados dentro de uma bolsa, os soldados de Hirtuleio devem ter tido uma perspectiva de batalha caótica, com o pânico a propalar-se pelas fileiras que se desintegram sob os golpes das legiões.

A destruição do exército *democrático* e a morte do seu líder é um golpe lancinante para Sertório e seus partidários. Conta-nos Frontino que quando o caudilho toma conhecimento da morte de Hirtuleio, provavelmente na antecâmara do seu duelo com Pompeio no rio Sucro, apunhala o mensageiro que lhe traz a notícia de forma a evitar que ela se dissemine pelas fileiras¹³⁸⁶. As consequências da terrível derrota podem ser desta forma sumarizadas: 1 – Apesar de não ter perdido completamente a ligação com a Lusitânia¹³⁸⁷, torna-se cada vez mais difícil, para o poder sediado em Osca, extrair apoio por parte dos povos do ocidente peninsular; 2 - Sertório perdera o seu mais

¹³⁸⁵ Veg., *Mil.*, 3, 20.

¹³⁸⁶ Frontin. *Str.*, 2, 7, 5.

¹³⁸⁷ Conforme atesta a deslocação de Perperna Veientão em 74 a.C. até Cale.

talentoso colaborador, derrotado por um rival que parece desejoso de desforra, disfrutando de um surto rejuvenescedor de energia e brilhantismo tático; 3 - Pela primeira vez desde a estatização do poder *popular* em 77 a.C., as suas forças armadas deixam de contar com superioridade numérica contra a facção rival.

A mais imediata implicação estratégica da batalha de Segóvia, concerne na oportunidade que se oferece, a Metelo Pio, para abandonar o teatro de guerra da Província Ulterior e prosseguir ao encontro do seu colega proconsular. A reunião das forças *conservadoras* ocorre justamente na fase crítica do duelo entre Sertório e Pompeio, quando o chefe *mariano* se prepara para desferir o golpe fatal ao seu adversário. A partir desse momento, o conflito resume-se a uma única frente de guerra, com os acontecimentos vindouros a circunscreverem-se à Hispânia central e oriental. A capacidade de mobilização do indígena diminui com as perdas territoriais e progressiva descrença na bem-aventurada liderança de Sertório.



Fig. 1. Mapa de situación de los enclaves iberos y las referencias históricas de batallas. El trazo blanco grueso señala la ruta de tránsito más probable por el corredor del Vinalopó y de Montesa. Base cartográfica elaborada por M. Olcina.

Adaptado do original: SALA SELLÉS, Feliciano ; ABAD CASAL, Lorenzo ; BAYO FUENTES, Sonia ; DOMÉNECH BELDA, Carolina – “Las huellas de las guerras sertorianas en el Sureste de Hispania: elementos para la revisión histórica, in *La guerre et ses traces. Conflits et sociétés en Hispanie à l'époque de la conquête romaine (IIIe – Iers s. a.C.)*, François Cadiou ; Milagros Navarro Caballero (eds.), Ausonius Éditions, página 181.

4.5.2 – A frente levantina. A ofensiva de Pompeio Magno sobre o vale do Túria. A batalha de *Valentia*. A batalha do rio Sucro.

As baixas sofridas na batalla do Lauro e o destacamento de Gaio Mémio para a expedição anfíbia até Nova Cartago, haviam reduzido de forma sensível os efectivos de Pompeio. Contudo, devido às ocorrências na frente meridional que forçam Sertório a deslocar-se em apoio de Hirtuleio, as forças *conservadoras* podem estabelecer-se em território inimigo sem que este convirja para as destruir¹³⁸⁸. Os meses de pausa das hostilidades são aproveitados, pelo *adulescens carnifex*, para exercitar energicamente o exército que, composto por recrutas inexperientes quando chegaram à Hispânia sob o

¹³⁸⁸ Sall., *Hist.*, 2, 82, 5.

embalo da invencibilidade e excesso de confiança do seu chefe, fora batido de forma ignominiosa nos arrabaldes de Lauro. O estilhaçar dos sonhos de glória dos seguidores do prodígio do Piceno não havia, contudo, dado lugar ao desespero ou apatia, em larga medida devido à coragem com que este reage à provação, conseguindo conferir às suas tropas novo ânimo, após a conjunta tomada de consciência do temível desafio que lhes cabe enfrentar. O espaço de invernagem é dedicado a um árduo adestramento, visando elevar as legiões até um pico de condição de combate antes de iniciarem nova campanha contra as tropas sertorianas.

O atletismo e determinação exibidos por Pompeio nas actividades em que participa com os seus homens, constitui um poderoso aditivo para a entrega destes à tarefa de aprimorarem as suas capacidades marciais. O aplicado regime de treino que converte esta tropa numa verdadeira máquina de guerra, configura exemplo histórico paradigmático na obra dedicada à arte militar da autoria de Vegécio¹³⁸⁹. Os subsequentes recontros revelam que as legiões forjadas pelos métodos e empenho do jovem comandante constituem uma superior tropa de choque, capazes de sobrepujar a oposição *popular* em todas as situações de luta, nas quais a presença pessoal do caudilho não é adicionada como factor¹³⁹⁰.

Na Primavera de 75 a.C., as tropas *marianas* mobilizadas para a frente levantina parecem ter sido instruídas a manterem as suas posições e aguardar pelos desenvolvimentos do inimigo. No ano transacto, Sertório optara por intentar diluir a pressão dos exércitos *conservadoras* sobre o perímetro do Estado de Osca, através de uma estratégia defensiva em profundidade. Amplo terreno fora cedido, pelo sabino, às legiões de Pompeio pela condição de as dispor para um oportuno contra-ataque com uma convergência dos seus próprios meios. O *adulescens carnifex* havia sido vexado com o desvelo da ilusão de que os seus ganhos iniciais correspondiam a um sucesso efectivo sobre o rival forçando-o, após a derrota em Lauro, a devolver quase todo o espaço percorrido a sul da linha do Ebro.

Por virtude deste sucesso, Sertório visa reproduzir o plano de cedência da iniciativa ao adversário e uso do domínio das linhas interiores para dirigir com prontidão as suas reservas até sectores ameaçados. O controlo estratégico do centro do teatro de guerra permite, ao caudilho, mover e concentrar os seus recursos com maior facilidade, mas expõe também as alas confiadas aos seus tenentes, à acção preliminar

¹³⁸⁹ Veg., *Mil.*, 1, 9.

¹³⁹⁰ Plut., *Vit., Sert.*, 19, 1.

dos generais *optimates*. Um avanço simultâneo dos exércitos *conservadores* sobre os extremos do dispositivo inimigo, permite-lhes sobrepujar a vantagem das hostes hispano-romanas na manobra por via do emprego do poder das legiões. Ameaçado em diferentes pontos ao mesmo tempo por forças superiores às suas, o comando *democrático* pode ser incapaz de canalizar reforços em número e tempo adequados.

No contexto de uma rápida decisão de armas na periferia do domínio de Osca, a reserva sob o comando directo de Sertório, em princípio incumbida com a mudança das condições da luta num momento crítico, poderá privar uma ou ambas as alas confiadas aos seus tenentes, dos meios para resistir a um ataque directo por um adversário especializado no embate tático campal. A grande estratégia assente numa transferência temporizada de tropas para o local de decisão, pode ser confundida pelo efeito de um dinâmico avanço das legiões sobre os pontos de fraqueza que constituem as forças *marianas* quando despojadas da directa chefia do sabino. Se o defensor gerir mal a tencionada combinação entre unidades dispostas em três núcleos independentes na linha distendida desde a costa levantina até à Lusitânia, os seus flancos poderão ser destruídos pelas investidas convergentes das hostes *conservadoras*.

A vulnerabilidade de um sistema concebido para reagir à iniciativa do inimigo mais do que disputando-a, revela-se pela forma súbita como os destacamentos sob os oficiais de Sertório colapsam no choque tático com as pesadas tropas legionárias. O magno plano *democrático* contém a desastrosa propriedade de denegar às forças apartadas do directo comando do sabino, a sua crucial influência para compensar os múltiplos factores de benefício inerentes ao emprego dos exércitos romanos, pelos hábeis e resolutos comandantes do presente dia.

O evoluir dos acontecimentos irá, com efeito, enunciar as contrapartidas dos proveitos defensivos de atracção de um invasor para uma zona mais medular do espaço doméstico. Para além da renúncia a assumir riscos na possibilidade de o acometer durante a marcha, fica também patente o perigo de destruição, em detalhe, incorrendo sobre forças mais fraccionadas que as do inimigo, consequência do objectivo de garantir maior cobertura espacial e fluidez de trânsito entre posições. A entrega do domínio campesino à devastação ocasionada pela marcha das legiões, é também um dos efeitos perniciosos da defesa móvel optada pelo generalato *popular*.

Por sua parte, a grande distância assumida entre os exércitos de Pompeio e Metelo Pio baseados em pontos reversos no arco fronteiriço do espaço inimigo, determina não somente a delonga de uma possível reunião, como dificulta ou inviabiliza

a própria comunicação por mensageiros. Para impedir que Sertório possa obter vantagem numérica decisiva contra um dos procônsules, é necessário evitar os erros cometidos na campanha do ano transacto que ocasionara o desastre de Lauro. Agressividade no movimento em território inimigo deve ser compartilhada por ambos os exércitos *conservadores* de forma a contactarem de modo sincronizado com os respectivos antagonistas. Felizmente para o porvir da causa oligárquica, a batalha de Itália havia conferido, a Metelo Pio, um focalizado propósito e o treino intensivo das legiões de Pompeio durante o interregno optimizara a sua qualidade.

A campanha empreendida por Sertório contra os Berones, exigira que as forças dispostas na adjacência da costa mediterrânica retardassem um avanço de Pompeio para sul. No presente contexto, o comando *mariano* não tem motivo para reassumir o risco de aplicação de um sistema de contenção móvel avançado, de forma que os seus corpos de exército continuam estacionados na zona mais interior e naturalmente guarnecida onde haviam invernado. O espaço entre o Ebro e o Túria, difícil de defender e desprovido de cursos fluviais capazes de viabilizar a permanência prolongada de um cúmulo de efectivos, é abandonado ao avanço *conservador*, fixando-se os contingentes sertorianos nas imediações de *Valentia*. Na estreita faixa de terra entre as muralhas da cidade e a margem direita do rio Túria, dispõem Perperna Veientão e Gaio Herénio as suas forças¹³⁹¹, que podemos estimar em redor de 30.000 mil homens, correspondendo ao exército itálico-romano que havia chegado à Hispânia em 77 a.C., conjuntamente com um corpo de tropas integrado por *hispanienses* e os autóctones da costa levantina.

Os experientes comandantes sertorianos haviam escolhido uma posição defensiva de aparente vantagem¹³⁹², mas o uso do terreno pode representar um recurso menos significativo para a evolução prática dos acontecimentos do que antecipam. O corte do campo de batalha pela linha fluvial configura, só por si, um factor de efeito tornado exíguo na obstaculização do progresso¹³⁹³ do exército romano que Pompeio

¹³⁹¹ Sall., *Hist.*, 2, 46.

¹³⁹² Plut., *Vit.*, *Pomp.*, 18, 3.

¹³⁹³ “Termino estas observações sobre o uso do terreno com um princípio que é de extrema importância e que deve ser considerado a trave mestra da teoria da defesa:

Nunca confiar demasiado nas dificuldades do terreno e, portanto, não se remeter a uma defesa passiva que dependa das dificuldades do terreno.

Se o terreno for tão difícil que impeça que o atacante nos desaloje, ele contorna-lo-á, o que é uma manobra sempre possível. Isto torna inútil o terreno mais difícil. Seremos forçados a combater num terreno totalmente diferente e em circunstâncias igualmente diferentes, e podemos mesmo não ter incluído este novo terreno nas combinações traçadas aquando da planificação das operações. Mas se o terreno não for muito difícil e se for possível um ataque através dele, as vantagens por ele proporcionadas nunca poderão compensar as desvantagens de uma defesa passiva. Por isso, todos os obstáculos devem

adestrara no decurso da invernagem. Com uma passagem a vau eficientemente executada, o peso das armas legionárias num embate frontal subjaz para estabelecer uma testa de ponte na margem oposta. Por seu turno, a muralha da cidade situada nas costas do exército *popular*, representa uma barreira protectora no caso de uma retirada bem conduzida, mas contém, igualmente, o potencial para se transformar numa mortífera armadilha se os defensores forem rechaçados em desordem e perseguidos de perto pelas legiões *conservadoras*¹³⁹⁴.

A alteração da fisionomia do Túria ao longo do tempo, em particular após as cheias de 1957 terem ocasionado a aprovação do *Plan Sur* que desviou o seu curso em cerca de três quilómetros de forma a passar a sul da cidade de Valência, determina que a arqueologia dificilmente nos possa facultar informações úteis para o presente evento. Não obstante, a formatura distendida do exército sertoriano, ao ponto de existirem unidades demasiado afastadas entre si para providenciarem mútuo apoio no decurso do recontro, indicia que a segura do estio deveria permitir a passagem da barreira fluvial a uma coluna de tropas em diferentes locais. Para procederem à travessia do rio e atacar o inimigo, as tropas de Pompeio adoptam, provavelmente, uma formação em profundidade, confiando no seu poder num assalto frontal contra um sector específico do dispositivo sertoriano, para abrir caminho até à margem oposta e, após a ruptura, alargarem o espaço conquistado.

Realizando com sucesso a dificultosa manobra de transposição da barreira que constitui o Túria, Pompeio assalta os contingentes de Gaio Herénio¹³⁹⁵, inferiores em número e de menor solidez numa *melee* do que o corpo de legionários itálico-romanos sob as ordens de Perperna Veientão¹³⁹⁶. Parece, assim, ter operado, o *adulescens carnifex*, de acordo com a doutrina militar que recomenda que a investida decisiva deve incidir sobre o sector mais fraco da posição inimiga. O relato de Salústio deixa subentendido que o ataque massificado das legiões *conservadoras* sobre um segmento da linha do oponente, beneficia com a dificuldade do comando sertoriano em coordenar

ser somente utilizados para uma defesa parcial, para conter energicamente, com poucas forças, um atacante mais numeroso, ganhando, assim, tempo para a ofensiva, através da qual procuraremos alcançar a verdadeira vitória noutros pontos.” (CLAUSEWITZ, *op. cit.*, páginas 61-62).

¹³⁹⁴ “Devemos conduzir as batalhas atrás das fortificações e nunca à frente delas.” (CLAUSEWITZ, *op. cit.*, página 79).

¹³⁹⁵ Sall., *Hist.*, 2, 82, 6.

¹³⁹⁶ A alusão de Plutarco às 10,000 perdas sofridas por Herénio (Plut., *Vit.*, *Sert.*, 18, 3) na batalha de *Valentia* concorda com os efectivos que Tito Lívio (Frag. 91) atribui ao exército sob o comando deste general em 77 a.C.. Na mesma disposição de forças, comandava Perperna Veientão o exército de 20,000 legionários e 1,500 cavaleiros que o acompanhara desde a Sardenha até à Península Ibérica. Podemos presumir que análoga cifra se encontra sob as suas ordens na ocasião da presente batalha.

as suas tropas, de forma que a ala chefiada por Perperna não chega sequer a participar na luta¹³⁹⁷.

O comando *popular* revela-se incapaz de alterar, com prontidão, uma postura defensiva estática em favor de uma convergência de todos os meios disponíveis para o ponto de ruptura, de forma a decapitar a testa-de-ponte estabelecida pelos *optimates*¹³⁹⁸. O alheamento do combate por parte dos contingentes às ordens de Perperna, provoca a inferioridade numérica de Gaio Herénio no local de contacto, elemento crucial para o sentenciar do resultado da luta e das escassas baixas que, conforme indicia o enredo dos acontecimentos vindouros, sofrem as legiões de Pompeio.

No termo da jornada, Herénio jaz morto acompanhado por mais de 10.000 dos seus soldados¹³⁹⁹, perdas que correspondem ao valor que podemos atribuir à totalidade de efectivos que compõem o comando deste general desde 77 a.C.¹⁴⁰⁰, o que reforça a ideia de uma separação do exército sertoriano em dois corpos dirigidos de forma autónoma. O balanço da luta reduz as forças *populares* a uma situação de inferioridade numérica diante de um adversário que, tendo franqueado a defesa escorada no rio Túria, pode, doravante, operar com muito maior liberdade de movimentos. Perante esta situação, considera Perperna não dispor dos meios para enfrentar Pompeio, motivo porque abandona *Valentia*, deslocando-se para sul¹⁴⁰¹. O seu resguardo da refrega permite-lhe realizar uma retirada segura sem menção, nas fontes, de uma perseguição encetada pelas legiões *conservadoras*.

Levantamentos arqueológicos coadjuvados com análise e reconstrução antropológica, permitiram concluir que a cidade de *Valentia*¹⁴⁰² é destruída¹⁴⁰³ na sequência da sua tomada por Pompeio e a população exposta ao massacre executado pelos legionários romanos. Fundada de raiz pelo procônsul Décimo Júnio Bruto no ano de 138 a.C.¹⁴⁰⁴, a urbanização situa-se perto da foz do rio Túria¹⁴⁰⁵, a uma distância

¹³⁹⁷ Sall., *Hist.*, 2, 47.

¹³⁹⁸ “Os grandes rios (...) oferecem uma linha de defesa natural. Mas não devemos dispor as nossas forças, contínua e uniformemente, ao longo do rio, numa linha extensa, procurando evitar qualquer tentativa de travessia do inimigo. Isso seria muito perigoso. Pelo contrário, devemos vigiar o rio e cair sobre o inimigo no local em que este efectuar a travessia. O momento escolhido para o ataque deverá ser aquele em que ele ainda não tenha reunido todas as suas forças e esteja ainda circunscrito a um pedaço estreito de terreno na margem.” (CLAUSEWITZ, *op. cit.*, página 70).

¹³⁹⁹ Plut., *Vit., Pomp.*, 18, 5.

¹⁴⁰⁰ Sall., *Hist.*, 2, 98, 6.

¹⁴⁰¹ Sall., *Hist.*, 2, 47.

¹⁴⁰² RIBERA I LACOMBA, Albert ; CALVO GALVEZ, Matías – “La primera evidencia arqueológica de la destrucción de Valentia por Pompeyo”, in *Journal of Roman Archaeology*, volume 8, Valencia, 1995.

¹⁴⁰³ Sall., *Hist.*, 2, 98, 6.

¹⁴⁰⁴ Liv., *Epit., Per.*, 55.

intermédia dos dois mais importantes centros urbanos da Província Citerior, Tarragona e Cartago Nova. Fazer um exemplo desta cidade de origem itálica que abraçara a causa sertoriana, parece constituir o móbil para o nível de violência que se depreende ter sido exercido sobre os residentes.

A profusa presença de cinzas e estruturas carbonizadas¹⁴⁰⁶ permite concluir que o espaço citadino foi incendiado, ao passo que a distribuição e postura dos restos humanos, sobretudo esqueletos vítimas de golpes de gládio ou perfurados pela ponta de um *pilum*, indiciam uma matança indiscriminada. A colecta de vários dardos abandonados no solo, subentende o uso reiterado desta arma em execuções sumárias de habitantes indefesos. A dispersão dos cadáveres deixados insepultos confirma a impiedade da chacina, correlacionando-se com um desejo intencional do conquistador em exhibir, de forma eloquente, as fatalidades que se irão abater em particular sobre o elemento insurrecto *hispaniense*¹⁴⁰⁷. Aniquilado, por esta via, o valor estratégico da cidade de *Valentia*, Pompeio resume o movimento para sul em direcção ao próximo obstáculo geográfico, o rio Sucro.

O colapso da linha do Túria provoca a mobilização das reservas *populares*. À frente de uma força que integra a selecção das suas melhores tropas nativas e o núcleo de seguidores que o acompanha desde o encerramento na Mauritânia, Sertório desloca-se até ao rio Sucro onde se reúne com Perperna. A referência de Cícero à participação de Gaio Mémio e Lúcio Cornélio Balbo na encarniçada batalha que se irá travar nas proximidades do rio Sucro¹⁴⁰⁸, sugere que as forças *marianas* que assediavam a cidade de Cartagena, abandonam o local de forma a reunirem-se ao exército a que o caudilho procura conferir um máximo de poder humano. Implica a decisão assumida de concentrar todos os meios disponíveis num único comando, que Sertório se conforma com o consolidar da presença *conservadora* na antiga capital dos Bárcidas. A aplicação de um plano assente em princípios de massa no crítico recontro táctico que pretende travar com Pompeio, justifica as concessões posicionais decorrentes do recuo para sul de Perperna e convocatória dos assediadores de Nova Cartago.

¹⁴⁰⁵ Plin., *HN*, 3, 4.

¹⁴⁰⁶ RIBERA I LACOMBA, Albert ; CALVO GALVEZ, Matías – “La primera evidencia arqueológica de la destrucción de Valentia por Pompeyo”, in *Journal of Roman Archaeology*, volume 8, Valencia, 1995.

¹⁴⁰⁷ SUTHERLAND, *op. cit.*, página 29 ; ZIOLKOWSKI, Adam – “*Urbs direpta*, or how the Romans sacked cities”, in *War and Society in the Roman World*, John Rich & Graham Shipley (Ed.), Routledge, New York, 2002.

¹⁴⁰⁸ Civ., *Balb.*, 5.

A situação estratégica da guerra na Hispânia sofre uma mudança súbita quando a chega a notícia, a ambos os comandantes, da destruição do exército de Hirtuleio às mãos de Metelo Pio que, liberto do seu adversário directo, inicia a sua marcha para sudeste. A reunião dos exércitos *conservadores* frente a Sertório poderá sentenciar o conflito com um único golpe. No entanto, o nefasto egoísmo que as fontes atribuem a Pompeio parece exhibir-se, também nesta ocasião, em que a condição de *privatus* definitivamente se sobrepõe aos deveres de um procônsul romano. Segundo o relato clássico, a vitória frente aos tenentes *democráticos* havia-lhe elevado a confiança ao ponto de negligenciar o perigo que representa o confronto directo com o sabino¹⁴⁰⁹. Temendo ter de partilhar glória pessoal com o veterano general oligárquico, Pompeio precipita-se numa aventureira deslocação para sul ao encontro do caudilho no rio Sucro, concedendo-lhe a oportunidade para o enfrentar isoladamente.

Justificativos podem, contudo, ser considerados para inibir uma imediata atribuição de erro estratégico à escolha do procônsul romano em forçar contacto com o inimigo. A intencionalidade de Pompeio consistiria em aproveitar o impulso que as vitórias já alcançadas conferem às suas tropas, para destruir a integralidade ou parte substancial das forças do inimigo quando este se disponibiliza a um choque directo com as legiões¹⁴¹⁰. Corolário da campanha até ao momento prosecuteda com inexorável êxito pelos *conservadores*, a guerra ficaria mais próxima da sua decisão mesmo se os *populares* escapados do recontro campal optassem por regredir para os métodos de guerrilha¹⁴¹¹. Caso o *adulescens carnifex* aguardasse pela chegada de Metelo Pio, Sertório poderia considerar impraticável enfrentar as forças conjuntas do inimigo e deslocar-se para uma zona mais interior do domínio do Estado de Osca, instigando os comandantes *optimates* a alongarem as suas linhas de comunicação¹⁴¹².

Por seu turno, com o planeamento operacional estilhaçado pelas devastadoras perdas sofridas nos recontros do Túria e Segóvia, Sertório percepcionaria o embate contra as forças de Pompeio, como o derradeiro ensejo para contrabalançar o nefasto evoluir das condições da luta até à consolidação da vantagem *conservadora*. Tendo concentrado as suas forças móveis quase no extremo meridional do espaço integrando o domínio do Estado de Osca, Sertório confronta-se com a escolha entre retirar para a

¹⁴⁰⁹ Plut., *Vit., Pomp.*, 19, 2.

¹⁴¹⁰ Veg., *Mil.*, 3, 9.

¹⁴¹¹ Frontin. *Str.*, 2, 1, 3.

¹⁴¹² John Leach sugere uma explicação mais benevolente para o comportamento do protagonista da sua obra. Ver: LEACH, John – *Pompey the Great*, Routledge Revivals, 1978, página 49.

Celtibéria de forma a preservar-se de uma ameaça de corte das suas linhas de comunicação ou aproveitar a oportunidade que lhe oferece o avanço temerário de Pompeio, para o atacar antes da chegada de Metelo Pio. Quando apunhala o mensageiro que lhe traz a nova do massacre do exército de Hirtuleio, Sertório denuncia a consciência que possui do impacto desmoralizador sobre as suas tropas que teria a divulgação do evento, motivo porque se resolve a precipitar batalha na presente situação táctica em que dispõe de superioridade numérica.

A planura do vale do Sucro parece propiciar uma ampla concordância com a metodologia de combate das legiões romanas, inibindo as hipóteses do seu aniquilamento pelo rival. A referência de Estrabão¹⁴¹³ à fácil travessia a vau do curso do rio que denomeia a batalha, aquiesce ao facto do obstáculo fluvial não ser mencionado como agente de relevo na evolução desta última. Contudo, o embaraço que poderia constituir para o movimento de uma tropa mais pesada, como a romana, integra-se no conjecturado cenário que decide Sertório a confrontar o inimigo nesta estância, calculando dispor de vantagem no evento de uma perseguição ou retirada nocturna¹⁴¹⁴.

De forma a complexificar os elementos dinâmicos do combate, conferindo-lhe o carácter decisivo que justifica a sua exposição às legiões em campo aberto, o caudilho tenciona tomar partido da familiaridade dos seus soldados com o terreno, provocando a luta ao final da tarde, com a expectativa de a prolongar pela noite.¹⁴¹⁵ Travar batalha com uma visibilidade limitada contém, efectivamente, o potencial para favorecer as armas autóctones sobre as romanas numa multiplicidade de condicionalismos¹⁴¹⁶. No perigoso mundo tribal hispânico onde a guerra é endémica, o bandoleiro nativo está bem acostumado a realizar *raides* e emboscadas durante as horas das trevas, quando a vigilância da presa é menor. Sentidos aguçados por uma vida sintonizada com o meio natural, constituem apetrechos indissociáveis do sucesso da actividade de guerrilha. Munido com os instintos de um caçador, o hispânico está mais apto que o residente da civilização avançada a assumir a iniciativa, aproveitar oportunidades e surpreender o adversário no domínio da penumbra.

A escolha pelo combate nocturno visaria, também, perturbar a execução das manobras disciplinadamente executadas pelas legiões, de forma a diminuir a

¹⁴¹³ Strabo, 3, 4, 6.

¹⁴¹⁴ Plut., *Vit., Sert.*, 19, 2.

¹⁴¹⁵ Plut., *Vit., Sert.*, 19, 2.

¹⁴¹⁶ TOPPE, Alfred – *Night Combat*, Center of Military History. United States Army, Washington, D.C., 1986.

possibilidade de obterem vantagem numa batalha formal sobre uma organização nativa mais rudimentar. O prejuízo para a faculdade visual acarreta dificuldade acrescida para os oficiais exercerem controlo efectivo sobre as suas tropas e transforma a compactação de forças num estorvo para o seu movimento. A ordem de batalha mais espaçada do hispânico ajusta-se melhor a um cenário de perturbação incidente em particular sobre uma formatura simétrica.

A precedência no local, por parte dos *populares*, confere-lhes uma vantagem considerável tanto na orientação geográfica, como na resistência ao *stress* psicológico a que é sujeito um combatente diminuído no mais importante sentido humano que consiste a visão. O conhecimento intuitivo de Sertório sobre a superfície onde decorrerá o choque constitui, em particular, um factor maximizante para o desempenho do seu exército, dado permitir-lhe dirigir a sua carismática presença e o valor da sua guarda pessoal, até sucessivos pontos de ruptura da linha de batalha.

Na disposição inicial, sucede que os comandantes dos exércitos se posicionem na chefia do contingente de tropas móveis incumbido com a tarefa de ultrapassar a ala esquerda do inimigo, conforme o mais comum plano de batalha referenciado por Vegécio¹⁴¹⁷. Enfrenta Sertório o legado Lúcio Afrânio, natural do Piceno, cliente e íntimo do grande proprietário local, Gneu Pompeio. A devoção pelo patrono orientará a vida de Afrânio, dispondo-se por este às mais diversas incumbências¹⁴¹⁸, assim como prontificando-se à renúncia de ambições pessoais que não condizam com a sua vontade¹⁴¹⁹. No seu relato sobre as Guerras Civis, Gaio Júlio César presta tributo às eficientes tácticas empregues por Afrânio, um dos seus adversários durante a campanha de *Ilerda* (49 a.C.)¹⁴²⁰.

A prolongada estadia na Península Ibérica do correligionário de Pompeio, dotariam-no com conhecimento sobre como adaptar as legiões ao método de luta dos autóctones, dispondo as suas tropas numa ordem mais solta de forma a acometerem, em unidades destacadas, os flancos das compactas coortes cesarianas, numa sequência definida pela oportunidade para ousadas cargas e recurso a ágeis manobras evasivas. A confusão que criam entre as tropas veteranas de Júlio César, quebrando a sua ordem de

¹⁴¹⁷ Veg., *Mil.*, 3, 18 ; 3, 20.

¹⁴¹⁸ Destaca Cássio Dio (Cass. Dio., 5, 4-5) a missão que Pompeio atribui a Lúcio Afrânio, de ocupar o território de Gordiena em favor de Tigranes contra o rei parto Fraates III, quase perecendo o legado conjuntamente com o exército quando, sujeito aos rigores do Inverno no decurso do trânsito de regresso à Síria, se afasta da rota e vagueia, com falta de provisões, até ser apoiado pelos habitantes de Carras, colonos de ascendência macedónia no regresso à Síria.

¹⁴¹⁹ Plut., *Mor., Pra. ger. reip.*, 10, 11.

¹⁴²⁰ Caes. *B Civ.*, 1, 43-46.

batalha como nenhum outro adversário o havia feito, explicita a habilidade no comando adquirida por Lúcio Afrânio. Duas décadas e meia antes, no confronto que se trava no Sucro, desconhecemos em que medida a perícia militar do confiado adepto de Pompeio se compara com a que põe à prova o génio de César, mas a resistência que a ala defensiva do exército *conservador* oferece ao ataque de Sertório, sugere que uma competente liderança secunda a resolução atribuível à lealdade pessoal.

Enquanto a luta travada entre Sertório e o legado Afrânio se mantém equilibrada, o caudilho recebe a informação que o procônsul oligárquico dispersara parte da sua oposição no extremo oposto, abrindo caminho para um ataque flanqueador sobre as tropas *populares* ainda arregimentadas em linha de batalha. O envolvimento frontal dos exércitos dificulta o desvio de unidades sertorianas para acudir à ameaça compreendida pelo movimento torneante liderado por Pompeio¹⁴²¹. Com o consumir desta manobra, a batalha encontra-se perdida para Sertório que, incapaz de assegurar vantagem sobre Afrânio¹⁴²², será em breve investido a partir de duas direcções.

Contudo, a superioridade em números que detém o caudilho por via da concentração de todas as suas forças disponíveis contra um dos exércitos inimigos permite-lhe, conforme se depreende a partir do relato de Plutarco, dispor de uma poderosa reserva, provavelmente centralizada atrás da linha de batalha e composta pelos seus melhores guerreiros¹⁴²³. Pressentindo a urgência da situação, o caudilho entrega, aos seus tenentes, a chefia das tropas empenhadas contra ao legado *conservador* e desloca-se pessoalmente até ao ponto crítico da refrega. A sua liderança parece ser exercida a tempo de evitar que um grupo móvel do inimigo ultrapasse ou se constitua após perfurar o seu flanco esquerdo, porventura já inflexionado pela pressão das legiões até formar um ângulo oblíquo relativamente à restante linha de batalha¹⁴²⁴.

Recuperando o ânimo dos soldados em debanda e reunindo-os aos que ainda se mantêm firmes na sua posição, Sertório confere amparo ao valor selecto da sua guarda para desferir um violento contragolpe. O dinâmico avanço flanqueador das tropas chefiadas por Pompeio converte-se num recuo geral sob a vaga assaltante dos *populares*. Montado a cavalo, o procônsul romano dirige, a partir da frente, a acção da ala ofensiva do seu exército, de forma que quando esta cede terreno, fica exposto a

¹⁴²¹ Veg., *Mil.*, 3, 20.

¹⁴²² Veg., *Mil.*, 3, 20.

¹⁴²³ O corpo de devotados por juramento de vida ao caudilho e os mercenários líbios que o acompanham desde à longo tempo, distintos pela sua ferocidade e cupidez na pilhagem. Ver: Plut., *Vit., Sert.*, 19, 4 ; Veg., *Mil.*, 3, 17 ; 3, 20.

¹⁴²⁴ Veg., *Mil.*, 3, 19.

grande perigo. Um alto infante sertoriano aproxima-se de Pompeio e fere-o com gravidade numa coxa com a sua lança¹⁴²⁵. Estreitando distância até ao contacto corporal, os dois envolvem-se numa troca de golpes que finda quando o comandante romano consegue soltar-se do possante adversário, decepando-lhe a mão que o prendia. Contudo, mais inimigos se precipitam em conjunto na sua direcção, atraídos pelos onerosos aparelhamentos e decorações douradas que cobrem o seu magnífico corcel. Incapaz de sustentar o passo de recuo dos seus homens e consistindo num alvo distinto a abater ou capturar, Pompeio opta por prescindir da sua reputação de coragem física. À vista colectiva, desmonta e volta as costas ao combate, misturando-se com a massa de comuns legionários que, tomados de pânico perante o inesperado exemplo do seu líder, procuram encontrar a sua salvação numa fuga desordeira.

O próprio procônsul escapa-se apenas por afortunado acaso, quando os soldados “líbios”¹⁴²⁶ se enredam numa disputa pelos despojos cobrindo o cavalo capturado, abandonando a perseguição. Estas tropas mercenárias africanas, propensas à realização de tarefas críticas se aliciadas com recompensas¹⁴²⁷, comportam o inconveniente de se entregarem desabridamente à saciedade pelo saque quando a oportunidade se apresenta¹⁴²⁸. Adicionais contingências salvaguardam os soldados em fuga de Pompeio de sofrerem ulteriores perdas, preservando força suficiente para, na manhã seguinte, formarem e preparem-se para assumir a luta deixada em suspenso¹⁴²⁹.

No outro flanco de batalha, os eventos haviam evoluído em sentido reverso¹⁴³⁰, após a deslocação do caudilho *democrático* ter deixado o comando entregue aos seus subalternos que, uma vez mais, falham em merecer a confiança do grande capitão. O contra-ataque dirigido contra Pompeio, não apenas implicara um custo de oportunidade, como havia criado uma fraqueza estrutural que Afrânio explora, destroçando as forças sertorianas que retiraram para o interior do seu acampamento. A perseguição contígua do inimigo em debanda permite que os legionários do legado *conservador* penetrem no arraial atrás deste, feito que os convence do seu triunfo. Com efeito, a escuridão da noite

¹⁴²⁵ Tratar-se-ia, provavelmente, de um dos hispânicos consagrados a Sertório, conforme se depreende a partir do cruzamento entre a menção de Apiano ao soldado que fere Pompeio na coxa com a sua lança (App. *B Civ* 1, 110, 1) e a referência à guarda de lanceiros que acompanhava Sertório (App. *B Civ.*, 1, 114, 1).

¹⁴²⁶ Os autores helenísticos utilizam o termo “líbio” para denominar, de forma indiscriminada, os habitantes do Norte de África a ocidente do Egito. Nesta ocasião, devem tratar-se de tropas mauritanas que seguem Sertório desde a sua estadia neste território.

¹⁴²⁷ Plut., *Vit., Sert.*, 13, 5.

¹⁴²⁸ NICOLLE, David ; McBRIDE, Angus, *op. cit.*, página 8.

¹⁴²⁹ Plut., *Vit., Sert.*, 19, 4.

¹⁴³⁰ Plut., *Vit., Sert.*, 19, 2.

já caída sobre o campo de batalha, impede que Afrânio se consciencialize da fuga de Pompeio no sector oposto, e os esforços que poderá ter empreendido para preservar a ordem das suas tropas são insuficientes para que um largo número delas quebre as fileiras para iniciarem o saque.

Apesar da perda da referência visual consequente da obscuridade¹⁴³¹, Sertório, vitorioso na ala oposta, consegue preservar o discernimento para compreender o estado de situação e agir, mais uma vez, para compor as falhas alheias¹⁴³². O estilo de liderança do caudilho favorece deslocar-se ao longo da linha de batalha para inspirar e canalizar tropas para o ponto de decisão. A capacidade que exhibe em reunir forças num instante e percorrer com estas reservas improvisadas a distância que o separa do local carecido de apoio, granjeia maior fluidez e flexibilidade ao dispositivo *popular*. O recontro do Sucro consiste na mais pristina exibição de mestria táctica legada por Sertório, confirmando o complemento das suas aptidões entre o chefe guerrilheiro dando orientação a uma multiplicidade de pequenas unidades celulares distribuídas pelo espaço de um anfiteatro de guerra, e um clássico comandante romano doutrinado em dirigir grandes concentrações de tropas num contexto de belicismo convencional.

Com o corpo de combatentes reunidos, o caudilho cobre a distância que o separa dos legionários de Afrânio que, dispersos pelo interior do acampamento sertoriano, são massacrados em grande número pelo assalto inesperado. Nesta última disputa, Sertório recupera o seu solo pondo em fuga os oponentes¹⁴³³, factor conspícuo na reconhecimento da vitória numa batalha campal¹⁴³⁴, malgradadas as perdas sofridas e a iminência do desastre.

Quando, ao amanhecer, Sertório faz sair o seu exército do bivaque, resolutivo a investir sobre um adversário enfraquecido pela repulsa sofrida na véspera, chega-lhe a notícia da proximidade de Metelo Pio. Frustrado perante a magnífica oportunidade que se perde de destruir as forças de Pompeio, Sertório profere o célebre lamento de que se a velhota não tivesse chegado, daria uma tal derrota ao miúdo que o enviaria de regresso a Roma¹⁴³⁵.

Empenhar-se num novo combate com a expectativa do surgimento de um segundo exército *conservador* seria temerário, de forma que o caudilho tem de conformar-se com o facto de uma das mais importantes jornadas da guerra se ter

¹⁴³¹ Plut., *Vit., Sert.*, 19, 5.

¹⁴³² Veg., *Mil.*, 3, 25.

¹⁴³³ Plut., *Vit., Pomp.*, 19, 2.

¹⁴³⁴ Veg., *Mil.*, 3, 25.

¹⁴³⁵ Plut., *Vit., Sert.*, 19, 6.

concluído sem um vencedor tático manifesto. Após a vantagem ter oscilado numa frenética sucessão de ataques e contra-golpes entre contendores perseguindo uma decisão que a ambos escapa por um triz, a nulidade do resultado deste recontro¹⁴³⁶ firma-se com o socorro prestado por Metelo Pio às extenuadas forças de Pompeio, quando estas se haviam disposto para o que poderia ser a sua última resistência frente aos superiores números dos *populares*.

Segundo o relato de Paulo Orósio¹⁴³⁷, a batalha do Sucro custara 10.000 mortos a Pompeio, transformando-a na mais encarniçada das que travou no decurso da Guerra Sertoriana, eventualmente em toda a sua carreira. As derrotas consecutivas das alas confiadas por Sertório, aos seus tenentes, contribuem para escalar as suas perdas a uma cifra quase idêntica¹⁴³⁸. A vantagem tática de que dispõe o caudilho frente a Pompeio é, por conseguinte, anulada pela presença pendente das legiões de Metelo Pio. O distinto valor de generalato exibido por Sertório diante da desonrada fuga do seu rival, consiste numa vitória pírrica por via da necessidade de abandonar o campo ao inimigo, de forma a evitar o confronto com o exército *conservador* em aproximação, quando a sua tropa sangra ainda das feridas recebidas na jornada pretérita.

A convergência das legiões oligárquicas sobre o exército *popular* situado no rio Sucro, interpondo-se nas suas linhas de comunicação com o espaço compreendendo o fundamental do domínio do Estado de Osca, constrange Sertório a uma completa redistribuição de forças. Movimentar o seu exército em face de um inimigo mais poderoso, conforma um intrincado e perigoso procedimento, pelo menos ao nível da teoria militar. Contudo, a arte da dispersão guerrilheira aplica-se com naturalidade, sob a chefia do caudilho, à escala dos grandes números que comanda, de forma que o seu exército se fragmenta em colunas que manobram, incólumes, em torno da posição oligárquica, dirigindo-se para noroeste¹⁴³⁹.

A retirada de Sertório para a Celtibéria não significa a completa perda de posição no espaço entre o Ebro e o Sucro, uma vez que as subseqüentes iniciativas dos autóctones contra a rede logística conectando os exércitos *conservadores* com o Mediterrâneo, indicam que o elemento campesino continua propenso a apoiar a facção *popular*¹⁴⁴⁰. As comunicações são também preservadas com a cidade portuária de

¹⁴³⁶ Liv., *Epit., Per.*, 92, 1.

¹⁴³⁷ Oros., 5, 23, 11.

¹⁴³⁸ Oros., 5, 23, 11.

¹⁴³⁹ Plut., *Vit., Pomp.*, 19, 4.

¹⁴⁴⁰ Strabo, 3, 4, 14.

Denia, conforme atestam os contactos diplomáticos estabelecidos a partir dela com o soberano do Ponto e a via de escape que constituirá para os sobreviventes da derrocada da causa sertoriana no ano de 72 a.C..¹⁴⁴¹

Não obstante, a perturbação da actividade económica antes articulada entre o interior e a costa no espaço compreendendo o Estado de Osca, pode ter afectado, de forma significativa, o seu esforço de guerra. Os abandonos territoriais integram os motivos para que a aliança que irá ser estabelecida com Mitridates VI, contenha a cláusula de uma remessa de 3.000 talentos. Considerando a alusão por parte das fontes à ostensiva exibição de riqueza, nomeadamente mineral, nos equipamentos fabricados em *Castra Aelia* em 77 a.C., a necessidade de reforçar o tesouro do Estado *popular* por via da assinatura de tratados diplomáticos com um inimigo da romanidade, constitui uma eventual consequência da perda do controlo sobre o litoral levantino. A região costeira onde se desenvolveram as iniciativas militares dos últimos dois anos será, doravante, disputada, sobretudo, pelas forças encarregues da defesa da rede logística das legiões *optimates* e as tribos Ilercavones, sobre quem Sertório exerce ainda influência e concerta operações de desgaste contra o inimigo.

4.5.3 – A batalha de Segôncia.

A união dos exércitos *conservadores* traduz uma nova fase na Guerra Sertoriana. O acordo entre Metelo Pio e Gneu Pompeio, duas personalidades que, aliadas na mesma causa, se contradizem numa pluralidade de aspectos, constitui um elemento fundamental na solidez da oposição que apresentam a Sertório. As diferenças nos respectivos desígnios tanto quanto a defesa de uma causa comum, ajudam a esbater a rivalidade que se depreende existir entre os comandantes romanos. Nesta fase da sua vida, Metelo Pio pretende, sobretudo, concluir o conflito na Hispânia de forma a regressar a Roma com o dever cumprido e o estatuto social desanuviado das máculas que sobre ele lançara Sertório. Para Pompeio, a vitória na Península Ibérica não constitui o objectivo derradeiro da sua carreira, somente um importante passo de um percurso que, apesar de já impressionante, se encontra ainda na sua mocidade. O veterano procônsul luta, portanto, pelo resgate do seu prestígio, Pompeio para o incrementar.

¹⁴⁴¹ Cic. *Verr.*, 2, 5, 146.

A empática cooperação entre o mais distinto membro da aristocracia de sangue romana e o arrivista que construiu fama derrubando os seus seniores, exibe-se logo no primeiro encontro no campo de batalha do Sucro, quando o *adulescens carnifex* se dirige até à presença de Metelo e, em deferência para com este, ordena aos seus lictores que desçam os *fascēs*, adereços da detenção de *imperium*. Apesar de todas as marcas nocivas que a cruel peleja na Hispânia havia crivado na sua disposição e carácter, Metelo Pio exibe, ainda, predicados de um grande senhor. A responsável defesa do bem comum continua a ser o objectivo primacial do seu serviço à República. Não permitindo que o jovem assuma qualquer postura de inferioridade mesmo após uma jornada marcial em que se distinguira pela sucessiva exibição de egoísmo, fuga diante do inimigo e necessidade de socorro, passará a tratá-lo, sempre, com a maior consideração e gestos públicos de partilha de análogo estatuto.

A aliança entre os comandantes *conservadores* estipula-se em função de um respeito mútuo e definição do espaço que, desde o primeiro encontro até ao termo do conflito, não verá as suas fronteiras violadas. Cuidadosamente medida e estimada por ambas as personagens, esta cumplicidade exterioriza-se em actos simbólicos diante da apreciação social: quando partilhando o mesmo acampamento, a precedência de Metelo Pio revela-se apenas na palavra de vigília que é transmitida a partir da sua tenda. Contudo, na maior parte das ocasiões, os generais acampam separadamente, balizando o respectivo território¹⁴⁴².

A relação simbiótica que se estriba entre os altos magistrados operando na Hispânia constitui um exemplo singular neste período da História de Roma, em si contendo o principal ingrediente para o resultado final do conflito em estudo. Por um momento na sua carreira, Pompeio abdicará da perseguição egotista dos seus projectos pelas vantagens que reconhece em contar com o apoio de um verdadeiro aliado, malgrado tudo o que os separa.

A partilha dos louros da glória com o colega proconsular parece ser doravante perspectivada como uma inevitabilidade, por ambos os generais. O amargo dissabor que tinham, à vez, experimentado às mãos do temível comum inimigo, convence-os da absoluta necessidade de uma cooperação sem reservas. A diferença de idades auxilia a tornar compatíveis as suas respectivas ambições. O ponto de encontro dos seus

¹⁴⁴² Plut., *Vit., Pomp.*, 19, 5.

projectos que consiste na vitória sobre o caudilho, parece conter suficiente prestígio para que os líderes oligárquicos se comprazam com uma divisão de despojos.

A união das legiões governamentais torna insustentável, para Sertório, enfrentá-las junto à costa, onde beneficiam do apoio logístico propiciado pela frota. Apesar de taticamente inconclusiva, a batalha do rio Sucro força o caudilho a refugiar-se na Celtibéria, território no qual dispõe de firme apoio indígena.

A urgente necessidade de reforço dos seus recursos humanos após a sangria decorrente dos últimos confrontos, conduz Sertório até à vertente ocidental dos Montes Ibéricos. A lealdade de que disfruta entre os belicosos hispânicos da Meseta concede-lhe, mais uma vez, os números exigidos para enfrentar numa grande batalha campal os exércitos *conservadores*. A moral destas tropas é, contudo, sensível às crescentes discrepâncias que se vislumbram entre as garantias proféticas de Sertório e a realidade.

À medida que o tempo decorre, a estrutura de um edifício alicerçado na divina providência começa a apresentar ranhuras evidentes, mesmo aos olhos crédulos do hispânico. A ostensão de símbolos de autoridade, o controlo da informação, o trato empático, a partilha dos costumes locais¹⁴⁴³ e outros sofisticados métodos de manipulação política, haviam solidificado a governança de Sertório num sistema que, embora dirigido para a mente do indígena, se sedimenta numa lógica de persuasão largamente inacessível à sua compreensão. Não obstante, o instinto de sobrevivência do nativo fora activado com os recentes massacres, de forma que o apoio ao caudilho é cada vez mais diminuído pelo cepticismo.

Os riscos associados ao exercício de um governo com base numa previsão oracular de vitória segura na marcialidade, manifestam-se de forma profusa nesta fase do conflito. Factores imponderáveis que, a prazo, provocam disrupção na operância de todos os sistemas, multiplicam-se para além do grau que a forja política do caudilho consegue dissimular ou encobrir. Um evento de singular calamidade para a edificação simbólica do poder sertoriano, adensa as sementes de dúvidas na mente do indígena: a corça branca, da qual tanto depende na mitologia criada pelo caudilho, desaparece do acampamento¹⁴⁴⁴.

¹⁴⁴³ Sall., *Hist.*, 1, 93.

¹⁴⁴⁴ Ver: GARCÍA MORÁ Félix - “Entre la leyenda y la realidad : la cierva de Sertorio”, in *memoriam Cabrera Moreno*, Granada, 1992, pp. 163-192.

Ver: MORET, Pierre ; PAILLER, Jean-Marie – “Mythes ibériques et mythes romains dans la figure de Sertorius”, in *Pallas*, 60, 2002, pp. 117-131.

A interpretação prognóstica a partir dos sinais expressos no meio natural granjeava considerável latitude para um afeiçoamento da mensagem aos propósitos pragmáticos. Contudo, nenhuma técnica manipulatória pode justificar um sinal tão manifesto de abandono da fortuna e da protecção dos deuses. Diminuído pelas consequências deste evento que consubstancia os maiores perigos do precário jogo de influência que havia criado, o chefe *popular* não encontra alternativa a evitar o contacto com as legiões. Uma avultada soma em dinheiro é oferecida, como recompensa, a quem encontrar a corça sagrada, detentora do poder unificador da causa sertoriana e do espírito da sua luta armada. Quando, por fim, o animal é recuperado, Sertório procura extrair o melhor usufruto para a sua liderança sobre tropas particularmente necessitadas de encorajamento.

Mantendo a notícia no maior segredo durante vários dias, o caudilho convoca os chefes das principais tribos hispânicas e os respectivos seguidores para um tribunal de rogações sobre o trono do qual Sertório deveria exercer o papel de juriscônsul propenso à sua detenção de *imperium*. Apresentando-se diante dos indígenas com o semblante animado, revela-lhes que a divindade lhe havia anunciado nos seus sonhos uma grande fortuna. Ascende, então, à tribuna onde procede à lide com os suplicantes. A escolha deste momento não fora um acaso: a arquitectura hierárquica de poderes representada na plataforma elevada a partir da qual Sertório fazia minguar a noção intuitiva de estatura ao autóctone que se lhe dirigisse, consiste numa poderosa carga de submissão psicológica destinada a diluir a pertinácia e o impulso à contestação. A familiarização com a intencionalidade do funcionamento dos mecanismos desta engenharia destinada a ocultar as fraquezas humanas por detrás da emanção simbólica de poder encontrava-se, com frequência, para além da percepção do indígena lidando com a magnificência do alto dignatário do mundo civilizado.

Perito em manipular uma plateia, Sertório associa os apetrechos de autoridade judicial e comando militar com os sinais místicos de agraciamento divino, para urdir uma encenação capaz de recuperar o ânimo do hispânico, a confiança na condução providencial do seu ídolo. Narra-nos Plutarco: “*And now the doe was released by her keepers at a point close by, spied Sertorius, and bounded joyfully towards the tribunal, and standing by his side put her head in his lap and licked his hand, as she had been wont to do before. Sertorius returned her caresses appropriately and even shed a few tears, whereupon the bystanders were struck with amazement at first, and then, convinced that Sertorius was a marvelous man and dear to the gods, escorted him whith*

shouts and clapping of hands to his home, and were full of confidence and good hopes.”¹⁴⁴⁵ O poder extraído desta empolgada adulação instiga o caudilho a prontificar-se ao embate decisivo com as legiões oligárquicas.

O terceiro grande recontro deste ano de guerra após o massacre de Segóvia e o embate sem vencedor declarado no rio Sucro, ocorre junto à cidade de Segôncia, portal da rede viária conduzindo ao interior mesetano. A marcha dos exércitos *conservadores* de Pompeio Magno e Metelo Pio realiza-se sob excruciantes dificuldades logísticas, devido à reunião em grandes números e ao progressivo afastamento da costa que implica a perseguição de um inimigo que se evade das tentativas para o trazer à luta. Quando a Celtibéria é, por fim, atingida e exposta à pilhagem das esfaimadas legiões, Sertório vê-se forçado ao choque conclusivo deste ciclo de recontros campais em que dispusera dos meios para desafiar frontalmente as legiões.

Opondo a reunião dos recursos militares disponíveis por ambas as facções, a batalha de Segôncia¹⁴⁴⁶, actual Siguenza¹⁴⁴⁷, constitui o mais importante embate tático da Guerra Sertoriana. Apesar da sorte das armas oscilar de forma considerável durante os anos que se sucedem, o destino da causa *democrática* é, em larga medida, selado neste derradeiro e fracassado esforço para bater as legiões romanas num recontro campal. O subsequente retorno aos métodos de belicismo assimétrico assinala que o soldado hispano-romano integrando as forças armadas do Estado de Osca perdera o élan associado a uma visionária simbiose entre distintas formas de luta, resumindo-se à condição de guerrilheiro adstrito a uma insurreição provincial. Apesar da importância desta batalha no conflito em estudo, os elementos narrativos providenciados por Apiano e Plutarco são parcos e desconexos, dificultando a tentativa da sua reconstrução histórica.

Com as suas tropas sujeitas a grandes privações por motivo das iniciativas da guerrilha inimiga contra a sua rede logística, os comandantes *conservadores* assumem o risco de sair da segurança do arraial com os seus exércitos e distanciarem-se na planície de Segôncia¹⁴⁴⁸, visando expandir o espaço de pilhagem dos recursos das populações celtiberas aliadas de Sertório¹⁴⁴⁹. Um passo de Frontino que podemos, com razoável

¹⁴⁴⁵ Plut., *Vit., Sert.*, 20, 3.

¹⁴⁴⁶ Plut., *Vit., Sert.*, 21, 1 (N.T.).

¹⁴⁴⁷ A equivalência e relação com a Guerra Sertoriana são questões discutidas que merecem uma remissão para bibliografia especializada: KONRAD, C. F. - “Segovia and Segontia”, in *Historia: Zeitschrift für Alte Geschichte*. 43,4, 1994, pp. 440-453.

¹⁴⁴⁸ Plut., *Vit., Sert.*, 21, 1.

¹⁴⁴⁹ Plut., *Vit., Sert.*, 21, 1.

probabilidade, atribuir ao presente momento histórico, sugere que a separação das hostes romanas consiste num estratagema de Metelo Pio para atrair o caudilho à luta em campo raso¹⁴⁵⁰, após este último ter recusado travar batalha nas repetidas ocasiões em que lhe foi oferecida¹⁴⁵¹. Com efeito, o chefe *mariano* retirara diante do avanço *conservador* por considerar que não podia vencer a união dos seus exércitos, preferindo desgastá-los através de métodos de guerrilha. Contudo, o distanciamento dos seus rivais convida Sertório a aplicar, num espaço mais restrito, a estratégia de controlo da posição central que caracterizara as suas campanhas de 76 a.C. e 75 a.C..

O ponto fulcral do plano do sabino consiste em garantir a separação dos seus inimigos, motivo porque decide enfrentá-los, em simultâneo, com as suas próprias forças divididas em dois agrupamentos¹⁴⁵². A fase preliminar da batalha de Segônia deve ser avaliada como compreendendo um par de recontros desunidos no espectro tático mas conectados a nível operacional. A irregularidade na disposição de tropas incrementa-se com as distintas missões atribuídas aos conjuntos *populares*, conferindo à batalha que se irá travar, o carácter decisivo que pretende o caudilho. O distanciamento dos exércitos governamentais, conjugado com o desequilíbrio dos seus recursos humanos e as próprias características díspares dos seus comandantes concedem, a Sertório, a oportunidade para derrotá-los em sequência.

Num dos recontros destacados, deverá Perperna realizar uma acção de detenção, fixando no seu lugar as legiões de Metelo Pio, enquanto aguarda que o caudilho elimine, do cômputo da luta, o seu adversário directo e invista sobre o idoso magistrado através de uma manobra de flanqueio. Assume Sertório a crítica tarefa de extrair proveito da ânsia pelo combate do mais jovem e temerário dos seus inimigos, para lograr um expedito sucesso contra este¹⁴⁵³. As perdas sofridas nas batalhas do Lauro¹⁴⁵⁴ e do Sucro¹⁴⁵⁵ devem ter reduzido os efectivos do *adulescens carnifex* a uma cifra situada entre 15.000 a 20.000 homens¹⁴⁵⁶, força seguramente inferior à que detém Metelo Pio após as completas vitórias alcançadas sobre Hirtuleio.

¹⁴⁵⁰ Plut., *Vit., Sert.*, 21, 1.

¹⁴⁵¹ Frontin. *Str.*, 2, 1, 3.

¹⁴⁵² App. *B Civ.*, 1, 110.

SCHULTEN, *op. cit.*, página 150.

¹⁴⁵³ Liv., *Epit., Per.*, 92, 2.

¹⁴⁵⁴ Frontino menciona 10.000 mil homens, mas pelos motivos já referidos, as baixas correspondentes ao massacre de uma legião e dos tarefeiros integrando o comboio de logística, devem situar-se entre 6.000 a 8.000 homens.

¹⁴⁵⁵ 10.000 homens, segundo Orósio (*Oros.*, 5, 23).

¹⁴⁵⁶ Segundo Orósio (*Oros.*, 5, 23), Pompeio inicia a campanha na Hispânia com 30.000 infantes e mil cavaleiros.

Contra o mais débil dos exércitos rivais, sob o comando do enérgico e arrojado Pompeio, de quem se antecipa viva réplica em detrimento de uma recolha visando delongar o resultado da luta, dirige o caudilho uma dinâmica acometida. Após limitar a influência deste adversário nos subseqüentes eventos pelo desbaratar das suas tropas para a segurança do seu acampamento independente prosseguirá, Sertório, com uma deslocação ao encontro do outro embate. Apesar da escassez dos dados de que dispomos, este planejo parece enunciar os princípios napoleónicos de concentração de massa no ponto de ruptura por via do domínio da posição central.

Interpondo-se, no espectro operacional, entre os exércitos separados de Pompeio e Metelo Pio, Sertório convergirá contra o flanco aberto deste último quando ainda empenhado de frente com Perperna disposição que confere, às forças *populares* combinadas, grande vantagem sobre o inimigo, possibilitando o seu aniquilamento em detalhe. Para o sucesso desta tencionada execução, brilhante na perspicácia táctica com que pode gerar desequilíbrio local decisivo entre antagonistas de preliminar disposição pariforme, cumpre a Perperna a singela tarefa de estabelecer contacto e controlar a actividade de Metelo Pio, pelo tempo suficiente, para que Sertório possa desbaratar as forças do arrivista do Piceno e convergir sobre o veterano procônsul romano¹⁴⁵⁷.

A imagem muito positiva que Plutarco transmite, na obra biográfica dedicada ao grande sabino, da aptidão deste no exercício da chefia contra a hoste de Pompeio, induz-nos a assumir que a simpatia do autor pela personagem determina uma tendência laudatória. Contudo, os números da vitória alcançada por Sertório sobre o prodígio do Piceno afiançados por Apiano¹⁴⁵⁸, autor insuspeito de apologia das figuras históricas responsáveis pelos conflitos civis do período precedendo a *pax romana*, coadjuvam a não menosprezarmos a importância da presença do melhor comandante do seu tempo sobre entusiastas seguidores nativos¹⁴⁵⁹.

Montado no seu corcel de forma a expor-se bem à vista dos beligerantes e intervir com rapidez onde se revela necessária a sua presença, o caudilho multiplica o valor das suas tropas hispânicas até ao ponto em que estas almejam disputar directamente o domínio do terreno contra as poderosas legiões romanas¹⁴⁶⁰. O empolgado ânimo que Sertório incute nos seus partidários, permite-lhes nulificar a vantagem natural do inimigo numa batalha de infantaria simétrica, gerando uma

¹⁴⁵⁷ Liv., *Epit., Per.*, 92, 2.

¹⁴⁵⁸ App. *B Civ.*, 1, 110.

¹⁴⁵⁹ Plut., *Vit., Sert.*, 20, 3.

¹⁴⁶⁰ Liv., *Epit., Per.*, 92, 2.

situação de impasse que se prolonga até ao momento da morte de Gaio Mémio, cunhado de Pompeio e o seu mais hábil general. Tático sagaz num choque de massas, o sabino aproveita, de imediato, o incidente para impelir as suas tropas num esforço resolutivo contra um inimigo combalido pela perda de uma influente liderança.

O desencorajamento dos *conservadores* no ápice de uma intensa luta permite que as tropas sertorianas perfurarem a sua linha de batalha, pondo em debanda a maior parte dos soldados do *adulescens carnifex* e dividindo os restantes em bolsas envoltas pela torrente de assaltantes. Sob o comando vigoroso do caudilho, os *populares* massacram os legionários que resistiam, em desespero, nas suas posições, forçando o seu caminho em direcção ao exército de Metelo Pio¹⁴⁶¹. A cifra de quase 6.000 mortos entre os vencidos pelo preço da perda de apenas metade desse número, assinala a letalidade com que os guerreiros de Sertório rechaçam a hoste de Pompeio, cumprindo a primeira etapa do plano que visa alcançar um resultado decisivo com uma concentração de recursos contra o mais poderoso dos exércitos romanos.

Na peleja paralela integrando a batalha de Segôncia, o veterano procônsul *conservador* infligira uma severa derrota a Perperna¹⁴⁶², abatendo 5.000 das suas tropas, sem réplica sensível¹⁴⁶³. Contudo, apesar destas baixas, as fontes deixam subentendido que o corpo do tenente sertoriano não chega a debandar, continuando a oferecer resistência às legiões. Depreende-se, assim, que Perperna deve ter iniciado batalha com um contingente que não seria inferior em número ao do rival, conforme requeria o enfrentamento das suas tropas pesadas em campo raso.

Na abertura do ano de campanha de 76 a.C., Sertório dera instruções, a Hirtuleio, para evitar um confronto directo com Metelo Pio devido à superior força deste¹⁴⁶⁴. Travada, provavelmente, no Verão do mesmo ano, a batalha de Itálica concluiu-se, segundo Paulo Orósio¹⁴⁶⁵, com o massacre de 20.000 hispânicos e a fuga do tenente *democrático* com alguns sobreviventes. Partindo destes dados, é lícito presumir que o procônsul *conservador* comandaria pelo menos 25.000 homens, incluindo legionários sobreviventes da campanha da Lusitânia e auxiliares oriundos do território compreendendo a Província Ulterior, entretanto chamados às armas. Este exército deve ter sofrido um mínimo de perdas na obra-prima da tática militar que constitui a batalha

¹⁴⁶¹ Plut., *Vit., Sert.*, 21, 1.

¹⁴⁶² Oros., 5, 23.

¹⁴⁶³ App. *B Civ.*, 1, 110.

¹⁴⁶⁴ Liv., *Frag.* 91.

¹⁴⁶⁵ Oros., 5, 23.

de Segóvia. Podemos, assim, deduzir que Perperna Veientão disporia, no início do choque em Segôncia, de uma poderosa hoste, motivo porque suporta o castigo que lhe é atribuída¹⁴⁶⁶ sem ser destruída.

Quando Sertório recupera a sua mobilidade operacional por via da repulsão do seu directo antagonista, pode agir no sentido de tirar partido do enfrentamento linear entre as forças de Perperna e Metelo Pio. Tendo-se interposto entre os exércitos romanos, o caudilho converge sobre o veterano procônsul que, malgrada a vantagem obtida sobre Perpena, se vê presentemente sujeito a uma ameaça de destruição. O contacto estabelecido entre as hostes *populares*¹⁴⁶⁷ constrange Metelo Pio a uma crítica inferioridade numérica, sendo legítimo pressupor que a sua frontaria é ultrapassada pela disposição do inimigo que o pressiona no flanco deixado aberto pela derrota de Pompeio.

Contudo, a eficiência com que Sertório cumprira até ao momento um luminoso plano de batalha, depara-se com a fortaleza das legiões sob um experto veterano em demanda por uma desforra redentora de um longo período de vexame público. Após anos de fracassos em se adaptar às condições específicas do belicismo na Hispânia, o grande aristocrata enfrenta, finalmente, a sua némesis no predilecto elemento de confrontação campal sobre o qual havia edificado o seu prestígio militar¹⁴⁶⁸. O tático de eleição que destruiu, em Itálica, a insolência provocatória do inimigo com um ataque fulminante e, em Segóvia, um circunspecto arranjo defensivo clássico mediante a ousada aplicação do sistema de duplo envolvimento escora-se agora, com obstinação, no seu terreno.

O exemplo oferecido pelo idoso comandante romano lutando com ardente vigor e abnegada coragem lado a lado com as suas tropas, inspira-as a oferecerem uma resistência tenaz ao assalto sertoriano. O momento decisivo da batalha ocorre quando Metelo Pio é ferido por uma lança e a notícia se espalha pelas fileiras. Em vez de quebrar o espírito dos legionários, enche-os com o sentimento de culpa por terem falhado na protecção do seu chefe e um desejo de o expiarem exercendo retaliação sobre o inimigo¹⁴⁶⁹. Com a vida de Metelo Pio salvaguardada por acção dos soldados que o

¹⁴⁶⁶ App. *B Civ.*, 1, 110 ; Oros., 5, 23.

¹⁴⁶⁷ Liv., *Epit., Per.*, 92, 2.

¹⁴⁶⁸ No domínio da guerra convencional, a competência de Metelo Pio para prevenir um ataque de surpresa através de diligentes procedimentos de segurança e firmeza na resposta a um acção precipitada por parte do seu adversário, havia sido exibida durante a guerra civil na Itália. Ver App. *B Civ.*, 1, 91, 1.

¹⁴⁶⁹ Plut., *Vit., Sert.*, 21, 3.

cobrem com os seus escudos e afastam da linha de refrega, um feroz contra-ataque é dirigido contra os hispânicos que são, por fim, repelidos¹⁴⁷⁰.

Com a sua mobilidade restaurada, o exército oligárquico é conduzido de regresso ao interior do acampamento, de forma a maximizar a sua protecção defensiva. Esta recolha prolonga-se ao longo de toda a manhã do dia seguinte recusando-se, Metelo Pio, a enfrentar os soldados de Sertório quando estes clamam de forma entusiástica pelo combate, brandindo as lanças em desafio aos legionários¹⁴⁷¹. Contudo, o controlo emocional que contrapõe o método bélico romano ao arrebatamento do guerreiro tribal, sobrepuja a tentação de aceitar o repto para uma peleja em circunstâncias menos favoráveis que sob a protecção de um fortificado.

O experimentado pragmatismo do comandante *conservador* combina com a bravata do hispânico, para conferir resultados decisivos ao derradeiro capítulo do choque nas planícies de Sagunto. Ao entardecer, um largo reforço de tropas nativas atinge o local da batalha¹⁴⁷² concedendo, ao caudilho, o potencial humano que lhe permite confiar no êxito de uma investida contra as fortificações romanas. Decide-se, assim, Sertório a atacar, de surpresa, o acampamento de Metelo Pio com a intenção de circunvalá-lo com uma trincheira de forma e impedir qualquer tentativa de escape¹⁴⁷³.

Contudo, para destruir o inimigo por um método alternativo ao do moroso assédio, é necessário sobrepujar uma posição barricada em todo o seu perímetro. O arranjo em quadrilátero assumido pelas forças romanas no interior do seu abrigo, reforça-lhes a sua capacidade defensiva. Neste tipo de formatura compacta, não existe um ponto de fraqueza estrutural que possa servir de alvo a um ataque localizado. Um acometimento convergente a partir de uma disposição circundante parece, assim, constituir a opção táctica de Sertório.

A posição dominante obtida com o sucesso do dia anterior sobre Pompeio, oferecia expectativas que um ataque directo contra Metelo Pio pudesse desequilibrar decisivamente a luta. O resultado final deste abandono ao ímpeto ofensivo consiste no comprovativo de que a lendária percepção de Sertório fracassara em calcular o valor da resistência do exército *conservador*.

¹⁴⁷⁰ App. *B Civ.*, 1, 110.

¹⁴⁷¹ Apesar da cronologia da seguinte passagem de Frontino (Frontin. *Str.*, 2, 1, 3) não ser clara, o seu conteúdo parece corresponder às circunstâncias desta batalha.

¹⁴⁷² App. *B Civ.*, 1, 110.

¹⁴⁷³ Ibidem.

O brilhante cabo de guerra dirige um esforço resoluto contra um inimigo enfraquecido pela intensa luta da véspera, movido pela convicção que com ele firmaria o triunfo tático capaz de tornar irreversível o rumo da guerra na Hispânia em favor da facção *popular*. Conquanto, o refúgio das legiões, no seu acampamento, permitia considerar que se encontravam bem resguardadas de uma ameaça de aniquilação. A precipitação do caudilho pode, assim, ser explicada pela tentativa de aproveitar a inatividade das forças molestadas de Pompeio e o acréscimo dos seus próprios meios com a chegada de reforços.

O benefício posicional das tropas legionárias no interior de uma fortificação contrapõe-se aos efeitos da superioridade numérica sertoriana. Concebido para resistir a este tipo de acometida por um inimigo ultrapassando com grande diferencial a cifra dos defensores, o acampamento romano¹⁴⁷⁴ estandardizado oferecia ótimas linhas interiores, de forma que qualquer ponto ameaçado pudesse ser rapidamente coberto pelo desvio de recursos.

O registo da autoria antiga não nos faculta informações sobre o resultado do ataque, mas é lícito presumir um cúmulo de perdas para os *populares* devido à perda irremediável da sua capacidade para enfrentar as legiões numa batalha aberta. Por fim, a aproximação do exército de Pompeio que, no refúgio do seu fortificado¹⁴⁷⁵ convalescera da derrota do dia anterior, constitui um contributo adicional para que Sertório desista da ousada empresa contra Metelo Pio¹⁴⁷⁶.

O maior inconveniente de um plano assente no domínio da posição central por via da repulsa de um dos exércitos inimigos, consiste no facto do encaço dos vencidos deste combate preliminar, ser preterido pela mudança de direcção ao encontro da segunda hoste. A pronta marcha executada por Sertório sobre o flanco de Metelo Pio de forma a assegurar uma temporizada concentração de recursos na crítica batalha contra este adversário, implicara a renúncia em destruir as legiões de Pompeio. A consequente resistência das forças de Metelo Pio confere, ao seu colega procônsular, o tempo necessário para restaurar o ânimo das suas tropas e participar activamente no embate ainda irresoluto.

O assalto convergente sobre o acampamento do veterano general romano dita que a formação *popular* deixara de ter defesa adequada contra um exército legionário

¹⁴⁷⁴ CONNOLLY, Peter – *The Roman Fort*, Oxford University Press, Oxford, 1998.

¹⁴⁷⁵ Frontin. *Str.*, 2, 1, 3.

¹⁴⁷⁶ App. *B Civ.*, 1, 110.

dirigindo-se ao seu encontro. A situação da luta confere, ao *adulescens carnifex*, a hipótese de esmagar entre as suas próprias unidades e as fortificações do seu colega proconsular, um segmento do anel constituído pela disposição envolvente adoptada pelo inimigo.

Contudo, a habilidade de Sertório em dirigir as suas tropas numa manobra urgente coligida com a natural mobilidade do indígena, permite que a hoste *democrática* se evada do contacto com as legiões. Batido, o caudilho empenha-se em assegurar uma retirada segura para os seus homens, realizada através da dispersão por várias colunas de marcha¹⁴⁷⁷. A oportunidade que Sertório perspectivara para destruir um dos exércitos romanos, transformara-se num malogro com consequências decisivas para a evolução do conflito.

Numa perspectiva global, a batalha de Segôncia representa o momento reversivo na evolução da Guerra Sertoriana. Apesar das fontes não precisarem a extensão das perdas sofridas, um golpe rude fora sem dúvida infligido às forças de Sertório, como indiciam os recrutamentos que se sucedem ao abandono do campo ao inimigo. O esforço de guerra do Estado de Osca não tardará a ressentir-se das sangrias que representam os embates campais preenchendo o ano de 75 a.C..

4.5.4 – Operações na Celtiberia. O assédio de Clúnia. O retorno à guerra de guerrilha.

A fragmentação das suas tropas permite, a Sertório, assegurar o acréscimo da rapidez de movimento, para distanciar-se dos perseguidores. Retirando para o interior da Meseta, o caudilho *popular* convida os comandantes *optimates* a estirarem ainda mais as suas linhas de comunicação. O seu destino consiste na praça de Clúnia, situada a mais de 1.000 metros acima do nível do mar, no planalto conhecido por Alto de Castro. A lenta marcha dos exércitos romanos reunidos concede ao fugitivo tempo suficiente para se instalar na cidade e proceder à solidificação das suas estruturas defensivas reparando as muralhas e fortalecendo os portões. Com estas medidas insinua a sua intenção de resistir firmemente no local a um assédio em regra operado pelas legiões.

¹⁴⁷⁷ Plut., *Vit., Sert.*, 21, 3.

Todavia, estes procedimentos, de Sertório, consistem num mero logro, destinado a atrair o inimigo enquanto dava tempo, aos seus aliados, para reunirem as forças escapadas da batalha de Segôncia em local seguro. Em adição, o caudilho envia oficiais aos povos Celtiberos com instruções para procederem ao recrutamento de novos voluntários, para preencherem os lugares deixados vazios pelas extensivas perdas sofridas nos prévios confrontos.

Por uma vez mais o hispânico responde afirmativamente ao apelo às armas, de forma que os sobreviventes dos prévios encontros vêem em breve os seus números reforçados pela chegada de tropas frescas. Todos estes desenvolvimentos passam despercebidos ou procedem-se sem a oposição por parte dos comandantes oligárquicos, que se dirigem para o alvo capital que consiste em Sertório, finalmente estacionado num local ao alcance da marcha mais morosa das legiões¹⁴⁷⁸. Em Clúnia, praça-forte arévaca situada nas montanhas bordejando o curso superior do rio Douro, a conspiração entre as defesas naturais e as estruturas de amuralhamento parecia garantir, ao caudilho *popular*, condições para suportar um longo assédio. Não é, contudo, sua intenção resumir-se a uma defesa estática atrás das muralhas, aceitando o sabino as baixas resultantes da troca de golpes em repetidas sortidas contra as legiões *conservadoras* para impedir que estas consolidem a enclausura da praça¹⁴⁷⁹.

Quando um mensageiro informa Sertório que um novo exército fora reunido por via da acção dos seus mandatários sobre a população nativa, o caudilho abandona a cidade de Clúnia, passando incólume pela posição romana mediante nova façanha de infiltração e evasão. A defesa do território celtibero será melhor garantida através de uma prática activa de belicismo, forçando o inimigo a abandonar os seus propósitos de conquista por via da flagelação das suas forças através de acções de guerrilha.

Atraídos para a inóspita Meseta, um extenso planalto central denteado por sistemas montanhosos resultantes da erogenia, os exércitos legionários encontram-se expostos à inclemência dos elementos naturais. Neste cenário de avassaladora opressão para a vida humana, o retorno aos procedimentos da guerra assimétrica revela-se uma opção ideal para fustigar a logística romana, desfiada ao longo das várias centenas de quilómetros que separam as forças governamentais dos seus depósitos na costa mediterrânica.

¹⁴⁷⁸ Veg., *Mil.*, 3, 25.

¹⁴⁷⁹ Liv., *Epit.*, *Per.*, 92, 3.

Uma actividade concertada a uma escala provincial é desenvolvida contra as linhas de comunicação dos exércitos governamentais. A pirataria cilícia, novamente empreendedora após a expedição de Gaio Mémio a Nova Cartago no ano precedente, dirige as suas iniciativas predatórias e de disrupção contra a rede naval disposta por Pompeio entre a Gália meridional e a costa levantina. Em solo firme, contactos estabelecidos por Sertório, com o indígena, disseminam acometidas contra o sistema de fornecimento dos *optimates* desde território ilerjavone e contestano até à Celtibéria, de forma que o apoio logístico que de facto atinge as legiões sediadas no âmago da Península Ibérica, representa apenas uma fracção daquele de que dispunham no litoral.

O prolongamento das linhas de comunicação dos exércitos *conservadores* determina uma exposição acrescida ao atrito provocado pelos meios naturais e actividade da guerrilha inimiga. O desgaste da equipagem, a carência em víveres, o corte das comunicações, são factores que incidem sobre a moral do soldado de linha, incrementando o sentimento de solidão e de vulnerabilidade. O desdobrar das forças *populares* em pequenas unidades tácticas, garante maior ligeireza aos seus movimentos e amplitude de operacionalidade para acções de desbaste sobre os flancos ou retaguarda das forças romanas¹⁴⁸⁰.

Por via do carácter furtivo e dissipado da conduta nativa, as legiões são incapazes de acometer o inimigo sem a anuência deste e encontram-se expostas ao seu fustigamento em todos os segmentos da coluna de marcha¹⁴⁸¹, sobretudo incidente contra os pontos de fraqueza. O amplo espaço que constitui o anfiteatro de guerra celtibero determina uma profícua liberdade de actuação para a guerrilha hispânica.

Nenhuma iniciativa relevante é desenvolvida, nestas condições, contra adicionais praças mesetanas até ao fim da estação de campanha. Com a chegada do Outono, caracterizado por um inclemente clima nestes planaltos interiores em que a baixa da temperatura torna gélidos os agrestes ventos, é evidente, para o comando *conservador*, que o terreno não providencia as condições de acolhimento necessárias à permanência dos seus exércitos durante a estação invernal. O arrastar da guerra determina que as regiões onde previamente as forças contendoras se haviam instalado ou combatido se encontrem exauridas de recursos alimentares. Conforme menciona Pompeio na carta dirigida ao Senado¹⁴⁸², os dois últimos anos de hostilidades haviam

¹⁴⁸⁰ Plut., *Vit., Sert.*, 21, 5.

¹⁴⁸¹ Veg., *Mil.*, 3, 1.

¹⁴⁸² Sall., *Hist.*, 2, 82.

devastado os territórios adjacentes à costa mediterrânica¹⁴⁸³. Também a Andaluzia parece necessitar de um tempo de pousio após ter nutrido as forças de Metelo Pio desde a campanha lusitana.

Uma decisão crítica tem, assim, de ser tomada: evitar as perdas que compreendem a sujeição à fome durante o Inverno, implica a residência das legiões em territórios que ainda não haviam sido atingidos directamente pela guerra. Desta forma, os generais *conservadores* são obrigados a separar-se: Metelo Pio seleciona a Gália, base do sistema de abastecimento criado pelo seu colega proconsular, como o local para restabelecer as suas forças sob o disfrute de amplas comodidades domiciliárias.

Por sua vez, Pompeio desloca-se¹⁴⁸⁴ para o território dos Vascões, povo estabelecido no espaço entre a vertente hispânica dos Pirinéus ocidentais e o rio Ebro¹⁴⁸⁵. Poderá ter sido este o momento para a fundação de Pompaelo¹⁴⁸⁶, acampamento militar¹⁴⁸⁷ que evoluirá, com o tempo, para uma verdadeira cidade, ainda que talvez exista maior probabilidade na atribuição de uma data posterior ao término da Guerra Sertoriana¹⁴⁸⁸. Apesar do texto muito fragmentado de Salústio¹⁴⁸⁹ não justificar o movimento de Pompeio para além da colecta de cereais num território afastado da incidência das campanhas precedentes, uma variedade de autores fundamenta um pretense apoio dos Vascões ao procônsul *conservador* mediante a extrapolação do conteúdo da inscrição epigráfica de Ascoli (CIL I, 709).

Nela se menciona a concessão, por parte de Gneu Pompeio Estrabão, da cidadania romana a vários cavaleiros oriundos da Hispânia, por motivo do notável serviço prestado na conquista de Ascoli no ano de 89 a.C., durante a Guerra Social. Organizados numa unidade auxiliar conhecida por *Turma Salluitana*, a sua proveniência tem sido atribuída à cidade ibérica sedetana de Salduie¹⁴⁹⁰, origem de César Augusta, a moderna Saragoça.

¹⁴⁸³ Flor., 2, 10, 2, 22, 7.

¹⁴⁸⁴ Sall., *Hist.*, 2, 76.

¹⁴⁸⁵ Strabo, 3, 4, 10.

¹⁴⁸⁶ Strabo, 3, 4, 10.

¹⁴⁸⁷ Armendáriz Martija, Javier – “Propuesta de identificación del campamento de invierno de Pompeyo en territorio vascón”, in *Trabajos de Arqueología de Navarra*, 18, pp. 41-63.

¹⁴⁸⁸ PINA POLO, Francisco – “Sertorio, Pompeyo y el supuesto alineamiento de los Vascones con Roma”, in *Los Vascones de las Fuentes Antiguas. En torno a una etnia de la Antigüedad Peninsular*, Javier Andreu Pintado (Ed.), Colección Instrumenta, Barcelona, 2009, página 214.

¹⁴⁸⁹ Sall., *Hist.*, 2, 76.

¹⁴⁹⁰ PINA POLO, Francisco – “Por qué fue reclutada la turma Salluitana en Salduie?”, in *Gerión*, Vol. 21, Nº 1, 2003, pp. 197-204.

A hesitação da população autóctone em assumir declarado apoio por um dos beligerantes¹⁴⁹¹, determina que ambos sofram com a falta de provisões¹⁴⁹². Enquanto Sertório opta por mover o seu exército para uma posição mais próxima da sua capital em Osca, Pompeio decide-se a abandonar esta área de confronto e encontrar poiso alternativo para as suas legiões. Numa ousada decisão, desloca-se para oeste até ao território dos Vaceus¹⁴⁹³, onde permanece durante o Inverno. Podemos presumir que o anterior apoio recebido pelos Autrigones permite, a Pompeio, estabelecer uma via de comunicação com a Gália, de forma que a sua estadia nas proximidades do rio Douro não resulta num completo isolamento. A precariedade da sua posição encontra-se, contudo, subjacente na carta que envia ao Senado, onde solicita mais tropas e dinheiro, sob o risco de abandonar a guerra na Hispânia e regressar a Roma com o seu exército.

Como refere Philip O. Spann: *“It might be argued, of course, that Sallust has fabricated or exaggerated Pompey’s arrogant and insolent tone in order to blacken both him and the Senate he writes to. It is highly probable, however, that behind Sallust’s representation of the letter was an historical document.”*¹⁴⁹⁴ O desespero que se apodera de Pompeio é compreensível à luz de uma guerra extenuante na Hispânia, que não aparenta estar agora mais próxima da sua conclusão vitoriosa do que em qualquer outro momento desde o seu início, sendo maior, entre os apoiantes da causa *conservadora*, a expectativa de ver Sertório passar para a Itália do que o vencer na Península¹⁴⁹⁵.

Pelo preço de extensivas baixas, derrotas humilhantes, escapadas vergonhosas, perda do fascínio colectivo, chagas físicas e emocionais, o esgotamento do seu tesouro e a necessidade de se rebaixar solicitando apoio ao Senado, Pompeio alcançou três objectivos: subtrair do domínio sertoriano as principais cidades costeiras¹⁴⁹⁶, reuniu as suas forças às de Metelo Pio e avançara até ao coração da Celtibéria. Antes do retorno à guerra de guerrilha, por parte de Sertório, ilustrar de que forma eram precários os ganhos puramente cartográficos na Hispânia, o avanço em “gancho” realizado por Pompeio a partir da Gália até ao Sucro, subindo depois pela linha de Segobriga-Segôncia-Clunia até ao âmago mesetano, parecia solidificar a presença governamental

¹⁴⁹¹ Ver: ARTICA RUBIO, Eduardo - “Algunos apuntes sobre los Vascones en la guerra sertoriana”, in *Los Vascones de las Fuentes Antiguas. En torno a una etnia de la antigüedad peninsular*, Javier Andreu Pintado (Ed.), Col·lecció Instrumenta, Barcelona, 2009, pp. 169-190.

¹⁴⁹² Sall., *Hist.*, 2, 76.

¹⁴⁹³ App. *B Civ* 21, 5.

¹⁴⁹⁴ SPANN, *op. cit*, página 120.

¹⁴⁹⁵ App. *B Civ.*, 21, 6.

¹⁴⁹⁶ Com a notável excepção de *Denia*.

em redor da derradeira zona de radicação *popular* centralizada em Osca. Contudo, a chegada do Inverno reduzira de forma significativa estes ganhos aparentes: forçados a retirarem-se para territórios periféricos relativamente às principais zonas de desenvolvimento das operações bélicas, os comandantes *optimates* assistem, impotentes, ao restabelecer do controlo, por Sertório, sobre grande parte das regiões perdidas.

Na Província Citerior a causa oligárquica mantém a posse apenas sobre as praças urbanas do litoral, verdadeiros enclaves sorvedores de despesas e requisitantes de meios de defesa diante da hostilidade autóctone e corsária¹⁴⁹⁷. Atingida pela incidência da guerra durante vários anos, a zona do Levanto, incapaz de oferecer guarita às legiões durante o Inverno de 75-74 a.C., transformara-se numa terra assolada. Na Celtibéria, Sertório preserva o domínio das principais praças-fortes numa região onde o mundo circundante à urbanidade, constitui uma deprimente e estéril paisagem sem qualquer valor estratégico, para além do que concerne ao domínio dos caminhos que a percorrem. Finalmente, o bastião de Osca parece bem resguardado das operações que se desenvolvem nos espaços periféricos do Estado *popular* no exílio.

Contudo, a extensão das baixas suportadas no desafio directo às legiões no domínio do belicismo convencional, incitara o caudilho a retornar à guerra assimétrica como forma de garantir uma poupança dos seus recursos humanos. A decisão fora tomada considerando o mal menor entre as soluções disponíveis, uma vez que este tipo de pugna era fortemente lesivo para a moral do elemento itálico-romano integrando as forças sertorianas: o soldado civilizado considerava uma indignidade sujeitar-se à vida guerrilheira. Para as orgulhosas coortes trazidas por Perpenna Veientão para a Hispânia, adoptar métodos de marcialidade que as repugnam, representa um custo em auto-estima que não tardará em manifestar-se num crescente ressentimento contra o chefe *mariano*.

4.5.5 - Contactos diplomáticos entre Sertório e Mitridates VI Eupator, rei do Ponto.

A constituição do Estado de Osca em 77 a.C. havia elevado o movimento encabeçado por Sertório de uma simples guerrilha, actuando nos confins do mundo provincial romano, ao panteão de potência na geo-política mediterrânica. A inclusão,

¹⁴⁹⁷ Plut., *Vit., Sert.*, 21, 5 ; Sall., *Hist.*, 2, 82, 6-9.

nas suas fronteiras, das cidades da costa levantina e a cumplicidade firmada com a pirataria cilícia, haviam aberto o domínio da política externa ao compêndio de opções governativas da radicação *democrática* na Península Ibérica. Contactos diplomáticos são estabelecidos com Mitridates VI, rei do Ponto, o mais perigoso e persistente inimigo da romanidade desde o grande Aníbal.

Após o Tratado de Dárdanos (85 a.C.) ter restringido as suas ambições à fronteira ocidental dinástica, Mitridates sonda o momento propício para declarar o seu reaparecimento na luta pelos territórios integrando a bacia mediterrânica. A extenuante e indómita guerra civil que opõe as facções romanas enforma, justamente, o contexto que convence o soberano pântico de que a oposição à retoma dos seus projectos expansionistas, representará apenas uma fracção do potencial que Roma lhe poderia mover com as suas forças reunidas. Segundo Apiano, dois membros da facção *popular* residindo na Ásia, Lúcio Mágio e Lúcio Fânio, aliciam o rei do Ponto com as vantagens de negociar com Sertório¹⁴⁹⁸. Acrescenta Cícero que ambos haviam sido declarados pelo Senado como inimigos de Roma, devido à actividade desenvolvida desde *Denia* a Sínope com os opositores do regime, ou seja, os rebeldes *marianos* e o rei do Ponto¹⁴⁹⁹.

Pela primeira vez na História, o Mediterrâneo deixa de constituir, como o descreveu Fernand Braudel, “uma união de mares”¹⁵⁰⁰, para assumir a feição de um domínio monolítico ao longo da superfície do qual se desenvolve uma concertação diplomática entre entidades políticas sedimentadas nos seus respectivos extremos geográficos. A aliança entre Sertório e Mitridates firma-se em função da recíproca vantagem de sujeitar o comum inimigo aos constrangimentos de uma guerra em duas frentes¹⁵⁰¹, forçando-o a uma dispersão de forças para defrontar perigos emanados de pólos excêntricos na latitude do mar interior.

Os múltiplos benefícios resultantes de um acordo com o rei do Ponto são, contudo, contrapostos pelas implicações ideológicas que afectariam o âmago da legitimidade da causa *democrática* e pelos imponderáveis envolvendo um crescimento eventualmente desmedido do poder do aliado de circunstância. O pulsar do povo da Itália parece dirigido em favor da insurgência, apesar do sufoco do levantamento lepidano ter conferido um carácter de passividade a um apoio que, no presente, se

¹⁴⁹⁸ App. *Mith.*, 72.

¹⁴⁹⁹ Cic. *Verr.*, 1, 87.

¹⁵⁰⁰ BRAUDEL, Fernand - *O Mediterrâneo e o Mundo Mediterrâneo na Época de Filipe II*, Lisboa, Publicações D. Quixote, Lisboa, 1983.

¹⁵⁰¹ Cic. *De imp. Cn. Pomp.*, 9-10.

conforma com o mando indesejado do regime *conservador*. O caudilho considera, por conseguinte, os efeitos perniciosos que uma alienação de património territorial romano teria sobre potenciais militantes pela sua causa, se um propenso evoluir das hostilidades, na Hispânia, lhe permitir avançar sobre Roma.

Os escrúpulos morais de um homem que nunca renunciou à sua origem apesar do desterro a que foi forçado, em conjugação com a inevitável fragilização dos princípios doutrinários da luta que lidera contra as reminiscências da ditadura de Sula por virtude do compadrio estabelecido com um inimigo declarado de Roma, são os elementos que se degladiam com os proventos práticos da rendição à *realpolitik*. As dúvidas que inibem o caudilho a anuir a um pacto com o soberano do Ponto, levam-no a convocar o Senado *popular*, de forma a atribuir uma responsabilidade colectiva a uma escolha que podia ser estigmatizada como uma traição à romanidade¹⁵⁰².

Plutarco menciona a preferência de Sertório em limitar o conflito com a facção *conservadora* ao domínio doméstico, salvaguardando as posses territoriais do Estado romano¹⁵⁰³. Os extensos proventos que os senadores de Osca contemplam no encetar de negociações com Mitridates contrapõem-se, contudo, ao desígnio do alto magistrado. O produto desta relação de forças consiste numa solução de compromisso com Mitridates, no contexto da qual a causa *mariana* parece, claramente, restringir as suas cedências a um mínimo e beneficiar com um apoio precioso por parte do monarca oriental.

Para a liderança política do Estado de Osca, a aposta na desafeição das forças vivas itálicas relativamente ao regime oligárquico teria de conciliar-se com o contorno dos interesses da política externa romana, por via do estabelecimento de contactos diplomáticos que envolvem concessões espaciais e conselho militar a um inimigo fidalgo da Cidade Eterna. As exigências imediatas da guerra contra a facção *conservadora* preenchem o fundamental das preocupações do colectivo exilado em Osca, de forma que Sertório é incentivado a obter as maiores vantagens tangíveis nas negociações com Mitridates e desconsiderar constrições éticas. Não obstante, o devoto patriotismo do caudilho anuído por Plutarco¹⁵⁰⁴, induzem-no a acentuar o proverbial primado detido pelo romano nas suas lides com o estrangeiro. As imprevisíveis ramificações políticas do pacto firmado com o soberano do Ponto preconizam que Sertório se abstenha de perseguir um rumo insensato de ganhos de forma a restringir

¹⁵⁰² App. *Mith.*, 68.

¹⁵⁰³ Plut., *Vit., Sert.*, 23-24.

¹⁵⁰⁴ Plut., *Vit., Sert.*, 23-24.

igualmente as contrapartidas. A habilidade diplomática do estadista *popular* é uma evidência no produto final das negociações.

A troca do envio de quarenta navios de guerra e de 3.000 talentos, Sertório compromete-se, apenas, em conceder, a Mitridates, o direito à conquista das províncias da Bitínia e Capadócia, quando este último reclamava, originalmente, o domínio sobre toda a Ásia. Mediante a preservação dos territórios já integrados no Império Romano, visa Sertório ilibar-se da inevitável mácula que sobre ele recairia, caso cedesse os interesses da Cidade Eterna em proveito do curso prático da desonra.

A superioridade marcial que no mundo helenístico do século I a.C. se reconhece na civilização romana¹⁵⁰⁵, constitui uma vantagem valiosa para a diplomacia sertoriana. O monarca do Ponto vê-se reduzido a uma posição de lisonja pelo simples encetar de contactos com o melhor comandante militar do seu tempo, cuja fama se havia propagado pelos quatro cantos do mundo antigo, através da tradição oral concomitante com as deambulações dos mercadores e viajantes cruzando o Mediterrâneo¹⁵⁰⁶.

Apesar dos factores de crise que abalam a romanidade no século final da República, os diferentes povos e Estados do Mediterrâneo antigo dificilmente conseguiam competir com as suas forças armadas. Após as reformas de Gaio Mário, se algo minorava a corriqueira supremacia das legiões no campo de batalha, consistia nos danos colaterais que atingiam o regular funcionamento da máquina de guerra romana, por via da perniciosidade vigente em múltiplos sectores adjacentes à marcialidade.

O prestígio da liderança sertoriana elevava-se a um tal patamar no decurso da guerra na Península Ibérica, que o melhor préstimo que Mitridates obtém do seu aliado consiste no envio de Marco Mário com uma investidura magistrática, para assumir o comando dos exércitos do Ponto¹⁵⁰⁷. Superintendente dos assuntos de Estado, o rei helenístico preserva o hábito de delegar a chefia das suas forças armadas a militares de reputação. Durante a Primeira Guerra Mitridica, o seu favorito fora Arquelau, um nobre cortesão natural da Capadócia, que empreendera campanha na Grécia contra Sula com considerável autonomia e confiança concedida pelo monarca.

Experiente general, talentoso adestrador e arguto político, Marco Mário torna-se, logo após a sua chegada à Ásia Menor, num elemento indispensável aos projectos de

¹⁵⁰⁵ GILLIVER, Catherine M. – “Battle”, in *Greek and Roman Warfare. Volume II: Rome from the Late Republic to the Late Empire*, SABIN, Philip ; VAN WEES, Hans ; WHITBY, Michael (eds.), Cambridge University Press, 2008, página 122.

¹⁵⁰⁶ Plut., *Vit., Sert.*, 23.

¹⁵⁰⁷ Plut., *Vit., Sert.*, 24, 3.

Mitridates, que subalterniza o seu orgulho soberano em proveito de um máximo rendimento dos seus meios frente ao tenaz inimigo que consiste Roma. Tendo aprendido uma valiosa lição com a derrota resultante do emprego pródigo de extensivos recursos humanos e materiais durante o primeiro conflito com a Cidade Eterna, o rei do Ponto apoia as reformas fomentadas pela chefia *mariana*, no sentido de forjar a partir da miríade de asiáticos chamados às armas, uma máquina de guerra genuinamente eficiente.

Os métodos de conversão de indígenas à forma de luta romana aplicados por Sertório na Península Ibérica parecem, assim, ser reproduzidos pelo seu enviado à corte de Mitridates. No presente caso não se trata de doutrinar um fugaz e auto-suficiente guerrilheiro nos procedimentos de concerto grupal numa batalha de linha, mas conferir um espírito armífero a povos orientais imersos numa lógica ancestral de submissão ao exercício de poder, conforme os preceitos de uma estrutura social verticalizada por estratos bem delineados. O luxo que toldara os movimentos e amaciara a disciplina das hordas pontinas no precedente confronto com as legiões, dá lugar a uma focalizada perseguição do sucesso bélico, traduzindo-se esta mentalidade na confecção de um exército equipado segundo uma finalidade mortífera, que inclui espadas forjadas à maneira romana e escudos pesadamente soldados.

O plano inclinado da aliança firmada entre o Ponto e o Estado de Osca exterioriza-se nas emanações simbólicas de poder, assumindo Mitridates uma pose de subordinação relativamente ao general sertoriano nas aparições públicas. Fiel discípulo dos ensinamentos do caudilho, Marco Mário promove, através de uma política benevolente e popular, a sublevação das províncias orientais contra o jugo romano, em toda a parte odiado devido à rapina dos publicanos e abusos das legiões, anunciando-lhes isenções de impostos pela graça de Sertório¹⁵⁰⁸. Quando a guerra é declarada em 75 a.C., a maioria dos habitantes da Ásia Menor alimenta esperanças de que uma mudança de poder as liberte da extorsão e arrogância dos colectores de impostos e dos soldados romanos aquartelados no território¹⁵⁰⁹.

Nenhuma das nossas fontes precisa o impacto, para a causa *popular*, das contrapartidas obtidas de Mitridates. Desconhece-se, igualmente, a partir de que data dispôs Sertório destes meios vinculados ao tratado estabelecido com o rei do Ponto. Por conseguinte, podemos apenas conjecturar que a chegada da elevada quantia monetária

¹⁵⁰⁸ Plut., *Vit., Sert.*, 24, 4.

¹⁵⁰⁹ Plut., *Vit., Sert.*, 24, 4.

contribuiu para que o caudilho financiasse o prosseguimento do conflito, em terra e no mar¹⁵¹⁰, pelos três anos que ele irá ainda durar até ao seu assassínio, ao passo que os quarenta navios de guerra, possivelmente aportados em *Denia*, representam o incremento da oposição à frota *conservadora* destacada para a Hispânia. A severa ameaça ao sistema de comunicações marítimas estabelecido ao longo da costa levantina que consubstancia os novos meios navais sertorianos¹⁵¹¹, ajuda a explicar a situação de desespero financeiro que induz Pompeio a escrever ao Senado em tons desapropriados.

Indirectamente, o deflagrar da Terceira Guerra Mitridica contém o potencial para beneficiar os projectos *marianos* na Hispânia pelo desvio de recursos humanos e financeiros do debilitado poder oligárquico para oriente que poderiam ser, noutras circunstâncias, remetidos para os seus generais operando contra Sertório. A expansão da guerra para fora da Hispânia e ganho de reconhecimento externo para o regime sediado em Osca concede, ao caudilho, a possibilidade de derrotar os exércitos oligárquicos antes de estes terem hipótese de recuperar das suas perdas por meio dos recursos regularmente transferidos de Roma. As carências dos fundos estatais são evidentes nos escassos meios colocados ao dispor de Marco Aurélio Cota e Lúcio Licínio Lúculo, a quem é confiado o governo da Ásia: o primeiro dos generais é enviado com alguns navios de guerra para guardar o Mar de Mármara e proteger a Bitínia, enquanto Lúculo é forçado a recrutar uma legião na Itália às suas próprias custas. Contava o Senado que o procônsul navegasse para leste e assumisse o comando das forças romanas já localizadas na Ásia Menor, correspondentes ao restício das legiões conduzidas por Gaio Flávio Fimbria, no longínquo ano de 84 a.C.¹⁵¹², para a frente oriental, desde à muito corrompidas pela extorsão e indisciplina¹⁵¹³.

As escassas reservas humanas directamente recrutadas pelo Estado romano são, assim, canalizadas para as operações *conservadoras* na Península Ibérica. A ameaça velada de Pompeio de regressar à Itália com o seu exército caso não seja reforçado, induz a oligarquia a enviar-lhe duas legiões completas, poder humano de que desesperadamente depende o jovem general para futuras empresas. Temeroso que o regresso do *adulescens carnifex* lhe possa subtrair o comando no Oriente, o próprio

¹⁵¹⁰ SOUZA, Philip de – “War at Sea”, in *The Oxford Handbook of Warfare In the Classical World*, Brian Campbell ; Lawrence A. Trittle, (Eds.), Oxford University Press, Oxford, 2013, páginas 369-394, página 381.

¹⁵¹¹ O acampamento militar de Villajoyosa pode, eventualmente, incluir-se neste domínio sertoriano.

¹⁵¹² No decurso da Primeira Guerra Mitridica.

¹⁵¹³ Plut., *Vit., Sull.*, 6-7.

Lúculo incentiva o Senado a manter o rival ocupado na Hispânia, comprometendo-se a assumir o fundamental das despesas da guerra contra Mitridates¹⁵¹⁴.

O conjunto das perdas sofridas por Pompeio na batalha do Lauro¹⁵¹⁵ e de Segôncia¹⁵¹⁶ elevam-se a uma cifra situada entre treze e quinze mil homens, quase metade dos efectivos com que iniciara campanha em 77 a.C.. Se somarmos a esta estimativa as baixas do embate no Sucro¹⁵¹⁷, para além das infligidas pela guerrilha sertoriana nas campanhas da Celtibéria e em território vascão no termo do último ano, Pompeio firmara acampamento nas margens do Douro com um conjunto de tropas inferior a uma dezena de milhar de homens. A chegada de duas legiões completas, concede-lhe os meios para novamente enfrentar o caudilho *popular* numa batalha campal, caso esta lhe seja oferecida, ou encetar operações contra as principais praças-forte hispânicas, na morosa campanha de atrito que consubstancia a fase derradeira da Guerra Sertoriana.

4.5.6 – A mutação do regime sulano.

Estirado pelo atendimento a uma miríade de factores de crise, internos e externos, o regime sulano soçobra, para todos os efeitos práticos, neste ano de 75 a.C., momento em que se produzem as mutações constitucionais e jurídicas que invalidam algumas das medidas mais emblemáticas do dispositivo concebido pelo ditador. O compromisso entre a nobiliarquia e as massas tem como protagonista o cônsul Gaio Aurélio Cota, homem ambicioso e dotado orador¹⁵¹⁸, empenhado em cativar uma popularidade que possa reabilitar uma imagem ainda maculada pelo exílio a que fora condenado por motivo da associação com Lívio Druso, responsável pela eclosão da Guerra Social.

O projecto sertoriano é, por esta via, reduzido a uma insurgência sem sentido contra um poder sediado em Roma, presentemente desprovido de parte fundamental do seu carácter autoritário. A carência da agenda *mariana* consuma-se com a abolição, por parte de Aurélio Cota, da norma que impedia os tribunos da plebe de exercerem

¹⁵¹⁴ Plut., *Vit., Sull.*, 6-7.

¹⁵¹⁵ Frontino (Front., 2, 5, 31) menciona 10.000 homens, mas podemos situá-las entre 6.000 a 8.000 pelos motivos atrás mencionados.

¹⁵¹⁶ 6.000 homens, segundo Apiano (App., *B Civ*, 1, 110).

¹⁵¹⁷ Dez mil mortos, segundo Orósio (Oros., 5, 23, 11).

¹⁵¹⁸ Cic, *De Or.*, iii, 3.

magistraturas¹⁵¹⁹. A pressão exercida pela coligação de desafectos relativamente ao regime *conservador*, desanuviava-se ao ritmo do compasso com que é removida a legislação implementada para favorecer a base social de apoio a Sula, à custa da alienação dos interesses do resto do colectivo.

O segundo préstimo de Aurélio Cota, à República, ocorre durante um tumulto da população mais carenciada da capital, por motivo da fome que se sucede à aplicação de uma taxa extraordinária sobre a produção de trigo¹⁵²⁰. Garantindo à plebe que se conglomerava nos bairros pobres da cidade cosmopolita em que Roma se transformara, com a constituição do império, a rotina de uma vida de subsistência através da compra a preços reduzidos de pão¹⁵²¹, as condições do abastecimento cerealífero da cidade haviam-se tornado num factor cada vez mais relevante na política de um governo que queira garantir a preservação da ordem pública.

O engenho persuasivo do cônsul¹⁵²² apazigua os ânimos incendiados das massas quando estas se sublevam, fazendo-as compreender que ingentes dificuldades financeiras decursivas da multiplicidade de conflitos provinciais, obrigam o Estado a recorrer a medidas excepcionais de fiscalidade. A acção do proquestor do ano 75 a.C. para a Sicília, o insigne orador, advogado e estadista Marco Túlio Cícero, consubstanciará a solução prática para o problema mediante o envio de grandes quantidades de cereais para a capital¹⁵²³.

O cruzamento entre os discursos de Gaio Aurélio Cota e do tribuno Licínio Macro, permite-nos deduzir que as reformas introduzidas pelo cônsul à constituição sulana, em concomitância com o efeito da sua retórica, evitam que o protesto das classes populares escale para uma demanda revolucionária. O falhanço do extremismo demagógico em mobilizar o povo até essa tencionada etapa, escrutina-se na contundência com que Macro recrimina o seu público por transigir com a continuidade do governo oligárquico, quando a ameaça que sobre este exercera resultara na reposição de parte dos poderes dos tribunos da plebe¹⁵²⁴.

O patriotismo a que apela Gaio Aurélio Cota, persuade o povo a assumir os sacrifícios que exigem os conflitos do tempo sem tomar as armas da revolta, conforme

¹⁵¹⁹ SEAGER, Robin – “The Rise of Pompey”, in *The Last Age of Roman Republic 146-43 B.C.*, The Cambridge Ancient History, Volume IX, Cambridge University Press, 1994, página 211.

¹⁵²⁰ Cic. *Verr.*, 2, 3, 18 ; Cic. *Verr.*, 2, 3, 215.

¹⁵²¹ Plut., *Vit.*, C. *Gracch.*, 5, 1.

¹⁵²² Sall., *Hist.*, 2, 44.

¹⁵²³ Cic. *Planc.*, 64.

¹⁵²⁴ Sall., *Hist.*, 3, 34.

acicata a ala radical do tribunato recém-empossado nas suas funções. O governo dos *conservadores* moderados representa o esvaziamento de parte substancial do conteúdo programático da dissidência sertoriana, doravante resumida a uma rebelião que cada vez mais evidencia lesar o interesse de uma Roma já liberta do jugo sulano. A crueza e desregra que caracterizam as acções derradeiras de Sertório repousam, entre outros motivos, na consciência de travar uma guerra sem causa, que se arrasta por via do antagonismo pessoal que lhe devotam os representantes do regime oligárquico na Hispânia que humilhara, com quem lhe cabe negociar os termos de um eventual acordo para a deposição das armas.

A dificuldade de perseguir o seu elusivo inimigo em mais uma jornada de deambulações pela Celtibéria onde a atempada conquista de uma praça fortificada no alto de uma elevação, frequentemente representa uma solitária âncora permitindo a sobrevivência de um exército legionário cruzando um oceano ermo de recursos naturais, induz Metelo Pio a encontrar a solução cuja desonra se encontra compensada pela brutal eficiência: um prémio de cem talentos de prata, vinte mil acres de terra e o direito a qualquer exilado de regressar em liberdade a Roma, é prometido a quem entregar a cabeça do caudilho¹⁵²⁵. Na caça ao homem que se escapa das tentativas de o vencer no campo de batalha, um potencial punhal de sicário passa a esconder-se nas vestes de quem com ele priva ou se abeira. A impopularidade que resulta das medidas repressivas que caracterizam os últimos anos de mando do caudilho, contribui para gerar adeptos motivados ao seu afastamento.

Após a permuta da indolência que o encerrara nos fortificados da Andaluzia pela vontade indómita de um guerreiro devotado a recuperar da ignomínia lançada sobre a sua honra, Metelo Pio assume nova postura no seguimento do triunfo que celebra por motivo da vitória obtida sobre Sertório na batalha de Segôncia. Nesta última fase da sua carreira, o distinto aristocrata intercala a extenuante tarefa de sentenciar o conflito com o apelo que sente em reclamar a glorificação que considera merecer, por parte do mesmo colectivo que previamente o ofendera e desprezara.

No seguimento da aclamação de *Imperator* pelas suas tropas, Metelo Pio consagra a pausa das hostilidades da estação a um ciclo de paradas triunfais e actos públicos honoríficos pelas cidades da Gália meridional reproduzido, um ano mais tarde, nas da Província Ulterior¹⁵²⁶. Anos de depreciação social induzem o general oligárquico

¹⁵²⁵ Plut., *Vit., Sert.*, 22, 1.

¹⁵²⁶ Cic. *Pro Archia*, 26.

a solicitar uma reverência devida a um salvador, mesmo a um deus. Os desfiles, sacrifícios em altares, os coros de rapazes e mulheres cantando hinos de vitória em seu louvor, os anéis de ouro adornando a sua fronte, os luxuosos banquetes nos quais o procônsul romano enverga um manto triunfal, em breve extravazam do domínio do magnificente para sucumbirem no ridículo¹⁵²⁷.

A glória conquistada nas últimas acções militares é penalizada pelas desmedidas manifestações de soberba que afastam Metelo Pio da emanção de *gravitas* que induz o respeito entre a aristocracia romana, tornando-o também num alvo de troça para os seus soldados que reconhecem no inebriado orgulho que exhibe pelo furtivo sucesso alcançado sobre Sertório, o comprovativo da consciência da superioridade dos talentos do seu rival. Perante a audiência que o vira previamente subjugado pelo mais profundo desespero em resultado da inspirada acção de comando do caudilho, Metelo Pio passa a apelidar Sertório pelos termos de “escravo foragido de Sula”¹⁵²⁸. O temor em enfrentar abertamente o líder *popular* expresso na recompensa que promete pela sua cabeça constitui, contudo, um desmentido relativamente à confiança que o magistrado romano procura exhibir com o trato despeitoso do seu adversário¹⁵²⁹.

Nascido e criado entre a nata da sociedade romana, o *paterfamilias* da mais ilustre *gens* do seu tempo, legitima a sua liderança pela incontestável perícia na batalha de linha, mas sem nunca se dispor a uma maior proximidade com as suas tropas pelo abdicar das barreiras que definem uma nobiliarquia de sangue e funções. Mais expressivo do que o emanar de realização pessoal, a extravagância dos actos públicos em que se desdobra, evidencia que a dignidade do grande aristocrata se diluíra numa corrupção narcísica. Intercalando as laboriosas operações de limpeza da rebelião sertoriana, o comandante *conservador* preenche os meses de estação invernal dos últimos anos de guerra, com o abandono a ostensivas celebrações que sobretudo exteriorizam uma essencial perda de equilíbrio.

No longo e terrível conflito hispânico, os aspectos mais nocivos do carácter dos seus protagonistas são, à vez, expostos sob a pressão das circunstâncias. O tipo de chefia exercida por Metelo Pio, assente num respeito hierárquico que, para além da autoridade inerente à sua magistratura, se escora na distinta condição de nascimento, esmerada educação e currículo meritoso, é particularmente penalizada pela emanção

¹⁵²⁷ Plut., *Vit., Sert.*, 22, 2.

¹⁵²⁸ Plut., *Vit., Sert.*, 22, 3.

¹⁵²⁹ Plut., *Vit., Sert.*, 22, 1.

pública de oscilações entre picos emocionais. Esta conduta desajustada com a sua inteligência e decoro da formação base, comprova que o acerto cirúrgico com que Sertório havia exposto os pontos de fraqueza dos seus adversários, abrisse feridas preserverantes.

As inaptidões sociais de Metelo Pio que as fontes salientam nesta fase do conflito, parecem constituir o produto entre o cruzamento da inculcada noção de superioridade da sua linhagem e ofícios na estratigrafia da comunidade romana¹⁵³⁰, com o impacto que as experiências vividas na ambiência hispânica exercem sobre o seu estado de espírito. A guerra transformara o sereno homem de Estado numa personagem propensa ao mofo pela exibição de afectações que se sobrepõem ao frio cálculo das conveniências políticas. A ostensiva aspiração a um devaneio de potência e prestígio, constitui a contrapartida do abatimento e angústia *transactos*¹⁵³¹, depreciando um modelo de liderança sobretudo vocacionado para se alicerçar na cativação de deferência pelo emanar de dignidade¹⁵³².

¹⁵³⁰ Plut., *Vit., Sert.*, 13, 3-4.

¹⁵³¹ Plut., *Vit., Sert.*, 12, 5.

¹⁵³² Sall., *Hist.*, 2, 59.

4.6 – O ano de 74 a.C.

4.6.1 – A estratégia sertoriana durante os anos conclusivos da guerra. O disseminar da deserção e as divergências entre os elementos compondo o colectivo sertoriano.

Na abertura da estação de campanha de 74 a.C., a incerteza acerca do resultado do conflito domina ainda a apreciação dos beligerantes, mas o compêndio de confrontos campais do ano anterior envolve um saldo claramente negativo para a causa *popular*. O comando *democrático* vê-se forçado a regressar à aplicação de métodos de belicismo assimétrico, visando infligir os usuais constrangimentos nas legiões romanas contra quem uma oposição frontal envolve, agora, a sujeição a riscos incomportáveis. Resumido a uma conduta centrada na poupança dos seus exauridos recursos humanos, Sertório considera a possibilidade de confrontos tácticos de maior importância apenas sob a cobertura de fortificações castrenses. Acções ofensivas contra as legiões devem ser empreendidas, sobretudo, quando a sua divisão, mau posicionamento ou permeabilidade ao efeito surpresa, concede às hostes *marianas* as vantagens necessárias para contrabalançar uma carência de meios que se torna cada vez mais opressiva com o fomento da deserção.

O elemento singular que havia escapado à facção *conservadora* durante toda a guerra – uma vitória táctica concludente sobre Sertório – ocorrera no recontro de Segôncia, de forma que uma alteração fundamental das circunstâncias da luta é já manifesta nas últimas operações desenvolvidas na Celtibéria. O caudilho abandona os métodos de confronto campal a que se dispusera desde a fundação do Estado de Osca em 77 a.C., para se focalizar no fustigamento da logística do inimigo. A estratégia de Sertório consiste em favorecer iniciativas contra os sectores mais expostos da coluna de marcha e na cedência de posição nos espaços de fácil trânsito para o invasor, até que se vislumbre a oportunidade para um inesperado e devastador contra-ataque táctico, almejando não apenas debilitar mas destruir.

As considerações operacionais incluem consertar os métodos de guerra de movimento com a defesa das praças-fortes da Hispânia setentrional, de forma a bloquear o avanço inimigo e privá-lo de pontos de ancoragem para a articulação da sua rede logística. As contrariedades da aplicação deste modelo marcial que parece ajustar-se, perfeitamente, aos interesses imediatos do comando sertoriano, são de maior

subtileza do que simples aferições militares, dado radicarem na própria identidade cultural de parte das forças que integram as suas hostes. A regressão do exército *mariano* ao estágio de desmembramento guerrilheiro, colocará em evidência que a amálgama de unidades de diferente origem que lhe haviam dado forma, nunca se cristalizara numa verdadeira confraria.

As fendas no fenómeno de sincretismo entre o escaramuçador hispânico e o legionário itálico-romano, começam a dilatar-se quando o esforço de conversão para uma nova forma de luta deixa de ser protagonizado pelo elemento indígena, facilmente propenso à mudança por motivo da sua atracção pelo emular de um arranjo bélico mais sofisticado do que o que o define nas suas lides domésticas. Parte da popularidade de Sertório radica na auto-estima que fora capaz de inculcar na colecta de tropas que se reuniram na Hispânia para combater as legiões romanas. Por esse motivo, para o soldado de linha e comando militar exilados da Itália firmemente convictos de que representam uma fórmula avançada de organização de poder marcial, sujeitar-se à vida guerrilheira representa um vexame para o seu orgulho civilizado.

O fomento do processo de aculturação do hispânico relativamente aos preceitos da romanidade, consistira num dos pontos nucleares da política definida por Sertório, tendo resultado na criação de um exército compreendendo uma síntese entre formas de luta tribais e a disciplinada ordenança legionária. A assimilação empática do nativo havia esbatido as tensões que tipicamente acompanham uma conquista e colonização, por parte de uma potência estrangeira. A necessidade de adopção da tipologia marcial autóctone por parte do cidadão itálico-romano, é recebida com muito menor voluntarismo pelo elemento civilizado. A nefasta evolução da sorte das armas coloca em evidência a falta de solidez do sistema de congregação modelado por Sertório, contrapartida para a notável celeridade com que fora, na aparência, implementado.

Atendendo às exigências do momento, o hispânico pode ser persuadido a enodar as ostensivas flâmulas e os uniformes esplendentes, quando já calejado pela prática tradicional do bandoleirismo¹⁵³³. Numa diferente categoria se situa a sólida noção de superioridade do romano, expresso na simbologia totémica do voo eminente da águia de prata legionária sobre a restante fauna. A galantaria da luta vertical, a exibição dos briosos ornamentos testemunhando um serviço de valor, a maquinal eficiência expressa no arranjo simétrico das fileiras, são digeridas pelo limo da guerra hispânica onde a

¹⁵³³ Strabo, 3, 4, 16.

necessidade de sobrevivência faz tombar a elevação planada dos brasões alados, tira o lustro às armas e armaduras laminadas, degrada a altivez do legionário¹⁵³⁴.

O ressentimento por esta perda de estatuto que compreende a derradeira indignidade do ocultar da existência pela prostração no solo conforme o hábito de um comum salteador, constituirá um dos principais factores para a insurreição contra os métodos de liderança de Sertório, culminando na ceifa da vida do caudilho. As magníficas disposições do orgulhoso exército sertoriano estreado as suas novas equipagens saídas das manufacturas de *Castra Aelia*, dissolvem-se num bando maltrapilho de tropas revoltas com o assumir de uma condição degradada relativamente à que já possuíram, com a memória do abeirar da vitória nesta guerra¹⁵³⁵ a oferecer tons umbrosos à consciência da decorrada pendente da sua causa.

Mestre da doutrinação do bárbaro na batalha de linha, o soldado itálico-romano integrando as hostes sertorianas vê-se reduzido ao estatuto de aprendiz da guerrilha sob a orientação do mesmo nativo que avalia como um ser inferior. A ineptidão numa forma de luta que despreza¹⁵³⁶, transforma o legionário na tropa de menor utilidade das que dispõe Sertório, situação de que as partes envolvidas parecem deter clara consciência¹⁵³⁷. A nata do exército sertoriano é cada vez mais constituída pela divisão de comandos nativos cuja lealdade à causa personificada no seu líder não suscita dúvidas. Enquanto a comum tropa hispânica pode escapar à vigilância do acampamento para sobreviver como desertora em paragens com as quais está bem familiarizada e o legionário aproveitar as proximidades com as linhas *conservadoras* para trocar de campo, o juramento de sangue que liga esta guarda pessoal ao caudilho tem o poder da tradição ancestral.

A discórdia no interior do movimento *popular* é referenciada pelas fontes tão cedo quanto os primeiros meses do ano de 74 a.C., atingindo tanto as fileiras como o alto comando. A recompensa pela cabeça de Sertório transpõe a distância espacial que separa as legiões da lesta guerrilha para golpear a rebelião sertoriana no âmago do seu covil. As intrigas e manobras urdidas nas sombras contra a chefia do caudilho grassam à medida que as dúvidas sobre o êxito da luta se instalam e expandem na consciência do colectivo *democrático*.

¹⁵³⁴ Veg., *Mil.*, 3, 8.

¹⁵³⁵ Plut., *Vit., Sert.*, 19, 6.

¹⁵³⁶ Veg., *Mil.*, 1, 7.

¹⁵³⁷ Plut., *Vit., Sert.*, 25, 2.

Com a derrota das tropas sertorianas na batalha de Segôncia, derradeiro capítulo da fase de confrontos campais, manobras agressivas por parte dos *optimates* sobre a Celtibéria haviam sido retardadas pelos métodos de guerrilha do adversário e pelas dificuldades geográficas da região, até o aproximar do Inverno suspender os empreendimentos militares. Na Primavera do ano de 74 a.C., a guerra assume um volteio sombrio para a causa sertoriana, quando se evidenciam sinais de esgotamento demográfico da colecta de hispânicos mesetanos para preencherem as fileiras definhadas pelo contínuo desgaste. Por esse motivo, o caudilho envia uma força sob o comando de Perperna numa longa expedição até ao território dos Calaicos, de forma a estender o domínio sertoriano sobre espaços ainda poupados às devastações do belicismo.

Informa-nos Salústio¹⁵³⁸ que o tenente *popular* toma Cale, situada na margem sul da foz do rio Douro, fronteira fluvial entre a Lusitânia e uma região ocupada por um mosaico de tribos e clãs que, distribuídas pelos seus castros fortificados, se dissociam de qualquer sentimento de unidade política¹⁵³⁹. Os reforços que, eventualmente, a causa sertoriana obtém a partir da adesão dos aguerridos habitantes destas paragens correspondentes ao extremo do mundo peninsular relativamente à sediação civilizada na costa mediterrânica, consistem no último préstimo do indígena, ao comando estrangeiro. A partir deste momento, os efectivos *marianos* não deixam de minguar na sua expressividade, pela consertação dos factores de crise que se abatem sobre a insurgência contra o jugo *conservador*. As perdas humanas avolumam-se à medida que as mortes e ferimentos nas actividades marciais se combinam com a quebra na moral e conseqüente deserção. No decurso da campanha sucedânea, a proximidade com os exércitos governamentais constituirá o incentivo para que as tropas de Sertório abandonem os seus estandartes, passando-se para o inimigo¹⁵⁴⁰.

4.6.2 - A mudança do centro de gravidade da guerra para o norte da Hispânia. O assédio de *Palentia* e de *Calagurris*.

A invernagem de Pompeio em território vaqueio e de Metelo Pio na Gália determina que as subseqüentes iniciativas militares se desloquem para a Hispânia

¹⁵³⁸ Sall., *Hist.*, 3, 30-31.

¹⁵³⁹ Strabo, 3, 4, 18; 20.

¹⁵⁴⁰ App. *B Civ.*, 1, 13, 111 ; Veg., *Mil.*, 3, 9.

setentrional. As cidades fortificadas no curso superior do rio Ebro e da Celtibéria constituem a primeira linha de defesa do sistema concebido pelo caudilho. O fracasso da precedente tentativa de fixar-se nos territórios medulares da Meseta através da deslocação ao longo do Túria, induz a liderança *conservadora* a investir sobre o domínio sertoriano pela via noroeste.

A chegada dos navios de guerra pontinos reforçando os meios corsários cilícios, contribui para perturbar as linhas de abastecimento que podiam ser estabelecidas ao longo do Mediterrâneo. Expoliado pela presença de exércitos durante as campanhas precedentes, o litoral levantino transformara-se num espaço incapaz de sustentar ulteriores actividades militares, de forma que o comando *conservador* parece apostado em forçar a linha do Ebro através da deslocação pela vertente ocidental dos Pirinéus.

O planeamento de Sertório consiste em confiar a defesa das praças-fortes aos aliados nativos locais, enquanto utiliza o seu principal corpo de tropas em acções repentinas sobre os exércitos inimigos, quando considerar chegada a oportunidade para abandonar uma postura de recolha nas regiões mais interiores do seu domínio. Pela altura em que Metelo Pio se desloca da Gália para colocar sob ameaça as cidades aliadas de Sertório no curso superior da linha do Ebro, Pompeio prontifica-se a encetar operações autónomas, a partir das margens do rio Douro, onde acampara durante o Inverno. Confiando no poder dos seus meios que ascendem, com as legiões enviadas pelo Senado, a mais de duas dezenas de milhares de homens, o destino do general romano consiste na cidade de Palantia, capital dos Vaceus, localizada a cerca de cinquenta quilómetros a norte do mencionado rio.

Em face da dupla investida, Sertório selecciona o inimigo que considera representar a maior ameaça em função da capacidade de resistência das urbanizações aliadas, assim como mais vulnerável a um contra-ataque. Deslocando-se com o seu costumeiro secretismo, o caudilho dirige-se até Palantia, já colocada sob assédio pelo *adulescens carnifex*, que ordenara o arremesso¹⁵⁴¹ de toras de madeira para junto da base das muralhas ao longo do seu perímetro. A súbita aparição do exército sertoriano convence o general *conservador* a lançar precipitadamente fogo às fortificações e a retirar-se ao encontro de Metelo Pio. Por uma derradeira ocasião, a intensidade com que Pompeio persegue a glória parece tê-lo levado a desenvolver uma acção extemporânea sobre a posição inimiga, que fracassa perante a acurada resposta de Sertório.

¹⁵⁴¹ O relato de Apiano (App., *B Civ*, 1, 13, 112) não é esclarecedor, mas subentende-se que a lenha havia sido projectada por máquinas de torção.

Metelo Pio havia, entretanto, aproveitado a ausência da oposição directa por parte do chefe *popular*, para submeter vários povoados do vale do Ebro¹⁵⁴², empenhando-se neste momento contra o castelo de *Calagurris*, importante praça dotada com suficientes recursos defensivos para desempenhar a útil função estratégica de bloqueio do avanço romano por um tempo mais prolongado.

Tendo falhado a tentativa governamental para forçar a linha da fronteira setentrional do Estado sertoriano através de dois vectores de investimento autónomos dirigidos contra as suas sedes urbanas, um novo plano de campanha é definido com a concentração de forças. Principal núcleo urbano do vale do Ebro, o *oppidum* de *Calagurris* ergue-se no topo de poderosas defesas naturais, dominando uma paisagem composta por campos irrigados pelos cursos confluentes dos rios Cidacos e Ebro de onde extrai, a sua população, a riqueza alimentícia que lhe assegura a subsistência, mesmo num contexto de assédio prolongado¹⁵⁴³. Desde a conquista romana de 187 a.C. que a importância demográfica da praça se acrescentara exercendo, presentemente, uma influência administrativa sobre toda a região circundante.

A consolidação do controlo romano sobre o nordeste hispânico implica a tomada do complexo defensivo de *Calagurris* que, para além da zona muralhada, inclui uma poderosa cidadela. A urbanização é praticamente inexpugnável pelas vertentes dominando os cursos fluviais, de forma que uma investida teria de ser direccionada contra um sector específico. A colecta de projecteis de catapulta no recinto perimétrico onde a robustez da muralha urbana não se acrescia com meios de defesa naturais confirma a ocorrência de uma barragem concentrada de artilharia de torção¹⁵⁴⁴. O episódio de resistência frente a Afrânio, tenente de Pompeio, no capítulo final da guerra hispânica, indicia uma adesão apaixonada e uma coragem inquebrantável dos residentes desta praça pela causa do caudilho, presentemente suportando o assédio que lhe movem as legiões reunidas dos procônsules romanos.

Após ter reconstruído a parte da muralha de Palantia que havia sido danificada pelo incêndio, Sertório move-se, por fim, sobre *Calagurris* e ataca o inimigo que se encontra acampado em redor do seu castelo. Na sua derradeira façanha de guerra antes

¹⁵⁴² PASCUAL MAYORAL, M. Pilar & GARCÍA RUIZ – “Las comunicaciones” in *Así era la vida en una ciudad romana: Calagurris Iulia*, Amigos de la Historia de Calahorra (Eds.), Calahorra, 2002, página 29.

¹⁵⁴³ GÓMEZ-PANTOJA, Joaquín L. – “La Ciudad Romana de Calahorra”, in *Symposion de ciudades augusteas (Zaragoza, 29-IX al 2-X de 1976)*, Antonio BELTRÁN (Eds), vol II, Zaragoza, 1978, pp. 185-190.

¹⁵⁴⁴ CINCA, José Luis ; RAMÍREZ SÁDABA, José Luis ; VELAZA, Javier – “Un depósito de proyectiles de catapulta hallado en Calahorra (La Rioja)”, in *AespA*, 76, 2003, pp. 263-271.

da causa *popular* ser flagelada por golpes dos quais não mais conseguirá recompor-se, o grande capitão força os comandantes *conservadores* a levantarem o cerco, deixando no solo 3.000 dos seus soldados.

Um longo interregno na actividade militar parece suceder-se à retirada das legiões romanas, de forma que nenhuma outra operação de envergadura é mencionada pelas fontes até a proximidade do Inverno ditar, novamente, a separação dos procônsules, com Pompeio a seleccionar a Gália para a sua estadia e Metelo Pio a regressar à Província Ulterior. As fontes não mencionam a rota seguida pelo veterano comandante na sua deslocação para sul, até à embocadura do Guadalquivir.

No plano estritamente geográfico, a campanha encerra-se sem grandes alterações na fisionomia do teatro operacional peninsular. Apesar de alguns danos estruturais infligidos na sua linha de fortificados, a reacção de Sertório em *Calagurris* impedira que a frente nordeste do domínio *democrático* cedesse à pressão exercida pelos exércitos *conservadores*. Contudo, a quebra moral das forças integrantes do movimento sertoriano evidencia-se na transição do ano de 74 a.C. para 73 a.C.. A dissidência resulta do esgotamento de recursos alimentícios¹⁵⁴⁵, do cansaço de uma guerra que se arrasta à quase uma década, da falta de sólidas perspectivas de vitória e da perda de sentido da própria causa por via da mutação do regime em Roma¹⁵⁴⁶.

Gradualmente, a chefia governamental consciencializa-se de que a melhor forma de vencer o seu adversário passa pela aplicação de métodos que, pela terminologia militar hodierna, denominariamos de contra-guerrilha, ajustando as suas iniciativas ao acentuado carácter político e ideológico do conflito por via da cisão entre os projectos do comando sertoriano e os grupos sociais compreendendo as suas hostes¹⁵⁴⁷. A deserção em larga escala constitui o produto natural da crença disseminada entre o comum soldado de linha, de que o serviço pela causa *popular* representa um penoso grilhão que o impede de livremente perseguir o seu interesse pessoal. Para o hispânico, o regresso a uma simples vida tribal parece não constituir uma alternativa desagradável às durezas e privações que envolvem a militância por uma facção estrangeira.

¹⁵⁴⁵ Sall., *Hist.*, 2, 82.

¹⁵⁴⁶ “Por último, importa que a defensiva estratégica, embora mais for que a ofensiva, só deve servir para a obtenção dos primeiros sucessos e que, quando este fim é atingido e não se consegue a paz de imediato, os êxitos seguintes só poderão ser alcançados através da ofensiva. Aquele que se remete sempre à defesa, arca com o inconveniente de fazer a guerra a expensas suas. Nenhum estado pode suportar isto indefinidamente. Caso se submeta aos golpes do adversário, sem ripostar, tom todas as probabilidades de sair exausto e derrotar no fim. Devemos começar pela defensiva para podermos acabar coma ofensiva, alcançando assim o sucesso com mais segurança.” (CLAUSEWITZ, *op. cit.*, página 72).

¹⁵⁴⁷ Veg., *Mil.*, 3, 10.

O abandono de uma causa de sentido tornado opaco pela evolução da situação política em Roma e débeis perspectivas de sucesso no confronto com os seus antagonistas, oferece o provento de pôr cobro às moléstias das deslocações contínuas, ao perigo nos sucessivos combates, à fome decorrente da devastação dos campos pela presença de exércitos, à frustração pelo eternizar da luta¹⁵⁴⁸. Contudo, um elemento falta ainda para conferir o desespero de uma demanda perdida às provações suportadas pelas forças *populares*: a consolidação, por parte do inimigo, dos seus ganhos territoriais. Novamente os exércitos *conservadores* são forçados a invernar na periferia do principal teatro de operações, devolvendo a maior parte do terreno conquistado ao caudilho.

Apesar da tomada de vários povoados entre o vale do Ebro e os Pirinéus, o enérgico rechaçar dos exércitos de Pompeio e Metelo Pio investindo em conjunto contra *Calagurris*, impossibilita que estes sedimentem o seu controlo sobre o curso superior do grande rio. A resistência obstinada desta cidade que se mantém fiel à causa *democrática* mesmo após a morte do chefe sabino e destruição das forças regulares lideradas por Perperna, seu algoz e sucessor, impede uma penetração das legiões *conservadoras* nos domínios medulares do Estado de Osca, a partir da vertente noroeste.

Contudo, a consciência de que a repulsa do inimigo no evento conclusivo do ano de 74 a.C. contém, sobretudo, um carácter dilatatório relativamente a uma derrota final presumível, parece dominar a consciência de uma representação cada vez mais significativa dos intervenientes. A vontade férrea da guarda pessoal de Sertório em manter-se fiél aos seus juramentos de lutar até ao último extremo pela defesa da vida do caudilho, contrasta com a consternação sobretudo entre o contingente itálico-romano¹⁵⁴⁹.

A presença das frotas antagonistas ao largo da costa mediterrânica, deixa subentendida uma dificuldade ampliada para que se desenvolva uma actividade regular por parte da marinha mercante¹⁵⁵⁰. A consequente dificuldade de implementar uma balança de transacções comerciais assente na troca das riquezas minerais por produtos alimentícios, determina o acentuar da fome resultante das devastações dos campos pela guerra¹⁵⁵¹. O embaraço das ligações da Península Ibérica com o resto do mundo mediterrânico faz com que esta careça de tudo aquilo que o seu solo não produz, razão

¹⁵⁴⁸ CULHAM, Phyllis – “Imperial Rome at War”, in *The Oxford Handbook of Warfare in the Classical World*, Brian Campbell ; Lawrence A. Tritle, páginas 236-260, página 246.

¹⁵⁴⁹ App. *B Civ.*, 1, 13, 112.

¹⁵⁵⁰ Plut., *Vit., Sert.*, 21, 5. ; SALA SELLÉS, F. ; BAYO FUENTES, S. ; MORATALLA JÁVEGA, J., *op. cit.*, página 205.

¹⁵⁵¹ Plut., *Vit., Sert.*, 21, 5. ; Sall., *Hist.*, 2, 82.

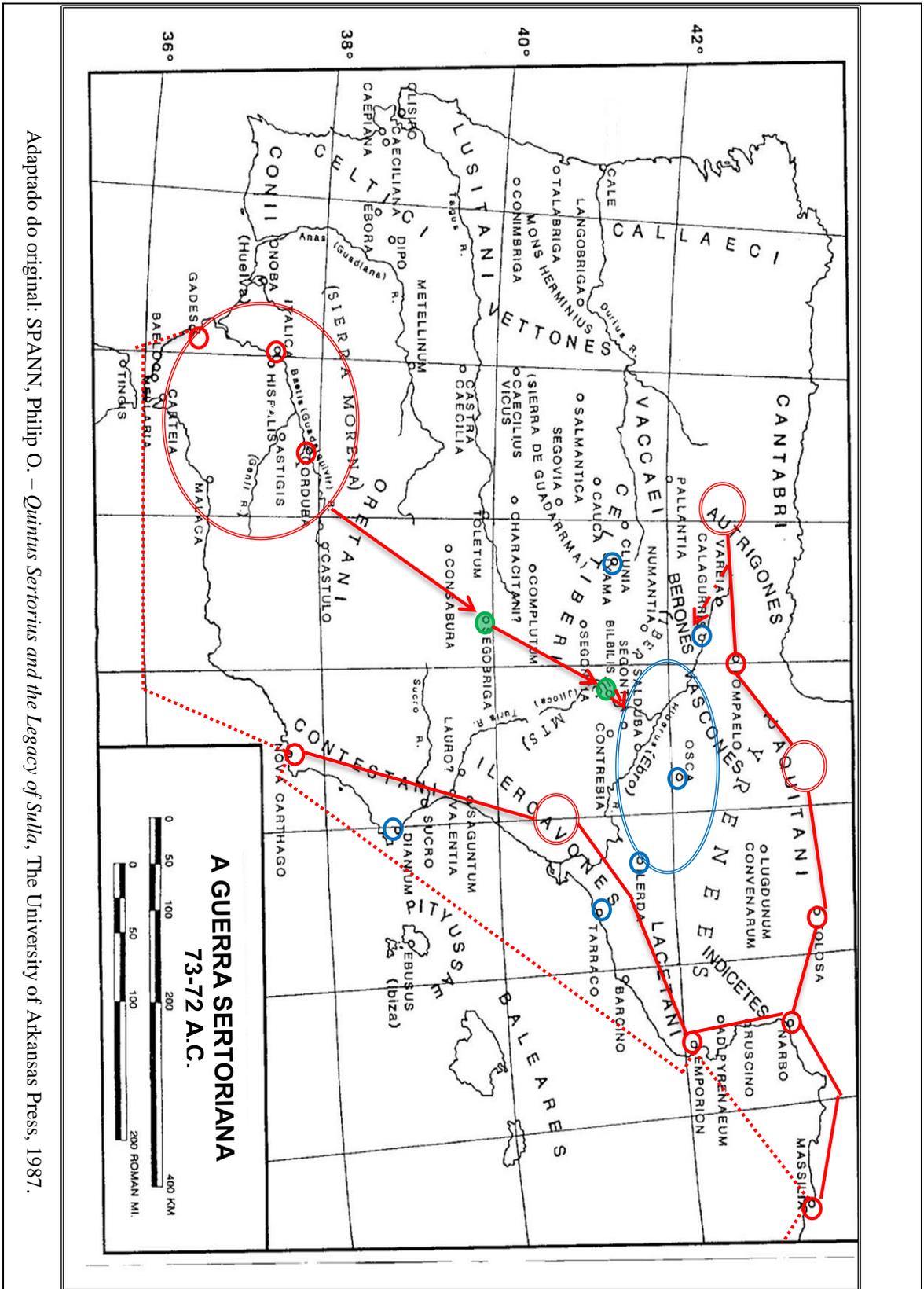
porque os exércitos romanos são forçados a ceder território hispânico já ocupado para proceder à invernagem¹⁵⁵².

O relativo resguardo das actividades agro-pecuárias andaluzas da devastação da guerra, confere-lhe a capacidade para nutrir grandes grémios humanos, enquanto a Província Citerior definha com o arrastar das hostilidades até se transformar num ermo incapaz de oferecer, aos exércitos *conservadores*, condições de subsistência para uma estância prolongada¹⁵⁵³. Por seu lado, as forças armadas sertorianas recalcam ano após ano o solo a partir do qual extraem as suas provisões, resultando num esgotamento dos géneros alimentícios que se articula com um forte desejo de deserção entre uma substancial representação da sua tropa¹⁵⁵⁴.

¹⁵⁵² ROTH, *op. cit.*, página 177.

¹⁵⁵³ Plut., *Vit., Sert.*, 21, 5. ; Sall., *Hist.*, 2, 82.

¹⁵⁵⁴ Veg., *Mil.*, 3, 3.



Adaptado do original: SPANN, Philip O. – *Quintus Sertorius and the Legacy of Sulla*. The University of Arkansas Press, 1987.

4.7 – O ano de 73 a.C..

4.7.1 – A consolidação dos ganhos *conservadores*. A expulsão do poder sertoriano da Celtibéria.

O âmago da guerra de guerrilha passa por ganhar tempo de forma a sujeitar um inimigo combatendo de acordo com os cânones convencionais de belicismo, a um progressivo desgaste, físico e psicológico, sem a possibilidade de retribuir danos tangíveis a uma tropa que retira diante de um avanço em força e acomete, cirurgicamente, sobre pontos de fraqueza. A necessidade de defesa das praças-fortes hispânicas implica um cerceio, contudo, de parte da mobilidade das hordas sertorianas, que se vêem forçadas a conter os ganhos territoriais do inimigo. As circunstâncias impõem, assim, ao comando *popular*, a implementação de um sistema compósito no contexto do qual os procedimentos de guerrilha terão de se compatibilizar com o assumir da luta nos alvos naturais do avanço oligárquico que constituem os núcleos residenciais nativos.

O assédio de *Calagurris* exibira, justamente, a temporização harmónica do tipo de estratégia que pode ainda conferir, à chefia *mariana*, a capacidade para resguardar os seus recursos até escrutinar uma possibilidade de sucesso no embate tático com um adversário mais poderoso. O disseminar da deserção no seu campo desestrutura, todavia, o planeamento de Sertório, sedimentado no princípio de que o prolongar da luta pode favorecer os seus interesses por via do desgaste anímico e material das legiões *conservadoras*.

O clima de suspeição entre as partes compondo o movimento *popular* induz Sertório a reforçar a sua segurança por via da proximidade com a guarda pessoal hispânica integrando os seus mais indefectíveis adeptos. A divisão entre as suas forças é agora, evidente, e os soldados antes unidos em torno da liderança do caudilho, arregimentam-se em unidades fraccionárias que se miram com recíproca desconfiança e despeito. O elemento itálico-romano ressentem-se, em particular, do anátema de pretensão desertor que lhe criva o nativo, representante, no seu apreço, de uma civilização inferior¹⁵⁵⁵. Os nichos de excelência em diferentes aptidões bélicas que haviam conferido ao heterogéneo conjunto liderado por Sertório, a capacidade para se bater em

¹⁵⁵⁵ App. B Civ., 112, 1.

diferentes ambiências de guerra, representam pontos de fractura que opõem não apenas indígenas a latinos, mas distintos grupos de exclusão dentro destas circunscrições mais latas.

Sertório reage à dissidência fazendo de quem a intenta, sem sucesso, exemplo de brutal e selvática punição diante do olhar do colectivo, medida que se destina a cumprir a função imediata de estancar a hemorragia dos seus números pelo puro terror, mas acrescenta grandemente à sua impopularidade. Para aqueles que ainda se lhe mantêm fiéis, alude Apiano, que fustigava o orgulho de serem recriminados de atração pela deslealdade por um desterrado definido pelo poder de Roma, como inimigo do seu povo. Contudo, a manutenção do comando do sabino resulta numa necessidade para quem se conserva sob os estandartes *democráticos*, devido à consciência compartilhada de que ninguém com ele rivaliza em habilidade no ofício bélico¹⁵⁵⁶.

Compreende prática usual da historiografia antiga associar questões morais com as políticas, de forma que a degradação da situação militar e política da causa sertoriana encontra reflexo natural no comportamento infesto do seu protagonista¹⁵⁵⁷. Apesar disso, as acções de Sertório na última fase da sua carreira não podem ser compreendidas por nenhum cálculo político ou desígnio militar. Devemos, assim, considerar o colapso anímico de um homem que, após uma vida preenchida por extenuantes lutas e grandes sacrifícios, vê perder o sentido da sua causa sem que se vislumbre qualquer perspectiva de uma solução de compromisso com o antagonista.

Os métodos que Sertório utilizara para denegrir, socialmente, os seus rivais geraram um antagonismo personalizado que frustra todas as aproximações no sentido de pôr termo ao destrutivo conflito mediante um acordo diplomático¹⁵⁵⁸. Um exílio voluntário para além das fronteiras imperiais romanas, implicaria o abandono de quem ainda se bate pela causa *popular*, contrariando o *ethos* guerreiro que fundamentara a vida de Sertório¹⁵⁵⁹. A única opção do grande sabino é, portanto, a de permanecer no campo de honra e abraçar o trágico fim que o define pela posteridade.

O enfraquecimento contínuo dos números e do espírito das tropas do Estado de Osca implica que, para este ano de 73 a.C., as ocorrências militares anuídas pelas fontes se constringam à conquista de várias cidades pelos exércitos *conservadores*, circunscrevendo-se a oposição sertoriana a simples escaramuças, por motivo de não

¹⁵⁵⁶ App. *B Civ.*, 1, 112, 1.

¹⁵⁵⁷ *B Civ.*, 1, 113.

¹⁵⁵⁸ Plut., *Vit., Sert.*, 22,5.

¹⁵⁵⁹ Plut., *Vit., Sert.*, 2, 4.

mais dispor a sua chefia de meios para enfrentar as legiões numa grande batalha¹⁵⁶⁰. A estrutura defensiva do espaço sob o seu controlo compreendendo as linhas imaginárias entre os bastiões castrenses, desintegra-se ao ritmo do avanço metódico das legiões romanas.

Com as suas forças armadas cada vez mais desfalcadas pelo cansaço de guerra, o caudilho vê-se incapaz de impedir os exércitos dos *optimates* de lhe subtrair parcelas sucessivas de terreno¹⁵⁶¹. Não se trata, como no passado emprego de uma defesa elástica, de cedência de espaços campestres ao inimigo de forma a acometê-lo numa situação de exposição com unidades móveis concentradas, mas num recuo forçoso com perda de núcleos populacionais sem que surja a oportunidade para infligir, ao conquistador, uma derrota capaz de alentar a resistência.

O conhecimento de Sertório sobre múltiplos domínios de incidência do belicismo esgotara, finalmente, os seus versáteis recursos para inverter um lento mas firme processo de ganhos posicionais por parte do inimigo. O caudilho vê gorar-se a esperança de usar a passagem do tempo em seu favor, quando o propagar da deserção acarreta mais perdas efectivas para as forças *populares* do que aquelas que as suas iniciativas fustigantes podem infligir às legiões. A derradeira esperança de refutar a exploração, por parte do adversário, das suas vantagens estratégicas, consiste numa substancial alteração das condições da luta por via de um feito táctico. Contudo, a patente solidez da ofensiva dos comandantes *optimates* nesta derradeira fase do conflito, minimiza a possibilidade de se exporem a um golpe de surpresa.

Na abertura do ano de campanha de 73 a.C., os exércitos *conservadores* movimentam-se a partir dos respectivos espaços de invernagem sobre as fronteiras do Estado de Osa. O avanço das hostes legionárias ao longo do eixo mais interior do espaço sertoriano encontra-se bem providenciado, com abastecimento advindo da Gália¹⁵⁶². A diligência com que o propretor Marco Fonteio¹⁵⁶³ apoia a guerra travada na Hispânia¹⁵⁶⁴ diminui as dificuldades colocadas ao trânsito de provisões pelo circuito viário acidentado da vertente ocidental pirinaica¹⁵⁶⁵. A abertura de adicionais rotas logísticas, confere acrescida autonomia operacional aos exércitos oligárquicos que

¹⁵⁶⁰ Plut., *Vit., Sert.*, 2, 4.

¹⁵⁶¹ Plut., *Vit., Sert.*, 2, 4.

¹⁵⁶² LEACH, John – *Pompey the Great*, Routledge, 1978, página 51.

¹⁵⁶³ DYSON, Stephen L. - *The Creation of the Roman Frontier*, Princeton University Press, New Jersey, 1988, página 166.

¹⁵⁶⁴ Cic. *Font.*, 16.

¹⁵⁶⁵ Strabo, 3, 4, 17.

podem, doravante, assumir maior distância relativamente ao Mediterrâneo, sem que a sua condição de combate se degrade de forma tão expressiva como antes¹⁵⁶⁶.

Tendo as comunicações com a Gália resguardadas, Pompeio empreende campanha¹⁵⁶⁷ no nordeste peninsular onde Sertório dispõe das suas mais robustas defesas urbanas. Talvez por este motivo, opta o caudilho por deslocar-se para o extremo meridional do seu domínio, na Celtibéria, de forma a enfrentar o avanço que Metelo Pio dirige sobre esta região a partir das suas bases na Província Ulterior. Pelo que se pode deduzir a partir das menções de Estrabão¹⁵⁶⁸, o procônsul romano enfrenta o caudilho num primeiro recontro que tem lugar nas proximidades de Segobriga. O recuo do exército *popular* fica subentendido no novo choque que ocorre em Bilbilis. A menção por parte do geógrafo helenístico de que Sertório resistiu no vale do Ebro após ter sido expulso do território dos Celtiberos¹⁵⁶⁹ parece confirmar, também, a perda desta cidade.

A estabilidade da cadeia formada a partir dos pontos de apoio que constituem as povoações tomadas permite, às legiões de Metelo Pio, um avanço seguro em direcção ao vale do Ebro pela rota do rio Jalón. Uma lição fora aprendida com o avanço extemporâneo em 75 a.C., na Celtibéria, até à remota praça de Clúnia, que resultara num completo retrocesso do passo e desocupação do território duramente conquistado, aquando o aproximar do Inverno. A partir do uso das vantagens que vão sendo acumuladas, as legiões *conservadoras* podem definir, como alvos sucessivos, cada sediação nativa afecta ao partido rival que pontue a trajectória da sua marcha dirigida ao coração do governo do inimigo radicado em Osca. Por esse motivo, *Uxama* e Clúnia são ultrapassadas pelas legiões em avanço, renunciando estas a assumir os riscos de dispersão de forças e alongamento das suas linhas de comunicação, para proceder à conquista de praças mesetanas situadas fora do eixo definido de penetração em território sertoriano. A malha de castros e urbanizações de maior importância cobrindo os limites do espaço de governança *popular* afrouxa com a progressiva conquista oligárquica, convertendo-se, doravante, em depósitos no sistema de logística para as suas forças.

Na impossibilidade de aniquilar um exército com superior mobilidade que se evade do choque conforme lhe apraz, as legiões investem na fragilização política, económica e ideológica do Estado de Osca. Por via dos golpes desferidos sobre as suas

¹⁵⁶⁶ ERDKAMP, Paul – “War and State Formation in The Roman Republic”, in *A Companion to the Roman Army*, Paul Erdkamp (Ed.), Blackwell Publishing, Oxford, 2007, página 107.

¹⁵⁶⁷ App. *B Civ.*, 1, 113.

¹⁵⁶⁸ Strabo, 3, 4, 13.

¹⁵⁶⁹ Strabo, 3, 4, 13.

bases urbanas e castrenses, as forças armadas sertorianas mingam na sua expressividade ao ritmo com que a causa *democrática* perde o apoio das populações locais. A libertação da tensão que envolve o risco de confronto directo com um poderoso agrupamento de tropas inimigas, por motivo da fraqueza deste, confere, ao comando *conservador*, a liberdade para operar metodicamente sobre a periferia do domínio sertoriano.

Incapaz de travar batalha campal com o seu adversário e esvaindo-se os seus recursos humanos na sequência da dilacção da luta, Sertório está condenado a uma derrota pré-anunciada por motivo da inexistência de qualquer solução para a multiplicidade de factores que debilitam os seus meios. Aproveitar um erro crasso cometido pelo inimigo prefigura a derradeira esperança do líder *popular* para reverter estas condições estratégicas, mas a madura percepção que o comando romano adquirira sobre as especificidades de travar a guerra na Hispânia, traduz-se numa campanha de movimentos precisos apoiados em sólidos ganhos posicionais que reduz, à quase nulidade, a probabilidade de surpresas.

Se o curso do avanço governamental pode ser facilmente previsto, pelo comando sertoriano, devido ao facto de coincidir com a sucessiva tomada de posições fortificadas, este último não dispõe dos meios necessários para impedir um progresso estruturado. A resistência mais ou menos duradoura das guarnições nativas consiste no principal obstáculo à marcha inexorável dos exércitos oligárquicos, ao longo do ano de 73 a.C..

O conhecimento adquirido sobre a morfologia do teatro de operações peninsular, induz, a chefia oligárquica, a resistir ao impulso de trocar a demora inerente a investidas cirúrgicas contra pontos de pressão por uma mobilidade insustentada, confiando que o jogo de paciência que consiste a aplicação científica de um plano assente na debilitação dos meios do seu adversário, irá providenciar resultados decisivos em seu devido tempo. Um princípio de agressão controlada superando o instinto de vencer rapidamente por via de uma profunda penetração em território inimigo, evita o gerar de uma potencial situação de desequilíbrio e assegura o incremento da vantagem para quem já a detém.

A estratégia oligárquica visa certificar a vitória final através de uma sensível redução do risco e do acaso, consolidando o seu domínio sobre o espaço conquistado antes de novo avanço. A imensidade das possíveis situações resultantes da interacção entre factores políticos, económicos, militares e mentais, determina que, no conflito

sertoriano, a incerteza quanto ao futuro seja um elemento contínuo. Não obstante, o compêndio de vantagens presentes para a causa *conservadora* decursivo do desvelo do correcto plano de campanha que anteriormente havia escapado à captação da sua liderança influenciam, de forma decisiva, o devir das operações para um resultado coincidente com os seus objectivos¹⁵⁷⁰.

A aplicação dos princípios de guerra de atrito sobre os alvos estáticos que constituem as urbanizações hispânicas aliadas com Sertório, secundariza e importância da capacidade de evasão das forças móveis *marianas*, permitindo que a máquina de guerra legionária incremente, de forma gradual, a sua superioridade. Exercendo controlo sobre um território cada vez mais diminuto e enfraquecido pela deserção nas suas forças armadas, o Estado de Osca deixa de representar um poder regional contra a regência oligárquica, para assumir simplesmente a forma de um enclave.

4.7.2 – O colapso da aliança em torno da causa sertoriana. Os conflitos na cúpula decisória popular. O massacre dos reféns em Osca.

Na derradeira fase da guerra, a actividade das forças *populares* reduz-se à medida que vão sendo privadas de meios humanos e controlo espacial. Numa posição de recolhimento, Sertório pouco mais pode fazer do que escorar-se nas praças que lhe restam de forma a garantir resistência estática ao avanço *conservador*. A dissidência generalizada das populações mesetanas na sequência do avanço das legiões de Metelo Pio, implica a efectiva expulsão do exercício do poder sertoriano sobre o seu território. Neste contexto, uma defesa passiva parece ser uma opção fatalmente nefasta, mas os recursos que subjazem ao partido em derrota, parecem não oferecer qualquer esperança de sucesso a uma acometida táctica que possa alterar em substância as condições da luta. Militarmente paralisado e sem rumo político, o Estado de Osca perde o derradeiro património que presidira à sua constituição e que o mantém ainda coeso: a liderança carismática de Sertório.

A ruptura do sistema de alianças estabelecido entre o partido democrático na Hispânia e o indígena pode ser, presentemente, avaliada como o resultado confluyente do avanço vitorioso dos exércitos *conservadores* e a expansiva impopularidade do governo estrangeiro. No primeiro ano da sua constituição, o Estado de Osca oferecera a

¹⁵⁷⁰ A.A.V.V. - *Así era la vida en una ciudad romana*: Calagurris Iulia, Amigos de la Historia de Calahorra (Eds.), Calahorra, 2002, página 10.

promessa de reunir à dinâmica económica e militar que lhe confere o seu poder, uma mutação real da fractura, ainda vigente, nas forças colectivas da Hispânia entre colonizadores e indígenas. O atenuar das diferenças culturais que acompanha a partilha da mesma forma de luta e provações na guerra, poderia fazer brotar um espírito de unificação dos grupos sociais residindo no espaço dominado pela facção *popular*.

Pelo uso alternado da enérgica força militar e de uma inteligente política diplomática, Sertório havia conseguido impor o seu poder sobre um extenso número de povos nativos, fomentando um projecto que visava esbater a clássica fronteira entre o mundo provincial romano e o interior peninsular. A conversão do indígena da Hispânia profunda a uma forma de luta convencional, sugere a precipitação do ciclo evolutivo das populações residentes até uma cultura de síntese. Contudo, para além do imediato benefício que retirou do grémio de hispânicos em torno da sua liderança, desconhecemos se de facto existiu um plano deliberado do caudilho, visando uma uniformização de estatutos e condições de vida entre nativos e romanos.

A máquina de propaganda política do caudilho torna-se exígua para contradizer uma apreensão de derrota anunciada, sendo necessário o recurso a novos expedientes para garantir a anuência, do hispânico, à causa *democrática*. Incapaz de continuar a propalar entre as forças vivas da Hispânia os benefícios da adesão ao seu movimento, o comandante *mariano* decide-se a persuadi-las através de métodos repressivos, que contrastam com a sua prática corriqueira de congregação por expedientes sedutores.

A duplicidade, reservas e planos de contingência subjacentes à interacção com a aparência de empatia estabelecido por Sertório com o indígena revelara-se já, com clareza, no aprisionamento dos reféns que constituem os jovens mancebos hispânicos recebendo instrução em Osca, de forma a garantir a obediência dos régulos indígenas. Este cativoiro que visa submeter os chefes tribais a uma poderosa coacção emocional, cumpre o objectivo de desencorajar a dissidência, apesar de contribuir para que proliferem o ressentimento contra a liderança sertoriana. Torna-se, assim, evidente o evoluir para um carácter profundamente disfuncional do pacto estabelecido entre o poder *popular* e o substracto nativo, sedimentado num princípio de ameaça e constrição do livre arbítrio, em prejuízo da captação de afectividades.

O assassinio dos reféns em que se haviam tornado os varões dos chefes hispânicos, testemunha a crueldade gratuita de Sertório nos últimos anos da sua vida. A perda de equilíbrio configura o resultado natural do desgaste que sofrera ao longo de uma década de pelejas, tornadas inúteis pela derrocada final da sua causa. Os actos

repressivos mencionados pelas fontes, irão contribuir para a lenda negra sertoriana que se contrapõe aos aspectos mais luminosos de uma personalidade que inspirara uma seita de seguidores pelo seu carisma e mérito pessoais.

4.8 - Os anos de 72-71 a.C..

4.8.1 – As últimas operações militares de Sertório no vale do Ebro. A conspiração dos oficiais *populares* contra Sertório.

No início do ano de campanha de 72 a.C., o domínio sertoriano restringe-se ao espaço compreendendo o vale do Ebro e as urbanizações de Osca, *Ilerda* e *Tarraco*. As comunicações parecem ser ainda mantidas com *Calagurris*, apesar das iniciativas de Pompeio em território Vascão. Numa localização excêntrica relativamente à circunscrição deste reduto no noroeste peninsular, as praças celtiberas de *Uxama* e Clúnia, assim como a cidade portuária de *Denia*¹⁵⁷¹, consistem em focos obstinados de resistência da causa *popular*¹⁵⁷². Contudo, as guarnições destes enclaves não parecem dispor de amplitude de acção capaz de perturbar as iniciativas dos exércitos *conservadores* contra o coração do Estado *mariano* na Hispânia.

Após a incidência das últimas operações na Celtibéria, as fronteiras do potentado de Osca são doravante pressionadas em várias zonas pelo avanço convergente dos exércitos governamentais, resultando na progressiva constrição de espaço¹⁵⁷³. Sertório parece ainda capaz de enfrentar o inimigo em escaramuças de âmbito limitado quando defendendo as suas praças com o que pode reunir das suas debilitadas forças, mas os meios ao seu dispor não contêm o potencial para uma reviravolta da guerra. A incapacidade de responder, de forma agressiva, ao consumir do estrangulamento espacial do Estado de Osca pelas legiões oligárquicas, condena os *populares* a uma situação de inércia que restringe a motivação para a luta das suas hostes, fomentando a deserção.

O leal serviço da cidade de Gades à causa oligárquica garante que provimento e custeio chegam, a Pompeio, para a última etapa da Guerra Sertoriana¹⁵⁷⁴. Com as vias

¹⁵⁷¹ *Denia* manteve-se leal à causa *popular* até ao final do conflito, tendo servido de via de escape marítima após a derrota de Perpenna frente a Pompeio. Ver: Cic. *Verr.*, 2, 5, 146.

¹⁵⁷² Strabo, 3, 4, 6.

¹⁵⁷³ Strabo, 3, 4, 10.

¹⁵⁷⁴ Cic. *Balb.*, 40.

logística estabelecidas com a Aquitânia por ambas as vertentes dos Pirinéus e o tráfico mercantil, com a Itália, protegido pela presença da frota de Marco António Crético¹⁵⁷⁵, o comandante *conservador* pode operar com grande liberdade, na periferia do Estado de Osca. Estrategicamente, o conflito parece estar quase definido quando o alto comando popular se reúne na cidade capital para o derradeiro capítulo da notável vida de Sertório.

À cabeça da intriga que mobiliza o oficialato romano contra o caudilho, Perperna Veientão tem, por fim, oportunidade para visar o comando supremo que cobiçava desde que a vontade das forças legionárias com que desembarcara na Hispânia, o haviam colocado como tenente de um homem oriundo de condição social inferior à sua. O móbil pessoal que o impulsiona, encontra-se escorado em argumentos que colhem crescente anuência entre os membros do oficialato popular que se reúnem, em segredo¹⁵⁷⁶, para determinar o que fazer quando o rumo decadente da sua causa parece consumir-se com o passar do tempo.

O particular ressentimento de Perperna para com Sertório propaga-se pelo conjunto dos conspiradores através da consciência compartilhada de que uma possível solução diplomática é inviável enquanto sob a liderança do caudilho. O fracasso das iniciativas do comandante-em-chefe popular para um acordo com os magistrados *conservadores*, mesmo quando disfrutara de clara vantagem¹⁵⁷⁷, torna manifesta a resolução destes em prosseguirem a guerra até aniquilarem o rival. A assinatura da paz inviabilizava o almejado regresso triunfante a Roma que poderia contrapor-se, na apreciação do meio social, ao vexame das derrotas que lhes infligira o caudilho.

Incapazes de afrontar directamente a autoridade de Sertório, os seus tenentes procuram enfraquecer a ligação deste com o elemento popular, exercendo uma política de abuso e cobrança de pesadas taxações, enquanto atribuindo estes processos a ordens recebidas do chefe de Estado. Em consequência, distúrbios grassam entre a população autóctone, agravados pela duplicidade dos enviados de Sertório que, instruídos para apaziguarem os ânimos, exercem adicional violência sobre os locais. A consciência da inevitável derrocada da sua luta na Hispânia, impossibilidade de negociar a paz com os comandantes *optimates*, aleivosia mais ou menos assumida do seu quadro de oficiais e insubordinação do elemento indígena, constituem factores que oprimem cada vez mais a vivência de Sertório.

¹⁵⁷⁵ Sall., *Hist.*, 3, 6-7.

¹⁵⁷⁶ Plut., *Vit. Sert.*, 25, 1-2.

¹⁵⁷⁷ Plut., *Vit. Sert.*, 22, 5.

O desespero resultante dos mencionados factores de tensão altera, por fim, o famigerado temperamento benevolente do sabino, utilizando a autoridade que ainda possui para dirigir acções repressoras contra quem entende trair a exânime causa *popular* na Hispânia. Crueldades gratuitas substituem a brandura que modelara o método de captação de afectos e obediência utilizado anteriormente por Sertório.

A suspeita sobre a lealdade e competência dos quadros itálico-romanos induz Sertório a reverter o processo de distribuição de poderes pelas instituições do Estado de Osca. Uma fórmula autocrática de exercício do mando consubstancia a desesperada tentativa, do sabino, em conferir algum efeito prático aos recursos de que dispõe.

Execuções, arrestos e confisco de riqueza constituem as ásperas medidas aplicadas aos aliados nativos. No julgamento de ofensas capitais, o alto magistrado renega qualquer partilha de autoridade ou simples conselho. A dessintonia com os seus oficiais exterioriza-se no afastamento de Sertório da ambiência natural de socialização, que constituem as refeições em conjunto. A tirania procura, sem sucesso, disfarçar ou compensar uma perda de autoridade concomitante com o derruída do governo *democrático* na Hispânia, doravante estimado como quase inevitável pelo comum juízo. Em consequência, o abuso de poder dissemina o ódio popular por Sertório e reforça a acrimónia dos seus oficiais pelo despojo do estatuto que implica a centralização das funções governativas nas mãos do sabino¹⁵⁷⁸.

O novo regime atribui ao chefe de Estado a responsabilidade pela evolução desfavorável da guerra, enquanto a anterior delegação de incumbências o havia escudado das culpas pelos erros alheios. A sujeição dos partidários da causa *mariana* aos méritos singulares da liderança de Sertório, deixa de ser perspectivada por estes como inevitável, quando o exercício de um controlo ditatorial pelo alto magistrado fracassa em granjear dividendos. Por fim, o peso da autocracia sobrepuja a noção de dependência do oficialato relativamente a Sertório, definindo a eliminação física deste como o único elemento com potencialidade para alterar as condições da luta, acima de tudo no que concerne a um acordo com o adversário.

Segundo o relato de Apiano¹⁵⁷⁹, uma conjura integrada por Marco Perperna e dez outros senadores *populares* é descoberta por Sertório, ocasionando a execução de alguns de entre eles e a escapada dos restantes. Contudo, por um acaso da fortuna, o procônsul falha em identificar o cabecilha, doravante mais decidido no seu desígnio de

¹⁵⁷⁸ Diod. Sic., 38-39, 22a.

¹⁵⁷⁹ App. *B Civ.*, 1, 113, 1.

tomada de poder. O consumar da intriga contra o chefe popular, num assassinato, ocorre em consequência do alarme que circula entre os conspiradores de que uma fuga de informação os irá em breve prazo denunciar¹⁵⁸⁰. De forma a garantir a sua própria sobrevivência, torna-se necessário agir com presteza contra Sertório. O distanciamento deste em relação aos seus tenentes e a vigília devotada da sua guarda pessoal¹⁵⁸¹, exigem que um arдил seja concebido para o expor em local propício.

Segundo Plutarco, os membros da intriga fazem remeter ao comandante-em-chefe mensagens falseadas de uma retubante vitória com grande massacre do inimigo, alcançada por um dos seus tenentes destacado da presente estância do estado-maior em Osca. Num período de desalento para a causa popular, este inesperado sucesso instiga Sertório a proceder a sacrifícios de gratulação e a anuir, após repetida insistência do seu corpo de oficiais, ao convite para um banquete de festejo¹⁵⁸².

Como refere Cristoph Konrad¹⁵⁸³, a descrição que nos lega Plutarco acerca deste último acto da vida do grande sabino, contém algumas similitudes com o complô dos pajens¹⁵⁸⁴ contra Alexandre, *o Grande*, constituindo o assassínio durante um banquete, tema estereotipado na literacia antiga. O próprio folclore popular atribui, de forma intemporal, o direito a uma refeição avantajada antes do decesso. Não obstante, a notação histórica do episódio que sentencia o chefe *popular*, em Osca, é corroborada por Salústio¹⁵⁸⁵, autor precedendo Plutarco, de forma que a autenticidade do registo não tem sido posta em causa, apenas a possibilidade de clichês comuns ao *topos* do “banquete aziago”¹⁵⁸⁶ poderem ornamentar a descrição mais delongada do biógrafo helenístico.

Na célebre obra *O Herói de Mil Faces*¹⁵⁸⁷, Joseph Campbell expõe a origem comum dos mitos, arquétipos e temas literários que, desde as civilizações mais antigas, modelaram as grandes histórias e crenças religiosas. Os estereótipos compõem-se, segundo o fundamento do “Monomito”, a partir de uma base radical que se ramifica em

¹⁵⁸⁰ Plut., *Vit. Sert.*, 26, 1-2.

¹⁵⁸¹ App. *B Civ.*, 1, 113, 1.

¹⁵⁸² Plut., *Vit. Sert.*, 26, 3.

¹⁵⁸³ KONRAD, C. F. – *Plutarch's Sertorius. A Historical Commentary*. The University of North Carolina Press. Chapel Hill and London, 1994, páginas 208-209.

¹⁵⁸⁴ Arr. *Anab.*, 4, 13-14.

¹⁵⁸⁵ Sall., *Hist.*, 3, 79.

¹⁵⁸⁶ RODRIGES, Nuno Simões – “Festins de Sangue: A tradição do banquete aziago em Plutarco”, in *Symposium and Philantropia in Plutarch*, José Ribeiro Ferreira, Delfim Leão, Manuel Troster & Paula Barata Dias (eds), Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos da Universidade de Coimbra, Coimbra, 2009.

¹⁵⁸⁷ CAMPBELL, Joseph, *O herói de mil faces*, Adail Ubirajara Sobral (trad.), Editora Pensamento LTDA, São Paulo, 1997.

autonomizações mais ou menos excêntricas, decorrentes das influências recebidas no tempo, espaço e contexto. A interacção entre esta matriz etnológica com a psicologia humana, conecta o estudo de Joseph Campbell¹⁵⁸⁸ com o conceito de inconsciente colectivo definido por Carl Jung¹⁵⁸⁹, compreendendo as referências inculcadas na mente do indivíduo pelo meio social.

Os dados oferecidos pela narrativa de Plutarco¹⁵⁹⁰ e a descrição do posicionamento dos convivas num dos fragmentos de Salústio, permitiram a Cristoph Konrad¹⁵⁹¹ reconstruir e analisar, em detalhe, o episódio do banquete que resulta no assassinio de Sertório. Não acrescentaremos aqui nada de significância ao que já consta das fontes primárias e bibliografia crítica, somente a notação que as mais importantes figuras¹⁵⁹² compondo as forças armadas do Estado de Osca integram o assassinato arquitetado por Marco Perperna.

Segundo Apiano, Sertório comparece no local de repasto sob a escolta da sua guarda pessoal, mas entra no quarto reservado aos altos dignatários acompanhado por apenas dois escribas pessoais¹⁵⁹³. O espírito comemorativo da ocasião permite separar o sabino dos consagrados hispânicos que, dispostos em redor do edifício, não lhe podem prontamente acudir. Ao fim de algum tempo de sã camaradagem os conspiradores, fingindo-se embriagados pela bebida¹⁵⁹⁴, começam a empregar, de forma propositada, uma linguagem indecorosa e quezilenta, contrariando a disciplina e decoro que o comandante em chefe exige do oficialato. Incomodado pelo tom e conteúdo das conversas, Sertório aliena-se do ambiente deitando-se de costas no divã talvez, também, reduzido a algum torpor induzido pelo álcool¹⁵⁹⁵. Perperna aproveita o momento em que a vigilância da vítima aparenta encontrar-se diminuída para dar o sinal combinado, deixando cair uma taça no solo. Marco António¹⁵⁹⁶ assume a iniciativa do assassinio e reclinando-se sobre Sertório, ainda estendido no leito, atinge-o com a sua espada.

¹⁵⁸⁸ CAMPBELL, Joseph, *O herói de mil faces*, Adail Ubirajara Sobral (trad.), Editora Pensamento LTDA, São Paulo, 1997.

¹⁵⁸⁹ JUNG, Carl Gustav – *Los Arquetipos Y Lo Inconsciente Colectivo*, Trotta, Madrid, 2013.

¹⁵⁹⁰ Plut., *Vit. Sert.*, 26, 3-5.

¹⁵⁹¹ KONRAD, *op. cit.*, páginas 208-214.

¹⁵⁹² Mencionadas pelas fontes noutras ocasiões da guerra sertoriana.

¹⁵⁹³ App. *B Civ.* 1, 113, 1.

¹⁵⁹⁴ Conforme já mencionado, podemos conjecturar que o vinho que circula em rodos no banquete em que Sertório é assassinado foi obtido por via do saque corsário na costa levantina.

¹⁵⁹⁵ KONRAD, C. F. – *Plutarch's Sertorius. A Historical Commentary*. The University of North Carolina Press. Chapel Hill and London, 1994, página 214.

¹⁵⁹⁶ Liv., *Epit., Per.*, 96, 4.

Apesar de ferido, o sabino volta-se para o atacante e tenta erguer-se para o enfrentar. Contudo, António atira-se sobre o seu peito e agarrando-lhe ambas as mãos, deixa-o indefeso perante o grupo de algozes que mortificam o seu corpo com golpes¹⁵⁹⁷.

4.8.2. – A elevação de Perperna Veientão ao comando das forças militares do Estado de Osca. A derrota frente a Pompeio e o colapso da causa popular na Hispânia.

A notícia do assassinio de Sertório produz grande consternação entre as suas tropas, mesmo as que se ressentiam com o seu governo autocrático¹⁵⁹⁸. Quando o testamento de Sertório é revelado e se menciona uma herança dirigida a Perperna, a acrimónia dos soldados contra o instigador da conspiração que vitimara o seu benfeitor ter-se-ia transformado em violência aberta não tivesse este recorrido a uma multiplicidade de expedientes destinados a controlar a sua vontade: dávidas, promessas, ameaças, assassinios, libertação de presos e reféns hispânicos são os diferentes meios usados para o unívoco fim de proceder à tomada de poder que almejava desde à longo tempo.

O cargo de antigo pretor eleva Perperna ao posto de novo comandante do exército e, uma vez instituído com esta autoridade, incrementa o seu mando sobre soldados que sabe serem-lhe adversos, sobretudo através de métodos coercivos. Destacados de um dever marcial como o que instiga o elemento itálico-romano a permanecer nas fileiras, a maioria dos hispânicos abandona a causa *popular*, de forma que Perperna decide-se a mobilizar os recursos que lhe sobejam com a adopção de um via de belicismo afecta ao nominal procedimento legionário. As forças e equipagem de que dispõe para a guerra regular são ainda conformes às que, sob Sertório, contiveram uma acometida directa de Pompeio ao centro do poder *mariano* em Osca. O propósito do defunto capitão em garantir a poupança dos seus recursos¹⁵⁹⁹ concede, a Perperna, os meios para arriscar tudo num grande recontro campal.

Reconhecendo que o ciclo de manobras evasivas e combates limitados constituiria um dos factores de atrito moral entre os soldados sujeitos ao comando do

¹⁵⁹⁷ Plut., *Vit. Sert.*, 26, 5-6.

¹⁵⁹⁸ App. *B Civ.*, 1, 114, 1.

¹⁵⁹⁹ Os embates mencionados pelas fontes a partir do magno recontro de Segontia em 75 a.C. coincidem, invariavelmente, com praças-fortes que terão providenciado as tropas *populares* com grandes vantagens defensivas na defesa ou oportunidade para acometidas sobre as legiões assediadas a partir do exterior.

sabino, Perperna intenta reanimá-los por via de uma simples marcha em diante ao encontro das legiões de Pompeio Magno. A ausência de um claro plano de campanha por parte de um general carecido do sábio julgamento militar do seu predecessor, instiga-o a optar por reunir as suas forças numa única hoste e provocar, com prestezam o embate tático. Pelo sacrifício da circumspecta resistência posicional que permitira retardar o avanço do inimigo durante longo tempo, o ímpeto moralizador de uma ofensiva concede, a Perperna, o exercício do comando antes que se generalize a deserção.

Considerando que Pompeio não encontraria dificuldade em vencer, sozinho, as forças *populares* desprovidas da chefia de Sertório¹⁶⁰⁰, Metelo Pio decide permanecer na Província Ulterior onde disfruta de uma aparatosa forma de vida. Durante os primeiros anos de campanha na Hispânia, o jovem procônsul romano determinara-se a aplicar os arrojados métodos que lhe haviam dado as suas fulgurantes vitórias passadas. Contudo, o ênfase colocado num dinâmico desenvolvimento das suas legiões por território inimigo em busca de um ataque decisivo contra as forças armadas *marianas*, havia sido bem sucedido apenas frente aos tenentes de Sertório.

O sucessivo rechaçar de iniciativas extemporâneas quando em confronto directo com o grande capitão sabino decide por fim, Pompeio, a preparar ataques sobre pontos-chave da estrutura defensiva *popular*, segundo um plano estratégico de longo termo. Um sistema de comunicação é organizado por detrás das legiões de forma a apoiar o seu avanço contra a resistência das cidades afectas ao Estado de Osca. O elemento surpresa de que proficuamente beneficiaram as tropas móveis comandadas por Sertório, é nulificado com a marcha, bem sustentada, dos *conservadores* sobre objectivos contérmios no aperto meticuloso do domínio inimigo.

A maturação do *adulescens carnifex* no melhor cabo-de-guerra romano ao longo da década de sessenta do século I a.C. enuncia-se nas operações dos anos concludentes da Guerra Sertoriana, não somente na forma como doseia uma natural apetência pelo embate tático com sólido apoio logístico e judiciosa análise estratégica, mas também na arguta aplicação de estratagemas. As penosas lições recebidas de Sertório capacitam-no a complementar a usual frontalidade do método operativo das legiões com o uso oportuno de ardis visando alterar, significativamente, as condições da luta e o valor nominal das unidades militares.

¹⁶⁰⁰ App. *B Civ*, 1, 115, 1.

A eficiente campanha empreendida, por Pompeio, havia-lhe permitido explorar a vantagem dos seus recursos sem se expor a uma inesperada refutação por parte de Sertório. Tendo reagido com notável tenacidade às derrotas campais, o jovem procônsul adquirira, entretanto, ampla experiência e entendimento acerca dos particularismos de travar a guerra na Hispânia. A compressão do espaço sob controlo *democrático* segundo uma precisa lógica posicional, constitui um processo lento mas que adquire um carácter inexorável desde o último revés no assédio de *Calagurris* durante o ano de 74 a.C.. A morte do grande sabino significa, para a chefia *conservadora*, a subtracção do principal factor de contingência a um avanço dinâmico sobre o inimigo¹⁶⁰¹.

Ambos os comandantes de exército favorecem, assim, o precipitar da decisão numa guerra civil que se arrasta já à mais de uma década. O exercício do comando por parte de Pompeio na derradeira campanha contra os *marianos*, consiste na ilustração da sua sazoadada perícia. Uma clara perspectiva sobre como tirar partido da inépcia de Perperna, induz o procônsul à tomada de decisões que lhe granjeiam uma vitória completa. Sondando de forma paciente os pontos de fraqueza do inimigo, o comandante romano atrai-o, por fim, para uma exposição crítica através do aparente sacrifício de uma unidade legionária. Quando os *populares* se dispõem, em massa, diante da frente delongada de Pompeio, as forças deste movimentam-se de forma a urdirem uma rede em torno da presa, gerando ameaças a partir de múltiplas direcções para concluírem a batalha com uma aniquiladora convergência táctica.

As fontes¹⁶⁰² não precisam o local do decisivo recontro entre *optimates* e *populares* nem as cifras das tropas em presença, mas anuem à reunião dos respectivos recursos militares. Tendo acampando a alguma distância entre si, os rivais optam por se estudar numa série de escaramuças antes de trazerem, para terreno aberto, os seus exércitos. Após ter confirmado, com estas acções preliminares, a falta de valor do comandante inimigo, Pompeio decide, ao décimo dia de enfrentamento limitado, provocar uma batalha geral, atraindo Perperna para uma posição de vulnerabilidade, mediante o emprego de um estratagema.

Segundo o relato de Plutarco¹⁶⁰³, o comandante *conservador* despacha dez coortes¹⁶⁰⁴ para a planície separando os dois exércitos, com ordens para uma dispersão, ao acaso, de forma a servirem como chamariz para uma iniciativa do rival. Temendo

¹⁶⁰¹ Vell. Pat., 30, 1-2.

¹⁶⁰² Plut., Vit., Pomp., 20, 2. ; App. B Civ., 115, 1. ; Frontin. Str., 2, 5, 32.

¹⁶⁰³ Plut., Vit., Pomp., 20, 2.

¹⁶⁰⁴ A força estandardizada de uma legião.

que o seu exército não lhe permaneça fiel durante muito mais tempo, Perperna decide atacar este alvo ostensivo com a quase totalidade das suas tropas, descorando a possibilidade de um ardil. Este procedimento representa a quebra do princípio geral de resguardar parte dos recursos disponíveis para eventualidades, em prol da tentativa de destruir uma força isolada do inimigo, desconhecendo o paradeiro do seu principal corpo de exército.

Agindo de acordo com as instruções recebidas do procônsul, os soldados que servem de engodo retiram diante dos assaltantes que, impelidos pelo receio que atribuem à reacção da presa, minorizam a sua própria segurança na tentativa de forçar o contacto. Conforme previra Pompeio, o comandante *mariano*, sedento de sucessos que ajudem a legitimá-lo, persegue o destacamento pela planície até a sua desorganizada e fatigada hoste se confrontar com a aparição, em força, das legiões romanas¹⁶⁰⁵.

Apesar das fontes não o mencionarem, parece conjecturável que o general *conservador* tenha usado o terreno de forma a ocultar o seu exército da observação de quem pretende emboscar. Segundo Frontino¹⁶⁰⁶, Pompeio havia disposto as suas unidades com considerável espaço entre si para facilitar o envolvimento da hoste *popular* que, convergindo sobre a legião romana em retirada, deve ter perdido grande parte da sua usual organização linear. O avanço da tropa de Perperna quebra o seu ímpeto em face do colectivo romano a postos para o combate¹⁶⁰⁷.

Com o exército *democrático* posicionado na zona de emboscada, Pompeio considera chegado o momento oportuno para fazer girar as suas legiões organizadas numa extensa e irregular formação, de modo a executarem uma acometida frontal conjugada com uma manobra de duplo flanqueio. O decidido contra-ataque chefiado pelo *adulescens carnifex* destroça o exército de Perperna em toda a sua linha, consumando uma vitória completa para as armas *optimates*.

¹⁶⁰⁵ “Um princípio fundamental é nunca permanecer totalmente passivo, mas antes atacar o inimigo de frente e pelos flancos, mesmo quando ele nos está a atacar. Para isso, devemos defender-nos criando uma determinada frente de combate por forma a que o inimigo seja induzido a empregar as suas forças nesse sentido. Ao mesmo tempo, passaremos ao contra-ataque com as forças que mantivemos de reserva. (...) Esta defesa é sempre um meio para atacar o inimigo, numa posição mais favorável, uma vez que escolhemos o terreno e as nossas tropas foram aí colocadas de maneira a retirar vantagem desse posicionamento. Este ataque a partir duma posição defensiva pode acontecer no momento em que o inimigo ataca ou quando ele ainda marcha contra nós. Também pode acontecer que, no instante em que o inimigo ataca, decidamos fazer retirar as nossas tropas, atraindo-o para terrenos desconhecidos e atacando-o então por todos os lados. A formação em profundidade – aquela em que apenas dois terços ou metade do exército, ou ainda menos, está colocado na frente, e as restantes forças estão posicionadas na retaguarda, de forma oblíqua, se possível escondidas – é muito indicada para todos estes movimentos.” (CLAUSEWITZ, *op. cit.*, página 41).

¹⁶⁰⁶ Frontin. *Str.*, 2, 5, 32.

¹⁶⁰⁷ Veg., *Mil.*, 3, 26.

Mais temeroso dos instintos vingativos dos seus próprios homens do que do inimigo, o comandante *mariano* oculta-se, sozinho, num matagal, mas é, por fim, capturado por alguns cavaleiros romanos e conduzido até aos quartéis-generais de Pompeio. Sobre os últimos momentos desta personalidade denegrida pelas fontes antigas, os relatos de Plutarco e Apiano apresentam algumas contradições. Segundo o biógrafo helenístico¹⁶⁰⁸, Perperna é trazido até a presença do procônsul que ordena a sua execução quando toma conhecimento que o prisioneiro tem em sua posse cartas trocadas entre Sertório e figuras de relevo residindo em Roma, registrando o incentivo destas a uma marcha do sabino sobre a capital e a intriga desenvolvida no sentido de enfraquecer internamente o governo vigente.

Temendo que a revelação da identidade dos conspiradores possa ocasionar novo episódio sanguinário na Cidade Eterna, Pompeio terá destruído esses documentos sem sequer os ler, gesto que merece a aprovação de Plutarco, dado revelar a sensatez de um verdadeiro estadista, empenhado em sanar as chagas da guerra, ofertando aos inimigos do regime oligárquico o anonimato e a oportunidade para anuírem à almejada pacificação.

Compondo a narrativa mais crítica dos comportamentos das principais personalidades do século das conflagrações domésticas da civilização romana, Apiano descreve a forma indigna¹⁶⁰⁹ como Perperna tenta comprar a sua vida. Sob as execrações dos seus próprios homens que o culpam pelo assassínio de Sertório, o ex-pretor é encaminhado para o quartel-general de Pompeio, gritando aos seus captores que, em troca de indulto, presentearia o procônsul com informação sobre simpatizantes da facção *popular* em Roma. Contrariamente a Plutarco, o autor das *Guerras Civis* não menciona a existência de nenhuns documentos para além das palavras de Perperna, acrescentando que Pompeio nem sequer se digna a receber o comandante vencido, limitando-se a ordenar a sua execução para que este não possa constituir fonte de adicionais perturbações. Conforme os princípios que o fazem desvalorizar os grandes vultos históricos responsáveis pelas desordens da fase final da República contrapostas ao período de ordem e prosperidade do seu próprio tempo, Apiano elogia a sensata conduta de Pompeio nesta ocasião.¹⁶¹⁰

¹⁶⁰⁸ Plut., *Vit., Pomp.*, 20, 1 ; Ps.-Plut., *Mor., Reg. apoph.*, 204.

¹⁶⁰⁹ Esta passagem de Apiano (*App. B Civ.*, 1, 115, 1) é corroborada por Valeio Patérculo (*Vell. Pat.*, 30, 1-2).

¹⁶¹⁰ *App. B Civ.*, 1, 115, 1.

Narra Plutarco que, dos oficiais de Perperna que sobreviveram à batalha, a maior parte foram trazidos até Pompeio e condenados à morte, enquanto outros terão tentado encontrar exílio na Mauritânia, somente para serem chacinados pelos indígenas¹⁶¹¹. A fuga da Península Ibérica ter-se-á provavelmente realizado a partir do porto de *Denia*, ainda em posse dos *populares*.¹⁶¹² Dos conspiradores contra a vida do caudilho, menciona o biógrafo helenístico que apenas escapou Aufídio, tendo envelhecido num remoto aldeamento, na miséria, desapareço comunitário e indiferença por parte do governo romano¹⁶¹³.

Passagens díspares nas obras de outros autores esclarecem, contudo, que alguns dos legionários *marianos* terão sobrevivido à derrocada da sua causa na Hispânia e navegado até à Sicília. Segundo a acusação de Cícero, quando Gaio Verres exerceu funções de propretor nessa província no ano de 71 a.C., costumava justificar as violências cometidas contra os mercadores de maiores posses que aportavam na ilha, afirmando que se tratavam de soldados sertorianos fugindo a partir de *Denia*¹⁶¹⁴.

Adicionais dados oferecidos pelas fontes literárias sugerem que, fora do círculo do alto oficialato liderado por Perperna, alguns comandantes *populares* sobrevivem à derrota e permanecem na Hispânia. Tendo servido sob Sertório, eram conceituados pelo versátil saber em táticas de guerrilha assim como nos procedimentos legionários, motivo porque década e meia após o termo do conflito, os autóctones do sul da Gália solicitam o seu auxílio na resistência a Roma¹⁶¹⁵.

Subentende-se que o regime implementado por Pompeio na Hispânia após a destruição do Estado de Osca, salvaguarda antigos partidários de Sertório de sentenças capitais, dado que se enquadra no ensejo por pacificação do procônsul. Um dos fragmentos de Salústio¹⁶¹⁶ menciona o perdão concedido pelo Senado aos participantes da rebelião de Lépido que se tinham reunido a Sertório na Hispânia. Suetónio¹⁶¹⁷ descreve que a lei com o supracitado efeito foi apresentada, no ano de 70 a.C., pelo tribuno da plebe Pláucio, com o apoio de Júlio César, então tribuno militar, sugerindo a ideia que o futuro chefe da facção *democrática* assumiu a herança de Sertório e do seu tio Gaio Mário. Contudo, a integração dos vencidos, em sociedade, encontrar-se-ia

¹⁶¹¹ Plut., *Vit. Sert.*, 27, 4.

¹⁶¹² Cic. *Verr.*, 2, 5, 146.

¹⁶¹³ Plut., *Vit. Sert.*, 27, 4.

¹⁶¹⁴ Civ. *Verr.*, 2, 5, 146.

¹⁶¹⁵ Caes., *B Gall.*, 3, 23.

¹⁶¹⁶ Sall., *Hist.*, 3, 47.

¹⁶¹⁷ Suet., *Iul.*, 5.

dificultada pela memória das querelas com a facção *conservadora* que, no decurso dos anos sessenta, preside aos destinos da romanidade, contexto que justifica a anuência ao apelo dos Gauleses pelo seu comando frente às legiões dirigidas pelo próprio Júlio César.

Com efeito, alude o autor da *Guerra das Gálias* que, no ano de 56 a.C., incumbe o jovem Públio Licínio Crasso com a tarefa de subjugar os Celtas da Aquitânia que, entretanto, haviam reunido uma grande hoste. De forma a coadjuvarem o extenso número de guerreiros tribais com o mais qualificado comando, os resistentes do sudoeste da Gália enviam emissários aos estados da Hispânia Citerior que bordejam o seu território, ofertando cargos de chefia aos veteranos da Guerra Sertoriana que haviam servido sob as ordens do caudilho *popular*.¹⁶¹⁸

Apesar destes resquícios da facção *mariana* na Península Ibérica que mais tarde participam, porventura aliciados pelo prestígio do comando e outros prémios oferecidos pelos diplomatas aquitanos, na defesa da Gália contra a conquista romana, a tarefa de demolir a insurgência institucionalizada do Estado de Osca encontra-se quase concluída com a vitória sobre o exército de Perperna. Após a aniquilação das forças móveis dos *populares*, a maior parte das cidades rende-se a Pompeio antes do termo do ano de 72 a.C.. Resistem, contudo, dois núcleos urbanos, *Uxama* e *Calagurris*, ao reconhecimento da derrota, testemunho da tenacidade dos povos Celtiberos na defesa da sua autonomia, conjugada com a preserverante paixão que Sertório inspira nos seus adeptos mesmo após a sua morte¹⁶¹⁹.

4.8.3 – A submissão das últimas praças insurgentes. A conquista definitiva da Celtibéria por Pompeio e constituição do seu domínio clientelar na Hispânia.

Desde o momento inaugural da presença romana na Península Ibérica até à Guerra Sertoriana, a resistência do autóctone caracterizara-se pelas esporádicas ocasiões em que constituía extensas alianças, visando canalizar contra o invasor um vasto grémio de guerreiros. Implicou, a continuidade do parcelamento tribal, que o domínio de Roma sobre a faixa mediterrânica nunca tenha sido ameaçado pelo poder de uma liga de povos hispânicos capaz de vencer as legiões em batalhas formais e tomar pelo assédio as praças sob o seu controlo. Em contrapartida, os métodos de guerra

¹⁶¹⁸ Caes. *B Civ.*, 3, 23 ; Cass. Dio., 39, 46, 1.

¹⁶¹⁹ Val. Max., 7, 6e`3.

assimétrica conferiram, ao indígena, a assídua oportunidade para desgastar e por vezes destruir exércitos invasores emboscados, limitando as suas próprias perdas. Por motivo do escasso desbaste que podia ser infligido à demografia nativa se alvejassem apenas os seus elementos ostensivamente armíferos, os magistrados romanos haviam procedido a violências indiscriminadas sobre populações inteiras.

Contudo, mesmo após décadas de campanhas sucessivas, as legiões haviam falhado em quebrar o espírito autonomista indígena pela regular prática de uma política de conquista assente no terror. A profusão de tropas de que passa a dispor Sertório no zénite da sua disputa na Hispânia, testemunha que a capacidade regenerativa do autóctone supera os efeitos do desgaste decorrente da acção secular dos exércitos romanos. Sob a chefia do caudilho, a união dos povos lusitanos, celtiberos, do vale do Ebro e da costa levantina, escalou o nível do seu poder militar para uma supremacia numérica no selecto domínio das legiões que consiste o recontro campal. A constituição do Estado de Osca assinala a passagem do tribalismo para uma fórmula de poder político-institucional evolucionada, mediante o acordo entre o elemento nativo e uma facção romana comprometida com uma dirigência benigna para a Hispânia. As populações integradas neste espaço, passam a concepcionar-se como unidas por uma causa, crenes numa chefia providencial, compartilhando o mesmo destino.

O assassínio de Sertório e subsequente derrota dos que anuem ficar às ordens de Perperna, faz propagar a rendição pelos nativos que se haviam sublevado contra o domínio *conservador*. A conquista da Celtibéria por Pompeio, território que mantinha uma larga autonomia relativamente ao poder imperial de Roma, é facilitada pelo mesmo factor de congregação que tornara possível, à facção *popular*, forjar as suas vastas forças militares no decurso do conflito abordado nesta tese. O elemento que estruturara esta robustez – o Estado de Osca – confere uma fraqueza decisiva às gentes locais com a derribada da causa sertoriana. As massivas perdas sofridas pelo hispânico, nos magnos confrontos tácticos, afectam, de forma sensível, o ciclo restaurador dos seus recursos bélicos permitindo um domínio agora efectivo, por parte de Roma.

A reunião em torno de Sertório subtraía, aos seus seguidores autóctones a destrinça que constringera as legiões ao atrito decorrente das campanhas contra cidades, tribos ou povos em separado. A demora inerente às investidas sobre cada população hispânica revoltosa, concedia a oportunidade para que as demais se restabelecem-se, de forma que o domínio de Roma sobre os territórios mais interiores da Meseta, nunca deixou de ser precário. Contudo, drenados nos seus recursos humanos por motivo da

anuência aos recrutamentos sucessivos de Sertório, os indígenas não podem readaptar-se, com prontidão, à fórmula de guerra de guerrilha que compusera um dos factores determinativos para a dificuldade da sua conquista.

Neste contexto, a resistência indómita das praças de *Uxama* e *Calagurris*, quando as restantes comunidades adstritas ao Estado de Osca se conformam com a rendição, transforma-se num paradigma para o retrato esteriotipado da literatura clássica acerca do selvático hispânico. A descrição de Valério Máximo (Val. Max., 7, 6e`3) sobre a prática do canibalismo entre os residentes desta última cidade, testemunha a repulsa do homem civilizado pelos extremos em que pode incorrer o bárbaro para garantir a sua imediata sobrevivência. Este exemplo de recusa obstinada a capitular mesmo quando finda a vida de Sertório e redução à fome pelo assédio, incorpora-se no ideário imperial de Roma, que justifica as violências decorrentes da conquista pelo vício do próprio inimigo.

A destruição de *Uxama*¹⁶²⁰ e a conquista de *Calagurris*, últimos focos de resistência ao restabelecimento do mando do governo sediado em Roma, assinalam o término da Guerra Sertoriana. Alcançada a paz, Pompeio permanecerá na Hispânia durante o ano de 71 a.C., reorganizando a província sobretudo em função do seu próprio interesse, dispondo as estruturas que a transformam, até a conquista cesariana, num domínio da *gens Pompeia*. As funções administrativas passam a ser exercidas por uma rede de clientes do ambicioso arrivista vinculados por uma diversidade de privilégios, entre os quais se distingue a outorga de cidadania romana a autóctones, o mais almejado estatuto na sociedade imperial. A reciprocidade pretendida por este tipo de agradecimentos a indivíduos singulares, consiste no seu zelo para garantir a adesão da sua comunidade aos ditâmes do governador. Benesses selectivas podem também ser canalizadas para um colectivo local que se distinga pelo voluntarismo na obediência ao regime urdido por Pompeio. Encimando a estratigrafia da administração provincial, o futuro exercício das magistraturas hispânicas recairá, por norma, nos seus mais fiéis correligionários ou aliados por vínculo político, confirmando que o Senado perdera o poder de facto sobre a dirigência da Hispânia, para uma entidade privada¹⁶²¹.

¹⁶²⁰ Reconstruída pouco tempo depois.

¹⁶²¹ Luis Amela Valverde é a autoridade no estudo do regime clientelar criado pelo prodígio do Piceno a partir do fim guerra sertoriana, tendo-lhe dedicado a sua tese de doutoramento assim como uma multiplicidade de outros trabalhos.

Ver: AMELA VALVERDE, Luis – *Las clientelas de Cneo Pompeyo en Hispania*, Publicaciones Universitat de Barcelona, Barcelona, 2002.

Por altura do início da guerra civil com Júlio César, a Hispânia, o Piceno e diversos reinos do oriente mediterrâneo, constituem territórios tributários de Pompeio, que deles confia poder extrair amplos recursos financeiros e humanos para compor uma formidável máquina de guerra. A proeminência desta personalidade sobre as populações hispânicas é ilustrada no facto destas terem, mesmo quando já finda a sua vida, dado apoio aos seus filhos no último reduto da resistência das hostes republicanas a César. O prémio alcançado pelo prodígio do Piceno na campanha empreendida na Península Ibérica não constitui a colecta da cabeça de Sertório, adversário que nunca chegou a lograr vencer no campo de batalha, mas no incremento exponencial do seu poder pessoal com a engenhosa administração que exerce na sequência do conflito.

Sem confrontar as instituições tradicionais romanas, mas extraindo da soberania da República a detenção da efectiva autoridade sobre um dos mais importantes territórios do império, Pompeio transforma a Hispânia no seu domínio clientelar. O troféu que faz erguer nos Pirinéus celebrando as suas conquistas¹⁶²², é a expressão mais visível da propaganda que difunde a omnipresença da sua personalidade entre os habitantes locais, mesmo quando o exercício do seu mando se realiza *in absentia*. Malgrada a memória das derrotas sofridas às mãos de um capitão que claramente transcende o talento de Pompeio no estrito domínio militar, o ocaso da Guerra Sertoriana confirma-o como o maior romano do seu tempo, estatuto que irá incrementar durante as campanhas no oriente, para apenas empalidecer com o génio de Júlio César.

O outro vencedor do conflito, Quinto Cecílio Metelo Pio, realiza, por fim, o objectivo que lhe havia sido atribuído pelo regime *conservador* com um mandato proconsular. Tendo abandonado a Hispânia ainda no ano de 72 a.C. para celebrar o seu triunfo em Roma, Metelo visa o resgate do prestígio que o tornara no mais respeitado cidadão do seu tempo. Contudo, a deteriorização da sua imagem pública por via dos vexames a que fora sujeito por Sertório e indecoro da sua própria conduta, poderá ter ocasionado um desencanto perserverante por parte da comunidade romana. A perda do estatuto de reserva moral da República que lhe era reconhecido aquando o seu envio para a Península Ibérica, talvez contribua para que a vida de Metelo Pio, um dos grandes homens do período, não integre a lista biográfica de Plutarco, dela conhecendo a posteridade sobretudo o que consta nas obras dedicadas a Sula, Sertório e Pompeio.

¹⁶²² Strabo, 3, 160 ; Plin., *HN*, 7, 96 ; Plut., *Vit.*, *Pomp.*, 21, 1.

5 - Considerações Finais.

Sintetizando o discorrer sobre o tema da presente tese, a Guerra Sertoriana estatui-se como um dos episódios capitais da conflagração civil de decurso secular, que determina o ocaso do regime republicano. Durante a maior parte da década de setenta, o definir dos destinos da civilização romana secciona-se entre o espaço itálico e a Península Ibérica, pólos da disputa pelo poder entre *populares* e *conservadores*. Por motivo da grandeza do império constituído por províncias, estados clientelares e zonas de influência¹⁶²³, os acontecimentos que ocorrem no anfiteatro de guerra hispânico, comportam importância cardinal em toda a bacia do Mediterrâneo.

O processo de conquista e romanização da Península Ibérica compreendeu uma periodização alargada de cerca de dois séculos, intercalando picos de consequência, com períodos de estagnação da actividade militar ou obscuridade dos registos históricos. A Guerra Sertoriana consiste no mais importante dos conflitos ocorridos na Hispânia, segundo uma variedade de critérios que incluem o efeito na geo-política mediterrânica e a abrangência do espaço operacional. É a única conflagração militar que superou um carácter sectorial da cartografia da Península Ibérica, para se distender à quase totalidade do território definido pelas suas fronteiras naturais eximindo-se, apenas, as regiões mais remotas do noroeste cantábrico-calaico¹⁶²⁴. Através dos contactos diplomáticos estabelecidos entre o Estado de Osca e o reino do Ponto, este episódio da História Antiga assinala a conexão dos extremos do Mar Mediterrâneo no domínio de uma grande estratégia. O alcance dos eventos afectando a romanidade, adquire um carácter universal com a descompartimentação do mundo antigo em prol de uma evolução concomitante, derivativa ou influente entre cada um dos seus espaços geográficos.

A magnitude do conflito sertoriano é correspondida pela sua complexidade, transformando uma enunciação num desafio à capacidade de síntese. A diversidade de participantes com desígnios particulares integrando o âmbito das facções contendoras em distintos estágios, consiste no primeiro factor para esse embaraço. A sua longa duração determina, também, que as causas originais percam grande parte do seu fundamento, ao ponto da resistência dos sobreviventes *marianos* ao regime de terror

¹⁶²³ DAWSON, Doyne - *The Origins of Western Warfare. Militarism and morality in the ancient world*, Westview press, Phoenix, 1996, página 119.

¹⁶²⁴ CADIOU, François – *Hibera in Terra Miles. Les armées romaines et la conquête de l'Hispanie sous la République (218-45 av. J.-C.)*, Casa de Velázquez, Madrid, 2008, página 39.

implementado por Sula, degenerar numa carnificina inglória, sobretudo devido às querelas idiossincráticas das chefias. O elemento mais trágico deste episódio das guerras civis romanas concerne na destruição que continua a acarretar, mesmo quando se torna evidente na perspectiva do seu protagonista, a dispensabilidade da luta em si.

Contudo, o seu impacto no regime provincial romano na Hispânia e relevância para a História Militar, contrapõem-se a considerá-la como uma inútil efusão de sangue. Precisamente porque o preço da contenda persuade o seu vencedor, Pompeio Magno, a evitar uma nova ronda de proscricções com a denúncia dos desafectos do regime listrados por Perperna, a crise republicana desanuvia-se durante cerca de vinte anos, até à ocorrência de um novo ápice de contenda fratricida. Apesar dos antagonismos, por vezes, assumirem fórmulas violentas entre a amálgama de entidades influentes no período sucedâneo ao conflito em estudo nesta tese¹⁶²⁵, uma verdadeira guerra civil ocorre somente quando Júlio César transpõe o Rubicão em 49 a.C. e a atomização de intuítos se colige em duas facções beligerantes.

Com o término da Guerra Sertoriana fecha-se um dos ciclos mais sanguinários da história da Cidade Eterna, que principiara aquando a sua tomada pelas legiões de Sula. Dissuadido de semelhante acção pela fama que recaíra sobre o usurpador da soberania do Senado e Povo de Roma, o prodígio do Piceno confina-se a zelar pela resplandecência da sua efígie tanto no tempo presente como pela posterioridade, mediante a colecta de honras militares e reforço da influência política. A década de 60 a.C. será, por conseguinte, um período de menor conturbação interna devido ao destaque alcançado por Pompeio e sua recusa em usar o seu ascendente pessoal para derrubar o regime republicano. A competição entre as principais figuras da aristocracia dilui-se nas corriqueiras intrigas domésticas e chefia de forças militares operando contra os inimigos de Roma, sobretudo nas fronteiras de um império que se expande sobejamente neste período.

Os efeitos na demografia local e devastação de vastas áreas da Hispânia expostas aos agentes bélicos poderiam definir a Guerra Sertoriana, sobretudo pelo seu carácter destrutivo, não tivessem a contrapartida de ocasionar um avanço prezável da romanização para os espaços mais inóspitos do interior mesetano, sucedido uma década após pelo domínio efectivo da Lusitânia¹⁶²⁶. A ideologia imperial de Roma encontraria

¹⁶²⁵ A Conjura de Catilina (63 a.C.) consiste exemplo salutar.

¹⁶²⁶ ROLDÁN HERVÁS, Jose Manuel – *Hispania y el Ejercito Romano. Contribucion a la Historia Social de la España Antigua*, Universidade de Salamanca, 1974, página 171.

sólidos argumentos para justificar a violência afecta ao desbravar da barbárie, com o grau de pacificação que se institui nos territórios que tinham resistido, tenazmente, à civilização colonizadora. Se, por um lado, o conflito abordado representa o clímax da insurgência autóctone contra um governo colonial extorsivo, a aliança estabelecida entre os povos hispânicos de tradição mais belicosa e a facção encabeçada por Sertório, precipita a constituição do regime de maior afinidade relacional que se cristalizará com o Principado¹⁶²⁷.

Durante os séculos subsequentes, a Hispânia, acolhedora de uma prolífera política de desenvolvimento, constituirá uma estável província romana, preservando um carácter hostil apenas as populações das agrestes paragens asturianas. Para essa conversão dos orgulhosos e aguerridos autóctones do espaço peninsular aos valores da civilidade romana terá, certamente, contribuído a osmose cultural que o grande sabino idealiza com a criação do Estado de Osca, mormente expressa no centro de ensino para a juventude aristocrática autóctone e nas forças armadas miscenizando o modelo legionário com a tradição guerrilheira peninsular.

A elevação da condição do indígena ao estatuto de romanizado é frustrada pelo evoluir da guerra, deixando o morticínio dos mancebos hispânicos, a suspeita de que haviam sido sobretudo vítimas de um aliciamento integrando a astúcia política de Sertório. O círculo itálico-romano preenchendo em regime de exclusividade tanto a cúpula senatorial como a chefia militar das forças regulares móveis, sustenta a premissa de que se preserva uma fractura entre o nativo e a dirigência *popular*. É difícil de precisar até que ponto a política empática de Sertório, para com o hispânico, terá favorecido o estatuto deste último na apreciação da romanidade, mas atribui, ao caudilho, a compartilha com Alexandre Magno, grande espírito da helenização, de um dos trejeitos visionários mais inapeláveis, que consiste o patronato do esbatimento de fronteiras entre populações em proveito do universalismo.

O exército de síntese entre o guerrilheiro peninsular e o legionário que é criado nos aquartelamentos de *Castra Aélia* nos meses finais de 77 a.C. e Inverno de 78 a.C., consiste no arquétipo da interacção entre colono e autóctone, que enuncia a política desenvolvida por Sertório na Hispânia. Enquanto unidades que constituem nichos de excelência específicos, tais como: o infante pesado romano, o escaramuçador lusitano e

¹⁶²⁷ CADIOU, *op. cit.*, página 39.

a cavalaria celtibera, cooperam sem uma desconfiguração da sua forma de luta, uma estirpe mestiçada desponta com nativos integrados numa compacta tropa convencional.

Esta conversão permite enfrentar os exércitos *conservadores* no seu próprio elemento de batalha de linha, conferindo poder de choque a um modelo de peleja indígena firmado no recurso à emboscada, mobilidade e resistência por detrás das muralhas urbanas. Também sugerem as fontes, a sujeição das tropas itálico-romanas às vias da guerrilha, eventual componente para o despeito que a incita à deserção. Contudo, malgrada a impopularidade destes métodos implementados por Sertório na fase final do conflito em que perdera a possibilidade de enfrentar o inimigo num embate frontal, este exemplo pioneiro de “barbarização” do exército romano em função das condições locais frutifica décadas mais tarde, na tropa mais ligeira do que as clássicas legiões que irá ser utilizada por Lúcio Afrânio e Marco Petreio com consideráveis dividendos contra o exército de Júlio César durante a campanha de 49 a.C..¹⁶²⁸

A Guerra Sertoriana representa o apogeu da oposição provincial ao mando instituído por Roma, conquanto a circunstância da insurgência ser chefiada, num primeiro momento, por um comandante estrangeiro e mais tarde integrada na organização estatal dos *marianos* exilados na Hispânia. O conflito em estudo nesta tese consiste no único momento em que os autóctones ameaçaram o controlo romano sobre as zonas costeiras mediterrânicas já organizadas no império ultramarino. Distingue-se, também, pelo copioso número de menções nos *Estratagemas* de Frontino, configurando exemplos de chefia que transcendem os convencionais procedimentos legionários. Resultados categóricos são amiúde obtidos quando aplicando a astúcia de que desdenhara o contumaz tradicionalismo romano em favor de um modelo marcial baseado em métodos lineares, confrontações campais¹⁶²⁹, disciplina corpórea, formatura regular e rotinas operantes.

O âmbito deste episódio do confronto civil entre *populares* e *conservadores*, combinado com os respectivos acordos com os locais, determina que a guerra seja travada numa multiplicidade de frentes divididas pelas distâncias e traços geográficos, assim como conectadas pelas vias de comunicação terrestres, fluviais e marítimas. A grande dimensão espacial do conflito sertoriano e o resultante alargamento da rede logística de um exército invasor com escora na costa mediterrânica, permitiram que acções guerrilheiras beneficiassem com a descontinuidade das linhas inimigas ao longo

¹⁶²⁸ Ps.-Caes., *BHis.*, 1, 43-46.

¹⁶²⁹ HANSON, Victor Davis – *The Wars of the Ancient Greeks*, Cassel, London, 1999, página 205.

de amplos teatros operacionais, para infiltrações disruptivas. Paralelamente, a aliança de âmbito supra-tribal colocada sob a chefia de Sertório, facultou-lhe os recursos humanos para a aplicabilidade de princípios de concentração de massa contra forças inimigas, sobretudo se expostas em terreno propício e sujeitas ao efeito surpresa.

A hoste compósita criada pelo caudilho confere-lhe a possibilidade do emprego de vastos números visando uma destruição em detalhe de legiões inteiras, em concomitância com as fustigantes iniciativas de unidades dispersas contra os pontos débeis da coluna de marcha e rede logística. Esta complementaridade agravou, de sobremaneira, a crónica ineptidão romana em travar campanha na Hispânia, de acordo com um modelo operativo que se adaptara, com eficiência, à maioria dos anfiteatros abrangidos pela expansão do império.

Por fim, a Guerra Sertoriana é sobretudo notabilizada pelo protagonista que lhe confere o nome. Precisar o devido lugar na História do grande sabino extrapola as limitações inerentes à lide com a informação contida nas fontes antigas e à subjectividade da perspectiva com que incidimos a nossa análise. Contudo, parece razoável reconhecer, em Sertório, excepcional valimento na marcialidade, tanto enquanto combatente como oficial, produto de uma entrega abnegada ao *ethos* guerreiro que define a essência do valor da cidadania romana. Apesar da versatilidade do seu talento, o domínio em que mais se distinguiu consiste no da guerra de guerrilha, cuja aplicação enuncia diversos dos princípios doutrinários presentes nos manuais contemporâneos. Se bem que o belicismo assimétrico consista na forma de luta tradicional do hispânico, sobretudo nas zonas de influxo céltico, a conversão de uma simples insurgência tribal num aparato de Estado é claramente pioneira na História. Conexo a este fenómeno, Sertório soube incutir entre uma amálgama de populações nativas, colonos e cidadãos romanos, a perseguição de objectivos comportáveis numa frente comum institucionalizada.

Durante oito anos de luta na Hispânia, o capitão *democrático* sobrepujou-se a uma multiplicidade de adversários dotados de recursos materiais superiores, destruindo os de modesto renome e batendo grandes antagonistas como Quinto Cecílio Metelo Pio e Gneu Pompeio. Vencido, em pessoa, apenas no recontro em Segôncia no ano de 75 a.C., Sertório é vergado sobretudo pelas derrotas infligidas aos seus subordinados, sendo sua responsabilidade a duração do conflito durante os anos finais em que a deserção faz minguar os meios disponíveis, mas sem que o inimigo se apronte ao golpe de misericórdia pelo respeito que lhe tem. Não obstante a bonomia com que trata o

objecto biografado suscite renitência a anuirmos de forma liminar ao enredo que nos lega, terá tido Plutarco motivo para atribuir o fim trágico de Sertório, ao efeito de circunstâncias infelizes que se situaram para além do seu controle, quando a universalidade e grandeza das suas aptidões fizeram evoluir uma contenda na origem desigual, até à tangência do triunfo no anfiteatro hispânico.

FONTES:

- AMMIANUS MARCELLINUS, *Roman History*, J. C. Rolfe (trans.), Loeb Classical Library No. 300, Harvard University Press, Revised Edition, 1950.
- APOLLONIUS RHODIUS, *Aeronautical*, R. C. Seaton (Ed. and trans.) ; E. V. Rieu (trans.), Project Gutenberg Ebook, 2008.
- APPIAN, *History of Rome: The Mithridatic Wars*, Horace White (trans.), Jona Lendering (notes & additions), *Livius: Articles on Ancient History*, *Livius.org*, 2009.
- APPIAN, *History of Rome. The Punic Wars*, Horace White (trans.), Harvard University Press, Massachusetts, 1913.
- APPIAN, *Roman History*, Volume 4, Horace White (trans.), Harvard University Press, Massachusetts, 1968.
- APPIAN, *The Spanish Wars*, Horace White (trans.), Loeb Classical Library, 1913.
- ARRIAN, *Anabasis of Alexander*, Books I-IV, Loeb Classical Library No. 236, P. A. Brunt (trans.), Harvard University Press, 1976.
- ARRIAN, *Anabasis Alexandri: Book VIII (Indica)*, E. Iliff Robson (trans.), *Ancient History Sourcebook*, 1933.
- AULO HIRTIUS, *The Alexandrian War*, A. G. Way (trans.), Loeb Classical Library, 1955.
- AVIENO, *Orla Marítima*, introdução, versão do latim e notas de José Ribeiro Ferreira, 2ª Edição, Coimbra, 1992.
- CAESAR, Julius, *The Civil Wars*, Arthur George Peskett (trans.), London Heinemann, 1921.
- CALLIMACHUS, *Hymn To Artemis*, 3, Hymns and Epigrams, Lycophron, Aratus, A. W. & G. R. Mair, Loeb Classical Library, Volume 129, London, 1921.
- CASSIUS DIO, *Roman History*, Earnest Cary (trans.), Loeb Classical Library, Harvard University Press, 1914-1927.
- CICERO, Marcus Tullius, *Against Verres*, C. D. Yonge (Ed.), George Bell & Sons, London, 1903.
- CICERO, Marcus Tullius, *Brutus*, E. Jones (trans.), London, 1776.
- CICERO, Marcus Tullius, *De Finibus Bonorum et Malorum*, H. Rackham (trans.), Loeb Classical Library, 1931.
- CICERO, Marcus Tullius, *De Natura Deorum*, Andrew R. Dyck, Cambridge University Press, 2003.
- CICERO, Marcus Tullius, *De Oratore*, Sutton, E. W. (trans.), Loeb, 1949.
- CICERO, Marcus Tullius, *Epistulae ad Familiares*, D. R. Shackleton-Bailey, Cambridge Classical Texts and Commentaries, 2004.
- CICERO, Marcus Tullius, *For Archias*, C. D. Yonge (Ed.), London, 1856.
- CICERO, Marcus Tullius, *For Aemilius Scaurus*, C. D. Yonge (Ed.), London, 1856.
- CICERO, Marcus Tullius, *For Cornelius Balbus*, C.D. Yonge (trans.), London, 1891.
- CICERO, Marcus Tullius, *For Marcus Fonteius*, C. D. Yonge, London, 1856.
- CICERO, Marcus Tullius, *For Plancius*, C. D. Yonge (Ed.), George Bell & Sons, London, 1891.
- CICERO, Marcus Tullius, *In Pisonem*, Harvard University Press, 2015.
- CICERO, Marcus Tullius, *In Vatinius*, Jeffrey Henderson (Ed.), Loeb Classical Library, Harvard University Press, 2015.

- CICERO, Marcus Tullius, *On Pompey's Command*, C. D. Yonge (Ed.), London, 1856.
- CICERO, Marcus Tullius, *Pro Ligario*, Latin Library, 100 BC – 1 AD, Prose, Oratory, Harvard University Press, 2015.
- DIODORUS SICULUS, *The Library of History*, Loeb Classical Library, Harvard University Press, C.H. Oldfather ; C. K. Sherman ; C. Bradford Welles ; Russel M. Geer ; F. R. Walton, 1933-1967.
- DIONYSIUS OF HALICARNASSUS, *Roman Antiquities*, Earnest Cary (trans.), Harvard University Press, 1978.
- ESTRABÃO, *Geografia da Iberia*, Gómez Espelosín, Javier (trad.), Alianza Editorial, Madrid, 2007.
- EUTROPIUS, *Abridgment of Roman History*, Harry Thurston Peck (trans.), Harpers Dictionary of Classical Antiquities, Harpers and Brothers, New York, 1898.
- EXSUPERANTIUS, Julius, *Opusculus*, N. Zorzetti (trans.), Teubner, 1982.
- FLORUS, *Epitome of Roman History*, E.S. Forster (trans.), Loeb Classical Library edition, 1929.
- FRONTINUS, *The Strategemata*, Charles E. Bennet (trans.), Loeb edition, 1925.
 - FRONTINO, Sexto Júlio, *Estratagemas*, Miguel Mata (trad., introdução e notas), Sílabo, Lisboa, 2005.
- HERODOTUS, *The Histories*, A. D. Godley (Ed.), Harvard University Press, 1920.
- HESIOD, *Theogony*, Hugh G. Evelyn-White, Harvard Press, London, 1914.
- HORACE, *Ars poetica*, Biblioteca Virtual Miguel de Cervantes, Madrid, 2008.
- GELLIUS, *Noctes Atticae*, J. C. Rolfe (trans.), Loeb Classical Library, 1927.
- JÚLIO CÉSAR, *A Guerra das Gálias*, Edições Sílabo, 2008.
- JUSTINUS, *Epitome of the Philippic History of Pompeius Trogus*, trans. John Selby Watson, London, 1853.
- NONNUS, *Dionysiaca*, 36, W.H.D. Rouse (tran.), Loeb Classical Library, Harvard University Press, 1940.
- OBSEQUENS, Julius, *Book of Prodigies*, Loeb Classical Library, 1980.
- OROSIUS, *History against the Pagans*, V, 23, A. T. Fear (trans.), Liverpool University Press, 2010.
 - ORÓSIÓ, Paulo, *História contra os Pagãos: esboço de uma história da antiguidade oriental e clássica*; introdução de Lúcio Caveiro da Silva, versão port. e anot. de José Castro, Universidade do Minho, Braga, 1986.
- OVÍDIO, *Metamorfoses*, Paulo Farmhouse Alberto (trad.), Livros Cotovia, Lisboa, 2007.
- PINDAR, *Olympian*. Selected odes, Stephen Instone (trans.), Warminster: Aris and Philips, 1996.
- PLINY, the Elder, *the Natural History*, Loeb Classics, edition, Teubner (trans.), 1933.
- PLUTARCH, *Moralia. Precepts of Statecraft*, H. N. Fowler (trans.), Loeb Classical Library edition, 1936.
- PLUTARCH, *The Parallel Lives. The Life of Antony*, John Morgan (trans.), Loeb Classical Library edition, 1920.
- PLUTARCH, *The Parallel Lives. The Life of Caesar*, Bernadotte Perrin (trans.), Loeb Classical Library edition, 1919.
- PLUTARCH, *The Parallel Lives. The Life of Caius Gracchus*, Bernadotte Perrin (trans.), Loeb Classical Library edition, 1921.

- PLUTARCH, *The Parallel Lives. The Life of Caius Marius*, Bernadotte Perrin (trans.), Loeb Classical Library edition, 1920.
- PLUTARCH, *The Parallel Lives. The Life of Crassus*, John Morgan (trans.), Loeb Classical Library edition, 1916.
- PLUTARCH, *The Parallel Lives. The Life of Lucullus*, Bernadotte Perrin (trans.), Loeb Classical Library edition, 1914.
- PLUTARCH, *The Parallel Lives. The Life of Pompey*, Bernadotte Perrin (trans.), Loeb Classical Library edition, 1917.
- PLUTARCH, *The Parallel Lives. The Life of Publicola*, Bernadotte Perrin (trans.), Loeb Classical Library, 1914.
- PLUTARCH, *The Parallel Lives. The Life of Sulla*, Thomas Brown (trans.), Loeb Classical Library edition, 1916.
- PLUTARCH, *The Parallel Lives. The Life of Tiberius Gracchus*, Bernadotte Perrin (trans.), Loeb Classical Library edition, 1921.
- PLUTARCH, *The Parallel Lives. The Life of Quintus Sertorius*, Bernadotte Perrin (trans.), Loeb Classical Library edition, 1919.
- PLUTARCO, *Vidas Paralelas. Sertório – Euménio*, Rui Valente (Revisão, Introdução e notas), Évora, 2008.
- POLYBIUS, *The Histories*, Robin Waterfield (trans.), Oxford University Press, 2010.
- POLYAENUS, *Stratagems of War*, E. Shepard (trans.), Ares Publishers, London 1793.
- POMPONIUS MELA, *Description of the World*, F. E. Romer (trans.), The University of Michigan Press, 1998.
- PROPERTIUS, Sextus, *Elegies*, Vincent Katz (trans.), Princeton University Press, 2004.
- PSEUDO-APOLLODORUS, *Library*, Sir James George Frazer (Ed.), Harvard University Press, London, 1921.
- PSEUDO-CAESAR, *The Spanish War*, A. G. Way (trans.), Loeb Classical Library, 1955.
- PSEUDO-PLUTARCH, *Moralia, Sayings of Kings and Commanders*, Frank Cole Babbitt (trans.), 1931.
- SALLUST, *The War With Catiline*, J. C. Rolfe (trans.), Loeb Classical Library, 1931.
- SALLUST, *The War with Jugurtha*, J. C. Rolfe (trans.), Loeb Classical Library, 1931.
- SALLUST, *The Histories*, Patrick McGushin (trans. and comment), Oxford University Press, 1992 & 1994.
- SENECA, Lucius Annasus, *De Beneficiis*, John W. Basore (trans.), The Loeb Classical Library, London, 1928-1935.
- SUETONIUS, *On Rhetoricians*, J.C. Rolfe (trans.), Loeb Classical Library, 1914.
- SUETONIUS, *On Grammarians*, J.C. Rolfe (trans.), Loeb Classical Library, 1914.
- SUETONIUS, *The Lives of the Twelve Caesars. The Life of Julius Caesar*, J.C. Rolfe (trans.), Loeb Classical Library, 1913.
- TITUS LIVY, *Ab Urbe Condita*, Benjamin Oliver Foster (Ed.), Harvard University Press, Massachusetts, 1919.
- TITUS LIVY, *Fragment of the Book XCI*, William A. M'Devitte (trans.), 2011.
- TITUS LIVY - *The Periochoi*, Jona Lendering (trans.), *Livius Articles on Ancient History*, Livius.org, 2009.

- VALERIUS MAXIMUS - *Memorable Deeds and Sayings*, D. R. Shackleton Bailey (Ed.), Harvard University Press, Cambridge, Massachusetts, 2000.
- VARRO, *De Re Rustica*, W.D. Hooper ; H. B. Ash (trans.), Loeb Classical Library edition, 1934.
- VEGÉCIO, Flávio – *Compêndio da Arte Militar*, João Gouveia Monteiro e José Eduardo Braga (trad), João Gouveia Monteiro (Estudo Introdutório, Comentários e Notas), Imprensa da Universidade de Coimbra, 2009.
- VELLEIUS PATERCULUS, *The Roman History*, Frederick W. Shipley (trans.), Loeb Classical Library, 1924.

BIBLIOGRAFIA SELECCIONADA:

- A.A.V.V. – "Rome and the Mediterranean to 133 B.C.", in *The Cambridge Ancient History*. Volume VIII, Second Edition, A.E. Astin (Ed.), Cambridge University Press, 2008.
- A.A.V.V. - *A Dictionary of Greek and Roman biography and mythology*, William Smith (Ed.), University of Michigan Library, 2005.
- A.A.V.V. – *FM 7-92. The Infantry Reconnaissance Platoon and Squad (Airborne, Air Assault, Light Infantry)*, Headquarters Department of the Army, Washington, DC, 1992.
- ABÁSULO ALVAREZ, José António ; GONZÁLEZ FERNÁNDEZ, M^a Luz ; MORA SERRANO, Bartolomé – "Recientes investigaciones en el Campamento de Cáceres el Viejo", in *Arqueología urbana en Cáceres. Investigaciones e intervenciones recientes en la ciudad de Cáceres y su entorno*, Primitivo Javier Sanabria Marcos (Editor), Publicaciones Museo de Cáceres, 1^a Edición, Cáceres, 2008.
- ACERO PÉREZ, Jesús ; GÁLVEZ PÉREZ, María Soledad – "Toponimia de la vía de la plata y su entorno en el tramo Mérida-Baños de Montemayor", in *V Mesa Redonda Internacional sobre LVSITANIA ROMANA: Las comunicaciones*, Jean-Gérard Gorges, Enrique Cerrillo y Trinidad Nogales Basarrate (Eds.), Cáceres, Facultad de Filosofía y Letras, 7, 8 y 9 de noviembre de 2002.
- ADRIANI, Maurilio – *História das Religiões*, Edições 70, Lisboa, 1988.
- ALARCÃO, J. – "A localização de Dipo e Evandriana", in *Al-madan*. Série II, 10, 2001, p. 39-42.
- ALARCÃO, Jorge de – *O domínio romano em Portugal*. Publicações Europa-América, Mem Martins, 1988.
- ALARCÃO, Jorge de – *Portugal Romano*, Edição Verbo, Lisboa, 1973.
- ALBERTINI, Eugene - *L'empire Romain*, Presses universitaires de France, Paris, 1970.
- ALLEN, Stephen ; REYNOLDS, Wayne – *Celtic Warrior 300 BC-AD 100*, Osprey, Oxford, 2001.
- ALMAGRO-GORBEA, Martín - "Medellín-Conisturgis: Reinterpretación geográfica del Suroeste de Iberia", in *Boletim da Sociedade de Geografia de Lisboa*, Série 126, N.º. 1-12, 2008, páginas 84-115.
- ALMAGRO-GORBEA, Martín ; LORRIO, J. Alberto – "War and Society in the Celtiberian World, in *The Celts in the Iberian Peninsula*, e-Keltoi: Volume 6, pp. 73-112.
- ALMAGRO-GORBEA, Martín ; RIPOLLÉS ALEGRE, Pere Pau ; RODRÍGUEZ MARTÍN, F. Germán – "Dipo. Ciudad "Tartésico-Turdetana" en el valle del Guadiana", in *"Conimbriga" XLVIII (2009)*, p. 93-146. Universidad Complutense de Madrid e Real Academia de la Historia ; Universidad de Valencia ; Museo Arqueológico Regional, 2009.
- ALONSO SÁNCHEZ, Angela ; CÁCERES, Enrique Cerrillo M. ; FERNÁNDEZ CORRAES, José M - "Tres ejemplos de poblamiento rural romano em torno a ciudades de la vía de la plata: *Augusta Emerita, Norba Caesarina Y Capara*", in *Les Campagnes de Lusitanie Romaine. Occupation du sol et habitats*, Casa de Velázquez – Ed. Universidad Salamanca, Madrid-Salamanque, 1994.
- AMELA VALVERDE, Luis – *Cneo Pompeyo Magno, el defensor de la República romana*, Signifer libros, Madrid, 2003.

- AMELA VALVERDE, Luis – “La Galia Cisalpina y la Clientela de Pompeyo Magno”, in *Polis. Revista de ideas y formas políticas de la Antigüedad Clásica*, 14, 2002, Barcelona, pp. 51-78.
- AMELA VALVERDE, Luis – “Las concesiones de ciudadanía romana: Pompeyo Magno e Hispania”, in *Memorias de Historia Antigua 21-22*, Universidad de Oviedo, 2000-2001, pp. 91-103.
- AMELA VALVERDE, Luis – *Las clientelas de Cneo Pompeyo en Hispania*, Publicaciones Universitat de Barcelona, Barcelona, 2002.
- AMELA VALVERDE, Luis – “Sobre el cuño de A. Hircio encontrado en Extremadura y otros cuños de época sertoriana”, in *Acta Numismática 41/42*, Barcelona, 2011-2012, pp. 97-113.
- ANDO, Clifford – “The Administration of the Provinces”, in *A Companion to the Roman Empire*, David S. Potter (Ed.), Blackwell Publishing, Oxford, 2006.
- ANGLIM, Simon ; JESTICE, Phyllis G., - *Fighting Techniques of the Ancient World (3000 B.C. to 500 A.D.): Equipment, Combat Skills, and Tactics*, Thomas Dunne Books. St. Martin’s Press, New York, 2003.
- ANKERSMIT, F. R. - *Narrative logic. A Semantic Analysis of the Historian’s Language*, Martinus Nijhoff Publishers. The Hague/Boston/London, 1983.
- ANTELA-BERNÁRDEZ, Borja – “The Coinage of C. Annius Luscus”, in *The City and the Coin in the Ancient and Early Medieval Worlds*, López Sánchez, Fernando (Ed.), BAR Internation Series 2402, Oxford, 2012, pp. 37-47.
- ARBULO BAYONA, Joaquín Ruiz de – “Santuarios y comercio marítimo en la península Ibérica durante la época arcaica”, in *Quaderns de prehistòria i arqueologia de Castelló*, N° 18, 1997, pp. 518-536.
- ARIÑO GIL, Enrique ; Gurt Esparraguera, Josep ; Palet Martínez, Josep - *El pasado presente : arqueología de los paisajes en la Hispania romana. III. Catastros Romanos Y ocupación del territorio en Hispania. Um balance crítico.*, Ediciones Universidad Salamanca, Salamanca, 2004.
- ARMENDÁRIZ MARTIJA, Javier – “Propuesta de identificación del campamento de invierno de Pompeyo en territorio vascón”, in *Trabajos de Arqueología de Navarra*, 18, pp. 41-63.
- ARTICA RUBIO, Eduardo - “Algunos apuntes sobre los Vascones en la guerra sertoriana”, in *Los Vascones de las Fuentes Antiguas. En torno a una etnia de la antigüedad peninsular*, Javier Andreu Pintado (Ed.), Col·lecció Instrumenta, Barcelona, 2009, pp. 169-190.
- ASTIN, A. E. – “Roman Government and Politics, 200-134 BC.”, in *The Cambridge Ancient History. Volume 8: Rome and the Mediterranean to 133 BC*, Second Edition, Astin, A.E. ; Walbank, F.W. ; Frederiksen, M.W. ; Ogilvie, R.M. (Eds.), Cambridge University Press, 2008.
- ASTIN, A. E. – “Sources”, in *The Cambridge Ancient History. Volume 8: Rome and the Mediterranean to 133 BC*, Second Edition, Astin, A.E. ; Walbank, F.W. ; Frederiksen, M.W. ; Ogilvie, R.M. (Eds.), Cambridge University Press, 2008.
- BABELON, Jean – *La Numismatique Antique*, Presses Universitaires de France, Paris, 1948.
- BARBOSA, Pedro Gomes – “A Cavalaria Romana, entre o Alto e o Baixo- Império”, in *Separata da Revista de História das Ideias*, Vol. 30, Faculdade de Letras, Coimbra, 2009.
- BARRADON, Nathalie – “Le Sénat, les gouverneurs et les cités pérégrines d’Hispanie citérieure aux deux derniers siècles de la République”, in *Les*

- gouverneurs et les provinciaux sous la République romaine*, Nathalie Barrandon & François Kirbihler (Dir.), Presses Universitaires de Rennes, 2011, pp. 101-131.
- BARRENTO, António - *Da Estratégia*, Tribuna da História, Lisboa, 2010.
 - BARRETT, John C. – “Historical Archaeology and Text”, in *Archaeology. The Key Concepts*, Colin Renfrew & Paul Bahn (Eds.), Routledge, London & New York, 2005, pp. 143-146.
 - BELTRÁN LLORIS, Francisco – “Les colonies latines d’Hispanie (II siècle av. N. È.): emigration italique et integration politique”, in *Les gouverneurs et les provinciaux sous la République romaine*, Nathalie Barrandon & François Kirbihler (Dir.), Presses Universitaires de Rennes, 2011, pp. 131-144.
 - BELTRÁN LLORIS, Miguel – “Sertorio en el valle del Ebro”, in *Sertorius, Libanios, Iconographie*, Pallas, 60, Presses Universitaires du Mirail, 2002, pp. 45-92.
 - BELTRÁN LLORIS, Francisco – “La “pietas” de Sertorio”, in *Gerión*, 8, 211/226, Editorial de la Universidad Complutense de Madrid, 1990, pp. 211-226.
 - BERDOWSKI, Piotr – “Pietas erga patriam: ideology and politics in Rome in the early first century BC. The evidence from coins and glandes inscriptae”, in *Within the Circle of Ancient Ideas and Virtues Studies in Honour of Professor Maria Dzielska*, K. Twardowska et al. (eds.), Kraków, 2014, pp. 143-159.
 - BISHOP, M.C. ; COULSTON, J.C.N. - *Roman military equipment. From the Punic Wars to the Fall of Rome*, Society for the Promotion of Roman Studies, London, 1993.
 - BLÁZQUEZ CERRATO, Cruces. – “Huellas militares numismáticas en el Occidente peninsular”, in *La Guerre et ses traces. Conflits et sociétés en Hispanie à l’époque de la conquête romaine (IIIe-Iers s. a.C.)*, François Cadiou ; Milagros Navarro Caballero, Ausonius Éditions, Bordeaux, 2014, pp. 417-418.
 - BLÁZQUEZ, José María – “Las explotaciones mineras y la romanización de Hispania” in *La Romanización en Occidente*, José María Blázquez y Jaime Alvar (Eds.), Actas Editorial, Madrid, 1996.
 - BLÁZQUEZ, José María – *Ciclos y temas de la Historia de España: la Romanización*, Ediciones ISTMO, Madrid, 1974-1975.
 - BLÁZQUEZ, José María – *Historia de España Antigua. II. Hispania Romana*, Cátedra (Historia/ Serie Mayor), Madrid, 1985.
 - BLOIS, Lukas de – “Army and General in the Late Roman Republic”, in *A Companion to the Roman Army*, Paul Erdkamp (Ed.), Blackwell Publishing, Oxford, 2007.
 - BLOT, Maria Luisa de Brito Henriques Pinheiro – “Circulação aquática e o papel dos portos flúvio-estuarinos nos contactos da Lusitânia romana. O caso do litoral e dos rios de Portugal”, in *V Mesa Redonda Internacional sobre LVSITANIA ROMANA: Las comunicaciones*, Jean-Gérard Gorges, Enrique Cerrillo y Trinidad Nogales Basarrate (Eds), Cáceres, Facultad de Filosofía y Letras, 7, 8 y 9 de noviembre de 2002.
 - BOOT, Max – *Invisible Armies: An Epic History of Guerrilla Warfare from Ancient Times to the Present*, Liveright Publishing Corporation, New York, 2013.
 - BOURDIEU, Pierre – *O Poder Simbólico*, Edições 70, Lisboa, 2011.
 - BOWMAN, Alan K – “The Augustan Empire, 43 BC-AD 69”, in *The Cambridge Ancient History*, Volume 10, Second Edition, Bowman, Alan K. ; Champlin, Edward ; Lintott, Andrew (Ed.), Cambridge University Press, 2008, pp. 344-370.
 - BRAUDEL, Fernand - *O Mediterrâneo e o Mundo Mediterrâneo na Época de Filipe II*, Lisboa, Publicações D. Quixote, Lisboa, 1983.

- BROADHEAD, Will – “Colonization, Land Distribution, and Veteran Settlement”, in *A Companion to the Roman Army*, Paul Erdkamp (Ed.), Blackwell Publishing, 2007.
- BROWN, Dale - *The Celts: Europe's People of Iron (Lost Civilizations)*, Time-Life Books, Alexandria, Virginia, 1994.
- BURGESS, R. W., “Eutropius V.C. “Magister Memoriae?””, in *Classical Philology*, Vol. 96, No. 1 (Jan., 2001), pp. 76-81, University Chicago Press, 2001.
- BURILLO MOZOTA, Francisco – “Etnias y ciudades estado en el valle medio del Ebro, el caso de *kalakorikos / Calagurris Nassica*”, in *Kalakorikos*, 7, 2002, pp. 9-29.
- CABO, Angel ; VIGIL, Marcelo – *Condicionamientos geográficos. Edad antigua*, Alianza Editorial Alfaguara, Madrid, 1979.
- CADIOU, François – “Garnisons et camps permanentes: un reseau defensif des territoires provinciaux dans l’hispanie republicaine?” in *Defensa y territorio en Hispania de los Escipiones a Augusto*, Morillo, Ángel ; Cadiou, François ; Hourcade, David (Eds.), Universidad de León / Casa de Velázquez, 2003.
- CADIOU, François – « Les guerres en “Hispania” et l’émergence de la cohorte légionnaire dans l’armée romaine sous la République : une révision critique », in *Gladius XXI*, 2001, pp. 167-182.
- CADIOU, François – *Hibera in Terra Miles. Les armées romaines et la conquête de l’Hispanie sous la République (218-45 av. J.-C.)*, Casa de Velázquez, Madrid, 2008.
- CADIOU, François ; MORET, Pierre – “Rome et la Frontière Hispanique à L’époque Républicaine (II-I S. AV. J.-C.)”, in *Empires et Etats nationaux en Méditerranée: la frontière entre risque et protection*. Chr. Velud (Ed.), Actes du colloque international (Le Caire, 6-8 juin 2004), Le Caire, Presses de l’IFAO.
- CAGNIART, Pierre – “The Late Republican Army (146-30 BC)”, in *A Companion to the Roman Army*, Paul Erdkamp (Ed.), Blackwell Publishing, Oxford, 2007.
- CALLEGARIN, Laurent – “Considérations sur le périple sertorie dans la zone du détroit de Gibraltar (81-78 av. J.-C.)”, in *Sertorius, Libanios, Iconographie, pallas*, 60, Presses Universitaires du Mirail, 2002, pp. 11-43.
- CALLEJO SERRANO, Carlos – “Los denarios de Valdesalor”, in *Zephyrus*, 16, Universidad de Salamanca, 1996, pp. 39-69.
- CAMPBELL, Brian - *Ancient Siege Warfare. Persians, Greeks, Carthaginians and Romans 546-146 BC*, Osprey Publishing, Oxford, 2005.
- CAMPBELL, Brian – *Greek and Roman Military Writers: Selected Readings (Routledge Classical Translations)*, Routledge, London, 2004.
- CAMPBELL, Brian - *Greek and Roman Siege Machinery 399 BC – AD 363*, Osprey Publishing Ltd, Oxford, 2003.
- CAMPBELL, Brian - *War and Society in Imperial Rome, 31 BC-AD 284*, Routledge, London, 2002.
- CAMPBELL, Brian & TRITLE, Lawrence A. - *The Oxford Handbook of Warfare in the Classical World*, Oxford University Press, Oxford, 2013.
- CAMPBELL, Duncan B. - *Siege Warfare in the Roman World. 146 BC – AD 378*, Osprey Publishing Ltd, New York, 2005.
- CAMPBELL, Joseph - *The Hero with a Thousand Faces*, 3ª Edição, New York Library, New, York, 2008.
- CEBALLOS, María Cruz Marín – *La Religión del Mar. Dioses y Ritos de Navegación en el Mediterráneo Antiguo*, SPAL MONOGRAFIAS, nº XVI, Eduardo

- Ferrer Albelda ; M^a Cruz Marín Ceballos ; Álvaro Pereira Delgado (Coord.), Sevilha, 2012.
- CHAMBERLAIN, C. C. – *The Teach Yourself Guide to Numismatics*. The English Universities Press LTD, London, 1965.
 - CHEVALIER, Jean ; EHEERBRANT, Alain - *Dicionário dos Símbolos*, Teorema, Lisboa, 1994.
 - CHIC GARCÍA, Genaro – “El tráfico por el Guadalquivir y el transporte de las ánforas”, in *Anales de la Universidad de Cadiz*, Servicio de Publicaciones de la Universidad de Cadiz, 1984, pp. 33-44.
 - CHIC GARCÍA, G. – “La actuación político-militar de Quinto Sertorio durante los años 83-80 a.C.”, in *Actas del Primer Congreso Andaluz de Estudios Clásicos*. Instituto de Estudios Giennenses, Jaén, pp. 168-171.
 - CHIC GARCÍA, G. – “Q. Sertorius, proconsul”, in *Actas de la reunión sobre Epigrafía hispánica de época romano-republicana*, Zaragoza, pp. 171-176.
 - CHIC GARCÍA, Genaro – “Roma e el Guadalquivir”, in *El Río Guadalquivir*, J. Rubiales Torrejón (ed.), Junta de Andalucía, Sevilla, 2008, pp. 197-201.
 - CHRISSANTHOS, Stefan G. - *Warfare in the Ancient World – From the Bronze Age to the Fall of Rome*, Praeger, London, 2008.
 - CINCA, José Luis ; RAMÍREZ SÁDABA, José Luis ; VELAZA, Javier – “Un depósito de proyectiles de catapulta hallado en Calahorra (La Rioja)”, in *AespA*, 76, 2003, pp. 263-271.
 - CLARKE, Katherine – *Between Geography and History. Hellenistic Constructions of the Roman World*, Clarendon Press, Oxford, 2000.
 - CLARRIDGE, Duane Ramsdell – *CIA Manual for PSYCHOLOGICAL OPERATIONS IN GUERRILLA WARFARE*, Kindle Edition, Ancient Wisdom Publications, 2011.
 - CLASTRES, Pierre – “Arqueologia da Violência”, in *Guerra, Religião, Poder*, Pierre Clasters, Marcel Gauchet, Alfred Adler, Jacques Lizot, Edições 70, Lisboa, 1977, pp 9-47.
 - CLAUSEWITZ, Carl von – *Arte e Ciência da Guerra*, Edições Maria da Fonte, Lisboa, 1973.
 - CLAUSEWITZ, Carl von – *Princípios da Guerra*, Edições Sílabo, Lisboa, 2003.
 - CLAUSEWITZ, Carl von – *Da Guerra*, Europa-América, Mem Martins, 1982.
 - CONNOLLY, Peter – *The Roman Fort*, Oxford University Press, Oxford, 1998.
 - CONSIGLIERI, Carlos ; ABEL, Marília – *Os Lusitanos no Contexto Peninsular*, Editorial Caminho, Lisboa, 1989.
 - COSTA, Teresa ; LIBERATO, Marco – “Intervenções arqueológicas no Castelo de Evoramonte. Sínte dos resultados”, in *Arqueologia e História*, n.º 2, 2ª Série, 2007, pp. 632-642.
 - COWAN, Ross – *Roman Battle Tactics 109 BC-313 AD*, Osprey Publications, Oxford, 2007.
 - COWELL, F. R. - *Cícero e a República Romana*, Editora Elisseia Limitada, Lisboa, 1948.
 - CULHAM, Phyllis – “Imperial Rome at War”, in *The Oxford Handbook of Warfare in the Classical World*, Brian Campbell ; Lawrence A. Tritle, Oxford University Press, Oxford, 2013, pp. 236-260.
 - CURCHIN, Leonard A. – “Communications fluviailes en Lusitanie”, in *V Mesa Redonda Internacional sobre Lusitania Romana: Las comunicaciones*, Jean-Gérard Gorges, Enrique Cerrillo y Trinidad Nogales Basarrate (Eds.), Cáceres, Facultad de Filosofía y Letras, 7, 8 y 9 de noviembre de 2002.

- CURCHIN, Leonard A. – *Roman Spain. Conquest and Assimilation*, Routledge, London, 1991.
- DAWSON, Doyne - *The Origins of Western Warfare. Militarism and morality in the ancient world*, Westview press, Phoenix, 1996.
- DELGADO DELGADO, José – “De Posidonio a Floro”: *Las Insulae Fortunatae de Sertorio*”, in *Revista de Historia Canaria* 177, pp. 61-74.
- DESCOLA, Jean – *História de Espanha*, Editorial Juventude, S.A., Barcelona, 1967.
- DIXON, Karen R. ; SOUTHERN, Pat – *The Roman Cavalry*, Routledge, New York, 1997.
- DIXON-KENNEDY, Mike - *Encyclopedia of Greco-Roman Mythology*, ABC-CLIO, Inc., Oxford, 1998.
- DÍAZ ARIÑO, Borja – *Epigrafía latina republicana de Hispania (ELRH)*, Publicacions Universitat de Barcelona, 2008.
- DÍAZ ARIÑO, Borja – “Glandes inscriptae de la Península Ibérica”, in *Zeitschrift Fur Papyrologie und Epigraphik*, Band 153, Bonn, 2005, pp. 219-236.
- DOMÉNECH BELDA, Carolina – “El conflicto sertoriano en el sureste peninsular a través de los registros numismáticos”, in *Las Guerras Civiles Romanas en Hispania. Una Revisión Histórica desde la Contestania*, Feliciano Sala Sellés ; Jesús Moratalla Jávega (eds.), Universidad de Alicante, 2014.
- DOMERGUE, Claude – “Un temoignage sur l’industrie minière et metallurgique du plomb dans la región d’Azuaga (Badajoz) pendant la guèrre de Sertorius, XI Congreso Nacional de Arqueología, Zaragoza, pp. 608-626.
- DOMÍNGUEZ ARRANZ, Almudena ; AGUILERA HERNÁNDEZ, Alberto – “Del oppidum de Sertorio al municipium de Augusto: la historia reflejada en el espejo de las monedas”, in *Bolskan*, 25, 2014, pp. 91-109.
- DREWETT, Peter - *Field Archaeology*, Routledge, London, 2003.
- DYBICZ, Michael Joshua – *Character in Sallust’s Historiae: Sertorius, Spartacus, and Mithridates*, (Master Thesis), Cornell University, 2009.
- DYSON, Stephen L. - *The Creation of the Roman Frontier*, Princeton University Press, New Jersey, 1985.
- ENCARNAÇÃO, José de – “Da Invenção de Inscrições Romanas pelo Humanista André de Resende”, in *Biblos* 67, Coimbra, pp. 193-221.
- ENCARNAÇÃO, José de – “Ara Votiva da Colegiada (Castelo de Vide) (Conventus Emeritensis)”, in *Ficheiro Epigráfico* 49, 1995, Instituto de Arqueologia, Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, 2004.
- ERDKAMP, Paul - “The corn supply of the roman armies during the third and second centuries B.C.”, in *Historia*, Band XLIV/2, Stuggard, 1995, pp. 168-191.
- ERDKAMP, Paul – “War and Sate Formation in The Roman Republic” in *A Companion to the Roman Army*, Paul Erdkamp (Ed.), Blackwell Publishing, Oxford, 2007.
- ERDKAMP, Paul - *A Companion to the Roman Army*, Blackwell Publishing, Oxford, 2007.
- ESPINOSA, Urbano – *Calagurris y Sertorio*, Biblioteca Virtual Miguel de Cervantes, Alicante, 2005.
- ESPINOSA RUIZ, Antonio ; RUIZ ALCALDE, Diego ; MARCOS GONZÁLEZ, Amanda ; PEÑA DOMÍNGUEZ, Pedro ; MARTÍNEZ SÁNCHEZ, Ana M.^a – “El campamento militar das las guerras sertorianas de Villajoyosa”, in *Las Guerras Civiles Romanas en Hispania. Una Revisión Histórica desde la Contestania*,

Feliciano Sala Sellés y Jesús Moratalla Jávega (eds.), Universidad de Alicante, 2004, pp. 115-125.

- FABIÃO, Carlos - *O Mundo Indígena e a sua Romanização na área Céltica do território hoje Português*. Dissertação de Doutoramento em Arqueologia apresentada a Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, Lisboa, 1998.

- FABIÃO, Carlos – “Por este rio acima: a bacia hidrográfica do Tejo na conquista e implantação romana no ocidente da Península Ibérica”, in *Cira-Arqueologia Iii – Atas – Congresso Conquista e Romanização no Vale do Tejo*, V. F. de Xira, pp. 9-24.

- FERRER ALBELDA, Eduardo – “Confusiones contemporáneas sobre Geografía Antigua. A propósito del Sinus Tartesii y del *Lacus Ligustinus*”, in *La construcción y evolución de las entidades étnicas en Andalucía en la Antigüedad (siglos VII a.C.-II d.C.)*, Universidad de Sevilla, 2012.

- FERRIS, Iain – *Enemies of Rome: Barbarians Through Roman Eyes*, Sutton Publishing Limited, London, 2000.

- FIELDS, Nick – *Pompey*, Osprey Publishing Ltd, Oxford, 2012.

- FIELDS, Nick - *The Roman Army of the Principate 27 BC-AD 117*, Osprey Publishing Ltd, Oxford, 2009.

- FORNELL MUÑOZ, Alejandro - “Aportaciones y limitaciones de la Arqueología en el estudio de las uilla romanas andaluzas” in *Hispania Romana: actas do IV Congresso de Arqueología Peninsular (Faro, 14 a 19 de Setembro de 2004)*, João Pedro Bernardes (Ed.), IV Congresso de Arqueologia Peninsular, Faro, 2004, pp. 137-144.

- FRANCISCO MARTÍN, Julián de – *Conquista y Romanización de Lusitania*, 2ª edición, Ediciones Universidad Salamanca, 1996.

- FRANÇOISE LE ROUX ; CHRISTIAN-J. GUYONVARCH – *A Civilização Celta*, Publicações Europa América, Mem Martins, 1993.

- FRÈRE, Hubert – *Numismática. Uma introdução aos métodos e à classificação*, Alain Costilhes & Maria Beatriz B. Florenzano (trad.), Sociedade Numismática Brasileira, São Paulo, 1984.

- FRÍAS CASTILLEJO, Carolina – *El poblamiento rural de Dianium, Lucentum, Illici y la ciudad romana de La Ciudad Romana de la Vila Joiosa (siglos II a.C. – VII d. C.). Bases para su estudio*, Publicaciones Universidad de Alicante, 2010.

- FUMADÓ ORTEGA, Iván – “Aspectos marítimos de las divinidades fenicio-púnicas como garantía de la confianza de los mercados”, in *La Religión del Mar. Dioses y Ritos de Navegación en el Mediterráneo Antiguo*, SPAL MONOGRAFÍAS nº XVI, Eduardo Ferrer Albelda ; Mª Cruz Marín Ceballos ; Álvaro Pereira Delgado (Coord.), Sevilla, 2012, pp. 11-29.

- GABBA, Emilio – *Republican Rome, the Army and the Allies*, P.J. Cuff (trad.), University of California Press. Berkeley and Los Angeles, 1976.

- GAGARIN, Michael - *The Oxford Encyclopedia of Ancient Greece and Rome*, Oxford University Press, 2010.

- GAMBLE, Clive – *Archaeology. The Basics*, Routledge, New York, 2007.

- GAMITO, Teresa Júdece – “O castro de Segóvia (Elvas, Portugal), ponto fulcral na primeira fase das Guerras de Sertório”, in *O Arqueólogo Português*, Série IV, 5, 1987, pp. 149-160.

- GARCÉS MANAU, Carlos – “Quinto Sertorio, fundador de la Universidad de Huesca. El mito sertoriano oscense”, in *Alazet*, 14, 2012, pp. 243-256.

- GARCÍA MORÁ Féliz - “Entre la leyenda y la realidad : la cierva de Sertorio”, in *memoriam Cabrera Moreno*, Granada, 1992, pp. 163-192.

- GARCÍA MORÁ, Félix – “Quintus Sertorius: Propuesta para sus primeros años de actividad”, in *Studia Histórica. Historia Antigua*, Universidade de Granada, 1989, pp. 85-96.
- GARCÍA MORÁ, Félix – *Quinto Sertorio*, Tesis doctorales, Universidade de Granada, Granada, 1990.
- GERRISH, Jennifer - *Sallust's Histories and Triumviral Historiography*, University of Pennsylvania, 2012.
- GILLIVER, Catherine M. – “Battle”, in *Greek and Roman Warfare. Volume II: Rome from the Late Republic to the Late Empire*, SABIN, Philip ; VAN WEES, Hans ; WHITBY, Michael (Eds.), Cambridge University Press, 2008.
- GITLITZ, David M. ; DAVIDSON, Linda Kay – *The Pilgrimage Road to Santiago: The complete Cultural Handbook*, St. Martin's Press, New York, 2000.
- GOLDSWORTHY, Adrian – *Generais Romanos. Os homens que construíram o Império Romano*, Carlos Fabião (trad.), A Esfera dos Livros, 4ª ed., 2011.
- GOLDSWORTHY, Adrian – *Roman Warfare*, Cassell, London, 2000.
- GOLDSWORTHY, Adrian – *The Complete Roman Army*. Thames & Hudson, London, 2003.
- GÓMEZ-PANTOJA, Joaquín – “Sertorio en Numancia: Una nota sobre los campamentos de La Gran Atalaya”, in *Arqueologia militar romana en Hispania*, (*Gladius Anejos* 5), Madrid, 2002, pp. 303-310.
- GONZALBES CRAVIOTO, Enrique - “La ubicación de la Mellaria romana”, in *Aljaranda: revista de estudios tarifeños*, Nº. 23, 1996, pp. 7-9.
- GONZÁLEZ FERNÁNDEZ, Rafael ; SANCHO GÓMEZ, Miguel - “La Figura de Sertorio en la Hispania del Siglo V. Una perspectiva tardía durante el tiempo de las invasiones bárbaras”, in *Stud. Hist., antig.*, 28, Ediciones Universidad de Salamanca, 2010, páginas 135-153.
- GONZÁLEZ-CONDE PUENTE, María Pilar – “Los Domitii de Consabura y una noticia de Frontino”, in *LVCENTVM*, XXXº, Universidade de Alicante, 2011, pp. 143-149.
- GORROCHATEGUI, Joaquín – “Basque and its Neighbors in Antiquity”, in J. I. Hualde, J. A. Lakarra ; R. L. Trask (eds.), *Towards a History of the Basque Language*, John Benjamins Publishing Company, Philadelphia, 1995, pp. 31-63.
- GREENHALGH, Peter – *Pompey the Republic Prince*, University of Missouri Press, 1982
- GREENHALGH, Peter – *Pompey: the Roman Alexander v. 1*, University of Missouri Press, 1980.
- GRUNEWALD, Thomas – *Bandits in the Roman Empire: Myth and Reality*, Routledge, New York, 2004.
- GUERRA, Amílcar – “A propósito dos conceitos de “Lusitano” e “Lusitânia”, in *Palaeohispica* 10, 2010, pp. 81-98.
- GUERRA, Amílcar - “*Caepiana*: uma reavaliação crítica do problema da sua localização e enquadramento histórico”, in *Revista Portuguesa de Arqueologia*, volume 7, número 2., 2004, pp. 217-236.
- GUERRA, Amílcar – “Entre Sertório e César: as marcas do exército no sítio arqueológico de Cabeça de Vaiamonte (Monforte/Portugal), in *Cira-Arqueologia Iii – Atas – Congresso Conquista e Romanização no Vale do Tejo*, V. F. de Xira, pp. 293-320.
- GUERRA, Amílcar – “Os Soldados na Lusitânia Romana, na Guerra e na Paz. Uma perspectiva histórico-epigráfica”, in *A Guerra na Antiguidade III*, António

- Ramos dos Santos e José Varandas (Coord.), Editora Caleidoscópio/Centro de História da Universidade de Lisboa, 2009.
- GUERRA, Amílcar ; FABIÃO, Carlos – “Viriato: Genealogia de um Mito”, in *Penélope. Fazer e desfazer a História*, HESPANHA, A. M. (Dir.), nº 8, Edições Cosmos, Lisboa, 1992, pp. 9-23.
 - HANSON, Victor Davis – *The Wars of the Ancient Greeks*. Cassel, London, 1999.
 - HARRIS, Edward C. – *Principles of archaeological stratigraphy*, Academic Press Limited, 2ª Edition, London, 1989.
 - HART, Liddell B. H. – *Strategy. The Indirect Approach*, Faber and Faber Ltd, London, 1929.
 - HART, Liddell B.H. – *Histoire mondiale de la Stratégie*, Plon, Paris, 1962.
 - HERNÁNDEZ VERA, José Antonio – *Contrebia Leukade y la definición de un nuevo espacio para la segunda guerra púnica*, SALDVIE, N. 3, 2003, pp. 61-82.
 - HILDINGER, Erik – “Chapter 5: The Jugurthine War”, in *Swords Against the Senate: The Rise of the Roman Army*, Da Capo Press, Rome, 2002.
 - HILL, G. F. – *Ancient Greek and Roman Coins*, Argonaut Publishers, Chicago, 1964.
 - HOLMES, Thomas Rice, *The Roman Republic and the founder of the Empire*, The Clarendon Press, Oxford, 1923.
 - HUNTINGTON, Samuel – “Introduction”, in *Modern Guerrilla Warfare: Fighting Communist Guerrilla Movements, 1941-1961*, Franklin M. Osanka (Ed.), The Free Press, New York, 1962.
 - IGLESIAS GIL, José Manuel – “La inseguridad en la navegación: de los fenómenos naturales a las supersticiones y creencias religiosas”, in *La Religión del Mar. Dioses y Ritos de Navegación en el Mediterráneo Antiguo*, SPAL MONOGRAFÍAS nº XVI, Eduardo Ferrer Albelda ; Mª Cruz Marín Ceballos ; Álvaro Pereira Delgado (Coord.), Sevilla, 2012, pp. 119-128.
 - JAMES, Simon – “The Archaeology of War”, in *The Oxford Handbook of Warfare in the Classical World*, Brian Campbell ; Lawrence A. Tritle (Eds.), Oxford University Press, Oxford, 2013, pp. 91-127.
 - JOSEPH, Nathan ; ALEX, Nicholas – “The Uniform: A Sociological Perspective”, in *American Journal of Sociology*, Vol. 77, No. 4 (Jan., 1972), The University of Chicago Press, 1972, pp. 719-730.
 - JUNG, Carl Gustav – *Los Arquetipos Y Lo Inconsciente Colectivo*, Trotta, Madrid, 2013.
 - JUNG, Carl Gustav - *O Homem e os seus Símbolos*, Editora Nova Fronteira, Rio de Janeiro, 2000.
 - JUSTE ARRUGA, M. Nieves – “Bolskan-Osca, ciudad iberorromana”, in *La formació d’una societat provincial. La componente ibérica a les fundacions romanes del nord-est de la Hispania Citerior*, Nº 52, Empúries, 2000, pp. 87-106.
 - KAMM, Antony – *Julius Caesar. A life*, Routledge, London and New York, 2006.
 - KEAVENEY, Arthur – *The Army in the Roman Revolution*, Routledge, London, 2007.
 - KEAY, Simon J. – “La romanización en el sur y el levante de España hasta la época de Augusto”, in *La Romanización en Occidente*, José Mª Blázquez y Jaime Alvar (Eds.). Actas Editorial, Madrid, 1996, pp. 147-177.
 - KEEGAN, John – *History of Warfare*, Pimlico, London, 1993.
 - KEEGAN, John – *O rosto da batalha*, Fragmentos, Lisboa, 1987.
 - KEPPIE, Lawrence – *The making of the roman army. From Republic to Empire*, Routledge, London, 1984.

- KEYSER, P. T. – “From Myth to Map: The Blessed Isles in the First Century B.C.,” *Ancient World* 24, 1993, pp. 149-168.
- KNAPP, Robert C. – “La Vie Heraclea en el occidente: Mito, Arqueología, propaganda, Historia”, in *Emerita*, Vol. 54, núm. 1, 1986.
- KNAPP, Robert C. - *Roman Córdoba*, Classical Studies, University of California Publications, 1983.
- KONRAD, C. F. - “Cotta off Mellaria and the Identities of Fufidio”, in *Classical Philology*, Vol. 84, No. 2 (Apr., 1989), University of Chicago Press, pp. 119-129.
- KONRAD, C. F. – *Plutarch’s Sertorius. A Historical Commentary*. The University of North Carolina Press. Chapel Hill and London, 1994.
- KONRAD, C. F., “Quintus Sertorius and the Legacy of Sulla”, in *The Classical Journal*, Vol. 86, No. 1 (Oct. – Nov., 1990, pp. 83-85), University of Colorado, 1990.
- KONRAD, C. F. - “Segovia and Segontia”, in *Historia: Zeitschrift für Alte Geschichte*. 43,4, 1994, pp. 440-453.
- LAISTNER, L. W. – *The Greater Roman Historians*, University of California Press, (2ª Ed.), 1963.
- LANÇON, Bertrand – *O Estado Romano – Catorze Séculos de Modelos Políticos*, Publicações Europa-América, Lisboa, 2003.
- LARANJEIRA, Hugo – *Guerra de Manobra e Operações de Baixa Intensidade*, Relatório Científico Final do Trabalho de Investigação Aplicada, Academia Militar, Lisboa, 2015.
- LE GOFF, Jacques, *História e Memória*, Edições 70, Lisboa, 2000.
- LE ROY, Max – *Initiation à l’archéologie romaine*, Payot, Paris, 1965.
- LIGT, Luuk de – “Roman Manpower and Recruitment, in *A Companion to the Roman Army*, Paul Erdkamp (Ed.), Blackwell Publishing, Oxford, 2007.
- LIMA, Vanessa Vieira de – *A Revolta de Sertório e a Crise Republicana do Século I a.C.: Uma visão das práticas de dominação imperialista romana nas Hispânicas*, (Universidade federal fluminense. Programa de Pós-Graduação em História. Mestrado em História Antiga e Medieval), Niterói, 2010.
- LINTOTT, Andrew – “Roman Historians”, in *The Oxford History of the Classical World*, Boardman, John (Ed.), Oxford Publishing Press, Oxford, 1986.
- LINTOTT, Andrew – “The Crises of the Republic: Sources and Source-Problems”, in *The Cambridge Ancient History – Vol. IX. The Last Age of the roman republica 146-43 B.C.*, Cambridge University Press, 1994.
- LIPINSKI, Edward – *Itineraria Phoenicia*, Peeters Publishers, Leuven, 2003.
- MACIAS, Josep M. ; RODÀ, Isabel – “Tarraco, the first capital”, in *Catalan Historical Review*, 8, Institut d’Estudies Catalans, Barcelona, 2015, pp. 9-28.
- MALINOWSKI, Bronislaw – *Magia, Ciência e Religião*, Edições 70, Lisboa, 1984.
- MANCHÓN ZORRILLA, Alejandro – “*Pietas erga patriam*: la propaganda política de Quinto Sertorio y su transcendencia en las fuentes literarias clásicas”, in *Bolskan*, 25, 2014, pp. 153-172
- MARROU, H. I. – *Do Conhecimento Histórico*, 3ª Edição, Editorial Aster, Lisboa, 1974.
- MARTÍN, Julián de Francisco – *Conquista e Romanización de Lusitania*, Ediciones Universidad Salamanca, 2ª edición, 1996.
- MATALOTO, Rui – “A propósito de um conjunto de glandes plumbeae: o Castelo das Juntas (Moura) no contexto do episódio Sertoriano das Guerras Civis na margem esquerda do Guadiana”, in *Cira-Arqueologia III – Atas – Congresso conquista e romanização do vale do Tejo*, pp. 343-383.

- MATTERN, Susan P. – “Counterinsurgency and the Enemies of Rome”, in *Makers of Ancient Strategy. From the Persian Wars to the Fall of Rome*, Victor Davis Hanson (Ed.), Princeton University Press, Princeton and Oxford, 2010, pp. 163-184.
- MATTERN, Susan P. – *Rome and the Enemy: Imperial Strategy in the Principate*, University of California Press, Berkeley and Los Angeles, California, 1999.
- MATYSZAK, Philip – *Sertorius and the Struggle for Spain*, Pen & Sword Military, South Yorkshire, 2013.
- MAUSS, Marcel – *Ensaio sobre a Dávida*, Edições 70, Lisboa, 2008.
- McNAB, Chris – *The Roman Army. The Greatest War Machine of the Ancient World*, Osprey Publishing, Oxford, 2010.
- McCANN, Anna Marguerite ; LEWIS, Colonel John D. – “The Ancient Port of Cosa”, in *Archaeology*, Vol. 23, No. 3, Archaeological Institute of America, 1970, pp. 200-211.
- MEDRANO MARQUÉS, Manuel ; RAMÍREZ VALLEJO, Salvador – “Nuevos testimonios arqueológicos romano-republicanos procedentes del campamento de Sertorio en el curso bajo del río Alhama (Cintruénigo-Fitero, Navarra)”, J. Andreu (Ed.), *Los Vascones de las fuentes antiguas: en torno a una atnia de la antigüedad peninsular*, Universitat de Barcelona, Barcelona, pp. 371-401.
- MENÉNDEZ PIDAL, Ramón - *História de España*. Tomo I. España Prerromana, Espasa-Calpe, S.A., Madrid, 1976.
- METCALF, William – “Roman Imperial Numismatics”, in *A Companion to the Roman Empire*, S. Potter (Ed.), Blackwell Publishings, London, 2006, pp. 35-44.
- METCALF, William – *The Oxford Handbook of Greek and Roman Coinage*, Oxford University Press, Oxford, 2012.
- MIERSE, William E. – *Temples and Towns in Roman Iberia: The Social and Architectural Dynamics of Sanctuary Designs from the Third Century B.C. to the Third Century A.D.*, University of California Press, London, 1999.
- MILLAR, Fergus – *The Roman Near East, 31 BC – AD 337*, Harvard University Press, 1995.
- MÓCSY, András – *Pannonia and Upper Moesia: A History of the Middle Danube Provinces of the Roman Empire*, Routledge, New York, 1974.
- MOMIGLIANO, Arnaldo - *Problèmes d'historiographie ancienne et moderne*, Gallimard, Paris, 1983.
- MOMMSEN, Theodore – *The History of Rome*, Richard Bentley & Son, London, 1877.
- MONEO, Teresa – *Religio iberica: santuarios, ritos y divinidades (siglos VII-I A.C.)*, Real Academia de la Historia, Madrid, 2003.
- MONTAGU, John Drogo – *Greek and Roman Warfare. Battles, Tactics and Trickery*, Greenhill Books, London, 2006.
- MONTENEGRO DUQUE, Angel – *Historia de Espana, Edad Antigua, I Espana Prerromana*, Editorial Gredos, S. A. Madrid, 1972.
- MORET, Pierre ; PAILLER, Jean-Marie – “Mythes ibériques et mythes romains dans la figure de Sertorius”, in *Pallas*, 60, 2002, pp. 117-131.
- MORILLO CERDÁN, Angel – “Campamentos y fortificaciones tardorepublicanas en Hispania. “Calibrando” a Sertorio”, in *Las Guerras Civiles Romanas en Hispania. Una revisión histórica desde la contestania*, Feliciano Sala Sellés ; Jesús Moratalla Jávega (eds.), Universidad de Alicante, 2014, pp. 35-49.
- MORILLO CERDÁN, Ángel – “Criterios arqueológicos de identificación de los campamentos romanos en Hispania”, in *Saldvie*, n.º 8, 2008, pp. 73-93.

- MORILLO CERDÁN, Ángel – “Los establecimientos militares temporales: conquista y defensa del territorio en la Hispania Republicana”, in *Defensa y territorio en Hispania de los Escipiones a Augusto*, MORILLO, Ángel ; CADIOU, François ; HOUCARDE, David (Eds.), Universidad de León / Casa de Velázquez, 2003.
- MORILLO, Ángel ; CADIOU, François ; HOUCARDE, David - *Defensa y territorio en Hispania de los Escipiones a Augusto*, Universidad de León / Casa de Velázquez, 2003.
- MORRISON, J. S. ; COATES, J. F. ; RANKOV, N. B. - *The Athenian Trireme. The History and Reconstruction of an Ancient Greek Warship*, 2ª edición, Cambridge University Press, 2000.
- MUÑOZ VILLARREAL, José Joaquín – “Consabura: De *Oppidum* a Municipio Romano”, *Hispania Antigua*, nº 29, 2005, pp. 107-150.
- NEIRA JIMÉNEZ, María Luz – “Aportaciones al estudio de las fuentes literarias antiguas de Sertorio”, *Gerión*, 4, Editorial de la Universidad Complutense de Madrid, 1986, pp. 190-211.
- NICOLINI, Gérard – *The ancient Spaniards*, Saxon House, London, 1974.
- NICOLLE, David ; McBRIDE, Angus – *Rome’s Enemies 5. The Desert Frontier*, Osprey Publishing Ltd, 1998.
- NONY, Daniel – “La Péninsule Ibérique”, in *Rome et la conquête du monde Méditerranéen. 264-27 avant J.C. Tome Second. Genèse d’un empire*, Nicolet, Claude (Dir.), Presses Universitaires de France, Paris, 1990.
- OGILVIE, R. M. ; DRUMMOND, A – “Sources for Early Roman History”, in *The Cambridge Ancient History. VII. Part 2. The Rise of Rome to 220 BC*, WALBANK, F.W.; ASTIN, A.E.; FREDERIKSEN, M.W (Eds.), Cambridge University Press, 1990.
- OLCOZ YANGUAS, Serafín ; MEDRANO MARQUÉS, Manuel – “Tito Livio: *Castra Aelia* y el límite meridional del *ager Vasconum*, antes y después de Sertorio”, *Navarra: memoria e imagen: actas del VI Congreso de Historia de Navarra*, Pamplona, 2006.
- OLIVARES PEDREÑO, Juan Carlos – *Los dioses de la hispania céltica*, Real Academia de la Historia. Universidad de Alicante, Alicante, 2002.
- ORMEROD, Henry A. - *Piracy in the Ancient World. An Essay in Mediterranean History*, The University Press of Liverpool Ltd, Liverpool, 1924.
- PAILLER, Jean-Marie – “Fabuleux Sertorius”, in *Dialogues d’histoire ancienne*. Vol. 26 N°2, 2000, pp. 45-61.
- PAYEN, Pascal – “Sertorius et l’Occident dans les Vies parallèles de Plutarque: acculturation et contraintes narratives”, in *Pallas*, No. 60, 2002, pp. 93-115.
- PASCUAL BAREA, Joaquín – “Cetaria, Barbatius y otros nombres latinos referidos a las antiguas conservas de pescado y Getares, Barbate y otros topónimos de la costa gaditana”, in *L. Lagóstena, D. Bernal y A. Arévalo (eds), Actas del Congreso Internacional Cetariae 2005. Salsas y salazones de pescado en Occidente durante la Antigüedad*, Cádiz, 2005, pp. 511-518.
- PASTOR MUÑOZ, Mauricio – “Vías de comunicación y relaciones comerciales entre Bética y Lusitania”, in *V Mesa Redonda Internacional sobre LVSITANIA ROMANA: Las comunicaciones*, Jean-Gérard Gorges, Enrique Cerrillo y Trinidad Nogales Basarrate (Eds Cáceres), Facultad de Filosofía y Letras, 7, 8 y 9 de noviembre de 2002.

- PATTERSON, John – “Military organization and social change”, in *War and Society in the Roman World*, John Rich & Graham Shipley (Ed.), Routledge, London and New York, 1993, pp. 92-112.
- PEÑA DOMÍNGUEZ, Pedro – “Las aportaciones de las fuentes literarias y arqueológicas a la interpretación del campamento tardorrepublicano de Villajoyosa”, in *Iberian. Revista Digital de Historia*. Nº 7.1, 2013.
- PEREIRA DE SOUZA, Marcos Alvito – *A Guerra na Grécia Antiga*, Editora Ática S.A., São Paulo, 1988.
- PEREIRA, Teresa – “Entre Sertório e César: as marcas do exército no sítio arqueológico de Cabeça de Vaimonte (Monforte/Portugal)”, *Cira-Arqueologia III, Atas, Congresso: Conquista e Romanização do Vale do Tejo*, 2014, pp. 322-342.
- PÉREZ VILATELA, Luciano – *Lusitania. Historia y Etnología*, Real Academia de la Historia, Madrid, 2000.
- PIMENTA, João – *As Ânforas Romanas do Castelo de São Jorge (Lisboa)*, Instituto Português de Arqueologia, 2005.
- PINA POLO, Francisco – “Les Cornelli Balbi de Gadès: un exemple de clientélisme provincial?”, in *Les gouverneurs et les provinciaux sous la République romaine*, Nathalie Barrandon & François Kirbihler (Dir.), Presses Universitaires de Rennes, 2011, pp. 189-203.
- PINA POLO, Francisco – “Por qué fue reclutada la turma Salluitana en Salduie?”, in *Gerión*, Vol. 21, Nº 1, 2003, pp. 197-204.
- PINA POLO, Francisco – “Sertorio, Pompeyo y el supuesto alineamiento de los Vascones con Roma”, in *Los Vascones de las Fuentes Antiguas. En torno a una etnia de la Antigüedad Peninsular*, Javier Andreu Pintado (Ed.), Colección Instrumenta, Barcelona, 2009.
- PINA POLO, Francisco ; ZANIER, Werner – “*Glandes Inscriptae* Procedentes de la Hispna Ulterior”, in *Archivo Español de Arqueología*, Vol. 79, 2006, pp. 29-50.
- POLLARD, Nigel – “The Roman Army”, in *A Companion to the Roman Empire*, David S. Potter (Ed.), Blackwell Publishing, Oxford, 2006.
- PRAG, Jonathan R. W. – “Provincial governors and auxiliary soldiers”, in *Les gouverneurs et les provinciaux sous la République romaine*, Nathalie Barrandon & François Kirbihler (Dir.), Presses Universitaires de Rennes, 2011.
- QUESADA SANZ, Fernando – *Armas de la antigua Iberia. De Tartesos a Numancia*, La Esfera de los Libros, Madrid, 2010.
- QUESADA SANZ, Fernando ; KAVANAGH, Eduardo – “Roman Republican Weapons, Camps and Battlefields in Spain: An Overview of Recent and Ongoing Resears”, in *The Roman Army in Hispania. An Archaeological Guide*. Morillo, Ángel ; Aurrecochea, Joaquín, León, 2006, pp. 65-84.
- REDONDO RODRÍGUEZ, José Antonio ; ESTABAN ORTEGA, Julio – “El habitat rural indígena en la provincia de Cáceres: problemática de su estudio”, in *Les Campagnes de Lusitanie Romaine. Occupation dul sol et habitats*, Casa de Velázquez, Ed. Universidad Salamanca, Madrid-Salamanque, 1994.
- RESENDE, André de – *As Antiguidades da Lusitânia*, Imprensa da Universidade de Coimbra, 2009.
- RESENDE, André de – *História da Antiguidade da Cidade de Évora*, Edições Vercial, 2014.
- RIBERA I LACOMBA, Albert ; CALVO GALVEZ, Matías – “La primera evidencia arqueológica de la destrucción de Valentia por Pompeyo”, in *Journal of Roman Archaeology*, volume 8, Valencia, 1995, pp. 19-40.

- RICKARD, T.A. – “The Mining of the Romans in Spain”, in *The Journal of Roman Studies*, Society for the Promotion of Roman Studies, Vol. 18, (1928), pp. 129-143.
- RIVIÈRE, Claude – *Introdução à Antopologia*, Edições 70, Lisboa, 1995.
- RODRIGUES, Adriano Vasco - *Os Lusitanos. Mito e Realidade*, Academia Internacional da Cultura Portuguesa, 1998.
- RODRÍGUEZ HORRILLO, Miguel Ángel – “Las *Historias* de Salustio Y los acontecimientos del año 75 a.C. en Hispania (Fragmentos I 125, II 89-97M), *Palaeohispanica* 12, 2012, pp. 109-139.
- RODRIGUES, Nuno Simões – “Camões e a História da Roma Antiga”, in *Raízes Greco-Latinas da Cultura Portuguesa. Actas do I Congresso da Apec*, Associação Portuguesa de Estudos Clássicos – APEC, Coimbra, 1999.
- RODRIGES, Nuno Simões – “Festins de Sangue: A tradição do banquete aziago em Plutarco”, in *Symposion and Philantropia in Plutarch*, José Ribeiro Ferreira, Delfim Leão, Manuel Troster & Paula Barata Dias (Eds.), Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos da Universidade de Coimbra, Coimbra, 2009.
- RODRIGUES, Nuno Simões – “Paulo Orósio e o Património Mitológico da Antiguidade Clássica”, in *Lusitania Sacra*, 2ª série, 10, 1998.
- RODRIGUES, Paulo Simões – “A muralha, o templo e o aqueduto na tradição de Sertório construtor da Évora romana (Sécs. XVI-XIX)”, in *Espaços e Paisagens. Antiguidade Clássica e Heranças Contemporâneas*, Vol. III, Francisco de Oliveira, Jorge Oliveira, Manuel Patrício (Eds.), Imprensa da Universidade de Coimbra, 2010, pp. 255-263.
- ROLDÁN HERVÁS, J. M. – “El Camino de la Plata: *iter o negotium*”, in *Gerión*, Vol. Extra, 2007, pp. 323-340.
- ROLDÁN HERVÁS, José Manuel – “Un factor de romanización de la España romana imperial: el ejército hispánico” in *La Romanización en Occidente*, José M^a Blázquez y Jaime Alvar (Eds.). Actas Editorial, Madrid, 1996.
- ROLDÁN HERVÁS, Jose Manuel – *Hispania y el Ejercito Romano. Contribucion a la Historia Social de la España Antigua*, Universidade de Salamanca, 1974.
- ROLDÁN HERVÁS, José Manuel – *Historia Antigua de España I. Iberia Prerromana, Hispania Republicana y Alto Imperial*. Universidad Nacional de Educación a Distancia, Madrid, 2001.
- ROLDÁN HERVÁS, José Manuel – *Historia de Roma I. La República Romana*. Ediciones Cátedra, Madrid, 1987.
- ROLDÁN HERVÁS, José Manuel – *Los hispanos en el ejército romano de época republicana*. Ediciones Universidad de Salamanca, Salamanca, 2004.
- ROLDÁN HERVÁS, José Manuel ; WULFF ALONSO, Fernando – *Citerior y Ulterior. Las provincias romanas de Hispania en la era republicana*, Historia de España III, Historia Antigua, Ediciones Istmo, S. A., Madrid, 2001.
- ROLDÁN, J., “La guerra civil entre Sertorio, Metelo e Pompeyo (82-72 a.C.), 113-20, *Historia de España Antigua, II. Hispania Romana*, J. M. Blázquez (Ed.), Cátedra, Madrid, 1978.
- ROLDÁN, José Manuel - “Las Provincias Hispanas En La Era de Pompeyo”, in *Historia de España Antigua, II. Hispania Romana*, J.M. Blázquez (Ed.), Madrid, 2001.
- ROLLER, Duane W. – *Through the Pillars of Herakles: Greco-Roman Exploration of the Atlantic*, Routledge, New York, 2006.
- ROQUE, Chabás - *Historia de la ciudad de Denia*, Editorial Maxtor, Valladolid, 2012.

- ROSENBERGER, Veit – “Republican *Nobiles*: Controlling the *Res Publica*”, in *A Companion to Roman Religion*, Jorg Rupke (Ed.), Blackwell Publishing Ltd, Oxford, 2011, pp. 292-303.
- ROSENSTEIN, Nathan – “Military Command, Political Power, and the Republican Elite”, in *A Companion to the Roman Army*, Paul Erdkamp (Ed.), Blackwell Publishing, Oxford, 2007.
- ROSS-TAYLOR, Lily – *La politique et les partis à Rome au temps de César*, Elizabeth & Jean-Claude Morin (trad.), François Maspero, Paris, 1977.
- ROTH, Jonathan – *The Logistics of the Roman Army at War (264 B.C. – A.D. 235)*, Brill, Boston, 1999.
- ROTH, Jonathan – *Roman Warfare*, Cambridge University Press, 2009.
- RUIVO, José – “O conflito sertoriano no ocidente hispânico: o testemunho dos tesouros monetários”, in *AespA*, 70, 1997, pp. 91-100.
- RUIZ, Arturo & MOLINO, Manuel – *Los iberos: análisis arqueológico de un proceso histórico*, Crítica, Barcelona, 1993.
- RUIZ, F. ; RODRÍGUEZ-RAMÍREZ, A. ; CÁCERES, L. M. ; RODRÍGUEZ VIDAL, J. ; YAÑEZ, C. ; CLEMENTE, L. ; GONZÁLEZ-REGALADO, M. L. ; ABAD, M. ; DE ANDRÉS, J. R. – “Cambios paleoambientales en la desembocadura del río Guadalquivir durante el Holoceno reciente”, in *Geogacete (Sociedad Geológica de España)*, 32, 2002, pp. 167-170.
- SALA SELLÉS, Feliciano ; ABAD CASAL, Lorenzo ; BAYO FUENTES, Sonia ; DOMÉNECH BELDA, Carolina – “Las huellas de las guerras sertorianas en el Sureste de Hispania: elementos para la revisión histórica”, in *La guerre et ses traces. Conflits et sociétés en Hispanie à l'époque de la conquête romaine (IIIe – Iers s. a.C.)*, François Cadiou ; Milagros Navarro Caballero (eds.), Ausonius Éditions, pp. 181-202.
- SALA SELLÉS, F. ; BAYO FUENTES, S. ; MORATALLA JÁVEGA, J. – “Dianium, Sertorio y los piratas cilicios. Conquista y romanización de la Contestania ibérica”, in *Spal Monografías XVII. Piratería y Seguridad Marítima en el Mediterráneo Antiguo*, Alfoso Álvarez-Ossorio Rivas, Eduardo Ferrer Albelda, Enrique García Vargas (coords.), Universidad de Sevilla . Secretariado de Publicaciones, Sevilla, 2013, pp. 187-209.
- SCHEPENS, G. – “Polybius on the Punic Wars. The Problem of Objectivity in History”, in *Studia Phoenicia x Punic Wars* (ed. H. Devijver & E. Lipinski), Leuven, 1989, pp. 317-327.
- SCHOFIELD, John – *Combat Archaeology. Material Culture and Modern Conflict*, Duckworth, 2005.
- SCHULTEN, A. ; BOSCH GIMPERA, P. ; PERICOT, L. - *Fontes Hispaniae Antiquae – Fascículo IV. Las guerras de 154-72 a. de J.C.*, Barcelona, 1937.
- SCHULTEN, Adolf – *Sertorio*, Casa Editorial Estudio, Barcelona, 1914.
- SEAGER, Robin – “The Rise of Pompey”, in *The Cambridge Ancient History – Vol. IX. The Last Age of the roman republica 146-43 B.C.*, Cambridge University Press, 1994.
- SEAGER, Robin – *Pompey the Great*, Blackwell Publishing, 2002.
- SHAW, Ian & JAMESON, Robert – *A dictionary of archaeology*, Blackwell Publishing Ltd, Oxford, 2002.
- SCHEIDEL, Walter – *Roman population size: the logic of the debate*, Princeton/Stanford University, 2007.
- SHEPPARD, Simon – *Pharsalus 48 BC. Caesar and Pompey – Clash of Titans (Campaign)*, Osprey Publishing Ltd, 2006.

- SHERRATT, Andrew – *Cambridge Encyclopaedia Archaeology*, Cambridge University Press, 1980.
- SILVA, Luís – *Viriathus : and the Lusitanian Resistance to Rome 155-139 BC*, Pen & Sword Military, South Yorkshire, 2013.
- SOUZA, Philip de – “War at Sea”, in *The Oxford Handbook of Warfare In the Classical World*, Brian Campbell ; Lawrence A. Trittle, (Eds.), The Oxford Handbook of Warfare in the Classical World, Oxford University Press, Oxford, 2013, pp. 369-394.
- SOUZA, Philippe Charles de - *Piracy in the Ancient World: from Minos to Mohammed*, Doctoral thesis, University of London, 1992.
- SOUZA, Philippe de - *Piracy in the Graeco-Roman World*, Cambridge University Press, 1999.
- SPANN, Philip O. – “C., L. or M. Cotta and the “Unspeakable” Fuffidio: A Note on Sulla’s ResPublica Restitua”, in *The Classical Journal*, Vol. 82, No. 4 (Apr. – May, 1987), pp. 306-309.
- SPANN, Philip O. – “Langobriga expunged: renaissance forgeries and the Sertorian Wars” in *Transactions of the American Philological Association*. Baltimore, MA. 111, 1981, pp. 229-235.
- SPANN, Philip O. – *Quintus Sertorius and the Legacy of Sulla*, The University of Arkansas Press, 1987.
- SPANN, Philip O. - “Sallust, Plutarch, and the “Isles of the Blest”, in *Terrae Incognitae*, Volume 9, Issue 1, 1977, pp. 75-80.
- SUTHERLAND, T. L. – *Battlefield Archaeology – A guide to the archaeology of conflict*, University of Bradford, West Yorkshire, 2005.
- TAVEIRA, Catarina Viegas - *A ocupação romana do Algarve: estudo do povoamento e economia do Algarve central e oriental no período romano*, Tese de Doutoramento em Arqueologia. Policopiado. Disponível no repositório bibliográfico da FLUL em <http://repositorio.ul.pt/handle/20451/568>, Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, 2009.
- TITIEV, Mischa – *Introdução á Antropologia Cultural*, Fundação Calouste Gulbenkian, 9ª edição, Lisboa, 1979.
- TOPPE, Alfred – *Night Combat*, Center of Military History. United States Army, Washington, D.C., 1986.
- TRESIDDER, Jack – *Os Símbolos e o seu Significado*, Editorial Estampa/Círculo de Leitores, Lisboa, 2000.
- TREVIÑO, Rafael & McBRIDE, Angus - *Rome’s Enemies Part 4. Spanish Armies*, Osprey Publishing Ltd., Oxford, 1992.
- TRISTÃO, Leandro Saudan – *Armas e Ritos na II Idade do Ferro do Ocidente Peninsular*, Dissertação de Mestrado em Arqueologia, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Universidade Nova de Lisboa, 2012.
- TRISTÃO, Leandro Saudan – *As Guerras Lusitanas, Estratégias e Armamento Segundo as Fontes Clássicas*, Dissertação de Mestrado, Faculdade de Letras, Universidade de Lisboa, 2014.
- TRUVER, C. Scott – *The Straits of Gibraltar and the Mediterranean*”, Sijthoff & Noordhoff International Publishers, 1980.
- VAN SETERS, John - *In Search of History. Historiography in the Ancient World and the Origins of Biblical History*, Eisenbrauns, Winona Lake (IN), 1997.
- VASCONCELOS, Leite de – *Religiões da Lusitânia*, Temas portugueses. Imprensa nacional, Casa da Moeda, Lisboa, 1981.

- VELAZA FRÍAS, Javier ; CINCA MARTÍNEZ, José Luis ; RAMÍREZ SÁDABA, José Luis – “Nuevo testimonio de las guerras sertorianas en Calahorra: un depósito de proyectiles de catapulta”, in *Kalakorikos*, 8, 2003, pp. 9-30.
- VEYNE, Paul - *Como se escreve a História*, Edições 70, Lisboa, 1971.
- VERLIC, Robert – *From Citizen Militia to Professional Military: Transformation of the Roman Army*, (Master Thesis), Fort Laevenworth, Kansas, 2007.
- VIEIRA DE LIMA, Vanessa – *A Revolta de Sertório e a Crise Republicana do Século I a.C: Uma visão das práticas de dominação imperialista romana nas Hispânias*, Niterói, 2010. (Universidade Federal Fluminense. Programa de Pós-Graduação em História. Mestrado em História Antiga e Medieval).
- WARRY, John – *Warfare in the Classical World*, University of Oklahoma Press, Oklahoma 1995.
- WHITAKER, John – *The course of Hannibal over the Alps ascertained*, Volume 1, John Stockdale, London, 1794.
- WHITTAKER, C. R. – *Rome and its frontiers: the dynamics of empire*, Routledge, London and New York, 2004.
- WICKHAM, Henry Lewis ; CRAMER, John Antony – *A Dissertation on the Passage of Hannibal Over the Alps*, University of Oxford, 2ª Edition, London, 1828.
- WILCOX, Peter ; TREVIÑO, Rafael - *Barbarians against Rome. Rome's celtic, germanic, spanish and gallic enemies*, Osprey Publishing Limited, 2000.
- WILSON, Alan John Nisbet – *Emigration from Italy in the Republican Age of Rome*, Manchester University Press, New York, 1966.
- WRIGHT, Mary – *Marius' Mules: Paving the Path to Power*, Western Oregon University, 2009.
- ZIOLKOWSKI, Adam – “*Urbs direpta*, or how the Romans sacked cities”, in *War and Society in the Roman World*, John Rich & Graham Shipley (Ed.), Routledge, New York, 2002, pp. 69-91.

